

**Os Caminhos da Guerra em Portugal: Trajetos e
exércitos em movimento na segunda metade do século
XIV**

Miguel Fernandes Pereira

**Dissertação de Mestrado em História, Área de
Especialização de História Medieval**

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

Maio de 2022

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em História, Área de Especialização de História
Medieval, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor
Bernardo João da Silveira de Vasconcelos e Sousa e do Professor Doutor
Miguel Gomes Martins.

Agradecimentos

Gostaria de começar por agradecer aos meus orientadores, os professores Bernardo de Vasconcelos e Sousa e Miguel Gomes Martins. A sua afabilidade, apoio, disponibilidade, paciência, correções e sugestões fizeram com que a elaboração da dissertação fosse uma experiência de aprendizagem plena. Sem eles esta tese nunca teria existido.

Quero agradecer também aos meus pais. Acompanharam-me desde sempre, dando-me todas as condições, apoio e liberdade total para fazer as minhas próprias escolhas, bem como a capacidade de as ponderar, de as tomar e de assumi-las. Sem eles, também, nada deste trabalho seria possível.

Devo igualmente um grande obrigado à minha namorada, a Mariana, que sempre esteve presente e compreendeu as minhas ausências. Também ela me ajudou na elaboração desta dissertação, na formatação.

Agradeço ainda aos meus dois colegas de mestrado, a Joana La Cueva e ao Pedro Reis. Na mesma “guerra” estiveram sempre presentes quando necessário.

Por último, quero agradecer aos meus amigos. Ao Simão Lima agradeço o seu apoio e revisões do texto. Ao André Ingrês e à Ana Carolina Subtil devo o meu agradecimento pela ajuda que me prestaram, não só no mestrado como na licenciatura.

Muito obrigado a todos.

Os Caminhos da Guerra em Portugal: Trajetos e exércitos em movimento na segunda metade do século XIV

Miguel Fernandes Pereira

Resumo

No que toca a episódios militares, o século XIV foi um período riquíssimo. Olhando especificamente para o caso português, contamos com as Guerras Fernandinas (1369-1383), Crise de 1383-1385 e os conflitos que daí advêm, terminando apenas com a paz de Ayllón em 1411.

Abarcando estes conflitos, baseando-se na cronística da época, esta tese vem procurar dar um pequeno contributo para o estudo dos exércitos medievais em trânsito. Segundo os tratadistas militares da época, muitas vezes uma deslocação pelo território podia ser mais perigosa do que uma batalha devido aos perigos e obstáculos que podiam surgir, daí decorre a necessidade de estudar o exército em trânsito. Para entendermos melhor como um exército transitava, é necessário analisar algumas variáveis, nomeadamente a composição e dimensão da hoste, a cadeia de comando e a coluna de marcha. Desta forma será possível perceber quem fazia o quê, quais os cargos mais importantes e que funções desempenhavam; além disso, só assim teremos um verdadeiro conhecimento de como era composta uma hoste. De igual modo, também será necessário analisar a coluna de marcha em si, de um ponto de vista mais técnico, explicando como se organizava, como progredia no terreno e quais os principais perigos e obstáculos que poderia enfrentar. Concluída esta análise, abordaremos as velocidades de deslocação, os tempos de deslocação, a duração das etapas e os itinerários dos exércitos, apresentando a cartografia dos mesmos. Através desta, também nos pode ser possível identificar quais eram as principais vias de comunicação desta época, bem como as secundárias ou alternativas. Inerente a um estudo dos exércitos em trânsito, também se torna necessária uma abordagem à instalação e organização dos acampamentos militares, bem como ao abastecimento. Sem este, ou por deficiências na sua concretização, uma expedição militar podia fracassar por completo.

Palavras-Chave: Guerra Medieval; Século XIV; Exército Medieval; Coluna de Marcha; Abastecimento em Campanha; Acampamentos; Trajetos; Cartografia.

*The War's routes in Portugal: path and armies in motion in the second half of the
XIV's Century*

Miguel Fernandes Pereira

Abstract

In terms of militar episodes, the 14th century was a very rich period. Looking solely to the portuguese case, we have a lot to cover: the Fernandine Wars (1369-1383), the succession crisis of 1383-1385 and the resulting conflicts that only ended with the peace of Ayllón in 1411.

Encompassing these conflicts, based on the chronicles of the time, this thesis seeks to make a small contribution to the study of medieval armies in transit. According to the military writers of the time, traveling through the territory could often be more dangerous than a battle due to the dangers and obstacles that could arise, hence the relevance of studying the army in transit. To better understand how an army transited, it is necessary to analyze some aspects, namely the composition and size of the host, the chain of command and the column of march. This way it will be possible to understand who did what were the most important positions and what functions they performed; moreover, only in this manner will we have a true knowledge of how a host was composed. Likewise, it will also be necessary to analyze the marching column itself, from a more technical point of view, explaining how it was organized, how it progressed on the ground and what the main dangers and obstacles it could face. Once this analysis is concluded, we will analyze travel speeds, travel times, the duration of the stages and the itineraries of the armies, presenting their cartography. Through this, it may also be possible to identify which were the main means of communication at that time, as well as the secondary or alternative ones. Inherent in a study of armies in transit, an approach to the installation and organization of military camps, as well as supply, is also necessary. Without it, or due to deficiencies in its implementation, a military expedition could fail completely.

Keywords: Medieval Warfare; 14th Century; Medieval Army; Marching Formations; Campaign Supply; Military Camps; Routes; Cartography.

Lista de Siglas

CDC – *Crónica do Condestabre de Portugal*

CDF – *Crónica de D. Fernando*

CDHII – *Crónica Del Rey Don Enrique, Segundo de Castilla*

CDHIII – *Crónica Del Rey Don Enrique Tercero de Castilla e de León*

CDJ, I – *Chronica del Rei Dom João I da Boa Memória. Parte Primeira*

CDJ, II – *Cronica del Rei Dom Joham I. Parte Segunda*

CDJU – *Crónica Del Rey Don Juan, Primero de Castilla e de León*

CR – *Cronologia da Revolução*

IDJ – *Itinerário de D. João I*

IDN – *Itinerário de Nuno Álvares Pereira*

Índice

Introdução.....	1
1 – Composição e dimensões das hostes na segunda metade do século XIV	7
2 – A cadeia de comando.....	16
3 – O exército em movimento	24
3.1 – A coluna de marcha	24
3.2 – As dificuldades do caminho, cautelas especiais	31
3.2.1 – A recolha de informações.....	36
3.2.2 – Os batedores	41
3.2.3 – Outras formas de obter informações	43
3.2.4 – O secretismo e o sigilo	45
3.2.5 – As passagens ingratas: transposição de obstáculos naturais	48
3.2.6 – Regressos das campanhas.....	56
4 – O abastecimento dos exércitos em campanha	60
5 – O descanso durante a viagem: os acampamentos.....	76
6 – As distâncias percorridas e os tempos de deslocação e descanso.....	91
Conclusão	99
Fontes	102
Bibliografia.....	103
Apêndices	I
Apêndice A – Mapas dos itinerários; intervalos de tempo; e distâncias percorridas pelos exércitos.....	II
Apêndice B – Conversão das distâncias em léguas para quilómetros e respetivas distâncias dos lugares, medidas no <i>ArcGIS Online</i> (utilizando o GPS), em linha reta	CDXXV
Apêndice C – Distâncias medidas no programa <i>ArcGIS Online</i> (utilizando o GPS), entre os lugares, em linha reta	CDXXXIII

Introdução

Realizada no âmbito do mestrado em História, na área de especialização de História Medieval, esta dissertação procurará analisar o trânsito, e os respetivos itinerários, dos exércitos portugueses durante o período compreendido entre 1369 e 1411, ou seja, entre a eclosão da Primeira Guerra Fernandina e a assinatura das Pazes de Ayllón. Debruçamo-nos sobre este período não só porque é riquíssimo em diversos episódios militares – as três Guerras Fernandinas (1369-1382), a Crise de 1383-1385, bem como o longo período de conflitos armados entre Portugal e Castela durante o reinado de D. João I e que terminaram com o acordo de Ayllón. No entanto, acresce que faltam entre nós estudos que tratem dos exércitos em trânsito, contemplando o levantamento e registo cartográfico sobre itinerários, locais de proveniência, de passagem, de estacionamento ou de pernoita das hostes.¹ Para além de nos permitir conhecer melhor o exército em trânsito, com esta dissertação, através da cartografia dos itinerários seguidos pelos exércitos estarão reunidos novos elementos para futuras investigações sobre a rede viária medieval. Os trajetos seguidos podem servir para analisar a rede viária de um território porque, em regra, os exércitos transitavam pelas estradas que mais facilitavam a circulação. Importa salientar que em Portugal, durante muitos anos, os historiadores não se debruçaram tanto sobre a rede viária medieval, fazendo sobretudo incidir a sua atenção apenas na rede viária romana e nos itinerários associados ao Caminho de Santiago. Entre as mais relevantes obras historiográficas dedicadas a este tema, e estritamente para a cronologia medieval, destacam-se os trabalhos de Mário Martins, no que respeita às peregrinações medievais portuguesas², o de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, para a região do Entre Douro e

¹ António de Oliveira Marques, juntamente com João José Alves Dias, no *Atlas Histórico de Portugal e do Ultramar Português* apresentam alguns mapas dos principais conflitos das Guerras Fernandinas e dos confrontos da crise de 1383-1385, bem como dos conflitos que daí advieram e que só terminaram em 1411. Também Peter E. Russell na sua obra *A Intervenção Inglesa na Península Ibérica Durante a Guerra dos Cem Anos*, apresenta um mapa da campanha anglo-portuguesa de 1387 em Castela. (MARQUES, A. H. de Oliveira; Dias, João José Alves, *Atlas Histórico de Portugal e do Ultramar Português*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos, 2003, pp. 124-131; e RUSSELL, Peter E., *A Intervenção Inglesa na Península Ibérica Durante a Guerra dos Cem Anos*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000, p. 499). João Gouveia Monteiro na obra *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média* apresenta um pequeno capítulo dedicado ao exército em trânsito, bem como Miguel Gomes Martins na obra *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, apresenta um capítulo dedicado a esta temática. (MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, pp. 221-270; e MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, pp. 323-338).

² MARTINS, Mário, *Peregrinações, livros de milagres da nossa Idade Média*, Lisboa, Brotéria, 1957.

Minho³, de Manuel Sílvio Alves Conde para a região de Trás-os-Montes⁴, de Rita Costa Gomes para a região da Guarda⁵ e a dissertação de doutoramento de Amélia Aguiar Andrade para a região do Minho⁶. A publicação dos itinerários régios e de alguns livros de peregrinações veio a revelar-se importante para a reconstituição do fluxo viário medieval. Tal como estes trabalhos, também cremos que esta dissertação, assim o esperamos, poderá vir a dar, através da reconstituição dos itinerários militares da segunda metade do século XIV, um contributo para a reconstituição da rede viária medieval portuguesa.

Dada a natureza da investigação, cedo se tornou claro que para captar informações, descrições do exército em trânsito e informações sobre os itinerários, as principais fontes-base a utilizar teriam de ser as de carácter narrativo, em particular as crónicas régias portuguesas. A utilização deste tipo de fontes requer uma série de cuidados e atenções, desde logo pelo comprometimento dos seus autores com os reis/senhores que lhes solicitaram os trabalhos. Os cronistas não foram politicamente imparciais – aliás, escreveram com um objetivo político – e o seu trabalho foi evidentemente influenciado pelo ambiente conjuntural em que viveram. Por isso, a leitura dos seus textos deve ser feita de forma crítica, com consciência das várias influências a que os cronistas terão estado sujeitos, bem como da distância temporal entre a redação da crónica e os factos/acontecimentos que narram. Conscientes destas condições, e de modo a tornarmos o nosso estudo mais rigoroso, recorreremos também às *Crónicas* da autoria de Pero López de Ayala. Desta forma – apesar de se focarem mais em Castela, e do cronista castelhano ser mais sintético, oferecendo menos informações do que as crónicas portuguesas – foi-nos possível confirmar a sintonia com as informações adiantadas pelos cronistas portugueses, principalmente no que toca aos itinerários seguidos pelos exércitos, bem como constatar algumas discrepâncias, principalmente na composição e número dos

³ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira, *Vias Medievais I Entre Douro e Minho*, Dissertação de licenciatura, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 1968. (policop.)

⁴ CONDE, Manuel Sílvio Alves; VIEIRA, Marina Afonso, “Elementos para o estudo da rede viária de Trás-os-Montes no início de Quinhentos”, in *Paisagens Rurais e Urbanas - Fontes, Metodologias, Problemáticas Actas das Segundas Jornadas*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Universidade Nova de Lisboa, 2006, pp. 67-99.

⁵ GOMES, Rita Costa, *A Guarda medieval 1200-1500. Posição, morfologia e sociedade*, Lisboa, Sá da Costa, 1987.

⁶ ANDRADE, Amélia Aguiar, *Vilas, poder régio e fronteiras: o exemplo do Entre Lima e Minho Medieval*, Doutoramento em História da Idade Média, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Universidade Nova de Lisboa, 1994.

contingentes.⁷ Importante foi também o recurso à Crónica do Condestável, que se revelou essencial para corroborar, ou não, algumas das informações transmitidas pelas crónicas régias, mas também para documentar alguns episódios acerca dos quais as outras fontes narrativas são omissas.

Torna-se necessário realizar uma pequena apresentação das crónicas utilizadas, de modo a entendermos melhor o respetivo contexto. Iniciamos a nossa abordagem pela cronística portuguesa e apresentaremos de seguida a castelhana.

Composta por Fernão Lopes antes de 1443, a *Crónica de D. Fernando* evoca ao longo de 178 capítulos os acontecimentos ocorridos entre os anos de 1367 e 1383. Trata-se do relato do reinado de D. Fernando, que foi marcado pelo envolvimento armado de Portugal nos assuntos internos de Castela. A obra dedica uma especial atenção às três guerras fernandinas (1369-1371, 1372-1373 e 1381-1382), sendo por isso uma fonte muito rica em termos militares. Escrita pelo mesmo cronista, provavelmente na década de quarenta do século XV, a *Crónica de D. João I* encontra-se dividida em duas partes que se relacionam entre si e são cronologicamente sequenciais. A primeira parte, composta por 193 capítulos, relata o período de 1383-1385, que corresponde aos 16 meses que decorreram entre o assassinato do conde João Fernandes Andeiros (6 de dezembro de 1383) e a eleição do Mestre de Avis nas Cortes de Coimbra (6 de abril de 1385) como rei de Portugal. Apesar de ser um período curto, foi verdadeiramente abundante em acontecimentos militares. A segunda parte, com 204 capítulos, corresponde ao reinado de D. João I, até cerca de 1411, e apresenta os conflitos que opuseram Portugal e Castela desde as Cortes de Coimbra até à assinatura do tratado de paz de Ayllón. De autoria anónima, a *Crónica do Condestabre*, composta por 80 capítulos, trata-se de uma obra com características diferentes. É uma crónica senhorial que apresenta a biografia de Nuno Álvares Pereira. Centra-se sobretudo na carreira militar do condestável e nas obras piedosas que realizou. Na última biografia do Condestável publicada em 2017, João Gouveia Monteiro refere que é plausível que a obra tenha sido composta entre 1431 e 1436/1437 e considera ainda como provável a hipótese de ter sido redigida por Gil Aires,

⁷ Nas tabelas que apresentamos nos apêndices (pp. II – CDXXIV), com a composição dos contingentes para cada operação militar, tivemos o cuidado de inserir os dados adiantados por Fernão Lopes e por Ayala. Em alguns casos, nomeadamente em Aljubarrota, é possível reparar na discrepância entre os dois cronistas quanto ao número de combatentes (p. CCLXIX).

escrivão da puridade de Nuno Álvares Pereira.⁸ Fernão Lopes, nas suas crónicas de D. Fernando e de D. João I, recorre frequentemente a esta obra, chegando mesmo, nalguns casos, a fazer cópias quase integrais de alguns dos respetivos capítulos.⁹

Por fim servimo-nos das *Crónicas* de Pero López de Ayala (*Crónica Del Rey Don Pedro, Primero de Castilla e de León; Del Rey Don Enrique, Segundo de Castilla; Crónica Del Rey Don Juan, Primero de Castilla e de León, Crónica Del Rey Don Enrique Tercero de Castilla e de León*), que cobrem quase toda a segunda metade do século XIV, de 1350 a 1396, e evocam os acontecimentos ocorridos nos reinados daqueles monarcas. Na sua obra o cronista aborda, numa visão castelhana e coeva, os conflitos que ocorreram com Portugal. Estas crónicas encontram-se divididas por reinados, anos de reinado, e, finalmente, por capítulos, ao invés da divisão apenas por capítulos como sucede nas crónicas de D. Fernando, D. João I e do Condestável.

Dada a natureza da nossa investigação, para além da cronística também tivemos de recorrer aos tratados militares em uso na Idade Média para captarmos preceitos e informações sobre um exército em movimento. Recorremos ao *Epitoma De Rei Militaris* de Flávio Vegécio Renato. Esta obra escrita entre os anos de 383 e 450 d.C. - dedicada ao imperador romano Teodósio I (379-395) - compila o que havia sido produzido pelos grandes estrategas militares romanos do passado. Com a produção deste tratado Vegécio pretendia oferecer ao poder imperial uma gama de soluções que permitissem colmatar as deficiências de recrutamento, treino, organização, estratégia e equipamento evidenciadas pelos exércitos romanos dos finais do século IV. Esta obra, dado o seu carácter compendial e pragmático, transitou e foi largamente difundida na Idade Média.¹⁰ Também recorremos ao *Regimento da Guerra*, das *Ordenações Afonsinas*. Uma obra portuguesa semelhante à de Vegécio – cuja autoria se desconhece, mas crê-se que tenha sido elaborada em inícios do século XV – que reúne uma série de preceitos, conselhos e normas militares, muitos dos quais remontam a períodos anteriores.

Apresentadas as fontes e os seus autores, levantemos a cortina sobre o trabalho realizado e sobre a metodologia. A dissertação encontra-se dividida em seis capítulos que

⁸ MONTEIRO, João Gouveia, *Nuno Álvares Pereira - Guerreiro, senhor feudal, santo: os Três Rostos do Condestável*, Lisboa, Manuscrito, 2019, pp. 38-39 e p. 50.

⁹ Os números e composições dos contingentes militares apresentados por Fernão Lopes são exatamente iguais aos apresentados pelo autor da *Crónica do Condestável*.

¹⁰ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 194.

se interligam e complementam entre si. No primeiro, *Composição e dimensões das hostes na segunda metade do século XIV*, abordamos, de forma sucinta, os exércitos medievais portugueses, descrevendo a sua composição e as dimensões que podia alcançar. O segundo capítulo, *A cadeia de comando*, tem como objetivo, tal como o título indica, dar a conhecer a cadeia de comando e perceber quais os cargos mais importantes e as funções que cada um desempenhava. Desta forma ser-nos-á possível compreender como todos os combatentes eram enquadrados na hoste, e como esta tinha coesão. O terceiro capítulo, *O exército em movimento*, é o mais extenso e pretende dar a conhecer a forma como o exército progredia, as dificuldades que podia enfrentar no caminho e as cautelas especiais que teria de adotar para tornar a sua marcha mais segura. Assim, para organizar a exposição, decidimos dividir o capítulo em dois subcapítulos: *A coluna de marcha* e *As dificuldades do caminho, cautelas especiais*. No primeiro analisamos a extensa coluna que um exército formava quando marchava e, elaborando esquemas da mesma, explicamos como se organizava e como progredia. No segundo analisamos todos os principais perigos e obstáculos que um exército podia enfrentar, bem como as cautelas que adotava de modo a evitar alguns desses perigos. Com a mesma finalidade, para uma melhor explanação, também dividimos este subcapítulo em apartados (*A recolha de informações; Os batedores; Outras formas de obter informações; O secretismo e o sigilo; As passagens ingratas: transposição de obstáculos naturais* e *Retorno das campanhas*). No quarto capítulo, *O abastecimento dos exércitos em campanha*, tratamos da questão do avitualhamento das hostes, designadamente a forma como era feito o abastecimento e o modo como os combatentes se alimentavam. O quinto capítulo, *O descanso durante a viagem: os acampamentos*, aborda a forma como a hoste em trânsito estacionava, como pernoitava e como se organizava e protegia para efetuar os altos em segurança. No último capítulo, *As distâncias percorridas e os tempos de deslocação e descanso*, analisamos as distâncias que podiam ser percorridas por um exército medieval português e os respetivos tempos, bem como os de descanso. Por último, nos apêndices reunimos a cartografia de todos os trajetos efetuados pelos exércitos portugueses na segunda metade do século XIV.

Através da utilização das informações das crónicas, dos tratados militares, cotejadas com a bibliografia disponível, elaborámos esta dissertação. Importa salientar que a maior dificuldade na sua realização foi a elaboração da cartografia dos itinerários seguidos pelos exércitos, bem como avaliar as distâncias e a duração das deslocações. Muitas das vezes as crónicas são omissas, não revelando as distâncias que foram

percorridas nem os intervalos de tempo¹¹. A ausência destes elementos, bem como a dificuldade para localizar e cartografar certos topónimos, limitam necessariamente o estudo destas temáticas. Apesar destes obstáculos, e da falta de obras de referência sobre esta questão, conseguimos reunir elementos que nos permitiram fazer alguma luz sobre este tópico.

Recorrendo à informática, utilizando o programa *ArcGIS Online*, foi possível cartografar de forma aproximativa os itinerários dos exércitos medievais portugueses da segunda metade do século XIV. Depois de termos os mapas, o mesmo programa permitiu-nos calcular as distâncias (embora em linha reta) entre lugares. Deste modo, e apesar de ser um valor meramente indicativo, conseguimos suplantar a lacuna das crónicas, ficando com uma ideia das distâncias que podiam ser percorridas por um exército medieval na época em causa. Quanto aos intervalos de tempo, em certos casos – no período de 1383 e 1385, e quando os monarcas ou Nuno Álvares Pereira acompanhavam a hoste – conseguimos ultrapassar os vazios das crónicas recorrendo à Cronologia da Revolução de 1383-1385¹² e aos itinerários de D. Fernando¹³, de D. João I¹⁴ e de Nuno Álvares Pereira¹⁵. Assim, com esta metodologia, reproduzimos nos apêndices a cartografia dos itinerários, as distâncias de um lugar ao outro e os intervalos de tempo em cada campanha militar.

¹¹ Poucas vezes o cronista refere a distância (em léguas) que foi percorrida e muito raramente fornece informações sobre os tempos de deslocação. Sempre que possível recolhemos essas informações e elaborámos tabelas onde encontramos as distâncias entre os lugares, segundo o cronista, e as distâncias em linha reta entre os respetivos lugares, medidas no programa *ArcGIS Online* bem como os intervalos de tempo. Ver apêndices (pp. I - CDXLV)

¹² VIEGAS, Valentino, *Cronologia da Revolução de 1383-1385*, Lisboa, Editorial Estampa, 1984.

¹³ RODRIGUES, Maria Teresa Campos, "Itinerário de D. Fernando 1367-1383", Separata da Revista *Bracara Augusta*, 32, 1978.

¹⁴ MORENO, Humberto Baquero, *Os itinerários de el-rei Dom João I: 1384-1433*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988.

¹⁵ WERMERS, Manuel Maria, "Nun'Álvares Pereira. A sua cronologia e o seu itinerário", *Lusitania Sacra*, 1ª Série, nº5 (1960-1961), Centro de Estudos de História Eclesiástica, Lisboa, 1961, pp. 9-99.

1 – Composição e dimensões das hostes na segunda metade do século XIV

Apesar de a guerra ter sido uma constante na Idade Média, as hostes medievais, ao contrário das legiões romanas, eram caracterizadas pelo seu carácter não permanente. Mobilizados em tempo de hostilidades, os efetivos que constituíam estes exércitos eram convocados por períodos relativamente curtos para uma determinada ação ou campanha, e quando a operação militar acabava eram logo desmobilizados¹⁶. Nas crónicas analisadas para este nosso estudo encontramos alguns exemplos dessa realidade. Em julho de 1386, quando a hoste régia reentrou em Portugal por Penamacor, depois de um cerco a Cória sem sucesso, o monarca português “mandou as gentes dos comçelhos cada huuns pera domde eram”¹⁷ (ver mapa nº 142 para observar o itinerário; p. CCCXXV). Nos finais de dezembro de 1387, de modo a impedir uma entrada do Mestre de Santiago castelhano em Portugal, Nuno Álvares Pereira mobilizou um contingente em Estremoz, mas ao saber que o mestre tinha desistido da ideia “mandou logo hiir a gente das frontarias, que consigo tiinha, a seus logares, como antes estavam”¹⁸. Nestes momentos, os combatentes deixavam essa condição para regressarem às suas atividades habituais, voltando apenas a reunir-se, quando a situação o exigisse, para uma nova ação militar. Não existindo exércitos permanentes, a hoste medieval constituía-se pelo somatório de uma série de indivíduos provenientes das três ordens sociais, tanto do povo, como do clero (através das ordens militares) e da nobreza, com esta última a representar o núcleo principal da hoste (com os elementos mais rotinados na arte da guerra e mais bem equipados)¹⁹. Provenientes de várias ordens sociais, sem qualquer treino conjunto e armados e equipados de acordo com os recursos que cada combatente dispunha, os exércitos medievais eram autenticamente heterogéneos e provisórios.

Sobre os intervenientes da hoste e sobre o seu contributo, começamos a nossa análise pela nobreza. De acordo com o “modelo funcional tripartido da sociedade medieval - *oratores, bellatores, laboratores*”²⁰, era a nobreza a principal detentora do poder armado, pois segundo o imaginário medieval, “competia|-lhe| pegar em armas e

¹⁶ MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota. A Guerra na Idade Média*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2011, p. 15.

¹⁷ CDJ, II, cap. LXXVIII, p. 180.

¹⁸ CDC, cap. LIX, p. 144.

¹⁹ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal - nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 31.

²⁰ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal – 1245 a 1367*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014, p. 24.

lutar”²¹. Os combatentes provenientes deste grupo – pelo facto de terem mais possibilidades financeiras para adquirirem armas melhores e boas montadas – estavam mais bem equipados e possuíam um treino regular no manejo das armas e, em alguns casos, um bom conhecimento de táticas militares e experiência real no campo de batalha, fazendo com que representassem a elite dos exércitos, a “espinha dorsal” das hostes medievais.²² Em primeira instância, era com eles que a monarquia contava para a constituição das hostes. Para a Coroa poder usufruir do seu serviço e garantir a lealdade desses combatentes, tinha de criar condições atrativas, ou seja, recompensas, para aliciar a nobreza a participar na guerra ao seu serviço. Em Portugal, à semelhança do que se observava nos outros reinos da Europa ocidental, surgiu no reinado de D. Dinis²³ um sistema remuneratório através do qual o monarca entregava a determinado vassalo uma determinada “quantia” anual em numerário e/ou sob a forma de bens fundiários, cuja contrapartida seria o serviço militar quando o rei o demandasse, levando o vassalo régio ainda consigo um contingente com um número de “lanças” – que podiam ser constituídas pelos familiares diretos e membro da respetiva linhagem, vassalos do senhor e habitantes dos seus senhorios – contabilizado em função da respetiva “quantia” que o vassalo recebia.²⁴ Para além das “quantias” anuais os vassalos e as suas “lanças”, quando serviam o monarca numa campanha, passaram também a receber um soldo mensal pago em numerário ou bens, proporcional à duração da campanha e do equipamento que o combatente possuía. A Crise de 1383-1385 e o conflito que se seguiu provocou uma divisão da nobreza portuguesa em duas facções políticas: uma afeta ao Mestre de Avis e outra ao partido castelhano, que provocaram uma desorganização no sistema de “quantias” e “lanças” que vinham dos reinados anteriores. D. João I chegou a incorporar na hoste todos os indivíduos que se ofereciam para defender a sua causa, o que o obrigou a recompensar esses combatentes (em numerário, direitos, doações, bens...), fossem vassalos ou não, tivessem direito às “quantias” ou não, ou sequer pertencessem à nobreza.²⁵ Inevitavelmente, esta conjuntura provocou uma situação confusa na nobreza,

²¹ *Ibidem*.

²² BARROCA, Mário Jorge, “Da Reconquista a D. Dinis”, in *Nova História Militar de Portugal*, dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 1, coord. de José Mattoso, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, p. 79.

²³ Segundo Miguel Gomes Martins este processo, embora algo timidamente, parece ter surgido ainda durante o reinado de Afonso III. (MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal – 1245 a 1367*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014, p. 44).

²⁴ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal - nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, pp. 32-34.

²⁵ *Idem, ibidem*, pp. 36-38.

que a partir de 1387 D. João I se empenhou em resolver. Aplicando novas “quantias” anuais aos vassallos, estabelecendo que os filhos dos fidalgos apenas recebessem a “quantia” que lhes era destinada a partir do momento em que tivessem idade para servir militarmente o monarca, D. João I reorganizou o sistema de “quantias”.²⁶

Com o fim da reconquista e estabilização da fronteira, a necessidade de defesa contínua diminui. Esta diminuição do estado de alerta foi uma consequência que, por sua vez, provocou uma grande deterioração da qualidade das forças concelhias. De modo a colmatar este problema, no princípio do século XIV, D. Dinis dá início à implementação de um importante conjunto de iniciativas para solucionar a deterioração das milícias e fazer evoluir o sistema de recrutamento dos concelhos.²⁷ Surge assim o sistema dos aquantiados, com a definição de uma relação entre a fortuna pessoal e a obrigação de possuir determinados equipamentos militares (e, no caso dos mais ricos, também um cavalo) para servir o monarca. Assim, os indivíduos, de acordo com uma avaliação dos seus bens, móveis e imóveis, eram integrados em determinadas subcategorias militares (cavalaria pesada e ligeira, e infantaria pesada e ligeira), correspondendo cada uma delas a um determinado armamento específico²⁸ e preestabelecido.²⁹ A avaliação dos bens dos aquantiados estava a cargo dos oficiais locais (coudéis, coadjuvados por, geralmente, entre um e três homens-bons do concelho, e escrivães das coudelarias, responsáveis por registarem a avaliação) e, noutros casos, era feita aquando da realização dos alardos.³⁰ Os aquantiados também recebiam um soldo durante a campanha, sempre que esta se prolongasse para além dos três meses, durante os quais nada auferiam. Para além dos aquantiados, um dos principais contributos dos concelhos provinha dos contingentes de

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota. A Guerra na Idade Média*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2011, p. 22.

²⁸ Os combatentes mais endinheirados estavam obrigados a possuir um bom cavalo e a mantê-lo, necessitando ainda de ter armamento (ofensivo e defensivo) completo; no escalão seguinte era obrigatória a posse de um cavalo de menor envergadura (“singelo” ou “raso”), necessitando ainda de ter uma besta de garrucha juntamente com um bacinete e uma couraça ou solha; os combatentes menos abastados tinham de possuir uma besta de polé ou uma lança, necessitando também de um dardo ou de um escudo; e os combatente mais pobres, era-lhes exigido possuírem um escudo, eventualmente acompanhado de algum punhal ou adaga. (MONTEIRO, João Gouveia, “De D. Afonso IV (1325) à Batalha de Alfarrobeira (1449) – Os Desafios da Maturidade”, in *Nova História Militar de Portugal*, dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 1, coord. de José Mattoso, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, pp. 195-196).

²⁹ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal - nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 44; MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota. A Guerra na Idade Média*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2011, p. 22.

³⁰ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal - nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, pp. 44-46.

besteiros do conto que eram recrutados junto dos mesteirais jovens, casados ou com casa própria. Nesta milícia os combatentes especializavam-se exclusivamente no manejo da besta, uma arma cuja utilização eficaz requeria um treino e uma prática constante³¹. Este corpo militar tinha uma estrutura hierárquica própria (eram comandados pelo respetivo anadel local³², que respondia perante o anadel-mor do reino) e usufruía de muitos privilégios³³, que tornavam apelativo o ingresso neste grupo de combatentes.³⁴ Nos vários conflitos que ocorreram na segunda metade do século XIV, os monarcas recorreram às milícias concelhias, especialmente às de Lisboa. Em 1373, quando D. Fernando estava em Santarém, preparando-se para dar batalha a Enrique II, mobilizou a milícia de Lisboa: “que em aquell logar se aviam de juntar com elle seus rricos-homêes e fidalgos e o concelho de Lixboa e d’outros logares pera lhe poer a praça;”³⁵ (ver mapa nº 16 para observar o itinerário; p. XXXIV). No mês de julho de 1385, quando D. João I se encontrava em Alenquer, as fileiras da hoste foram engrossadas quando “chegou Fernam Rodriguez de Sequeira, fronteiro moor de Lixboa, com as gentes que hi tinha, e mais as da çidade, que eram çem lamças, contando vinte e huuma de jmgreses que vinham com ellas (...)”³⁶ (ver mapas nº 109 e nº 113 para observar o itinerário; p. CCXLIII; p. CCLIII). Em 1386, quando o monarca português se encontrava a cercar Chaves, temendo que os castelhanos pudessem vir com uma grande força impor o levantamento do cerco ao lugar, D. João I pediu que as milícias de Lisboa o fossem auxiliar:

“E logo per todos foy acordado que por sseruiço del-Rey e honra da cidade lhe emvyassem trigosamente duzentas e dez lanças bem corregidas, as duzentas da cidade e as dez da villa de Sint(r)a que estonçe era seu termo, e duzentas da cidade e as dez da villa de Sint(r)a que estonçe era seu termo, e duzentos e cincoenta beesteiros e duzentos homens de pee;”³⁷ (ver mapa nº 134A para observar o itinerário; p. CCCVI).

Também era nos concelhos que se recrutavam os homens que prestavam serviço no mar. A mobilização era feita campanha a campanha, mediante as necessidades, entre

³¹ Os besteiros estavam obrigados a um treino semanal e a manter as armas em bom estado e prontas a servir.

³² Segundo João Gouveia Monteiro, os anadéis eram eleitos pelos besteiros da respetiva milícia, com esta tendência a prolongar-se até ao fim do século XIV. (MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal - nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 70).

³³ Como o usufruto dos mesmos direitos e condições dos cavaleiros em demandas e custos judiciais, isenções nos pagamentos de várias peitas e talhas concelhias, entre outros. (MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal - nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, pp. 65-66).

³⁴ FERREIRA, Leandro Filipe Ribeiro – *De homens comuns a força de elite: os besteiros do conto em Portugal na Idade Média (1385-1438)*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015, pp. 38-46; MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota. A Guerra na Idade Média*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2011, p. 26.

³⁵ CDF, cap. LXXII, p. 253.

³⁶ CDJ, II, cap. XXV, p. 50.

³⁷ CDJ, II, cap. LXVI, p. 157.

os elementos do sexo masculino com idades superiores aos 12 anos, preferencialmente entre aqueles que estavam mais habituados às fainas marítimas ou fluviais. Mas nem sempre isto se verificava, pois havia muita gente que em nada se relacionava com o mar e que também era apurada e forçada a embarcar.³⁸ Nas crónicas deparamo-nos com esta situação. Em julho de 1381, no começo da Terceira Guerra Fernandina, D. Fernando tomou lavradores para armar as galés:

“mandava el-rrei trager dos outros logares do reino muitos homêes presos pera ellas, e tragião os barãos cheos d’elles e entregavom-nos aos alcaides das gallees; e d’esta guisa foram em breve tempo armadas, como quer que todos aviiam por gram mal tomarem os lavradores e as outras pobres gentes, e meterem-as nas galles d’esta guisa;”³⁹.

Na hoste também encontramos os contingentes fornecidos pelas ordens militares, que apesar de serem reduzidos tinham uma enorme especialização na arte da guerra. Fundadas nos Estados Latinos do Levante nos inícios do século XII, estas ordens vão-se tornando no mais importante suporte militar da Cristandade contra as forças muçulmanas no Levante e na Península Ibérica. Por serem corpos militares taticamente disciplinados, terem treinos regulares, estarem bem equipados, terem um carácter de serviço mais permanente e por serem comandados por indivíduos com grande experiência militar, dedicados à arte da guerra, sem limitações no tempo de serviço, e embora fossem contingentes com números reduzidos, tornaram-se peças importantes nas ações do período da Reconquista.⁴⁰ Depois da reconquista as ordens mantiveram um papel crucial no quadro da defesa do reino. Muito do controlo das fortalezas, principalmente as localizadas em regiões de elevado valor estratégico, ficou a cargo das ordens militares, bem como a proteção e a defesa dos territórios circundantes e das vias de comunicação que por aí passavam.⁴¹ Mas não ficaram só pela defesa, as ordens militares também passaram a ser utilizadas pelas coroas ibéricas nos seus conflitos externos e internos. D. Dinis na sua intervenção em Castela, durante a guerra civil que assolou o reino vizinho nos anos de 1295-1298, recorreu a efetivos das ordens religioso-militares, e nos conflitos com o infante D. Afonso, irmão do rei, também empregou contingentes das ordens.⁴² Reconhecendo a importância bélica e estratégica destas instituições, a coroa portuguesa

³⁸ DUARTE, Luís Miguel, “A marinha de guerra portuguesa”, in *Nova História Militar de Portugal*, dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 1, coord. de José Mattoso, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, p. 316.

³⁹ CDF, cap. CXXIV, p. 439.

⁴⁰ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal – 1245 a 1367*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014, pp. 160-165.

⁴¹ *Idem, ibidem*, p. 178.

⁴² *Idem, ibidem*, pp. 199-201.

procurou colocá-las sob a sua tutela, influenciando na atribuição dos cargos de chefia⁴³. Na crise de 1383-1385 e nos consequentes conflitos com Castela, D. João I pôde contar com o apoio militar das ordens de Santiago, Avis e Cristo (o priorado do Hospital apoiou inicialmente o partido castelhano).⁴⁴

Na hoste também encontramos um corpo militar que garantia a proteção do monarca. Embora institucionalizada no século XV, a existência da guarda pessoal do rei provém do tempo de Afonso Henriques, que já dispunha de uma guarda pessoal, seguindo o exemplo do seu pai.⁴⁵ Este corpo, que tinha como função a proteção do monarca, podia integrar a hoste quando esta fosse mobilizada. Na Batalha de Aljubarrota encontramos a presença deste grupo a acompanhar D. João I na retaguarda.⁴⁶ Os membros desta guarda seriam cavaleiros e escudeiros (ou, ainda, combatentes a pé e besteiros montados) da criação do monarca, fiéis e dedicados ao monarca. Para o período em estudo, logo a partir do início do reinado de D. João I, é criado um corpo permanente de cem besteiros que acompanhava o monarca e completava a guarda do rei.⁴⁷

Temos ainda de analisar os contingentes de mercenários que, em diversos casos, podiam integrar as hostes. Estes grupos de combatentes viviam da guerra em troca de um estipêndio que os seus líderes negociavam com a coroa. Peritos em diversas operações militares, estes bandos “em nada eram inferiores aos nobres em matéria de ousadia e de arte de fazer guerra”⁴⁸. Apesar de serem úteis em termos de eficácia bélica, estes corpos não eram muito fiáveis. Eram frequentemente problemáticos na convivência, tanto com os restantes combatentes como, e sobretudo, com as populações. Na *Crónica de D. Fernando*, Fernão Lopes descreve bem esses problemas quando no verão de 1381 os ingleses, que vieram auxiliar D. Fernando na Terceira Guerra Fernandina, se comportavam como autênticos inimigos⁴⁹:

⁴³ D. Pedro I nomeou o seu filho bastardo, o futuro D. João I, como Mestre da Ordem de Avis com cerca de sete anos. (COELHO, Maria Helena da Cruz, *D. João I*, Temas e Debates, Rio de Mouro, 2008, p. 21).

⁴⁴ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal - nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 81.

⁴⁵ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal – 1245 a 1367*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014, pp. 210-211.

⁴⁶ “e os que eram guarda del-Rey junto com elle”, (CDJ, II, cap. XXXVIII, p. 85).

⁴⁷ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal - nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, pp. 30-31.

⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 31.

⁴⁹ “Tanto Fernão Lopes como, sobretudo, Jean Froissart, o grande cronista francês da época, destacaram a natureza assalariada desses guerreiros, o seu comportamento tipicamente mercenário e, sobretudo, a obrigação assumida pelo monarca português de pagar, a tempo e horas, soldo aos combatentes ingleses que,

“Estas gentes dos ingleses que dissemos, como foram aposentados em Lixboa, nom como homêes que viinham pera ajudar a defender a terra, mas come se fossem chamados pera a destruir e buscar todo mal e desonra aos moradores d’ella, começaram de sse estender pella cidade e termo matando e rroubando e forçando molheres, mostrando tal senhorio e desprezamento contra todos come se fossem seus mortaaes emmiigos de que sse novamente ouvessem d’ assenhorar (...) Hûua vez chegaram algûus d’elles a casa d’hûu homem que chamavom Joham Vicente, jazendo de noite na cama com sua molher e hûu seu filho pequeno que ainda era de mama, e baterom aa porta que lhe abrisse; e ell com temor nom ousou de o fazer, e elles britarom a porta e entrarom dentro e começaram de ferir o marido; a madre com termo d’elles pôs a criança ante ssi polla nom ferirem, e nos braços d’ella a cortarom per meyo com hûua espada, que era cruell cousa de veer a todos (...) Outros chegarom acima de Loures por rroubar hûua aldea que he hi acerca; e em-na rroubando, matarom três homêes; e assi rroubavom e matavom e destruhiam mantimentos que muitas vezes mais era o dano que fazim que aquello que gastavom em comer; que tal aviia hi, se aviia vontade de comer hûua língua de vaca, matava a vaca e tirava-lhe a língua e leixava a vaca perder; e assim faziam ao vinho e a outras cousas.”⁵⁰

Por fim, para acabarmos a nossa análise dos principais intervenientes na guerra, temos de referir a presença dos homiziados. Estes homens a contas com a justiça podiam ser integrados na hoste a troco de um perdão (total ou parcial) para os seus crimes. À semelhança dos mercenários, também eram um grupo problemático, causando receio e até terror nas restantes gentes. D. Fernando nos confrontos com Castela, especialmente na Terceira Guerra Fernandina, recorreu a hominizados para engrossar as suas fileiras.⁵¹ D. João em 1384 também recorreu a esses homens para aumentar a sua hoste.⁵²

Conhecendo a composição das hostes medievais, procuraremos agora observar as suas dimensões. Antes de apresentarmos o número de efetivos das hostes portuguesas, nas principais campanhas militares nos finais do século XIV⁵³, temos de sublinhar a fragilidade da informação; os números são resultantes das informações dos cronistas⁵⁴ e, segundo Gouveia Monteiro, estes “dedicavam geralmente pouca atenção aos aspetos mais técnicos das campanhas militares que descreviam e raramente destacam a presença, a

por esse motivo, se haviam disposto a vir fazer a guerra na Península.” (MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal - nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 86).

⁵⁰ CDF, cap. CXXXII, pp. 466-467.

⁵¹ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal - nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, pp. 88-89.

⁵² O Mestre “perdoava as mortes e mallefições a quantos lho rrequeriam com tamto que nom fosse alleive ou treiçom, e sse foram feitos amte do primeiro dia de dezembro, em que ell matou o Comde Joham Fernamdez, da era de quatroçemtos e viimte e huû, com condiçõ que a certos dias sse vehessem a Lixboa pera servir aa sua custa em quamto durasse a guerra.” (CDJ, I, cap. XXVII, p. 50; MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal - nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, pp. 86-88).

⁵³ Nos apêndices, para cada operação e sempre que possível, apresentamos uma tabela com a dimensão e composição da hoste, de acordo com a informação dos vários cronistas (pp. II – CDXXIV).

⁵⁴ Por vezes os números resultantes das informações dos cronistas são díspares de cronista para cronista, mas noutras vezes são iguais ou muito semelhantes. Nos apêndices podemos observar esses casos (pp. II – CDXXIV)

intervenção ou o número de todos aqueles que não cabem na categoria genérica dos «homens de armas»^{55,56}

A 7 de julho de 1381, na Terceira Guerra Fernandina, ficamos a saber que os fronteiros portugueses destacados para a comarca de Entre-Tejo-e-Guadiana reuniram em Vila Viçosa “per todos ataa mil lanças de boa gente e muitos beesteiros e homees de pee”⁵⁷ para irem contra o Mestre de Santiago de Castela (ver mapa nº 26 para observar o itinerário; p. LIV). Em 1382, no mesmo conflito, D. Fernando e o conde de Cambridge posicionaram-se nas margens do Caia com um poderoso exército composto por “seis mill lanças (...) e muitos beesteiros e homêes de pee.”⁵⁸ (ver mapa nº 38 para observar o itinerário; p. LXXVIII). Durante o cerco de Lisboa de 1384, o Mestre de Avis contou com “mil e seisçentos homeês darmas; e dos moradores da çidade quatro çemtas lamças, e muitos peões e beesteiros;”⁵⁹ No mês de agosto de 1384, quanto Nuno Álvares Pereira se posicionou no Divor – para dar batalha a uma força castelhana que tinha sido enviada de Lisboa para neutralizar as suas ações ofensivas no Alentejo – contava com “quinhêtas e trimta lamças, e çimquo mil antre homeês de pee e beesteiros.”⁶⁰ (ver mapa nº 82 para observar o itinerário; p. CLXXX). Em Aljubarrota, de acordo com Fernão Lopes: “El-Rey de Portugall auya per todas mjll e seteçemtas lanças, e dellas nom bem coregidas, e de beesteiros oitoçentos, e dhomeens de pee quatro mjll; que eram per todos seis mjll e quinhentos.”⁶¹ (ver mapa nº 119 para observar o itinerário; p. CCLXVIII). No mês de maio de 1386 - no alardo de Vilarça, que antecedeu uma entrada em Castela - o monarca português contava com “quatro mjll e quinhentas lanças; e huuns e os outros, assy caualleiros come escudeiros, todos bem armados (...) e eram hij também muytos homens de pee e muyta beestaria.”⁶² (ver mapa nº 138 para observar o itinerário; p. CCCXVI). Em março de 1387, no começo da campanha anglo-portuguesa em Castela, a hoste era composta por “três mjll lamças e dous mjll beesteiros e mais de quatro mjll peões, afora outras”⁶³ (ver mapa nº 154 para observar o itinerário; p. CCCLII). Em maio de 1400,

⁵⁵ Na maior parte das vezes são os únicos que são contabilizados e quanto aos outros, tudo se reduz, frequentemente, a um vago “muitos beesteiros e homens de pé”.

⁵⁶ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal - nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 97.

⁵⁷ CDF, cap. CXIX, p.428.

⁵⁸ CDF, cap. CLIII, pp. 531-532.

⁵⁹ CDJ, I, cap. CXLII, p. 254.

⁶⁰ CDJ, I, cap. CXLVI, p. 260.

⁶¹ CDJ, II, cap. XXXVII, p. 84.

⁶² CDJ, II, cap. LXXI, p. 166.

⁶³ CDJ, II, cap. C, p. 214.

para o cerco de Alcântara, a hoste régia dispunha de “quatro myl lanças, e grande numero de peoês e beesteiros;”⁶⁴ (ver mapa nº 178 para observar o itinerário; p. CDXXI).

Terminada a análise da composição e dimensão dos exércitos medievais – que, como pudemos observar, eram heterógenos de caráter não permanente e de dimensão variável, em função das conjunturas – no próximo capítulo observaremos a cadeia de comando. Desta forma ser-nos-á possível compreender como todos aqueles combatentes eram enquadrados na hoste.

⁶⁴ CDJ, II, cap. CLXXXIV, p. 396.

2 – A cadeia de comando

Quem detinha o comando nominal da hoste régia era o rei. Não obstante o comando nominal, o comando efetivo podia ser delegado, ou pelo menos assessorado, por um ou mais oficiais da especial confiança do rei e de reconhecida competência militar⁶⁵. O cargo mais importante na hoste, até 1382, pertencia ao alferes-mor. Segundo João Gouveia Monteiro, tratava-se de um lugar-tenente do rei, sobre quem recaíam essencialmente as competências de porta-estandarte e de juiz⁶⁶. Cabia ao alferes-mor apoiar o monarca na expedição, sempre que este liderava a hoste, transmitindo as ordens do rei aos diversos comandantes. Na ausência do monarca, competia-lhe conduzir a hoste, guardar a sua bandeira e exercer a justiça no seio da hoste⁶⁷. O transporte da bandeira revestia-se de uma função muito importante, como indicou João Gouveia Monteiro,

“a bandeira real só devia ser tendida por ordem do monarca e quando o inimigo com quem se esperava pelear fosse avistado (...). Para além disso, a bandeira real servia como um condutor natural da hoste, devendo ser guardada e amparada por todos; o seu derrube no decurso de uma batalha significava a derrota e o desbarato da hoste”⁶⁸.

Cabia ao rei decidir a quem atribuía este cargo. Este tendia a ser vitalício, encontrando-se no poder das principais famílias portuguesas da época, sem que se verificasse, no entanto, a sua transmissão hereditária⁶⁹.

Em 1382, provavelmente por influência inglesa (aquando da chegada a Portugal do conde de Cambridge e do seu exército), D. Fernando, cria dois novos cargos que se convertem, de imediato, nos mais importantes da hierarquia militar: o condestável e o

⁶⁵ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 221; MONTEIRO, João Gouveia, “Estratégia e Tática Militares”, in *Nova História Militar de Portugal*, dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 1, coord. de José Mattoso, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, p. 217.

⁶⁶ MONTEIRO, João Gouveia, “Estratégia e Tática Militares”, in *Nova História Militar de Portugal*, dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 1, coord. de José Mattoso, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, p. 217.

⁶⁷ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, pp. 367-368.

⁶⁸ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 222.

⁶⁹ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 368.

marechal⁷⁰. De igual modo, no mesmo período, talvez por influência francesa, foram criados estes ofícios em Castela⁷¹.

Com o surgimento destes dois cargos o de alferes-mor perdeu relevância, continuando, no entanto, a ser um ofício muito honroso. Devido ao facto de continuar a empunhar a bandeira real, o respetivo titular continuava a carregar consigo um grande simbolismo e importância prática. Nas crónicas também encontramos o alferes que transportava a bandeira do seu senhor. No mês de março de 1384, quando Nuno Álvares Pereira se encontrava em Setúbal e antes de partir para Montemor-o-Novo (ver mapa nº 55 para observar o itinerário; p. CXV) nomeou um dos seus escudeiros alferes: “Nuno Alvarez ante que dalli partisse, hordenou logo offiçiaaes; e fez huû seu scudeiro que chamavom Diego Gill alferes de sua bamdeira (...)”⁷²

Desde o surgimento do cargo de condestável, este passou a ocupar um dos papéis de maior relevo na hoste régia. Durante as campanhas - para além de garantir a execução daquilo que fosse decidido no conselho de guerra e assegurar que no início das operações todos os combatentes estivessem devidamente organizados, de forma, caso necessário, a poder requerer facilmente o seu serviço - comandava a vanguarda dos exércitos onde, em regra, ia posicionado⁷³. Entre as suas funções competia-lhe também nomear quadrilheiros para coordenar a repartição do saque e despojos de guerra, coordenar o trabalho dos diversos batedores que seguiam adiante da coluna de marcha, e indicar quem devia escolher o melhor local para a hoste instalar o seu acampamento, cabendo-lhe a defesa e segurança do mesmo⁷⁴. Antes da batalha de Aljubarrota, quando a hoste marchava para Ourém (ver mapa nº 119 para observar o itinerário; p. CCLXVIII), Fernão Lopes, para além de nos indicar que o condestável, Nuno Álvares Pereira, levava a vanguarda e o monarca a retaguarda, leva-nos a concluir e verificar que foi o condestável a decidir o

⁷⁰ Através da seguinte passagem da *Crónica de D. Fernando*, podemos verificar que de facto estes cargos são criados de raiz em Portugal nesta altura: “Onde sabe que n’este tempo e em esta hida se começaram dous officios em Portugal novamente que ataa estonce em ell nom avia, scilicet, condestabre e marichall (...)” (CDF, cap. CL, p. 524).

⁷¹ Através da seguinte passagem da, *Crónica Del Rey Don Juan, Primero de Castilla e de León* podemos verificar que de facto estes cargos, também, são criados de raiz em Castela nesta altura: “E en este tiempo, estando el rey don Juan en Zamora, fizo condestable a don Alfonso, marqués de Villena e conde de Denia, e fizo mariscales de la hueste a Ferrand Alvarez de Toledo e a Pero Ruiz Sarmiento; e estos oficios nunca fueron en Castilla fasta aqui.” (CDJU, año IV, 1382, cap. I, p. 536).

⁷² CDJ, I, cap. XCII, p. 152.

⁷³ MONTEIRO, João Gouveia, “Estratégia e Tática Militares”, in *Nova História Militar de Portugal*, dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 1, coord. de José Mattoso, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, p. 217.

⁷⁴ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 223.

local onde a hoste iria pernoitar: “(...) e com este regimento chegaram a Ourem, que eram dally três legoas, homde o Comde já tinha tomado alloiamento pera (a) oste a pee da uilla, comtra a Atouguia das Cabras (...)”⁷⁵

Este oficial, para além das demais funções anteriormente enumeradas, estava encarregue de controlar o número e o tipo de guerreiros que existia na hoste⁷⁶, algo que era muito importante quando se preparava e organizava uma expedição. Tal como uma das antigas funções do alferes, o condestável possuía, igualmente, o ofício de fazer justiça na hoste. Para esta incumbência fazia-se acompanhar de um ouvidor que tinha como função ouvir as partes, apurar as provas e trazer o caso à decisão do senhor, e de um meirinho que devia trazer cadeia, carcereiro e homens para executar a justiça.⁷⁷

Com todas estas competências, podemos concluir que o condestável era o cargo militar mais importante da hoste nos finais da Idade Média. De facto, na ausência do rei, ele era o principal comandante do exército. Dada a importância deste posto, era natural, que o rei escolhesse criteriosamente o seu titular. Quando o cargo foi criado, em 1382, a escolha de D. Fernando recaiu sobre o conde D. Álvaro Pires de Castro, irmão de Inês de Castro⁷⁸. No decurso das cortes de Coimbra de 1385, dados os sucessos militares de Nuno Álvares Pereira, a escolha de D. João I recaiu sobre este jovem⁷⁹ que, até ao momento, não possuía uma posição muito relevante ou de grande influência no seio da nobreza portuguesa⁸⁰. Infelizmente as fontes nada adiantam relativamente à cerimónia de investidura do cargo do condestável⁸¹.

Pelo exercício de todas estas funções, de elevada importância para a hoste, o condestável gozava de determinados privilégios e regalias. Por cada mercador ou regatão

⁷⁵ CDJ, II, cap. XXXIII, pp. 70-71.

⁷⁶ MONTEIRO, João Gouveia, “Estratégia e Tática Militares”, in *Nova História Militar de Portugal*, dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 1, coord. de José Mattoso, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, p. 217.

⁷⁷ “Do Regimento da Guerra” in *Ordenações Afonsinas. Livro I*. Nota de apresentação de Mário Júlio de Almeida Costa; nota textológica de Eduardo Borges Nunes. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, 5 vols. (reprod. fac-simile da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra, em 1792), pp. 310-31.

⁷⁸ “fez el-rrei condestabre o conde d’Arrayollos dom Alvaro Perez de Castro (...)” (CDF, Cap. CL, p. 524; MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 224).

⁷⁹ “Emlegido o Meestre e alçado assi por rei, fallousse logo que fizessem comdestabre pera a guerra em que eram postos (...) E hordenou elrei que o fosse o seu mui leall e fiell servidor Nuno Allvarez Pereira (...)” (CDJ, II, cap. CXCIII, p. 373).

⁸⁰ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 224.

⁸¹ *Ibidem*, p. 224.

que vendesse ou comprasse na hoste, o condestável podia receber uma verba de 12 reais brancos por semana⁸². Gozava do direito de receber, para si, as penas aplicadas (em dinheiro ou bens) a membros da hoste, bem como as armas apreendidas àqueles que as usavam indevidamente e todas as carceragens dos que fossem detidos nas prisões do seu ouvidor⁸³. Após a cavalgada, podia receber, do saque, todas as bestas que não tivessem cornos⁸⁴.

O marechal, outro dos cargos criados por D. Fernando, constituía o segundo mais importante da hoste e, tal como no caso do alferes e do condestável, era atribuído pelo rei a um nobre da sua confiança. Em 1382, a escolha de D. Fernando recaiu sobre uma destacada figura do conselho régio, Gonçalo Vasques de Azevedo⁸⁵. Em 1385, no decurso das cortes de Coimbra, D. João I escolhe para seu marechal Álvaro Pereira⁸⁶. Pouco tempo depois, em julho de 1386, no regresso do cerco de Cória (ver mapa nº 142 para observar o itinerário; p. CCCXXV), Álvaro Pereira viria a falecer⁸⁷. Este acontecimento levou o monarca português a escolher o Prior do Hospital, Álvaro Gonçalves Camelo, como marechal da hoste⁸⁸. Com a deserção deste para Castela⁸⁹, em 1400 o rei nomeia Gonçalo Vasco Coutinho como marechal⁹⁰.

⁸² “Do Regimento da Guerra” in *Ordenações Afonsinas. Livro I*. Nota de apresentação de Mário Júlio de Almeida Costa; nota textológica de Eduardo Borges Nunes. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, 5 vols. (reprod. fac-simile da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra, em 1792), p. 312; MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, pp. 223-224.

⁸³ *Ibidem*, p. 312; *Idem, ibidem*, p. 224.

⁸⁴ *Idem, ibidem*, pp. 312-313; *ibidem*, p.224. Apesar de ter este direito, nas crónicas analisadas encontramos vários episódios nos quais o condestável, Nuno Álvares Pereira, abdicou deste direito que, ao que parece, era um costume. Em outubro de 1385, depois da Batalha de Valverde o condestável abdicou do saque: “chegou a Eluas, auemdo dezoito dias que emtrara per Castella, muyto de seu vagar como damte vinha, com grande roubo de gaados e bestas e prisioneros; os quaaes os seus amtressy partirom, sem montar ao Conde quimto nem outra cousa em quinhom, saluo a muyta homra que demtro em Castella ganhara, que esta acoeteço aa sua parte come sempre auya em costume; e os seus ouuerom todallas outras cousas, com que se foram ledos pera suas casas.” (CDJ, II, cap. LVIII pp. 143-144).

⁸⁵ CDF, cap. CL, p. 524; MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 225.

⁸⁶ CDJ, II, cap. I, p. 4; *ibidem*, p. 225.

⁸⁷ *Idem, ibidem*, cap. LXXVIII, p. 180; *ibidem*, p. 225.

⁸⁸ *Ibidem*, cap. LXXVIII, p. 180; *ibidem*, p. 225.

⁸⁹ Em 1397, encontramos uma referência demonstrativa da deserção “E el-Rey lhe dysse e mostrou alguns recados que ouuera das maas maneyras que o Priol dom Aluaro Gonçalluez Camello, marychal de sua hoste, tynha comtra seu seruyço, e que o queria mandar premder (...)” (CDJ, II, cap. CLX, pp. 337-338).

⁹⁰ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 225.

Quando a hoste parava para acampar, era da responsabilidade do marechal garantir a distribuição do alojamento a todos os senhores e capitães⁹¹. Paralelamente, o marechal também deveria garantir que o sistema de vigilância, que se organizava assim que a hoste parava, se encontrava em bom funcionamento e sempre que era organizada uma cavalgada e quando os capitães solicitassem, o marechal deveria escolher um cavaleiro ou escudeiro responsável pela atribuição do alojamento⁹². Tal como o condestável, de modo a exercer as suas funções convenientemente, este oficial era coadjuvado por um meirinho e um ouvidor que o acompanhavam e apoiavam no exercício das suas inúmeras funções (especialmente na aplicação da justiça)⁹³.

Identicamente ao condestável, de forma a compensar o seu ofício, o detentor deste cargo gozava também de determinadas prerrogativas. Todas as bestas que fossem capadas, que mostrassem mazelas e com pouco valor, tomadas pela hoste, pertenciam ao marechal⁹⁴. Gozava do direito de cobrar doze reais brancos por semana aos vendedores que se apresentassem à hoste, com loja ou tenta armada⁹⁵. Por fim, ainda detinha o privilégio de receber multas daqueles a quem o rei perdoava, bem como as carceragens dos que estivessem presos na prisão do seu ouvidor e as armas pertencentes a quem, por sua ordem, era encarcerado.⁹⁶

Como acima referido, percebemos que o cargo de marechal acabava por ter funções muito idênticas às do condestável e os seus privilégios eram semelhantes. No entanto, este oficial encontrava-se hierarquicamente sujeito ao condestável⁹⁷, e funcionava, sobretudo, como um adjunto, auxiliando-o no comando.

Observados estes principais cargos de comando, temos ainda de analisar um outro: o adail. Em larga medida, o bom trânsito do exército, como veremos adiante, dependia da ação direta deste oficial. A existência do ofício de adail, em Portugal, remonta pelo menos ao século XII, e competia-lhe guiar a hoste, escolhendo os caminhos mais apropriados e

⁹¹ “Do Regimento da Guerra” in *Ordenações Afonsinas. Livro I*. Nota de apresentação de Mário Júlio de Almeida Costa; nota textológica de Eduardo Borges Nunes. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, 5 vols. (reprod. fac-simile da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra, em 1792), p. 315; MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 225.

⁹² *Idem, ibidem*, pp. 315-316; *ibidem*, p. 225.

⁹³ *Idem, ibidem*, p. 317; *ibidem*, p. 225.

⁹⁴ *Idem, ibidem*, p. 316; *ibidem*, p. 225.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 316; *ibidem*, p. 225.

⁹⁶ *Idem, ibidem*, pp. 316-317; *ibidem*, p. 225.

⁹⁷ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 225.

seguros⁹⁸. Como Miguel Gomes Martins indicou: “Conduzir as tropas em território hostil era, com efeito, uma das principais competências destes oficiais”⁹⁹. O adañ, como observamos, funcionava como um guia; no entanto, para o desempenho do cargo, o escolhido, necessitava de possuir determinadas características e virtudes¹⁰⁰. A pessoa eleita deveria possuir uma incontestável lealdade. Qualquer traição perpetrada por este oficial, uma vez que poderia conduzir a hoste para passagens perigosas, armadilhas e ciladas inimigas, poderia acarretar consequências desastrosas para a hoste. E mesmo que fosse inteiramente fiel, havia sempre o risco de errar o caminho, levando a atrasos e complicações na expedição. Para levar a hoste ao seu destino, velando-a de possíveis perigos, o adañ devia possuir uma grande sabedoria. De modo a evitar lugares perigosos e propícios a emboscadas, este oficial necessitava de conhecer os caminhos, os pontos de água, o relevo e os lugares onde fosse possível encontrar erva e lenha, matérias importantes como veremos mais adiante, para um exército que se encontrava em trânsito. Paralelamente a este conhecimento, e caso necessário, o adañ também devia ser capaz de saber escolher os melhores locais para lançar uma cilada. Eram, também, indivíduos que deveriam ser capazes de resistir e enfrentar as contrariedades que poderiam surgir sempre que uma hoste transitava, como o facto de errar no caminho, perder-se ou sofrer emboscadas por parte dos inimigos. Por isso, deviam permanecer em alerta constante, sempre atentos, preservando a prudência e sensatez na tomada das decisões. No fundo, este oficial coordenava todo o serviço de exploração do terreno que se seguia adiante da coluna de marcha, apoiando-se num grupo de batedores e espiões¹⁰¹.

⁹⁸ MONTEIRO, João Gouveia, “Estratégia e Tática Militares”, in *Nova História Militar de Portugal*, dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 1, coord. de José Mattoso, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, pp. 217-218.

⁹⁹ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 373.

¹⁰⁰ “Quatro coufas differom os antigos, que devem haver em fy os Adays: a primeira, fabledoria: a fegunda, esforço: a terceira, fifo natural: a quarta, lealdade.” (“Do Regimento da Guerra” in *Ordenações Afonsinas. Livro I*. Nota de apresentação de Mário Júlio de Almeida Costa; nota textológica de Eduardo Borges Nunes. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, 5 vols. (reprod. fac-simile da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra, em 1792), p. 315).

¹⁰¹ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 226.

Nas crónicas analisadas para este estudo, apenas encontramos uma referência ao *adaíl*¹⁰². Esta ausência pode-se explicar pelo facto de o cargo ter perdido alguma importância em Portugal a partir de Duzentos, devido ao final da Reconquista¹⁰³.

Por último, para completarmos esta análise dos cargos presentes numa hoste, temos de observar os comandantes dos corpos/unidades táticas em que se dividia a hoste e que enquadravam os diversos combatentes. Estes comandantes, designados nas crónicas por “capitães”, eram os vassallos mais poderosos do monarca e sob o seu comando encontravam-se cavaleiros que integravam a hoste a título individual, gentes que provinham do seu senhorio (e de outros), das ordens militares e dos concelhos. Esta organização permitia assim um maior controlo na hoste, e evitava, segundo João Gouveia Monteiro, “a fragmentação da hoste em unidades excessivamente pequenas e de controlo demasiado complexo”¹⁰⁴

Nas crónicas analisadas, encontramos algumas referências aos capitães dos corpos em que se dividia a hoste e que enquadravam os diversos combatentes. Em julho de 1381, quando foi junto um grande contingente para ir sobre o mestre de Santiago de Castela, antes de partirem de Vila Viçosa (ver mapa nº 26 para observar o itinerário; p. LIV) “rrepartírom certos capitães que levassem a avanguarda, e com eles Gonçallo Vaasquez D’Azevedo”¹⁰⁵. Mais tarde, à semelhança desta situação, a 6 de agosto de 1385, quando o condestável e o monarca chegaram a Tomar (ver mapa nº 118 para observar o itinerário; p. CCLXV), depois de um alardo, “comçertaram suas batalhas, assy dauanguardia come reguarda e allas esquerda e derecha, e que gentes e capitães auyam dhir em cada huuma, (...)”¹⁰⁶. Nestas passagens podemos constatar que a vanguarda, a retaguarda e as alas integravam vários capitães com as respetivas mesnadas. Nas crónicas examinadas também nos deparamos com uma missão específica, que em regra era atribuída aos capitães: a guarda e recolha de azêmolas e de forragens. Durante o cerco de Lisboa de 1373 os “capitães que com el-rrei dom Henrrique viinham estendiam-sse pelos termos da cidade a forrejar, sem torva que de nêhûu ouvessem, e tragiam grandes roubos de muitas

¹⁰² Pouco tempo depois da batalha de Valverde, Antão Vasques, com o objetivo de entrar em Castela, partiu de Serpa e seguiu caminho de Aroche (ver mapa nº 127 para observar o itinerário; p. CCXC). De madrugada, chegou ao lugar e deu instruções ao *adaíl* Lopo Afonso para que “com todollos de cauallo que fossem corer e roubar aredor da uilla” (CDJ, II, cap. LIX, p. 145).

¹⁰³ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 374.

¹⁰⁴ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 229.

¹⁰⁵ CDF, cap. CXX, p. 430.

¹⁰⁶ CDJ, II, cap. XXXII, pp. 66.

e desvairadas cousas (...)”¹⁰⁷. Aquando do cerco de Chaves, (entre 15 de janeiro e 30 de abril de 1386) os capitães que foram forragear guardaram as azêmolas.¹⁰⁸

Acabada esta revisitação dos cargos presentes numa hoste medieval, podemos avançar para a análise do exército em movimento.

¹⁰⁷ CDF, cap. LXXVII, p. 270.

¹⁰⁸ “E el-Rey mandaua muy ameude aa forragem, e emtrauom per Galliza a oito e dez legoas, a terra de Porqueira e de Sandiaães e dAlhariz e outros logares daquela comarca, e boons capitães em guarda das azêmelas, que sempre hiam bem duas mjll, e as vezes mais; e uinham carregadas de pam e de carnes e de castanhas e nozes e doutros mantimentos, e dalgum pouco de uinho (...)” (CDJ, II, cap. LXV, pp.155-156); (Ver mapa n° 132 para observar o itinerário; p. CCCII).

3 – O exército em movimento

De modo a atingirem os seus objetivos estratégicos, os exércitos medievais tinham de se deslocar em marcha. Este momento de uma campanha era sempre difícil e aquele em que um exército corria mais riscos, algo para o qual os tratadistas militares da época alertavam e avisavam¹⁰⁹. A coluna de marcha, apesar de todos os mecanismos de defesa que podiam ser implementados, acabava por ser vulnerável. Movimentar um exército era algo que tinha de ser planeado, de modo a evitar que se perdessem, que ficassem sem mantimentos ou que fossem emboscados.

Antes de nos debruçarmos sobre a análise dos mecanismos de defesa que podiam ser implementados para aumentarem a segurança da deslocação, e dos perigos que a hoste podia enfrentar, temos de analisar como era organizada a coluna de marcha.

3.1 – A coluna de marcha

A deslocação em marcha constituía um importante desafio. Neste momento delicado a hoste formava uma única e extensa coluna¹¹⁰. Desta forma, e por imposição da configuração das estradas e caminhos medievais, que não excediam os três a cinco metros de largura¹¹¹, a hoste evitava fragmentar-se em pequenas colunas isoladas, algo que poderia acarretar perigos, uma vez que se ficava mais vulnerável a ataques inimigos. A coluna de marcha era composta por todos os combatentes e não combatentes¹¹² que

¹⁰⁹ No capítulo VI do III livro do *EPITOMA REI MILITARIS*, Vegécio alerta para esses riscos (VEGÉCIO, *Compêndio da Arte Militar*, trad. de José Eduardo Braga e João Gouveia Monteiro, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009, pp. 269-277).

¹¹⁰ MONTEIRO, João Gouveia, “Estratégia e Tática Militares”, in *Nova História Militar de Portugal*, dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 1, coord. de José Mattoso, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, p. 218.

¹¹¹ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 230.

¹¹² Para além dos combatentes a hoste também integrava não combatentes como mercadores, mesteirais, mulheres... Na iminência da Batalha de Aljubarrota, através de uma passagem ficamos a saber que a hoste castelhana trazia alguns mercadores: “cariagem que contam que eram tantas mjll caretas, que trariam mantimentos e armas e cousas pera vemder dalguns mercadores.” (CDJ, II, cap. XXXVII p. 84); (ver mapa nº 119 para observar o itinerário; p. CCLXVIII). Durante o cerco de Chaves, empreendido entre fevereiro e março de 1386, D. João I solicitou reforços de Lisboa. Ficamos a saber que no contingente armado que Lisboa armou e enviou iam “dous alueitares e dous ferradores e dous sselheiros e dous trombetas e dous alueitares e dous ferradores e dous sselheiros e dous correheiros e huum jogral; e todos pagados por tres meses, saber, março e abril e mayo (...)” (CDJ, II, cap. LXVI pp.157); (ver mapa nº 134A para observar o itinerário; p. CCCVI). Numa passagem referente a maio de 1386, ficamos a saber que o condestável, depois de uma romaria a Santa Maria do Azinhoso, expulsou do arraial de Castelãos todas as mulheres que acompanhavam os combatentes: “E estando assy em terra de Bragamça, mandou poer em obra huuma cousa que muyto auya que tinha vomtade de o fazer, vemdo que o comtrairo era perigoso pera homens que

integravam a hoste, assim como o trem de apoio, que em regra, salvo determinadas exceções¹¹³, acompanhava os exércitos medievais.

Assim, a coluna formada pelos exércitos medievais teria dois homens a cavalo de largura, em fileiras que distanciavam entre si cerca de 2,5 a 3 metros. Caso a coluna fosse composta por peões, teria três homens em fileiras que distanciavam cerca de 1,5 a 2 metros¹¹⁴. Desta forma, contando também com a carriagem, a coluna formava, dependendo das dimensões, uma extensa linha que se alongava por vários quilómetros. Numa passagem da *Crónica Del Rey Don Juan, Primero de Castilla e de León*, quando a hoste castelhana chegou ao campo onde se ia dar a Batalha de Aljubarrota, conseguimos perceber que a coluna se devia estender por vários quilómetros, uma vez que “aún pieza de los omes de pie ballesteros e lanceros non son llegados, ca vienen com las acémilas e com las carretas de la hueste”¹¹⁵. Segundo Costa Veiga, talvez com algum exagero, a coluna castelhana que rumou a Aljubarrota devia ter uns 50 km de extensão¹¹⁶.

Através das crónicas analisadas, verifica-se que existiam dois tipos de coluna de marcha: a que era formada quando não existia qualquer tipo de perigo à vista; e a que era

em guerra auyam de continuar; a quall foy esta: que por quamto os de sua companhia tragiam todos mancebas, também os que eram casados como os que nom eram casados, hordenou que nenhuu dhij em diante nom trouesse molher comsigo, e se alguma fosse mais achada no areall, que fosse logo açoutada pubricamente per elle.” (CDJ, II, cap. LXX, pp.165-166); (ver mapa nº 137 para observar o itinerário; p. CCCXIV).

¹¹³ Em determinadas situações, para transitar e chegar mais rápido ao destino, a hoste abdicava de transportar o trem de apoio que reduzia a velocidade de deslocação. Nas crónicas encontramos alguns episódios que nos demonstram que os comandantes militares podiam abdicar do trem de apoio. No mês de agosto de 1384 depois de tomaram Arraiolos, os castelhanos desafiaram Nuno Álvares Pereira para a batalha. Antes que estes fossem contra ele, Nuno Álvares partiu de Évora e foi ao encontro deles, não levando consigo azémolas e carriagem: “E ell partio logo com todos mui hordenadamente, e foi aallem da quintãa dOliveira, pouco mais dhûua legoa da çidade, e naquell logar se deteve e esperou os emmigos, Alli comera NunAllvarez se tevera que, ca ell nom mamdou levar azêmelas nem outra carriagem, emtemdendo que tiinha a batalha muito prestes, como chegasse; por quanto os Castellaãos eram muitos, e elles mui poucos em comparaçom deles” (CDJ, I, CXLVI, p. 261); (ver mapa nº 82 para observar o itinerário; p. CLXXX). Nos finais de 1396, quando o Mestre de Santiago de Castela, dom Lourenço Soarez de Figueyora, o mestre de Calatrava e de Alcântara entraram em Portugal pela comarca alentejana, o monarca português juntamente com o condestável, Nuno Álvares, apressaram-se em ir ao encontro dos castelhanos, e para o efeito, quando partiram de Coimbra “aforando-sse de sobeja carryajem e azemallas, saluo das bestas neçessarias, amdando tam rijo e tamanhas jornadas que se perdiam muytas dellas” (CDJ, II, cap. CLX, p.337); (ver mapa nº 169 para observar o itinerário; p. CCCXCI).

¹¹⁴ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, pp. 230-231; MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 377; GARCÍA FITZ, Francisco, “El Viaje de la guerra”, in *Viajar en La Edad Media - XIX Semana de Estudios Medievales*, Logroño, Insituto de Estudios Riojanos, 2009, p. 154.

¹¹⁵ CDJU, año VII, 1385, cap. XIV, pp.598-602.

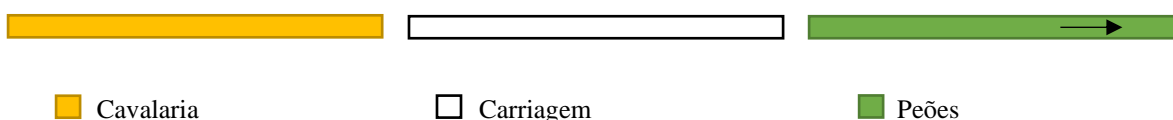
¹¹⁶ Citado por (MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 231).

concebida quando se progredia em território inimigo, ou quando o adversário se encontrava na proximidade.

No primeiro caso, quando a hoste progredia no próprio território ou em território aliado, os peões encabeçavam a coluna, desta forma evitavam a poeira levantada pelos cavalos. De seguida, vinha a carriagem. Neste tipo de marcha, esta vinha sempre a meio da coluna. Por fim, a fechar vinha a cavalaria. Podemos considerar que durante esta marcha, menos exigente em termos de rigor tático, os combatentes não iriam totalmente armados, com o respetivo equipamento sendo transportado na carriagem de apoio, em carros ou no dorso de animais de carga¹¹⁷. Conforme indicou João Gouveia Monteiro, nesta marcha, a comodidade sobrepunha-se à urgência¹¹⁸. Numa passagem da *Crónica de D. Fernando* e também descrita de igual modo na *Crónica do Condestável*¹¹⁹, podemos observar esta formação de marcha. Durante a terceira guerra fernandina, com o objetivo de se fazer uma incursão em Castela, a hoste avançou de Vila Viçosa para Elvas (ver mapa nº 26 para observar o itinerário; p. LIV), em julho de 1381, da seguinte forma:

“(…) “repartirom certos capitães que levassem a avanguarda, (...) e porque entenderom que ainda podiam hir sem empacho dos emmiigos ataa Elvas, hordenarom que todollos homens de pee e carriagem fossem pelo caminho dereito ante a avanguarda, rregidos e concertados pera qualquer cousa que lhes avehesse.”¹²⁰

No seguinte esquema podemos ver uma representação deste tipo de coluna de marcha:



No segundo caso, quando a hoste normalmente progredia em território inimigo, ou existia uma real situação de perigo, havia que tomar medidas que diminuíssem a vulnerabilidade. Deste modo, a coluna deveria levar uma ordem que permitisse, caso fosse necessário, colocar-se em posição de batalha o mais rápido possível¹²¹. Segundo as crónicas, neste tipo de situações, a vanguarda da coluna era encabeçada pela cavalaria e

¹¹⁷ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 379.

¹¹⁸ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 230.

¹¹⁹ CDC, cap. IX, pp. 16-17.

¹²⁰ CDF, cap. CXX, p. 430.

¹²¹ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 230.

o comando pelo condestável. Mais adiante era comum seguir um destacamento de ginetes, isto é, de cavalaria ligeira, “por aver novas dos emmiigos omde erã”¹²². De seguida vinha a infantaria, a carriagem e as alas (esquerda e direita), que ladeavam a carriagem e a coluna. Assim garantiam uma melhor proteção à marcha. Na retaguarda, por fim, seguia o rei. Se compararmos com a coluna de marcha romana, observamos que não existiam grandes diferenças. A frente também era encabeçada por um corpo de cavalaria, que progredia para descobrir o terreno. A meio da coluna, vinham as legiões e os trens, ladeados pelas alas. Por fim, vinha a retaguarda, que era composta, sobretudo, por tropas auxiliares e novos recrutas. Ao contrário do exército medieval, o general ia no centro da coluna, protegido pela sua guarda¹²³.

Nas crónicas estudadas, observamos várias vezes esta ordem da coluna de marcha. Em julho de 1385, quando a hoste régia partiu da barca dArrayollos, devido à proximidade do inimigo que se encontrava em grande número em Santarém (ver mapa nº 109 para observar o itinerário; p. CCXLIII), “(...) começaram damdar, leuando el-Rey suas gemtes hordenadas em batalha. (...) E o Comdestabre leuaua a uamguarda, e el rey a reguarda.”¹²⁴. Um mês depois, um pouco antes da batalha de Aljubarrota, quando a hoste partiu de Tomar para Ourém e deste lugar para Porto de Mós (ver mapa nº 119 para observar o itinerário; CCLXVIII), face à proximidade do adversário, conseguimos observar esta ordem da coluna de marcha:

“Partio estomçe el-Rey de Tomar com aquella hordenamça que ally fezera: O Comdestabre na avanguarda e allas, o page (tendo) o balsom tendido e o alfferez a bandeira na fumda, e el-Rey na reguarda com aquelles que era hordenado; e com este regimento chegarom a Ourem, que eram dally tres legoas (...) Ao sábado seguynte partio el-Rey dOurem, e o Comdestabre antel com a auamguarda”¹²⁵.

Em outubro de 1385, quando o condestável entrou em Castela (ver mapas nº 125A e nº 125B para observar o itinerário; p. CCLXXXI; p. CCLXXXIII), também conseguimos observar esta disposição da coluna de marcha:

“Em outro dia, ante que partisse, hordenou sua batalha dauamguarda e reguarda e allas derecha e ezquerda; saber, el naumguarda, que doutra pessoa nunca fiaua, com aquelles que lhe prougue; e o prioll dOspital na regarda com certos caualleiros e outras gentes; e Gomçalleannes de Castell da Ujde em huuma das allas, e Martym Afomsso de Mello em

¹²² CDJ, I, cap. XCIV p.156. A 6 de abril de 1384, quando Nuno Álvares Pereira partiu de Estremoz em direção à Fronteira (ver mapa nº 55 para observar o itinerário; p. CXV), devido à proximidade dos castelhanos, mandou adiante um destacamento de ginetes para baterem o caminho.

¹²³ ARGUÍN, Menéndez; RÁUL, Adolfo, *El Ejército Romano en Campaña*, España, Universidade de Sevilha - secretariado de publicaciones, 2011, p. 272.

¹²⁴ CDJ, II, cap. XXIII, p. 47.

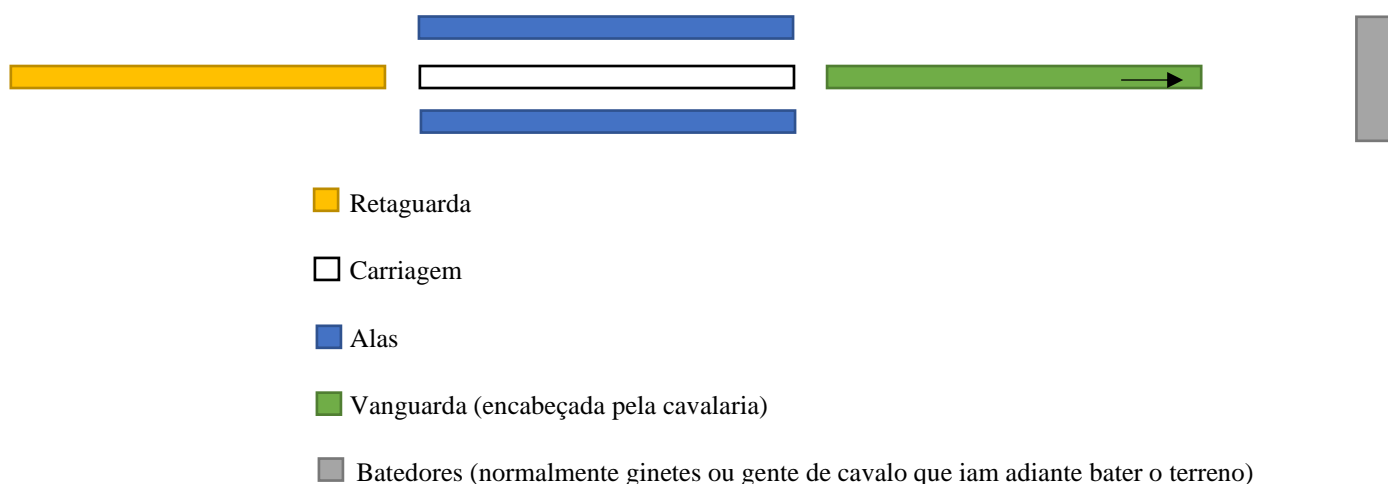
¹²⁵ CDJ, II, cap. XXXIII, pp. 70-71.

outra; e a caryagem em meo, e homens de pee e besteiros em seus logares, regidos como compria. E assy amdauom todos muyto de seu vagar per homde quer que o Comde queria.”¹²⁶

Ainda no início da campanha anglo-portuguesa, em março de 1387, quando a hoste de D. João I e do Duque de Lencastre partiu de Babe para Benavente (ver mapa nº 154 para observar o itinerário; p. CCCLII), a coluna de marcha levava esta organização:

“E camjnhamdo pera alla, hiam hordenados todos em batalha a cauallo; saber, Nunalvarez Pereira, comdestabre de Portugall, e Monsire Joham dOlamda, comdestabre do Duque, na avanguardia, e o Priol do Spital; e em huuma das allas Martym Vaasquez da Cunha e Gill Vaasquez e Lopo Vaasquez, seus jrmaãos, e a gemte do Mestre de Christus com os caualleiros da hordem e gemtes de suas (terras), ca el era doemte e nom podia la hir. E leuauom em uez de bamdeira huum grande prumam e huuma lamça darmas, porque o Mestre nom tragia bamdeira des que fora preso com o Priol do Crato em Tores Nouas, como ja ouujstes. E mais, na outra alla hija Gomçallo Vaasquez Coutinho e Ruy Mendez de Vasconçellos com outros fidalgos que hiam na sua quadrilha. E na reguarda hija el-Rey e o Duque com muyta gemte darmas, e a cariagem toda em meo; e tomaua gram praça de campo a ordenança destes gemtes, que era assaz fremossa de uer e espantossa a seus emmjgos.”¹²⁷

No seguinte esquema, podemos ver uma representação deste dispositivo de marcha:



Deste modo, caso a coluna se confrontasse com o inimigo, a hoste conseguia formar rapidamente o seu dispositivo tático. Os tratadistas militares recomendavam que os comandantes militares dedicassem uma especial atenção à proteção da retaguarda e da carriagem, uma vez que eram os pontos mais vulneráveis de uma coluna de marcha¹²⁸. Em caso de ataque, de modo a tentarem salvar os seus pertences, que eram transportados

¹²⁶ CDJ, II, cap. LIV, p. 133.

¹²⁷ CDJ, II, cap. C, p. 215.

¹²⁸ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 232.

na carriagem, os combatentes tinham a tendência para abandonar as fileiras¹²⁹. Por este motivo a carriagem era colocada no meio, ladeada pelas alas. As alas também deviam permanecer em estado de alerta permanente, uma vez que os flancos da coluna também se caracterizavam por serem pontos vulneráveis suscetíveis a ataques de flanco¹³⁰. Em caso de ataque, pelo facto de mostrar as costas ao inimigo, a retaguarda podia ser mais facilmente surpreendida, sendo também por isso mais difícil de se defender. No entanto, apesar de ser um dos pontos mais vulneráveis da coluna, era na retaguarda que se encontrava o rei. Assim, em caso de batalha, este já se encontrava na devida posição¹³¹. Uma vez que era o lugar onde ia o monarca e um dos lugares mais vulneráveis da coluna, era de se supor que a retaguarda estivesse mais bem protegida, ou seja, mais apetrechada de homens. De facto, segundo García Fitz, em termos de força e de tamanho, a vanguarda e a retaguarda da coluna seriam desiguais, sendo na retaguarda que se encontraria a força maior. Isto não só se devia ao facto de a retaguarda ser um dos pontos mais vulneráveis da coluna, mas também a um fator psicológico. Em caso de perigo e necessidade custava mais aos homens da vanguarda terem de ir em ajuda da retaguarda, do que ao contrário¹³². Apesar de a retaguarda vir mais bem nutrida, não significava que, em caso de perigo, não pudesse vir a ser acorrida por forças da vanguarda e que o rei não se movesse para uma posição mais segura. Foi o que aconteceu aquando do regresso em maio de 1387 da hoste anglo-portuguesa para Portugal (ver mapa nº 158 para observar o itinerário; p. CCCLXIV). No caminho perto de Salamanca foram surpreendidos por uma força castelhana que tentou atacar a retaguarda da hoste:

¹²⁹ De modo a evitar estas situações, o *Regimento da Guerra* exortava: “(...) por cousa que vejam, nem ouçam, nem sahirom a escaramuçar, nem fora do Regimento, e governança que levarem per nenhũa guisa do mundo; nem correrom a cervo, nem a raposo, nem a lebre, nem a coelho, nem a outra cousa geralmente, porque muitas vezes aconteceo já per aazo destoa hoste receber grande perigoo” (“Do Regimento da Guerra” in *Ordenações Afonsinas. Livro I*. Nota de apresentação de Mário Júlio de Almeida Costa; nota textológica de Eduardo Borges Nunes. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, 5 vols. (reprod. fac-simile da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra, em 1792), p. 292).

¹³⁰ Na entrada que o condestável realizou em Castela nos finais de maio de 1398, quando a hoste se dirigia para Villalba de los Barros, alguns ginetes do mestre de Santiago de Castela encontravam-se relativamente próximos da hoste portuguesa, acompanhando as movimentações. Temendo que pudessem fazer alguma investida, Martym Afonso que levava a ala direita “correo empos elles ataa em ençarrar’llos honde o meestre estava mirando de muy longe e tornou’sa pera sua alla.” (CDC, cap. LXVIII, p. 170). Mais tarde, quando a hoste se dirigia para Zafra, duzentas lanças castelhanas vinham a acompanhar as movimentações, temendo que pudessem fazer dano “Gonçalleannes dAbreu, que huma das allas leuaua com outros capitaães, correo apos duzentas lanças de castellaãos, que vinham myrar a hoste, huma gramde legoa, que (o) não oussaram datemder, pero leuasse bem pouca gente.” (CDJ, II, cap. CLXVII, p.354); (ver mapa nº 172 para observar o itinerário; p. CD).

¹³¹ No campo de batalha o monarca encontrava-se posicionado na retaguarda.

¹³² GARCÍA FITZ, Francisco, *Castilha y León frente al Islam: Estrategias de expansión y tácticas militares (siglos XI-XIII)*, 2ª Edição, Sevilha, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 2005, p. 152.

“A hoste vijnha bem hordenada com sua avanguarda e allas e a cariagem em emo e el-Rey e o Duque na reguarda. Diogo Lopez, deseiamdo de lhe fazer nojo, chegou-sse tanto aa gemte da reguarda que eram açerca de os poder remessar. El-Rey, quamdo vyo que tal fouteza mostrauom contra elle, mouido com sanha passou pella cariagem e chegou a avanguarda e allas, e disse ao Comde que se alguma gemte leuaua bem emcaualgada, que a escolhesse (e) el jssso mesmo mandarya da sua, e que fossem aaquellas gemtes que tal desprezamento mostrauom contra elle. O Comde disse que tam bem emcaualgada gemte nom tragia e que tal escolha faria gram detemça, mas que passasse a cariagem e el com a reguarda, e el hiria a elles com esses que o seguir podessem. Emtom passou a carriagem e desy el-Rey, cuydando os emmjgos que o faziam com medo. Em esto sayo o Comde rijamente a elles e alguuns del-Rey em sua companhia (...)”¹³³

Como podemos observar nesta passagem da *Segunda Parte da Crónica de D. João I*, face à ameaça existente, o monarca português descoloca-se para a vanguarda e o condestável para a retaguarda. Afastado o perigo, “Tornou-sse o Comde a avanguarda e a hoste aa hordenança em que amte vinha, (...)”¹³⁴.

Através das passagens acima transcritas, uma vez que foi possível ao monarca trocar de lugar com o condestável, deduzimos que a vanguarda e a retaguarda não deviam estar demasiado distantes uma da outra. De facto, o comandante da hoste devia assegurar que a coluna marchasse toda a um ritmo cadenciado e disciplinado. Deste modo evitava-se qualquer desorganização na ordem de marcha da coluna e não se cavava um grande espaço entre a vanguarda e a retaguarda¹³⁵. Desta forma, garantia-se que todos os integrantes da coluna se mantivessem em contacto e, em caso de um ataque inimigo, seria mais fácil socorrerem-se mutuamente. Esta estratégia impedia também que os combatentes da coluna perdessem o contacto visual com os restantes e evitava que não se perdessem ou ficassem isolados em território inimigo.

Por fim, a boa organização da coluna de marcha dependia também de um eficiente sistema de comunicação. Cabia aos “estafetas” assegurar a comunicação entre os comandos das diversas unidades¹³⁶. Em auxílio desta missão também intervinham as “trombetas”, que por meio de sinais sonoros facilitavam a transmissão de mensagens e ordens entre os vários sectores da coluna de marcha¹³⁷.

¹³³ CDJ, II, cap. CXI, p. 232.

¹³⁴ CDJ, II, cap. CXII, p. 233.

¹³⁵ MONTEIRO, João Gouveia, “Estratégia e Tática Militares”, in *Nova História Militar de Portugal*, dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 1, coord. de José Mattoso, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, p. 219; GARCÍA FITZ, Francisco, *Castilha y León frente al Islam: Estrategias de expansión y tácticas militares (siglos XI-XIII)*, 2ª Edição, Sevilha, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 2005, p. 153.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 219.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 219. Nas crónicas analisadas não encontramos qualquer passagem referente ao emprego de sinais sonoros enquanto a hoste estava em trânsito. Contudo, encontramos várias passagens referentes ao emprego de sinais sonoros, no momento em que a hoste levantava o arraial. Antes da hoste partir de um

3.2 – As dificuldades do caminho, cautelas especiais

Como vimos no capítulo anterior, podemos constatar que a coluna de marcha apresentava algumas fraquezas. Para colmatar essas vulnerabilidades, como também vimos anteriormente, a coluna de marcha optava por uma configuração que permitisse mitigar as fragilidades e possibilitasse aos combatentes, em caso de necessidade, colocarem-se rapidamente nas posições de batalha. Mas, apesar de todos os esforços e precauções, as forças em trânsito nunca se encontravam colocadas de forma ideal para enfrentar eventuais ataques inimigos¹³⁸. Não bastando as vulnerabilidades da coluna de marcha, os exércitos em trânsito enfrentavam outros géneros de perigos. Na marcha podiam deparar com passagens ingratas (desfiladeiros ou cursos de água), ou tempestades que poderiam, como veremos mais adiante, causar grandes perdas. De modo a evitar obstáculos como estes, suscetíveis para o inimigo lançar emboscadas e para garantir o bom sucesso da expedição, era necessário conhecer bem o caminho que a hoste iria levar. Daí a importância do papel dos adais e dos mapas itinerários, que deveriam conter ilustrações, baseadas no aspeto visual e no cálculo das distâncias, que facilitassem as escolhas do comandante da hoste, relativamente ao caminho a escolher¹³⁹. No entanto, também existia o perigo e a possibilidade destes guias se perderem e errarem o caminho. Isto acontecia sobretudo quando a hoste transitava à noite ou era surpreendida por um inesperado nevoeiro ou por uma tempestade.

No Verão de 1384 (entre agosto e setembro¹⁴⁰), quando Nuno Álvares Pereira decidiu partir de Palmela e avançar, furtivamente, durante a noite até Almada (ver mapa nº 83 para observar o itinerário; p. CLXXXIV), os guias, achando que já se encontravam perto de Almada, acabaram por constatar que se encontravam bastante longe:

“E amdou toda aquella noite bem sete legoas, e as mais dellas fora do caminho. E as guias nom sendo bem çertas, desi as treevas huû pouco espessas, cuidarom que era ja preto dAlmadaâ; e NunAllvarez se deteve já quamto, e dormirom senhos poucos; e quamdo sse levantaram e começou de amanheeçer, virom que eram mais lomge do logar que pemssavom”¹⁴¹

lugar, eram dadas as trombetas. Ver capítulo *O descanso durante a viagem: os acampamentos* (pp. 76-90) onde abordamos esta temática.

¹³⁸ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 231.

¹³⁹ *Idem, ibidem*, pp. 232-233.

¹⁴⁰ VIEGAS, Valentino, *Cronologia da Revolução de 1383-1385*, Lisboa, Editorial Estampa, 1984, p. 132; WERMERS, Manuel Maria, "Nun'Álvares Pereira. A sua cronologia e o seu itinerário", in *Lusitania Sacra*, 1ª Série, nº5 (1960-1961), Centro de Estudos de História Eclesiástica, Lisboa, 1961, p. 28.

¹⁴¹ CDJ, I, cap. CXLVII, p. 265.

Situação semelhante foi a que ocorreu no mês de agosto de 1384, após um impasse no Divor a hoste de Nuno Álvares Pereira apossada pela falta de mantimentos, teve de regressar a Évora durante a noite. Na “retirada” os portugueses foram surpreendidos por uma grande tempestade, que fez com que muitos homens se perdessem e fossem dar ao arraial do inimigo:

“hordenou de sse tornar aquella noite a Evora, pera em outro dia tornar aa batalha percebido de mantimentos, se lha quisessem poer; a quall noite foi de grande tempestade dagua e de sarraçom, e o rrecolhimento perigoso; de guisa que alguûs emnhalheavom a terra, e nom sabemdo viinr pera a çidade, hiam dar no arreal dos Castellaãos, e alli os filhavom e tomavom por prisioneiros; outros ficavom pellas vinhas comemdo huvas, e alli os achavom seus emmiigos e premdiam e matavam.”¹⁴²

No dia 24 de outubro de 1384, o Mestre de Avis partiu de Lisboa, com o intuito de tomar Sintra (ver mapa 88 para observar o itinerário; p. CXCIV), que tinha voz por Castela. No caminho a hoste foi apanhada por uma grande tempestade, que ao chegar da noite levou a que o guia se perdesse. Os homens também se separavam uns dos outros. Devido a esta tempestade o futuro monarca português não conseguiu atingir o destino pretendido:

“E elles himdo pelo caminho, nô mui lomge da çidade, nçerom no çeeo hûas leves nuveês com escuro emvorilhamento molhando a terra de ligeiros orvalhos; e creçemdo mais sua espessura, foi assi ho aar cuberto de negridom chuivosa, que a noite mostrou sua grande tristeza, ante das horas perteeçentes. Os motes começaram de sse lavar com multidom de grossas chuivas, e deçemdo aas estradas, seu trigoso escorrimento dava gram torva aos armados que queriam seguir seu caminho; de guisa que dos pobres rregatos, (...) se faziam tam grandes rribeiros, que poinham espanto de sse poder passar. (...); assi que os rrios creçemdo fora de mesura e cobrimdo as acostumadas pomtes, aadur eram os homeês ousados de provar seu medroso passamento. O Meestre nom embargamdo isto, seguia seu caminho passo e passo (...) Em este comeos, seemdo já as treevas de todo carradas, com imfernall escuridom, nação de sospeita huû pesado soom avomdoso de grandes ventos mesturado com sarraçom e saraiva (...) Em tanto que a guia que os levava, pordeo de todo ho esmo da terra, que mui notavelmente sabia, e as gementes começaram de sse esperder huûs dos outros e nom sabiam que fazer, nem pera homde fossem, seemdo já hûas quatro legoas da çidade, segumdo a manhaâ depois mostrou. Delles açertavom per aquecimento em casaaes e faziam sahir fora seus donos que lhe mostrassem per homde aviam dhir; e nehuû podia dizer nem mostrar cousa que lhes aproveitar podesse. Huûs topavom com os outros nom veemdo caminho nem em que logar eram, e leixavomsse estar quedos, espamitados de tam desmesurada noite. (...) que nom fossem mais por deamte, mas cada huû trabalhasse de sse tornar, se emtemdesse açertar caminho, ou per homde melhor podesse.”¹⁴³

Em maio de 1387, durante as operações de cerco a Villalobos, o monarca português enviou alguns forrageadores para a região circundante (ver mapa nº 155 para observar o itinerário; p. CCCLV). Os capitães que iam a guardar as azémolas, pelo grande

¹⁴² CDJ, I, cap. CXLVI p. 262.

¹⁴³ CDJ, I, cap. CLXIV, p. 310.

nevoeiro que se levantou, acabaram por se perder no regresso ao arraial; além disso, acabaram por deparar com os inimigos:

“Em esto mandou el-Rey aa herua e por guarda dos que la hiam Martym Vaasquez da Cunha e seus jrmaãos e outros fidalgos com çertas gemtes. E partimdo do areall as azemellas e muytos dos que hiam por guarda dellas, ficarom detras per aqueçimento Martym Vaasquez e Gill Vaasquez e Lopo Vaasquez, seus jrmaãos, e Maaborny e Louremço Martiinz do Avellaar e Joham Portella, e doutros escudeiros e caualleiros ataa dezoyto; e hiam fallamdo muyto de seu vagar, fazendo aquell dia huum gram neuoieiro e a menhaã nom bem descuberta. E sem paramdo mentes que terá leuauom per aazo daquell espesso aar, erarom o camjnho. E semdo já huuma grande legoa do arreal, forom dar comsigo na ribeira que vem de Mayorgas, homde jaziam iijº. lamças de castellaãos e muytos homeens de pee amtre huuns vlmos que ally avija, homde dormiram essa noite; de que eram capitães dom Fradrique, duque de Benaumte, jrmaão bastardo del-Rey, e Aluaro Perez dOsoiro e Ruy Pomçe de Leom e outros”¹⁴⁴

Nas passagens acima transcritas, podemos observar que era possível, em condições adversas, um bom guia perder-se. Algo que, como vimos, podia causar sérias complicações. De modo a evitar, ou pelo menos a atenuar, os problemas suscitados pelas condições meteorológicas adversas, a guerra tinha início, por norma, na primavera e terminava no tempo em que começavam os primeiros frios e chuvas, ou seja, no outono¹⁴⁵. Esta escolha devia-se a fatores logísticos. Como veremos num capítulo mais adiante, o abastecimento era feito, essencialmente, no terreno, pois a época das campanhas militares coincidia com a altura das colheitas e o momento em que havia mais pasto, essencial para os cavalos. A opção também se devia ao facto de as condições climáticas condicionarem a circulação. No inverno as chuvas e as neves enlameavam e inundavam muitas das estradas, de tal modo que algumas delas ficavam praticamente intransitáveis. Uma passagem referente ao cerco de Ciudad Rodrigo (ver mapa nº 10 para observar o itinerário; p. XX), lugar que tinha voz por Portugal, empreendido por Enrique II de Castela entre janeiro e março de 1370, leva-nos a crer que as estradas se encontravam intransitáveis ou que havia uma dificuldade de circulação, uma vez que, segundo o cronista “(...) as grandes chuvas que torvavom a vinda dos mantimentos (...)”¹⁴⁶. O caudal dos rios, nesse período do ano, também era maior, acabando muitas vezes por inundar e destruir pontes e por esconder os vaus, impossibilitando assim as travessias. As crónicas dão-nos a conhecer algumas destas situações. Não sendo inverno, no mês de abril de 1385, Nuno Álvares Pereira, com o intuito de ir a Santiago de Compostela, teve de se deter numa aldeia junto do rio Minho (ver mapa nº 101 para observar o itinerário;

¹⁴⁴ CDJ, II, cap. CVIII, p. 224.

¹⁴⁵ GARCÍA FITZ, Francisco, “El Viaje de la guerra”, in *Viajar en La Edad Media - XIX Semana de Estudios Medievales*, Logroño, Insituto de Estudios Riojanos, 2009, p. 136.

¹⁴⁶ CDF, cap. XL, p. 130.

p. CCXXII) “(...) porque o ryo hya muy cheo que o nom podiam passar, (...)”¹⁴⁷. Através desta passagem deduzimos que no mês de abril o caudal do rio seria ainda elevado, de tal modo que impossibilitou a travessia da hoste do condestável. Nos finais de 1396¹⁴⁸, depois de o Mestre de Santiago de Castela, dom Lourenço Soarez de Figueyora, o mestre de Calatrava e de Alcântara, acompanhados por muitas gentes da Andaluzia, entrarem em Portugal, no retorno para Castela tiveram algumas dificuldades a atravessar o Guadiana, de tal modo que grande parte da cavalgada ficou para trás (ver mapa nº 169 para observar o itinerário; p. CCCXCI). Segundo o cronista Fernão Lopes, se tardassem mais um dia não o conseguiriam mesmo transpor: “polla manhaã passarão os castellaãos Hodiana pelo porto de Serpa, himdo jaa a ribeira tam chea que lhe ficara gram parte da caualgada que nam poderá passar, e que se huum pouco mais tardarão, que nam ouueram vao por a muyta augua que no rio creçia, (...)”¹⁴⁹

Estas passagens revelam-nos também que, apesar da preferência e das vantagens de iniciarem as hostilidades no período compreendido entre o verão e a primavera, os comandantes militares medievais poderiam empreender as suas operações perto do inverno, ou até mesmo nessa estação. Nas crónicas encontramos várias ações armadas realizadas neste período do ano: o cerco empreendido por Enrique II a Ciudad Rodrigo ocorreu no mês janeiro de 1370 e durou até março daquele ano (ver mapa nº 10 para observar o itinerário; p. XX); a entrada de Enrique II em Portugal, pela comarca da beira, ocorreu no mês de dezembro de 1372 e alcançou Lisboa no dia 23 de fevereiro daquele ano (ver mapas nº 15A, nº 15B e nº 17 para observar o itinerário; p. XXX; p. XXXII; p. XXXVI); no mês de dezembro de 1383 o monarca castelhano, Juan I, entrou na Guarda e chegou a Santarém no mês de janeiro de 1384 (ver mapa nº 41 e nº 44 para observar o itinerário; p. LXXXV; p. XCI); no mês de janeiro de 1384 o Mestre de Avis tentou tomar Alenquer (ver mapa nº 43 para observar o itinerário; p. LXXXIX); no mês de fevereiro de 1384 Nuno Álvares Pereira realizou uma forragem no termo de Sintra (ver mapa nº 47 para observar o itinerário; p. XCVIII); o cerco empreendido a Torres Vedras iniciou-se por volta dos finais de outubro ou inícios de novembro de 1384 e estendeu-se até fevereiro

¹⁴⁷ CDC, cap. XLVI, p. 105.

¹⁴⁸ Segundo Manuel Maria Wermers, esta entrada ter-se-á dado entre outubro e novembro de 1396. (WERMERS, Manuel Maria, "Nun'Álvares Pereira. A sua cronologia e o seu itinerário", in *Lusitania Sacra*, 1ª Série, nº5 (1960-1961), Centro de Estudos de História Eclesiástica, Lisboa, 1961, pp. 67-68). Por sua vez Baquero Moreno, adianta que esta entrada ter-se-á dado em dezembro de 1396. (MORENO, Humberto Baquero, *Os itinerários de el-rei Dom João I: 1384-1433*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988, p. 69).

¹⁴⁹ CDJ, II, cap. CLX, p. 337.

de 1385 (ver mapas nº 89 e nº 91 para observar o itinerário; p. CXCVI; p. CC); o cerco empreendido por Nuno Álvares Pereira a Vila Viçosa ocorreu em dezembro de 1384 (ver mapa nº 94 para observar o itinerário; p. CCVI); o cerco empreendido a Chaves por parte de D. João I iniciou-se no mês de dezembro de 1386 e prolongou-se até finais de abril daquele ano (ver mapa nº 131 para observar o itinerário; p. CCC); no mês de dezembro de 1387 o Conde de Niebla entrou em Portugal e fez roubos na Vidigueira e Vila de Frades (ver mapa nº 161 para observar o itinerário; p. CCCLXXII); o cerco empreendido a Melgaço por D. João I iniciou-se no mês janeiro de 1388 e prolongou-se até inícios de março daquele ano (ver mapa nº 162 para observar o itinerário; p. CCCLXXV); em dezembro de 1396 o condestável e o Mestre de Avis empreenderam uma grande entrada em Castela na terra de Cáceres (ver mapa nº 171 para observar o itinerário; p. CCCXCVI); nos finais de dezembro de 1398, Diego Nunes de Serpa, juntamente com Gonçalo Vasques de Melo, alcaide do lugar e Álvaro Mendes de Beja entraram em Castela, passando por Aroche, Cortegana e Galaroza (ver mapa nº 177 para observar o itinerário; p. CDXVII).

A crónica também nos revela, para além dos problemas já mencionados, alguns outros constrangimentos que podiam ocorrer quando as operações eram levadas a cabo neste período do ano. Devido ao agreste frio que se fazia sentir nesta época do ano, alguns combatentes poderiam perecer. Foi o que aconteceu durante uma forragem a Viana de Bolo (ver mapa nº 132 para observar o itinerário; p. CCCII), que tinha como objetivo levar mantimentos para o arraial que se encontrava sobre Chaves¹⁵⁰, no regresso caiu neve e o frio que se fazia sentir acabou por matar muitos homens: “E huuma vez forom aa foragem a terra de Uiana de Bollo; e vimdo pera o areall cayo tamta neue na serra desspaço, em guissa que matou muytos homens e moços com frio.”¹⁵¹

O frio, para além de poder causar baixas, também afetava a disposição e a moral dos homens. Na entrada que o condestável fez com o Mestre de Avis em dezembro de 1396, conta-nos o cronista que na noite em que a hoste pernitoiu em Albuquerque, “(...) toda a gente padeçerom muyto com o desteperado frio toda a noyte.”¹⁵² (ver mapa nº 171 para observar o itinerário; p. CCCXCVI).

¹⁵⁰ As operações de cerco terão durado entre meados de janeiro e finais de abril de 1386.

¹⁵¹ CDJ, II, cap. LXV, pp. 155-156.

¹⁵² CDC, cap. LXVI, p. 158.

3.2.1 – A recolha de informações

O comandante da hoste, em estrita colaboração e contacto com o adaíl, de modo a evitarem caminhos complicados e emboscadas, recorriam a uma série de personagens para recolherem e obterem informações sobre o território, sobre a disposição e movimentações do inimigo. Em larga medida, o bom sucesso de uma expedição podia depender destas ações. Nas crónicas analisadas, encontramos referências explícitas e implícitas à forma como os comandantes podiam obter as informações relativas ao inimigo. Apesar de em alguns casos deixarem no ar a forma como as informações foram transmitidas e chegaram aos comandantes militares¹⁵³, na maioria das vezes os cronistas são esclarecedores. Começamos a nossa análise pelos “enculcas”, ou escutas, que desempenhavam um papel importante na recolha e transmissão de informação inteligente relativa ao adversário. Segundo João Gouveia Monteiro, estas figuras seriam autênticos espiões particulares dos reis, dos principais chefes militares e de algumas figuras da nobreza¹⁵⁴. Dentre os principais chefes militares, Nuno Álvares Pereira seria um dos que, segundo Fernão Lopes “em guerra e em tregoa tragia muyto ameude escuytas com os jmygos, por saber de seus feytos parte quando algum mouytmento quisessem fazer”¹⁵⁵.

Nas narrativas deste cronista, encontramos vários episódios envolvendo a missão destes indivíduos. Conta-nos o autor que quando Juan I de Castela, nos finais de dezembro de 1383, entrou em Portugal pela Guarda (ver mapa nº 41 para observar o itinerário; p. LXXXV), a preocupação do Mestre de Avis passou a ser conhecer as movimentações e o contingente militar que acompanhava o monarca castelhano, para tal “trazia emculca com ElRei de Castella (...), por saber as gemtes que com elle vinham, e que caminho queria trazer”¹⁵⁶. Em janeiro de 1384, enquanto o Mestre e Nuno Álvares Pereira tentavam

¹⁵³ A título de mero exemplo, em fevereiro de 1384 quando Nuno Álvares Pereira vinha da forragem de Sintra, “lhe chegou rrecado que aquelas gemtes estavom em Allamquer, e queriam viinr sobrell” (CDJ, I, cap. LXXI, p. 122); (ver mapa nº 47 para observar o itinerário; p. XCVIII). Envolvendo o mesmo comandante militar, na última semana de julho de 1384, antes de partir de Évora e ir tomar o castelo de Monsaraz “Soube per çerta emformaçom, que o escudeiro que era Alcaide, nom tiinha comssigo salvo sua molher, e poucos homeês, e que estava minguado de mantimento.” (CDJ, I, cap. CXLIII, p. 256); (ver mapa nº 79 para observar o itinerário; p. CLXXIII).

¹⁵⁴ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 242. Na *Crónica de D. Fernando* ficamos a saber que o infante D. João tinha ao seu serviço enculcas. Depois de ter assassinado a irmã da rainha D. Leonor de Teles, foi para Vilar Maior. Naquele lugar, através dos enculcas ficou a saber que o conde D. Gonçalo e o mestre de Cristo se dirigiam ao seu encontro para o matarem. (CDF, cap. CV, p. 380).

¹⁵⁵ CDJ, II, cap. CXCIX, p. 446. Em agosto de 1384, antes de partir de Évora, Nuno Álvares Pereira “(...) per suas emculcas que a Almadaã mamdou, soube parte do que Pero Sarmento e Joham Rodriguez de Castanheda, e outros alguûs fidalgos faziam;” (CDJ, I, cap. CXLVII, p. 263); (ver mapa nº 83 para observar o itinerário; p. CLXXXIV).

¹⁵⁶ CDJ, I, cap. LXIII, p. 107.

conquistar Alenquer, alguns dias antes de Juan I chegar a Santarém “chegou ao Meestre rrecado como se viinha pera alli dereitamente, e que trazia suas gentes espalhadas, e nom muito acompanhado”¹⁵⁷ (ver mapas nº 44 para observar os itinerários; p. XCI). Devido a esta informação, o Mestre de Avis, embora contra a vontade de Nuno Álvares Pereira¹⁵⁸, decidiu optar por uma ação mais defensiva e recolheu-se para Lisboa (ver mapa nº 43 para observar o itinerário; p. LXXXIX).

O mesmo cuidado também teve o monarca castelhano, quando empreendeu o cerco a Lisboa. De modo a saber as eventuais movimentações dos adversários que pudessem afetar as operações de cerco, incluindo o dia em que a frota portuguesa zarpsse do Porto (ver mapa nº 76 para observar o itinerário; p. CLXVII), Juan I não prescindiu do serviço dos “emculcas”¹⁵⁹.

Após a detenção de Álvaro Coitado pelo alcaide de Vila Viçosa¹⁶⁰, Vasco Porcalho, conta-nos o cronista que: “Nom tardou muito, que acerca desto, chegou huê dia pella manhaã huê emculca que Pero Rodriguez tiinha em Villa Viçosa; e disse que aquella noite que avia de viinr, aviam de levar Alvoró Coitado de Villa Viçosa pera Olivemça, (...)”¹⁶¹. Conhecedor desta deslocação, Pero Rodriguez, juntamente com alguns homens da sua confiança, partiu do Alandroal e foi para um local por onde eles haviam de passar para resgatar Álvaro Coitado. Através da informação do “emculca” foi possível resgatar o prisioneiro com sucesso (ver mapa nº 60 para observar o itinerário; p. CXXVIII).

E recorde-se a já aludida entrada em Portugal, ocorrida em finais de 1396, por parte do Mestre de Santiago de Castela, dom Lourenço Soarez de Figueyora, juntamente com o mestre de Calatrava e de Alcântara, acompanhados por muitas gentes da Andaluzia, conta-nos o cronista que através de “emculcas” ficaram a saber que o rei português se

¹⁵⁷ CDJ, I, cap. LXIII, p. 107.

¹⁵⁸ Nuno Álvares Pereira defendia “que emquamto elRei de Castella viinha com pouca gemte, amte que sse juntasse com elle mayor poder, que trouvesse emculca com elle, e quamdo chegasse a termo de Samtarem, que lhe sahissem eles de travessa ao caminho e que pelejassem com elle (...)” (CDJ, I, cap. LXII, p. 107).

¹⁵⁹ “Armamdosse a frota no Porto, e prestes pera partir como ouvistes, elRei de Castella tragia suas emculcas per caminho, de guisa que cada dia sabia novas do que sse fazia naquela çidade; e amte alguês dias que a frota ouvesse de partir, soube ell o dia certo em que avia de sahir de foz em fora;” (CDJ, I, cap. CXXIX, p. 220).

¹⁶⁰ Segundo Manuel Maria Wermers, o resgate ter-se-á dado em dezembro de 1384. (WERMERS, Manuel Maria, “Nun'Álvares Pereira. A sua cronologia e o seu itinerário”, in *Lusitania Sacra*, 1ª Série, nº5 (1960-1961), Centro de Estudos de História Eclesiástica, Lisboa, 1961, p. 32).

¹⁶¹ CDJ, I, cap. CII, p. 172.

dirigia, juntamente com o condestável, ao seu encontro¹⁶². Por este motivo retiraram-se rapidamente e retornaram para Castela.

Os comandantes militares também podiam obter informações importantes relativas ao adversário através de desertores que abandonavam a hoste inimiga. Na *Primeira Parte da Crónica de D. João I*, encontramos um episódio que nos demonstra a transmissão de informações por um desertor. Durante as convulsões que ocorrem em 1384 no Alentejo, o Comendador de Zalamea, juntamente com o de Calatrava, acompanhados de alguns homens de pé e de cavalo, partiram de Vila Viçosa com o intuito de “correr a terra” pela comarca de Évora (ver mapa nº 59 para observar o itinerário; p. CXXV). Conta-nos o cronista que:

“(...) hindo eles grande noite muito em cubertos, huê moço portuguees natural de Borva, que chamavom Rodrigo Vallejo, hia por page de huê Castellaão, que deziã Diego Gomçallvez Malldonado; e fugiolhe do caminho no quarto daalva, e foisse aa villa do Allandroall dar novas a Pero Rodriguez, Alcaide do logar, como aquellas gemtes eram emtradas a rroubar ho termo dEvora. E que eram duzentos homeês de pee, amtre almogávares e outra gemte; e çemto de cavallo com genetes que com eles hiam; e disselhe o caminho que levavom, e a falla omde aviam de hi fazer prea.”¹⁶³.

Fernão Lopes refere que o mesmo moço, para além de comunicar as movimentações do inimigo, acabou por indicar aos homens de Pero Rodriguez, alcaide do Alandroal, e a alguns escudeiros de Nuno Álvares Pereira qual o local por onde os castelhanos iriam passar (ver mapa nº 59 para observar o itinerário; p. CXXV). Desta forma, foi possível lançar uma emboscada. Escondidos numa zona baixa, desde as primeiras horas do dia, aguardaram que a cavalgada inimiga se aproximasse, lançando-se sobre eles e apanhando-os de surpresa, o que permitiu recuperar todo o saque.

Apesar de os comandantes militares confiarem nestas figuras, que os deviam manter informados, isso não significava que em determinadas situações não se pudesse duvidar da legitimidade da informação transmitida. Muitas vezes a desconfiança apoderava-se do comandante militar que duvidada das mensagens. Foi o que aconteceu quando o Mestre de Avis se encontrava em Lisboa, naquele lugar, chegaram-lhe informações que os moradores da vila de Santarém pretendiam combater com o monarca castelhano. Segundo as mensagens, o Mestre, também deveria embarcar e ir para o local, auxiliando o combate. Temendo a veracidade da informação a desconfiança surgiu. O receio é bem visível na descrição de Fernão Lopes: “e a moor duvida deste feito era se

¹⁶² “(...) por enculcas souberam de sua hida, e por em se foram asy trygossos” (CDJ, II, cap. CLX, p. 337).

¹⁶³ CDJ, I, cap. CI, p. 169.

aquelles rrecados que viinham eram verdadeiros, ou aazados per arte delRei de Castella, pera matar ou premder o Meestre, e todos aquelles que em ssa companhia fossem; e porê çessou de sse nom fazer.”¹⁶⁴. Receio idêntico também foi o dos homens de Pero Rodriguez quando já se encontravam posicionados no pinhal, por onde os castelhanos haveriam de passar, para resgatarem Álvaro Coitado. Face ao avanço da hora e à ausência de novas informações, “(...) começaram duvidar se era verdade o que lhe dissera; e deziã alguûs que esto podia seer treijom de aquell homem, de que Pero Rodriguez fiãra, os teer vendidos”¹⁶⁵. Face à demora e à apreensão de alguns dos seus homens, Pero Rodriguez decidiu enviar dois escudeiros juntamente com dois almogávares, para saberem o que se passava. Assim que chegaram a Vila Viçosa ficaram a saber que a escolta se preparava para sair e a sua composição aproximada. A informação viria a ser confirmada pelo “emculca” que mais tarde chegou ao pinhal onde a emboscada estava a ser preparada.

A preocupação e a dúvida relativa à veracidade da informação transmitida por estas personagens era mais do que legítima, uma vez que podiam estar a colaborar com o inimigo e ludibriar o comandante da hoste, relativamente ao número e composição do contingente militar, bem como, no pior dos cenários, conduzir o exército diretamente para o adversário ou para uma emboscada. Nas crónicas encontramos várias passagens que nos demonstram que nem sempre a informação correspondia à verdade e os problemas que assim se podiam causar aos exércitos em trânsito.

Durante o mês de dezembro de 1384, quando se encontrava em Elvas, Nuno Álvares Pereira recebeu informações segundo as quais alguns moradores de Vila Viçosa estavam dispostos a abrir-lhe uma porta do lugar, para que ele, juntamente com as suas gentes, pudesse entrar na vila. Acreditando na veracidade da mensagem, Nuno Álvares Pereira decide partir para o local (ver mapa nº 94 para observar o itinerário; p. CCVI). Contudo, a informação não correspondia à verdade, o Comendador Vasco Porcalho, que estava no lugar, havia concebido uma artimanha¹⁶⁶ para atrair Nuno Álvares Pereira. Assim que se aproximaram da dita porta, Fernão Pereira, irmão de Nuno, e Álvaro

¹⁶⁴ CDJ, I, cap. LXXII, p. 124.

¹⁶⁵ CDJ, I, cap. CII, pp. 172-173.

¹⁶⁶ “Vaasco Porcalho emganosamente escpreveo a Nuno Allvarez aquella carta, em nome de três ou quatro dos boôs do logar, dizendo que sse trabalhasse de chegar lla com suas gentes o melhor que podesse, pera tomar a villa e quantos eram demtro, e que el les lhe dariã emtrada; e que ell creemdo que era tal cousa verdade, sse demoveo da guisa que dissemos, e rreçbeo aquell gramde cajom e emgano.” (CDJ, I, cap. CLXXII, pp. 322-323).

Coitado, acompanhados de outros, foram surpreendidos pelos do lugar que já se encontravam à espera. Estes lançaram um *canto*¹⁶⁷ que atingiu mortalmente o irmão de Nuno Álvares; quanto a Álvaro Coitado, apesar de ter conseguido entrar pela porta, foi ferido e acabou por ser preso e levado para a vila¹⁶⁸. Mais tarde, durante aquele mês, quando estava a ser transportado para Olivença foi resgatado por Pero Rodriguez do Alandroal (ver mapa nº 60 para observar o itinerário; p. CXXVIII).

Em junho de 1386 durante o cerco de Cória (ver mapa nº 140 para observar o itinerário; p. CCCXX), encabeçado por D. João I e pelo condestável, o arcebispo de Toledo, “(...) segumdo lhe disserom”¹⁶⁹ acreditou que os contingentes envolvidos nas operações de cerco não passariam de trezentas lanças. Devido a este fator, decidiu juntar mil e quinhentas lanças e ir para o lugar (ver mapa nº 141 para observar o itinerário; p. CCCXXIII). Assim que se aproximou de Cória, pôde constatar que aquela informação não era verdadeira, as forças do monarca português seriam compostas por umas oitocentas lanças¹⁷⁰. Assim, por este motivo retornou para Salamanca.

Situação idêntica àquela com que Nuno Álvares Pereira se viu confrontado no mês de dezembro de 1384, foi a ocorrida em agosto de 1389, quando o monarca português recebeu em segredo a informação que Pay Sorodea queria entregar Tui. Por este motivo, D. João I deslocou-se ao local (ver mapa nº 165 para observar o itinerário; p. CCCLXXXII). Assim que chegou apercebeu-se das reais intenções do galego que, através de um ardil pretendia atrair o monarca para dentro do lugar e capturá-lo¹⁷¹.

Antes da hoste iniciar a marcha era extremamente importante, como já tivemos oportunidade de observar, que se recolhessem informações inteligentes relativas ao inimigo. Deste modo conheciam-se as movimentações e as dimensões do exército adversário. Através deste trabalho de autêntica espionagem, em alguns casos, mediante a informação que tinham disponível, era possível lançar emboscadas. Contudo, como

¹⁶⁷ Segundo Miguel Gomes Martins, os *cantos* seriam pedras aparelhadas de forma a apresentarem vértices (ou seja, cantos), para que tivessem um efeito perfurante. Esta arma de arremesso era despejada através das ameias ou dos mata-cães. (MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 411).

¹⁶⁸ “E Alvaro Coitado chegou todavia à entrada da porta da villa sem empedimento e, entrando, foy ferido de muytas e maas feridas pera a morte, e foy preso e levado aa villa (...)” (CDC, XXXVIII, p. 94).

¹⁶⁹ CDJ, II, cap. LXXV, p. 174.

¹⁷⁰ “(...) juntou o arcebispo de Tolledo mjll e quinhentas lamças pera vijr a eles, cuydamdo que seriam ataa .iijº lamças ou pouco mais, segumdo lhe disserom. E quamdo ouue deles vista, e vio como era verdade que seriam ataa huuns .viiijº., nom lhe ousou de poer a praça; e tornou-sse a Ssallamanca.” (CDJ, II, cap. LXXV, p. 174).

¹⁷¹ “o galego fazia-o com entençaõ de o colher dentro, segumdo alguns afirmauão, e que desto era el-Rey de Castella sabedor e por seu consentimento se fazia todo.” (CDJ, II, cap. CXL, p. 287).

também pudemos reparar nem sempre as informações transmitidas correspondiam à verdade e nalguns dos casos eram disseminadas de forma errada propositadamente, para atrair os exércitos para autênticas ciladas.

3.2.2 – Os batedores

No terreno, quando o contingente militar se punha em trânsito, era recomendável e de extrema importância, principalmente em território hostil ou quando o inimigo se encontrava nas redondezas, que o comandante da hoste, em estreita colaboração com o adail, recorresse a batedores de terreno. Estes deveriam ir adiante da coluna de marcha. Desta forma, os “corredores”¹⁷² faziam um prévio reconhecimento do terreno por onde iriam passar e evitavam que a hoste fosse apanhada de surpresa pelo inimigo. Para além da localização das forças inimigas, também detetavam a existência de obstáculos naturais que, para além das dificuldades que podiam colocar na passagem de um exército, podiam ser aproveitados pelo adversário para atacar a coluna de marcha, que beneficiava assim da desorganização momentânea que geralmente implicava a travessia¹⁷³. Nas crónicas encontramos várias vezes o emprego desta estratégia. No dia 6 de abril de 1384, momentos antes da batalha de Atoleiros, quando Nuno Álvares Pereira partiu de Estremoz em direção à Fronteira (ver mapa nº 55 para observar o itinerário; p. CXV), sabendo que o inimigo provavelmente se dirigia para aquele lugar, “mamdou deante alguês genetes, por aver novas dos emmiigos omde erã”¹⁷⁴. Igualmente, o mesmo cuidado teve o arcebispo de Santiago, D. João Manrique, que em 1384¹⁷⁵, antes de partir de São Romão e seguir em direção ao Porto (ver mapa nº 71 para observar o itinerário; p. CLV), também enviou adiante alguns ginetes¹⁷⁶ para descobrirem o terreno. Segundo o cronista, estes puderam vislumbrar os portuenses e constataram que se dirigiam para o lugar onde se encontravam as forças castelhanas. Face a este avistamento, os batedores “derom logo vollta, e disserom ao Arçebispo e aos outros que já pareciam no viso |de| Paramos.”¹⁷⁷.

¹⁷² Uma outra expressão utilizada vulgarmente para referenciar os batedores. Os batedores, em determinadas situações, também aparecem designados nas fontes pelo nome de ginetes, o que remete para o facto de se tratar de efectivos de cavalaria ligeira.

¹⁷³ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 382.

¹⁷⁴ CDJ, I, cap. XCIV, p. 156.

¹⁷⁵ Em data anterior a 30 de maio de 1384. (VIEGAS, Valentino, *Cronologia da Revolução de 1383-1385*, Lisboa, Editorial Estampa, 1984, pp. 122-123).

¹⁷⁶ “(...) veherom quatro genetes da parte dos Gallegos a descobrir terra;” (CDJ, I, cap. CXX, p. 206).

¹⁷⁷ CDJ, I, cap. CXX, p. 206.

Com estas informações, o arcebispo posicionou-se num lugar extremamente favorável. Similarmente, com o objetivo de vislumbrar o inimigo, na véspera da batalha de Aljubarrota, estando em Porto de Mós (ver mapa nº 119 para observar o itinerário; p. CCLXVIII), o condestável português comandou um corpo “com cento de cavallo, com cotas e braçaaes e lanças d’armas”¹⁷⁸ que se deslocou na direção de Leiria para tentar, subindo uns cabeços mais altos, avistar a coluna de marcha castelhana.

Ainda assim, os destacamentos de batedores não se limitavam a reconhecer o terreno. Algumas vezes podiam provocar deliberadamente o inimigo, tentando arrastá-lo para emboscadas¹⁷⁹. Foi o que aconteceu em 1384¹⁸⁰, quando Pero Rodriguez da Fonseca, alcaide de Olivença, com duzentos homens a cavalo e trezentos homens a pé, se posicionou no mosteiro de São Brás (ver mapa nº 62 para observar o itinerário; p. CXXXIII) e tentou armar uma cilada ao alcaide do Alandroal, para tomar a vila. Para tal, enviou quarenta ginetes a provocar os da vila, pretendendo assim que o alcaide saísse a eles e fosse encaminhado para o lugar onde se encontravam todos, de modo a capturá-lo. Contudo, isto não se concretizou porque o alcaide do lugar “mambara essa manhã descobrir terra per dous escudeiros contra Villa Viçosa; e a atallaya que vio os genetes deu aa campã, e derribou o cesto”¹⁸¹, dando assim o alerta atempadamente. Sempre que possível, os “corredores” encarregavam-se de provocar estragos entre a população adversária, lançando o pânico, capturando homens e gado¹⁸². Na entrada que o condestável fez com o Mestre de Avis em Castela, no mês de dezembro de 1396, antes de partirem de Elvas (ver mapa nº 171 para observar o itinerário; p. CCCXCVI) mandaram adiante, em duas partes, alguns homens a cavalo para tomarem prisioneiros e gado. Segundo o cronista, os “corredores preamdo pelo campo, toruamdo-lhe huma feira que naquele dia avyam de fazer; honde foram pressos e roubados alguns, e outros mortos e fogidos quamto mays podiam.”¹⁸³. Este tipo de missão, como teremos oportunidade de ver mais adiante, no capítulo dedicado à temática do abastecimento, constituía uma fonte preciosa de alimentos e receitas para o exército. Por fim, sempre que surgisse

¹⁷⁸ CDC, cap. LJ, p. 116.

¹⁷⁹ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 240.

¹⁸⁰ Em data posterior a 10 de abril de 1384. (VIEGAS, Valentino, *Cronologia da Revolução de 1383-1385*, Lisboa, Editorial Estampa, 1984, p. 118).

¹⁸¹ CDJ, I, cap. CV, p. 179.

¹⁸² MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 233.

¹⁸³ CDJ, II, cap. CLXI, p. 340.

oportunidade, os “corredores” deveriam capturar algum combatente ligado à hoste adversária para obterem informações preciosas¹⁸⁴. No dia 6 de agosto de 1385, depois de realizado o alardo em Tomar, o condestável ordenou “de mandar quatro ginetes que fossem tomar algum da companhia dos emmigos, por saber em certo que gentes tragia el-Rey e como asemtaua seu arreall e que guardas puinha de noite sobressy (...)”¹⁸⁵. A missão destes ginetes foi um sucesso, uma vez que conseguiram capturar um escudeiro inimigo a uma légua do arraial castelhano. Através deste ficaram a saber “nouas do areall dos emmjgos, que gentes eram e quantas e toda sua maneira”¹⁸⁶.

3.2.3 – Outras formas de obter informações

Por fim, de modo a concluirmos a nossa análise das formas como a hoste procedia à recolha de informação, teremos de analisar as embaixadas de última hora. Através de emissários, mensageiros e trombetas, que se encontravam ao serviço dos comandantes militares, podiam também ser obtidas informações preciosas relativas à composição e disposição das forças inimigas. Sob a capa de comportamentos cavaleirescos ou no cumprimento das normas e leis da guerra, estes indivíduos tentavam recolher informações que pudessem ser úteis para os seus comandantes. Nas crónicas encontramos vários episódios relativos ao emprego desta estratégia. Estando em Tomar no dia em que os ginetes do condestável capturaram um escudeiro castelhano, o monarca português “nom embargando o que este, escudeiro disse por mais auissamento e certidom das gemtes que el-Rey de Castella tragia”¹⁸⁷ tratou de enviar ao arraial castelhano que já se encontrava em Leiria o seu escudeiro Gonçalo Eanes Peixoto com uma mensagem de protesto e desafio ao monarca castelhano, Juan I. Contudo, as reais intenções do envio deste escudeiro eram outras, pois o rei português “emcomendou que esguardasse bem que gemtes eram e como coregidos e toda sua hordenança”¹⁸⁸. Uns dias depois, no próprio dia da batalha de Aljubarrota, 14 de agosto de 1385, o mesmo estratagema foi empregue pelos castelhanos. Horas antes do início do combate, quando se depararam com o inimigo colocado em posição de batalha, no caminho por onde haviam de passar (ver mapa nº 119 para observar o itinerário; p. CCLXVIII), “por avisoamento de ueer os portuguesses como

¹⁸⁴ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 233.

¹⁸⁵ CDJ, II, cap. XXXII, pp. 66-67.

¹⁸⁶ *Ibidem*, pp. 66-67.

¹⁸⁷ *Idem, ibidem*, cap. XXXIII, p. 68.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 68.

estauom,”¹⁸⁹ enviaram uma solene embaixada que incluía o marechal de Castela, Diogo Fernandez, o irmão de Nuno Álvares Pereira, Diogo Álvares Pereira e Pero López de Ayala. Enquanto discutiam largamente a questão político-militar, que opunha os dois exércitos, aqueles embaixadores observavam atentamente a hoste anglo-portuguesa. Em 1398, na entrada que o condestável Nuno Álvares Pereira fez em Castela, juntamente com o Mestre de Santiago, dom Mem Rodrigues de Vasconcelos e D. Lourenço Esteves de Goios, tenente da ordem do Hospital (ver mapa nº 172 para observar o itinerário; p. CD), a mesma estratégia também foi empregue. Quando a hoste portuguesa se encontrava em Villalba, no dia 1 de junho, o condestável enviou o escudeiro João Esteves Correia com uma carta sua ao arraial castelhano de Feria, lugar onde se encontrava o Mestre de Santiago de Castela e o Mestre de Calatrava. Antes de o escudeiro partir com a carta, o condestável deu as seguintes indicações,

“Leuay este escrito, (...) e day-o ao Mestre depois que lhe dysserdes o que vos mamdo. E sede avissado que não bebaees nenhuma coussa, posto que vos convidem; ca poderia ser que vos aconteceria por ello algum cajão, e nem esperamdo nos que tornassees com recado, viriam eles antre tanto de sospeita sobre nos, e receberiamos dapno deles. Mas paray bem mentes por toda sua maneyra, e que gentes saão, e como emdereuçades, e tornar-uos-hees logo.”¹⁹⁰.

Mais uma vez, através do trecho acima transcrito, conseguimos observar quais eram os reais objetivos destas embaixadas: observar o número, a composição e a disposição da hoste inimiga. As indicações do condestável ao mensageiro também são reveladoras e ilustrativas de uma preocupação e precaução. Por causa da sua missão, que envolvia alguns riscos, estes emissários deviam ter cuidado para não serem vítimas de armadilhas que os pudessem pôr em perigo ou à sua hoste. Neste caso o condestável recomendou ao escudeiro que não bebesse nada do que lhe fosse oferecido. Tal como o condestável anteviu, foram oferecidos comida e vinho ao mensageiro, mas este “fimgio que bebya, e não gostou nada, por o que lhe o Comde dissera.”¹⁹¹.

Esta prática era, de facto, muito usual e recorrente e constituía uma das formas que os comandantes militares tinham para obter informações relativas ao inimigo.

¹⁸⁹ CDJ, II, cap. XXXIV, p. 72.

¹⁹⁰ CDJ, II, cap. CLXIV, p. 347.

¹⁹¹ *Idem, ibidem*, CLXV, p. 350.

3.2.4 – O secretismo e o sigilo

De modo a manter a marcha mais segura, em determinadas situações era também do maior interesse que a expedição, bem como o itinerário escolhido, fossem mantidos em segredo e escondidos dos restantes combatentes¹⁹². Este procedimento devia-se ao risco de haver algum espião que, como observámos anteriormente, podia revelar ao inimigo para onde a hoste ia. Deste modo, a partida dissimulada ou ilusiva, com vista a ludibriar possíveis informadores, também era uma prática reiterada. Desta forma, as possibilidades de o inimigo saber o destino da hoste eram substancialmente reduzidas. Nas crónicas encontrámos várias vezes estas estratégias.

Em maio de 1385, antes de partir de Guimarães para Ponte de Lima, onde se encontrava o fronteiro Lopo Gomez, ciente da possibilidade de haver algum espião, D. João I fingiu levar o caminho de Vila Real (ver mapa nº 105 para observar o itinerário; p. CCXXXI), e “(...) himdo per aquell fingido caminho já boom espaço, deu volta pera Ponte de Lima, e chegou bem noite”¹⁹³; desta forma, ludibriou Lopo Gomez, que com as informações dadas pelo enculca¹⁹⁴ acreditava que o monarca iria para Vila Real.

O mesmo procedimento também foi aplicado em novembro de 1384 por Nuno Álvares Pereira, quando partiu à tarde de Évora e se dirigiu a Portel (ver mapa nº 87 para observar o itinerário; p. CXCII). “(...) nom mostramdo sua teemçom pera hu era (...)” levou o caminho de Évora Monte, e quando já ia a uma légua da cidade “(...) tomou per hûa rribiera affumdo, atravessamdo sempre sem caminho, ataa que foi sahir aa estrada que vai pera Portell a huû logar que chamam a Torre dos Coelheiros (...)”¹⁹⁵. Também num outro episódio, envolvendo o mesmo comandante militar, a dissimulação é evidente. Em dezembro de 1384, quando Nuno Álvares Pereira se encontrava em Elvas, “partio com suas gemtes sobre a noite fazemdo infimta que hia pera outra parte”¹⁹⁶ e dirigiu-se para tentar tomar Vila Viçosa (ver mapa nº 94 para observar o itinerário; p. CCVI).

¹⁹² MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 233.

¹⁹³ CDJ, II, cap. XVI, p. 31.

¹⁹⁴ “Pero nõ embarguamdo isto, como se el Rey partio, loguo huû homê que hi amdava por emculca se foy a presa a Pomte de Lima” (CDJ, II, Cap. XV, p. 31).

¹⁹⁵ CDJ, I, cap. CLVII, p. 295.

¹⁹⁶ *Idem, ibidem*, CLXXII, pp. 321-322.

Em 1384¹⁹⁷, quando Pero Rodriguez partiu do Alandroal (ver mapa nº 60 para observar o itinerário; p. CXXVIII), depois do sol-posto, também teve o mesmo cuidado: “partio do Allandroall, fingendo que levava caminho dEstremoz; e depois que foi noite, derom vollta per outro caminho, o mais em cubertos que poderom, e foromsse ao pinhall”¹⁹⁸ em resgate de Álvaro Coitado.

Nalguns casos, de modo a evitar o que aconteceu na entrada que os de Serpa fizeram em Castela nos finais do ano de 1398¹⁹⁹, a hoste ia mais longe, não se limitando apenas a manter em segredo o itinerário ou a dissimular a partida, acabando mesmo por deter eventuais informadores com os quais se podia cruzar no caminho. Foi o que D. João I fez em maio de 1385, antes de partir do Porto para Guimarães (ver mapa nº 103 para observar o itinerário; p. CCXXVI). A narrativa do cronista refere-nos que o monarca português ordenou “que tomassem todollos que hiam pellos camijnhos pera o Porto e vijnham, que nenhuum podesse dar nouas (...)”²⁰⁰. O mesmo método foi empregue por Martim Afonso de Melo, quando em maio de 1396 decidiu tomar Badajoz (ver mapa nº 167 para observar o itinerário; p. CCCLXXXVI), mandando, antes de partir, alguns escudeiros pelos caminhos para “que todollos que achasem hir ou vyr pera estes logares, que os deteuessem, por não hirem dar nouas (...)”²⁰¹.

De modo a manter a marcha fora dos olhares do inimigo a hoste marchava muitas vezes de noite e, por vezes, através de caminhos secundários ou, em determinados casos, nem usava caminho algum. Foi o que aconteceu na já referida deslocação de Nuno Álvares Pereira a Portel no mês de novembro de 1384. De modo a manter a marcha discreta, quando partiu de Évora à tarde e já ia a uma légua da cidade, foi “(...) per hũa rribiera affundo, atravessando sempre sem caminho, ataa que foi sahir aa estrada que

¹⁹⁷ Segundo Valentino Viegas esta operação deu-se em data posterior a 10 de abril de 1384. (VIEGAS, Valentino, *Cronologia da Revolução de 1383-1385*, Lisboa, Editorial Estampa, 1984, p. 118). Segundo Manuel Maria Wermers, o resgate ter-se-á dado em dezembro de 1384. (WERMERS, Manuel Maria, "Nun'Álvares Pereira. A sua cronologia e o seu itinerário", in *Lusitania Sacra*, 1ª Série, nº5 (1960-1961), Centro de Estudos de História Eclesiástica, Lisboa, 1961, p. 32).

¹⁹⁸ CDJ, I, cap. CII, p. 172.

¹⁹⁹ Nos finais de dezembro de 1398, Diogo Nunes de Serpa juntamente com Gonçalo Vasques de Melo, alcaide do lugar e Álvaro Mendes de Beja, partiram de Serpa e entraram em Castela. Logo no dia da entrada, enquanto estavam com as bestas desseladas, num vale que chamavam Coelheira, foram avistados e descobertos por dez castelhanos de cavalo que passaram por cima da serra e levavam gado de Portugal. Assim que os viram fazer naquele lugar, deixaram o gado e foram-se à pressa dar novas a Arronches, Freixinal, Cortegana, Aracena, Rio Fryo e Navas de Sevilha, como tinham visto aquelas gentes. Face àquele avistamento o efeito supressa, daquela entrada, foi completamente anulado. Os castelhanos puderam recolher os gados e tomar outras medidas de defesa. (CDJ, II, cap. CLXXV, p. 376).

²⁰⁰ CDJ, II, cap. XI, p. 21.

²⁰¹ CDJ, II, cap. CLVIII, p. 331.

vai pera Portell a huû logar que chamam a Torre dos Coelheiros (...)”²⁰² (ver mapa nº 87 para observar o itinerário; p. CXCII). Na supracitada deslocação ocorrida no verão de 1384, encabeçada pelo mesmo comandante militar, de Palmela para Almada, onde os guias se acabaram por perder, também andaram “(...) toda aquella noite bem sete legoas, e as mais dellas fora do caminho.”²⁰³. Em dezembro de 1387, para apanhar o Conde de Niebla, que havia entrado em Portugal, conta-nos o cronista que o condestável quando partiu da ribeira junto da Serra da Ossa andou “per esses matos, terra erma e sem pouoraçam, e chegou ao Redomdo; e desy a Monssaraz.”²⁰⁴ (ver mapa nº 161 para observar o itinerário; p. CCCLXXII).

Apesar do perigo de a hoste se poder perder, como de facto aconteceu na já supramencionada deslocação de Palmela a Almada, podemos observar que era bastante frequente os contingentes militares deslocarem-se de noite. Deste modo, podiam-se esconder melhor dos inimigos. Com efeito, na maior parte dos casos observados, quando a hoste andou de noite, as campanhas foram sempre bem-sucedidas. Contudo, apesar de as crónicas nada referirem, uma deslocação noturna também podia alertar os inimigos, uma vez que para transitarem deduzimos que precisariam de um mínimo de tochas para iluminar o caminho²⁰⁵. Nas crónicas, embora não sendo um episódio referente a Portugal, encontramos uma passagem interessante, relativamente à forma como os exércitos podiam alumiar os caminhos. Na deslocação noturna das forças de Enrique de Trastâmara para Montiel, onde se encontrava o seu irmão Pedro I de Castela, “algûus d’os que hiam com elle poinham fogo aos matos por veer o caminho que lhe embargava a escuridom da noite”²⁰⁶.

Apesar de não encontrarmos qualquer referência relativa à hipótese que vamos adiantar, era possível que os comandantes militares aplicassem as suas marchas noturnas quando as noites se encontrassem mais claras – como era mais frequente durante o Verão –, ou seja quando o céu se encontrasse bastante estrelado e a lua cheia.

²⁰² CDJ, I, cap. CLVII, p. 295.

²⁰³ CDJ, I, cap. CXLVII, p. 265.

²⁰⁴ CDJ, II, cap. CXXXIII, p. 273.

²⁰⁵ Em março de 1384, em Setúbal, no dia a seguir ao falso alarme, que meteu o arraial em grande alvoroço e em posições de batalha, souberam “que os fogos que Lourenço Fernandez dizia que viira eram d’almocreves que jaziam em hum mui grande valle em sua mejoada.” (CDC, cap. XXVIII, p. 60). Através desta passagem, deduzimos que era possível os exércitos usarem “fogos” para iluminar o caminho, caso contrário Lourenço Fernandez não pensaria que fossem os castelhanos que vinham pelo caminho de Santarém.

²⁰⁶ CDF, cap. XXI, p. 73.

3.2.5 – As passagens ingratas: transposição de obstáculos naturais

Embora os comandantes militares empreendessem, em completa articulação com o adail, grandes cuidados na escolha do caminho, por vezes este poderia revelar surpresas desagradáveis, ou em determinados casos seria mesmo inevitável que a hoste tivesse de ultrapassar algum obstáculo natural que se impunha no caminho. De entre os maiores entraves que se podiam colocar ao avanço de um exército medieval estavam os cursos de água. Nas crónicas encontramos vários episódios referentes à travessia dos cursos de água; de um modo geral, são bastante descritivos e fornecem-nos informações preciosas relativamente à forma como a hoste poderia realizar a travessia de um rio.

Estas situações, conforme referimos, representavam sempre uma obstrução difícil para um exército transpor. Independentemente da existência de pontes ou de barcas de passagem, que nem sempre estavam disponíveis, estas travessias obrigavam a coluna de marcha a abandonar a sua formação inicial e a dividir-se, estreitando assim a sua frente. Desfazendo a formação inicial, a coluna perdia toda a sua coesão e tornava-se um alvo fácil para os ataques dos adversários²⁰⁷. Para além disso, para atravessarem uma ponte medieval²⁰⁸ ou um vau, as forças acabavam por ficar demasiado aglomeradas num espaço estreito, ficando numa formação que não permitia repelir o adversário. Durante a travessia, em caso de necessidade, também ficava difícil aos contingentes que se encontravam numa margem socorrerem os outros que já se encontravam na outra. Assim, de modo a melhor proteger a travessia de um rio e evitar que o inimigo aproveitasse o momento de maior fragilidade no qual a hoste se encontrava, conforme recomendava Vegécio, o exército devia colocar contingentes armados em ambos os lados do rio. Desta

²⁰⁷ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 383. Nas crónicas analisadas encontramos alguns episódios nos quais o inimigo aproveitou o momento em que a hoste efetuava a travessia de um curso de água para iniciar o ataque. A 6 de julho de 1385, quando a hoste portuguesa realizava a travessia do Tejo, no vau em Santa Eria a Pequena, viu-se envolta numa escaramuça com os castelhanos que se encontravam em Santarém. (CDJ, II, cap. XXIII, pp. 47-48); (ver mapa nº 109 para observar o itinerário; p. CCXLIII). Em outubro de 1385, no momento em que a hoste do condestável atravessava o Guadiana pelo vau, deu-se a Batalha de Valverde. (CDJ, II, cap. LVI, pp.137-138); (ver mapas nº 125A e nº 125B para observar o itinerário; p. CCLXXXI; p. CCLXXXIII).

²⁰⁸ A largura das pontes medievais portuguesas, na região transmontana raramente ultrapassariam uma largura de 4 metros. (CONDE, Manuel Sílvio Alves; VIEIRA, Marina Afonso, “Elementos para o estudo da rede viária de Trás-os-Montes no início de Quinhentos”, in *Paisagens Rurais e Urbanas. Fontes, Metodologias, Problemáticas Actas das Segundas Jornadas*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2006). Com este elemento, fica fácil imaginar a aglomeração da hoste num espaço relativamente estreito e a lentidão com que se processaria a travessia por um exército de grande dimensão.

forma, caso necessário, podiam defender as forças que efetuavam a travessia do rio²⁰⁹. Alguns destes pontos ficam bem visíveis durante a travessia do Guadiana em Valverde pela hoste de Nuno Álvares no mês de outubro de 1385 (ver mapas nº 125A e nº 125B para observar o itinerário; p. CCLXXXI; p. CCLXXXIII). Obrigado a atravessar aquele rio, quando chegou ao lugar do vau, encontrou as forças castelhanas dispostas em ambas as margens, prontas para iniciarem o ataque no momento delicado da travessia. Muito rapidamente de modo a colocar um contingente armado na outra margem, enquanto a retaguarda sustinha os ataques castelhanos, o condestável conseguiu transpor a vanguarda para a outra margem. Tendo a vanguarda posicionada naquela margem, voltou atrás para auxiliar a travessia das alas, da carriagem e da retaguarda que estava a ser fustigada pelo inimigo:

“E em outro dia partio daly caminho de Valverde, pera honde os castellaãos foram, pera passar Udyana, que de hy era huã legoa e meea, per hũu porto que era muy maa e priigoso, mais hy nom avia outro. E, ante que ao porto chegassem eram já hy juntas todas as geentes dos castellaãos, que eram já muy muitas e çercarom a oste toda d’arredor, fazendo desy azarve, e a oste na metade, que parecia asaz de pouca gente. E entom começaram d’escaramuçar os castellaãos com os da oste, e foram hy feytas muytas escaramuças bem pellejadas, e em que muytos foram feridos, de hũa parte e da outra. E ao passar do porto era muyta grande duvida, porque da parte d’aalem da rribeyra estavam bem sete ou oyto mill castellaãos, antre de cavallo e beesteyros e homens de pee, afora os muytos que ficavam detras e d’arredor da oste. E, como o conde estabre tal cousa vio, conçertou sua avanguarda e rreguarda e asy as allas, e na metade dellas fez pooer toda a carriagem da oste e muytos prisoueyros e gaados que já traziam. E, todo esto assy conçertado, com sua avanguarda, com a graça de Deos passou aquelle maa porto aallem, apesar dos castellaãos, e tornou polla rreguarda e allas e polla carriagem e prisoueyros e gaados, que nom ficou nenhũa cousa que nom fezeze passar, fazendo leyxar aos castellaãos o porto, maa seu grado, no qual porto foram muytas lançadas e seetadas e pedradas que se davam de huã parte à outra, e em tanto que a pelleja era antre elles sem piedade.”²¹⁰

Quando não existiam pontes e a travessia tinha de ser obrigatoriamente feita por algum vau, era recomendável que se possuísse um conhecimento prévio acerca do mesmo. Assim poder-se-ia realizar a travessia mais seguramente. As crónicas contêm episódios que nos demonstram a forma como a hoste poderia encontrar o melhor lugar para atravessar o rio. Em maio de 1387, finda a campanha anglo-portuguesa, no retorno para Portugal, quando a hoste chegou no dia 14 de maio junto ao Rio Douro, em Santa Maria do Viso (ver mapa nº 158 para observar o itinerário; p. CCCLXIV), o monarca português

“mandou buscar o ryo, que era em amcho huum gram tiro de beesta, se poderia auer vaao pera passar. E amtre aquelles que o buscar foram foy huum escudeiro que deziã Aluaro

²⁰⁹ VEGÉCIO, *Compêndio da Arte Militar*, trad. de José Eduardo Braga e João Gouveia Monteiro, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009, pp. 277-279; MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, pp. 383-384.

²¹⁰ CDC, cap. LIIII, p. 129.

Vaasquez, alcayde dAlcanede; e buscandmo o vaa, cayo o cauallo com elle e morreo ally; e outros acharom depois logar per hu passassem a seu saluo. Em outro dia, que eram quimze de mayo, partio el-Rey, e passou toda a hoste aquell vaa, assy de pee come de cauallo, que nenhuma pessoa nem besta pereço; e poserom logo seu arreal da parte aallem, nom querendo mais amdar por o camaço da passagem”²¹¹

Através da passagem acima transcrita, em virtude da morte do escudeiro que procurava o melhor vau para a hoste atravessar o rio, apercebemo-nos do perigo que seria efetuar uma travessia por um vau. Uma vez que o exército mal terminou a travessia do Douro colocou logo o arraial na outra margem, não andando mais, deduzimos também que as travessias seriam bastante demoradas e cansativas, algo normal visto a grande quantidade de homens, bestas e pesada carriagem que teria de fazer a travessia.

Procedimento idêntico também foi adotado em maio de 1398, quando a hoste régia, com a intenção de cercar Tui, chegou junto a Monção (ver mapas nº 173A e nº 173B para observar o itinerário; p. CDV; p. CDVII). Para saberem da localização do melhor vau do rio Minho “pidiram a Dyego Gomez dAbreu, alcayde daquele logar, que mandasse huum seu escudeiro, que chamauão Fernandayras, que lhe fosse mostrar o vaa. E elle e outro, a que diziam Joham Vazquez, foram ambos por serem guyas delle; e chegaram ao vao das Estacas, (...)”²¹².

Neste tipo de travessias, conforme recomendava Vegécio, depois de inspecionado o vau e antes de se iniciar a passagem, deviam ser colocadas duas linhas de cavaleiros ao longo do vau e entre as margens, de modo à coluna passar pelo meio. Assim, a linha que se encontrava a montante quebrava o ímpeto das águas, enquanto a outra linha a jusante recolhia aqueles que eventualmente pudessem ser arrastados pela corrente²¹³. Nas crónicas analisadas encontramos um episódio, descrito por Fernão Lopes, que nos documenta o recurso a esta solução. Apesar do emprego deste procedimento, a travessia, como veremos, foi infeliz e causou grandes perdas na hoste de D. João I. O desastre ocorrido naquela travessia vem a reforçar a ideia de que, por muitas cautelas que se tomassem, as travessias de rios mais caudalosos constituíam um grande obstáculo e perigo para um exército em trânsito. Para além de acarretarem o problema de um eventual ataque inimigo num momento de maior fragilidade e divisão, a travessia em si também podia causar baixas significativas. Foi o que aconteceu no rio Minho, em maio de 1398.

²¹¹ CDJ, II, cap. CXI, p. 231.

²¹² CDJ, II, cap. CLXVIII, p. 357.

²¹³ VEGÉCIO, *Compêndio da Arte Militar*, trad. de José Eduardo Braga e João Gouveia Monteiro, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009, p. 277; MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 383.

Assim que a hoste régia localizou, com auxílio dos escudeiros do alcaide de Monção, o vau por onde pudessem passar, não obstante o facto de já ser muito tarde, iniciaram a travessia. A seguinte passagem é bastante ilustrativa da forma como decorreu a travessia e do que ocorreu durante a mesma:

“chegaram ao vao das Estacas, que naquelle lugar era dancho como a costumada passajem do Doyro, sendo jaa sol posto, muy acerca do seraão, e a noute per antrepymento de nuueens nam bem clara, como pera tal passajem compria. E el-rey fez chamar huma guya daquelas que os ouuesem dencamynhar; e ella entrou em çima de seu cauallo, damdo-lhe augua pelos peytos. O vao nam era dereyto, mas desuyado pera cima, qual natureza hordenara, de hum pedregulhosso seixal, e (a) altura daugua per huma jgoaldança não mais alta em hum lugar que em outro; mas era junto com elle hum perfumdo peego, bem mortal e vezinho aazado pera muytos perecerem, de que poucos sabyão parte. A guya passou alem, e tornou mais rijo do que foy, por o gram corrimento daugua que deçia. El-rey mandou passar a bamdeira por lhe aviuar os coraçõe de passarem mais toste; e Joham Gomez da Sylua, (que era alferes) como foy allem e alguns com elle, (foy) afumdo por beira do rio ao dereyto domde el-Rey ficaua, que foy grande aazo da perda que se ally fez; porque ao soom das vozes donde elle estaua, tiraua a gente pera ally dereyto, e a vao hya mais acima (desuiado), e assy se perdyam muytos. E tornou a guya por encamynhar outra hida, e foy com ella muyta mays gente que da prymeyra; e quando veyo da terceira vez, forom tantos que com a espessura das bestas creçeo a augua, fazemdo a augua de sy parede, e botou grão parte delles, e deitou-os no preego, sem sendo vistos dos que eram em terra. Desy a noute mal aazada pera tal trabalho fazia topar huuns nos outros. E delles trauauam de seus parçeyros por se terem a elles, e leuauam-nos consygo; e desta guysa e da outra morria muyta gente, atee que os qu(e)yam detras foram em conhecimento da perda que se fazia, e disseram-no a el-rey, e mamdou que nam passassem mais. Huns se affogauam, que nam surdião mais; houtros nadauam as bestas com elles, e quando chegauam a beira dauga, por (a) áspera sayda da borda do rio nam podiam montar acima; e asy morrião, bradamdo grandes vozes que lhe acorressem, mas não prestauão a tal tempo; ca posto que se alguns nomeassem quem * eraão e lhe seus seruydores quysesem acorrer, nam podyam, tanta era a pressa.”²¹⁴

O episódio acima descrito, para além de ser ilustrativo da utilização das linhas humanas, de modo a permitir a passagem da hoste de uma margem para a outra, também nos demonstra que a travessia se realizou depois do sol-posto, próximo do anoitecer, algo que, à partida, não seria recomendável numa operação deste tipo, visto a grande complexidade e riscos a que estava sujeita. Neste caso, como podemos observar, o vau era irregular, sendo em algumas partes mais profundo do que noutras, e a corrente era muito forte, levando a que muitos homens se afogassem²¹⁵. Devido a estas condicionantes a travessia resultou num grande desastre. Segundo o cronista, naquela travessia pereceram quinhentos indivíduos.²¹⁶ Por fim, para além de nos demonstrar que foi o guia a escolher

²¹⁴ CDJ, II, cap. CLXVIII, pp. 357-358.

²¹⁵ No X capítulo do I livro do EPITOMA REI MILITARIS, de modo a evitar que os combatentes se afogassem, Vegécio recomendava que estes fossem ensinados e treinados a nadar. (VEGÉCIO, *Compêndio da Arte Militar*, trad. de José Eduardo Braga e João Gouveia Monteiro, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009, pp. 189-191).

²¹⁶ “(...) e deteue-sse alguns dias por os mortos que surdiam e sayam fora. Houtros tirauam fora com redes, e trabalhauão de soterrar todos. E o dapno que se ally fez contam alguns por somas desuayradas; mas aque*lla que achamos em que se mais acordam, serião per todos descudeiros e pages e douta boa gente atee quinhentas pessoas; e de capitaães que nomear conpre, dom Afonso, sobrinho del-rey, e Joham Rodriguez Pereyra.” (CDJ, cap. CLXVIII, pp. 358-359).

o lugar por onde a hoste devia atravessar o rio, também nos revela que ele ajudou os membros da hoste no processo de travessia. Um pouco mais adiante, no mesmo capítulo, o cronista revela-nos um aspeto curioso. O monarca português não atravessou o rio por aquele vau e só mais tarde, no dia seguinte, pela manhã, é que ficou a saber do desastre ocorrido:

“El-Rey esteue huum boom espaço aquém do rio, nam sabemdo quaees eram mortos, e andaua grão parte da noute afundo, muy longe domde foy esta perda. Passou em huma barca, e desy aquelles que o fazer podyam. E quando foy o dia claro e soube aquelles que faleceram, ficou espantado e muyto nojosso por se asy perderem per tão dessauenturado cajão; e deteue-se alguns dias por os mortos que surdiam e sayam fora.”²¹⁷

O facto de o rei não atravessar o Minho por aquele vau levanta algumas questões a que não conseguimos responder com exatidão. O certo é que a forma de travessia tomada pelo monarca foi, sem dúvida, mais segura e confirma os preceitos de Vegécio. Este recomendava que os exércitos, no trem de apoio, deviam-se acompanhar de pequenos barcos, de modo a facilitar as travessias²¹⁸. Uma vez que a travessia de D. João I e de outros se realizou através de uma barca, deduzimos que a hoste se fazia acompanhar de algumas barcas. Seria regra, em caso de a travessia se dar por um vau, os monarcas atravessarem o rio de uma forma diferente e separados da hoste? Não nos parece que isso acontecesse. Nas crónicas analisadas só encontramos esta exceção. Nos outros episódios referentes à travessia de rios por vaus, os monarcas realizaram a travessia da mesma forma que a restante hoste²¹⁹.

Para a hoste transpor o rio, em determinadas situações podia-se, caso o caudal permitisse na zona por onde passasse menos água e a corrente fosse mais fraca, atulhar o rio com paus e ramos de árvores. Em 1384²²⁰ este procedimento foi aplicado pelos do Porto, quando se dirigiram ao encontro do arcebispo de Santiago, D. João Manrique, que havia entrado em Portugal (ver mapa nº 71 para observar o itinerário; p. CLV). Na

²¹⁷ CDJ, cap. CLXVIII, pp. 358-359.

²¹⁸ VEGÉCIO, *Compêndio da Arte Militar*, trad. de José Eduardo Braga e João Gouveia Monteiro, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009, p. 277; MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 234.

²¹⁹ Em 1369 quando Enrique II entrou em Portugal, com a sua hoste, atravessou o Minho pelo vau. (CDF, cap. XXXII, p. 108); (ver mapa nº 4 para observar o itinerário; p. VIII). No dia 6 de julho de 1385, D. João I, juntamente com a sua hoste, atravessou o Tejo pelo vau perto de Santa Eria a Pequena (atual Santa Iria da Ribeira de Santarém). (CDJ, II, cap. XXIII, p. 47); (ver mapa nº 109 para observar o itinerário; p. CCXLIII). Em maio de 1387, finda a campanha anglo-portuguesa, no retorno para Portugal, quando a hoste chegou no dia 14 de maio junto do Rio Douro, em Santa Maria do Viso, o monarca português, juntamente com a hoste atravessou o rio por um vau. (CDJ, II, cap. CXI, p. 231); (ver mapa nº 158 para observar o itinerário; p. CCCLXIV).

²²⁰ Em data posterior a 14 de maio de 1384 e anterior a 30 de maio de 1384. (VIEGAS, Valentino, *Cronologia da Revolução de 1383-1385*, Lisboa, Editorial Estampa, 1984, p. 123).

impossibilidade de atravessarem o Rio Leça pela ponte existente naquele rio (possivelmente a Ponte D. Goimil), uma vez que se depararam com as forças do arcebispo muito bem posicionadas junto daquele lugar, no dia seguinte, pela manhã, os portuenses

“acharam huû porto, nô bem aazado pera passar; pero deitarô em elle muitos paaos e rramos darvores, e começaram per alli de passar ho melhor que poderom ataa trezemos, amtre de beesteiros e de pee, e alguûs de cavallo; e com elles huû çidadaão do Porto que os acaudellava, que chamavom Joham Ramalho.”²²¹.

Os castelhanos quando se aperceberam daquela travessia ainda tentaram impedi-la, lançando-se sobre os portugueses, mas, através dos tiros de cobertura dos besteiros, e das consequentes baixas, acabaram por recuar.

De forma a garantir uma travessia mais segura destes obstáculos naturais, os comandantes militares podiam, tal como Vegécio sugeria, ordenar a construção de pontes de madeira²²². Na *Crónica de D. Fernando*, embora não sendo um episódio referente a Portugal, encontramos uma referência à construção de uma ponte de madeira. Em abril de 1368, durante a guerra civil castelhana, Enrique, conde de Trastâmara, enquanto cercava a cidade de Toledo “(...) e por sse el-rrei mais apoderar sobre o cerco da cidade fez logo cercar todo o arreall e fazer no Tejo hûua ponte de madeira, e certas gentes d’armas passar aalem e pousar alli (...)”²²³. Infelizmente o episódio da crónica não nos fornece informações relativas ao processo de construção deste tipo de pontes.

Nas crónicas analisadas encontramos referência, com bastante abundância, a um outro tipo de ponte que os comandantes militares podiam ordenar construir, para atravessarem os rios de forma mais segura e rápida. Este tipo de ponte, designada nas crónicas por ponte de barcas, era constituída por diversas embarcações unidas por pranchas de madeira. Desta forma, formava-se uma ponte que possibilitava a travessia segura da hoste e de toda a carriagem. Em 1369, durante a Primeira Guerra Fernandina, estando em Coimbra, D. Fernando - com o intuito de ir contra o monarca castelhano, Enrique II, que se encontrava a cercar Guimarães- enviou uma carta à cidade do Porto, com indicações claras para que iniciassem a construção de uma ponte de barcas sobre o Rio Douro:

“E mandou logo suas cartas aa cidade do Porto, que muito a pressa fosse feita hûua ponte de barcas no rrio Doiro, per que el e toda a sua hoste podessem passar em hûu dia, porquanto sua vontade era em toda guisa hir pelejar com el-rrei dom Henrrique; e que isso mesmo se

²²¹ CDJ, I, cap. CXXI p. 207.

²²² VEGÉCIO, *Compêndio da Arte Militar*, trad. de José Eduardo Braga e João Gouveia Monteiro, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009, p. 277.

²²³ CDF, cap. XVIII, pp. 63-64.

fezessem prestes os moradores do logar pera sse irem em sua campanha. Os da cidade, mui ledos com este rrecado, foram todos postos em grande trigança pera poer esto em obra, hũus a chegar barcas, d’elles a carretar madeira, outros a lançar âncoras e amarrar cabres; de guisa que muito aginha foi feita hũua grande e espaçosa ponte, lastrada de terra e d’area, tal per que folgadamente podiam hir a través seis homees a cavallo (...)”²²⁴

Na passagem acima transcrita, Fernão Lopes refere-nos o processo de construção deste tipo de ponte e as dimensões que podiam ter. De modo a construírem esta estrutura, as barcas tinham de estar juntas umas às outras e para não se moverem muito eram lançadas as âncoras. Por fim juntava-se a madeira de forma a unir as barcas. Neste caso, a ponte construída pelos moradores do Porto permitia a passagem, lado a lado, de seis homens a cavalo. Para que tal fosse possível, a ponte teria uma largura bastante grande (talvez entre os seis e dez metros). O trecho também reforça a ideia enunciada anteriormente de que as travessias dos rios eram um processo moroso. Por esse motivo foi construída uma ponte de barcas de grandes dimensões para que a hoste atravessasse o Douro mais rapidamente, num só dia.

Encontramos novamente referência a este tipo de ponte, em dezembro de 1381, quando D. Fernando, juntamente com o Conde de Cambridge, chegou a Santarém (ver mapa nº 31 para observar o itinerário; p. LXIV). De maneira a atravessarem o Tejo, o monarca mandou construir “hũua ponte de barcas, pera poderem passar mais toste, que atravessava todo o rio”²²⁵. Em março de 1387, enquanto D. João I se encontrava em Babe, também encontramos referência a este tipo de ponte. De modo a que as gentes da Beira se juntassem mais rapidamente ao monarca, “emcaminharom logo de fazer huuma gram ponte de barcas no Doyro, hu chamam a Barca da Regoa, per hu pasauom as gemtes da Beira, e nom hirem passar ao Porto.”²²⁶ (ver mapa nº 154 para observar o itinerário; p. CCCLII). Por fim, em abril de 1400 encontramos uma nova menção a este tipo de ponte. Quando o monarca português partiu de Santarém, com a sua hoste, para se juntar com as forças do condestável no Crato (ver mapa nº 178 para observar o itinerário; p. CDXXI), atravessou o Tejo “per huma ponte de barcas que mamdara fazer forte e muy bem feyta.”²²⁷. Importa, no entanto, lembrar que construção de uma ponte de barcas era um processo demorado que tinha de ser empreendido com alguma antecedência²²⁸.

²²⁴ *Idem, ibidem*, cap. XXXV, p. 115.

²²⁵ CDF, cap. CXXXIV, p. 471.

²²⁶ CDJ, II, cap. C, p. 213.

²²⁷ CDJ, II, cap. CLXXXIV, p. 396.

²²⁸ D. Fernando escreveu a carta com alguma antecedência, para que os moradores do Porto iniciassem a construção da ponte de barcas.

No entanto, apesar de todas as formas existentes para transpor os rios, nem sempre os exércitos conseguiam ultrapassar estes obstáculos naturais. Por vezes o caudal do rio, especialmente nas estações de inverno, era elevado e a corrente muito forte de tal modo que impossibilitava a travessia pelo vau. Na já mencionada deslocação de abril de 1385, Nuno Álvares Pereira, com o intuito de ir a Santiago de Compostela, teve de se deter junto de uma aldeia do Minho “porque o ryo hya muy cheo que o nom podiam passar”²²⁹ (ver mapa nº 101 para observar o itinerário; p. CCXXII). Naquele lugar, ainda pensaram fazer umas pequenas embarcações para conseguirem transpor o rio²³⁰, contudo a ideia não foi avante porque tiveram, a mando do monarca português, de ir para Braga (ver mapa nº 104 para observar o itinerário; p. CCXXVIII). A outra forma que a hoste tinha à disposição para conseguir transpor um curso de água, como observámos anteriormente, era a construção de uma ponte de barcas. No entanto, esta solução nem sempre estava disponível.

Apesar de não encontrarmos qualquer referência nas crónicas, a hoste podia enfrentar um outro obstáculo natural, os desfiladeiros. Tal como os rios, estes obstáculos eram bastante perigosos e podiam ser aproveitados pelo inimigo para montar uma cilada. A transposição de um desfiladeiro, assim como nos cursos de água, obrigava a coluna a dividir-se, algo que constituía um grande perigo, uma vez que o exército abandonava a formação inicial de marcha e os homens ficavam dispostos numa única longa coluna. Desta forma ficavam demasiado aglomerados num espaço estreito e numa formação muito mais exposta e vulnerável a eventuais ataques inimigos, que não permitia repelir o adversário. Os tratadistas recomendavam aos comandantes militares evitarem ao máximo a passagem por desfiladeiros²³¹. No entanto, na impossibilidade de evitar uma passagem deste tipo, tal como Afonso X recomendava, a hoste devia enviar adiante um grupo de batedores, de modo a fazerem um reconhecimento prévio das colinas que circundavam aquela garganta e o ponto de saída. Depois do reconhecimento, devia-se proceder à ocupação desses locais por contingentes de besteiros e infantaria, prevenindo-se desta forma um eventual ataque inimigo.²³²

²²⁹ CDC, cap. XLVI, pp. 105.

²³⁰ “E em conselho poseram que fizessem almadias em que passassem, e os cavallos a nado.” (CDC, cap. XLVI, pp. 105).

²³¹ D. Juan Manuel era um dos tratadistas que recomendava a hoste evitar os desfiladeiros. (MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 384).

²³² MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 384.

3.2.6 – Regressos das campanhas

Por fim, para concluirmos a análise das cautelas especiais que os exércitos deviam adotar, temos de analisar os regressos das campanhas militares. Nestas situações era recomendável que os comandantes militares tomassem cuidados e precauções especiais, pois o inimigo poderia reunir uma força de contra-ataque para iniciar a perseguição²³³. Nas marchas de regresso, principalmente depois de uma operação bem-sucedida, a hoste vinha carregada de despojos e por isso a marcha era mais lenta e a coluna era muito mais extensa²³⁴. Numa passagem referente à marcha de retorno dos castelhanos - que haviam entrado em Portugal, no mês de maio de 1385, pela comarca da Beira (ver mapas nº 106A e 106B para observar o itinerário; p. CCXXXIV; p. CCXXXVI) - e momentos antes de chegarem ao local onde se deu a Batalha de Trancoso (ver mapa nº 107 para observar o itinerário; p. CCXXXVIII), conseguimos perceber que a marcha era mais lenta e que a carriagem era muito grande, por conta dos roubos que fizeram naquela região:

“Em esto parecerom aquelles gentes no começo da veiga; os quaaes, porque sem reço e de seu vagar amdarom pella terra dias auia, tragiam muy gramde roubo a maravilha, dhomeens e molheres e moços e gados e bestas e doutras muytas cousas, de guissa que pasauom de setecentas azêmelas as que vinham nesta carriagem”²³⁵.

Nestes casos era preciso dar uma atenção redobrada ao trem de apoio que, devido aos despojos que transportava, tornava a coluna de marcha mais extensa, mais pesada, mais lenta e conseqüentemente ainda mais vulnerável. Por transportar, dependendo das operações, os pertences dos combatentes, os mantimentos para a expedição, as munições, as tendas para os acampamentos, os mesteirais, as ferramentas e em alguns casos os próprios engenhos de cerco²³⁶, a carriagem era por natureza um dos pontos mais vulneráveis da coluna de marcha e era o lugar que o inimigo primordialmente pretendia atacar; por estes motivos tinha de ser necessariamente reforçada. Assim, como já referimos anteriormente, evitava-se que em caso de ataque os homens abandonassem os seus postos e fossem para a carriagem. As crónicas não nos dão muitas informações

²³³ Foi o que aconteceu em janeiro de 1399 na entrada de Diego Nunez de Serpa, juntamente com o alcaide do lugar Gonçallo Vaazquez de Mello e Aluaro Mendez de Beja. No retorno para Portugal, os castelhanos dos lugares de arredor reuniram uma força para ir sobre os portugueses. (CDJ, II, cap. CLXXVI, pp.377-380); (ver mapa nº 177 para observar o itinerário; p. CDXVII).

²³⁴ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 232.

²³⁵ CDJ, II, cap. XXI p. 42.

²³⁶ Em outubro de 1385, quando D. João I partiu do Porto em direção a Chaves para a cercar, ficamos a saber que a carriagem era composta por “muytos emgenhos e mantimentos e outras cousas a guerra pertencentes;” (CDJ, II, cap. LXIII, pp. 152-153).

relativas à organização interna da carriagem, apenas nos fornecem dados referentes à sua composição. Na iminência da Batalha de Aljubarrota, ficamos a saber que a carriagem

“eram tantas mjll caretas, que tragiam mantimentos e armas e cousas pera vemder dalguns mercadores. Gaados passauom doito mjll cabeças amtre bois e vacas e ovelhas, e todo o mais desto fora tomado em Portugall. Troons e bombardas que dizem que eram my muytas nom eram mais que dezasseis.”²³⁷.

Segundo Costa Veiga, a carriagem encontrava-se dividida em três núcleos. O primeiro seria composto pelas diversas cabeças de gado de que a hoste se fazia acompanhar, garantindo parte do seu abastecimento; o segundo seria composto por todas as carroças que transportavam as bagagens dos combatentes e as forragens necessárias à sobrevivência e, por último, havia o núcleo que transportava as munições dos besteiros e dos arqueiros. Caso transportasse engenhos neurobalísticos e/ou pirobalísticos, a hoste também se fazia acompanhar de um núcleo de artilharia²³⁸.

Nas marchas de regresso, principalmente depois de uma operação bem-sucedida, os combatentes vinham muitas vezes inebriados por uma perigosa sensação de invencibilidade, que convidava a um arriscado facilitismo²³⁹. Por isso, devido aos fatores enumerados, nestas situações, de modo a prevenir um eventual ataque inimigo na marcha de regresso, era recomendável que os comandantes militares reforçassem a retaguarda e fossem posicionados nela. Deste modo, em caso de ataque, conseguiam defender-se melhor. Nas crónicas encontramos o emprego desta solução. Em 1384²⁴⁰, no regresso a Portugal, depois da cavalgada bem-sucedida em Cheles, “Pero Rodriguez e Alvaro Cuitado mamdarom tamger a cavallgada aos homeês de pee, e lhes derõm dez de cavallo que vehessem com elles; e elles com os beesteiros ficarom em rreguardo, se alguûa gemte rrecreçesse pera pelejar (...)”²⁴¹ (ver mapa nº 58 para observar o itinerário; p. CXXII). O mesmo cuidado também teve Nuno Álvares no regresso a Portugal em outubro de 1385, depois de ter permanecido dezoito dias em Castela (ver mapas nº 125A e nº 125B para observar o itinerário; p. CCLXXXI; p. CCLXXXIII). Após ter desbaratado os castelhanos na Batalha de Valverde (17-18 de outubro²⁴²), o condestável temia que o inimigo pudesse

²³⁷ CDJ, II, cap. XXXVII p. 84.

²³⁸ Citado por (MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 232).

²³⁹ *Ibidem*, p. 232.

²⁴⁰ Em data posterior a 10 de abril de 1384. (VIEGAS, Valentino, *Cronologia da Revolução de 1383-1385*, Lisboa, Editorial Estampa, 1984, p. 117).

²⁴¹ CDJ, I, cap. XCVII p. 164.

²⁴² WERMERS, Manuel Maria, "Nun'Álvares Pereira. A sua cronologia e o seu itinerário", in *Lusitania Sacra*, 1ª Série, nº5 (1960-1961), Centro de Estudos de História Eclesiástica, Lisboa, 1961, pp. 46-47.

reagrupar-se novamente e fazer um contra-ataque. Apesar de não encontrarmos qualquer referência nas crónicas, é muito provável que os combatentes portugueses se encontrassem eufóricos e com a tal sensação de invencibilidade, uma vez que conseguiram vencer o adversário em condições nada favoráveis²⁴³. Por este motivo, o condestável, depois de partir de Seuera, lugar próximo de Badajoz, no dia 20 de outubro²⁴⁴, “leixou sua avanguarda, e tornou-sse a reguarda, e foy sempre com ella, cuydamdo que os castellaãos quisessem mais fazer; e quando uio que se nom tremetiam, chegou a Eluas, (...)”²⁴⁵.

Apesar de todas as cautelas que em teoria um exército devia adotar, este podia ser surpreendido por uma emboscada lançada pelo inimigo. Normalmente estas situações aconteciam quando os comandantes militares menosprezavam as cautelas e os cuidados que deviam ter. Em regra, as emboscadas eram operações que logravam quase sempre em sucesso para os realizadores. Nas crónicas encontramos alguns episódios referentes a este tipo de operações. No seguimento do já mencionado episódio durante as convulsões de 1384 no Alentejo, referente à transmissão de informação por parte do desertor Diego Gonçalves, ao alcaide do Alandroal, Pero Rodriguez, foi possível lançar uma cilada (ver mapa nº 59 para observar o itinerário; p. CXXV). Este, juntamente com os seus homens e alguns de Nuno Álvares Pereira, posicionou-se “per homde os Castellaãos passarôm e isso mesmo da serra; e alli ouverom acordo que no porto della os esperrassem, omde seriam tam boôs os poucos come os muitos.”²⁴⁶. Aproveitando o terreno e o descuido dos castelhanos que “tangiam sua cavalgada, como ssse estevessem em Castella”²⁴⁷, foi possível surpreendê-los e desbaratá-los. Assim todo o saque obtido pela cavalgada realizada na comarca de Évora por parte do Comendador de Zalamea e de Calatrava foi recuperado.

²⁴³ A batalha deu-se no momento em que a hoste do condestável se encontrava a atravessar o Guadiana pelo vau. A hoste portuguesa estava numa condição nada favorável, naquela condição a derrota seria o mais certo, mas contrariando a lógica conseguiram vencer.

²⁴⁴ VIEGAS, Valentino, *Cronologia da Revolução de 1383-1385*, Lisboa, Editorial Estampa, 1984, p. 167; WERMERS, Manuel Maria, "Nun'Álvares Pereira. A sua cronologia e o seu itinerário", in *Lusitania Sacra*, 1ª Série, nº5 (1960-1961), Centro de Estudos de História Eclesiástica, Lisboa, 1961, p. 47.

²⁴⁵ CDJ, II, cap. LVIII, p. 143.

²⁴⁶ CDJ, I, cap. CI, p. 170.

²⁴⁷ *Ibidem*, p. 170.

Ainda em 1384²⁴⁸, Pero Rodriguez viria a empreender uma operação do mesmo tipo. No já aludido episódio referente ao resgate de Álvaro Coitado, após o conhecimento do transporte deste de Vila Viçosa para Olivença, Pero Rodriguez colocou-se “em çellada acerca de Villa Viçosa, em huû pinhall aazado”²⁴⁹ (ver mapa nº 60 para observar o itinerário; p. CXXVIII). Quando os castelhanos passaram perto daquele lugar, foram surpreendidos e desbaratados pelas forças de Pero Rodriguez, que conseguiram assim resgatar o prisioneiro.

²⁴⁸ Segundo Manuel Maria Wermers, o resgate ter-se-á dado em dezembro de 1384. (WERMERS, Manuel Maria, "Nun'Álvares Pereira. A sua cronologia e o seu itinerário", in *Lusitania Sacra*, 1ª Série, nº5 (1960-1961), Centro de Estudos de História Eclesiástica, Lisboa, 1961, p. 32).

²⁴⁹ CDJ, I, cap. CII, p. 172.

4 – O abastecimento dos exércitos em campanha

Numa campanha militar medieval, tal como em qualquer outra época, o abastecimento de víveres era vital para sustentar um exército em trânsito; sem este a expedição podia ficar seriamente comprometida e degenerar num completo fracasso. A falta de géneros para os combatentes e respetivas montadas obrigava os comandantes militares a alterarem os objetivos estratégicos inicialmente previstos e, em alguns casos, até mesmo à interrupção de uma campanha²⁵⁰. Foi o que aconteceu em março de 1370, quando a falta de “mantimentos de que o arreal era já minguido”²⁵¹ obrigou Enrique II de Castela a abandonar o cerco de Ciudad Rodrigo, na altura controlada por forças portuguesas (ver mapa nº 10 para observar o itinerário; p. XX). No mês de agosto de 1384, Nuno Álvares Pereira também teve de recuar nas suas intenções. Convencido de que a batalha com os castelhanos iria ser travada muito brevemente, antes de partir de Évora, não levou consigo nenhuma carriagem (ver mapa nº 82 para observar o itinerário; p. CLXXX). Após dois dias de espera pelos castelhanos e sem mantimento²⁵², Nuno Álvares Pereira decidiu “sse tornar aquella noite a Evora, pera em outro dia tornar aa batalha percebido de mantimentos, se lha quisessem poer”²⁵³. Neste caso concreto, a hoste foi obrigada a retornar à cidade porque o seu comandante resolveu não levar consigo qualquer tipo de mantimento, convencido de que a batalha se ia dar no próprio dia. Os castelhanos que tinham entrado em Portugal e que estavam a roubar mantimentos não atenderam à batalha, frustrando os planos do condestável. Após vinte e um dias de cerco sobre Cória, no mês de julho de 1386, devido à “myngua daugas e de mantimentos (...)”²⁵⁴, D. João I também se viu obrigado a abandonar o lugar (ver mapa nº 142 para observar o itinerário; p. CCCXXV). Em casos extremos, tal como Vegécio alertava, a falta de abastecimento podia provocar situações de fome capazes de fazer mais baixas do que o combate²⁵⁵. De facto, a afirmação daquele tratadista militar tardo-romano é confirmada por alguns episódios presentes nas crónicas analisadas. Nestas, a doença encontra-se quase sempre relacionada com a falta de alimentos. Fernão Lopes, na *Crónica*

²⁵⁰ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 385.

²⁵¹ CDF, cap. XL, p. 130.

²⁵² “avendo já dous dias e huã noite que eram fora da çidade sem mantiimentos, e que ao rrecolher, os poderiam matar a seu salvo sem batalha (...)” (CDJ, I, cap. CXLVI, p. 262).

²⁵³ CDJ, I, cap. CXLVI, p. 262.

²⁵⁴ *Idem, ibidem*, cap. LXXVII, p. 177.

²⁵⁵ VEGÉCIO, *Compêndio da Arte Militar*, trad. de José Eduardo Braga e João Gouveia Monteiro, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009, III livro, cap. III, p. 261.

de D. Fernando, ao narrar o bloqueio naval português a Sevilha²⁵⁶, durante a Primeira Guerra Fernandina, sublinha os enormes padecimentos provocados pela falta de mantimentos aos homens das naus e das galés:

“Passado o verão e vindo o inverno, começou a gente de adoecer e os mantimentos de mingoar, e morriam algúus e soterravom-nos em terra, e d’alli os dessoterravom os lobos e comian-os; e posto que lhe el-rrei mandasse navios com bizcoito que sse fazia no Algarve e em Lixboa e outros mantimentos e cousas que lhe mester faziam, noom era a avondança tanta que lhe satisfazer podesse; em guisa que per frio e fame e comer desacostumadas viandas veherom muitos a morte e fraqueza e continuadas doores (...) ca lhe cahiam os dentes e os dedos dos pees e das mãos, e outras tribullaçoôs que passavom, que seeria longo de dizer.”²⁵⁷.

Durante o já mencionado cerco de Cória²⁵⁸, o cronista também sublinha as baixas provocadas pela falta de mantimentos e pela doença:

“Mas as gentes começaram dadoeçer, huuns de maleitas e outros de maa maneira per myngua de mantimentos, speçialmente de pam e carnes, de que o areal era muy falido, e comiam trigo cozido come arroz porque nom tinham dhu auer moeda; de guissa que mais eram já os doentes que os saãos.”²⁵⁹

Segundo Pero López de Ayala, nos finais de maio de 1387 a campanha anglo-portuguesa chegaria ao fim, devido à falta de víveres e ao número de baixas que esta provocava (ver mapa nº 158 para observar o itinerário; p. CCCLXIV):

“avía en sua real e gentes pestilencia de mortandade, e perdían muchas gentes; otrosí les fallescían las viandas, que las non podían aver por las muchas gentes del rey de Castilla que estaban por los logares fuertes; otrosí, que todas las otras viandas de la tierra eran ya alzadas e destroídas, acordaron de se tornar para Portugal.”²⁶⁰

Os exemplos mencionados comprovam que a alimentação constituía uma das principais limitações dos exércitos medievais; a sua escassez implicava muitas vezes o insucesso de uma operação militar. Garantir o aprovisionamento necessário de alimentos numa hoste era essencial, mas nem sempre fácil. Esta limitação, em grande medida, devia-se à forma como era feito o abastecimento. A hoste vivia sobretudo do que pudesse ser obtido em território inimigo (ou amigo)²⁶¹; desta forma, durante a própria campanha a

²⁵⁶ O bloqueio naval ter-se-á iniciado em junho de 1369 e durou 1 ano e 11 meses; (ver mapa nº 12 para observar o itinerário; p. XXIV).

²⁵⁷ CDF, cap. XLII, pp. 138-139.

²⁵⁸ O cerco teve uma duração de 21 dias e deve ter começado no dia 14 de junho estendendo-se até inícios de julho de 1386. (WERMERS, Manuel Maria, "Nun'Álvares Pereira. A sua cronologia e o seu itinerário", in *Lusitania Sacra*, 1ª Série, nº5 (1960-1961), Centro de Estudos de História Eclesiástica, Lisboa, 1961, p. 51).

²⁵⁹ CDJ, II, cap. LXXVIII, p. 180.

²⁶⁰ CDJU, año IX, 1387, cap. II, p. 628.

²⁶¹ Foi o que aconteceu no verão de 1381 quando os ingleses foram enviados de Lisboa para a raia alentejana. Pelo caminho iam forrageando como se encontrassem em território inimigo: “E el-rrei por esta rrazom, como os encavalgava, mandava-os a rriba d’Odiana pera a frontaria; e elles, em vez de entrarem por Castella a forrejar, davom volta sobre Rribatejo a roubar quanto achavom (...) Nos Lugares honde

hoste obtinha alimentos e forragens através do roubo das povoações por onde passava²⁶². Em regra, a recolha dos mantimentos era executada por grupos de forrageadores que se destacavam do corpo principal da coluna de marcha ou do seu acampamento e percorriam o território circundante. Em alguns casos era a própria vanguarda que, durante o itinerário, se adiantava no terreno para realizar estas operações.²⁶³ Nas crónicas analisadas encontramos vários episódios relativos a esta forma de abastecimento. Em 1373, durante o cerco de Lisboa²⁶⁴ realizado por Enrique II de Castela, de forma a obter mantimentos para o seu arraial, os capitães “estendiam-sse pelos termos da cidade a forrejar, sem torva que de nêhûu ouvessem, e trariam grandes rroubos de muitas e desvairadas cousas”²⁶⁵. No mês de fevereiro de 1384, o Mestre de Avis, ciente de que a cidade de Lisboa a qualquer momento podia ser cercada,

“hordenou amte que elRei de Castella vehesse, de mandar gemtes aa forragem aos logares que nom tinham sua voz, por bastecer a çidade de viamdas o mais que sse fazer podesse. E mandou a NunAllvarez que fosse a Simtra, pera trazer de seu termo alguûs mantiimentos, e com elle ataa trezentas lamças descudeiros e çidadaãos, e poucos homêes de pee (...) E correo NunAllvarez a terra darredor toda sem achâdo nenhuû qye o torvasse; e apanhou muitos mantimentos de gaados e trigo, e outras cousas de comer, de que carregaram assaz dazemellas de que já hiam percebidos pera esto (...)”²⁶⁶.

Em 1386, durante o cerco a Chaves²⁶⁷, de forma a obter víveres para o arraial, D.

João I

“mandaua muy ameude aa foragem, e emtrauom per Galliza a oito e dez legoas, a terra de Porqueira e de Sandiaães e dAlhariz e outros logares daquela comarca, e boons capitães em

pousavom, ao termo d’ elles hiam aa forragem, fazendo gram dano em paães e vinhos e gaados, e atormentavom os homêes, ataa que lhe deziam honde tinham os mantimentos e rroubavom-lhe quanto achavom; e se lh’o queriam defender, matavam-nos” (CDF, cap. CXXXII, p. 467); (ver mapa n° 30 para observar o itinerário; p. LXII). Situação idêntica aconteceu em 1386, enquanto o condestável permanecia no Porto a aguardar por gentes da comarca de entre o Tejo e Guadiana para ir auxiliar o monarca no cerco de Chaves; alguns dos seus homens pelo caminho roubaram as terras por onde passavam: “E, sendo já o conde estabre e sua gente no Porto, lhe foy denunciado dalgûs capitães de sua companhia que apos elle foram, de muytos males e dapnos que fezerom polla terra per honde foram, antre os quaes lhe foy denunciado d’Antam Vaasquez, que era hûu cavaleiro que elle muyto amava, que se queixou delle hûu homem bõo, que lhe depenara a barva e lhe tomara viho de hûa sua adegua sem lhe pagando delle nenhuûa cousa, do que ao conde estabre muyto desprouve, pollo bem que a Antam Vaasquez queria. Pero, sem embargo da bemquerença, ante se quis compooer a elle que a Deos, e polos bês d’Antam Vaasquez fez correger ao homem bõo o mal e dapno que delle recebera, (...)” (CDC, cap. LV, p. 134); (ver mapa n° 134B para observar o itinerário; p. CCCVIII).

²⁶² MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 249.

²⁶³ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 389.

²⁶⁴ O cerco iniciou-se no dia 23 de fevereiro de 1373 e estendeu-se até ao dia 24 de março daquele ano; (ver mapa n° 17 para observar o itinerário; p. XXXVI).

²⁶⁵ CDF, cap. LXXVII, p. 270.

²⁶⁶ CDJ, I, cap. LXXI, p. 122; (ver mapa n° 47 para observar o itinerário; p. XCVIII).

²⁶⁷ O cerco iniciou-se a 15 de janeiro de 1386 e durou até ao dia 30 de abril daquele ano. (MORENO, Humberto Baquero, *Os itinerários de el-rei Dom João I: 1384-1433*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988, p. 25).

guarda das azêmelas, que sempre hiam bem duas mjll, e as vezes mais; e uinham caregadas de pam e de carnes e de castanhas e nozes e doutros mantimentos, e dalgum pouco de uinho, ca nom he terra em que aja muyto.”²⁶⁸.

No mês de junho de 1386, quando a hoste portuguesa entrou em Castela com o objetivo de cercar Cória, o condestável, no caminho, pousou três dias em Robleda (ver mapa nº 140 para observar o itinerário; p. CCCXX). Daquele lugar, de forma a obter mantimentos, mandou “(...) çertas gemtes aa foragem aas aldeas de Ual dArago, que he huum valle muy fremosso e de muytos vinhos; e dally trouuerom auomdamça delles e assaz de gados, de que o areall era muy mynguado.”²⁶⁹. Durante o próprio cerco de Cória²⁷⁰, de forma a conseguirem mantimentos,

“gemtes do areall foram aa foragem, com emtemçam de chegar a huum logar que chamam Heruas, que eram treze legoas, por quanto deziã que auya hy muytos vinhos, de que o areal era muyto mynguado. E himdo com tal vomtade preto de Granadilha, que eram ataa oito legoas do areall, acharom azêmelas açerca de sol posto, que vinham caregadas de uinho daquell logar dEruas e hiam pera Prazemça. E os capitães que eram em guarda da forragem ouuerom comselho de nom hir por deante, e tornaram-sse ao areall com aquellas azemellas; com que chegarom em outro dia, e com muyto gaado vacarill e porcos.”²⁷¹.

No mês de dezembro de 1396, o condestável Nuno Álvares Pereira, antes de entrar em Castela com o Mestre de Avis e depois do alardo feito num campo além de Elvas, “mandou çertos de cauallo em duas partes, que fossem diante correr terra de Caçeres, e allem do luguar preassem gados e gemtes, quantos bem podessem; os quaees se logo dhy partiram a fazer sua obra.”²⁷². Estes forrageadores, acabaram por se encontrar com o grosso do exército em Cáceres (ver mapa nº 171 para observar o itinerário; p. CCCXCVI), lugar onde a hoste decidiu pernoitar, depois de umas escaramuças com os moradores daquela vila:

“(…) fazendo-sse noute, asentou o Comde seu arayal junto com a villa; e de noute vyeram parte dos que eram hidos a correr, e trouueram muytos pressuneyros e gados e bestas. E no seguynte dia foy o araualde entrado per força e roubado e queymado. E vyeram os outros corredores, que ajmda nam chegaram, e trouuerão muytos mays gaados e bestas e prisoneyros.”²⁷³

Estas operações, apesar de geralmente serem bem-sucedidas, tinham os seus perigos e podiam resultar num completo fracasso. As tropas destacadas para roubarem indiscriminadamente aquilo que encontrassem pelo caminho corriam sempre o risco de

²⁶⁸ CDJ, II, cap. LXV, pp. 155-156; (ver mapa nº 132 para observar o itinerário; p. CCCII).

²⁶⁹ CDJ, II, cap. LXXIV, p. 172.

²⁷⁰ O cerco teve uma duração de 21 dias e deve ter começado no dia 14 de junho, estendendo-se até inícios de julho de 1386. (WERMERS, Manuel Maria, "Nun'Álvares Pereira. A sua cronologia e o seu itinerário", in *Lusitania Sacra*, 1ª Série, nº5 (1960-1961), Centro de Estudos de História Eclesiástica, Lisboa, 1961, p. 51).

²⁷¹ CDJ, II, cap. LXXV, p. 174; (ver mapa nº 140 para observar o itinerário; p. CCCXX).

²⁷² *Idem, ibidem*, cap. CLXI, p. 339.

²⁷³ CDJ, II, cap. CLXI, p. 340.

resvalar para a indisciplina e de se fragmentarem, acabando por se tornar alvos fáceis das emboscadas preparadas pelo inimigo²⁷⁴. Nas crónicas também encontramos alguns episódios onde estas situações ocorreram. Em 1384, durante o cerco castelhano a Almada²⁷⁵, não embargando o facto de estarem sitiados, “os da villa sahiam fora esperar os Castellaãos em certos passos; os quaaes hiam aa forragem pelo termo, e a Sezimbra, e matavom deles e feriam, em tamto que já nom ousavom dhir senom muitos juntos;”²⁷⁶. No mês de julho de 1385, a vila de Arronches encontrava-se com poucos mantimentos. De forma a colmatar aquele desprovemento, Vasco Gil de Carvalho, juntamente com outros escudeiros de Évora,

“trabalhauom de lhe leuar mantijmentos. E nom se contentarom dhyr com sua arracoua, mas afastarom-sse aparte delles, e foram correr contra Canpo Mayor. Dom Affonso de Montemayor, senhor dAlcaudete, e dom Garcya Fernandez de Vyllagarçya, comendador moor de Samtyago, souberom disto parte em Badalhouce onde estauom. E juntarom suas gentes com os moradores da cidade, e veherom dar nos que leueuom (a) arrecoua; e pelleiando com esses poucos que acharom, desbaratarom-nos, e matarom e prenderom parte delles, e tomarom-lhe quanto leuauom; e os outros fugirom”²⁷⁷.

Em 1386, enquanto o Duque de Lencastre permanecia na Galiza²⁷⁸, de forma a obter mantimentos para a sua hoste, mandava destacamentos a forragear. Muitos deles acabavam mortos pelos castelhanos, que os surpreendiam nos bosques:

“em quamto esteue em Galiza. Ca segumdo comtam, huuns morryam de pestellença, outros de quoremça; delles er matauom per esses boscos e deuesas os que os achauom andar buscando mantimentos pella terra. Porque assy como alguns daquela comarca se veerom aa primeira pera elle, assy depouys mudarom temçom e faziam muyto dano ascomdidamente nelles (...)”²⁷⁹.

Para evitar situações análogas a estas e garantir o sucesso na realização dessas operações eram necessários alguns cuidados. Caso contrário, as probabilidades de a expedição lograr num fracasso eram bem maiores. De modo a combater a fragmentação e a indisciplina a que os homens estavam mais sujeitos neste tipo de operações e que consequentemente deixavam as tropas mais vulneráveis ao inimigo, o *Regimento da Guerra* previa castigos com penas severas para quem fosse “ousado d’hir em forragem diãte dos senhores, ou doutros quaaesquer, que houverem ho encarrego principal da

²⁷⁴ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 250.

²⁷⁵ O cerco começou em junho de 1384, numa data posterior ao dia 11 daquele mês (VIEGAS, Valentino, *Cronologia da Revolução de 1383-1385*, Lisboa, Editorial Estampa, 1984, p. 126) e terá durado quase dois meses. No dia 1 de agosto de 1384 o monarca castelhano Juan I e a rainha D. Beatriz foram receber a vila, que acabara de se render.

²⁷⁶ CDJ, I, cap. CXXXV, p. 234; (ver mapa nº 78 para observar o itinerário; p. CLXXI).

²⁷⁷ CDJ, II, cap. XXV, p. 50; (ver mapa nº 110 para observar o itinerário; p. CCXLVI).

²⁷⁸ Chegou à Galiza (Corunha) no dia 25 de julho de 1386; (ver mapa nº 143 para observar o itinerário; p. CCCXXVIII).

²⁷⁹ CDJ, II, cap. C, p. 214.

forragem”²⁸⁰. O conhecimento da região, dos itinerários, bem como dos locais onde era possível obter mantimentos, também eram vitais para o bom sucesso da operação, caso contrário os homens podiam perder-se e esbarrar no inimigo²⁸¹. De modo a diminuir a eventualidade de os participantes nestas incursões serem alcançados pelo inimigo, que se encontrava disposto a recuperar o que lhe havia sido roubado²⁸², o alvo escolhido para a realização destas operações não se devia situar numa zona muito afastada do corpo principal da hoste. Desta forma as probabilidades de os forrageadores serem alcançados pelo inimigo diminuam consideravelmente²⁸³.

Estas operações, apesar de todos os cuidados, que em teoria reduziam alguns riscos, continuavam a ser muito perigosas. Nas forragens havia sempre o risco de se depararem com o inimigo²⁸⁴ e de serem emboscados. Esta circunstância fica bem visível

²⁸⁰ “Do Regimento da Guerra” in *Ordenações Afonsinas. Livro I*. Nota de apresentação de Mário Júlio de Almeida Costa; nota textológica de Eduardo Borges Nunes. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, 5 vols. (reprod. fac-simile da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra, em 1792), p. 305; MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 250.

²⁸¹ Foi o que aconteceu em maio de 1387, durante a campanha anglo-portuguesa. De forma a obterem mantimentos para o arraial de Villalobos, um destacamento foi encarregue de ir forragear a área envolvente. Devido ao nevoeiro que surgiu, acabaram por se perder e esbarrar nos inimigos. “Em esto mandou el-Rey aa herua e por guarda dos que la hiam Martym Vaasquez da Cunha e seus jrmaãos e outros fidalgos com çertas gemtes. E partimdo do areall as azemellas e muytos dos que hiam por guarda dellas, ficaram detras per aqueçimento Martym Vaasquez e Gill Vaasquez e Lopo Vaasquez, seus jrmaãos, e Maaborny e Louremço Martiinz do Avellaar e Joham Portella, e doutros escudeiros e caualleiros ataa dezoyto; e hiam fallando muyto de seu vagar, fazemdo aquell dia huum gram neuoeiro e a menhaã nom bem descuberta. E sem paramdo mentes que terá leuauom per aazo daquell espesso aar, erarom o camjnho. E semdo já huuma grande legoa do areal, foram dar comsigo na ribeira que vem de Mayorgas, homde jaziam iij^c. lamças de castellaãos e muytos homeens de pee amtre huuns vlmos que ally avija, homde dormiram essa noite; de que eram capitães dom Fradrique, duque de Benaumte, jrmaão bastardo del-Rey, e Aluaro Perez dOsoiro e Ruy Pomçe de Leom e outros” (CDJ, II, cap. CVIII, p. 224); (ver mapa nº 155 para observar o itinerário; p. CCCLV).

²⁸² Em maio de 1387, no decurso da campanha anglo-portuguesa, depois de Villalobos ser preitejada, o monarca mandou o condestável a Villafáfila em busca de forragem. No regresso para o arraial alguns franceses que se encontravam em Villalpando lançaram-se sobre eles e tomaram algumas azémolas. Os do arraial, quando se aperceberam do que estava a suceder, acabaram por os alcançar e conseguiram recuperar o que havia sido tomado. “Em esto mandou el-Rey a herua a huum logar que chamam Villa Fauilla contra Çamora, que he bem sassemta legoas do mar, e fazem em ella sal dhuuma lagoa. E foy estomçe o Comdestabre por guarda da cariagem. E aquel dia que alla foram, tornando as azemellas caregadas pera o areall, veerom gemtes de framçesses dhuum logar que dizem Vilhalpando; e daquelas que já eram nom muy lomge do areal tomarom algumas, por quanto o Comdestabre vinha na reguarda de todas, arredado dally per grande espaço. Os do areall, como souberom que leuauom aquellas azemellas, caualgarom apressa; e jmdo apos elles, emcalçarom-nos no camjnho, e tolheram-lhas e tomarom-sse.” (CDJ, II, cap. CIX, p. 228); (ver mapa nº 156 para observar o itinerário; p. CCCLX).

²⁸³ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 389.

²⁸⁴ Nas crónicas encontramos alguns episódios onde estas situações aconteceram. Normalmente nestes encontros davam-se escaramuças. Foi o que aconteceu no mês de abril de 1387, no decurso da campanha anglo-portuguesa em Castela. Alguns capitães partiram do arraial de Matilla de Arzón e foram correr contra Valencia de Don Juan, os castelhanos do lugar saíram e escaramuçaram com os capitães portugueses: “E dally moueo outro dia, passamdo a rybeira de Ricouao (...) E pella ribeira daquel rio acima vão muytas

na dificuldade que o monarca português teve em 1400, durante o cerco de Alcântara (ver mapa nº 178 para observar o itinerário; p. CDXXI), em encontrar indivíduos dispostos a participar nestas ações. Devido ao perigo da operação muitos homens recusavam ir:

“E, estando já el’rey sobre Alcantara, era grande mingoa de mantimentos no arrayall e el’rey teve conselho que mandaria à fforagem por mantimentos e todos rrefusavam de hiir laa porque a jeente dos castellaãos era muyta d’arredor polla comarca, que acodyam ao çerco. E Joahm Afonso de Santarem, que era do conselho del’rey, se levantou no conselho e disse a el’rey: “Senhor, quem á’de hiir a esta forragem se nom o condestabre, que aqui está?”. E o condestabre, veêdo que era serviço del’rey polla grande mingoa do mantimento que a jeente do arrayall aviam disse que lhe prazia de hiir la, e partiu’se logo com çerta jeête e foy per Castella xvi legoas d’Alcantara, honde el’rey ficava, seus corredores diante, que corressem a terra.”²⁸⁵.

Esta forma de “viver sobre o país”, para além do perigo de os forrageadores se depararem com o inimigo ou serem emboscados, tinha outros impedimentos que dificultavam a obtenção de vitualhas. Se um exército permanecesse muito tempo no mesmo lugar, corria o risco de esgotar os recursos das áreas envolventes. Estas situações aconteciam sobretudo durante as operações de cerco; os recursos que se encontravam em redor da praça assediada esgotavam rapidamente²⁸⁶. Independentemente do tempo de permanência de um exército num determinado lugar, também podia acontecer que as comarcas onde as operações estavam a decorrer fossem pobres e escassas em recursos. Por último, as populações, na perspetiva da aproximação de uma força inimiga, também se refugiavam nas fortalezas mais próximas, levando consigo tudo o que conseguiam, não deixando nos campos nada com que o exército invasor se pudesse alimentar²⁸⁷. Esta situação sucedeu quando no mês de janeiro de 1384 o monarca castelhano chegou a Santarém (ver mapa nº 44 para observar o itinerário; p. XCI). O Mestre de Avis, que havia

aldeas ataa Vallemça de dom Joham. A este logar forom corer Martym Vaasquez da Cunha e Gill Vaasquez, seu jrmaão,e Gomçallo Vaasquez Coutinho e Ruy Mendez de Vasçonçellos e Joham Afomssso Pimentell e outros, e chegarom a huum logar que chamam Santilham, preto de Vallemça e da villa, homde estaua muyta booa gente pera a defemder. E veerom a escaramuçar, estando o rio amtre huuns e os outros; amtre os quaaes veo Aluaro dOuter de Fumos, aquell famosso homem darmas de que em çima he feita mençam. E saymdo com outros, meteram-se a augua damballas partes; e os portugueses damdo nos castellaãos, nom os poderom sofrer, e uoltarom costas (...) e tornaram-se os portugueses ao arreall com gados e outras coussas que trouerom.” (CDJ, II, cap. CV, p. 220); (ver mapa nº 155 para observar; p. CCCLV).

²⁸⁵ CDC, LXXIII, p. 188.

²⁸⁶ PRESTWICH, Michael, *Armies and Warfare in the Middle Ages*, New Haven and London, Yale University Press, 1996, pp. 259-260. Como referimos anteriormente, em março de 1370 o cerco a Ciudad Rodrigo teve de ser levantado devido à falta de mantimentos, bem como o cerco de Cória em julho de 1386.

²⁸⁷ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 390; GARCÍA FITZ, Francisco, “El Viaje de la guerra”, in *Viajar en La Edad Media - XIX Semana de Estudios Medievales*, Logroño, Insituto de Estudios Riojanos, 2009, p. 171.

chegado há pouco a Lisboa, depois de uma tentativa sem sucesso de tomar Alenquer (ver mapa nº 43 para observar o itinerário; p. LXXXIX), mandou

“logo rrecolher pera a çidade todollos moradores do termo, com os mantiimentos que levar podessem; e eles trigosamente, com rreço de Castellaãos, que lhe deziam que ja corriam a terra, partiamsse co as molheres e filhos e com os gaados e bestas, e cousas que levar podiam, e viinhamsse pera Lixboa; outros se passavom aallem do rrio, a Ribatejo, por buscar seguramça a sua vida, segumdo cada huû melhor emtemdia (...) E assim se rrecolherom de todo o termo pera a çidade, todollos moradores darredor ante que elRei de Castella vehesse.”²⁸⁸.

Para além de recolherem tudo o que conseguiam e de se refugiarem nas fortalezas mais próximas, as populações por vezes adotavam uma política de “terra queimada” como sistema de defesa. No momento da fuga, tal como Vegécio recomendava²⁸⁹, destruíam tudo o que não conseguiam transportar e que pudesse vir a ser útil para o inimigo²⁹⁰. Nas crónicas encontramos várias referências ao emprego deste método. Em 1387, durante a campanha anglo-portuguesa²⁹¹ em Castela, os portugueses não conseguiam obter viveres “(...) por las muchas gentes del rey de Castilla que estaban por los logares fuertes; otrosí, que todas las otras viandas de la tierra eran ya alzadas e destroídas, acordaron de se tornar para Portugal.”²⁹². Em junho de 1398, no decurso da campanha que o condestável realizou em Castela, juntamente com o Mestre de Santiago, Mem Rodrigues de Vasconcelos, e com o tenente da Ordem do Hospital, dom Lourenço Esteves de Góios (ver mapa nº 172 para observar o itinerário; p. CD), “nam podiam aver augua que os abastasse, porque o tempo era muy seco; e porque as gentes dos castellaãos eram muytas, e estemdian-sse pella terra a myrar a hoste, e punhão fogo aos mantimentos por se não prestar delles”²⁹³. Através das condicionantes enumeradas percebemos que a angariação de forragens e alimentos através do saque da região envolvente podia ser arriscada e não suficiente para abastecer o exército. Nestes casos e nas palavras de García Fitz, “cuando la supervivência sobre el terreno se hacía imposible, los comandantes se veían obligados a cambiar de ruta

²⁸⁸ CDJ, I, cap. LXX, p. 121.

²⁸⁹ Nos momentos que antecediam os cercos, Vegécio recomendava às populações em fuga, que procuravam refúgio nas fortalezas, a queimarem tudo aquilo que não puder ser transportado. (VEGÉCIO, *Compêndio da Arte Militar*, trad. de José Eduardo Braga e João Gouveia Monteiro, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009, IV livro, cap. VII, p. 341).

²⁹⁰ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 390.

²⁹¹ A campanha iniciou-se no dia 25 de março de 1387 e terminou em inícios de junho daquele ano. (Humberto Baquero, *Os itinerários de el-rei Dom João I: 1384-1433*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988, p. 32).

²⁹² CDJU, año IX, 1387, cap. III, p. 628.

²⁹³ CDJ, II, cap. CLXIII, p. 344.

o de objetivo.”²⁹⁴ De forma a colmatar este problema, era comum que os combatentes fossem obrigados a levar de casa algumas provisões. No entanto, e nas palavras de João Gouveia Monteiro, esta medida “não passava, porém, de meros paliativos, uma vez que a maioria das campanhas se prolongava durante muito mais tempo do que aquele por que era possível fazer render os alimentos trazidos de casa.”²⁹⁵ Segundo Miguel Gomes Martins, era provável que estes víveres fossem poupados, para que fossem apenas consumidos quando não houvesse qualquer possibilidade de obter mantimentos através do saque da comarca envolvente.²⁹⁶ Outra alternativa para assegurar o abastecimento de um exército consistia em garantir o transporte de provisões desde a retaguarda até ao lugar onde se encontrava a hoste²⁹⁷. Esta forma de provimento nem sempre era possível e era mais comum quando a hoste se encontrava a realizar operações de grande envergadura, principalmente cercos e bloqueios navais. Na primeira guerra fernandina, durante o bloqueio naval de Sevilha²⁹⁸, a frota era abastecida por navios que transportavam “bizcoito que se fazia no Algarve e em Lixboa e outros mantimentos e cousas que lhe mester faziam (...)”²⁹⁹. Em 1384, durante o cerco a Lisboa³⁰⁰, vinham para o arraial castelhano mantimentos de Santarém e de diversos lugares de Castela:

“E era avomdado e muito farto de mantiimentos que lhe viinham de Samtarem em barcas per mar; e per terra grandes arracovas de bbestas, por cuja guarda mamdava elRei sempre estar gemtes em certos logares no caminho, omde emtemdia que podiam rreçeber dano. E nom soomente de Santarêm, mas de todollos outros logares que por elRei de Castella estavom, era o arreall servido de todo o que mester avia. De Sevilha viinham muitas barcas e baixees com mantiimentos e armas, e quaaes quer outras cousas que lhe necessárias eram; e nom cuidees que soomente de mantimentos, mas espeçiarías de muitas e desvairadas maneiras achariees em elle em grande avomdamça a vemder.”³⁰¹.

De maneira a garantir esta forma de abastecimento, a coroa devia encarregar-se com alguma antecedência da compra de alimentos que considerava necessários para a campanha que iria empreender. Os mantimentos assim adquiridos seriam posteriormente

²⁹⁴ GARCÍA FITZ, Francisco, “El Viaje de la guerra”, in *Viajar en La Edad Media - XIX Semana de Estudios Medievales*, Logroño, Insituto de Estudios Riojanos, 2009, p. 171. Conforme já mencionámos anteriormente, estas situações aconteceram em março de 1370 no cerco a Ciudad Rodrigo, em julho de 1386 no cerco a Cória e em maio de 1387 na campanha anglo-portuguesa.

²⁹⁵ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 248.

²⁹⁶ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 388.

²⁹⁷ GARCÍA FITZ, Francisco, “El Viaje de la guerra”, in *Viajar en La Edad Media - XIX Semana de Estudios Medievales*, Logroño, Insituto de Estudios Riojanos, 2009, p. 172.

²⁹⁸ O bloqueio naval ter-se-á iniciado em junho de 1369 e durou 1 ano e 11 meses; (ver mapa nº 12 para observar o itinerário; p. XXIV).

²⁹⁹ CDF, cap. XLII, p. 138.

³⁰⁰ O cerco começou no dia 26 de maio de 1384 e prolongou-se até ao dia 3 de setembro daquele ano.

³⁰¹ CDJ, I, cap. CXIV pp. 193-194.

vendidos aos combatentes da hoste³⁰², muitas vezes sob a forma de descontos na respetiva remuneração. Por norma, a aquisição desses mantimentos, por ser em grandes quantidades e por o monarca assim o determinar, era feita a preços mais baixos do que era corrente, originando muitas vezes queixas por parte dos fornecedores³⁰³. Em casos extremos, o monarca podia até mesmo proceder a confiscos e requisições forçadas de víveres, se bem que, para a cronologia estudada, as crónicas não dêem conta de nenhum episódio onde esta situação extrema tenha acontecido.

Outro mecanismo de que a coroa dispunha para o fornecimento de mantimentos consistia na requisição de mercadores e comerciantes. Estes, aliciados por benefícios e privilégios de natureza diversa³⁰⁴, acompanhavam a hoste em campanha, provendo assim, mediante a venda, alguns mantimentos.³⁰⁵ Em 1384, durante o já referenciado cerco castelhano a Lisboa, Juan I, através da concessão de mercês, convenceu os mercadores que tiveram de parar no Restelo pelo tempo adverso, a venderem as suas mercadorias:

“E o aazo destas e outras muitas cousas serem achadas no arreall, em grande camtidade, foi chegada de duas carracas que hiam do Levante carregadas pera Framdes; e tempo contrario as costrangeo per força que pousarom em Restello, junto com a frota; elRei lhes mandou rogar, que lhes prouguesse descarregarom alli, e venderem suas mercadorias no arreall em que fariam muito seu proveito, e que lhe fariam em ello grande prazer e serviço, e ell lhe faria por ello merçees. Ouverom os mercadores e patrões sobrello seu acordo, e com os afficados rrogos delRei, e rreço, desi movidos por seu proveito, outorgarom o que lhe rrequerio, e descarregarom suas mercadorias, de que as gemtes achavam grande abastança.”³⁰⁶

Desta forma o monarca castelhano conseguiu alargar e diversificar as suas fontes de abastecimento para a hoste. Em 1385, na iminência da Batalha de Aljubarrota, ficamos a saber que a carriagem da hoste castelhana “tragiam mantimentos e armas e cousas pera vender dalguns mercadores.”³⁰⁷. Apesar de não termos encontrado qualquer referência, é provável que Juan I tenha providenciado de maneira a atrair mercadores. Em 1386, quando o Duque de Lencastre se encontrava na Galiza, a sua hoste também comprava mantimentos às populações:

³⁰² Ao analisar o caso dos exércitos medievais ingleses, Michael Prestwich, observou que não era normal a coroa providenciar alimento grátis aos seus combatentes. (PRESTWICH, Michael, *Armies and Warfare in the Middle Ages*, New Haven and London, Yale University Press, 1996, p. 252).

³⁰³ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 248.

³⁰⁴ Como por exemplo: isenções de taxas de circulação e de outros tributos costumeiros, salvo-condutos, proteção de escolta, etc... (MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 249).

³⁰⁵ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 386.

³⁰⁶ CDJ, I, cap. CXIV, pp. 193-194.

³⁰⁷ CDJ, II, cap. XXXVII, p. 84.

“Os poboos jssso mesmo em bestas e carros lhe tragiam muytos mantimentos e caualllos e uemder; as quaaes cousas os jmgreses comprauom por acostumados preços aa vomtade dos que lhas vendiam, sem tomando a seus donos valor dhuum dinheiro, so pena de perder a cabeça quallquer que o comtrairo fizesse, segumdo a hordenamça do Duque.”³⁰⁸

Independente da forma de angariação e de modo a garantir que os alimentos chegassem para alimentar a hoste até ao fim da expedição – evitando situações de carência que podiam ser desastrosas - os mantimentos tinham de ser bem administrados; para isso os comandantes racionavam os bens e puniam severamente qualquer tentativa de furto.³⁰⁹

Analisadas e descritas as formas como um exército podia obter mantimentos, resta-nos tentar perceber que tipo de alimentos e quais as quantidades eram necessárias para alimentar a hoste. Para este tópico, as crónicas apenas nos fornecem algumas pistas; contudo, analisando-as, conseguimos ficar com uma ideia sobre o tipo de alimentos que os combatentes geralmente ingeriam. No que toca à alimentação de uma frota, esta era maioritariamente constituída por biscoito³¹⁰ e por outros bens de conservação idêntica, nomeadamente a carne e o peixe fumados ou salgados. Na primeira guerra fernandina, durante o bloqueio naval de Sevilha³¹¹, a alimentação da frota era constituída por “bizcoito que sse fazia no Algarve e em Lixboa e outros mantimentos e cousas que lhe mester faziam (...)”³¹². Em 1382³¹³, durante o bloqueio naval que os castelhanos realizaram a Lisboa, seguido de várias incursões devastadoras nas áreas envolventes (ver mapa nº 33 para observar o itinerário; p. LXVIII), os homens “chegarom muito mais acima aas leziras d’ Aalbaçotim e d’ Alcoelha, e alli matavom muitos gaados e faziam carnagem e tragiam pera a frota”³¹⁴. No dia 1 de fevereiro de 1384, uma galé e cinco baixéis castelhanos, cuidando que a hoste castelhana já se encontrava sobre Lisboa, pousaram em Oeiras. O Mestre de Avis, assim que soube daquelas embarcações, armou logo duas naus e duas galés e foi ao encontro delas, conseguindo tomar tudo o que se encontrava nelas, “ca em estes navios foi achado muito pescado seco, de pescadas e comgros, e polvos, e sardinhas de fumo e de pilha, e muita farinha e outros mantimentos

³⁰⁸ CDJ, II, cap. LXXXIX, pp. 198-199.

³⁰⁹ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 251.

³¹⁰ O biscoito era, na verdade, pão sem levedura, que era cozido pelo menos duas vezes, de maneira a não ficar seco e a durar mais tempo.

³¹¹ O bloqueio naval ter-se-á iniciado em junho de 1369 e durou 1 ano e 11 meses; (ver mapa nº 12 para observar o itinerário; p. XXIV).

³¹² CDF, cap. XLII, p. 138.

³¹³ A frota castelhana chegou a Lisboa no dia 7 de março de 1382 e permaneceu até agosto daquele ano. (WERMERS, Manuel Maria, "Nun'Álvares Pereira. A sua cronologia e o seu itinerário", in *Lusitania Sacra*, 1ª Série, nº5 (1960-1961), Centro de Estudos de História Eclesiástica, Lisboa, 1961, p. 14).

³¹⁴ CDF, cap. CXXXV, p. 476.

(...)”³¹⁵. Ainda naquele ano o conde D. Gonçalo Teles (irmão da rainha D. Leonor), depois de tomar voz pelo Mestre de Avis, enviou biscoitos para a armada que mais tarde partiria do Porto para Lisboa: “Emtom chegou hi Gomçallo Perez, e pedio ao Còde que lhe mandasse dar bizcoito que estava em Coimbra e em Monte Moor; e ao Comde prouve dello, e levarom dhi muito bizcoito e armas de que carregarom dous baixees pera o Porto;”³¹⁶.

Em terra a alimentação dos exércitos era sobretudo à base do pão, através dos cereais, de carnes, de frutos e de vinhos. O trigo aparece bastantes vezes referenciado nas crónicas. No mês de fevereiro de 1384, quando Nuno Álvares Pereira foi em busca de forragem ao termo de Sintra “apanhou muitos mantimentos de gaados e trigo, e outras cousas de comer, de que carregarom assaz dazemellas (...)”³¹⁷. Na entrada que Antão Vasques realizou em Castela para a obtenção de saque (ver mapa nº 127 para observar o itinerário; p. CCXC), no mês de outubro de 1385, também encontramos novamente referência ao trigo: “acerca de dous casaaes huma legoa dArouche posserom seu alloiamento, e em eles acharom muyto trijgo e ceuada, e ally comerom e folgarom.”³¹⁸. Assim como o trigo, as carnes também aparecem várias vezes referenciadas nas crónicas; contudo, na maioria das vezes, aparecem mencionadas pelo termo genérico de gados, tornando-se difícil saber qual o tipo de carnes consumidas. Mas apesar dessa dificuldade, através de alguns episódios, conseguimos ficar com uma noção dos tipos de carnes que eram consumidas pela hoste. Na já mencionada incursão de Antão Vasques em Castela, ficamos a saber que “se veherom a Serpa, dhu auyam partydo, com toda a cau(a)lgada que tragiam, que eram quatro mjl vacas e cinco mjl ouelhas e ataa mjl porcos, e dez prisoneyros (...)”³¹⁹. Na iminência da Batalha de Aljubarrota (ver mapa nº 119 para observar o itinerário; p. CCLXVIII), verificamos que a carriagem castelhana trazia gados, estes “passauom doito mjll cabeças amtre bois e vacas e ouelhas, e todo o mais desto fora tomado em Portugall.”³²⁰. Aquando do cerco de Cória, no mês de junho de 1386, no regresso de uma forragem realizada pelos do arraial a Granadilha, “(...) chegarom em outro dia, e com muyto gaado vacarill e porcos.”³²¹. Através da análise e dos exemplos mencionados, cremos que as principais carnes consumidas pela hoste eram as carnes de

³¹⁵ CDJ, I, cap. LXIX, p. 119.

³¹⁶ *Idem, ibidem*, cap. CXXIII, p. 212.

³¹⁷ *Idem, ibidem*, cap. LXXI, p. 122; (ver mapa nº 47 para observar o itinerário; p. XCVIII).

³¹⁸ CDJ, II, cap. LIX, pp. 145-146.

³¹⁹ *Idem, ibidem*, cap. LX, pp. 148-149.

³²⁰ CDJ, II, cap. XXXVII, p. 84.

³²¹ *Idem, ibidem*, cap. LXXV, p.174; (ver mapa nº 140 para observar o itinerário; p. CCCXX).

vaca, de porco e de ovelha. Estas constituíam uma importante componente na alimentação dos homens. Os frutos também eram outro bem alimentar com o qual os combatentes se podiam nutrir. Em 1382³²², durante o bloqueio naval que os castelhanos realizaram a Lisboa, seguido de várias incursões devastadoras nas áreas envolventes (ver mapa nº 33 para observar o itinerário; p. LXVIII), os homens “das naaos sahiam ameude a colher huvas e fruta, porque era estonce tempo d’ ellas”³²³. No mês de agosto de 1384, depois de uma tentativa infrutífera de apanharem os castelhanos - que foram enviados do arraial de Lisboa para o Crato - no caminho de Ponte de Sor, Nuno Álvares Pereira dirigiu-se ao Cano (ver mapa nº 81 para observar o itinerário; p. CLXXVII). Naquele lugar por falta de outros mantimentos, a hoste viu-se obrigada a comer figos: “E dalli sse tornou ao Cano, omde forom bem pemssados de figos, ca outro mantiimento nom avia hi por aazo da guerra, que nom comssetia demorar alli nemguem nem elles nom o tragiom; e dalli sse veherom a Evora”³²⁴. Em 1386, durante o cerco de Chaves³²⁵, alguns homens do arraial iam em forragem à Galiza (ver mapa nº 132 para observar o itinerário; p. CCCII) e as azémolas “uinham caregadas de pam e de carnes e de castanhas e nozes e doutros mantimentos, e dalgum pouco de uinho, ca nom he terra em que aja muyto. (...)”³²⁶. A par da carne, dos cereais e dos frutos, o vinho, por se tratar de um excelente suplemento calórico, também era muitas vezes consumido pela hoste. Nas crónicas encontramos algumas referências aos vinhos. No dia da Batalha de Aljubarrota, o abade de Alcobaça, D. João de Ornelas mandou “huum seu jrmaão com certos homens darmas e de pee e beesteiros e azêmelas carregadas de pam e de uinho e doutras cousas ao campo homde el-Rey estaua.”³²⁷. Em 1386, nas já mencionadas forragens que os homens do arraial efetuavam na Galiza, durante o cerco de Chaves, as azémolas vinham carregadas “dalgum pouco de uinho, ca nom he terra em que aja muyto”³²⁸. No mês de junho de 1386, quando o condestável pousou três dias em Robleda (ver mapa nº 140 para observar o itinerário; p. CCCXX), mandou “certas gentes à fforagem a Vall d’Arrago, que era terra de muitos vinhos, e os que allo forom trouverom muytos vinhos, de que o arrayall era muy

³²² A frota castelhana chegou a Lisboa no dia 7 de março de 1382 e permaneceu até agosto daquele ano. (WERMERS, Manuel Maria, "Nun'Álvares Pereira. A sua cronologia e o seu itinerário", in *Lusitania Sacra*, 1ª Série, nº5 (1960-1961), Centro de Estudos de História Eclesiástica, Lisboa, 1961, p. 14).

³²³ CDF, cap. CXXXVII, p. 481.

³²⁴ CDJ, I, cap. CXLV, p. 259.

³²⁵ O cerco iniciou-se a 15 de janeiro de 1386 e durou até ao dia 30 de abril daquele ano. (MORENO, Humberto Baquero, *Os itinerários de el-rei Dom João I: 1384-1433*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988, p. 25).

³²⁶ CDJ, II, cap. LXV, pp.155-156.

³²⁷ *Idem, ibidem*, cap. XLVI, p. 111.

³²⁸ CDJ, II, cap. LXV, pp. 155-156.

minguado.”³²⁹ Apesar de ser um excelente suplemento calórico, o consumo do vinho devia ser moderado, pois em caso de excesso podia provocar casos de embriaguez na hoste³³⁰, que se revelariam perigosas. Na entrada que o condestável realizou em Castela, no mês de outubro de 1385 (ver mapas nº 125A e nº 125B para observar o itinerário; p. CCLXXXI; p. CCLXXXIII), aconteceu um desses desaires, quando a hoste

“foy dormyr ao Almendrall, aldea de Badalhouçe, pobraçam de trezemos vizinhos seis legoas daquela çidade. E aquella noyte foy gramde volta antre as gemtes do areall por os muytos vinhos que hij acharom, da quell cousa ao Comde muyto desprougue e foy posto em gram cuyado.”³³¹.

Anos mais tarde, em junho de 1398, numa entrada empreendida pelo mesmo comandante militar em Castela, temos uma situação idêntica (ver mapa nº 172 para observar o itinerário; p. CD). Quando a hoste pernitoiu em Zafra houve um grande alarido no arraial que causou um autêntico alvoroço. Segundo alguns, este foi provocado pela bebedeira de um escudeiro:

“Aquelle dia, estando o Comde jaa apoussentado, se recreçeio no arayal gramde aroydo, no qual foy assaz de volta e juntos muytos homeens; em tanto que o Conde sayo da temda, com huum mantam cuberto sem outra cousa, por ver que era aquello. E quamdo chegou homde a volta era, hya jaa bem acompanhado. E os que eram fora do aroydo que o asy vyam amdar, cuydando que era contra elle, lançauam as espadas fora, trazendo-as aleuantadas sobre elle pelo goardar; e asy o trouxeram antre sy apertado, de guysa que o Comde perdeo o mantam e ficou em gibão; e asy amdou huum boom espaço, atee que as gentes souberam o que era. E cessou a volta; e tirada jmquiryçam per mamdado do Comde, achou que huum escudeiro, que chamauam Afonso Pirez Carrazinho, fora aleuantador do aroydo; houtros deziam que per azo do vinho bom; e logo quysera proceder contra elle muy hasperamente, por o cajam que se de tal cousa podia recreçer. E a rogo de muytos que por elle rogaram, çesou dello; porem degradou-ho da hoste.”³³²

Relativamente às quantidades que eram necessárias para alimentar a hoste, as crónicas não fornecem informações. Para o efeito, apenas podemos recordar as estimativas apresentadas pela bibliografia estrangeira. Para alimentar um exército medieval inglês eram necessárias grandes quantidades de comida. Segundo Michael Prestwich, uma hoste composta por 30 000 homens necessitaria de cerca de 5 000 kg³³³ de cereais por semana; juntando 5 000 cavalos necessitariam 2 000 kg de aveia todas as semanas; assim, para uma campanha que durasse cerca de dois meses, uma hoste

³²⁹ CDC, cap. LVI, p. 138.

³³⁰ O consumo do vinho também servia para dar coragem aos combatentes, segundo John Keegan, muitos deles entravam em combate pouco sóbrios. Citado por (MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 387).

³³¹ CDJ, II, cap. LIV, p. 133.

³³² CDJ, II, cap. CLXVII, p. 354.

³³³ A medida utilizada por Prestwich é o “quarter”, os valores foram convertidos em quilogramas para um melhor entendimento. 1 “quarter” corresponde, aproximadamente, a 13 kg.

necessitaria de cerca de 56 000 kg de cereais³³⁴. No caso francês, Philippe Contamine procedeu a uma avaliação quantitativa da alimentação dos exércitos franceses. Através da ingestão de pão, carne, vinho, ovos, ervilhas e manteiga chegou à conclusão de que um exército em marcha consumiria (por dia e por homem) cerca de 4360 calorias, enquanto uma frota de guerra consumiria perto de 3956 calorias e uma guarnição de uma praça sitiada consumiria cerca de 2955 calorias³³⁵. Em termos calóricos, e segundo cálculos do mesmo autor, os combatentes possuíam uma alimentação aceitável. Para além da alimentação dos homens, também era necessário assegurar a alimentação dos cavalos e dos outros animais, nomeadamente os de carga e de tiro, que integravam o trem de apoio. Segundo Francisco García Fitz, uma força composta por 1 000 cavaleiros, necessitaria de 1 350 000 kg de forragem para alimentar as suas montadas durante um mês³³⁶.

Exposto tudo isto, falta ainda ressaltar que o abastecimento não dizia apenas respeito aos víveres. Para um exército medieval, o abastecimento não se limitava apenas à comida, mas também ao fornecimento de armamento (como por exemplo virotões para municiar os besteiros...), bem como todo o tipo de utensílios e engenhos para fazer a guerra. Nas crónicas encontramos algumas passagens referentes ao fornecimento destes elementos. Em 1384, durante o cerco castelhano a Lisboa, vinham de Sevilha para o arraial “muitas barcas e baixees com mamtiimentos e armas”³³⁷. Ainda naquele ano, no mês de novembro³³⁸, enquanto o Mestre de Avis cercava Alenquer (ver mapa nº 90 para observar o itinerário; p. CXCVIII),

“mamdou o Meestre a Lixboa por trôos e por dous emgenhos, e foromlhe levados em barcas, ata aquell logar hu desembarcada, e dalli em bois ataa o logar. E como chegaram ao arravalde, omde os bois nom poderom mais hir, tomarom os homêes cordas pera os levarem per ellas omde aviam de seer armados (...)”³³⁹.

³³⁴ PRESTWICH, Michael, *Armies and Warfare in the Middle Ages*, New Haven and London, Yale University Press, 1996, pp. 247-248.

³³⁵ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 251. Os dados foram retirados de (CONTAMINE, Philippe, *Guerre État et Société à la Fin du Moyen Âge*, Paris, La Haye, 1972, p. 652).

³³⁶ GARCÍA FITZ, Francisco, *Castilla y León frente al Islam: Estrategias de expansión y tácticas militares (siglos XI-XIII)*, 2ª Edição, Sevilha, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 2005, pp. 93-94.

³³⁷ CDJ, I, cap. CXIV, p. 193.

³³⁸ O cerco iniciou-se no dia 5 de novembro de 1384 e prolongou-se até ao dia 10 de dezembro daquele ano. Após 6 semanas o lugar foi entregue por uma pretesia. (MORENO, Humberto Baquero, *Os itinerários de el-rei Dom João I: 1384-1433*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988, p. 16).

³³⁹ CDJ, I, cap. CLXVI pp. 313-314.

No mês de maio de 1385, quando o monarca se encontrava sobre Guimarães (ver mapa nº 103 para observar o itinerário; p. CCXXVI), mandou “combater a çerca velha, e fez vijnr do Porto emgenhos e armas e gemtes e mesteiraaes e todallas outras cousas que pera combater faziam mester.”³⁴⁰

Quanto ao transporte do armamento, dos engenhos e dos mantimentos, a forma mais fácil, mais rápida e segura era a via fluvial. No entanto, nem sempre existia uma via fluvial que pudesse servir para a viagem, facto que obrigava na maioria das vezes a hoste a carregar consigo os mantimentos e os engenhos que transportava por terra. Esta condicionante fica bem visível, aquando do cerco de Alenquer, no transporte de trons e dois engenhos de Lisboa; estes vieram pelo Tejo até Piquete, onde foram desembarcados, e dali foram “em bois ataa o logar. E como chegarom ao arravallde, omde os bois nom poderom mais hir, tomarom os homêes cordas pera os levarem per ellas omde aviam de seer armados”³⁴¹ (ver mapa nº 90 para observar o itinerário; p. CXCVIII). O transporte por terra, para além de ser mais lento, acabava por ser mais perigoso.

³⁴⁰ CDJ, II, cap. XII, p. 24.

³⁴¹ CDJ, I, cap. CLXVI, pp. 313-314.

5 – O descanso durante a viagem: os acampamentos

Depois de um longo dia de marcha, com etapas médias na ordem dos 20 a 35 km, e antes de a noite chegar, tornava-se necessário um lugar seguro que permitisse à hoste pernoitar e descansar da sua jornada. Para isso, depois de eleito o local, tinha de se organizar e montar o acampamento, bem como garantir a respetiva segurança. Deste modo reduziam-se os riscos de o inimigo aproveitar a noite para lançar um ataque. Contudo, estes cuidados apenas se colocavam quando as hostes cruzavam a fronteira e percorriam território hostil ou quando se encontravam próximas do adversário. Nos casos de a hoste ainda se encontrar no seu próprio território, onde o perigo à partida era muito reduzido ou até nulo, o local do alto não constituía grande problema, visto que se encontrava sempre alojamento em locais seguros, como nos castelos, numa vila amuralhada ou nas suas imediações. Além disso dar alojamento ao monarca e a todo o seu exército constituía uma obrigação que devia ser satisfeita pelos alcaides dos castelos e pela população em geral.³⁴² Esta situação verificou-se em julho de 1382 quando a hoste de D. Fernando e a do Conde de Cambridge se encontraram e pousaram em Elvas (ver mapa nº 36 para observar o itinerário; p. LXXIV):

“Em esto hordenou el-rrei de todos fazerem mudança, por hir mais adeante; e screveo ao conde que partisse de Villa Viçosa, e ell partio logo hũa segunda-feira postumeiro dia de junho com sua molher e gentes e foi pousar seu arreall em Odiana a par de Jerumenha. E el-rrei e a rrainha partirom d’Estremoz, onde já estavom, aa quarta-feira seguinte com todas suas gentes e veherom-sse a Borva e aa sexta-feira chegarom a Villa Boim; ao sábadu foram pousar a Ellvas, que eram seis dias do mês de julho, onde depois se juntarom todos; e pousava el-rrei em cima na villa velha e o conde em Sam Domingos, e a hoste d’el-rrei pôs seu arreall nas ortas arredor da villa, e os ingreses nos ollivaaes caminho de Badalhouce”³⁴³

Em agosto de 1385, quando a hoste se dirigia de Ourém – que também possuía muralhas e castelo – para a Batalha de Aljubarrota, ficamos a saber que pernoitaram em Porto de Mós (ver mapa nº 119 para observar o itinerário; p. CCLXVIII): “Ao sábadu seguynte partio el-Rey d’Ourem, e o Comdestabre antel com a auamguarda; e foy toda a hoste alojar a Porto de Moos, que eram dally çimquo legoas.”³⁴⁴

Através destas passagens conseguimos perceber que quando o monarca ainda se encontrava no seu território, não seria difícil à hoste alojar-se numa vila ou nas suas imediações. Caso o inimigo se encontrasse no interior do território alheio e nas proximidades, os comandantes podiam aumentar a segurança dos lugares, fortalecendo-

³⁴² MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 391.

³⁴³ CDF, cap. CL, p. 523.

³⁴⁴ CDJ, II, cap. XXXIII, p. 71.

os com palanques. Foi o que aconteceu antes da Batalha de Atoleiros, no mês de abril de 1384, quando Nuno Álvares Pereira se encontrava em Estremoz e os castelhanos no Crato (ver mapa nº 55 para observar o itinerário; p. CXV). De modo a garantir uma maior segurança no lugar mandou apalancar o arrabalde:

“E com esta gente se partio logo d’Evora e se foy a Estremoz, e hy lhe veo logo recado certo que aquelles senhores e gente de Castella por que o mestre mandara a Nun’Alvrez estavam no Crato e que era muyta gente e muyto bem corrigida. E, como Nun’Alvrez tal recado ouve, e porque pousava no arravalde e tinha pouca gente, mandou logo apalancar o arravalde pera seer ouvido se a elle algũa gente de noyte viesse.”³⁴⁵

O mesmo também fizeram os castelhanos de Burguillos del Cerro em junho de 1398, aquando da entrada do condestável português em Castela (ver mapa nº 172 para observar o itinerário; p. CD). Temendo que as forças portuguesas pudessem atacar o lugar, fortificaram o arrabalde: “E cercaram o araualde de pedra seca nas entradas das ruas, e beesteiros e gentes darmas em goarda das barreiras, tememdo (que) o Comde os combatesse, posto que posera arayal (sobre elles).”³⁴⁶

Contudo, quando entravam em território hostil a história era diferente e os exércitos em campanha passavam a contar apenas consigo próprios para encontrarem lugares e instalarem os seus arraiais. Os lugares escolhidos deviam cumprir alguns requisitos para tornarem o acampamento mais seguro e mais confortável. Assim, o local escolhido devia-se encontrar preferencialmente numa posição elevada, num planalto afastado de outras elevações maiores que pudessem ser tomadas pelo inimigo, e ainda encontrar-se próximo de locais ricos em água, pasto e madeira.³⁴⁷ No entanto, tal como Vegécio recomendava, os locais escolhidos não deviam estar demasiado próximos das margens dos rios, devido ao risco de inundação, e também devia-se evitar zonas pantanosas e de águas estagnadas para prevenir possíveis doenças.³⁴⁸ Tal como era recomendável, é possível verificar nas crónicas que alguns arraiais da hoste foram instalados próximos de ribeiras e rios, facilitando o abastecimento de água por parte da hoste. Em 1384, quando os portuenses foram ao encontro do Arcebispo de Santiago, que havia entrado em Portugal, assentaram o arraial perto de uma das margens do rio Leça.³⁴⁹

³⁴⁵ CDC, cap. XXVIII, p. 61.

³⁴⁶ CDJ, II, cap. CLXVII, p.354.

³⁴⁷ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 392.

³⁴⁸ VEGÉCIO, *Compêndio da Arte Militar*, trad. de José Eduardo Braga e João Gouveia Monteiro, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009, III livro, cap. VIII, p. 269.

³⁴⁹ “Os Portugueses quamdo os virom daquela maneira, açemdeosse em elles mais a vooamtade de pellejar; e buscamdo logar aazado per omde passassem a seu sallvo, pera os fazerê deçer daquell momte, numca o

(ver mapas nº 70 e 71 para observar os itinerários; p. CLIII; p. CLV). No mês de julho de 1385, depois de ter escaramuçado e entrado na vila de Torres Novas, a hoste régia partiu para Alenquer³⁵⁰ (ver mapa nº 109 para observar o itinerário; p. CCXLIII) e colocou arraial junto de uma ribeira, perto de umas hortas: “Emtom se foy el-Rey a Allanquer, onde estaua Vaasco Perez de Caamoões, que fora seu vassalo como dissemos; e posserom seu areall em fundo nas ortas da ribeyra boom espaço do lugar, onde sse fazyam as vezes boñas escaramuças antre os da villa e os do arreal”³⁵¹. Ainda em outubro daquele ano, depois de ter partido de Villanueva de la Serena (ver mapas nº 125A e 125B para observar o itinerário; p. CCLXXXI; p. CCLXXXIII) “ho conde estabre, com sua gente, alojou a par d’Odyana e pos suas guardas no arrayall”³⁵². Também no mês de maio de 1387, quando a hoste anglo-portuguesa partiu de Villalpando (ver mapa nº 158 para observar o itinerário; p. CCCLXIV), assentou o arraial perto do rio Douro: “veo pousar a çima de Çamora duas legoas, jumto com o ryo em dereito de Santa Maria do Viso (...) Em outro outro dia, que eram quimze de mayo, partio el-Rey, e passou toda a hoste aquell vaao (...) e poserom logo seu arreal da parte aallem”³⁵³

Em regra, cabia ao condestável, ou ao comandante da hoste, escolher o melhor lugar para assentar o acampamento. Na escolha do local, o condestável seria auxiliado pelo adail e pelos guias³⁵⁴, que deviam possuir um elevado conhecimento da zona envolvente e dos melhores lugares para assentar o arraial. Numa passagem referente a agosto de 1385, antes da batalha de Aljubarrota, quando a hoste régia partiu de Tomar para Ourém (ver mapa nº 119 para observar o itinerário; p. CCLXVIII), podemos verificar que foi o condestável a escolher o lugar de alojamento:

“E, todo esto concertado, el’rey partyo de Tomar, e o conde estabre ante elle, que levava a vanguarda, e el’rey a rreguarda, e também as allas com as jeentes que fora hordenado. E asy partírom todos em rrigimento hûu dia de sesta feira e se foram a Ourem. E, quando el’rey chegou com a rreguarda, o conde estabre, que fora com a vanguarda diante, tinha tomado e assinado alojamento pera a oste ao pee da villa d’ Ourem, de contra Atouguia das Cabras”³⁵⁵.

poderom achar; e porque sse chegava a noite, apousemtaromsse aos mormoyraaes de Leça” (CDJ, I, cap. CXX, p. 206).

³⁵⁰ Naquele lugar deram-se algumas escaramuças e alguns homens da hoste “hyam aa forragem a termo dAllanquer e de Torres Vedras, buscar mantijmentos.” (CDJ, II, cap. XXIV, p. 48); (ver mapa nº 111 para observar o itinerário; p. CCXLVIII). No arraial D. João I aguardou pelas gentes de Lisboa. Estas terão chegado no dia 10 de julho; (ver mapa nº 113 para observar o itinerário; p. CCLIII).

³⁵¹ CDJ, II, cap. XXIV, p. 48.

³⁵² CDC, cap. LIV, p. 127.

³⁵³ CDJ, II, cap. CXI, p.231.

³⁵⁴ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 245.

³⁵⁵ CDC, cap. LI, p. 115.

Tal como acontecia na marcha, os guias também podiam induzir o condestável em erro relativamente ao lugar onde era instalado o acampamento, podendo este, por engano ou descuido, ficar demasiado próximo do inimigo. Nas crónicas encontramos uma passagem muito interessante onde esta situação aconteceu. No mês de junho de 1398, na última entrada encabeçada pelo condestável em Castela, a hoste assentou arraial em Villalba de los Barros (ver mapa nº 172 para observar o itinerário; p. CD). No momento em que era armada a tenda, o condestável reparou que na direção do castelo de Feria, a uma grande légua ou mais do lugar, encontravam-se tendas. Na verdade, naquele lugar estava o arraial do Mestre de Santiago de Castela³⁵⁶. Assim, o arraial português, por engano, foi colocado muito próximo dos inimigos:

“E este dia, que era sábado, chegou o Conde a comer com sua hoste aaquelle logar de Villalua (...) E como o Condestabre chegou e seu arayal começou dasentar as gentes da hoste, (...) E querendo armar a tenda do Comde, parou elle mentes contra o cestello da Feyra, e vio bramquear as temda do arayal dos castellaãos. E chamou alguns dos seus, e disse: Que vos semelham aquellas coussas bramcas que parecem naquela terra? – Senhor, diziam alguns, temdas sam. Houtros razoauam que erão pedras. E elle afirmava todavia que eram tendas, pero que era espaço de huma grande legoa e mais. Entam fez chamar perante sy as guyas pera lhe dizerem se era asy como elle dyzia; e eles afirmarão que temdas eram em toda guya. E elle queyxou-sse muyto contra eles, dizemdo: Maraulyho-me de mym como vos ora nam mando cortar as cabeças, serem meus jmygos tam preto de mym e não o saberdes vos pera mo dizerdes. Preçebey-uos que vos nam aconteça outra tal.”³⁵⁷

Situações como estas seriam muito perigosas, pois o inimigo podia aproveitar o momento em que a hoste assentava o arraial e se encontrava mais vulnerável³⁵⁸ para atacar de surpresa. De modo a colmatar as vulnerabilidades a que uma hoste estava sujeita no momento da instalação do acampamento, o condestável, ou o comandante da hoste, devia tomar certas medidas de segurança. Assim, escolhido o lugar e antes de se iniciar a instalação do arraial, era recomendável colocar atalaias nas áreas envolventes, bem como enviar batedores a reconhecerem a região circundante, prevenindo o aparecimento de inimigos.³⁵⁹ No mês de agosto de 1385, pouco tempo antes da Batalha de Aljubarrota, esse cuidado fica bem visível quando a hoste chegou a Porto de Mós (ver mapa nº 119

³⁵⁶ O arraial castelhano encontrava-se a 12,1 km do arraial português. Devido à proximidade do acampamento castelhano e ao tempo que permaneceram naquele lugar (estiveram ali 3 dias), apesar de não encontrarmos qualquer referência nas crónicas, é possível que o arraial tenha sido fortalecido com palanques.

³⁵⁷ CDJ, II, cap. CLXIII, p. 345.

³⁵⁸ Os momentos de instalação e desmontagem dos acampamentos eram particularmente perigosos. Nestes períodos a hoste encontrava-se mais vulnerável, menos organizada e mais exposta, pois muitos dos homens não estavam dispostos em formação de combate nem estavam armados.

³⁵⁹ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 395.

para observar o itinerário; p. CCLXVIII) e o condestável, a mando do monarca, com mais alguns cavaleiros, foi na direção de Leiria para ver se avistava os inimigos:

“E ao sábado seguinte partio el’rey d’Ourem, e o conde estabre com elle, com a vanguarda, e foy el’rey com toda sua hoste alojar a Porto de Moos, (...) e o conde estabre, per mandado del’rey, com cento de cavallo, com cotas e braçaaes e lanças d’armas, se foy contra Leyrea per hûus cabeços altos pera veer se poderia veer a gente del’rey de Castella como vinham”³⁶⁰.

No mês de maio de 1400, durante a forragem que o condestável realizava na comarca de Alcântara, para fornecer mantimentos ao arraial que cercava o lugar (ver mapa nº 178 para observar o itinerário; p. CDXXI), também podemos verificar que Nuno Álvares Pereira teve o cuidado de enviar alguns cavaleiros correrem a terra circundante, antes de assentar o seu arraial junto da ribeira Boteja:

“e chegou a huã ribeyra que chamam Boteja, que era comarca rrica e bem povoada, e daqui mandou correr a terra ao longe per duas partes: a hũa mandou dom Lourenço Estevez de Goyos, que ainda entom era teente da Hordem do Espital e depois foy prioll, com certa gente; e à outra mandou Martym Afonso de Meelo com çerta geête; e elle ficou naquella rrybeyra de Boteja com seu arrayall.”³⁶¹

Os batedores, para além de reconhecerem a região circundante, também aproveitavam para roubar mantimentos. Antes de se iniciar o processo de montagem do arraial, os comandantes também deviam esperar que todos os combatentes chegassem ao lugar³⁶² e, até à chegada de todos os homens, os cavaleiros tinham de permanecer armados e montados.³⁶³ Nas crónicas encontramos um trecho referente à chegada da hoste régia a Melgaço³⁶⁴ (ver mapa nº 162 para observar o itinerário; p. CCCLXXV) que nos leva a deduzir que o arraial só começou a ser montado quando D. João I chegou: “E logo como el-Rey chegou, foram armadas as temdas e poussado o arayal, nam porem longe da villa.”³⁶⁵. Como o monarca ia sempre na retaguarda, é provável que ainda tenha demorado algum tempo a chegar e por isso o acampamento só foi instalado à sua chegada. Durante a instalação do arraial, era recomendável que alguns homens permanecessem armados e em posição defensiva.³⁶⁶ Nas crónicas encontramos umas breves referências que nos levam a concluir que nesses momentos alguns homens permaneciam armados. Nos finais

³⁶⁰ CDC, cap. LJ, p. 116.

³⁶¹ CDC, cap. LXXIII, pp.188-189.

³⁶² Os homens que vinham na retaguarda da coluna de marcha demoravam sempre mais a chegar.

³⁶³ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 245.

³⁶⁴ A hoste chegou ao lugar no dia 10 de janeiro de 1388. O cerco durou 53 dias. No dia 3 de março de 1388 tomaram o lugar através de uma preitesia. (MORENO, Humberto Baquero, *Os itinerários de el-rei Dom João I: 1384-1433*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988, p. 37).

³⁶⁵ CDJ, II, cap. CXXXIV, p. 275.

³⁶⁶ VEGÉCIO, *Compêndio da Arte Militar*, trad. de José Eduardo Braga e João Gouveia Monteiro, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009, III livro, cap. VIII, p. 281.

de maio de 1387, aquando do regresso da campanha anglo-portuguesa, durante a instalação do arraial em Ciudad Rodrigo (ver mapa nº 158 para observar o itinerário; p. CCLXIV), o monarca e o condestável mantiveram-se montados nos seus cavalos:

“Como a ribeira foy passada, juntou-sse o Comdestabre com el-Rey, e apouentou-sse no arreall açerca de mea legoa acima da çidade. E el-Rey e o Comde andarom sempre a cauallo ataa que a hoste foy assessegada e suas guardas postas, por serem tam preto de seus emmigos;”³⁶⁷.

No mês de junho de 1398, na última campanha do condestável em Castela, quando a hoste chegou a Villalba de los Barros (ver mapa nº 172 para observar o itinerário; p. CD), conseguimos reparar que, enquanto as tendas eram montadas, o condestável permanecia armado:

“E este dia chegou o condestabre com sua hoste a comer a hum lugar que chamavam Villa Alva (...) E, an||te que o condestabre comesse, sendo assentado em hûu almafreixe, armado como vinha de caminho, enquanto lhe faziam de comer e lhe armavam as teêdas”³⁶⁸.

Instalado o acampamento e independentemente das suas fortificações, os perigos persistiam, a qualquer momento o arraial podia ser alvo de um ataque. Por este motivo era conveniente que os combatentes mantivessem um elevado grau de prontidão. Para isso, o *Regimento da Guerra* recomendava que os homens trouxessem sempre consigo a cota, os braços e a espada. O *Regimento* ainda propunha que os homens dormissem vestidos e calçados.³⁶⁹ Devido à proximidade do inimigo, encontramos dois episódios nas crónicas que nos revelam esta prática. No mês de dezembro de 1383, quando Nuno Álvares Pereira partiu de Santarém em direção a Lisboa para ir ter com o Mestre de Avis, pernoitou em Alverca (ver mapa nº 39 para observar o itinerário; p. LXXXI). Naquela noite, devido à proximidade da rainha D. Leonor, que se encontrava em Alenquer, temendo que esta o mandasse prender, dormiu toda aquela noite sem nunca se desarmar e com os cavalos preparados:

“E Nun’Alvrez foy esse dia dormir a Alverca, temendo’sse muyto de o raynha mandar prehender ao caminho, tendo elle falado com seus escudeiros que, se se algûa cousa recrecesse, que todavia ante todos fossem mortos que presos. E aquella noyte nunca foram desarmados nem as bestas deseelladas.”³⁷⁰

O mesmo cuidado é demonstrado em julho de 1385, quando a hoste régia parte de Alenquer e pernoita em Valada (ver mapa nº 113 para observar o itinerário; p. CCLIII).

³⁶⁷ CDJ, II, cap. CXIII, pp. 235-236.

³⁶⁸ CDC, cap. LXVIII, p. 170.

³⁶⁹ “Do Regimento da Guerra” in *Ordenações Afonsinas. Livro I*. Nota de apresentação de Mário Júlio de Almeida Costa; nota textológica de Eduardo Borges Nunes. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, 5 vols. (reprod. fac-simile da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra, em 1792), p. 298.

³⁷⁰ CDC, cap. XVIII pp. 43-44.

Devido à proximidade dos castelhanos que se encontravam em Santarém, dormiram aquela noite todos armados:

“E como foram com el-Rey, partio logo com sua hoste; e foy aquell dia pousar a Vallada, que he muy preto de Santarem homde seus emmigos estauom. E por booa seguramça e preçebimento, mandou lançar pregom pelo arreall que todos aquella noite jouuessem armados. E depois do sono primeiro, foy el-rey amdar pollo areall, que todos aquelles que achaua desarmados reprehendia-os com ásperas pallauras, segumdo que cada huum era.”³⁷¹

Instalado o arraial e independentemente da sua dimensão, configuração e do modo como estava fortificado, tanto as atalaias, quanto as guardas colocadas no momento da montagem do acampamento deviam continuar posicionadas nas áreas envolventes durante todo o período em que a hoste permanecesse acampada, vigiando de noite e de dia. Assim, caso o inimigo se aproximasse, o alerta era dado atempadamente e não eram apanhados de surpresa. Devido ao tempo de permanência da hoste nos lugares, que não passava, em regra, de uma noite³⁷², este sistema de segurança e defesa era o mais empregue. Nas crónicas encontramos várias vezes o uso destes dispositivos de guarda e vigilância por parte dos comandantes militares, sendo o mais notável deles Nuno Álvares Pereira, que segundo Fernão Lopes, “avia por costume de numca sse alhojar de dia que nom tevesse atallayas, e de noite guardas e escuitas, a lomge e a preto”³⁷³. No mês de março de 1384, quando o Mestre de Avis mandou Nuno Álvares Pereira como fronteiro para a comarca alentejana, no caminho este teve de pernoitar em Setúbal (ver mapa nº 54 para observar o itinerário; p. CXIII). Devido à relativa proximidade dos castelhanos que se encontravam em Santarém, e temendo que estes pudessem vir contra ele, Nuno Álvares Pereira mandou pôr guardas e escutas³⁷⁴ contra o castelo de Palmela. Assim, caso o inimigo viesse, não seriam apanhados de surpresa:

“Chegou NunAllvarez aquel dia a Setuvall com emteemçom de pousar e dormir na villa; e os moradores do logar, porque aimda estavom sem determinaçom de cujar parte reeriam, nomm o quiserom rreçeber na villa, nem somente comssentir que emtrasse demtro; e ell veendo suas emteemçoões e seu nom boom acolhimento, tornou a dormir ao arravalde, e hi sse alojou com as gemtes que levava (...) e por quamto muitas gemtes delRei de Castella estavom estonce em Samtarem, disse Nuno Allvarez que lhe parecia rrazom por nom viinrem algûas dellas pella rriba do Tejo affumdo, de que ell parte nom soubesse, e rreçeber dellas dano, que quiria mamdar poer de noite suas guardas e escuitas, huûa legoa dalli comtra o

³⁷¹ CDJ, II, cap. XXV, p. 50.

³⁷² Ver capítulo *As distâncias percorridas e os tempos de deslocação e descanso* (pp. 91-98) e os apêndices (pp. II - CDXXIV) para observar os tempos de permanência nos arraiais.

³⁷³ CDJ, I, cap. CXXVIII, p. 219.

³⁷⁴ As escutas geralmente entravam em ação ao anoitecer, normalmente não ficavam em sítios altos, mas sim em lugares ao nível do solo - onde o som se propagava mais facilmente - a partir dos quais procuravam aperceber-se de qualquer ruído suspeito que indicasse a aproximação do inimigo (MARTINS, Miguel Gomes, *Guerreiros de Pedra - Castelos, muralhas, e guerra de cerco em Portugal na Idade Média*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2016, p. 138).

castello de Palmella; das quaes guardas e escuitas deu emcarrego de as rrequerer e poer, a huê escudeiro que chamavom Louremço Fernamdez de Beja”³⁷⁵.

Ainda naquele ano, quando os portuenses foram ao encontro do Arcebispo de Santiago, no trajeto assentaram o arraial próximo do rio Leça (ver mapa nº 71 para observar o itinerário; p. CLV). De modo a não serem apanhados de surpresa, da mesma forma “poserom suas escuitas pelos caminhos, que nom rreçebessem dano dalgûa parte”³⁷⁶. Também no mês de agosto de 1384, quando Nuno Álvares Pereira se dirigiu a Ponte de Sor³⁷⁷ e pernitoiu no Ameixial (ver mapa nº 81 para observar o itinerário; p. CLXXVII), colocou guardas e escutas como tinha costume:

“NunAllvarez tamto que esto ouvio, teve logo seu comsselho, de lhe hir teer o caminho aa Pomte do Soor, amte que sse juntassem com as outras gemtes; e partiusse a pressa dEllvas, e amdou esse dia com sua hoste sete legoas, e foisse alojar aa fomte da Figueira que esta no cabo do Ameyall caminho do Cano; e mamdou de noite poer suas guardas e escuitas como avia em costume”³⁷⁸.

Em outubro de 1385, quando regressava a Serpa, depois de ter entrado em Castela, a hoste comandada por Antão Vasques pernitoiu num lugar próximo da ribeira de Chança (ver mapas nº 127 e nº 128 para observar os itinerários; p. CCXC; p. CCXCIII). De forma a garantirem a segurança ao bivaque, “repartirom suas guardas, que ouuessem de guardar o areall, aa de lomge per partes da noite”³⁷⁹. Não era só nos momentos em que o exército se encontrava acampado que os comandantes militares adotavam estas medidas de segurança. Quando a hoste parava a marcha para comer, também era comum instalarem atalaias e guardas, conseguindo prevenir quaisquer surpresas provocadas pelo inimigo. Nas crônicas encontramos um episódio que nos demonstra esta situação. No mês de julho de 1384, quando Nuno Álvares Pereira partiu de Punhete (atual Constância) para ir ao encontro do comboio castelhano que vinha de Santarém – transportando alguns dos roubos realizados³⁸⁰ naquela comarca para o Crato, a fim de seguirem para Castela –

³⁷⁵ CDJ, I, cap. XC, p. 150.

³⁷⁶ CDJ, I, cap. CXX, p. 207.

³⁷⁷ Dirigiu-se para Ponte de Sor para emboscar no caminho os castelhanos capitaneados por Pero Sarmento, Adelantado-mor da Galiza, e por Pedro Álvares Pereira, Prior do Hospital, que foram enviados pelo monarca castelhano do arraial que sitiava Lisboa. As forças castelhanas deviam-se juntar com as restantes que se encontravam no Crato (ver mapa nº 81 para observar o itinerário; p. CLXXVII), para depois capturarem Nuno Álvares Pereira. As crônicas não nos fornecem informações de como é que aquele comandante foi conhecedor das movimentações dos castelhanos, apenas nos referem que: “chegoulhe rreado, que muitas gemtes de Castellaãos estavom no Crato; e que do arreal de sobre Lixboa onde elRei de Castella jazia, aviam de viinr pera sse juntar com ellas, o dito Pero Sarmento, e o Prioll do Espitall seu irmaão, com seis çemtas lamças.” (CDJ, I, cap. CXLV, p. 259).

³⁷⁸ CDJ, I, cap. CXLV, p. 259.

³⁷⁹ CDJ, II, cap. LX, p. 147.

³⁸⁰ “e estas gemtes hiam em guarda de grandes arracovas de rroubos que alguûs castellaãos faziam em termo de Santarê e per outros logares, de rroupas de camas, e vestidos, e alfayas, e doutras cousas que sse prestar emtendiam” (CDJ, I, cap. CXXVIII, p. 219).

parou junto de uma pequena ribeira para comer (ver mapa nº 75 para observar o itinerário; p. CLXIV). Antes de parar, colocou atalaias e escutas:

“E cô esta teemçom partio de Punhete, e chegou aa estrada per omde os Castellaãos aviam de passar pera Samtarem, ou de Samtarem pera Castella, a hũa pequena rribeira, omde chama Allperraiaim e comeo açerca della, de sso huûs verdes freixeos. E amte que sse assemtasse a comer, mandou poer a tiro de besta e mais lomge em alguûs outeiros, suas atallayas, por nehûas gentes poderem passar, de que ell parte nom soubesse; porque ell avia por costume de numca sse allojar de dia que nom tevesse atallayas, e de noite guardas e escuitas, a lomge e a preto. E teemdo suas atallayas postas, e estamdo a comer, assi ell como as outras gentes, aque vem huûa das escuitas rrijamente e mui callado, e disse que pella estrada de comtra Santarem, vira gramdes poos, e lhe parecia que viinham alguûs de cavallo e de pee”³⁸¹.

No caso dos acampamentos com um maior grau de permanência (esta situação geralmente era mais frequente quando a hoste sitiava um determinado lugar³⁸²), para além das atalaias, das guardas e das escutas, eram necessárias outras medidas complementares de defesa para aumentar a segurança do arraial. Para esse efeito, era comum a hoste fortificar o acampamento através da construção de palanques e da abertura de fossos, que podiam abranger todo o perímetro do arraial e dificultavam o avanço inimigo.³⁸³ Nas crónicas encontramos alguns episódios que nos demonstram esta prática. Em 1369, quando Enrique de Trastâmara cercou o seu irmão, Pedro I, em Montiel, de modo a aumentar a segurança do arraial, mandou apalancá-lo: “fez logo el-rrei dom Henrrique a mui grande pressa fazer hũa parede de taipas e de pedra seca, com que cercou o logar d’arredor”³⁸⁴. O mesmo cuidado também teve Juan I quando em 1384 cercou Lisboa³⁸⁵ (ver mapas nº 52 e nº 68 para observar os itinerários; p. CIX; p. CXLVII). De maneira a aumentar a segurança do arraial, mandou apalancá-lo na parte que estava virada para a cidade, onde seria mais provável os lisboetas lançarem investidas: “O arreall era todo pallamcado da parte da çdade, em huû pequeno valle, honde esta huû poço; ca de nehuû outro logar aviam rreçeo de rreçeber nojo, pois que todallas villas darredor estavom por elle”³⁸⁶. Na ausência de materiais que possibilitassem a construção dos palanques, podiam-se utilizar as tendas e os carros que compunham a carriagem como modo de fortificação. As tendas unidas, tão próximas quanto possível, criavam uma espécie de

³⁸¹ CDJ, I, cap. CXXVIII, p. 219.

³⁸² De maneira geral o tempo de permanência nos acampamentos era muito curto, não passando na maioria das vezes de uma noite, mas no caso de estarem a sitiar um determinado lugar, podiam permanecer nele meses, para se observar melhor os tempos de permanência, ver capítulo *As distâncias percorridas e os tempos de deslocação e descanso* (pp. 91-98) e apêndices (pp. I – CDXXIV)

³⁸³ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 395.

³⁸⁴ CDF, cap. XXII, p. 77.

³⁸⁵ O cerco a Lisboa começou no dia 30 de maio de 1384 e prolongou-se até ao dia 3 de setembro daquele ano.

³⁸⁶ CDJ, I, cap. CXIV, p. 193.

barreira que dificultava, em caso de ataque, o avanço inimigo. O mesmo efeito também faziam os carros que compunham a carriagem; dispostos em círculo, em redor do arraial, formavam uma espécie de muralha.³⁸⁷

Para além destas medidas de segurança, eram necessários outros cuidados na organização do arraial. Uma má distribuição das tendas podia pôr em perigo a hoste e condicionar uma rápida resposta ao inimigo, pelo que havia certos preceitos que era importante seguir à risca. O formato do acampamento, por exemplo, devia adaptar-se às características do terreno; dependendo deste, as formas podiam ser quadradas, triangulares, circulares ou semicirculares.³⁸⁸ Também era muito importante que a área do acampamento fosse proporcional ao número de homens que compunha a hoste, pois desta forma evitavam-se grandes afastamentos entre os combatentes e impedia-se, da mesma maneira, que os homens ficassem demasiado próximos uns dos outros, situações que podiam ser perigosas.³⁸⁹ No caso dos homens se encontrarem demasiado afastados uns dos outros, o acampamento ficava mais vulnerável e tornava-se mais difícil a sua defesa; e se, por sua vez, as tendas ficassem muito juntas, podiam impedir a existência de corredores de passagem no interior do acampamento, dificultando a circulação e impedindo uma eventual resposta rápida a um ataque inimigo. A avaliar pelo testemunho das fontes narrativas, Nuno Álvares Pereira era um dos comandantes que mais atenção prestava a estas situações; se observasse alguém ligeiramente afastado ia ao seu encontro, pedindo que se colocasse mais próximo:

“Como seu arayal era asemtrado, caualgaua elle e andaua-o todo vemdo; e se delles (se) alojauão afastados delle, posto que pequeno espaço fosse, por azo de suas bestas mylhor pascerem ou por companhia hou qualquer outra coussa, ajmda que não fosse mais de huum, e de pequena comdiçam, chegaua elle ally mamssamente, e com graçiosso gesto dizia: Que he jsto, amygo? Que poussada he esta que tam aredade de mym tomastes? Logo vossa temda seja alçada e armada a par de mym; ca de taees como de vos queria mynha temda aconpanhada e goardada mynha bamdeyra. E nam lhe valendo nenhuma escussa, mostramdo que tinha seu seryço em boa conta, docemente lho fazia fazer, posto que lha na vontade a tal pessoa muyto pessase.”³⁹⁰

A boa circulação no interior dos arraiais era vital. Os comandantes militares deviam assegurar a existência de vias de circulação de forma a garantirem o tráfego fluído

³⁸⁷ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 396; GARCÍA FITZ, Francisco, “El Viaje de la guerra”, in *Viajar en La Edad Media - XIX Semana de Estudios Medievales*, Logroño, Insituto de Estudios Riojanos, 2009, pp. 164-165.

³⁸⁸ VEGÉCIO, *Compêndio da Arte Militar*, trad. de José Eduardo Braga e João Gouveia Monteiro, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009, I livro, cap. XXIII, p. 205.

³⁸⁹ *Idem, ibidem*, cap. XXII, p. 205.

³⁹⁰ CDJ, II, cap. CXCIX, p. 444.

de homens e de animais. Desta forma, caso o acampamento tivesse uma forma circular, devia possuir um espaço vago na zona central, onde se situava a tenda do rei e dos grandes senhores, e na zona em redor desta distribuía-se os alojamentos dos restantes combatentes. No caso de o acampamento ter uma fisionomia alongada, abria-se um corredor de ligação entre as duas extremidades do arraial. Se porventura o acampamento adotasse uma forma quadrangular, seriam feitas duas vias perpendiculares que se cruzavam no centro do arraial, tal como acontecia nos acampamentos das legiões romanas.³⁹¹ Independente do formato do arraial, a tenda do monarca ou do comandante militar encontrava-se no centro do arraial e era rodeada pelas dos restantes oficiais; os outros combatentes alojavam-se em torno deste núcleo.³⁹²

Tirando a descrição pormenorizada do arraial castelhano que cercava Lisboa em 1384, as crónicas não nos fornecem muitas informações sobre a organização interna dos acampamentos. Contudo, observando essa descrição detalhada conseguimos descortinar a sua configuração interna e constatar que o acampamento castelhano seguia estas normas. À volta do lugar onde estava alojado o monarca encontravam-se as tendas dos restantes oficiais e dos capitães mais importantes, e o acampamento também estava dotado de vias de circulação para facilitar o tráfego:

“E mandou elRei apousemtar o arreall apar dhuû moesteiro de Donas, que chamam Santos, da Hordem de Santiago, que he arreadado da çidade, pouco mais de dous tiros de besta. Alli fezerom logo pera elRei hûa alta casa sobrada, feita sobre quatro traves grossas, cercada de parede de pedra seca. Açerca della eram asseemtadas muitas e mui nobres temdas, assi delRei como dos senhores que com elle viinham. Todallas outras gemtes apousemtarom suas temdas per Alcantara, e per Campolidade, e per a comarca darredor, em gramdes e bem hordenadas rruas; e todas em çima com bamdeiras e pemdoões de desvairadas armas e sinaaes. De como cada huûa era acompanhada darmas, com que o arreall resplamdeçia; e da multidom das trombetas e outras cousas que lhe davom grande apostamento, nom compre fazer rrazoado. O arreall era todo pallamcado da parte da çidade, em huû pequeno valle, honde esta huû poço; ca de nehuû outro lugar aviam rreço de rreçeber nojo, pois que todallas villas darredor stavom por elle (...) Alli avia físicos e çelurgiaães e buticairos, que nom somente tiinhã prestes as cousas necessárias pera comservar a saúde do corpo, mas desvairados modos de comfeitos e açucars e comservas, lhe achariees em muita fartura (...) Panos de sirgo e de lâa de desvairadas maneiras, achariees em çertas temdas, como cada huû ouvesse mester; rua de molheres mumdayras avia no arreall, tamanha como se costuma nas gramdes çidades. No arreall avia rrua, em que vemdiam e adubavom muitas armas; e outra de mercadores christâos e judeus, em que achavom panos e sayos e outras muitas cousas a vemder. Hi avia rrua de cambadores, em que avia compra e venda de moedas de prata e douro, e doutras maneiras em grande avomdamento; muitas outras cousas que dizer nom curamos, achariees em ell a vemder, somente de calçadura numca foi bem abastado. Era muito mamtheudo em justiça, de guisa que nehuû homem rreçeva de dormir soo, posto que muitos dinheiros comssigo tevesse; nem sse faziam em elle outros erros, por que os homêes costumam daver

³⁹¹ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 394.

³⁹² GARCÍA FITZ, Francisco, *Castilha y León frente al Islam: Estrategias de expansión y tácticas militares (siglos XI-XIII)*, 2ª Edição, Sevilha, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 2005, p. 158.

pena. Por guarda do arreal de dia, leixada a hordenamça de noite, estavam em certos logares a vista da çidade, alguûs de cavallo, que nehuû nom podesse sahir della, que logo deles nom fosse visto (...)"³⁹³.

Através deste impressionante relato, também conseguimos perceber que os acampamentos podiam tornar-se autênticas cidades³⁹⁴ com serviços para a vida quotidiana do combatente, onde era possível encontrar inúmeras oficinas de mesteiros, tendas de vendedores de tecidos, de armeiros, cambistas, físicos, cirurgiões, boticários, mercadores cristãos e judeus e até mesmo prostitutas³⁹⁵. Quanto à localização da carriagem, nas crónicas não foi possível encontrar qualquer referência, no entanto, era recomendável que esta se situasse na zona mais segura do arraial, ou seja, no lugar contrário àquele que se encontrava mais exposto a eventuais ataques inimigos.³⁹⁶ À semelhança da carriagem, os currais também não aparecem referidos nas crónicas. Contudo, nas paragens de maior duração, como no caso dos cercos, deviam ser-lhes atribuídos lugares ligeiramente afastados das tendas dos combatentes, uma vez que se

³⁹³ CDJ, I, cap. CXIV, pp. 193-194.

³⁹⁴ Isto só acontecia com operações militares de grande envergadura e lideradas pelo monarca e no caso de a hoste permanecer muito tempo num determinado lugar. De relembrar que foram mobilizados, na fase inicial do cerco, cerca de 20 000 homens. (CDJ, I, cap. CXIV, p. 192; MARTINS, Miguel Gomes, *Guerreiros de Pedra - Castelos, muralhas, e guerra de cerco em Portugal na Idade Média*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2016, p. 218).

³⁹⁵ Segundo J.R.Hale era comum as prostitutas acompanharem as hostes, assim os exércitos eram "sexualmente autossuficientes" e evitava-se que os comandantes militares tivessem de lidar com os casos de violação. (MARTINS, Miguel Gomes, *Guerreiros de Pedra - Castelos, muralhas, e guerra de cerco em Portugal na Idade Média*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2016, p. 221.) Com a mesma finalidade, também era comum os combatentes fazerem-se acompanhar com mulheres. Através das crónicas ficamos a saber que depois de Chaves capitular, no mês de maio de 1386, o condestável mandou expulsar todas as mulheres que acompanhavam os seus homens, uma medida que o rei aplicou também na sua hoste ainda antes de assentar o arraial em Castelões (ver mapa nº 138 para observar o itinerário; p. CCCXVI). Os combatentes ficaram muitos descontentes: "E estando assy em terra de Bragamça, mandou poer em obra huuma cousa que muyto auya que tinha vomtade de o fazer, vemdo que o comtrairo era perigoso pera homens que em guerra auyam de continuar; a quall foy esta: que por quamto os de sua companhia tragiam todos mancebas, também os que eram casados como os que nom eram casados, hordenou que nenhuum dhij em diante nom trouesse molher comsigo, e se alguma fosse mais achada no areall, que fosse logo açoutada pubricamente per elle. Deste mandado desprougue tanto a todollos que as tragiam, que nom ouue hij tal que o soffrer podesse com paçiemçia (...) E huuns diziam que ante * saberiam perder sua merçee. Outros se desnaturauom delle, que nunca o mais serueriam; outros dauom com as armas em terra, dizemdo palavras e mostrando geitos que seria longo descreuer (...) Mas por quanto todos razer poderom nom leixou el de o poer em obra, emtendendo-(o) por serviço de Deus e prol dos que eram em sua companha. Emtom se partirom todas, que nom ficou nenhuma, e elles forom caujdados dhij em diamte de as mais trazer, nem foy nenhuum que se del partisse por tal aazo. E como el-Rey chegou de Chaues, o Comde lhe disse aquello que feito tinha e o que o demouera, e que fosse sua merçee de poer tal defessa em seu areall, ca doutra guissa nom poderia el bem manter aquella hordenamça se em sua hoste nom fosse assy guardada. Emtom pos el-Rey por defessa que nenhuum em sua companha nom trouese molher comsigo so aquella pena que o Comde posera. E também lhe fez o Comde que possesse defessa sobre o arenegar e jogo dos dados; e por em dezia el-Rey depois muyas vezes que todollos boons costumes que em Portugall auia, que o Comdestabre os posera todos; nem nos nom lhe apropiamos cousa que de louuor seia que em el nom ouuese mais compridamente." (CDJ, II, cap. LXX pp.165-166).

³⁹⁶ "Do Regimento da Guerra" in *Ordenações Afonsinas. Livro I*. Nota de apresentação de Mário Júlio de Almeida Costa; nota textológica de Eduardo Borges Nunes. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, 5 vols. (reprod. fac-simile da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra, em 1792), p. 292.

evitavam os problemas de insalubridade provocados pela acumulação de dejetos. No caso de os altos serem menos demorados, os cavalos podiam permanecer junto das tendas dos cavaleiros.³⁹⁷

Instalado o arraial e os seus dispositivos de segurança e vigilância, eram precisos alguns cuidados no interior do acampamento. De modo a sempre prevenir eventuais situações perigosas e de maneira a garantir disciplina, os regulamentos militares prescreviam penas severas para quem abandonasse o alojamento sem autorização, bem como para quem tocasse a trombeta³⁹⁸ sem justificação e para todos aqueles que provocassem ruído de noite no interior do arraial.³⁹⁹ Estas situações deviam ser evitadas ao máximo. No caso de os homens se afastarem sem autorização, podiam enganar as próprias sentinelas do acampamento, que podiam soar o alarme sem motivo. A trombeta tocada sem justificação, para além de poder alertar o adversário, provocava uma grande agitação no arraial sem necessidade⁴⁰⁰; uma vez tangida, todos os homens do acampamento pensariam que o inimigo se aproximava. O mesmo também acontecia com o ruído de noite. Nas crónicas encontramos episódios onde estas situações aconteceram. No mês de agosto de 1384, quando Nuno Álvares Pereira pernitoiu no Ameixial (ver mapa nº 81 para observar o itinerário; p. CLXXVII), alguns homens, durante a noite, afastaram-se do acampamento e por mau avistamento tocaram a trombeta. Nuno Álvares

³⁹⁷ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 394.

³⁹⁸ Para facilitar a comunicação no interior do arraial, a hoste recorria aos sinais sonoros emitidos pelas trombetas. As crónicas mostram que eram utilizadas para alertar a aproximação inimiga, bem como para reunir todos os homens de armas junto do rei ou do condestável, de forma a receberem ordens. Durante o cerco a Lisboa no ano de 1384, os portugueses tentaram lançar uma surtida contra o arraial castelhano, rapidamente os adversários foram alertados com o toque da trombeta: “Partirom os de cavallo per outra porta que chamam de Samto Amtom, por nom serem vistos dos do areal; e foram per huû valle acima açerca das tendas dos emmiigos; os Castellaãos quamdo os virom comssigo, começaram de bradar Armas! Armas! Damdo aas rôbetas mui rrijamente. E foi grande alvoroço no areall, cavallgâdo a pressa muitos de cavallo, que sempre tinham as bestas prestes, e isso mesmo de pee, cada huû como melhor podia (...)” (CDJ, I, cap. CXL, p. 248). No mês de março de 1384, antes de partirem de Setúbal para Montemor-o-Novo (ver mapa nº 55 para observar o itinerário; p. CXV), de modo a juntar todos os combatentes, Nuno Álvares Pereira manda tocar as trombetas: “(...) e mandou ogo dar às suas trombetas e suas jeentes foram logo juntas com elle, todos armados e prestes, já em amanhecendo. E logo Nun’Alvrez partiio com sua gente” (CDC, cap. XXVIII, p. 60).

³⁹⁹ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 247.

⁴⁰⁰ “Nom se deve tanger trombeta no arraial, salvo quando a nós mandarmos tanger, porque o soom da trombeta significa novidade, e logo traz comsigo alvoroço no arrail” (“Do Regimento da Guerra” in *Ordenações Afonsinas. Livro I*. Nota de apresentação de Mário Júlio de Almeida Costa; nota textológica de Eduardo Borges Nunes. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, 5 vols. (reprod. fac-simile da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra, em 1792), p. 293).

Pereira, ao ouvir, pensou que eram os castelhanos que se aproximavam e por isso colocou logo os homens em posição de batalha:

“E seendo já alto seraão, hûas trinta lamças de sua companhia se allongarom do alojamento do arreall, contra o Cano, por suas bestas passarem melhor, que amdavam muito trabalhadas; e levarom comssigo hûa trombeta que amdava em companhia dhuû daqueles que sse assi apartarôm; e quando veo aa mea noite, aquella trombeta, per mimgua de boom aviso, começou de tanger, e foi ouvida no allojamneto omde NunAllvarez jazia, e cuidarom que eram os Castellaãos que hiam buscar, que viinham seu caminho. E logo NunAllvarez mamdou dar aas trombetas, e foi posto em batalha com todollos seus armados; e assi de pee aas tochas foi hordenadamente ataa hu a trombeta tamgera; e como soube o que era, tornou-se pera dhu partira; e deffemdeo que dhi em deamte nehuû fosse ousado de sse apartar da hoste por cousa que fosse.”⁴⁰¹.

Daí em diante e para evitar situações análogas, aquele comandante militar deu ordens expressas para que nenhum homem da hoste se afastasse do arraial por qualquer motivo que fosse.

Igualmente perigosos eram os ruídos de noite no arraial. Na já mencionada entrada empreendida pelo condestável em Castela no mês de junho de 1398, quando a hoste pernitoiu em Zafra (ver mapa nº 172 para observar o itinerário; p. CD), associado ao excesso de ingestão de vinhos, houve um grande alarido no arraial que causou um autêntico alvoroço. Depois de averiguado o causador de tal estrépito, o condestável expulsou o homem da hoste.⁴⁰²

No caso de os arraiais permanecerem demasiado tempo num lugar, podiam surgir outros problemas, como as epidemias que eram agravadas pelas más condições sanitárias do arraial. No acampamento castelhano que sitiava Lisboa em 1384, surgiu uma peste que ceifou a vida de muitos combatentes:

“E teendo seu çerco sobrella, começaram de morrer na frota, e isso mesmo dos do arreall, de guisa que hûus e os outros eram muito anojados (...) E nom embargamdo que dante assaz morressem, começou de sse atear a pestellemça tam bravamente em elles, assi per mar come per terra, que dia avia hi que morriam çemto, e çemto e çimquoemta, e duzemtos; e assi mais e menos como sse açertava, de guisa que o mais do dia, eram os do arreall ocupados em soterrar seus mortos, assi que era espanto de veer aos que padeciam, e estranho douvir aos que eram cercados. Ca do dia que sse finou de trama o Meestre de Santiago dom Pedro fernamdez Cabeça de Vaca ataa eta sazom, morrerom mais de dous mil homêes darmas dos melhores que elrei de Castella tiinha, afora muitos capitães que nomear nom podemos, pero dalguûs diremos seus nomes. Assi como dom reui Gomçallvez Mexia a que elrei deu o Meetrado depois da morte de dom Pero Fernamdez; e dom Pero Rodriguez de Samdovall, Comemdador moor, que cuidou de ser mestre; e Pero Fernamdez de Vallasco, camareiro moor delrei; e dom Fernam samchez de Thoar seu Almirante moor; FernamdAllvarez de Tolledo, Mariscall de Castella: Pero Rodriguez Sarmiento, Adeamtado em Galliza; dô Pero Nunez de Lara, Comde de Mayorgas, que pouco avia que casara como ouvistes; dom Joham Afomso de Benavides; dom FernamdAffomso de Çamora, Meestre de Samtiago, e com este forô tres Meestres, Joham Martiinz de Rojas; Lopo Uchoa dAvellaneda; e treze cavalleiros

⁴⁰¹ CDJ, I, cap. CXLV, p. 259.

⁴⁰² CDC, cap. LXVIII, p. 173.

delrei da çidade de Tolledo; e muitos outros cavalleiros e escudeiros de Castella e de Leon”⁴⁰³

Apesar de o cronista nada referir, é altamente possível que a peste tenha sido agravada pelas más condições sanitárias do arraial⁴⁰⁴, facilitando a propagação de doenças. No mês de junho de 1386 durante o cerco de Cória (ver mapa nº 140 para observar o itinerário; p. CCCXX) também surgiu o mesmo problema no acampamento português. De forma a mitigar as doenças que surgiram, devido à proximidade de pântanos, o monarca português trocou o lugar do arraial: “(...) tomou el-Rey vomtade de combater a çidade; e porque era no mês de junho e fazia muy grandes calmas e adoçiam alguns, el-Rey, vemdo esto, leuantou seu arreall, e apousetou-sse aaquem do rio açerca da çidade”⁴⁰⁵

⁴⁰³ CDJ, I, cap. CXLIX, pp. 272-273.

⁴⁰⁴ Segundo Miguel Gomes Martins, baseado nos cálculos de Bernard Bachrach e de Bert S. Hall, uma hoste composta por 25000 homens e cerca de 2500 cavalos (números semelhantes ao da hoste castelhana que cercou Lisboa em 1384) era capaz de produzir 4800000 litros de urina e 4000000 quilos de fezes em cada dois meses. (MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota. A Guerra na Idade Média*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2011, p. 308). Atendendo a estes números fica fácil imaginar que - apesar das cautelas, nomeadamente o afastamento dos currais das tendas dos combatentes - as condições sanitárias dos arraiais seriam muito precárias.

⁴⁰⁵ CDJ, II, cap. LXXVI, pp. 174-175.

6 – As distâncias percorridas e os tempos de deslocação e descanso

Atendendo às distâncias percorridas pelos exércitos portugueses, podemos admitir que, em média, as hostes medievais, no período que estamos a estudar, podiam realizar etapas diárias da ordem dos 20 a 30 ou 35 km. Se considerarmos a velocidade itinerária que a cavalaria poderia atingir (cerca de 6 ou 7 km por hora) e a velocidade de uma força de infantaria (que não devia ultrapassar os 4 ou 5 km por hora), também concluímos que um exército misto (formado por cavaleiros e peões) carregado com o trem de apoio, marchando durante seis ou sete horas por dia, podia percorrer os 30 ou 35 quilómetros diários.⁴⁰⁶ Estas distâncias vêm ao encontro do que Vegécio recomendava que um exército devia percorrer. Segundo este tratadista militar tardo-romano, um exército devia percorrer vinte mil passos em cinco horas (cerca de 30 km) e, caso a marcha fosse acelerada, nas mesmas horas, deviam ser percorridos vinte e quatro mil passos (cerca de 35 a 36 km).⁴⁰⁷ Apesar da distância média diária que normalmente era percorrida pelos exércitos medievais, em determinadas ocasiões – especialmente se fossem grupos de forrageadores, ou se as forças fossem reduzidas e dependendo da urgência – era possível andar mais depressa e percorrer distâncias superiores.

Nas crónicas encontramos algumas dessas situações onde foram percorridas impressionantes distâncias num curto espaço de tempo, as quais não podem, no entanto, ser utilizadas como valores padrão nas deslocações habituais. Vejamos alguns exemplos. Quando Juan I entrou em Portugal com o seu séquito em dezembro de 1383, percorreu de Plasencia a Perosim, cerca de 67 km e daquele lugar, durante a noite, percorreu cerca de 50 km até amanhecer na Guarda. (ver mapa nº 41 para observar o itinerário; p. LXXXV).⁴⁰⁸ No mês de janeiro de 1384, Gonçalo Nunes, ao tomar conhecimento de que mice Lançarote se encontrava em Colos e pretendia ir a Odemira alçar voz pelo monarca castelhano, decidiu ir logo sobre ele. Com uma força composta por cinquenta cavaleiros e cem homens de pé, entre besteiros e peões, Gonçalo Nunes partiu de Beja ao final do dia e andou toda a noite cerca de 61 km (9 léguas)⁴⁰⁹ chegando ao destino pelo amanhecer

⁴⁰⁶ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 231.

⁴⁰⁷ VEGÉCIO, *Compêndio da Arte Militar*, trad. de José Eduardo Braga e João Gouveia Monteiro, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009, I livro, cap. IX, p. 189; p. 386.

⁴⁰⁸ CDJ, I, cap. LVIII, pp. 100-101.

⁴⁰⁹ Por vezes o cronista apresenta-nos as distâncias dos lugares em léguas. Essa medida, segundo a definição apresentada pelo dicionário Priberam é de valor variável segundo as épocas e os países, geralmente com valores entre os 4 e os 7 quilómetros.

(ver mapa nº 42 para observar o itinerário; p. LXXXVII).⁴¹⁰ No mês de agosto de 1384, antes do impasse do Divor, os castelhanos partiram do Crato e percorreram cerca de 69,8 km até atingirem Arraiolos (ver mapa nº 82 para observar o itinerário; p. CLXXX).⁴¹¹ Nos finais daquele mês, a pedido do Mestre de Avis, o contingente de Nuno Álvares Pereira partiu de Évora e percorreu cerca de 85,8 km até atingir Palmela (ver mapa nº 83 para observar o itinerário; p. CLXXXIV).⁴¹² Em 1385, durante a noite, as forças de Antão Vasques partiram de Serpa e percorreram cerca de 56,2 km até atingirem Aroche na manhã seguinte (ver mapa nº 127 para observar o itinerário; p. CCXC).⁴¹³ Em 1386, no mês de junho, antes de se iniciar o cerco de Cória, D. João I com parte da hoste partiu de Almeida e percorreu cerca de 60,2 km até chegar à Gata (ver mapa nº 140 para observar o itinerário; p. CCCXX).⁴¹⁴ No mês de julho daquele ano, depois de abandonar o cerco de Cória, a hoste régia partiu para Penamacor, percorrendo cerca de 57,4 km (13 léguas) (ver mapa nº 142 para observar o itinerário; p. CCCXXV).⁴¹⁵ Em maio de 1387, com a campanha anglo-portuguesa a não alcançar o resultado esperado – atrair Juan I para uma batalha campal – o monarca português e o duque de Lencastre decidiram regressar para Portugal. No périplo de regresso, quando partiram de Corrales del Vino e atingiram Matilla de los Caños del Río percorreram cerca de 61,8 km (ver mapa nº 158 para observar o itinerário; p. CCCLXIV).⁴¹⁶ No mês de janeiro de 1388 a hoste régia partiu de Braga e percorreu cerca de 63,8 km para ir cercar Melgaço (ver mapa nº 162 para observar o itinerário; p. CCCLXXV).⁴¹⁷ No mês de dezembro de 1396, na entrada que o condestável realizou sobre Castela com o Mestre de Avis, também foram percorridas distâncias acima da média. Quando a hoste partiu de Albuquerque e atingiu Cáceres, foram percorridos cerca de 61,6 km e quando partiram de Arroyo de la Luz e chegaram a Valencia de Alcântara foram percorridos cerca de 57,7 km (ver mapa nº 171 para observar o itinerário; p. CCCXCVI).⁴¹⁸ No verão de 1398 quando o condestável se dirigiu com uma força para interceptar o infante D. Dinis que tinha entrado em Portugal, chamando-se rei de Portugal,

⁴¹⁰ CDJ, I, cap. XLII, pp. 72-75.

⁴¹¹ CDJ, I, cap. CXLVI, pp. 260-263.

⁴¹² CDC, cap. XXXV, pp. 83-87.

⁴¹³ CDJ, II, cap. LIX, pp. 144-145.

⁴¹⁴ CDJ, II, cap. LXXV, p. 173.

⁴¹⁵ CDJ, II, cap. LXXVIII, pp. 179-181.

⁴¹⁶ CDJ, II, cap. CIX, pp. 231-233; *ibidem*, pp. 233-234.

⁴¹⁷ CDJ, II, cap. CXXXIV, p. 275.

⁴¹⁸ CDC, cap. LXVI, pp. 157-161.

partiu de Castelo Branco e percorreu cerca 51 km (7 léguas) até chegar à Covilhã (ver mapa nº 175 para observar o itinerário; p. CDXII).⁴¹⁹

Contudo, as distâncias percorridas que nos deixaram verdadeiramente impressionados foram, por um lado, as trilhadas por João Fernandes Pacheco antes da batalha de Aljubarrota e, por outro, as percorridas pelo monarca castelhano depois de ter sido derrotado naquela batalha. Antes do prélio, quando o monarca português ainda estava sobre Alenquer, escreveu aos fidalgos da Beira - Gonçalo Vasques Coutinho, Martim Vasques da Cunha, Vasco Martins, Gil Vasques, João Fernandes Pacheco e Egas Coelho – para que se lhe juntassem e fossem ao seu encontro. Apesar do esforço de João Fernandes Pacheco para reunir todos os fidalgos, muitos escusaram-se com as mais diversas razões. João Fernandes, vendo que a batalha se aproximava e que os outros fidalgos não o queriam acompanhar, partiu da Beira – juntamente com Egas Coelho e um contingente composto por setenta lanças e cem peões – em direção a Aljubarrota. No dia 14 de agosto de 1385, estando já ambas as hostes em posição de batalha, e o monarca português convicto de que os fidalgos da Beira não vinham, apareceu João Fernandes Pacheco com aquele contingente. No dia anterior e naquela noite, andaram cerca de 81 km (vinte léguas) para chegar ao Campo de São Jorge. Devido à velocidade e à colossal distância percorrida, muitos homens não conseguiram acompanhar a marcha:

“Hora, estando as aazes postas e a batalha prestes como dizemos, descuidado já el-Rey muyto da uynda de nenhuuns deles, - e o boom e muyto de louuar Joham Fernandez diziam que amdara o dia passado e aquella noite vimte legoas por chegar aa batalha; em guissa que alguns dos seus, nom podendo aturar com elle, ficauom aramados per essas estradas. E el, continuando seu caminho por seer em ella, passou per Porto de Moos; e sobimdo per huuma ladeira que se ally faz, supitamente assomou em çima no campo acerca da pomta da alla direita da batalha dos castellaãos, os quaaes por logo nom forom em conhecimento que gemtes eram, nemsabiam qual capitam fosse; ca se o souberom, poderam-lhe dar gram torua. Os portugueses cuydarom que eram os fidalgos da Beira, e prazia-lhes muyto com elles.”⁴²⁰

Depois do desbarato sofrido pelas suas forças em Aljubarrota, o monarca castelhano, muito doente com “sezões”, temendo a sua captura, percorreu com um pequeno contingente, entre o pôr-do-sol e a meia-noite, impressionantes onze léguas e meia (cerca de 46,6 km) até chegar a Santarém! (ver mapa nº 120 para observar o itinerário; p. CCLXXI). Devido ao temor e à urgência, andaram sem parar, e assim que o cavalo do monarca se cansava davam-lhe outro:

“El-Rey de Castella, oolhando a batalha e ueendo que Fortuna de todo em todo era fauorauell aos portugueses, de gujsa que sua bandeira era já abatida e muytos dos seus voltauom atraz e se colhiam as bestas que achauom por auer mays toste de fugir, trigou-sse como quem nom

⁴¹⁹ CDC, cap. LXIX, pp. 175-178.

⁴²⁰ CDJ, II, cap. XL, p. 91.

sente door por logo partir ante que mais visse como sse perdia a batalha de todo; e deceo da mulla em que estaua, e poserom-no em huum cauallo em que a pressa começou dandar nom bem acompanhado e cheo de temor, e leuou direita estrada camjnho de Santarem (...) contynuou seu caminho sem fazer detença, e canssou aquell cauallo e derom-lhe outro. E tendo andado onze legoas e mea, que auya domde partyo ataa Santarem, chegou ao logar aa mea noite sobre aquell cauallo em que em Santarem emtrara quando o primeiramente cobrou, e poucos com elle, por lhe cansarem as bestas.”⁴²¹.

Através de alguns dos exemplos acima mencionados, é possível depreender que nas marchas noturnas, muitas das vezes, era possível aos exércitos medievais percorrerem distâncias superiores à média. Exemplos disso foram as já mencionadas deslocações noturnas das forças de Gonçalo Nunes de Beja a Odemira, onde foram percorridos cerca de 61 km (9 léguas), e a deslocação do contingente de Antão Vasques de Serpa a Aroche, onde foram transitados cerca de 56,2 km. Apesar de existirem algumas situações como estas, nas crónicas também encontramos casos em que as distâncias trilhadas durante a noite estavam dentro dos valores médios. Vejamos alguns desses exemplos: No mês de janeiro de 1384, quando Juan I se dirigia a Santarém, partiu à meia-noite de Tomar e percorreu cerca de 23,1 km, atingindo a Golegã pela alvorada (ver mapa nº 44 para observar o itinerário; p. XCI).⁴²² Em 1384, quando Pero Rodriguez da Fonseca – acompanhado com duzentos homens de cavalo e trezentos homens de pé – partiu de Olivença durante a noite, e decidiu entrar em Portugal, percorreu cerca de 19,5 km até atingir São Brás dos Matos (ver mapa nº 62 para observar o itinerário; p. CXXXIII).⁴²³ Nos finais de agosto de 1384, quando Nuno Álvares Pereira decidiu ir sobre Almada, depois do sol-posto partiu de Palmela e percorreu cerca de 27,3 km até amanhecer na Sobreda (ver mapa nº 83 para observar o itinerário; p. CLXXXIV).⁴²⁴ Na segunda quinzena de dezembro de 1384, quando Nuno Álvares Pereira decidiu ir tomar Vila Viçosa, partiu de Elvas pela noite e percorreu cerca de 28,8 km até chegar ao Alandroal (ver mapa nº 94 para observar o itinerário; p. CCVI).⁴²⁵

Analisadas as distâncias médias, as extraordinárias e as percorridas durante a noite por uma hoste, importa analisar as distâncias que eram cumpridas quando existia uma previsão de uma batalha com as forças inimigas. Nestas situações, em regra, as distâncias percorridas eram mais reduzidas, o que é facilmente explicável. Na iminência de um combate a hoste tinha de progredir mais devagar, num estado de alerta constante, não

⁴²¹ CDJ, II, cap. XLIII, pp. 99-100.

⁴²² CDJ, I, cap. LXII, pp. 105-107.

⁴²³ CDJ, I, cap. CV, pp. 178-180.

⁴²⁴ CDJ, I, cap. CXLVII, pp. 263-268.

⁴²⁵ CDJ, I, cap. CLXXII, pp. 321-323.

percorrendo grandes distâncias, para os combatentes e os cavalos não se cansarem tanto e estarem mais frescos para o combate. No caso de Atoleiros (6 de abril de 1384), Nuno Álvares, quando estava em Estremoz a mobilizar mais homens, tinha conhecimento que os castelhanos se encontravam no Crato e que fustigavam a comarca. Depois de reunir todos os homens e de saber que os castelhanos estavam a cercar a Fronteira, percorreu cerca de 23,5 km para lhes dar batalha (ver mapa nº 55 para observar o itinerário; p. CXV).

Em Aljubarrota verificamos melhor que as distâncias percorridas na iminência de um combate eram menores. Apesar da hoste castelhana se encontrar em Leira, a apenas 61,2 km da hoste régia portuguesa, que estava posicionada em Abrantes, constatamos que a hoste portuguesa foi-se aproximando lentamente (ver mapa nº 118; p. CCLXV). Quando se encontravam em Abrantes, D. João I reuniu o seu conselho. Depois de um impasse e de o condestável ter ido adiante - com um pequeno contingente até Tomar, alegadamente para ir combater Juan I – o monarca português acabou por optar por dar batalha ao seu congénere castelhano. Assim, no dia 6 de agosto, D. João I, com grande parte da hoste, percorreu cerca de 24,1 km (5 léguas) e foi para Tomar, juntando-se ao contingente de Nuno Álvares, que tinha chegado no dia anterior. Ao fim de alguns dias, depois de organizarem a coluna de marcha, a hoste portuguesa partiu então em direção da hoste castelhana que se encontrava em Leiria. Com esta intenção, no dia 11 de agosto a hoste partiu para Ourém, percorrendo cerca de 16,3 km (3 léguas). No dia seguinte partiram daquele lugar e foram para Porto de Mós, andando cerca de 19,4 km (5 léguas). Ao fim de dois dias, a 14 de agosto de 1385, a hoste portuguesa percorreu cerca de 4,81 km (1 légua) e posicionou-se no planalto de São Jorge. Naquele lugar aguardaram pelos castelhanos com os rostos virados para Leiria. A hoste castelhana quando partiu de Leiria ia em direção de Lisboa, porque o monarca castelhano tencionava, novamente, sitiá-la cidade. Ao fim de cerca de 11,8 km (2 léguas), por volta do meio-dia, começaram a chegar ao planalto de São Jorge, onde se depararam com os portugueses prontos para a batalha. (ver mapas nº 118 e nº 119 para observar os itinerários; p. CCLXV; p. CCLXVIII).⁴²⁶

No caso de Trancoso (29 de maio de 1385) os castelhanos não previram a batalha. E por isso, quando partiram de Viseu, com um grande espólio, tencionavam regressar a

⁴²⁶ CDJ, II, cap. XXXIII, pp. 68-71; XXXIV, pp. 71-75; XXXV, pp. 75-78; XXXVI, pp. 79-81; XXXVII, pp. 81-84; XXXVIII, pp. 84-88; XL, pp. 89-92; XLII, pp. 94-99; CDC, Cap. LJ, pp. 112-121; e CDJU, Año Séptimo, Cap. XIII, pp. 595-596; XIV, pp. 598-602.

Castela, percorreram uma distância considerável. Ao fim de cerca de 49,7 km chegaram à veiga de Trancoso e depararam-se com as forças dos fidalgos beirões prontas para a batalha (ver mapa nº 107 para observar o itinerário; p. CCXXXVIII).⁴²⁷

Terminada a análise das distâncias percorridas pelas hostes medievais, importa agora analisar as distâncias percorridas pelos grupos de forrageadores, para percebermos se havia grandes diferenças nas distâncias que percorriam em comparação com os corpos principais da hoste. Destacando-se do corpo principal da coluna de marcha, ou do acampamento, os forrageadores percorriam o território circundante recolhendo mantimentos, mas sempre a distâncias não muito longe do corpo principal da hoste ou do arraial, para que o trajeto entre ambos os locais fosse feito de forma rápida, e para que o risco de serem interceptados fosse diminuto.⁴²⁸ De modo geral, analisando as distâncias percorridas pelos grupos de forrageadores, reparamos que os valores eram semelhantes aos que eram percorridos pelas hostes, senão vejamos: em 1373 durante o cerco castelhano de Lisboa (entre 23 de fevereiro e 24 de março), o conde D. Afonso percorreu cerca de 23,8 km para forragear em Cascais (ver mapa nº 19 para observar o itinerário; p. XL).⁴²⁹ No mês de fevereiro de 1384, Nuno Álvares Pereira partiu de Lisboa e percorreu cerca de 22,2 km para ir forragear na região de Sintra (ver mapa nº 47 para observar o itinerário; p. XCVIII).⁴³⁰ Ainda naquele ano, durante o cerco de Almada alguns castelhanos percorriam cerca de 26,4 km para irem forragear nos termos e vila de Sesimbra (ver mapa nº 78 para observar o itinerário; p. CLXXI).⁴³¹ No mês de julho de 1385, enquanto a hoste do monarca português cercava Alenquer, alguns homens percorriam cerca de 21,7 km para irem forragear na região de Torres Vedras (ver mapa nº 111 para observar o itinerário; p. CCXLVIII).⁴³² Ainda naquele ano, no mês de agosto, quando a hoste do monarca castelhano se encontrava em Coimbra, foram enviados contingentes para fustigarem e recolherem mantimentos nas regiões de Montemor-o-Velho (cerca de 22,9 km de Coimbra), Aveiro (cerca de 51,9 km de Coimbra) e Soure (cerca de 4,4 km de Coimbra) (ver mapa nº 117 para observar o itinerário; p. CCLXIII).⁴³³ Em 1386 durante o cerco de Chaves (entre 15 de janeiro e 30 de abril), de forma a obterem

⁴²⁷ CDJ, II, cap. XX, pp. 39-41; Cap. XXI, pp. 41-45.

⁴²⁸ MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 388.

⁴²⁹ CDF, cap. LXXVII, pp. 269-270

⁴³⁰ CDJ, I, cap. LXXI, pp. 122-123.

⁴³¹ CDJ, I, cap. CXXXV, pp. 233-235.

⁴³² CDJ, II, cap. XXIV, pp. 48-50.

⁴³³ CDJ, II, cap. XXIX, pp. 58-60.

mantimentos para o arraial, foram enviados contingentes de forrageadores para as povoações castelhanas da Porqueira (cerca de 44,7 km de Chaves), Sandiàs (cerca de 48,4 km de Chaves), Allariz (cerca de 57,8 km de Chaves), Ourense (cerca de 74,8 km de Chaves) e Viana do Bolo (cerca de 57,7 km de Chaves) (ver mapa nº 132 para observar o itinerário; p. CCCII).⁴³⁴ Em abril de 1387, no decurso da campanha anglo-portuguesa em Castela, durante o cerco de Benavente, numa forragem João Fernandes Pacheco, Martim Vasques e os seus irmãos percorreram cerca de 33,2 km (5 léguas) até chegarem a Castrocabón (ver mapa nº 154 para observar o itinerário; p. CCCLII).⁴³⁵ Importa salientar que, para além da distância percorrida para efetuarem a forragem, aqueles destacamentos tinham de fazer a mesma distância para voltarem para o arraial. Muitas das vezes efetuavam o retorno no próprio dia, mas havia situações em que retornavam ao arraial passados uns dias. Foi o que sucedeu durante a última campanha que o condestável realizou em Castela no mês de junho de 1398. Quando a hoste chegou a Zafra, na terça-feira (4 de junho), Nuno Álvares enviou um destacamento fustigar Salvatierra. Na quinta-feira (6 de junho de 1398), quando a hoste do condestável alcançou Burguillos, aquele destacamento reuniu-se com a hoste (ver mapa nº 172 para observar o itinerário; p. CD).⁴³⁶ Em maio de 1400 as operações de forragem do condestável, durante o cerco de Alcântara, terão durado quatro dias⁴³⁷ e foram percorridos no total cerca de 168,5 km (ver mapa nº 178 para observar o itinerário; p. CDXXI).⁴³⁸ Quando os forrageadores se destacavam do corpo principal da coluna de marcha, para irem forragear em determinadas áreas, encontravam-se com a hoste num local pré-estabelecido. Foi o que aconteceu durante a entrada do condestável e do Mestre de Avis em Castela, no mês de dezembro de 1396. Quando a hoste se encontrava toda reunida em Elvas, o condestável enviou um destacamento adiante contra a região de Cáceres (cerca de 95,5 km de Elvas). Ao fim de dois dias, quando Nuno Álvares e o mestre chegaram a Cáceres, aquele destacamento reagrupou-se com a hoste (ver mapa nº 171 para observar o itinerário; p. CCCXCVI).⁴³⁹

Quanto à duração das deslocações, as crónicas raramente fornecem dados que permitam o cálculo exato do tempo. Mas através de alguns indícios, e seguindo os pressupostos de Vegécio e a proposta de João Gouveia Monteiro, cremos que um exército

⁴³⁴ CDJ, II, cap. LXV, pp. 155-157.

⁴³⁵ CDJ, II, cap. CI, pp. 215-217.

⁴³⁶ CDC, cap. LXVIII, pp. 167-175.

⁴³⁷ WERMERS, Manuel Maria, "Nun'Álvares Pereira. A sua cronologia e o seu itinerário", in *Lusitania Sacra*, 1ª Série, nº5 (1960-1961), Centro de Estudos de História Eclesiástica, Lisboa, 1961, pp. 78-79.

⁴³⁸ CDJ, II, cap. CLXXXIV, pp. 396-398.

⁴³⁹ CDC, cap. LXVI, pp. 157-161.

medieval português na segunda metade do século XIV podia, em regra, marchar entre seis e sete horas num dia.⁴⁴⁰ Alguns exemplos acima mencionados também nos demonstram que era comum os exércitos partirem de um determinado lugar à noite e chegarem ao destino pela madrugada. Quanto aos altos efetuados durante a marcha, por norma não passavam de uma noite, mas podiam estender-se até aos cinco dias, como aconteceu antes de Aljubarrota, quando a hoste portuguesa permaneceu em Tomar. O objetivo primordial destas paragens era permitir, aos homens e animais, descansar, para no dia seguinte retomarem a marcha até se chegar ao lugar pretendido, mas em determinadas situações, como aconteceu em Tomar, esses altos podiam servir também para organizar a coluna de marcha. No entanto, durante alguns altos também podiam ser destacados forrageadores para obterem alguns mantimentos nas redondezas. Foi o que aconteceu em julho de 1386, quando o condestável, antes de atingir Cória, fez um alto de três dias na Robleda (ver mapa nº 140 para observar o itinerário; p. CCCXX) e mandou “certas gentes à fforagem a Vall d’Arrago, que era terra de muitos vinhos, e os que allo forom trouverom muytos vinhos, de que o arrayall era muy minguado.”⁴⁴¹.

Terminamos assim a nossa análise relativamente às distâncias que podiam ser percorridas pelos exércitos medievais, e aos tempos de deslocação e de descanso. O facto de os exércitos conseguirem, no meio da escuridão da noite, percorrerem as mesmas distâncias que eram percorridas durante o dia, ou até mesmo percorrerem distâncias bem acima da média leva-nos a crer que a utilização de sinais luminosos ou acústicos, que referenciavam a posição dos diversos sectores da coluna de marcha, eram verdadeiramente eficazes, permitindo que as hostes progredissem normalmente sem que troços ficassem isolados e seguissem um rumo diferente das outras unidades.⁴⁴²

⁴⁴⁰ MONTEIRO, João Gouveia, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 231.

⁴⁴¹ CDC, Cap. LVI, p. 138.

⁴⁴² MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 384.

Conclusão

Chegamos ao final desta dissertação, tendo tido a oportunidade de analisar e compreender melhor a forma como um exército transitava na segunda metade do século XIV, em Portugal.

Este estudo deu-nos a oportunidade de analisar a cadeia de comando da coluna de marcha que era dirigida pelo condestável sempre que o monarca não se encontrava presente. Essa extensa coluna que um exército formava quando transitava possuía duas configurações distintas em que, independentemente da forma, os vários elementos marchavam em perfeita harmonia, comunicando entre si através de sinais sonoros ou de mensageiros. Quando o inimigo se encontrava nas proximidades, a coluna de marcha adotava uma configuração diferente, pois era preciso reforçar as condições de segurança, enviando um grupo de batedores à frente, para reconhecer e bater o terreno. E quando não havia perigo, em “marcha itinerária”, a coluna adotava uma disposição diferente, com a hoste a progredir de maneira mais distendida. Conseguimos observar que os dois tipos de coluna eram bastante distintos em termos de organização e de medidas de segurança. Uma das grandes questões da organização da coluna, principalmente no caso da aproximação ao inimigo, era a posição do monarca. Este viajava, em regra, na retaguarda que, como observámos, era um dos pontos mais vulneráveis. No entanto, vimos igualmente que, sendo um dos locais de maior vulnerabilidade, era também bastante reforçado por homens de armas.

Destacámos as cautelas especiais que os exércitos adotavam antes de iniciarem a marcha e durante a marcha. Desde a recolha das informações por parte dos espões, à informação adiantada por desertores do inimigo, estas formas eram vitais para se conhecerem as movimentações e as dimensões dos exércitos adversários. No terreno, durante a marcha, quando os contingentes militares se punham em trânsito, o comandante da hoste também recorria a batedores para fazerem um reconhecimento prévio do terreno. E em determinadas situações, de modo a confundir os adversários sobre o alvo a atingir, os comandantes dissimulavam as partidas. Desta forma evitavam que algum espão que estivesse infiltrado no seio da hoste informasse o inimigo acerca do destino.

Todavia, apesar de todas as cautelas, a coluna de marcha enfrentava sempre perigos ao longo do seu percurso. E aqui, praticamente tudo se enquadra, desde a travessia de rios à desorientação dos guias que acabavam por se perder, às emboscadas do adversário, ao regresso das campanhas, à falta de mantimentos... A questão do

abastecimento, como tivemos a oportunidade de verificar, era vital para que uma campanha militar lograsse sucesso. Por carências de mantimentos uma campanha militar podia fracassar. Em regra, o avitualhamento dos exércitos medievais era feito pela pilhagem do território inimigo, o que permitia que este adotasse contramedidas (a “terra queimada”) que dificultavam o abastecimento de vitualhas. As passagens mais ingratas que os exércitos portugueses enfrentaram (pelo menos aquelas de que as crônicas nos dão referências), foram as travessias dos rios. Estas deviam ser feitas através de pontes de barcas, mas nem sempre isso era possível devido à morosidade da construção, e quando não fosse possível, tais travessias deviam ser feitas através dos vaus. A escolha destes tinha de ser feita de forma criteriosa, devendo os locais ser previamente reconhecidos. Chegado o momento da travessia, faziam-se linhas humanas de modo a cortar a corrente. Mesmo assim, com todos os cuidados possíveis, uma travessia era sempre um processo arriscado, uma vez que nessa ocasião a hoste se encontrava desorganizada e dividida, sendo por isso mais vulnerável.

Também tivemos a oportunidade de observar o descanso durante a viagem. Para este ser efetivo a hoste tinha de assentar o acampamento. Em regra, este localizava-se num ponto alto, perto da água, da erva e da lenha. Constituíam-se em núcleos que cercavam a tenda do monarca ou do comandante militar, que geralmente se colocava no centro. Com o inimigo por perto, seriam erguidas paliçadas e cavados fossos, de modo a aumentar a segurança da hoste contra eventuais ataques de surpresa. A colocação de escutas e vigias em redor do arraial era imperiosa e na maior parte das vezes era mesmo a única medida defensiva implementada.

Estimadas, com o rigor possível, as distâncias percorridas por um exército medieval português, concluímos que em média uma hoste podia realizar etapas diárias da ordem dos 20 a 30 ou 35 km. Conseguindo percorrer durante a noite as mesmas distâncias e, em casos excepcionais e de urgência, podendo alcançar o dobro dessas distâncias. Quanto ao tempo de descanso, em regra, não passava de uma noite, uma vez que os comandantes militares queriam atingir o alvo o mais rápido possível.

Relativamente à cartografia dos itinerários, que se encontra nos apêndices, o maior desafio na realização deste trabalho, temos de ressaltar que em alguns casos não foi possível assinalar todos os pontos de passagem, pois muitas das vezes as informações adiantadas pelo cronista são deveras incompletas, indicando-nos apenas o ponto de partida e o ponto de chegada. Por este motivo temos alguns mapas que são uma autêntica

linha reta de um lugar para o outro. Apesar desta limitação, considerámos preferível ter uma ordem de grandeza, que pecará sempre, nestes casos, por defeito.

Com esta dissertação esperamos ter conseguido dar um contributo efetivo para o conhecimento do exército em movimento na segunda metade do século XIV, em Portugal. E, através da cartografia de todos os itinerários, ficam reunidos elementos para futuras investigações sobre a rede viária medieval no reino português.

Fontes

“Do Regimento da Guerra” in *Ordenações Afonsinas. Livro I*. Nota de apresentação de Mário Júlio de Almeida Costa; nota textológica de Eduardo Borges Nunes. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, 5 vols. (reprod. fac-simile da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra, em 1792).

Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira. Edição crítica da «Coronica do Condestabre» com introdução, nota e glossário de Adelino de Almeida Calado, Coimbra: Por ordem da Universidade, 1991.

LOPES, Fernão, *Chronica del Rei Dom João I da Boa Memória. Parte Primeira*, reprodução facsimilada da Edição do Arquivo Histórico Português (1915), preparada por Anselmo Braamcamp Freire, com prefácio de Luís Filipe Lindley Cintra, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1972.

LOPES, Fernão, *Crónica de D. Fernando*, ed. de Giuliano Macchi, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975.

LOPES, Fernão, *Cronica del Rei Dom Joham I. Parte Segunda*, copiada por William James Entwistle, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1968.

LÓPEZ DE AYALA, Pero, *Crónicas*, ed. de José-Luis Martin, Barcelona, Editorial Planeta, 1991.

VEGÉCIO, *Compêndio da Arte Militar*, trad. de José Eduardo Braga e João Gouveia Monteiro, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

Bibliografia

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, *Vias Medievais I Entre Douro e Minho*, Dissertação de licenciatura, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 1968.

ANDRADE, Amélia Aguiar, *Vilas, poder régio e fronteiras: o exemplo do Entre Lima e Minho Medieval*, Doutoramento em História da Idade Média, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Universidade Nova de Lisboa, 1994.

ARGUÍN, Menéndez; RÁUL, Adolfo, *El Ejército Romano en Campanã, España*, Universidade de Sevilha - secretariado de publicaciones, 2011.

BARROCA, Mário Jorge, “Da Reconquista a D. Dinis”, in *Nova História Militar de Portugal*, dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 1, coord. De José Mattoso, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, pp. 21-161.

COELHO, Maria Helena da Cruz, *D. João I*, Rio de Mouro, Temas e Debates, 2008.

CONDE, Manuel Sílvio Alves; VIEIRA, Marina Afonso, “Elementos para o estudo da rede viária de Trás-os-Montes no início de Quinhentos”, in *Paisagens Rurais e Urbanas - Fontes, Metodologias, Problemáticas Actas das Segundas Jornadas*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Universidade Nova de Lisboa, 2006.

CONDE, Manuel Sílvio Alves; VIEIRA, Marina Afonso, *Paisagens Rurais e Urbanas. Fontes, Metodologias, Problemáticas (II)*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2006.

CONTAMINE, Philippe, *Guerre État et Société à la Fin du Moyen Âge*, Paris, La Haye, 1972.

DUARTE, Luís Miguel, “A marinha de guerra portuguesa”, in *Nova História Militar de Portugal*, dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 1, coord. de José Mattoso, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, pp. 290-346.

FERREIRA, Leandro Filipe Ribeiro, *De homens comuns a força de elite: os besteiros do conto em Portugal na Idade Média (1385-1438)*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015.

GARCÍA FITZ, Francisco, *Castilha y León frente al Islam: Estrategias de expansión y tácticas militares (siglos XI-XIII)*, 2ª., Sevilha, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 2005.

GARCÍA FITZ, Francisco, “El Viaje de la guerra”, in *Viajar en La Edad Media XIX Semana de Estudios Medievales*, Logronõ, Insituto de Estudios Riojanos, 2009, pp. 135-191

GOMES, Rita Costa, *A Guarda medieval 1200-1500. Posição, morfologia e sociedade*, Lisboa, Sá da Costa, 1987.

GOMES, Rita Costa, *D. Fernando*, Rio de Mouro, Temas e Debates, 2008.

MARQUES, A. H. de Oliveira; Dias, João José Alves, *Atlas Histórico de Portugal e do Ultramar Português*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos, 2003.

MARTINS, Mário, *Peregrinações, livros de milagres da nossa Idade Média*, Lisboa, Brotéria, 1957.

MARTINS, Miguel Gomes, *A arte da Guerra em Portugal - 1245-1367*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota. A Guerra na Idade Média*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2011.

MARTINS, Miguel Gomes, *Guerreiros de Pedra - Castelos, muralhas, e guerra de cerco em Portugal na Idade Média*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2016.

MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal - nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998.

MONTEIRO, João Gouveia, “De D. Afonso IV (1325) à Batalha de Alfarrobeira (1449) - Os Desafios da Maturidade”, in *Nova História Militar de Portugal*, dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 1, coord. de José Mattoso, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, pp. 163–287.

MONTEIRO, João Gouveia, “Estratégia e Tática Militares”, in *Nova História Militar de Portugal*, dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 1, coord. de José Mattoso, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, pp. 216-244.

MONTEIRO, João Gouveia, *Nuno Álvares Pereira - Guerreiro, senhor feudal, santo: os Três Rostos do Condestável*, Lisboa, Manuscrito, 2019.

MORENO, Humberto Baquero, *Os itinerários de el-rei Dom João I: 1384-1433*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988.

PRESTWICH, Michael, *Armies and Warfare in the Middle Ages*, New Haven and London, Yale University Press, 1996.

RODRIGUES, Maria Teresa Campos, *Itinerário de D. Fernando 1367-1383*, Braga, Separata da Revista BRACARA AUGUSTA, 1978.

RUSSELL, Peter E., *A Intervenção Inglesa na Península ibérica Durante a Guerra dos Cem Anos*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000.

VIEGAS, Valentino, *Cronologia da Revolução de 1383-1385*, Lisboa, Editorial Estampa, 1984.

WERMERS, Manuel Maria, “Nun’ Álvares Pereira. A sua cronologia e o seu itinerário”, in *Lusitania Sacra*, 1ª Série, nº 5 (1960-1961), Centro de Estudos de História Eclesiástica, Lisboa, 1961, pp. 9-99.

Apêndices

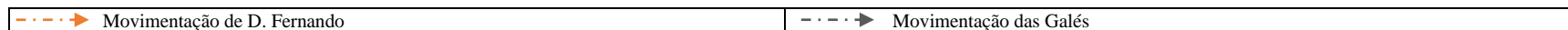
Apêndice A – Mapas dos itinerários; intervalos de tempo; e distâncias percorridas pelos exércitos

Mapa 1 | Invasão de D. Fernando à Galiza (julho de 1369)



Fonte: CDF, Cap. XXX (pp.101-103)

Legenda:



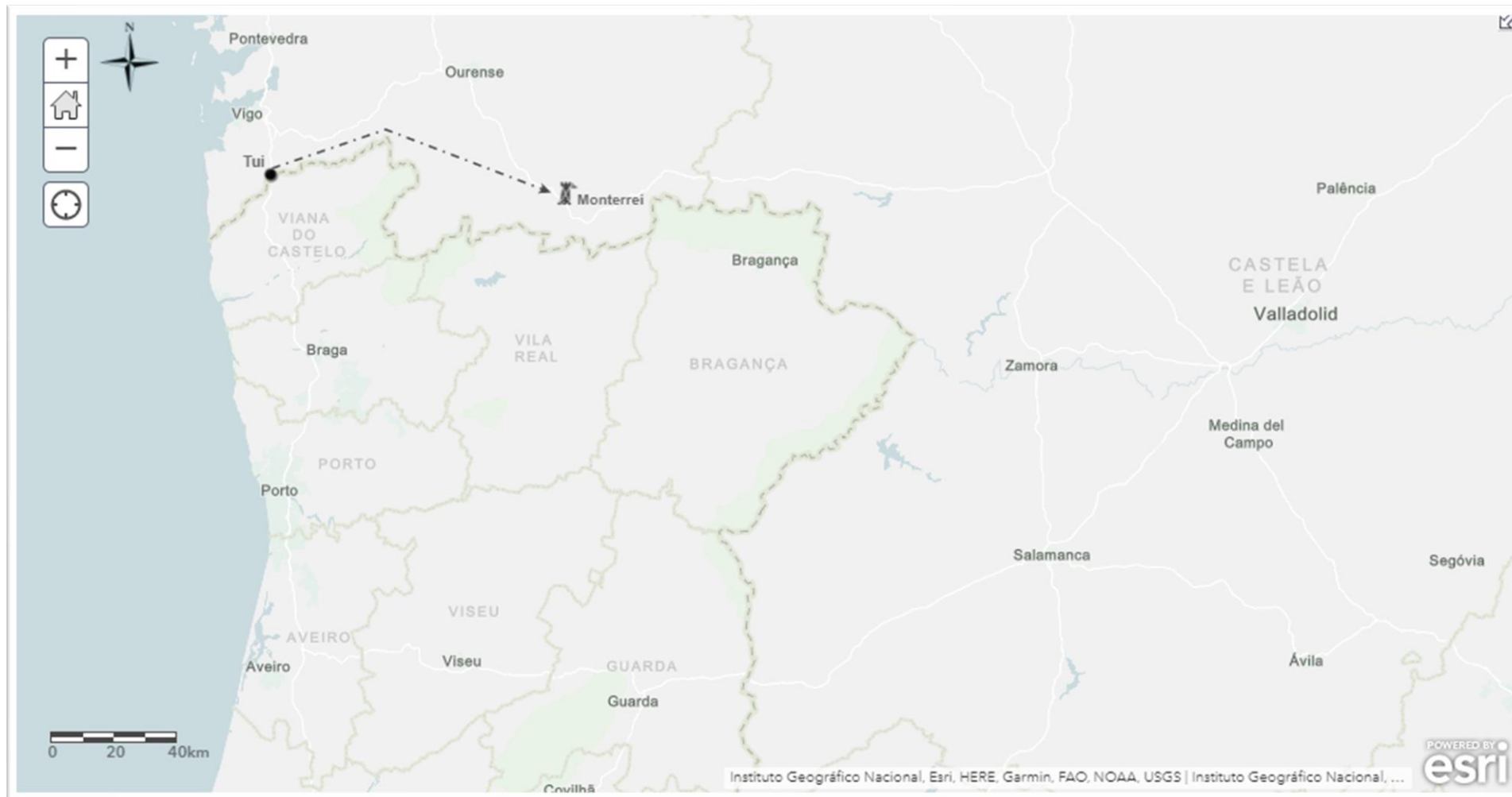
No mês de julho de 1369, de modo a iniciar as hostilidades, D. Fernando acompanhado por muitas gentes e cavaleiros, dos quais Nuno Freire, mestre da ordem de cristo e D. Álvaro Peres de Castro, dirigiu-se para a Galiza. No mar era apoiado por oito galés capitaneadas por Nuno Martins de Góis.

Data:	Julho de 1369.
-------	----------------

Lugares:	Porto	Tui	Tui	Corunha
Distâncias:	- 101,3 km.		- 147,9 km.	



Fonte: CDF, Cap. XXX (pp.101-103)

Mapa 2 | Cerco do conde Fernando de Castro a Monterrei (antes do final de verão de 1369)



Fonte: CDF, Cap. XXXI (pp.105-106)

Legenda:

 Movimentação do conde dom Fernando de Castro	 Cerco
--	---

Alguns cavaleiros, dos quais Fernando de Castro, Vasco Fernandes Coutinho, João Peres de Nóvoa, acompanhados pelos seus escudeiros lançaram-se sobre Monterrey, colocando cerco ao lugar. Depois de combates, tomaram o lugar.

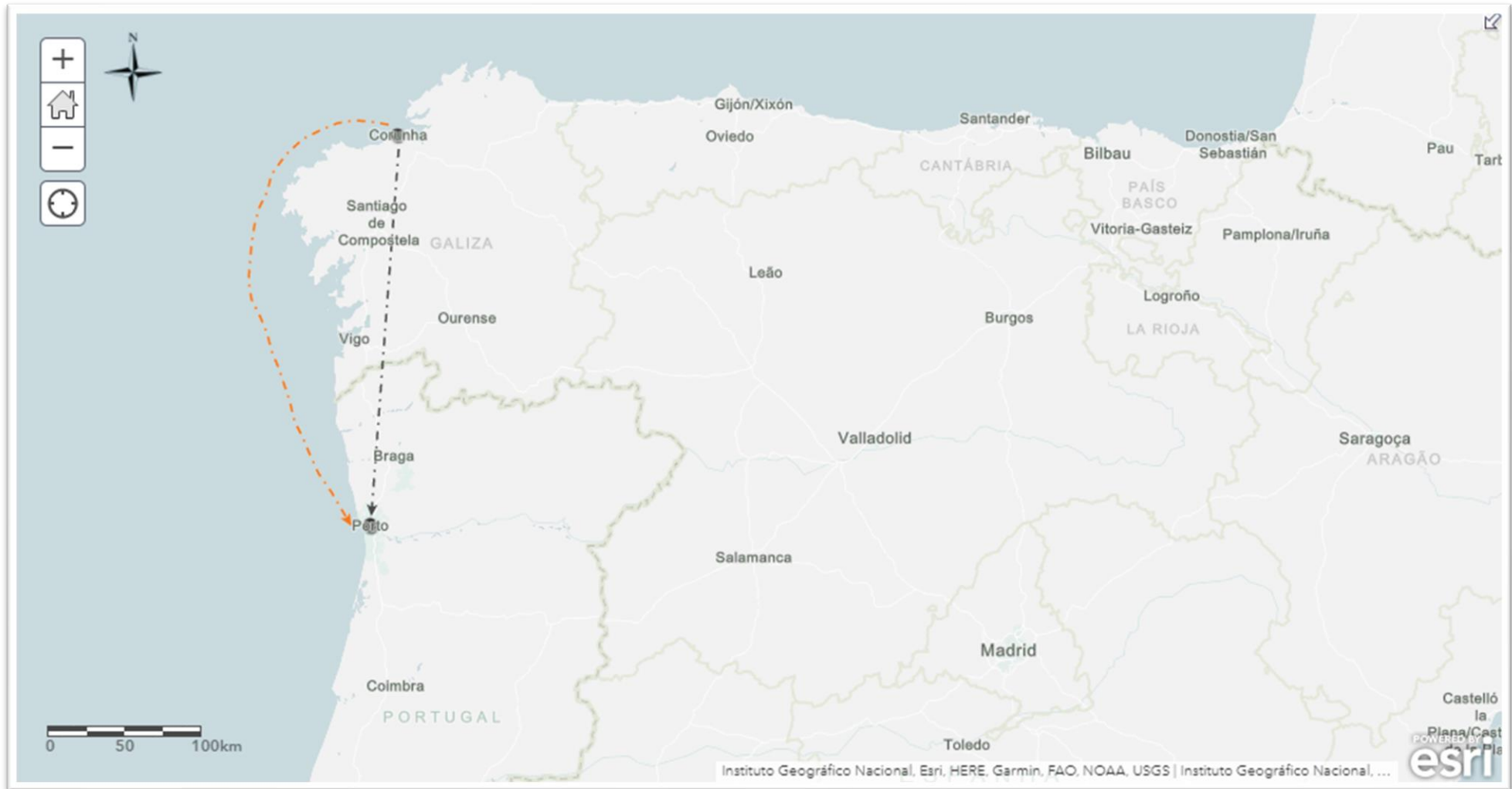
Data:	Antes do final do verão de 1369.
-------	----------------------------------

Composição da hoste:	- Cerca de 434 escudeiros.
----------------------	----------------------------

Lugares:	Tui	Monterrei
Distâncias:	- 96,7 km.	

Fonte: CDF, Cap. XXXI (pp.105-106)

Mapa 3 | Deslocação de regresso a Portugal (agosto de 1369)



Fonte: CDF, Cap. XXXII (pp.107-108); CDHII, Año Cuarto, Cap. IV (p.438); Cap. V (p.439)

Legenda:

Movimentação de D. Fernando e das galés	Movimentação das restantes gentes, acaudeladas por Alvaro Perez de Castro
---	---

Quando D. Fernando soube que o monarca castelhano se dirigia ao seu encontro com um forte contingente, decidiu regressar para Portugal. Nos lugares que tinham voz por ele colocou fronteiros. D. Fernando voltou para o Porto numa das galés capitaneadas por Nuno Martins de Góis e as restantes gentes, vieram por terra comandadas por Álvaro Peres de Castro.

Data:	Agosto de 1369.
-------	-----------------

Lugares:	Corunha	Porto
Distâncias:	- 250,8 km.	

Fonte: CDF, Cap. XXXII (pp.107-108); CDHII, Año Cuarto, Cap. IV (p.438); Cap. V (p.439)

Mapa 4 | Movimentações de Enrique II até à entrada em Portugal (entre julho-setembro de 1369)



Fonte: CDF, Cap. XXXII (pp.107-108); Cap. XXXIII (pp.109-110); Cap. XXXIV (pp.111-113); CDHII, Año Cuarto, Cap. IV (p.438); Cap. V (p.439)

Legenda:

- · - · - >	Movimentação de Enrique II e da hoste	⊘	Cerco	⊘	Travessia do Minho a vau (Este possivelmente encontrava-se na Lapela)
-------------	---------------------------------------	---	-------	---	---

No mês de julho de 1369, quando o monarca castelhano soube que D. Fernando armava uma frota e se preparava para lhe fazer guerra, partiu de Toledo para Zamora. Chegando ao lugar que estava contra ele, cercou-o. Assim que soube que D. Fernando havia entrado na Galiza, abandonou o cerco e partiu para aquela comarca com toda a sua hoste para combater o monarca português. No caminho, quando soube que D. Fernando já se encontrava em Portugal, decidiu entrar no reino português; atravessou o rio Minho a vau e foi diretamente para Braga. No dia 23 de agosto de 1369, começaram a combater o lugar. Como este era mal defendido e após algumas baixas, os moradores vendo que não se conseguiam defender acabaram por negociar uma rendição. Depois de tomarem o lugar, no dia 1 de setembro de 1369 assentaram o arraial sobre Guimarães.

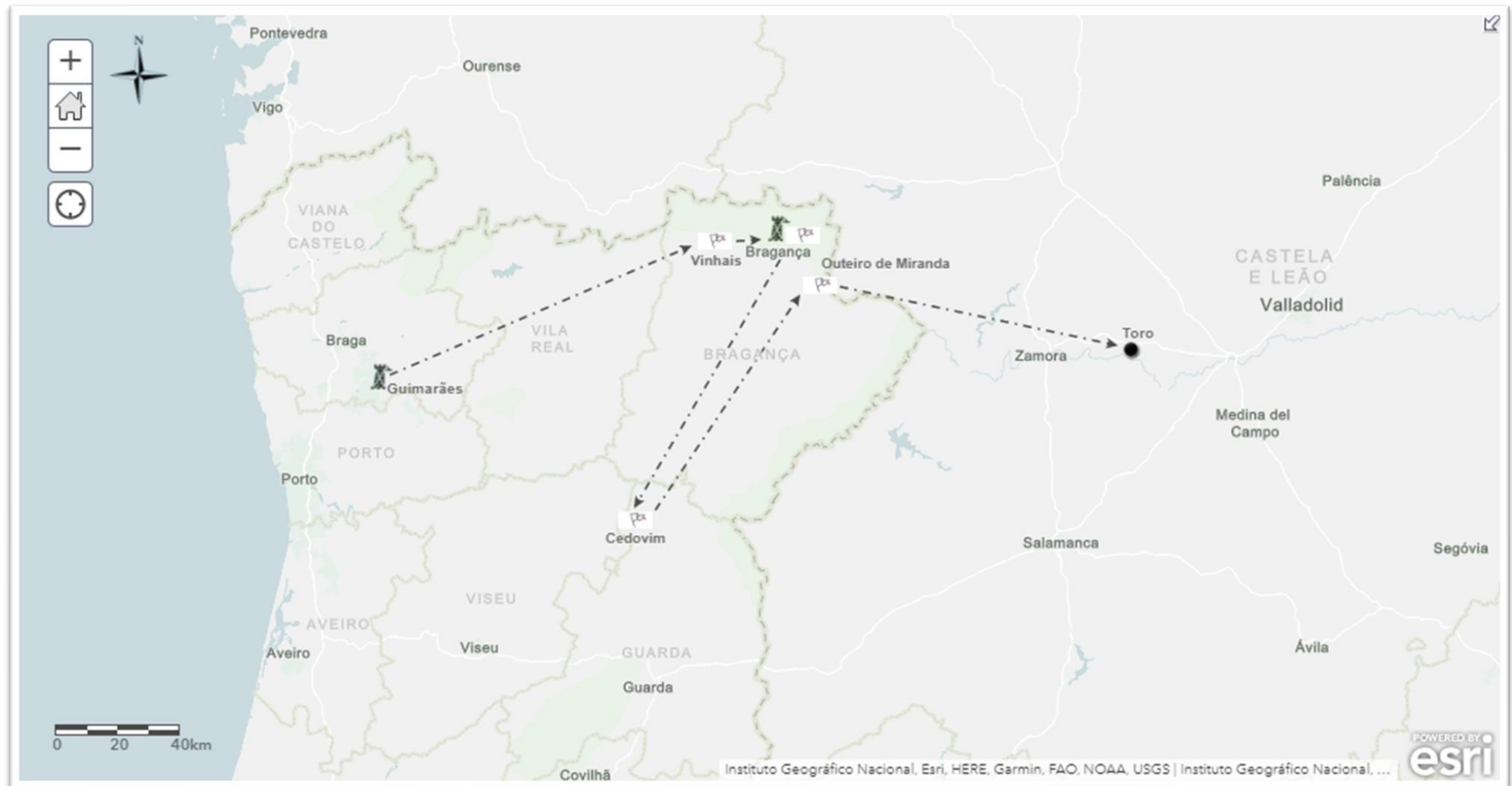
Data:	Julho - setembro de 1369.
-------	---------------------------

Lugares:	Toledo	Zamora	Galiza	Lapela (junto ao vau do Minho)	Braga	Guimarães
Intervalo de Tempo:	- Julho de 1369.	- Julho de 1369.	- Agosto de 1369.	- Agosto de 1369.	- No dia 23 de agosto de 1369, véspera de São Bartolomeu, iniciaram o combate do lugar; - Depois de tomarem o lugar permaneceram 6 dias.	- No dia 1 de setembro de 1369 assentaram o arraial no lugar; - Permaneceram no lugar, pelo menos 3 semanas.

Lugares:	Toledo	Zamora	Zamora	Galiza	Galiza	Lapela (junto ao vau do Minho)	Lapela (junto ao vau do Minho)	Braga	Braga	Guimarães
Distâncias:	- 231,3 km.		- 227 km.		- 93,3 km.		- 56,7 km.		- Segundo as crónicas 3 léguas; - 16,4 km.	

Fonte: CDF, Cap. XXXII (pp.107-108); Cap. XXXIII (pp.109-110); Cap. XXXIV (pp.111-113); CDHII, Año Cuarto, Cap. IV (p.438); Cap. V (p.439)

Mapa 5 | Regresso do monarca castelhano para Castela (setembro de 1369)



Fonte: CDF, Cap. XXXV (pp.115-117); CDHII, Año Cuarto, Cap. VI (p.440)

Legenda:

Movimentação de Enrique II e da sua hoste	Movimentação de D. Fernando e da sua hoste	Cerco	Toma/entrega de lugares
---	--	-------	-------------------------

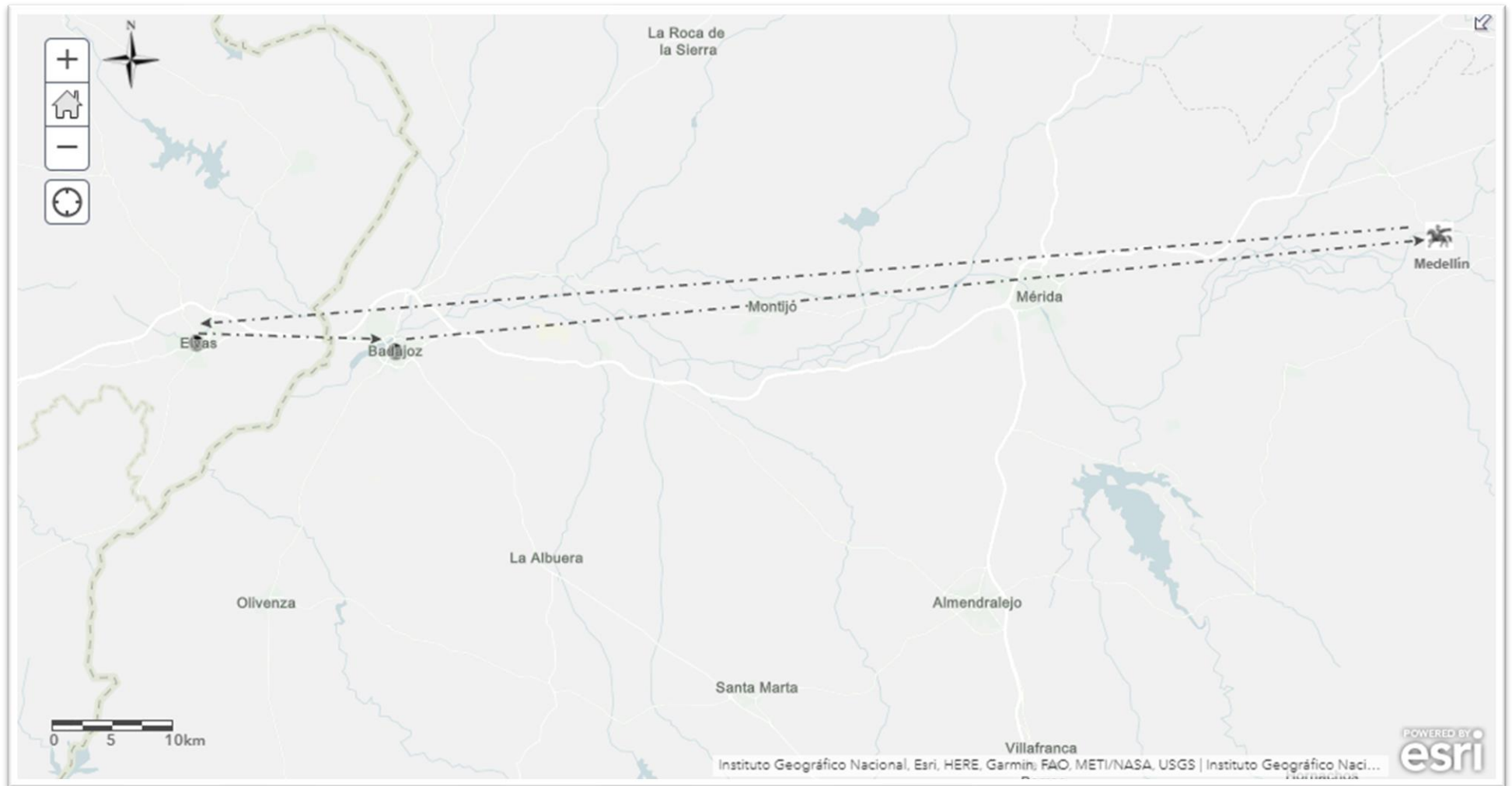
Após assentarem o arraial sobre Guimarães, os castelhanos iniciaram os combates. Durante três semanas, aquele lugar foi fustigado por engenhos de arremesso de pedras. Enquanto estes combates se sucediam, D. Fernando estava em Coimbra a juntar a sua hoste para ir acorrer àquela comarca e dar batalha ao monarca castelhano. Quando partiram de Coimbra, Enrique II, vendo que não conseguia submeter Guimarães e sabendo das intenções do monarca português decidiu retornar para Castela. Pelo caminho tomou Vinhais, Bragança, Cedovim e Outeiro de Miranda.

Data:	Setembro de 1369.
-------	-------------------

Lugares:	Guimarães	Vinhais	Vinhais	Bragança	Bragança	Cedovim	Cedovim	Outeiro de Miranda	Outeiro de Miranda	Toro
Distâncias:	- 116,6 km.		- 20,4 km.		- 98,1 km.		- 94,2 km.		- 102,5 km.	

Fonte: CDF, Cap. XXXV (pp.115-117); CDHII, Año Cuarto, Cap. VI (p.440)

Mapa 6 | Cavalgada do escudeiro Gil Fernandes (finais de 1369)



Fonte: CDF, Cap. XXXVII (pp.123-124)

Legenda:

--->	Movimentação de Gil Fernandes		Cavalgada
------	-------------------------------	---	-----------

O escudeiro Gil Fernandes de Elvas, juntou os seus parentes e amigos para ir fazer uma cavalgada a Castela. Ao todo conseguiu juntar setenta homens de armas e quatrocentos homens de pé. Partindo de Elvas, passaram por Badajoz assolaram a terra de Medellín. Na cavalgada capturaram muitos gados e fizeram bastantes prisioneiros.

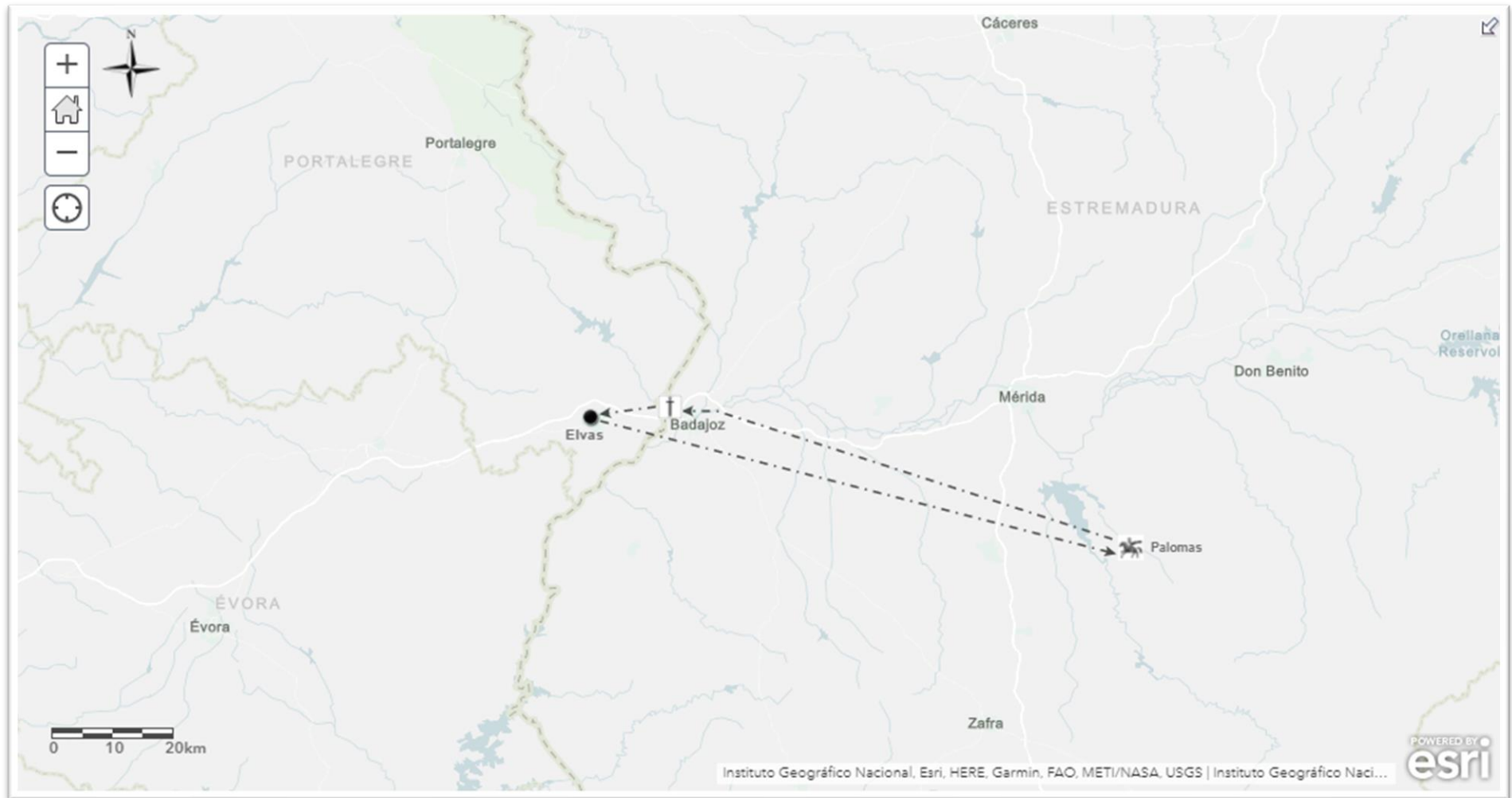
Data:	Finais de 1369.
-------	-----------------

Composição da hoste:	- 70 homens de armas; - 400 homens de pé.
----------------------	--

Lugares:	Elvas	Badajoz	Badajoz	Medellín	Medellín	Elvas
Distâncias:	- 16,9 km.		- 88,5 km.		- 105 km.	

Fonte: CDF, Cap. XXXVII (pp.123-124)

Mapa 7 | Cavalgada do fronteiro Gonçalo Mendes de Vasconcelos juntamente com Gil Fernandes (finais de 1369)



Fonte: CDF, Cap. XXXVIII (pp.125-126)

Legenda:

Movimentação	Cavalgada	Localização hipotética do lugar onde se deu a escaramuça com os castelhanos de Badajoz
--------------	-----------	--

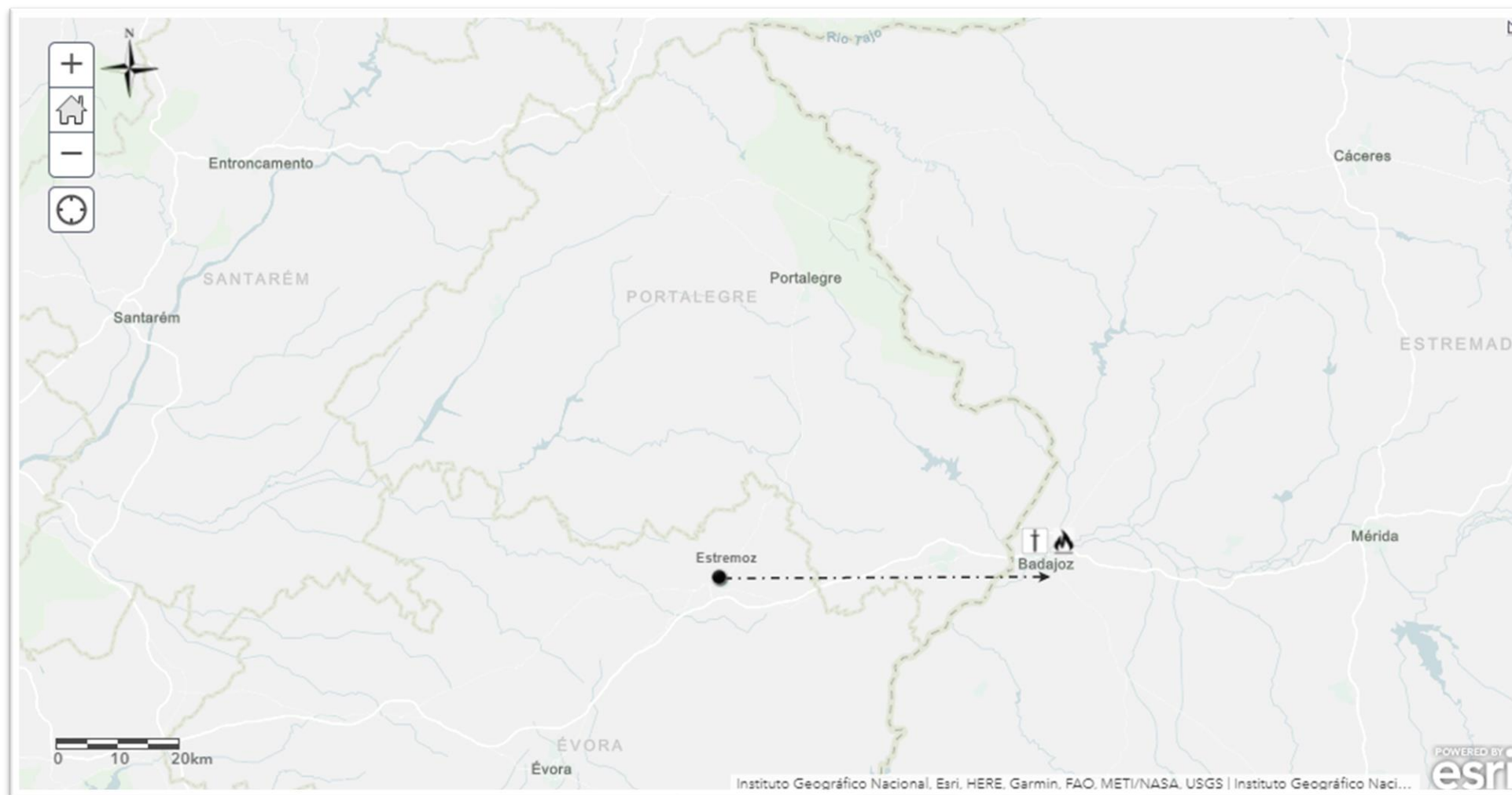
Depois do fronteiro Gonçalo Mendes de Vasconcelos chegar a Elvas, propôs de imediato ao escudeiro Gil Fernandes devastarem a comarca de Badajoz. Partindo de Elvas foram assolar as Palomas. No regresso deu-se uma escaramuça com os castelhanos de Badajoz, na qual estes foram desbaratados.

Data:	Finais de 1369.
-------	-----------------

Lugares:	Elvas	Palomas	Palomas	Badajoz	Badajoz	Elvas
Distâncias:	- 91,8 km.		- 75,6 km.		- 16,9 km.	

Fonte: CDF, Cap. XXXVIII (pp.125-126)

Mapa 8 | Tentativa de tomada de Badajoz pelo infante D. João, fronteiro-mor da comarca (finais de 1369)



Fonte: CDF, Cap. XXXVIII (pp.125-126)

Legenda:

---▶	Movimentação do infante D. João, juntamente com as gentes que conseguiu juntar	†	Combate	🔥	Destruição sobre as casas da primeira cerca e derrube de parte do muro
------	--	---	---------	---	--

O infante D. João, fronteiro-mor da comarca do Entre Tejo e Guadiana, quando soube da escaramuça e do desbarato dos castelhanos nas imediações de Badajoz, resultante da entrada do fronteiro Gonçalo Mendes de Vasconcelos e do escudeiro Gil Fernandes, mobilizou um contingente para fazer uma nova entrada em Badajoz. Juntamente com o Prior do Hospital, Álvaro Gonçalves Pereira, partiu de Estremoz e dirigiu-se a Badajoz. Quando chegaram ao lugar, combateram-no. Apesar de terem conseguido entrar na primeira cerca, não conseguiram entrar na cerca velha. Face à impossibilidade de entrarem nesse perímetro amuralhado, os portugueses, depois de queimarem as casas da primeira cerca e de derrubarem o muro, regressaram para os lugares de onde partiram.

Data:	Finais de 1369.
-------	-----------------

Lugares:	Estremoz	Badajoz
Distâncias:	- 53,5 km.	



Fonte: CDF, Cap. XXXVIII (pp.125-126)

Mapa 9 | Deslocação de Gomes Lourenço do Avelar a Cidade Rodrigo (abril de 1369)



Fonte: CDF, Cap. XXXVIII (pp.127-128)

Legenda:

 Movimentação	 Toma do lugar
--	---

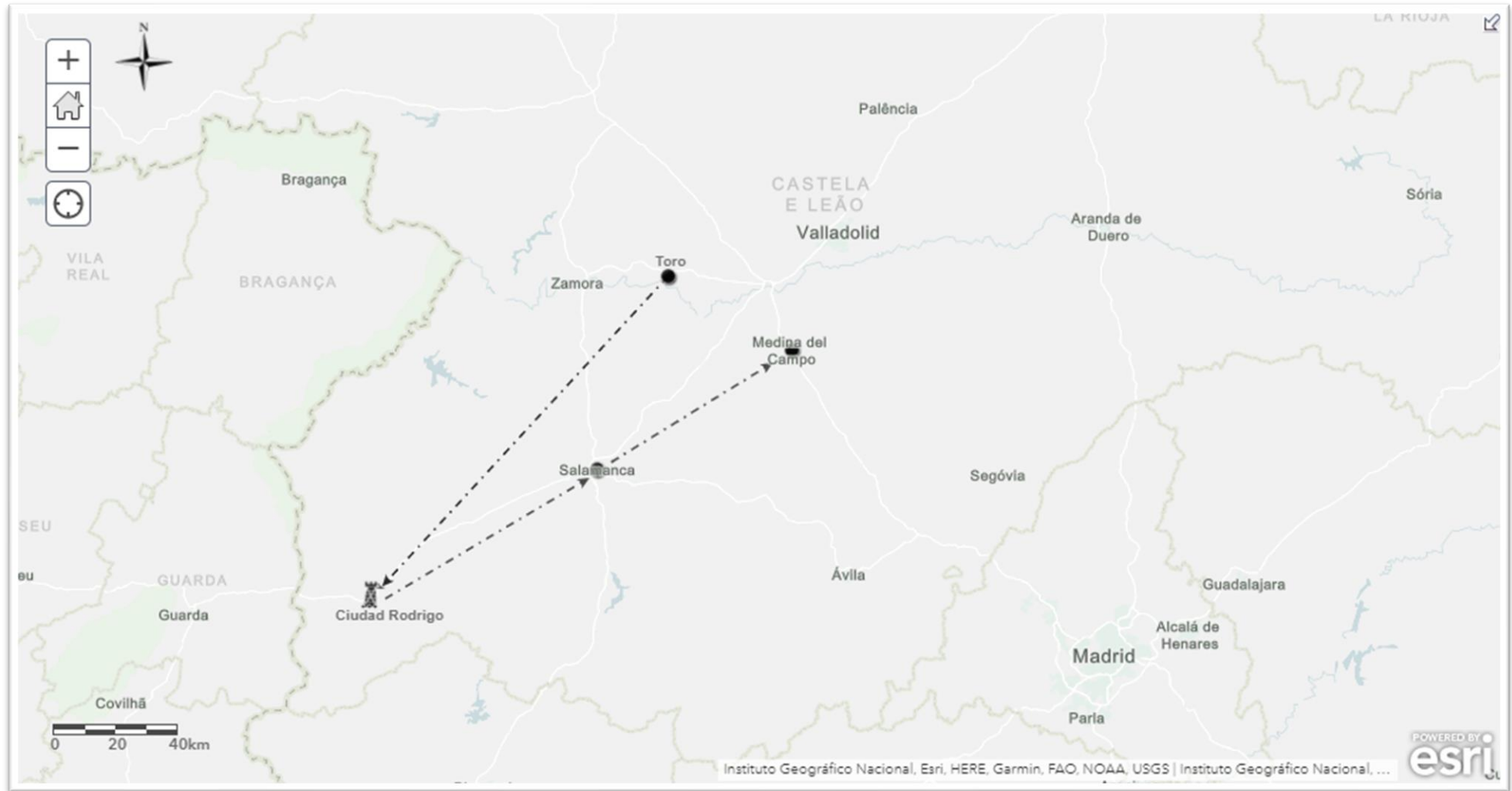
No mês de abril de 1369, o monarca português enviou a Ciudad Rodrigo como fronteiro Gomes Lourenço do Avelar. Na companhia do novo fronteiro foram Afonso Furtado, Estevão Vasques Filipe, João Rodrigues Portocarreiro e outros, totalizando as duzentas lanças partiram de Lisboa foram para Ciudad Rodrigo. Quando chegaram ao lugar fustigaram e tomaram os lugares de San Felices de los Gallegos, Recopardo, Feolhosa, Çarralvo (não foi possível identificar no mapa a totalidade dos lugares que tomaram).

Data:	Abril de 1369.
-------	----------------

Lugares:	Lisboa	Ciudad Rodrigo	Ciudad Rodrigo	San Felices de los Gallegos
Distâncias:	- 306,2 km.		- 31,3 km.	



Fonte: CDF, Cap. XXXVIII (pp.127-128)

Mapa 10 | Cerco de Enrique II a Ciudad Rodrigo (entre janeiro e meados de março de 1370)



Fonte: CDF, Cap. XXXVIII (pp.129-131); CDHII, Año Quinto, Cap. I (p.442)

Legenda:

 Movimentação de Enrique II e da sua hoste	 Cerco
---	---

Face às cavalgadas que Gomes Lourenço do Avelar realizava a partir de Ciudad Rodrigo, no mês de janeiro de 1370 o monarca castelhano decidiu partir da vila de Toro e cercar o lugar. Face à resistência dos sitiados, às grandes chuvadas que dificultavam a vinda de mantimentos, Enrique II viu-se obrigado a levantar o cerco, que já durava dois meses e meio, e ir para Medina del Campo.

Data:	Janeiro - Março de 1370.
-------	--------------------------

Lugares:	Toro	Ciudad Rodrigo	Salamanca	Medina del Campo
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no mês de janeiro de 1370.	- Chegaram ao lugar no mesmo mês (janeiro de 1370); - Permaneceram no lugar dois meses e meio (até meados de março).		- Chegaram ao lugar em meados de março de 1370.

Lugares:	Toro	Ciudad Rodrigo	Ciudad Rodrigo	Salamanca	Salamanca	Medina del Campo
Distâncias:	- 140,6 km.		- 83,7 km.		- 73,9 km.	

Fonte: CDF, Cap. XXXVIII (pp.129-131); CDHII, Año Quinto, Cap. I (p.442)

Mapa 11 | Deslocação de Pero Manrique e Pero Rodriguez Sarmiento à Galiza (março de 1370)



Fonte: CDF, Cap. XXXVIII (pp.129-131); CDHII, Año Quinto, Cap. II (p.443)

Legenda:

---> Movimentação

Sabendo que na comarca da Galiza andava Fernando de Castro com grande poder a fazer dano nos lugares que tinham voz por Castela, assim que chegou a Medina del Campo, o monarca castelhano enviou Pero Manrique e Pero Rodriguez Sarmiento com gentes para aquela comarca.

Data:	Março de 1370.
-------	----------------

Lugares:	Medina del Campo	Galiza
Distâncias:	- 295,6 km.	

Fonte: CDF, Cap. XXXVIII (pp.129-131); CDHII, Año Quinto, Cap. II (p.443)

Mapa 12 | Bloqueio naval a Sevilha (entre finais de maio de 1369 e abril de 1371)



Fonte: CDF, Cap. XLII (pp.137-139); Cap. XLIV (pp.143-147); CDHII, Año Quinto, Cap. IV (pp.444-445)

Legenda:

Movimentação	Bloqueio Naval
--------------	----------------

No início do conflito, em 1369, o monarca português mandou armar uma grande frota que devia bloquear a entrada do Guadalquivir. Segundo Fernão Lopes a frota era composta por 32 galés e 30 naus e tinha por almirante miçe Lançarote Peçanha e por capitão João Focim. Entre o mês de maio e o dia 15 de junho a frota partiu da cidade de Lisboa. Antes de chegar a Sanlúcar de Barrameda a frota passou por Cádiz, destruindo o lugar. O bloqueio a Sanlúcar de Barrameda durou mais de um ano.

Data:	Entre finais de maio de 1369 e abril de 1371.
-------	---

Composição da frota:	Segundo Fernão Lopes:	Segundo Ayala:
	- 32 galés; - 30 naus.	- 16 galés; - 24 naus.

Lugares:	Lisboa	Cádiz	Sanlúcar de Barrameda
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar entre os finais de maio e 15 de junho de 1369.		- O bloqueio naval durou 1 ano e 11 meses.

Lugares:	Cádiz	Sanlúcar de Barrameda
Distâncias:	- 28,2 km.	



Fonte: CDF, Cap. XLII (pp.137-139); Cap. XLIV (pp.143-147); CDHII, Año Quinto, Cap. IV (pp.444-445)

Mapa 13 | Cerco de Enrique II a Tui (1372)



Fonte: CDHII, Año Séptimo, Cap. I (p.456)

Legenda:

 Movimentação	 Cerco
--	---

Os cavaleiros galegos e castelhanos que se encontravam em Portugal contra Enrique II, tomaram Tui. Por este motivo, em 1372 o monarca castelhana partiu de Burgos e foi cercar o lugar.

Data:	1372
-------	------

Lugares:	Burgos	Tui
Distâncias:	- 409,7 km.	

Fonte: CDHII, Año Séptimo, Cap. I (p.456)

Mapa 14 | Movimentação da frota castelhana para Lisboa (março de 1373)



Fonte: CDF, Cap. LXX (pp.245-247); CDHII, Año Séptimo, Cap. V (p.459)

Legenda:

 Movimentação	 Bloqueio Naval
--	--

Em 1372, quando se encontrava na cidade de Zamora, o monarca castelhano decidiu entrar em Portugal com a sua hoste. Para o efeito, daquele lugar escreveu logo ao seu almirante Ambrosio Bocanegra para armar a frota em Sevilha. A frota era composta por doze galés e assim que foi armada partiu para Lisboa, onde chegou no dia 7 de março de 1373.

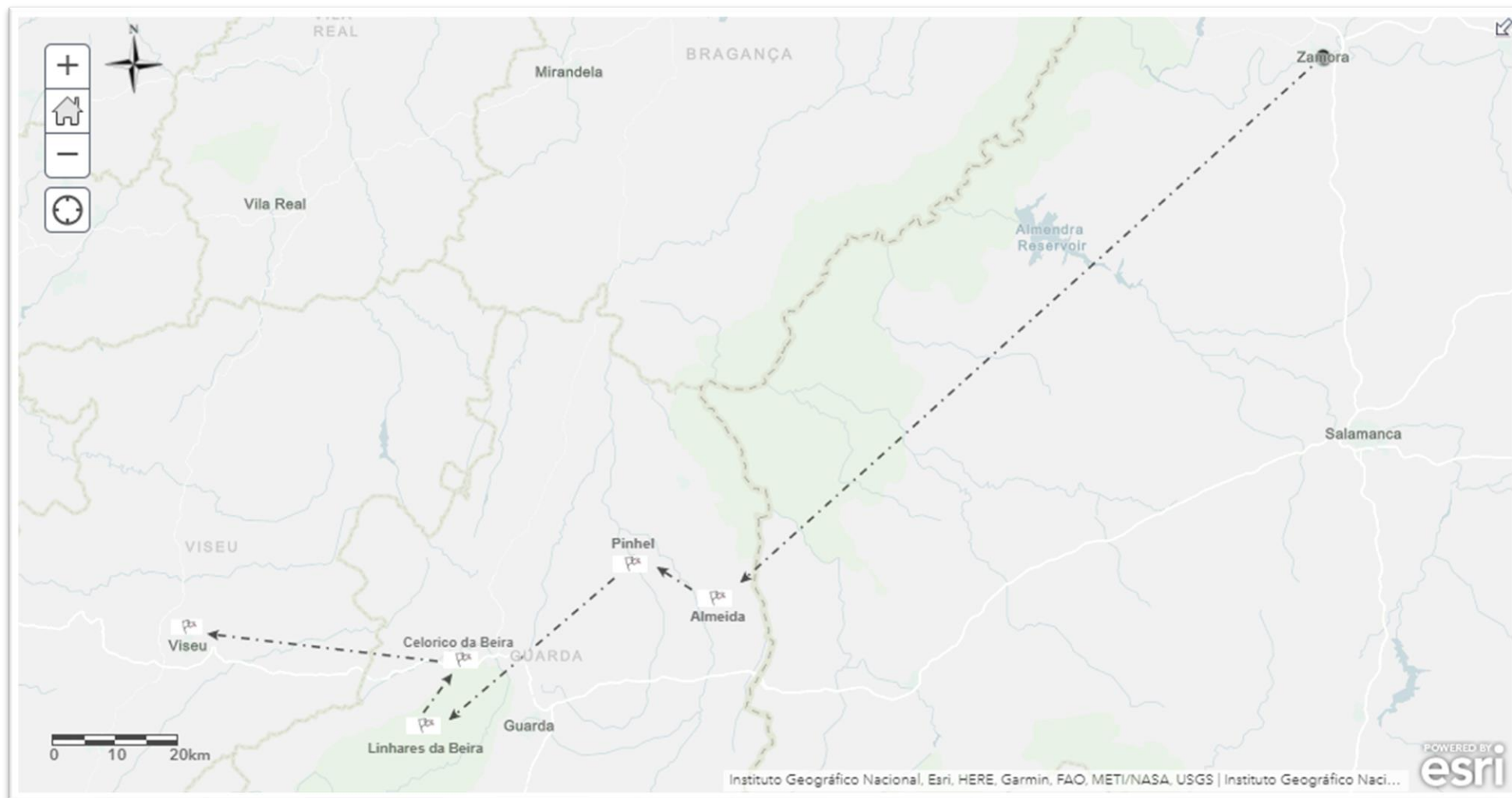
Data:	1373
-------	------

Composição da frota:	- 12 galés.
----------------------	-------------

Lugares:	Sevilha	Lisboa
Intervalo de Tempo:		- Chegaram ao lugar no dia 7 de março de 1373.

Fonte: CDF, Cap. LXX (pp.245-247); CDHII, Año Séptimo, Cap. V (p.459)

Mapa 15A | Entrada de Enrique II em Portugal, com a intenção de cercar Lisboa (entre dezembro de 1372 e janeiro de 1373)



Fonte: CDF, Cap. LXXI (pp.249-250)

Legenda:

--->	Movimentação de Enrique II e da sua hoste		Toma/entrega de lugares
------	---	--	-------------------------

Decidido a entrar em Portugal e pôr cerco sobre Lisboa, depois de ter escrito a todos os vassallos para se juntarem com ele onde se encontrasse, Enrique II partiu de Zamora e entrou em Portugal. Na entrada submeteu os seguintes lugares: Almeida; Pinhel; Linhares da Beira; Celorico da Beira e Viseu. Segundo Fernão Lopes a entrada do monarca castelhano deu-se em meados de setembro de 1372, por sua vez Ayala refere-nos que a entrada se deu em meados de dezembro de 1372.

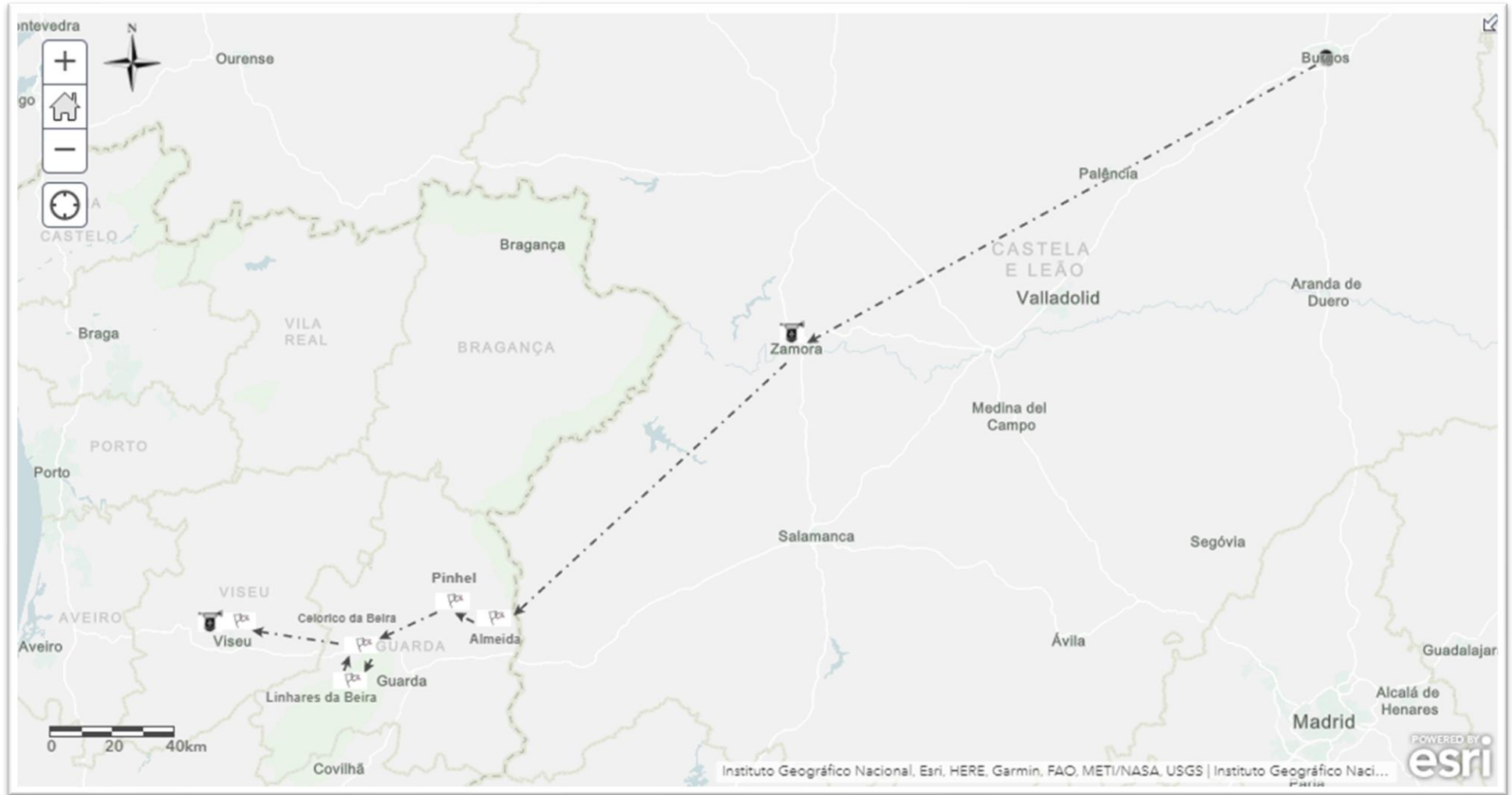
Data:	1372 - 1373
-------	-------------

Lugares:	Zamora	Almeida	Pinhel	Linhares da Beira	Celorico da Beira	Viseu
Intervalo de Tempo:	- Segundo Fernão Lopes partiram do lugar em meados de setembro de 1372; - Por sua vez Ayala refere que a partida se terá dado em meados de dezembro de 1372.					- Nos primeiros dias de janeiro de 1373 já se encontravam no lugar.

Lugares:	Zamora	Almeida	Almeida	Pinhel	Pinhel	Linhares da Beira	Linhares da Beira	Celorico da Beira	Celorico da Beira	Viseu
Distâncias:	- 130,8 km.	- 14,7 km.	- 14,7 km.	- 42,3 km.	- 42,3 km.	- 12,2 km.	- 12,2 km.	- 44,2 km.	- 44,2 km.	




Fonte: CDF, Cap. LXXI (pp.249-250)

Mapa 15B | Entrada de Enrique II em Portugal, com a intenção de cercar Lisboa (entre dezembro de 1372 e janeiro de 1373)



Fonte: CDHII, Año Séptimo, Cap. III (pp.457-458); Cap. V (pp.459)

Legenda:

 Movimentação de Enrique II e da sua hoste	 Chegada de mais contingentes	 Toma/entrega de lugares
---	--	---

Este mapa é baseado nas informações de Ayala. Fernão Lopes corrobora com as informações de Ayala, contudo no que toca à “ordem” dos lugares tomados pelo monarca castelhano refere-nos que Celorico da Beira foi tomado antes de Linhares da Beira. No que toca à data dos acontecimentos, conforme referimos anteriormente, há uma divergência. Segundo Ayala a entrada do monarca castelhano deu-se em meados de dezembro de 1372, por sua vez Fernão Lopes refere-nos que a entrada se deu em meados de setembro de 1372. A data adiantada pelo cronista castelhano parece-nos a mais lógica.

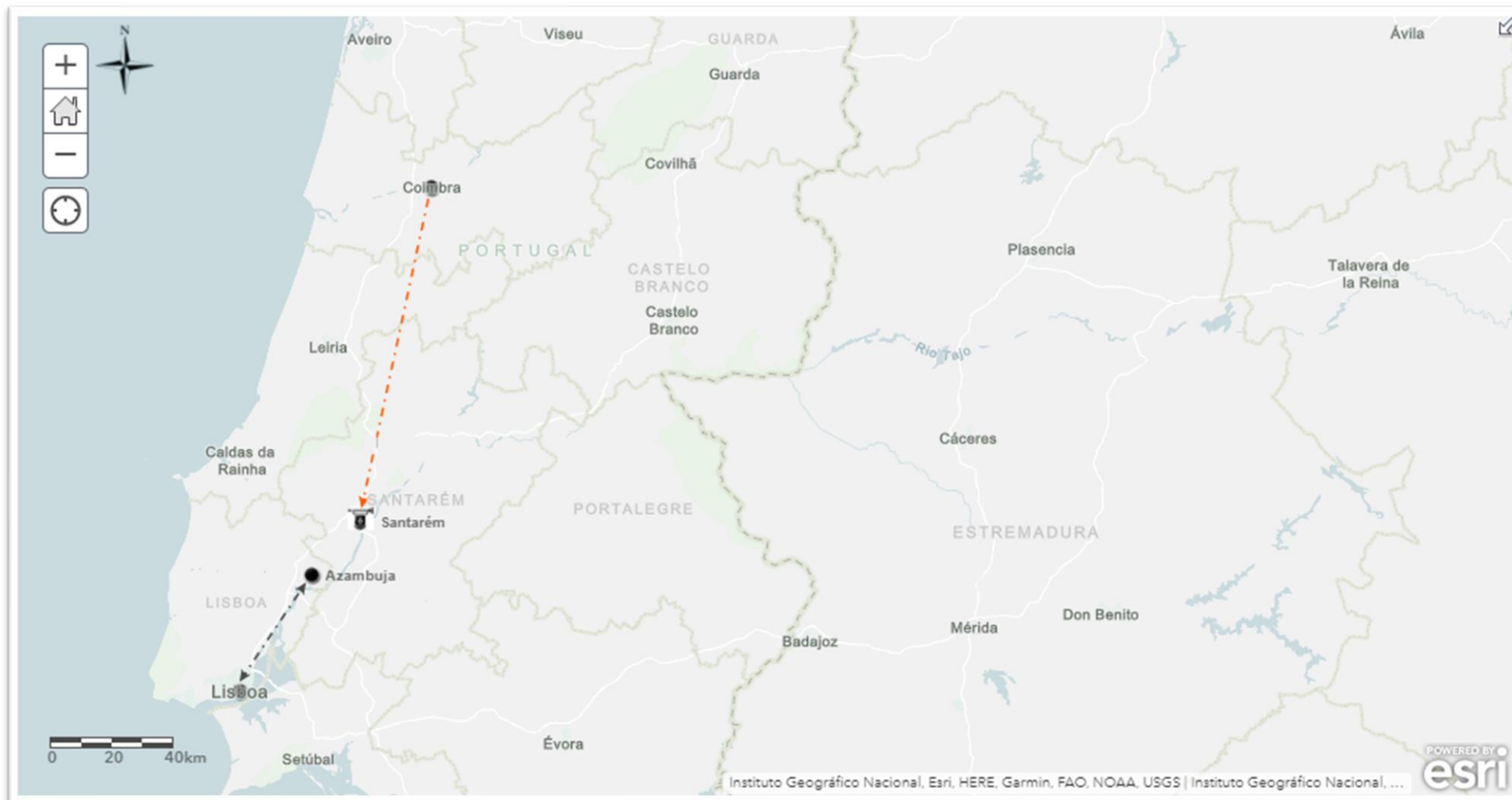
Data:	Entre 1372 e 1373.
-------	--------------------

Lugares:	Burgos	Zamora	Almeida	Pinhel	Celorico da Beira	Linhares da Beira	Viseu
Intervalo de Tempo:		<ul style="list-style-type: none"> - Segundo Fernão Lopes partiram do lugar em meados de setembro de 1372; - Por sua vez Ayala refere que a partida se terá dado em meados de dezembro de 1372. 					<ul style="list-style-type: none"> - Nos primeiros dias de janeiro de 1373 já se encontravam no lugar.

Lugares:	Burgos	Zamora	Zamora	Almeida	Almeida	Pinhel	Pinhel	Celorico da Beira	Celorico da Beira	Linhares da Beira	Celorico da Beira	Viseu
Distâncias:	- 193 km.		- 130,8 km.		- 14,7 km.		- 31,5 km.		- 12,2 km.		- 44,2 km.	

Fonte: CDHII, Año Séptimo, Cap. III (pp.457-458); Cap. V (pp.459)

Mapa 16 | Movimentação do monarca português de Coimbra para Santarém e movimentação da milícia de Lisboa (fevereiro de 1373)



Fonte: CDF, Cap. LXXII (pp.251-255); Cap. LXXIII (pp.257-260); CDC, Cap. II (pp.3-4); CDHII, Año Octavo, Cap. I (pp.460-461)

Legenda:

Movimentação do concelho de Lisboa	Movimentação de D. Fernando e da sua hoste	Mobilização da hoste
------------------------------------	--	----------------------

Quando o monarca castelhano entrou em Portugal, D. Fernando encontrava-se em Coimbra. Depois de algum impasse o monarca português decidiu que a melhor opção seria ir para Santarém. Assim que chegou ao lugar D. Fernando mobilizou a sua hoste, solicitou a Lisboa e aos outros lugares que enviassem certos homens de armas, peões e besteiros. Sem nenhuma explicação, quando os castelhanos já se encontravam em Torres Novas, D. Fernando mandou regressar o concelho de Lisboa que já se encontrava na Azambuja.

Data:	Entre fevereiro e março de 1373.
-------	----------------------------------

Composição da hoste em Santarém:	- Não mais de 600 lanças.
----------------------------------	---------------------------

Movimentação de D. Fernando:

Lugares:	Coimbra	Santarém
Intervalo de Tempo:	- D. Fernando terá permanecido na cidade, pelo menos, até ao dia 13 de fevereiro de 1373.	- Deteta-se a presença no lugar a partir do dia 23 de fevereiro de 1373.

Lugares:	Coimbra	Santarém	Lisboa	Azambuja	Azambuja	Lisboa
Distâncias:	- 110,5 km.		- 45,1 km.		- 45,1 km.	

Fonte: CDF, Cap. LXXII (pp.251-255); Cap. LXXIII (pp.257-260); CDC, Cap. II (pp.3-4); CDHII, Año Octavo, Cap. I (pp.460-461); IDF, p. 24.

Mapa 17 | Movimentação de Enrique II até ao cerco de Lisboa (entre janeiro e março de 1373)



Fonte: CDF, Cap. LXXII (pp.251-255); Cap. LXXIII (pp.257-260); CDC, Cap. II (pp.3-4); CDHII, Año Octavo, Cap. I (pp.460-461); Cap. II (pp.461); Cap. III (pp.461-462); Cap. V (pp.462-463)

Legenda:

Movimentação de Enrique II e da sua hoste	Movimentação dos mestres de Santiago, de Calatrava e de Alcántara e do conde de Niebla	Chegada de mais contingentes	Toma/entrega do lugar	Bloqueio Naval	Cerco
---	--	------------------------------	-----------------------	----------------	-------

Enquanto o monarca castelhano permanecia em Viseu, vinham-lhe a cada dia mais gentes. Quando D. Fernando já se encontrava em Santarém, o monarca castelhano partiu de Viseu e seguiu caminho em direção a Coimbra, para onde confluíam também. Naquela cidade chegaram-lhe mais gentes da Andaluzia e os mestres de Santiago, de Calatrava e de Alcântara. Após terem permanecido alguns dias nas imediações de Coimbra, partiram do lugar em direção a Torres Novas. Quando a hoste castelhana chegou ao lugar, o monarca castelhano soube que D. Fernando se encontrava em Santarém a mobilizar a sua hoste. Após ter permanecido dois dias em Torres Novas a organizar a sua hoste para dar batalha ao monarca português, Enrique II partiu do lugar para Alcanhões. Naquele lugar soube ao certo que D. Fernando não pretendia dar batalha à hoste castelhana e que havia desmobilizado o concelho de Lisboa que se dirigia para Santarém. Assim, no dia 19 de fevereiro de 1373 as forças de Enrique II partiram daquele lugar em direção a Lisboa para a sitiarem.

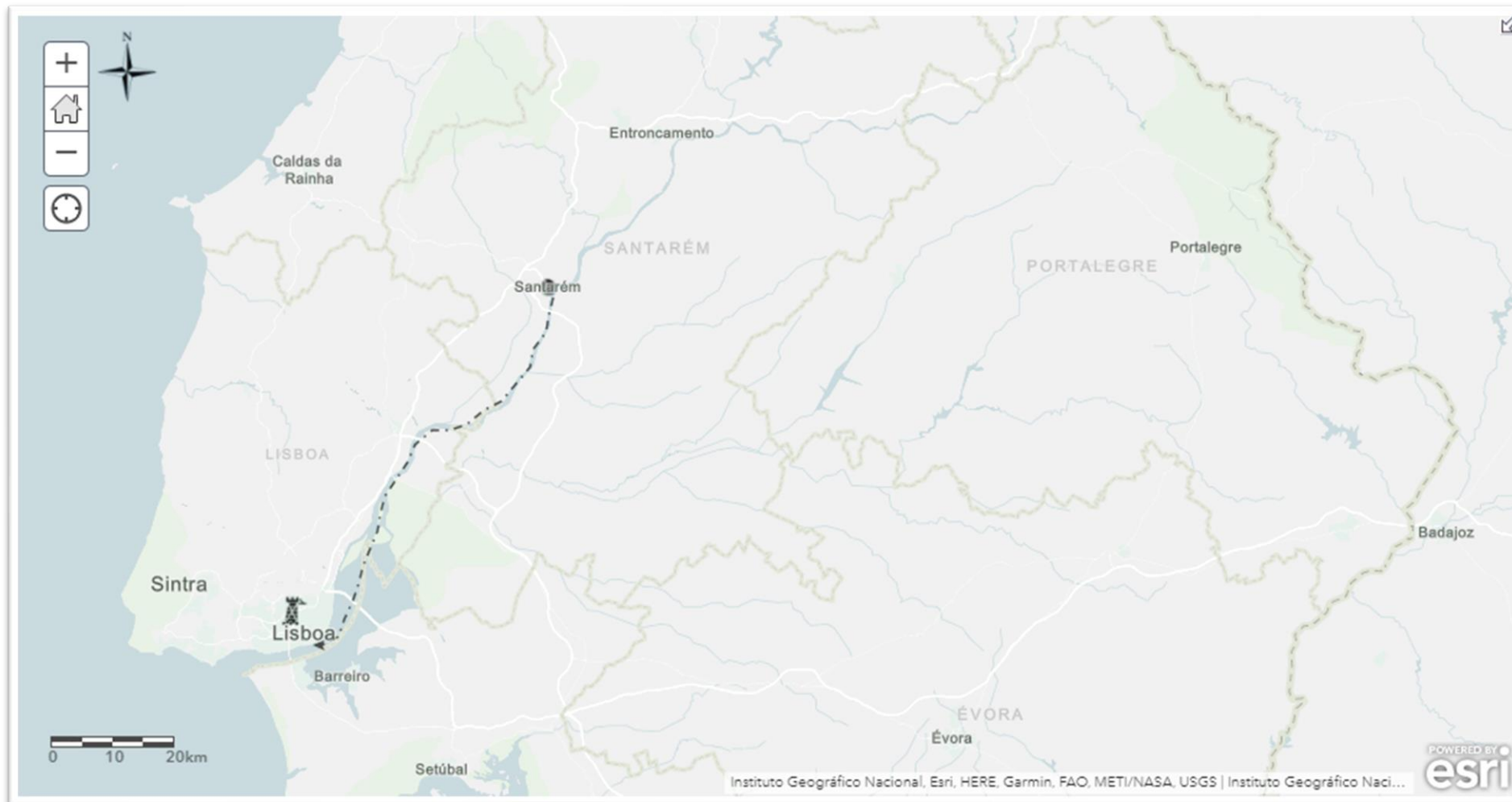
Data:	Entre janeiro e março de 1373.
-------	--------------------------------

Lugares:	Viseu	Coimbra	Torres Novas	Alcanhões	Lisboa
Intervalo de Tempo:			- Permaneceu 2 dias no lugar.	- Partiram do lugar no dia 19 de fevereiro de 1373.	- Chegaram ao lugar no dia 23 de fevereiro de 1373; - No dia 7 de março de 1373 a frota castelhana chegou ao lugar; - O cerco ao lugar durou até ao dia 24 de março de 1373.

Lugares:	Viseu	Coimbra	Coimbra	Torres Novas	Torres Novas	Alcanhões	Alcanhões	Lisboa	Alcântara	Coimbra
Distâncias:	- 65,3 km.		- 81,9 km.		- 22,8 km.		- 76,2 km.		- 142,1 km.	



Fonte: CDF, Cap. LXXII (pp.251-255); Cap. LXXIII (pp.257-260); CDC, Cap. II (pp.3-4); CDHII, Año Octavo, Cap. I (pp.460-461); Cap. II (pp.461); Cap. III (pp.461-462); Cap. V (pp.462-463)

Mapa 18 | Na iminência do cerco D. Fernando enviou algumas forças em barcas para auxiliarem na defesa da cidade (fevereiro de 1373)



Fonte: CDF, Cap. LXXIV (pág.261-263); CDHII, Año Octavo, Cap. III (pp.461-462)

Legenda:

 Movimentação	 Cerco
--	---

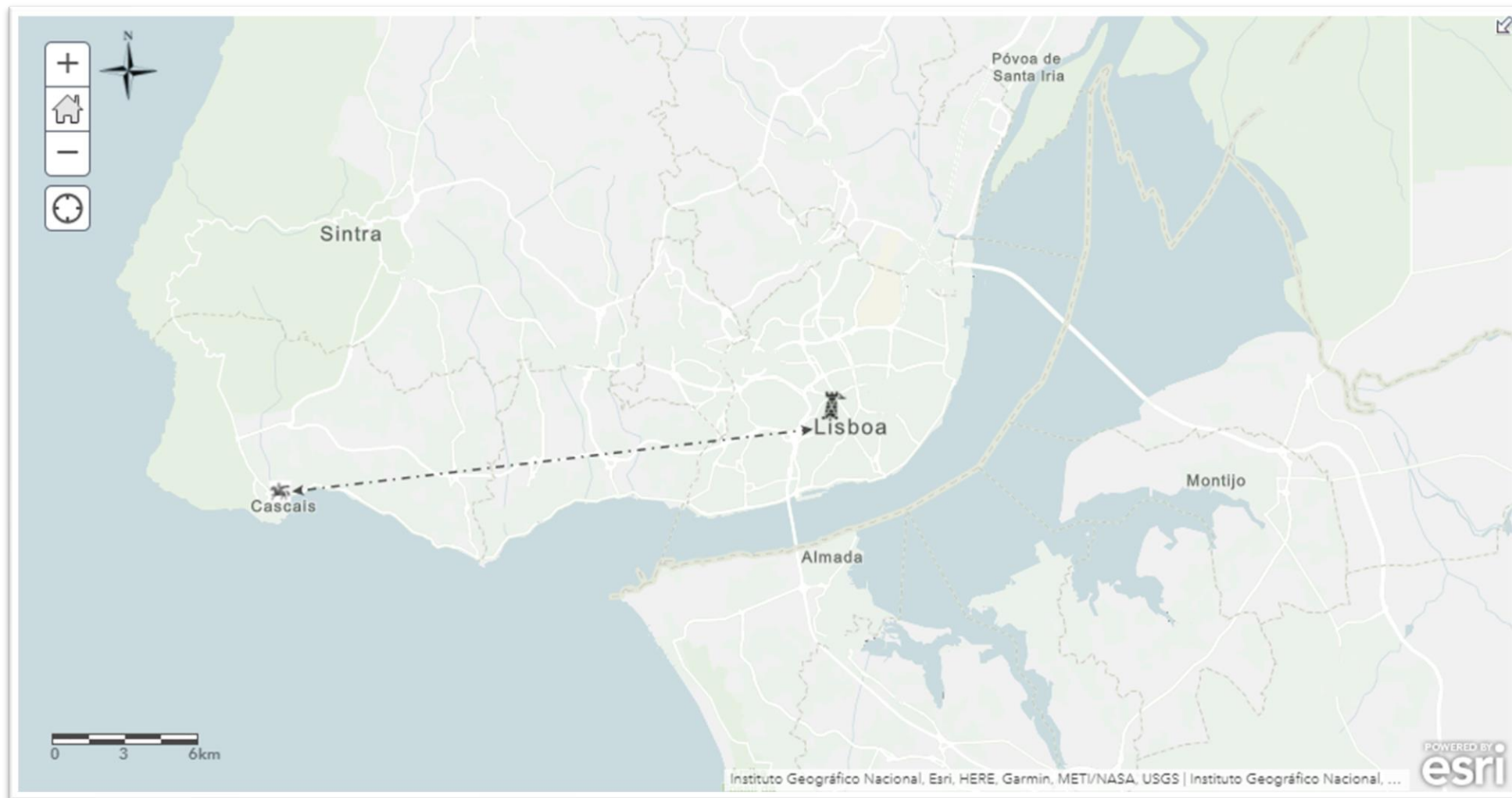
Quando Enrique II passou por Santarém, D. Fernando percebeu que o monarca castelhano ia para Lisboa. Por este motivo D. Fernando enviou em barcas uma força, para auxiliar o alcaide Alvaro Peres de Castro na defesa da cidade.

Data:	Fevereiro de 1373.
-------	--------------------

Lugares:	Santarém	Lisboa
Distâncias:	- 69,6 km.	

Fonte: CDF, Cap. LXXIV (pág.261-263); CDHII, Año Octavo, Cap. III (pp.461-462)

Mapa 19 | Ataque a Cascais por parte do conde D. Afonso (entre fevereiro ou março de 1373)



Fonte: CDF, Cap. LXXVII (pp.269-270)

Legenda:

Movimentação	Cerco	Forragem
--------------	-------	----------

Enquanto Lisboa estava cercada, de forma a obter mantimentos para o arraial, o conde D. Afonso, filho do monarca castelhano lançou-se contra a região e vila de Cascais ao comando de quatrocentas lanças. Quando chegaram ao lugar os moradores não resistiram, dando-lhes tudo sem nenhum combate. Ações deste tipo parecem ter sido comuns enquanto durava o cerco a Lisboa.

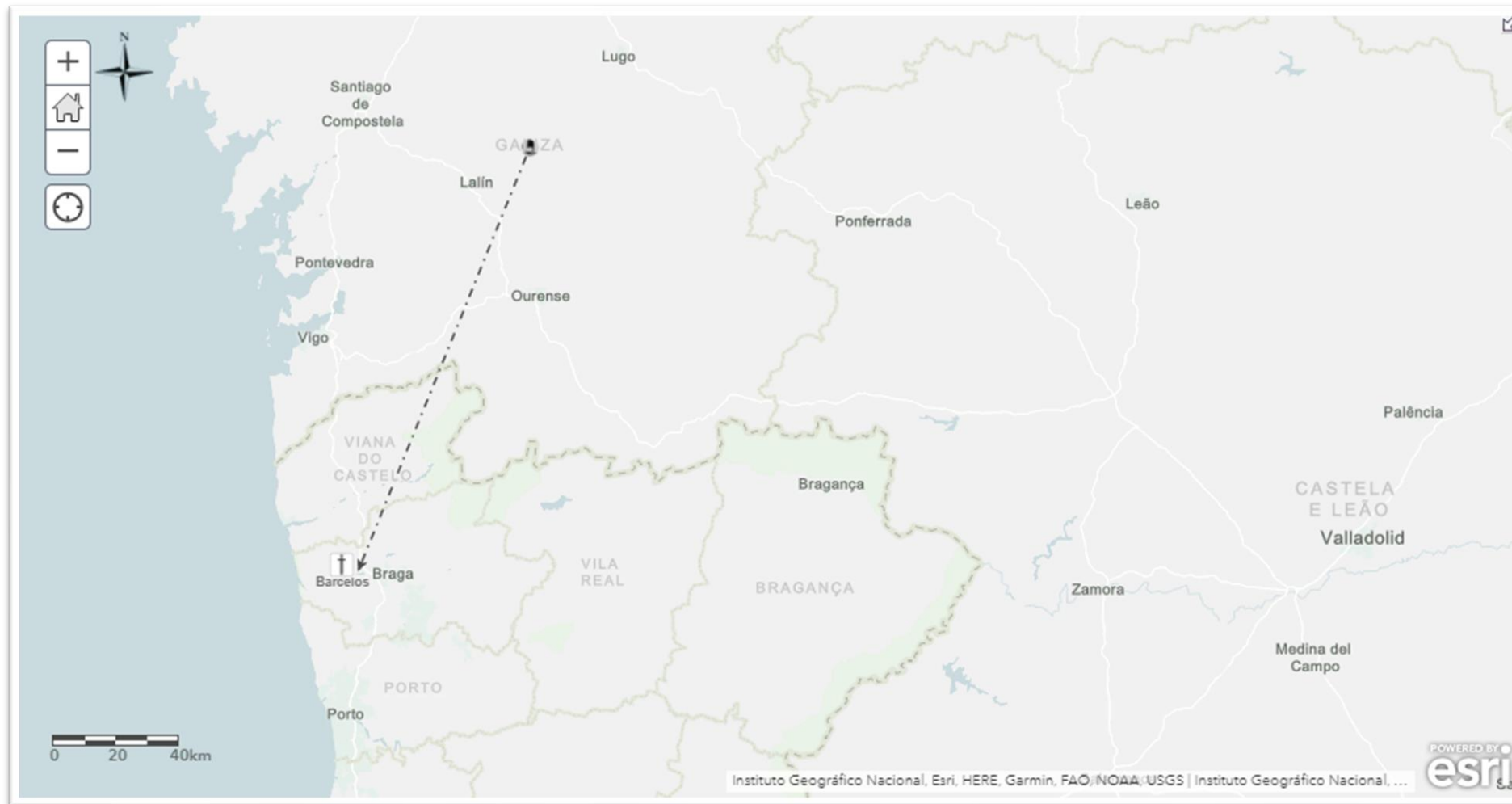
Data:	Em data compreendida entre 23 de fevereiro e 24 de março de 1373.
-------	---

Composição da hoste:	- 400 lanças.
----------------------	---------------

Lugares:	Lisboa	Cascais	Cascais	Lisboa
Distâncias:	- Segundo as crónicas 5 léguas; - 23,8 km.		- Segundo as crónicas 5 léguas; - 23,8 km.	


Fonte: CDF, Cap. LXXVII (pp.269-270)

Mapa 20 | Entrada castelhana pela comarca de entre o Douro e Minho (entre fevereiro ou março de 1373)



Fonte: CDF, Cap. LXXVIII (pp.271-272)

Legenda:

 Movimentação dos fidalgos castelhanos	 Combate/escaramuça
---	--

No período em que Lisboa permanecia cercada, o adelantado da Galiza, João Rodriguez Exarmento, juntamente com João Rodrigues de Bema e outros fidalgos entraram em Portugal chegando até Barcelos.

Data:	Em data compreendida entre 23 de fevereiro e 24 de março de 1373.
-------	---

Lugares:	Galiza	Barcelos
Distâncias:	- 147,7 km.	

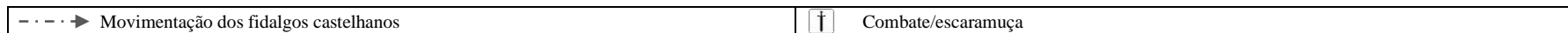
Fonte: CDF, Cap. LXXVIII (pp.271-272)

Mapa 21 | Depois de terem desbaratado os portugueses os fidalgos castelhanos dirigiram-se para Faria (entre fevereiro e março de 1373)



Fonte: CDF, Cap. LXXIX (pp.273-274)

Legenda:



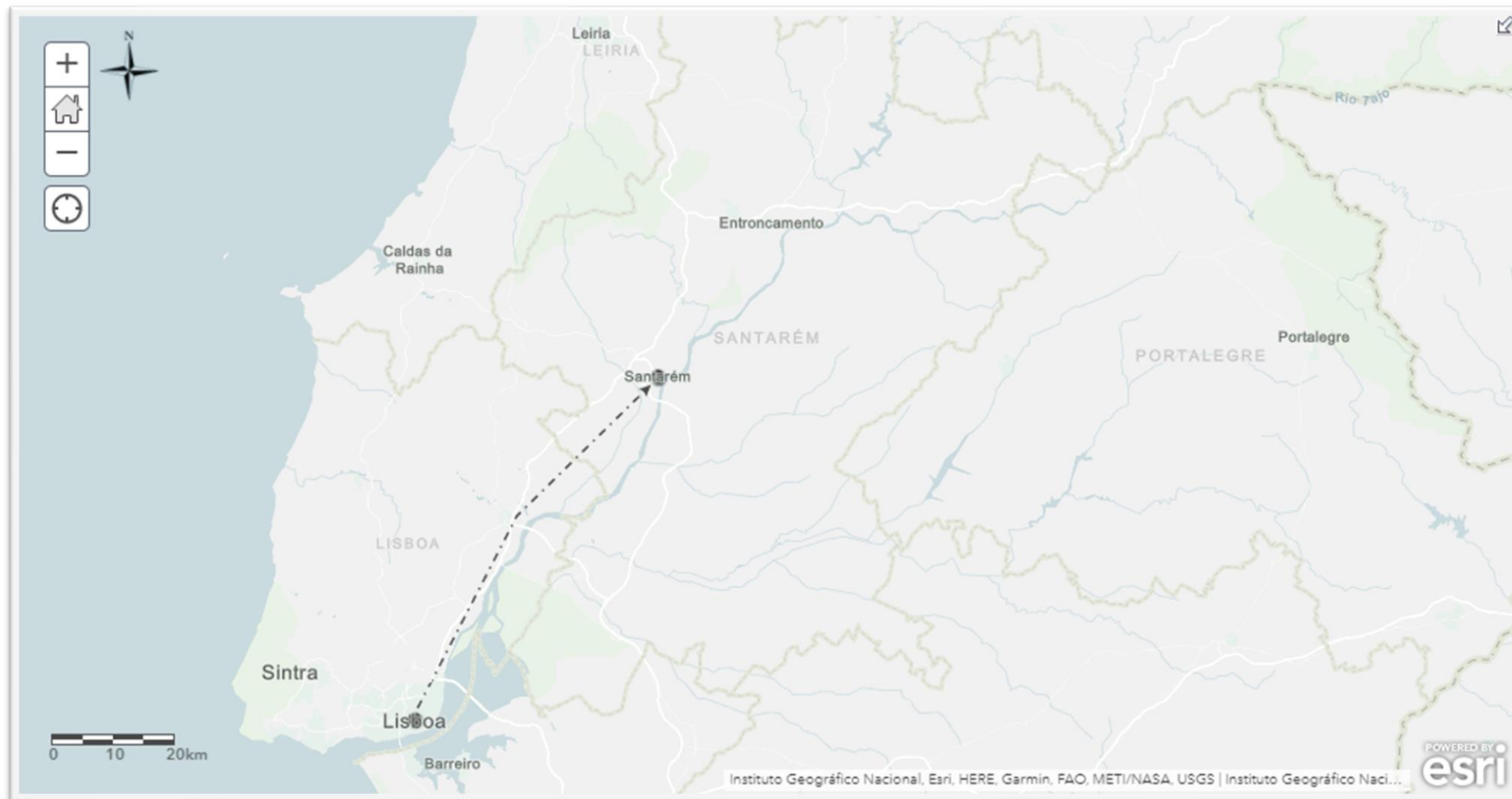
Face à entrada daqueles castelhanos, os portugueses daquela comarca juntaram-se para irem sobre eles. Entre estes destacam-se as seguintes figuras e concelhos: o tio do monarca português, Henrique Manuel de Vilhena, o irmão de dona Constança, João Lourenço Bobal, o cavaleiro Fernando Gonçalves de Meira, Nuno Viegas o velho, o alcaide de Faria, Nuno Gonçalves e os concelhos do Porto e de Guimarães. Quando os castelhanos souberam daquela mobilização decidiram preparar uma cilada. Algures perto de Barcelos os portugueses foram emboscados e desbaratados. Depois do desbarato, os castelhanos dirigiram-se para Faria. Como tinham capturado o alcaide acreditavam que bastava aproximarem-se do castelo e ameaçar o filho que matariam o seu pai se não entregasse lugar. Apesar da ameaça, Nuno Gonçalves não se intimidou, disse ao seu filho para que em nenhuma circunstância entregasse o castelo. O castelo não foi entregue e o alcaide pagou com a sua própria vida.

Data:	Em data compreendida entre 23 de fevereiro e 24 de março de 1373.
-------	---

Lugares:	Barcelos	Faria
Distâncias:	- 7,71 km.	

Fonte: CDF, Cap. LXXIX (pp.273-274)

Mapa 22 | Deslocação de Enrique II a Santarém para se encontrar pessoalmente com o monarca português de modo a firmarem as pazes (7 de abril de 1373)



Fonte: CDF, Cap. LXXXIII (Pág.289-291); CDHII, Año Octavo, Cap. VII (pp.464)

Legenda:

---> Movimentação

O cardeal Guido de Bolonha, legado papal, que se encontrava em Portugal, levou que os dois monarcas chegassem a um acordo de paz. Assim, no dia 7 de abril de 1373 o monarca castelhano abandonou o acampamento sobre Lisboa e foi para Santarém, onde se encontrava D. Fernando.

Data:	7 de abril de 1373.
-------	---------------------

Lugares:	Lisboa	Santarém
Intervalo de Tempo:		- 7 de abril de 1373.

Lugares:	Lisboa	Santarém
Distâncias:	- 69,6 km.	

Fonte: CDF, Cap. LXXXIII (Pág.289-291); CDHII, Año Octavo, Cap. VII (pp.464)

Mapa 23 | Prevendo o início das hostilidades Juan I enviou para Badajoz o mestre de Santiago D. Fernando Açores com um contingente (1381)



Fonte: CDF, Cap. CXVI (pp.421-422)

Legenda:

---> Movimentação

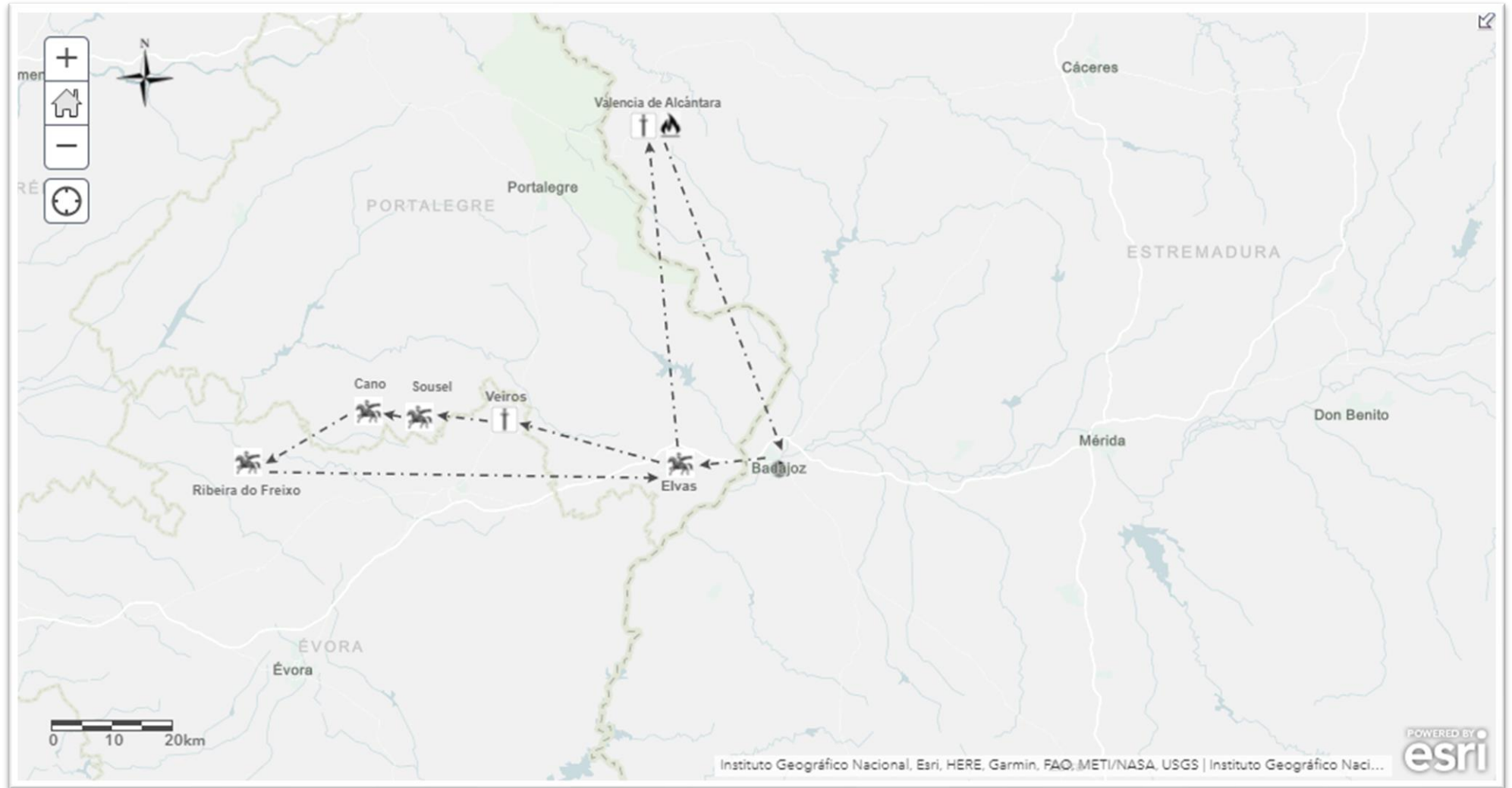
Estando em Salamanca, o novo monarca castelhano, Juan I soube que D. Fernando se preparava para reabrir as hostilidades. Por este motivo enviou para Badajoz, como fronteiro, o mestre de Santiago Fernando Acores juntamente com muitas gentes. De igual modo, também mandou armar galés em Sevilha.

Data:	1381 (?)
-------	----------

Lugares:	Salamanca	Badajoz
Distâncias:	- 257,6 km.	

Fonte: CDF, Cap. CXVI (pp.421-422)

Mapa 24 | Entrada do mestre de Santiago de Castela e de D. Mem Soares, mestre castelhano de Alcântara (maio de 1381)



Fonte: CDF, Cap. CXVII (pp.423-424)

Legenda:

Movimentação	Correr a terra/cavalgada	Combate	Queima do arrabalde
--------------	--------------------------	---------	---------------------

Estando como fronteiro em Badajoz, o mestre de Santiago de Castela e o mestre de Alcântara, dom Mem Soares, entraram em Portugal. Quando chegaram a Elvas, numa quinta-feira, puseram as tendas nuns olivais. Dali e no dia seguinte partiram e foram atacar Veiros, onde colocaram fogo na porta da barbacã e combateram a vila. Nessa noite, pernoitaram no lugar. No dia seguinte, na manhã de sábado, partiram e foram atacar Sousel, o Cano e Ribeira do Freixo. Ao fim de oito dias em Portugal partiram e foram dormir ao termo de Elvas, em Rio Torto. Estando naquele lugar, a uma quarta-feira, enviaram todo o roubo de gados e prisioneiros para Badajoz. Os mestres no regresso incendiaram o arrabalde de Valencia.

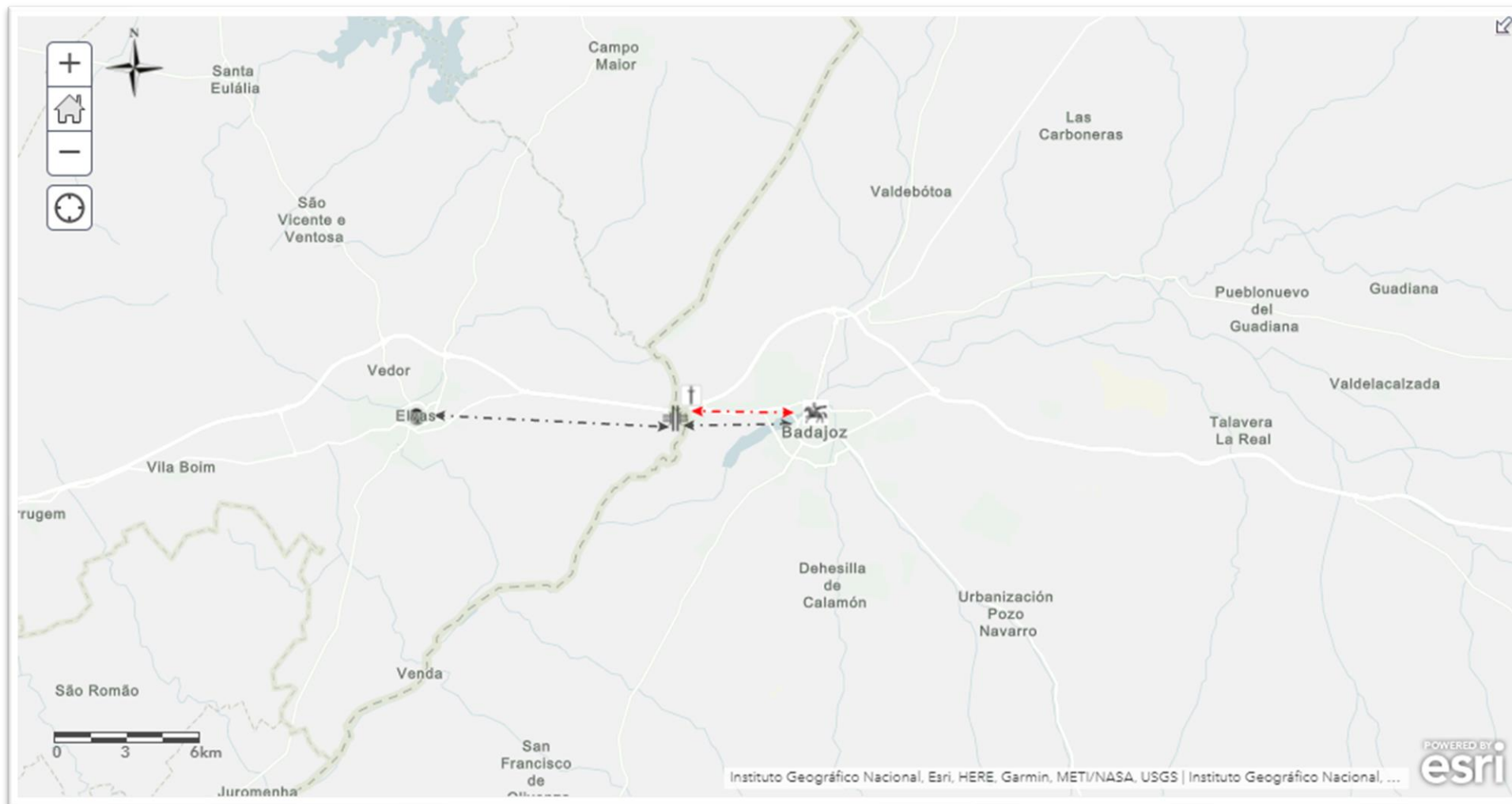
Data:	(?) maio de 1381.
-------	-------------------

Lugares:	Badajoz	Elvas	Veiros	Sousel	Cano	Ribeira do Freixo	Elvas	Valencia de Alcântara	Badajoz
Intervalo de Tempo:		- Chegaram ao lugar numa quinta-feira; - Partiram do lugar no dia seguinte (sexta-feira).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (sexta-feira); - Partiram do lugar na manhã do dia seguinte (sábado).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (sábado).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (sábado).	- Depois de já se encontrarem em Portugal há 8 dias partiram do lugar.	- Na quarta-feira ainda se encontravam no lugar.		

Lugares:	Badajoz	Elvas	Elvas	Veiros	Veiros	Sousel	Sousel	Cano	Cano	Ribeira do Freixo	Ribeira do Freixo	Elvas	Elvas	Valencia de Alcântara	Valencia de Alcântara	Badajoz
Distâncias:	- 16,9 km.		- 30,6 km.		- 14,7 km.		- 7,86 km.		- 22 km.		- 72,6 km.		- 59,2 km.		- 63,9 km.	

Fonte: CDF, Cap. CXVII (pp.423-424)

Mapa 25 | Entrada em Castela por parte do fronteiro de Elvas, Álvaro Peres de Castro, juntamente com Gil Fernandes (1381)



Fonte: CDF, Cap. CXVIII (pp.425-426)

Legenda:

Movimentação portuguesa	Movimentação castelhana	Cavalgada	Localização hipotética do vau do Guadiana	Localização hipotética do lugar onde se deu a escaramuça, junto do vau do Guadiana
-------------------------	-------------------------	-----------	---	--

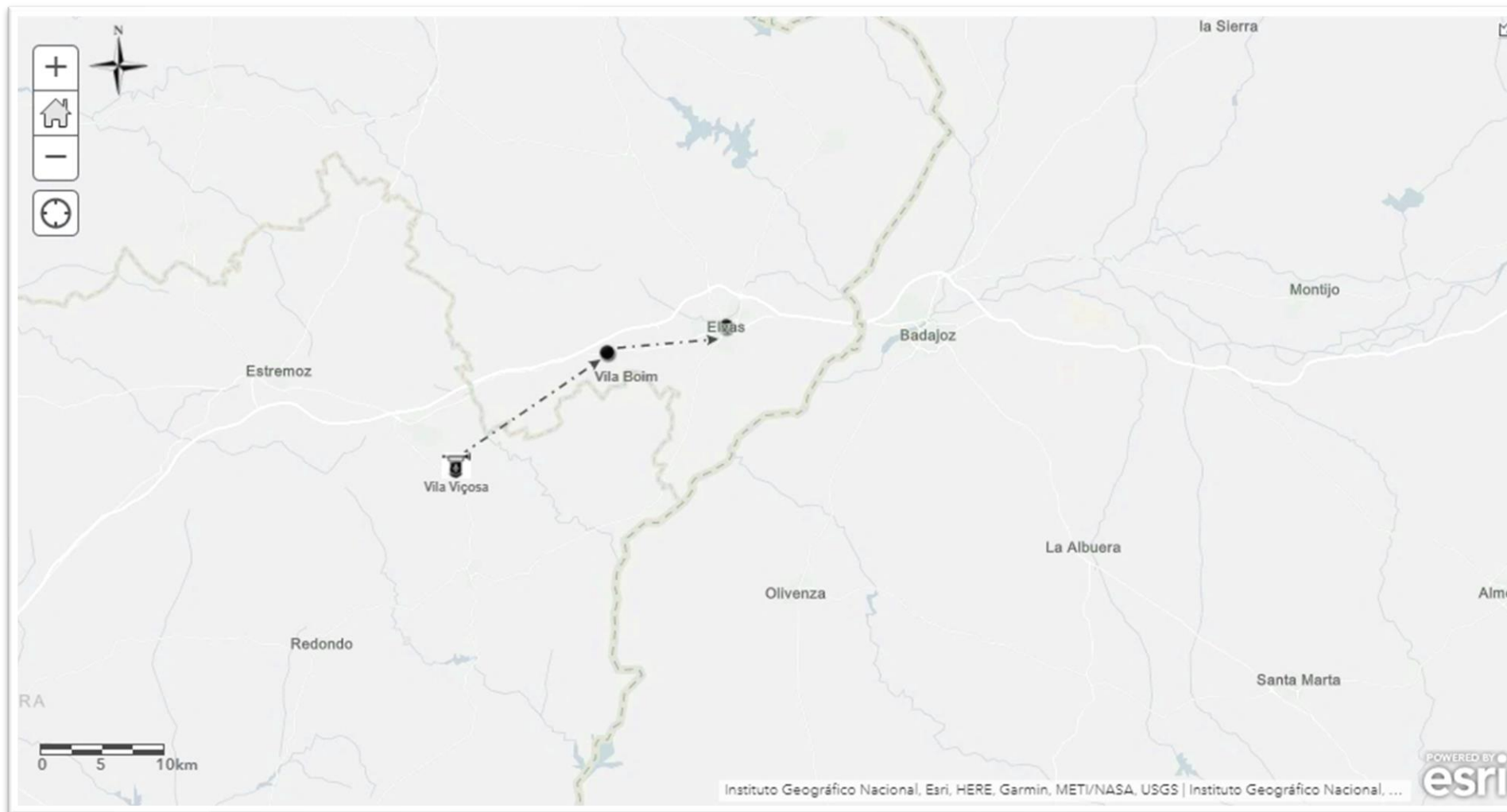
Em 1381 o fronteiro Álvaro Peres de Castro, que se encontrava em Elvas, juntamente com Gil Fernandes partiu e foi contra Badajoz. Os do lugar quando se aperceberam da entrada, saíram e foram aos portugueses. Perto de um vau do Guadiana deu-se uma forte escaramuça. Os castelhanos pressionados tiveram de recuar e atravessar o vau pra regressarem.

Data:	1381
-------	------

Lugares:	Elvas	Badajoz
Distâncias:	- 16,9 km.	

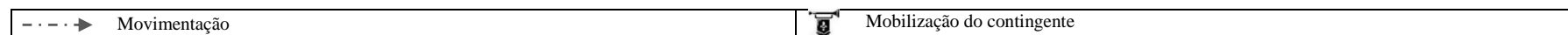
Fonte: CDF, Cap. CXVIII (pp.425-426)

Mapa 26 | Mobilização em Vila Viçosa e deslocação a Elvas das forças portuguesas que D. Fernando mandou ir contra Badajoz (julho de 1381)



Fonte: CDF, Cap. CXIX (pp.427-428); Cap. CXX (pp.429-431); CDC, Cap. VII (pp.14-15); Cap. IX (pp.16-19)

Legenda:



Face às entradas do mestre de Santiago de Castela naquela comarca, o monarca português ordenou que todos os cavaleiros que estavam naquela frontaria, se juntassem para irem combater o mestre. Os fronteiros foram todos juntos em Vila Viçosa e seriam ao todo mil lanças e muitos homens de pé e besteiros. Depois de organizarem a coluna de marcha, na segunda-feira, dia 8 de julho, partiram do lugar e foram na direção de Elvas; no caminho passaram por um sovelal que ficava antes de Vila Boim e chegaram nesse mesmo dia a Elvas. Assim que chegaram a Elvas, tomaram conhecimento que o infante D. João de Castro, meio-irmão de D. Fernando, que estava exilado em Castela vinha com um forte contingente em auxílio do mestre de Santiago. Face a esta nova situação os fronteiros portugueses decidiram não ir mais adiante e na quinta-feira dia 11 de julho de 1381 cada um partiu para as suas frontarias.

Data:	Julho de 1381.
-------	----------------

Composição da hoste:	- mil lanças e muitos homens de pé e besteiros.
----------------------	---

Lugares:	Vila Viçosa	Vila Boim	Elvas
Intervalo de Tempo:	- No dia 7 de julho de 1381 já se encontravam todos reunidos no lugar; - Partiram do lugar numa segunda-feira (possivelmente dia 8 de julho de 1381).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (segunda-feira, possivelmente dia 8 de julho de 1381).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (segunda-feira, possivelmente dia 8 de julho de 1381); - No dia 11 de julho de 1381 partiram do lugar.

Lugares:	Vila Viçosa	Vila Boim	Vila Boim	Elvas
Distâncias:	- 15,5 km.		- 9,99 km.	

Fonte: CDF, Cap. CXIX (pp.427-428); Cap. CXX (pp.429-431); CDC, Cap. VII (pp.14-15); Cap. IX (pp.16-19)

Mapa 27 | Movimentação da frota portuguesa e castelhana até ao combate naval (julho de 1381)



Fonte: CDF, Cap. CXXIV (pp.439-441); Cap. CXXV (pp.443-445); Cap. CXXVII (pp.449-450); CDJU, Año Tercero, Cap. IV (pp..533-534)

Legenda:

--->	Movimentação da frota portuguesa	- - - ->	Movimentação da frota castelhana	●	Localização hipotética do lugar onde as duas frotas se avistaram	†	Combate Naval
------	----------------------------------	----------	----------------------------------	---	--	---	---------------

No começo da Terceira Guerra Fernandina ambos os monarcas armaram as suas frotas. Em Sevilha, o monarca castelhano mandou armar dezassete galés e em Lisboa, D. Fernando mandou armar vinte e uma galés, uma galeota e quatro naus. Ia por almirante da frota portuguesa o conde João Afonso Telo e por capitão Gonçalo Tenreiro. A frota portuguesa partiu do Restelo no dia 11 de julho de 1381. Chegando à costa algarvia a frota procurou a armada castelhana que já havia dias que tinha partido de Sevilha. As frotas acabaram-por se avistar no dia 17 de agosto perto da costa Algarvia. O capitão castelhano, Fernando Sanches de Tovar, bem ciente e consciente da inferioridade numérica, retirou-se e foi para a ria de Huelva. Os portugueses inebriados com a retirada vão lançam-se em sua perseguição, acabando por se envolver numa batalha naval onde foram derrotados. Uma galé portuguesa e quatro naus, que não chegaram a entrar nos combates, apercebendo-se do resultado retiraram para Lisboa. Por sua vez a frota castelhana retornou a Sevilha com os cativos e as embarcações capturadas.

Data:	Julho de 1381.
Composição da frota portuguesa:	- 21 galés (segundo Ayala seriam 23 galés); - 1 galeota; - 4 naus.
Composição da frota castelhana:	- 17 galés.

Movimentação da frota portuguesa:

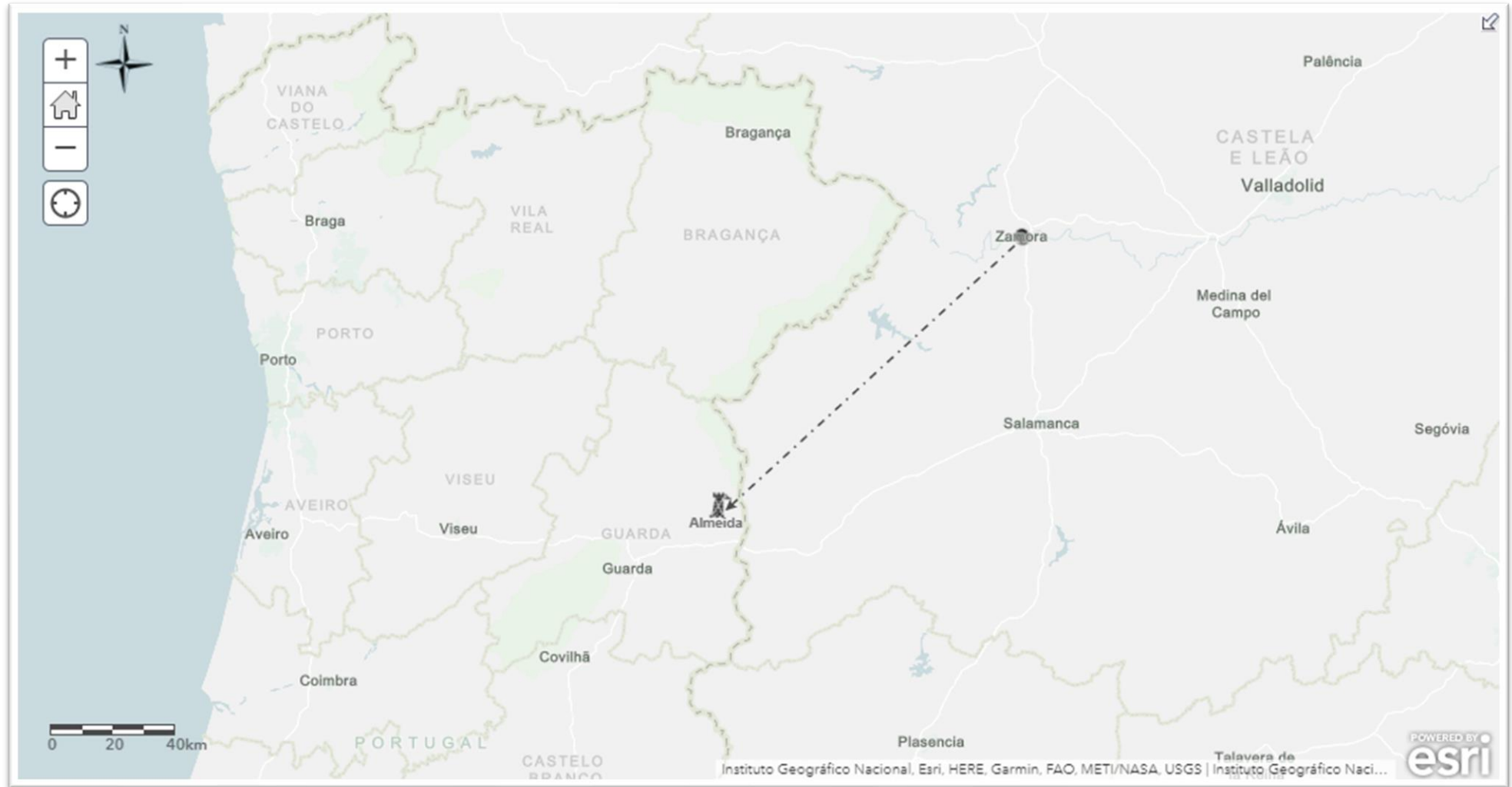
Lugares:	Lisboa	Lugar próximo da costa Algarvia onde as duas frotas se avistaram	Junto à ria de Huelva
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 11 de julho de 1381.	- No dia 17 de julho de 1381 as duas frotas avistaram-se.	- No mesmo dia deu-se o combate (17 de julho de 1381).

Movimentação da frota castelhana:

Lugares:	Sevilha	Lugar próximo da costa Algarvia onde as duas frotas se avistaram	Junto à ria de Huelva
Intervalo de Tempo:		- No dia 17 de julho de 1381 as duas frotas avistaram-se.	- No mesmo dia deu-se o combate (17 de julho de 1381).

Fonte: CDF, Cap. CXXIV (pp.439-441); Cap. CXXV (pp.443-445); Cap. CXXVII (pp.449-450); CDJU, Año Tercero, Cap. IV (pp..533-534)

Mapa 28 | Cerco de Juan I a Almeida (maio-julho de 1381)



Fonte: CDF, Cap. CXXVII (pp.449-450); Cap. CLII (pp.529-530); CDJU, Año Tercero, Cap. III (pág.532-533); Cap. IV (pág.533-534)

Legenda:

Movimentação	Cerco
--------------	-------

Face ao recomeço das hostilidades o monarca castelhano entrou em Portugal e cercou Almeida. Naquele lugar ficou a saber que a sua frota havia desbaratado a frota portuguesa no dia 17 de julho de 1381. O cerco correu da melhor maneira a Juan I, que acabou por conseguir tomar o lugar.

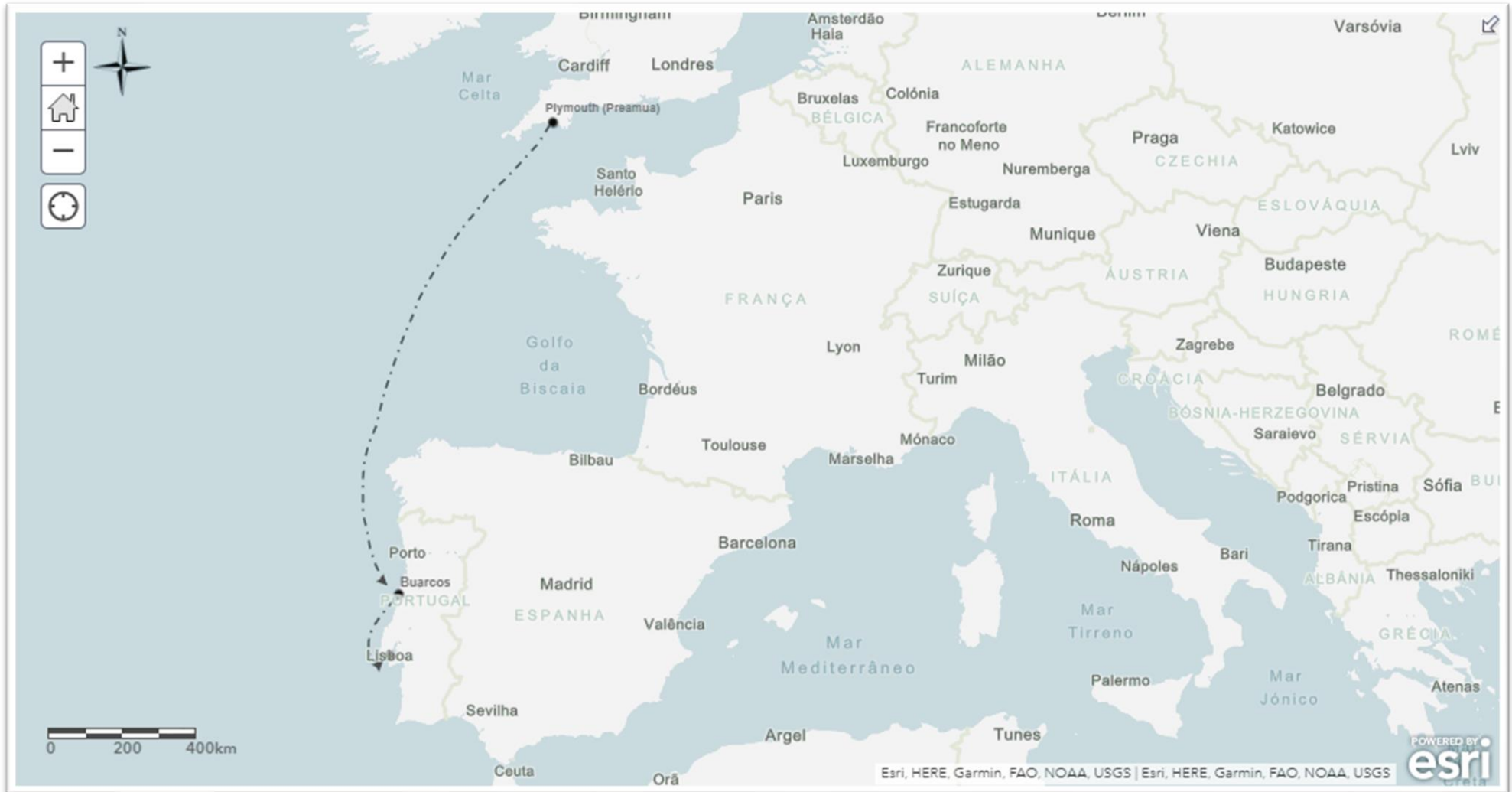
Data:	Maio (?) – julho de 1381.
-------	---------------------------

Lugares:	Zamora	Almeida
Intervalo de Tempo:		- Pelo menos até ao dia 17 de julho de 1381 o monarca castelhano ainda se encontrava no lugar.

Lugares:	Zamora	Almeida
Distâncias:	- 130,8 km.	

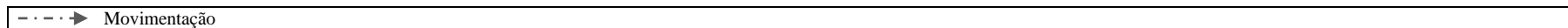
Fonte: CDF, Cap. CXXVII (pp.449-450); Cap. CLII (pp.529-530); CDJU, Año Tercero, Cap. III (pág.532-533); Cap. IV (pág.533-534)

Mapa 29 | Deslocação das forças inglesas da Inglaterra a Portugal (julho de 1381)



Fonte: CDF, Cap. CXXVIII (pp.451-453); CDJU, Año Tercero, Cap. IV (pp.533-534)

Legenda:



A frota do conde de Cambridge partiu de Plymouth e veio em auxílio do monarca português. Ao todo a frota era composta por quarenta e oito velas e transportava três mil homens. Passaram por Buarcos e chegaram a Lisboa no dia 19 de julho de 1381.

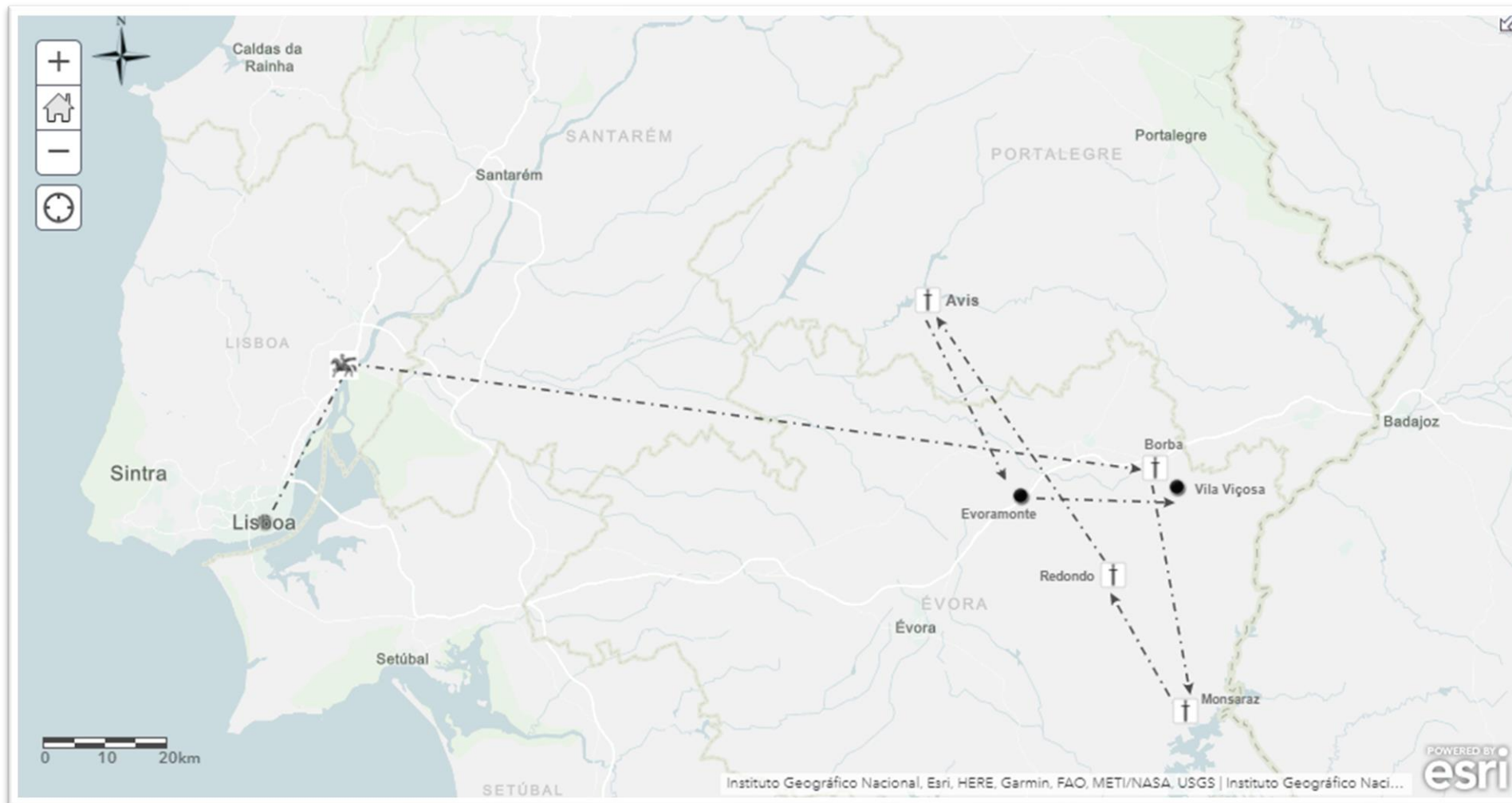
Data:	Julho de 1381.
-------	----------------

Composição da frota:	- 48 velas entre naus e barcas.
Composição da hoste:	<p>Segundo Fernão Lopes:</p> <p>- 3000 homens entre arqueiros e gente de armas.</p> <p>Segundo Ayala:</p> <p>- 3000 homens de armas e 1000 arqueiros.</p>

Lugares:	Plymouth (Preamua)	Buarcos	Lisboa
Intervalo de Tempo:			- Chegaram ao lugar no dia 19 de julho de 1381.

Fonte: CDF, Cap. CXXVIII (pp.451-453); CDJU, Año Tercero, Cap. IV (pp.533-534)

Mapa 30 | Deslocação dos mercenários ingleses para o Alentejo no verão (em data posterior a 19 de julho de 1381)



Fonte: CDF, Cap. CXXXII (pp.465-467)

Legenda:

Movimentação	Forragem (no caminho do Alentejo, forrageavam pelo Ribatejo)	Combates
--------------	--	----------

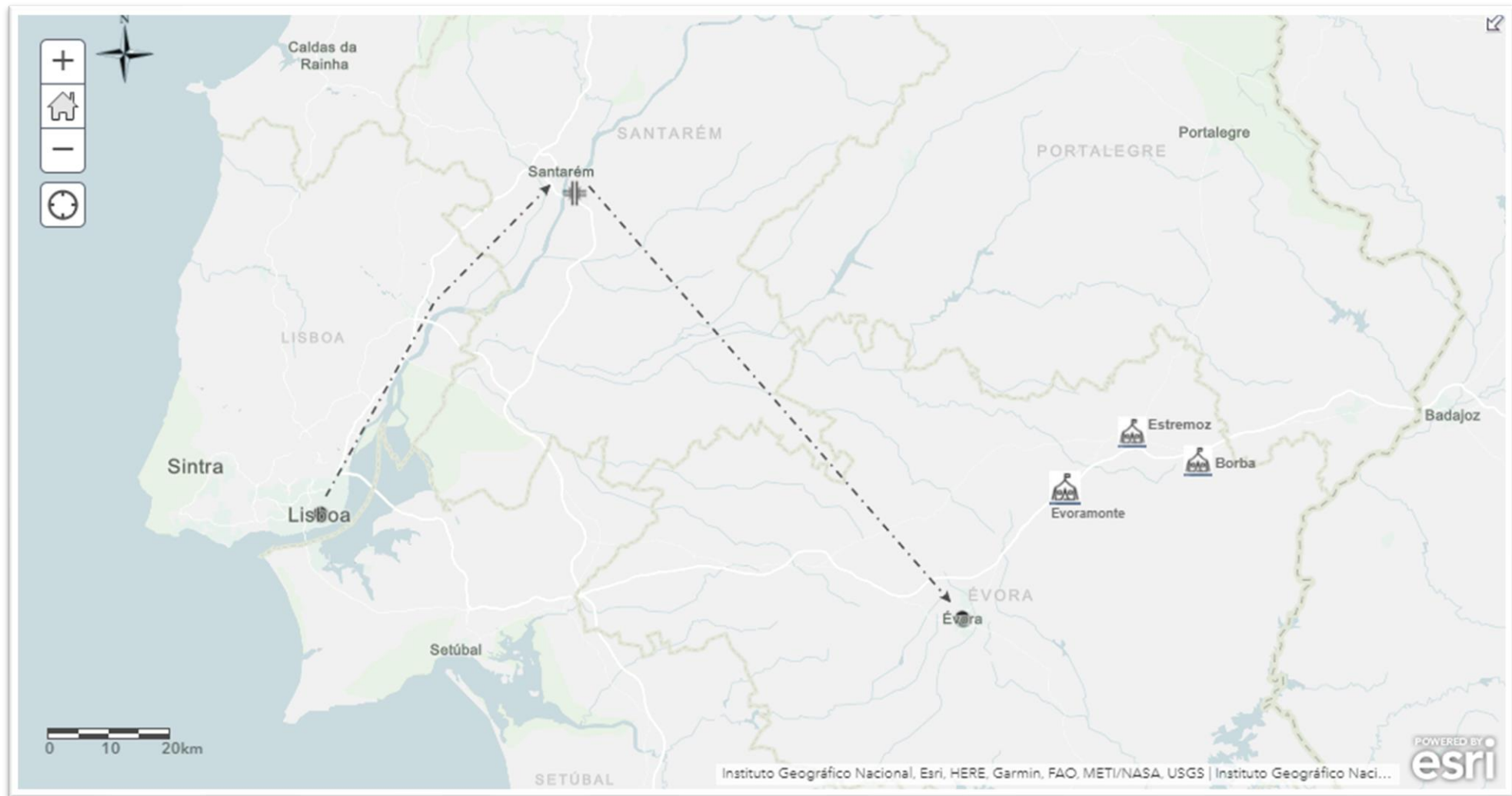
Quando os ingleses foram instalados em Lisboa, tinham comportamentos e ações que pareciam que em vez de serem aliados eram inimigos. Matavam, roubavam e violavam mulheres da cidade e do termo. Por este motivo e assim que lhes foram fornecidos os cavalos de que necessitavam o monarca português mandou-os para o Alentejo. No caminho, em vez de entrarem por Castela a forragear, decidiram fazê-lo em território português roubando tudo quanto achavam. Os moradores do reino não os queriam acolher nas vilas e cerravam-lhes as portas; por isso os ingleses combateram Borba, Monsaraz, Redondo, Avis, Évora Monte e Vila Viçosa. Nos termos dos lugares onde pousavam, forrageavam, fazendo grandes danos e roubos.

Data:	Em data posterior a 19 de julho de 1381.
-------	--

Lugares:	Lisboa	Borba	Borba	Monsaraz	Monsaraz	Redondo	Redondo	Avis	Avis	Evoramonte	Evoramonte	Vila Viçosa
Distâncias:	- 147 km.		- 41 km.		- 26,9 km.		- 54,2 km.		- 35,3 km.		- 25,9 km.	

Fonte: CDF, Cap. CXXXII (pp.465-467)

Mapa 31 | Deslocação de D. Fernando e do conde de Cambridge a Santarém, de onde foram para Évora (entre dezembro de 1381 e janeiro de 1382)



Fonte: CDF, Cap. CXXXIV (pp.471-473)

Legenda:

Movimentação	Travessia do Tejo através de uma ponte de barcas	Lugares onde os ingleses pousaram
--------------	--	-----------------------------------

Depois da frota inglesa ter partido de Lisboa no dia 13 de dezembro de 1381, D. Fernando juntamente com o conde de Cambridge dirigiu-se a Santarém. Quando chegou ao lugar mandou fazer uma ponte de barca para que, no futuro, pudessem atravessar o Tejo mais rapidamente. Depois de passarem o Natal naquele lugar, logo no início de 1382, partiram para Évora. Nesta cidade, o monarca português mandou armar engenhos, carros, bombardas... Os ingleses pousaram nos lugares de arredor, tendo havido quem pousasse no arrabalde de Borba, Estremoz e Évora Monte.

Data:	Dezembro de 1381 – 1382.
-------	--------------------------

Lugares:	Lisboa	Santarém	Évora
Intervalo de Tempo:	- Deteta-se a presença no lugar até ao dia 24 de dezembro de 1381.	- Passou o Natal de 1381 no lugar.	- Deteta-se a presença no lugar a partir do dia 21 de fevereiro de 1382.

Lugares:	Lisboa	Santarém	Santarém	Évora	Évora	Évora Monte	Évora	Estremoz	Évora	Borba
Distâncias:	- 69,6 km.		- 99,9 km.		- 27,7 km.		- 42,1 km.		- 47,4 km.	



Fonte: CDF, Cap. CXXXIV (pp.471-473); IDF, p. 45.

Mapa 32 | Movimentação da frota castelhana até Lisboa (março de 1382)



Fonte: CDF, Cap. CXXXV (pp.475-476)

Legenda:

 Movimentação	 Bloqueio naval/devastação
--	---

O monarca português antes de partir de Lisboa, sabia que em Castela estava a ser armada uma grande frota para ir sobre a cidade. Assim, antes de partir deixou no lugar como fronteiro Gonçalo Mendes de Vasconcelos. No dia 7 de março de 1382 a frota castelhana, armada na Biscaia e em outros lugares, composta por oitenta velas entre naus e barcas, chegou à cidade.

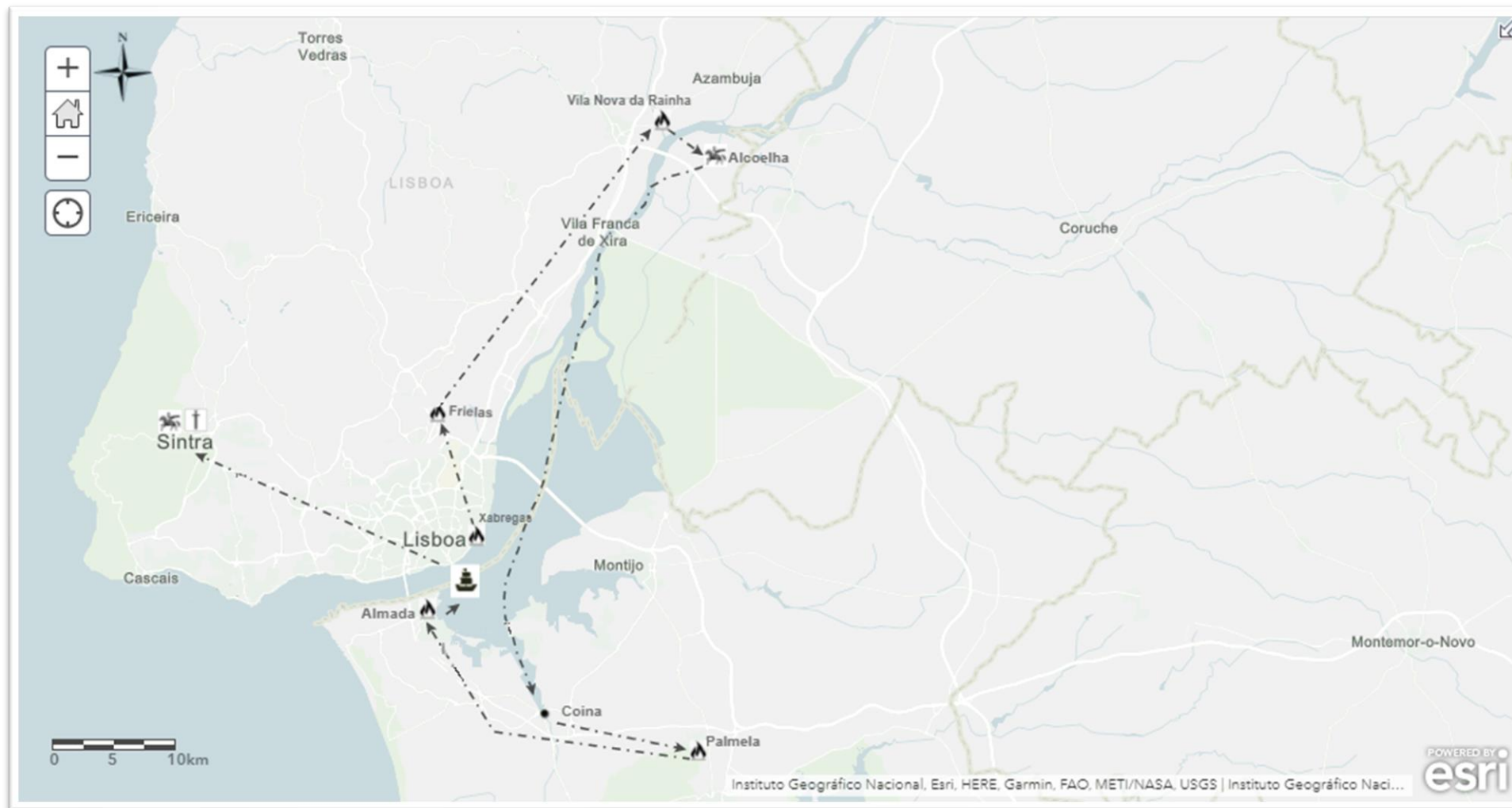
Data:	1382
-------	------

Composição da frota:	- 80 velas entre naus e barcas.
----------------------	---------------------------------

Lugares:	Biscaia	Lisboa
Intervalo de Tempo:		- Chegaram ao lugar no dia 7 de março de 1382.

Fonte: CDF, Cap. CXXXV (pp.475-476)

Mapa 33 | Incursões devastadoras dos castelhanos aos arredores de Lisboa (entre março e agosto de 1382)



Fonte: CDF, Cap. CXXXV (pp.475-476)

Legenda:

--->	Movimentação		Bloqueio Naval		Forragens		Combate (os castelhanos foram vítimas de uma cilada)		Destruição (queima de quintas, paços e arrabaldes)
------	--------------	--	----------------	--	-----------	--	--	--	--

Quando a frota castelhana chegou a Lisboa no dia 7 de março de 1382, os castelhanos desembarcaram em Santos, a ocidente da cidade.

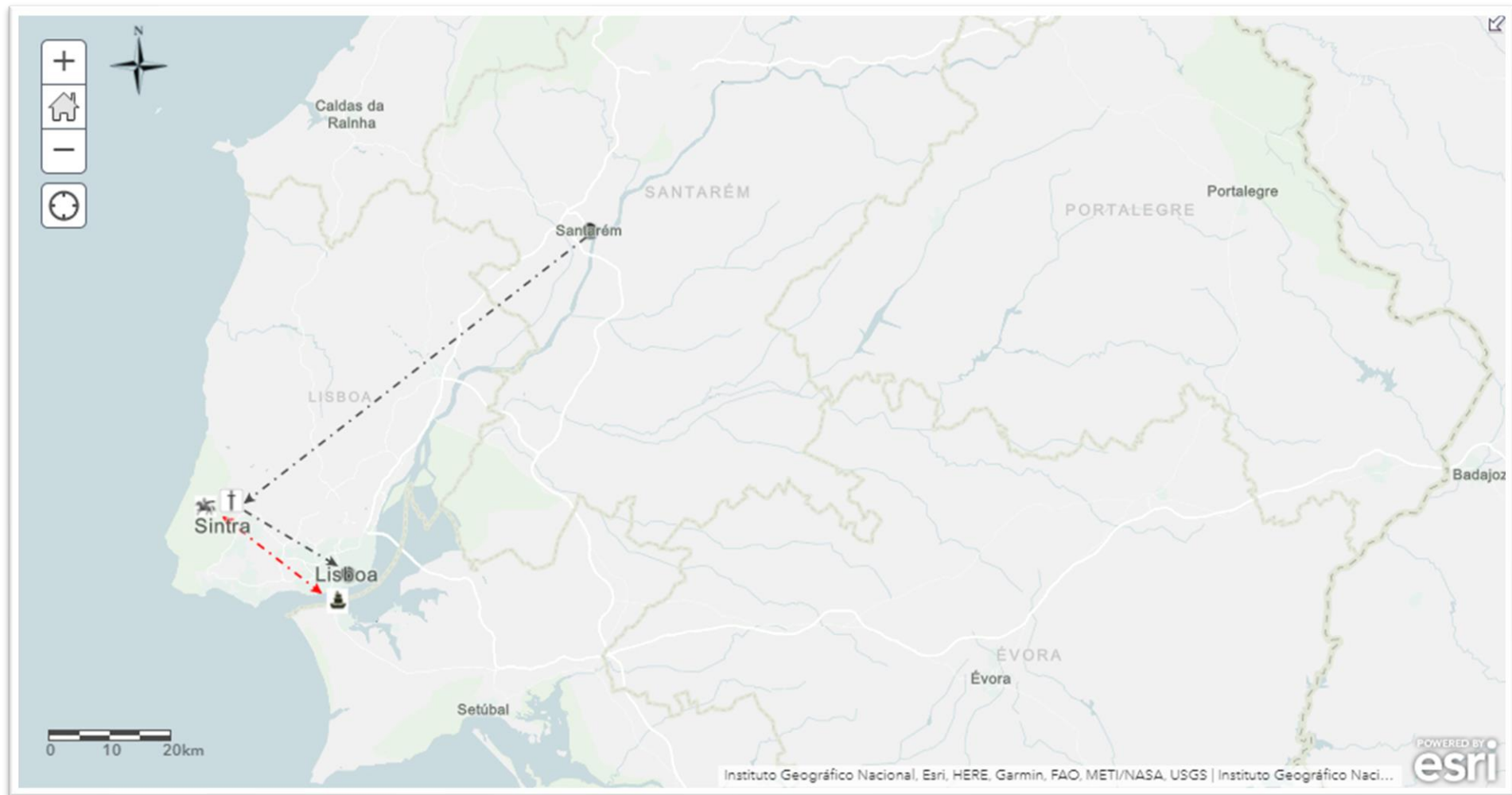
Constatando que o fronteiro do lugar não saía da cidade, os castelhanos sentiram-se à vontade para fazerem roubos e incursões devastadoras nas áreas envolventes. Assim, queimaram os paços de Xabregas, Frielas e Vila Nova da Rainha. Quando chegaram às lezírias de Alcoelha mataram muito gado e fizeram carnagem para a frota. Na outra margem, subindo o rio, chegaram a Coina de onde partiram e foram queimar muitas quintas da comarca e os arrabaldes de Palmela e de Almada.

Data:	Entre março e agosto de 1382.
-------	-------------------------------

Lugares:	Lisboa	Xabregas	Xabregas	Frielas	Frielas	Vila Nova da Rainha	Vila Nova da Rainha	Alcoelha	Alcoelha	Coina
Distâncias:	- 3,44 km.		- 10,7 km.		- 30,5 km.		- 12,4 km.		- 47,7 km.	
Lugares:	Coina	Palmela	Palmela	Almada	Almada	Lisboa	Lisboa	Sintra	Lisboa	Coina
Distâncias:	- Segundo as crónicas 2 grandes léguas; - 13,1 km.		- 25,6 km.		- 5,45 km.		- 22,2 km.		- 17,1 km.	

Fonte: CDF, Cap. CXXXV (pp.475-476); IDN, p. 14

Mapa 34 | Deslocação e ciliada de Pedro Álvares Pereira, Prior do Hospital e dos seus irmãos aos castelhanos que estavam a forragear Sintra (abril de 1382)



Fonte: CDF, Cap. CXXXVI (pp.477-479); CDC, Cap. XII (pp.25-33)

Legenda:

Movimentação portuguesa	Movimentação castelhana	Bloqueio Naval	Forragem	Cilada/Combate
-------------------------	-------------------------	----------------	----------	----------------

Devido à inércia do fronteiro Gonçalo Mendes de Vasconcelos, que não saía da cidade, os castelhanos da frota faziam incursões devastadoras. Assim, perante a imobilidade do fronteiro e os avultados danos provocados naquela comarca, o monarca português enviou para Lisboa Pedro Álvares Pereira, Prior do Hospital como novo fronteiro. No mês de abril de 1382, quando partiu de Santarém, com os seus irmãos e duzentas lanças, soube no caminho que alguns castelhanos da frota estavam a roubar o termo de Sintra. Assim, tratou logo de se dirigir para aquela comarca. Os castelhanos, achando que vinham seguros com todo o seu roubo, foram surpreendidos e desbaratados pelas forças do Prior. Todo o saque foi recuperado. Daqui adiante houve escaramuças entre os da cidade e os castelhanos da frota.

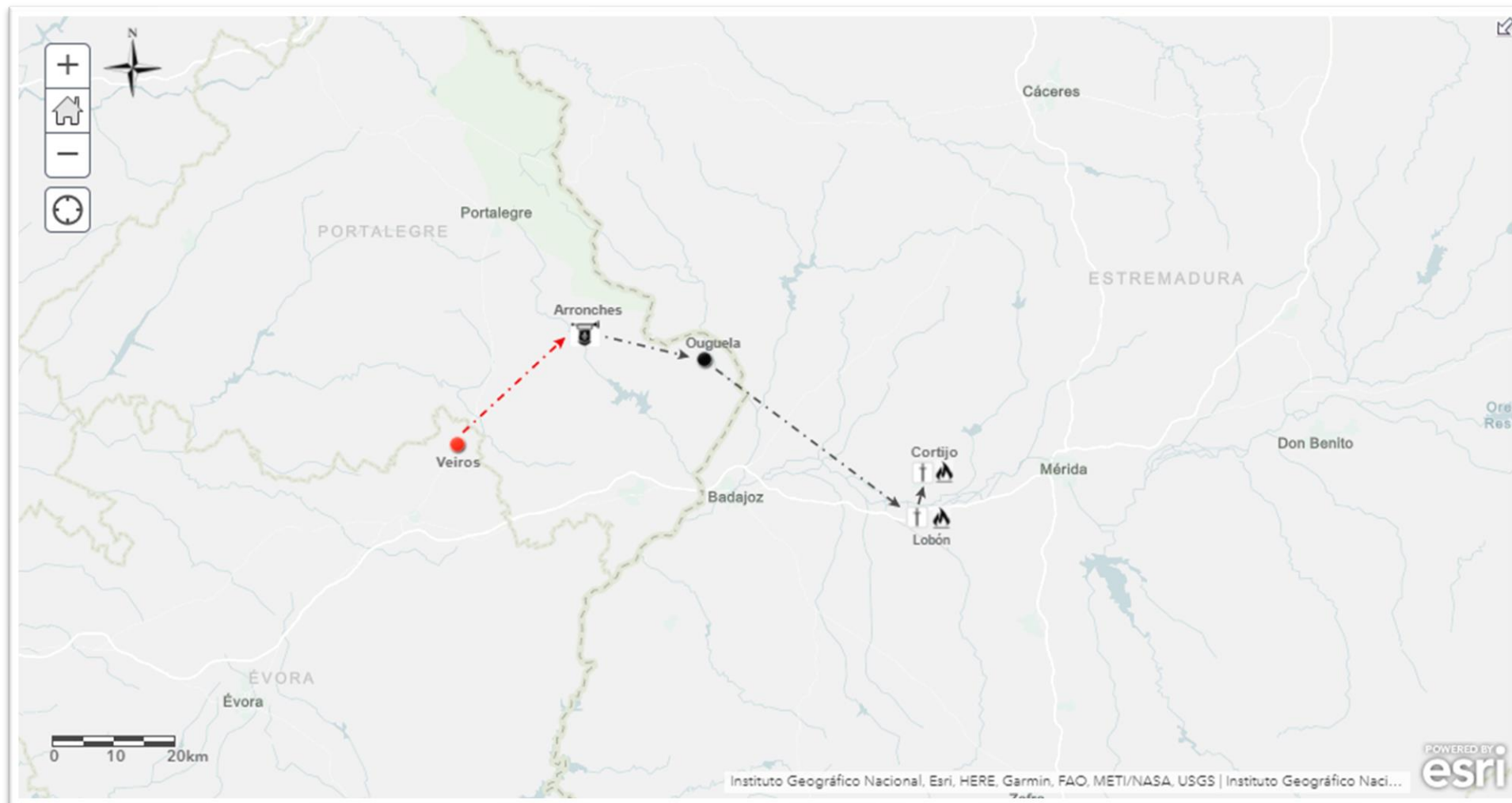
Data:	Abril de 1382.
-------	----------------

Composição da hoste:	- 200 lanças.
----------------------	---------------

Lugares:	Santarém	Sintra	Sintra	Lisboa
Distâncias:	- 78 km.		- 22,2 km.	

Fonte: CDF, Cap. CXXXVI (pp.477-479); CDC, Cap. XII (pp.25-33)

Mapa 35 | Entrada dos ingleses e do contingente de D. João em Castela (primavera de 1382)



Fonte: CDF, Cap. CXLIX (pp.519-521)

Legenda:

Movimentação do mestre de Avis, e dos homens que este conseguiu reunir	Movimentação da força anglo-portuguesa	Lugar onde se reuniram as duas forças	Combates	Derrube dos lugares
--	--	---------------------------------------	----------	---------------------

Encontrando-se na vila de Arronches os capitães ingleses decidiram fazer uma entrada em Castela; para o efeito também convidaram o Mestre de Avis, D. João que se encontrava em Veiros. Depois de juntar duzentos homens de cavalo e quatro mil homens de pé, o Mestre de Avis partiu de Veiros e foi para Arronches. Quando os dois exércitos se reuniram totalizavam oitocentas lanças, quinhentos arqueiros e seis mil homens de pé. De Arronches partiram para Ouguela, onde chegaram no mesmo dia, à noite. No dia seguinte, já em território castelhano, combateram o castelo de Lobón. Como o lugar era fraco, e pelo fogo que colocaram nas portas, conseguiram entrar na fortaleza. Depois de fazerem alguns cativos e de derrubarem o lugar, partiram dali e foram para castelo de Cortijo. Após fortes combates, conseguiram entrar dentro do lugar. Depois de roubarem e derrubaram o castelo, regressaram a Portugal.

Data:	Primavera de 1382.
Composição da hoste do Mestre de Avis:	- 200 homens de cavalo; - 4000 homens de pé.
Composição da hoste anglo-portuguesa:	- 800 lanças; - 500 arqueiros; - 6000 homens de pé.

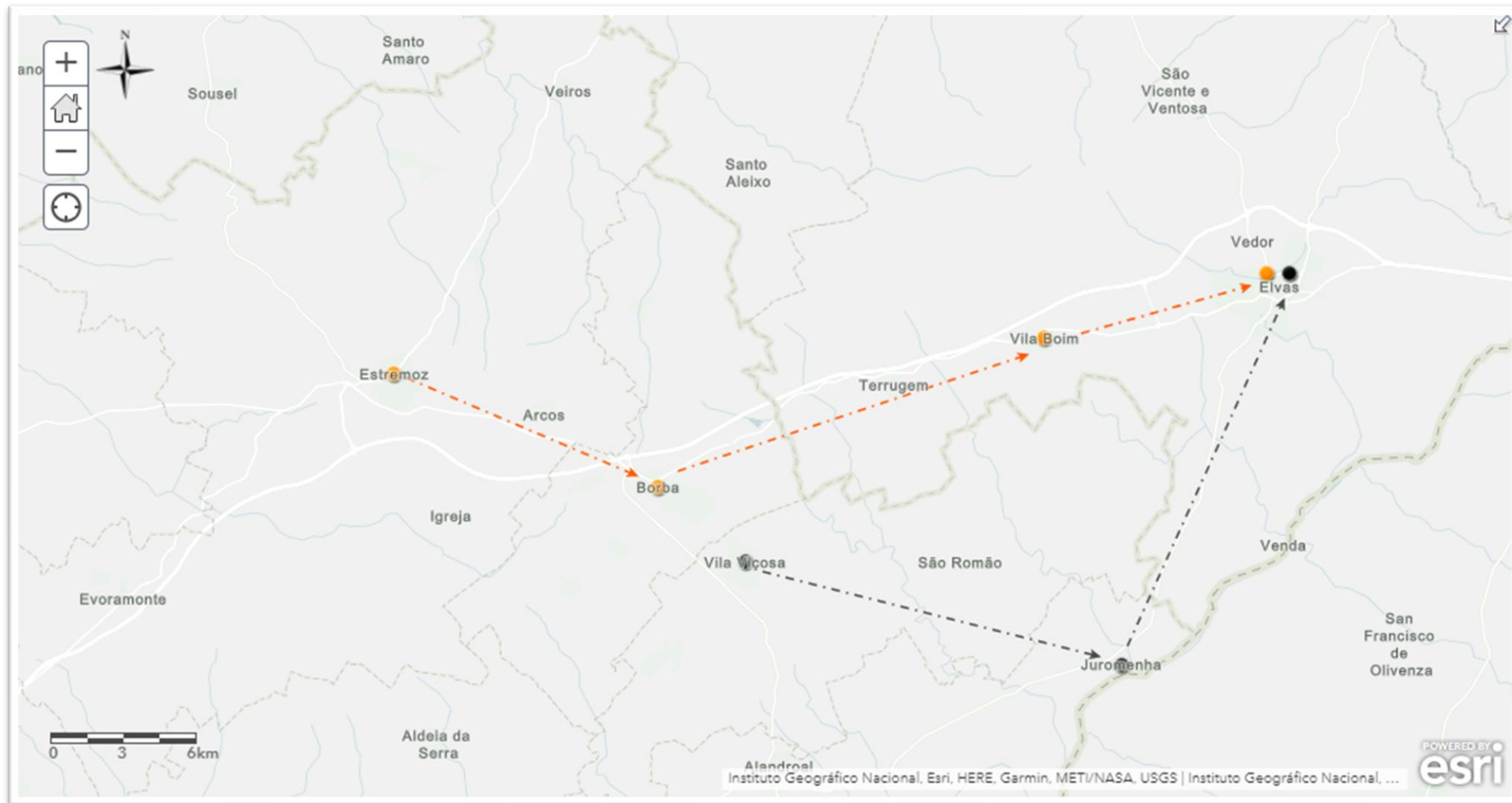
Movimentação da força anglo-portuguesa:

Lugares:	Arronches	Ouguela	Lobón	Cortijo
Intervalo de Tempo:		- Depois de partirem de Arronches, chegaram ao lugar de noite; - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar.	- No mesmo dia que partiram de Ouguela.	

Lugares:	Veiros	Arronches	Arronches	Ouguela	Ouguela	Lobón	Lobón	Cortijo
Distâncias:	- 27,1 km.		- 22,1 km.		- 43,6 km.		- 6,98 km.	

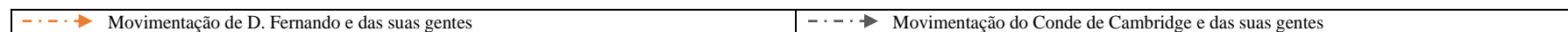
Fonte: CDF, Cap. CXLIX (pp.519-521)

Mapa 36 | Deslocação de D. Fernando e do Conde de Cambridge até chegarem a Elvas (entre junho e julho de 1382)



Fonte: CDF, Cap. CL (pp.523-524)

Legenda:



D. Fernando deu instruções ao conde de Cambridge para que avançasse para Elvas. Assim, no dia 30 de junho de 1382, o conde, juntamente com a sua mulher e com as suas gentes, partiu de Vila Viçosa e foi para a Juromenha e daí para Elvas. O monarca português, acompanhado com a rainha, na quarta-feira (2 de julho de 1382), partiu de Estremoz e foi para Borba. Na sexta-feira (4 de julho de 1382) partiu para Vila Boim e no sábado (5 de julho de 1382) chegou finalmente a Elvas. Ali encontrou-se com o conde.

Data:	Junho e julho de 1382.
-------	------------------------

Movimentação do Conde de Cambridge e das suas gentes:

Lugares:	Vila Viçosa	Juromenha	Elvas
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no último dia de junho de 1382 (30 de junho de 1382).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (30 de junho de 1382).	

Lugares:	Vila Viçosa	Juromenha	Juromenha	Elvas
Distâncias:	- 16,2 km.		- 16,9 km.	

Movimentação de D. Fernando:

Lugares:	Estremoz	Borba	Vila Boim	Elvas
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar na quarta-feira, 2 de julho de 1382.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (2 de julho de 1382); - Pernoitaram no lugar; - Na sexta-feira, 4 de julho de 1382, partiram do lugar.	- Chegaram ao lugar o mesmo dia (sexta-feira, 4 de julho de 1382); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (sábado, 5 de julho de 1382).	- Chegaram ao sábado, 5 de julho de 1382.

Lugares:	Estremoz	Borba	Borba	Vila Boim	Vila Boim	Elvas
Distâncias:	- 11,9 km.		- 17,2 km.		- 9,99 km.	



Fonte: CDF, Cap. CL (pp.523-524)

Mapa 37 | Deslocação da hoste de Juan I a Badajoz (julho de 1382)



Fonte: CDF, Cap. CLII (pp.529-530); CDJU, Año Cuarto, Cap. I (pp.535-536)

Legenda:

 Movimentação	 Mobilização da hoste
--	--

Ciente de uma bem provável e possível entrada da hoste anglo-portuguesa em território castelhano, Juan I partiu de Simancas e foi para Zamora. Depois de ter juntado a hoste - que seriam, segundo Fernão Lopes e Ayala, cinco mil homens de armas, mil e quinhentos ginetes e muita gente de pé e besteiros - partiu para Badajoz; tendo chegado na manhã de quinta-feira 31 de julho de 1382.

Data:	Julho de 1382.
-------	----------------

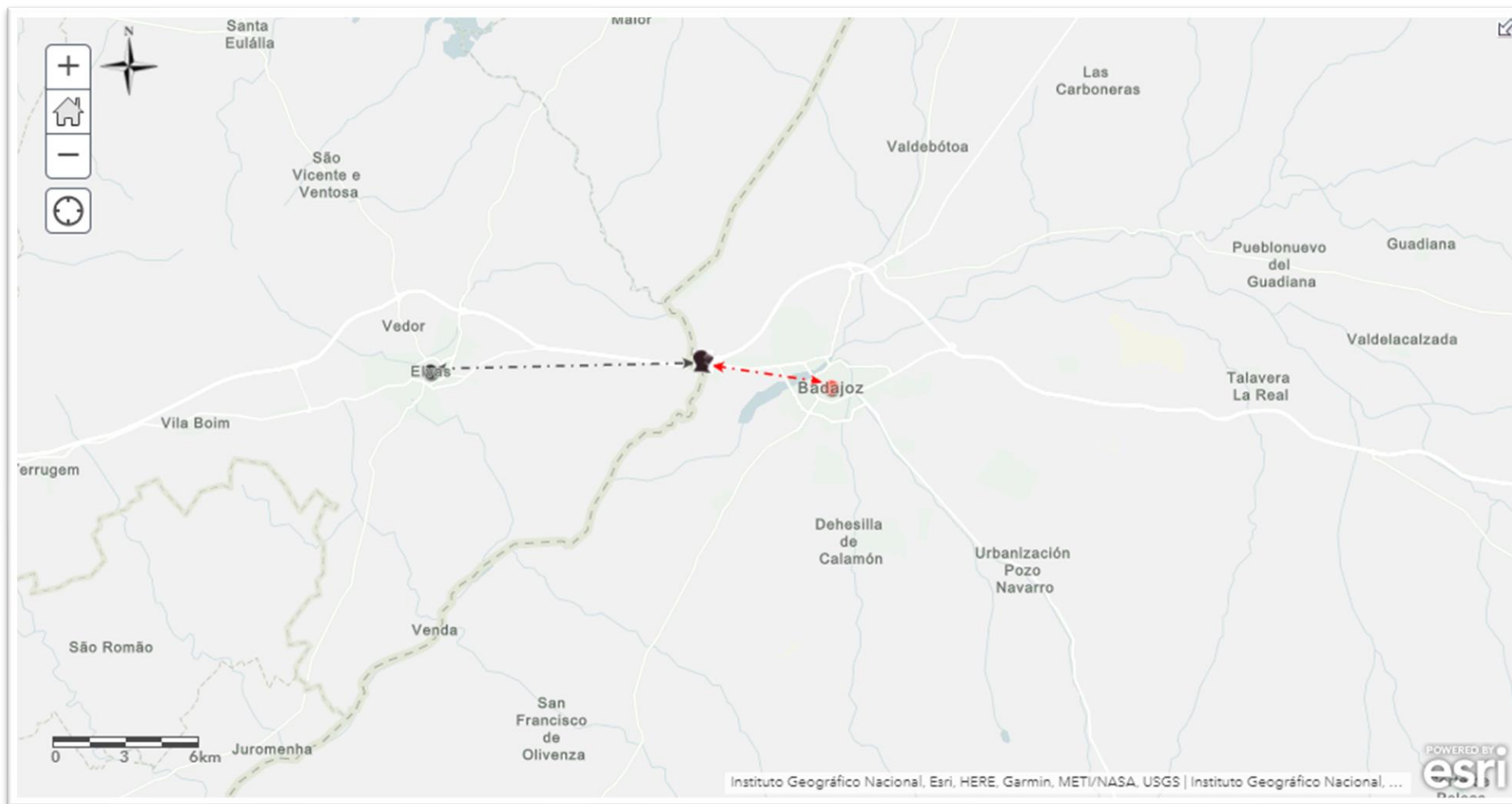
Composição da hoste:	<ul style="list-style-type: none"> - 5000 homens de armas; - 1500 ginetes; - Muita gente de pé e besteiros.
----------------------	--

Lugares:	Simancas	Zamora	Badajoz
Intervalo de Tempo:			- Chegaram ao lugar na manhã do dia 31 de julho de 1382.

Lugares:	Simancas	Zamora	Zamora	Badajoz
Distâncias:	- 77,1 km.		- 310,5 km.	

Fonte: CDF, Cap. CLII (pp.529-530); CDJU, Año Cuarto, Cap. I (pp.535-536)

Mapa 38 | Movimentação da hoste para um lugar acerca do rio Caia onde se daria a batalha (entre finais de julho e inícios de agosto de 1382)



Fonte: CDF, Cap. CLIII (pp.531-532); Cap. LIV (pp.533-536); CDC, Cap. XIII (pp.33-36)

Legenda:

Movimentação da hoste anglo-portuguesa	Movimentação da hoste castelhana	Localização hipotética do lugar acerca do rio Caia, onde terão aguardado em posição de batalha
--	----------------------------------	--

No dia anterior à chegada do monarca castelhano a Badajoz (30 de julho de 1382), alguns ingleses saíram de Elvas e foram reconhecer um campo nas imediações do rio Caia, indicado para a batalha. Assim que chegaram a Badajoz (31 de julho de 1382), os castelhanos armaram as tendas nas imediações do Caia. Enquanto instalavam as tendas, os ingleses foram dizer a D. Fernando que os castelhanos armavam as tendas e punham-se em posição de batalha, algo que não acontecia. Pensando que o inimigo se posicionava-para dar batalha, a hoste anglo-portuguesa, composta por seis mil lanças, muitos besteiros e homens de pé, foi para junto do campo nas imediações do rio Caia. Depois de duas semanas de espera, vendo que o monarca não queria dar batalha, voltaram para Elvas. Cansado e desiludido com a aliança inglesa, D. Fernando, começou secretamente a negociar a paz com Castela. O acordo de paz terá sido consumado no dia 10 de agosto de 1382.

Data:	Julho e agosto de 1382.
-------	-------------------------

Composição da hoste anglo-portuguesa:	<ul style="list-style-type: none"> - 6000 lanças; - Muitos homens de pé e besteiros.
Composição da hoste castelhana:	<p>Segundo Fernão Lopes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 5000 homens de armas; - 1500 ginetes; - Muita gente de pé e besteiros. <p>Segundo Ayala:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 3000 homens de armas portugueses; - 2000 homens de armas ingleses; - 1000 arqueiros ingleses.

Movimentação da hoste anglo portuguesa:

Lugares:	Elvas	Lugar acerca do Rio Caia onde se colocaram em posição de batalha	Elvas
Intervalo de Tempo:		<ul style="list-style-type: none"> - As primeiras forças chegaram ao lugar no dia 30 de julho de 1382; - No dia seguinte as restantes forças chegaram ao lugar (31 de julho de 1382); - Permaneceram duas semanas no lugar. 	

Lugares:	Elvas	Badajoz	Elvas	Margem do Rio Caia
Distâncias:	<ul style="list-style-type: none"> - Segundo as crónicas 3 léguas; - 16,9 km. 		- 11,2 km.	

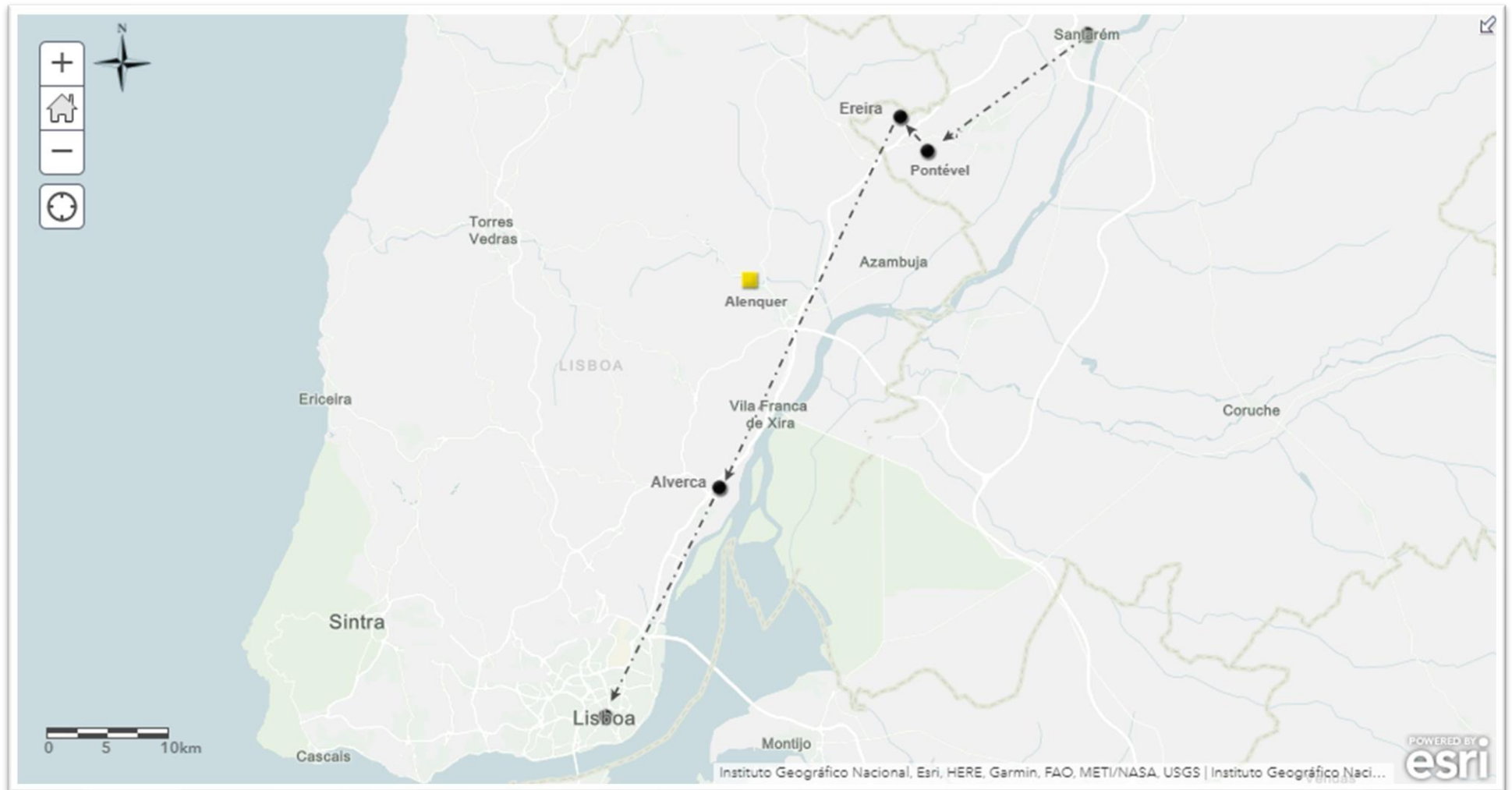
Movimentação da hoste castelhana:

Lugares:	Badajoz	Lugar acerca do Rio Caia onde se colocaram em posição de batalha	Badajoz
Intervalo de Tempo:	<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar na manhã do dia 31 de julho de 1382. 	<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no mesmo dia (31 de julho de 1382); - Permaneceram duas semanas no lugar. 	

Lugares:	Badajoz	Elvas	Badajoz	Margem do Rio Caia
Distâncias:	<ul style="list-style-type: none"> - Segundo as crónicas 3 léguas; - 16,9 km. 		- 5,44 km.	

Fonte: CDF, Cap. CLIII (pp.531-532); Cap. LIV (pp.533-536); CDC, Cap. XIII (pp.33-36)

Mapa 39 | Deslocação de Nuno Álvares Pereira e dos seus escudeiros a Lisboa (dezembro de 1383)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. XXXVII (pp.64-65); Cap. XXXVIII (pp.65-66); CDC, Cap. XVIII (pp.43-44)

Legenda:

---> Movimentação

Lugar onde se encontrava a rainha D. Leonor de Teles, acompanhada dos seus irmãos, e de muita outra gente partidária da sua causa

Após a morte do conde Andeiro, Nuno Álvares Pereira decidiu juntar-se ao Mestre de Avis em Lisboa. Partindo de Santarém, com o seu irmão Diogo Álvares e alguns escudeiros, seguiu caminho em direção a Lisboa. Em Pontével, Diogo Álvares arrependeu-se e foi ter com o seu outro irmão, Pedro Álvares Pereira, Prior do Hospital, que tinha voz por D. Beatriz e que tinha ido para a Golegã. No mesmo dia, Nuno Álvares chegou à aldeia de Eireira onde pernoitou. No dia seguinte chegou a Alverca, onde dormiu. Por fim, no dia seguinte chegou a Lisboa (21 de dezembro de 1383).

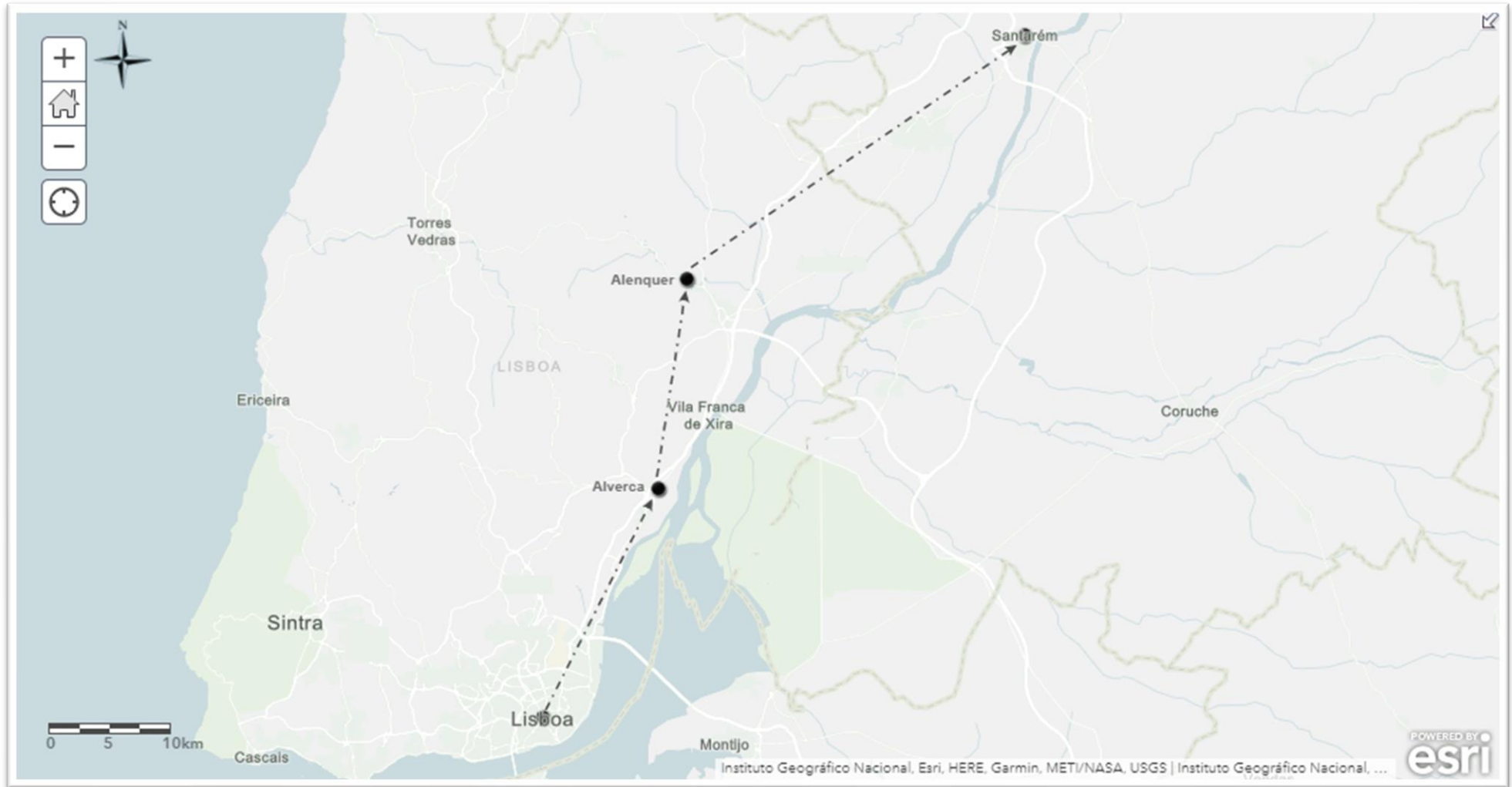
Data:	Dezembro de 1383.
-------	-------------------

Lugares:	Santarém	Pontével	Eireira (Cartaxo)	Alverca	Lisboa
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 19 de dezembro de 1383.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (19 de dezembro de 1383).	- Chegaram no mesmo dia (19 de dezembro de 1383); - Pernoitaram uma noite no lugar; - No dia seguinte (20 de dezembro de 1383) partiram do lugar.	- Chegaram no mesmo dia (20 de dezembro de 1383); - Pernoitaram uma noite no lugar; - No dia seguinte (21 de dezembro de 1383) partiram do lugar.	- Chegaram no mesmo dia (21 de dezembro de 1383).

Lugares:	Santarém	Pontével	Pontével	Eireira (Cartaxo)	Eireira (Cartaxo)	Alverca	Alverca	Lisboa
Distâncias:	- 16,4 km; - Segundo as crónicas 3 léguas.		- 3,73 km.		- 34,3 km.		- 21,4 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. XXXVII (pp.64-65); Cap. XXXVIII (pp.65-66); CDC, Cap. XVIII (pp.43-44); IDN, pp. 16-17.

Mapa 40 | Deslocação da rainha D. Leonor após os tumultos ocorridos em Lisboa (dezembro de 1383)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. XVI (pp.32-33); Cap. XXX (pp.54-55); CDJU, Año Quinto, Cap. XIV (pp.558)

Legenda:

---> Movimentação

Face aos grandes tumultos ocorridos na cidade de Lisboa na sequência da morte do conde Andeiro e da morte do bispo de Lisboa, que era castelhano, a rainha temendo pela sua segurança decidiu, com os seus, deixar Lisboa e refugiar-se em Alenquer. Depois de aí ter permanecido algum tempo, após a festa do Natal, partiu para Santarém.

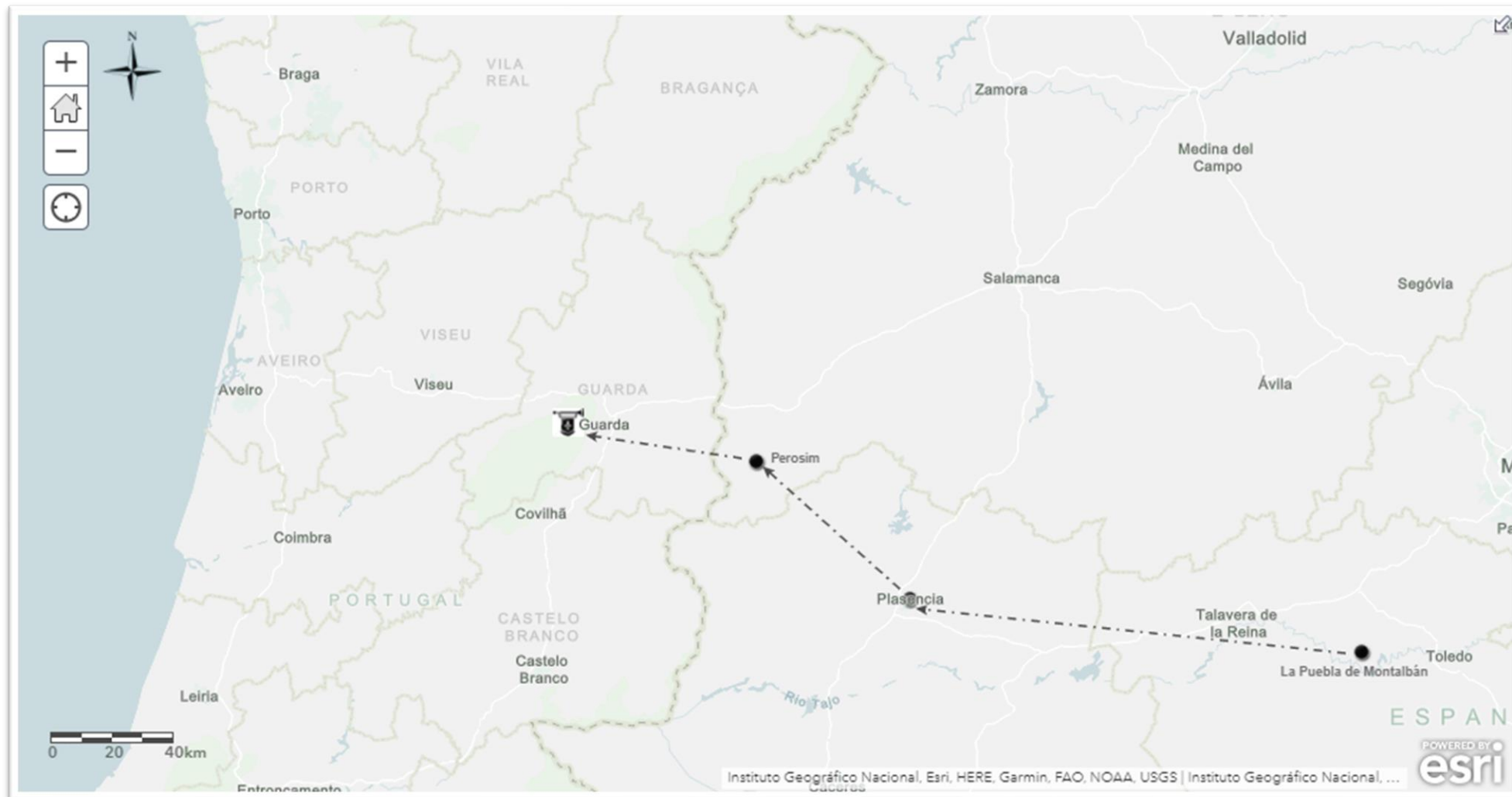
Data:	Dezembro de 1383.
-------	-------------------

Lugares:	Lisboa	Alverca	Alenquer	Santarém
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar de manhã (em data posterior a 8 de dezembro de 1383).	- Comeram em Alverca.	- Dormiram em Alverca; - Permaneceram alguns dias no lugar; - Passaram o Natal no lugar.	

Lugares:	Lisboa	Alverca	Alverca	Alenquer	Alenquer	Santarém
Distâncias:	- 21,4 km.		- 17,5 km.		- 34,7 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. XVI (pp.32-33); Cap. XXX (pp.54-55); CDJU, Año Quinto, Cap. XIV (pp.558); CR, pp.75-76; CR, p.91

Mapa 41 | Deslocação de Juan I à Guarda (dezembro de 1383)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LVIII (pp.100-101); Cap. LXII (p.104-105); CDJU, Año Quinto, Cap. XIV (pp.553-554)

Legenda:

Movimentação	Chegada de mais contingentes (nos dias subsequentes chegaram mais capitães e lanças)
--------------	--

Depois de reunido o seu conselho em La Puebla de Montalbán, no mês de dezembro de 1383, o monarca castelhano tomou a decisão de entrar em Portugal. Antes de partir daquele lugar ordenou que todas as gentes de armas fossem para onde quer que ele se encontrasse. No caminho passou por Plasencia e Perosim. Não indo com mais de trinta lanças, numa tarde partiu deste lugar e chegou à Guarda ao amanhecer. No dia seguinte chegaram àquela cidade mais duzentos homens de armas; e ao fim de três dias, chegaram outros capitães com quinhentas lanças. O monarca castelhano permaneceu alguns dias de janeiro na Guarda.

Data:	Dezembro de 1383.
-------	-------------------

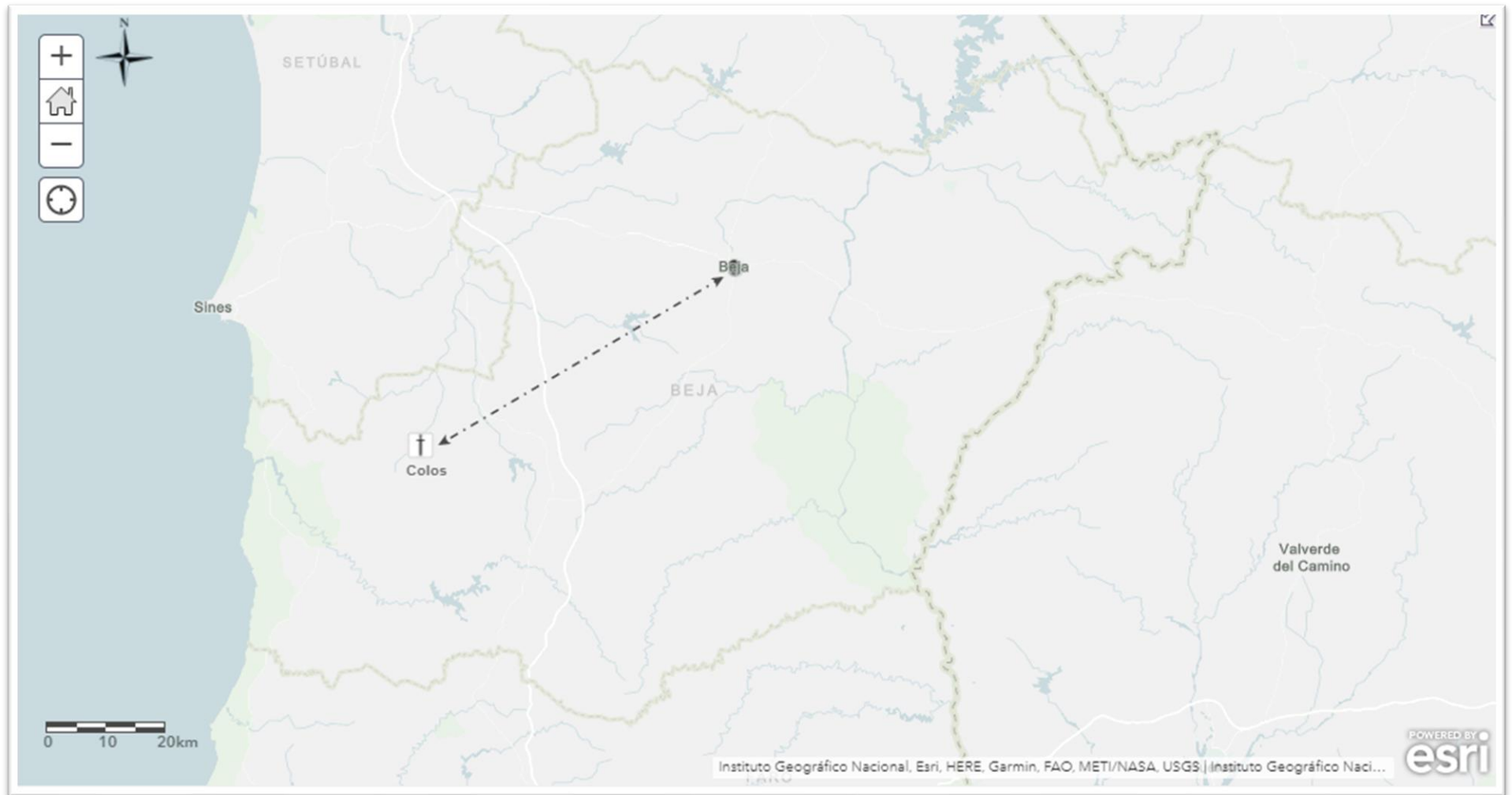
Composição das gentes que acompanharam Juan I até à Guarda:	- 30 lanças.
Composição das gentes que chegaram à Guarda nos primeiros dias:	- 700 lanças.

Lugares:	La Puebla de Montalbán	Plasencia	Perosim	Guarda
Intervalo de Tempo:			- Partiram de tarde.	- Chegaram na manhã do dia seguinte.

Lugares:	La Puebla de Montalbán	Plasencia	Plasencia	Perosim	Perosim	Guarda
Distâncias:	- 148,9 km.		- 67 km.		- 50,8 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LVIII (pp.100-101); Cap. LXII (p.104-105); CDJU, Año Quinto, Cap. XIV (pp.553-554)

Mapa 42 | Emboscada feita pelos de Beja às forças de miçê Lançarote (janeiro de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. XLII (pp.72-75)

Legenda:

Movimentação (Ida e volta)	Emboscada/Roubo
----------------------------	-----------------

Gonçalo Nunes e Vasco Rodrigues, depois de tomarem o castelo de Beja alçaram voz pelo Mestre de Avis. Certo dia, ao serão, através de um homem do Baixo Alentejo, souberam que naquela tarde miçe Lançarote tinha chegado a Colos (c. Odemira), e que dali, tencionava ir para Odemira alçar voz pelo monarca castelhano. Assim, aqueles dois comandantes partiram com cento e cinquenta homens e foram para Colos. Andando toda a noite, chegaram ao lugar de manhã. O almirante e os seus, apanhados de surpresa, foram capturados e lavados para Beja, tal como tudo o que levavam consigo.

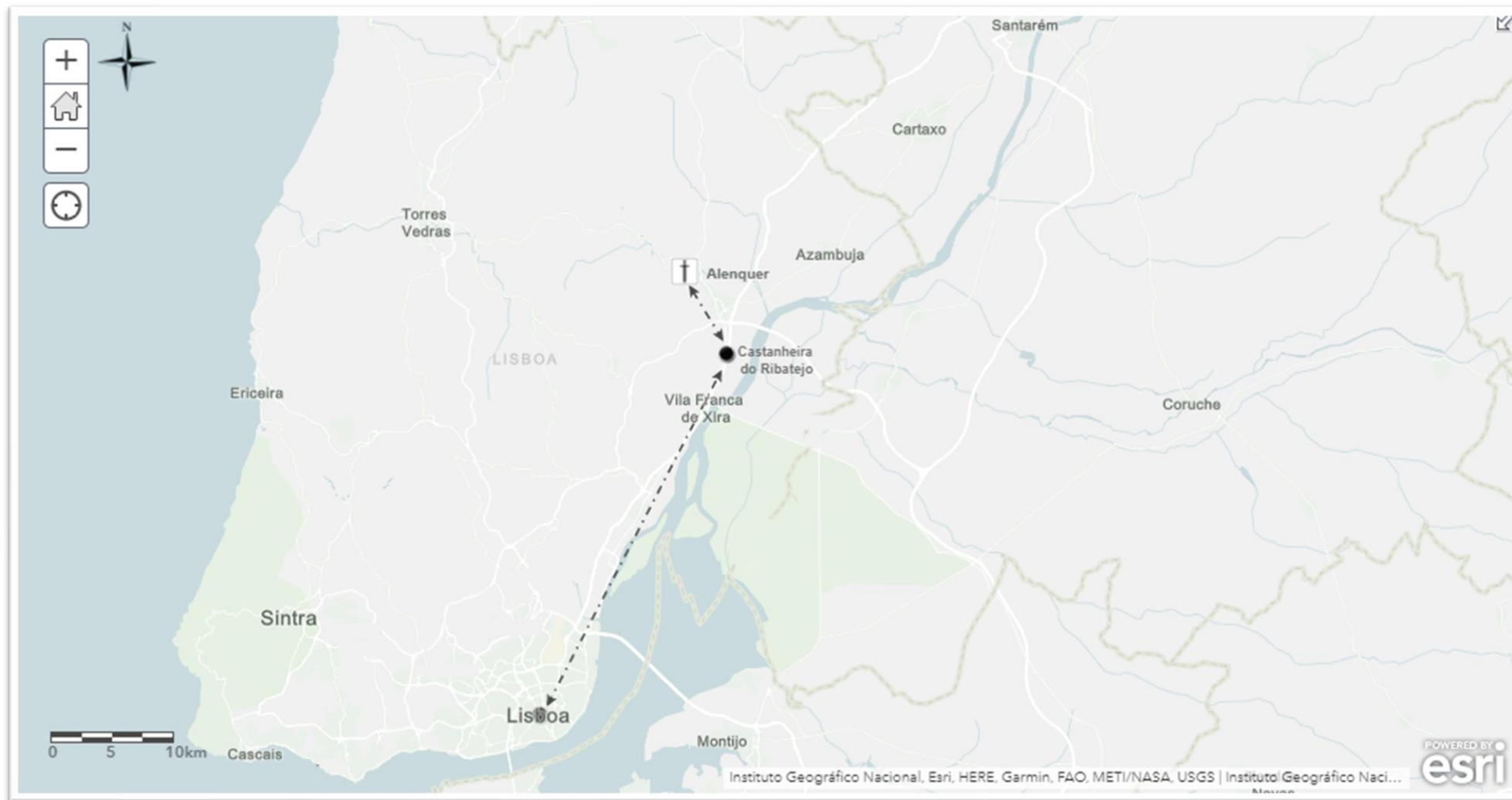
Data:	Janeiro de 1384.
-------	------------------

Lugares:	Beja	Colos	Beja
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar de noite.	- Chegaram ao lugar na manhã do dia seguinte.	

Lugares:	Beja	Colos
Distâncias:	- 61,2 km; - Segundo as crónicas 9 léguas.	



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. XLII (pp.72-75); CR, p. 98

Mapa 43 | Tentativa de tomada de Alenquer pelo Mestre de Avis e Nuno Álvares Pereira (janeiro de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LI (pp.90-91); Cap. LXIII (pp.107); CDC, Cap. XXI (pp.49)

Legenda:

 Movimentação (Ida e volta)	 Combate/escaramuças
--	---

De regresso a Lisboa, vindo de Almada, decidiu ir, com duzentas lanças e alguns besteiros e homens de pé, sobre a vila de Alenquer, que tinha voz pela rainha D. Leonor. A caminho de Alenquer, pernoitaram em Castanheira do Ribatejo; e pela alvorada chegaram a Alenquer. Assim que chegaram, à tarde, houve forte escaramuças com as forças do alcaide Vasco Peres de Camões. Contudo, como o lugar era forte e como não levaram artifícios de cerco, não conseguiram entrar na vila. Certa noite, através dos espões que acompanhavam as movimentações do monarca castelhano, chegaram informações que o monarca já se encontrava em Santarém. Ao saberem disto, muita gente fugiu para Lisboa. Na manhã do dia seguinte o Mestre de Avis partiu com as restantes forças para Lisboa.

Data:	Janeiro de 1384.
-------	------------------

Composição da hoste:	- 200 lanças; - Alguns besteiros e homens de pé.
----------------------	---

Lugares:	Lisboa	Castanheira do Ribatejo	Alenquer	Castanheira do Ribatejo	Lisboa
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 2 de janeiro de 1384.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (2 de janeiro de 1384); - Pernoitaram uma noite no lugar; - Partiram do lugar no dia seguinte (3 de janeiro de 1384).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (3 de janeiro de 1384); - Permaneceram no lugar até ao dia 12 de janeiro de 1384; - Partiram do lugar no dia 12 de janeiro de 1384.	- 12 de janeiro de 1384.	

Lugares:	Lisboa	Castanheira do Ribatejo	Castanheira do Ribatejo	Alenquer	Alenquer	Lisboa
Distâncias:	- 33,5 km.		- 7,63 km.		- 38,5 km; - Segundo as crónicas 8 léguas.	


Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LI (pp.90-91); Cap. LXIII (pp.107); CDC, Cap. XXI (pp.49); CR, p. 98, p. 100; IDN, p. 15

Mapa 44 | Deslocação de Juan I e do séquito até Santarém (janeiro de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. LXII (pp.105-107); Cap. LXIV (pp.108-109); CDJU, Año Sexto Cap. I (pp.560-561)

Legenda:

- - - -> Movimentação	 Chegada de mais contingentes (àquele lugar vinham-lhe mais capitães e gentes)
-----------------------	---

Enquanto o monarca castelhano permanecia na Guarda, chegavam-lhe cartas de Santarém, enviadas pela rainha D. Leonor. O monarca entendeu, então juntar-se-lhe. Aproveitando a viagem, foi em romaria a Santa Maria de Ações; comeu no lugar e foi dormir a Celorico da Beira, onde permaneceu quatro dias. Depois de partir de Celorico da Beira, avançou para Coimbra. O conde D. Gonçalo, irmão da rainha, e o seu tio Gonçalo Mendes de Vasconcelos, que tinham a cidade não o receberam. Assim, o rei partiu para Mirando do Corvo, onde foi recebido pelo conde de Viana, que por ele tomou voz. Depois de ter permanecido um dia naquele lugar, na madrugada, partiu para Chão de Couce, onde foi dormir. No outro dia foi comer a Ceras e repousar a Tomar. À meia-noite partiu daquele sítio e pela alvorada chegou à Golegã. Depois de comer, partiu para Santarém, onde chegou no dia 12 de janeiro de 1384, acompanhado por lanças bem armadas.

Data:	Janeiro de 1384.
-------	------------------

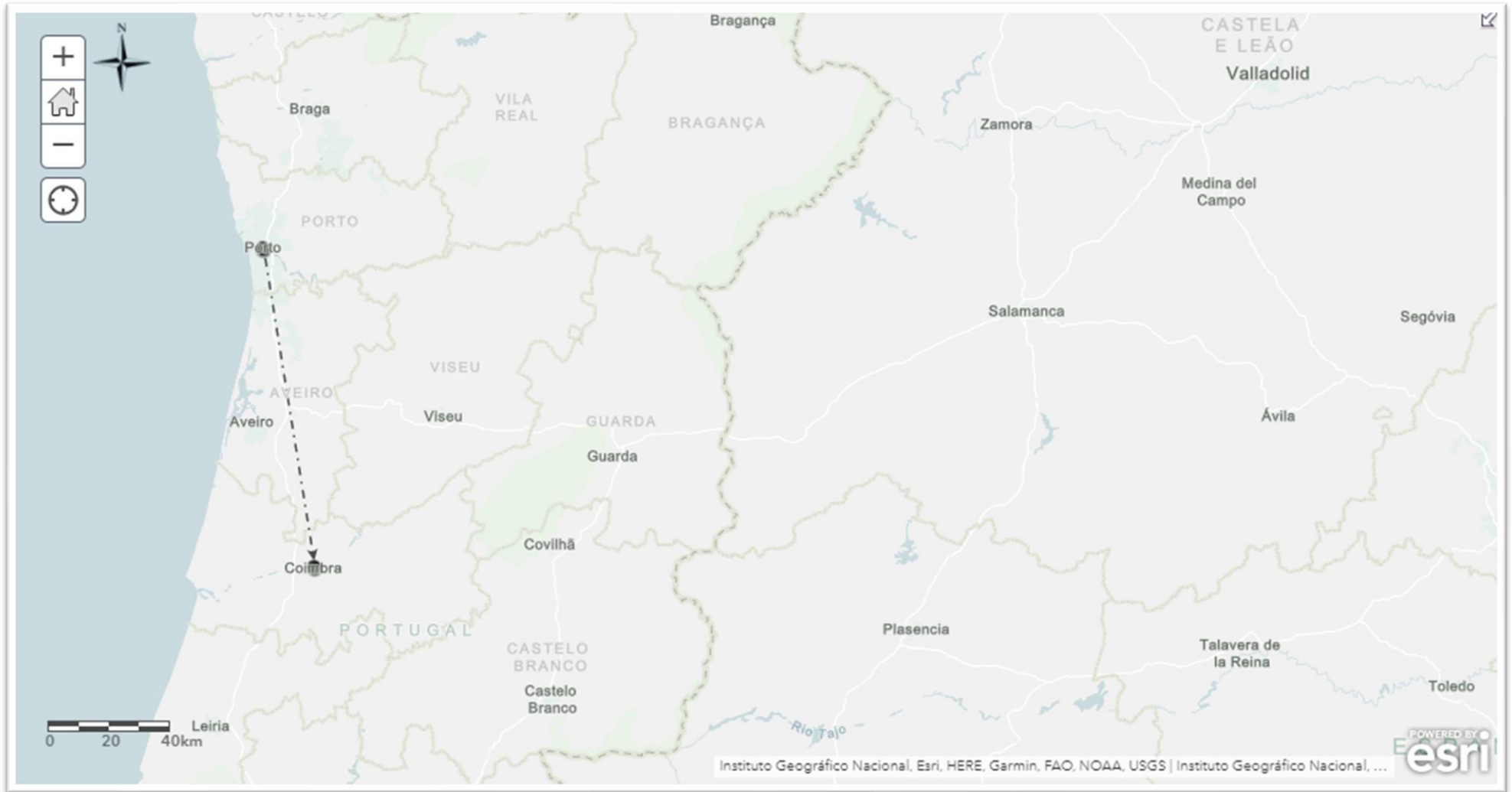
Composição das gentes que acompanharam Juan I:	- 180 lanças.
--	---------------

Lugares:	Guarda	Açores	Celorico da Beira	Coimbra	Miranda do Corvo	Chão de Couce	Ceras	Tomar	Golegã	Santarém
Intervalo de Tempo:			- No mesmo dia que partiram da Guarda; - Permaneceram quatro dias no lugar.		- Possivelmente terão chegado no dia em que partiram de Coimbra; - Permaneceram um dia no lugar; - Partiram do lugar de madrugada.	- Chegaram no mesmo dia que partiram de Miranda do Corvo; - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar.	- Chegaram no mesmo dia que partiram de Chão de Couce; - Comeram no lugar.	- Chegaram no mesmo dia que partiram de Ceras; - Dormitaram no lugar; - Partiram do lugar à meia-noite.	- Amanheceram no lugar; - Comeram no lugar.	- Chegaram no mesmo dia em que partiram da Golegã (12 de janeiro de 1384).

Lugares:	Guarda	Açores	Açores	Celorico da Beira	Celorico da Beira	Coimbra	Coimbra	Miranda do Corvo	Miranda do Corvo	Chão de Couce
Distâncias:	- 12,2 km.		- 7,43 km.		- 98,8 km.		- 14,8 km.		- 21,8 km.	
Lugares:	Chão de Couce	Ceras	Ceras	Tomar	Tomar	Golegã	Golegã	Santarém		
Distâncias:	- 23,4 km.		- 10,7 km.		- 23,1 km.		- 25,1 km.			

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LXII (pp.105-107); Cap. LXIV (pp.108-109); CDJU, Año Sexto Cap. I (pp.560-561)

Mapa 45 | Deslocação do Conde D. Gonçalo, irmão da rainha D. Leonor, a Coimbra (janeiro de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. LXXIII (pp.124-125)

Legenda:

---> Movimentação

O conde D. Gonçalo, irmão da rainha D. Leonor, antes de ir para Coimbra encontrava-se no Porto. A mando da sua irmã foi para aquela cidade com cem lanças. Depois de se encontrar na cidade, chegaram outros senhores com mais lanças. Coimbra ficou, ao todo, com trezentas e cinquenta lanças. A rainha D. Leonor deu ordens expressas ao seu irmão e ao seu tio, Gonçalo Mendes de Vasconcelos para que não recebessem o monarca castelhano em Coimbra e que não fossem para ele.

Data:	Janeiro de 1384.
-------	------------------

Composição das forças que acompanharam o conde D. Gonçalo:	- 100 lanças.
Composição das lanças que se encontravam em Coimbra:	- 350 lanças.

Lugares:	Porto	Coimbra
Distâncias:	- 104,7 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LXXIII (pp.124-125)

Mapa 46 | Devido ao tempo umas embarcações castelhanas oriundas da Galiza foram forçadas a pousar na foz do Tejo (janeiro e fevereiro de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. LXIX (pp.118-119)

Legenda:

---> Movimentação

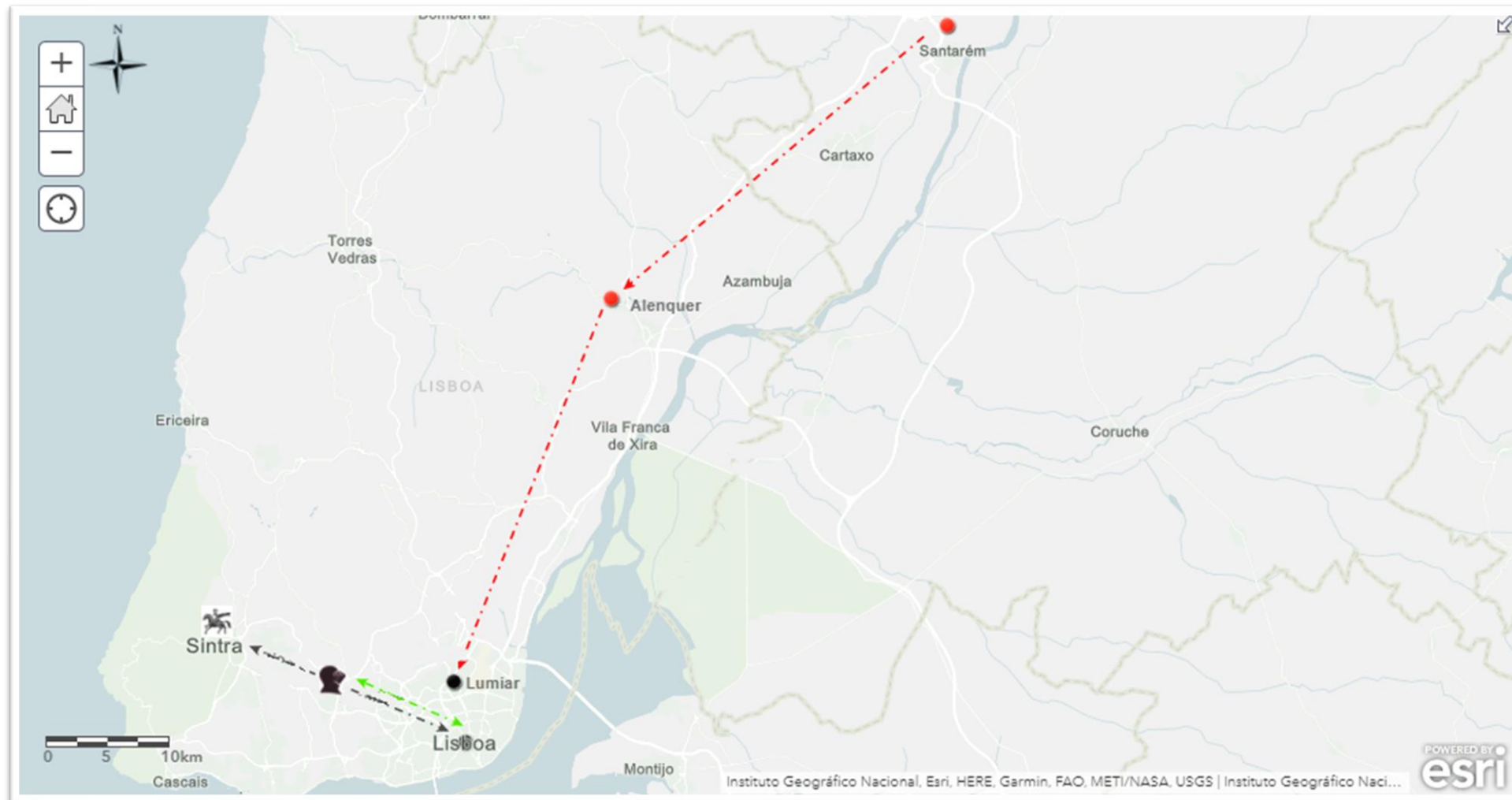
No primeiro dia de fevereiro de 1384, apareceram junto a Lisboa algumas embarcações castelhanas provenientes da Galiza e carregadas de mantimentos, as quais, devido ao mau tempo contrário tiveram de pousar ao largo da foz do Tejo. O Mestre de Avis, quando soube que essas embarcações estavam carregadas de mantimentos, mandou armar duas galés, duas naus e três barcas para ir sobre os navios castelhanos. Ao fim de dois dias, as embarcações portuguesas foram armadas e prontas. Na manhã do dia 3 de fevereiro, as embarcações portuguesas foram sobre os navios inimigos, tendo conseguido capturar a nau e os cinco baixéis castelhanos, bem como a respetiva carga.

Data:	Janeiro e fevereiro de 1384.
-------	------------------------------

Composição das embarcações castelhanas:	- 1 galé; - 5 baixéis; - 1 nau.
Composição das embarcações portuguesas:	- 2 galés; - 2 naus; - 3 barcas.

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LXIX (pp.118-119)

Mapa 47 | Forragem a Sintra encabeçada por Nuno Álvares Pereira e movimentação do mestre de Santiago, Pero Velasco e Pero Sarmiento ao Lumiar (fevereiro de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. LXXI (pp.122-123); CDC, Cap. XXIII (pp.51-53); CDJU, Año Sexto Cap. III (pp.562-563)

Legenda:

Movimentação castelhana	Movimentação de Nuno Álvares Pereira	Movimentação de Rui Pereira, tio do condestável	Lugar hipotético, onde terá aguardado em posição de batalha	Forragem	Lugares que estavam por Castela.
-------------------------	--------------------------------------	---	---	----------	----------------------------------

Previendo um mais que certo cerco castelhano a Lisboa, o Mestre de Avis incumbiu Nuno Álvares Pereira de ir forragear na região de Sintra, vila que estava por Castela. Com trezenas lanças e poucos homens de pé, Nuno Álvares recolheu muitos alimentos e forragens da região de Sintra. De modo a pressionar a cidade, Juan I de Castela enviou o mestre de Santiago, Pero de Velasco e Pero Sarmiento, com mil lanças para o termo de Lisboa. À noite, enquanto se encontrava ainda na zona de Sintra, Nuno Álvares Pereira soube que aqueles castelhanos estavam já em Alenquer e que queriam ir sobre ele. Ao saberem disso, muitos dos homens que acompanhavam Nuno Álvares fugiram, ficando apenas sessenta lanças. Contrariando os homens que ficaram consigo, que recomendavam que regressasse rapidamente a Lisboa, no dia seguinte, Nuno Álvares dirigiu-se para o caminho por onde os castelhanos deviam aparecer. Ali aguardou por eles até ao meio-dia. O Mestre de Avis, que se encontrava em Lisboa, ao tomar conhecimento de toda a situação, mandou em seu auxílio Rui Pereira, tio de Nuno Álvares, com cento e cinquenta lanças. Vendo que os castelhanos não vinham, à tarde, retornou então a Lisboa com os seus homens. Os castelhanos que vinham no encalço de Nuno Álvares quando souberam que já se encontrava há um dia em Lisboa, instalaram os seus arraiais no Lumiar e nas aldeias de arredor.

Data:	Fevereiro de 1384.
-------	--------------------

Composição da força castelhana:	- 1000 lanças.
Composição das forças de Nuno Álvares Pereira:	- 300 lanças; - Poucos homens de pé.
Composição das forças de Rui Pereira:	- 150 lanças.

Movimentação castelhana:

Lugares:	Santarém	Alenquer	Lumiar
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 6 de fevereiro de 1384.		- Chegaram ao lugar no dia 8 de fevereiro de 1384;

			- Segundo Ayala terão permanecido 6 semanas no lugar; por sua vez Fernão Lopes indica-nos que permaneceram 2 semanas.
--	--	--	---

Lugares:	Santarém	Alenquer	Alenquer	Lumiar
Distâncias:	- 34,7 km.		- 34,1 km.	

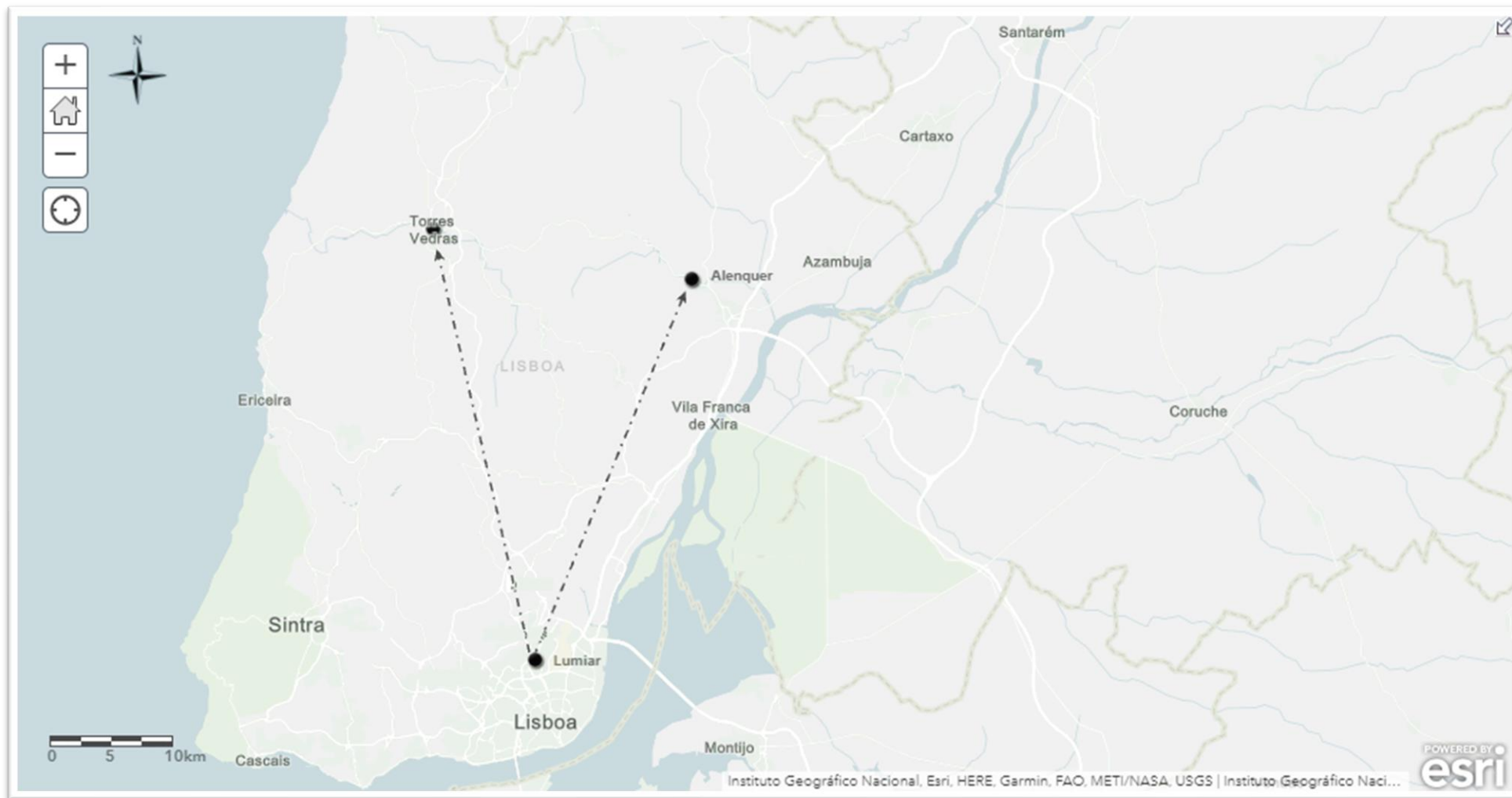
Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Lisboa	Sintra	Lugar onde terão aguardado pelos castelhanos em posição de batalha	Lisboa
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 6 de fevereiro de 1384.	- Chegaram ao lugar no próprio dia (6 de fevereiro de 1384); - Pernoitaram no lugar; - Partiram do lugar no dia seguinte (7 de fevereiro de 1384).	- Chegaram no próprio dia (7 de fevereiro de 1384); - Permaneceram no lugar até ao meio-dia.	- Depois do meio-dia chegaram a Lisboa (7 de fevereiro de 1384).

Lugares:	Lisboa	Sintra	Sintra	Lisboa
Distâncias:	- 22,2 km.		- 22,2 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LXXI (pp.122-123); CDC, Cap. XXVIII (pp.51-53); CDJU, Año Sexto Cap. III (pp.562-563); CR, pp. 107-108; IDN, p. 19

Mapa 48 | Face à ameaça iminente de um grande ataque de Lisboa, os castelhanos partiram para outros lugares que estavam por Castela (24 de fevereiro de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LXXV (pp.128-129)

Legenda:

---> Movimentação

Enquanto os capitães castelhanos permaneciam no Lumiar, de vez em quando, iam escaramuçar com os da cidade. O Mestre de Avis, depois de falar com o seu conselho, decidiu executar uma grande ofensiva contra aqueles castelhanos. No próprio dia os castelhanos souberam da intenção do Mestre, e por isso, no dia 24 de fevereiro, partiram à presa para Alenquer e Torres Vedras.

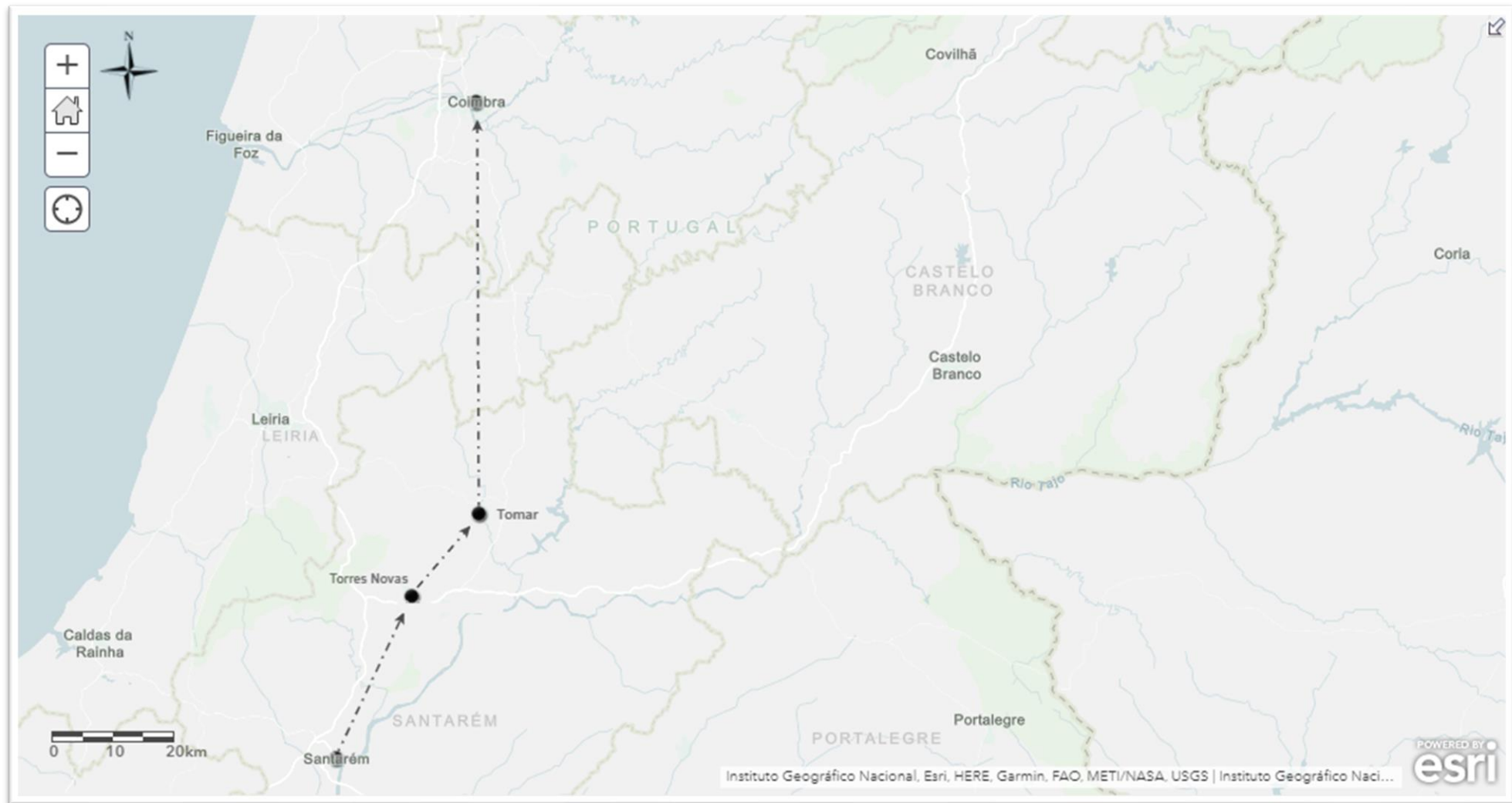
Data:	Fevereiro de 1384.
-------	--------------------

Lugares:	Lumiar	Torres Vedras Alenquer
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 24 de fevereiro de 1384.	- Atendendo às distâncias, e uma vez que partiram à presa, é possível que tenham atingido estes lugares no próprio dia (24 de fevereiro de 1384).

Lugares:	Lumiar	Torres Vedras	Lumiar	Alenquer
Distâncias:	- 36,5 km.		- 34,1 km.	

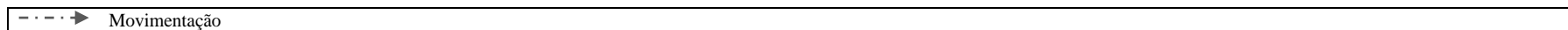
Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LXXV (pp.128-129); CR, pp. 109-110

Mapa 49 | Deslocação do monarca de Castela, juntamente com a sua mulher e sogra, para receber a cidade Coimbra (em data posterior a 14 de janeiro de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. LXXVII (pp.130-131); Cap. LXXVIII (pp.131-132); CDJU, Año Sexto Cap. V (pp.564)

Legenda:



Estando em Santarém, o monarca castelhano decidiu ir a Coimbra com a rainha D. Leonor receber o lugar. No caminho, pernoitou em Torres Novas; passou por Tomar até que chegou a Coimbra. O conde D. Gonçalo, irmão da rainha e o seu tio Gonçalo Mendes de Vasconcelos, tendo ordens da rainha, não deram a cidade ao monarca castelhano.

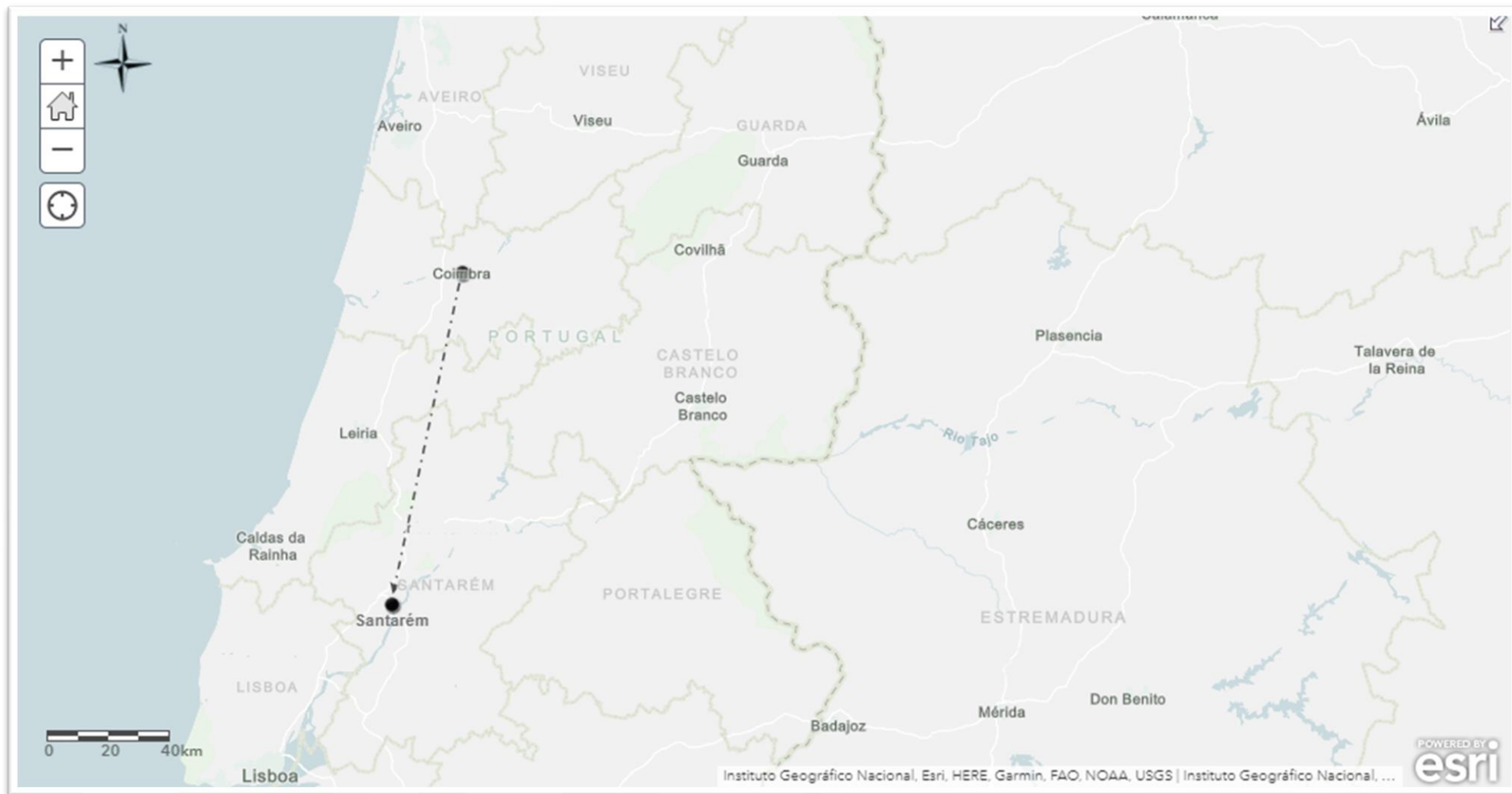
Data:	Em data posterior a 14 de janeiro de 1384.
-------	--

Lugares:	Santarém	Torres Novas	Tomar	Coimbra
Intervalo de Tempo:		<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no mesmo dia em que partiram de Santarém; - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no mesmo dia em que partiram de Torres Novas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram no mesmo dia.

Lugares:	Santarém	Torres Novas	Torres Novas	Tomar	Tomar	Coimbra
Distâncias:	- 29,5 km.		- 17,7 km.		- 67,5 km.	

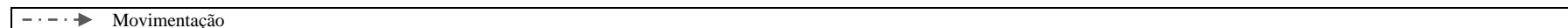
Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LXXVII (pp.130-131); Cap. LXXVIII (pp.131-132); CDJU, Año Sexto Cap. V (pp.564); CR, p. 104

Mapa 50 | Depois de descoberta uma conspiração o monarca castelhano decide mandar a sua sogra para o mosteiro de Tordesilhas e retorna a Santarém (entre uma data posterior a 14 de janeiro e anterior a 10 de março de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. LXXXIV (pp.141-142); CDJU, Año Sexto Cap. VII (pp.566-567)

Legenda:



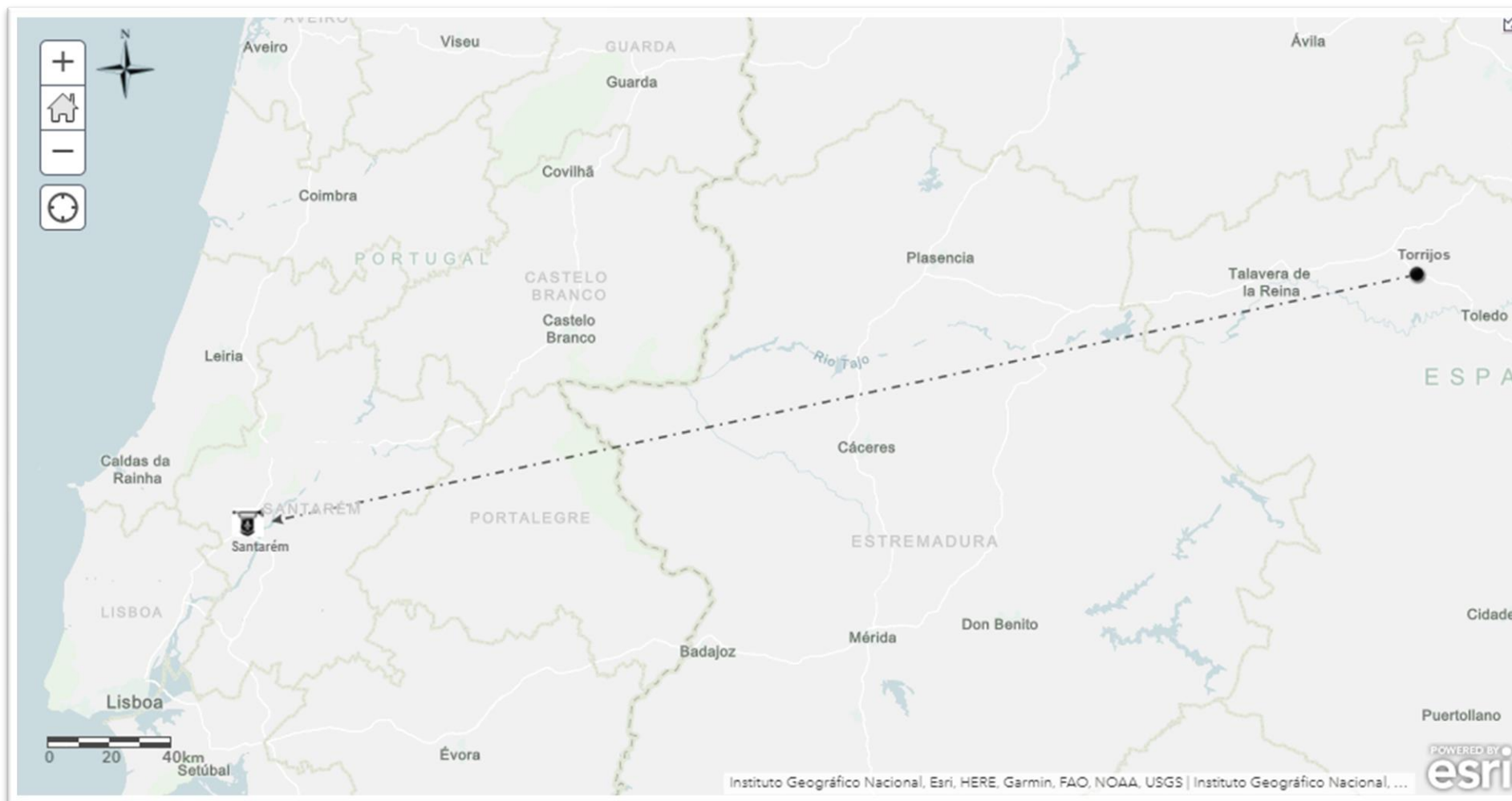
Depois de tomar conhecimento da conspiração encabeçada pela rainha D. Leonor e temendo que esta pudesse mandar novos recados aos lugares do reino para que estes não o recebessem, Juan I mandou a rainha para o mosteiro de Tordesilhas e retornou a Santarém.

Data:	Em data posterior a 14 de janeiro e anterior a 20 de março de 1384.
-------	---

Lugares:	Coimbra	Santarém
Distâncias:	- 110,5 km.	

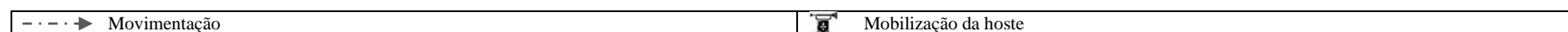
Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LXXXIV (pp.141-142); CDJU, Año Sexto Cap. VII (pp.566-567); CR, p.106

Mapa 51 | Envio de mil lanças por parte do marquês de Vilhena, do arcebispo de Toledo e de Pero Gonçalves de Mendonça, para Santarém (em data anterior a 10 de março de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LXXXVI (pp.143-145); CDJU, Año Sexto Cap. III (pp.562-563)

Legenda:



Enquanto o monarca castelhano permanecia em Santarém, a cada dia vinham-lhe mais gentes da sua terra. Certo dia chegaram-lhe, de Torrijos, o marquês de Vilhena, o arcebispo de Toledo e Pero Gonçalves de Mendonça com mil lanças.

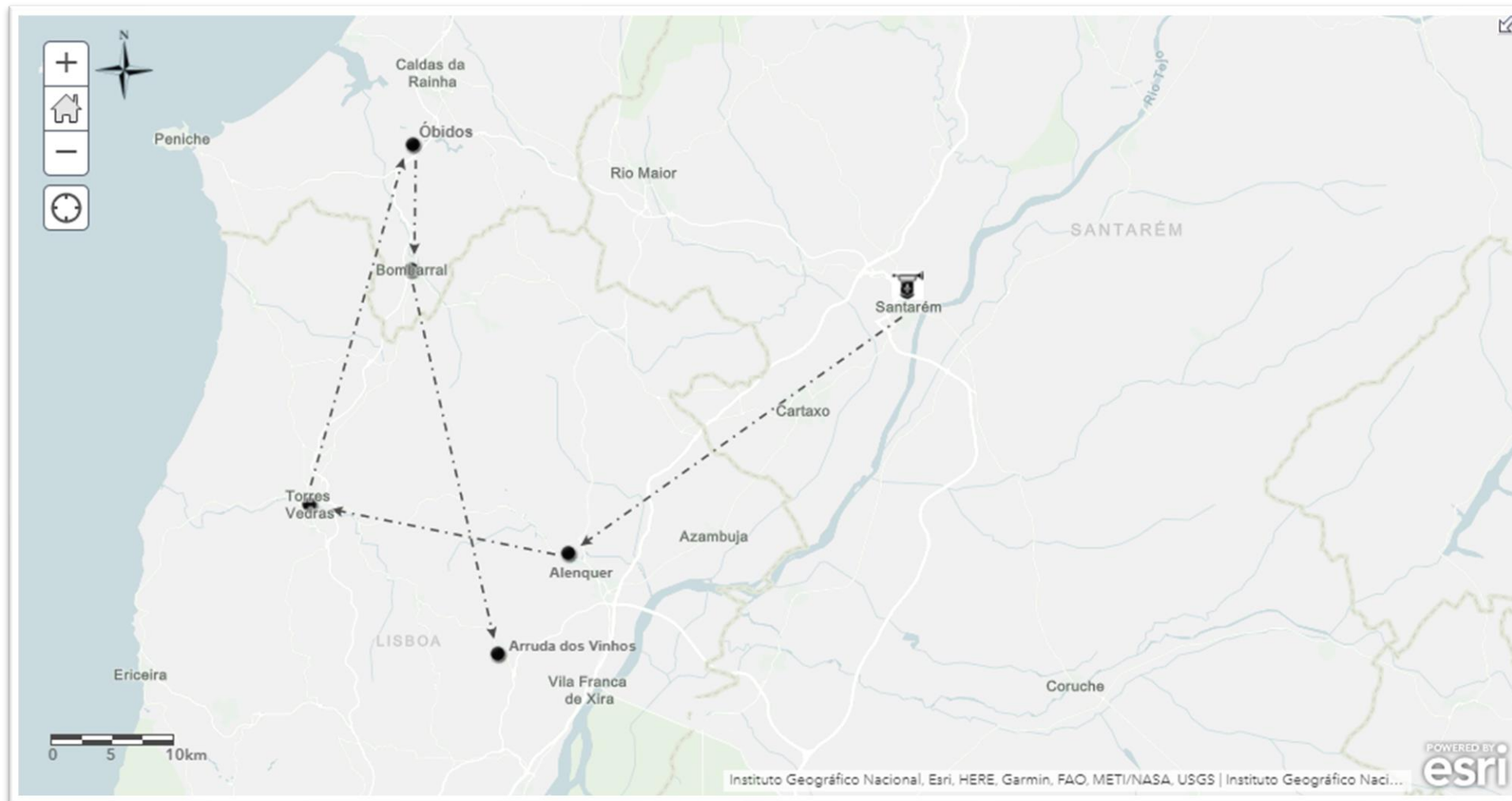
Data:	Em data anterior a 10 de março de 1384.
-------	---

Composição das forças que vieram de Torrijos:	- 1000 lanças.
---	----------------

Lugares:	Torrijos	Santarém
Distâncias:	- 387 km.	

Fonte: CDJ I,1^a, Cap. LXXXVI (pp.143-145); CDJU, Año Sexto Cap. III (pp.562-563)

Mapa 52 | Deslocação de Juan I rumo a Arruda dos Vinhos (entre 10 de março e maio de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. LXXXVI (pp.143-145); CDJU, Año Sexto Cap. VII (pp.566-567)

Legenda:

--->	Movimentação	🛡️	Mobilização da hoste
------	--------------	----	----------------------

No dia 10 de março de 1384 o monarca castelhano partiu de Santarém com a sua hoste e foi para Alenquer. Vasco Peres de Camões que se encontrava no lugar, saiu e foi recebê-lo, tendo feito logo de seguida menagem. Dali partiu e foi para Torres Vedras; o alcaide do lugar Fernando Gonçalves de Meira saiu e foi recebê-lo. Daquele lugar foi para Óbidos e tal como os outros alcaides, também, João Gonçalves de Teixeira o foi receber. Durante quatro dias o monarca castelhano pousou no Bombarral; e dali foi para Arruda dos Vinhos. Naquele lugar houve conselho de guerra e ficou determinado que se cercaria Lisboa assim que a frota castelhana chegasse a Lisboa.

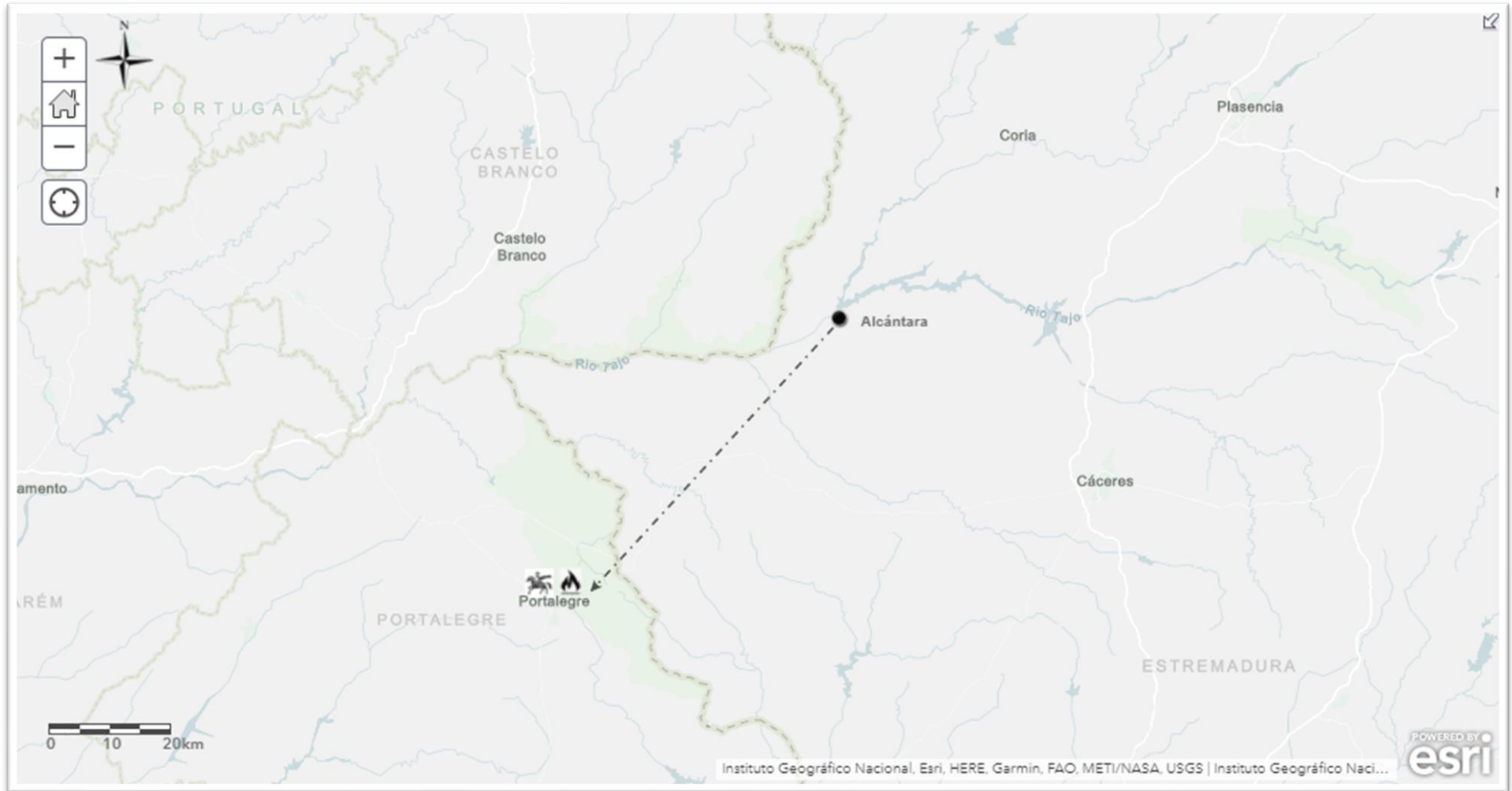
Data:	Março – maio de 1384.
-------	-----------------------

Lugares:	Santarém	Alenquer	Torres Vedras	Óbidos	Bombarral	Arruda dos Vinhos
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 10 de março de 1384.	- Chegaram no mesmo dia (10 de março de 1384).		- Entre finais de março e inícios de abril de 1384.	- Permaneceram 4 dias no lugar.	- Abril e maio de 1384.

Lugares:	Santarém	Alenquer	Alenquer	Torres Vedras	Torres Vedras	Óbidos	Óbidos	Bombarral	Bombarral	Arruda dos Vinhos
Distâncias:	- 34,7 km.		- 21,7 km.		- 30,7 km.		- 10,3 km.		- 32,4 km.	




Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LXXXVI (pp.143-145); CDJU, Año Sexto Cap. VII (pp.566-567)

Mapa 53 | Entrada de Juan Afonso de Guzmán, Conde de Niebla, D. Pedro Álvares, Prior do Hospital e outros senhores em Portugal (entre fevereiro ou março de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. LXXXVII (pp.145-147); CDC, Cap. XXVII (pp.55-59)

Legenda:

 Movimentação	 Cavalgada	 Destruição de vinhas e olivais
--	---	--

Face à perda das vilas e dos castelos da comarca alentejana que estavam por Castela, Juan I encaminhou o seu almirante mor, Fernão Sanches de Tovar de juntar uma força em Alcântara. Os efetivos mobilizados - que integravam o conde de Niebla, Juan Afonso de Guzmán, o prior do Hospital, Pedro Alvares Pereira e o mestre de Alcântara, Diego Martínez – entram em Portugal e atingem Portalegre; nas povoações por onde passavam faziam muitos estragos, cortavam vinhas e olivais.

Data:	Fevereiro (?) – março de 1384.
-------	--------------------------------

Lugares:	Alcântara	Portalegre
Intervalo de Tempo:		- Permaneceram 5 dias no lugar.

Lugares:	Alcântara	Portalegre
Distâncias:	- 66,4 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LXXXVII (pp.145-147); CDC, Cap. XXVII (pp.55-59)

Mapa 54 | Deslocação de Nuno Álvares Pereira a Setúbal (março de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LXXXIX (pp.148-149); Cap. XC (pp.149-150) CDC, Cap. XXVII (pp.55-59); Cap. XXVIII (pp.59-69)

Legenda:

Movimentação	Escutas e guardas, que terá colocado contra o castelo de Palmela
--------------	--

Face à entrada castelhana na comarca alentejana e às solicitações dos concelhos daquela comarca, o Mestre de Avis mandou Nuno Álvares Pereira como fronteiro para o Alentejo. Acompanhado de duzentas lanças, Nuno Álvares partiu de Lisboa e foi para Almada; dali partiu para Coina. Naquele lugar encontrou-se com o Mestre de Avis que para aí tinha ido numa galé. Depois de comerem juntos e de terem falado, no mesmo dia, o mestre retornou a Lisboa e Nuno Álvares partiu para Setúbal. Como esta vila ainda não tinha tomado voz por ninguém não os receberam e por isso, tiveram de pousar no arrabalde. Devido ao forte contingente castelhano que se encontrava em Santarém, Nuno Álvares temia que algumas dessas forças pudessem vir ao seu encontro; e por isso colocou guardas e escutas contra o castelo de Palmela.

Data:	Março de 1384.
-------	----------------

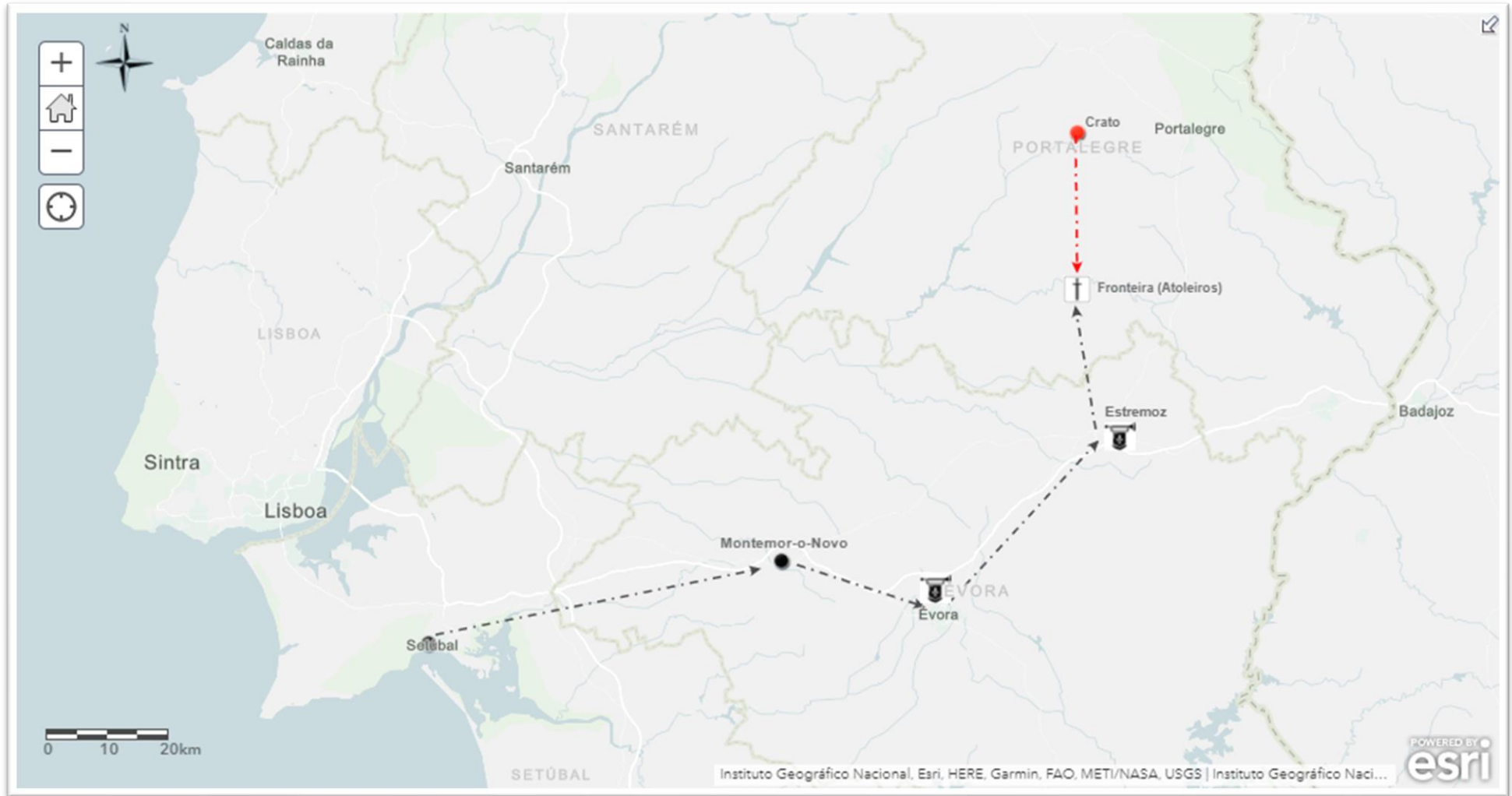
Composição das forças que acompanhavam o Nuno Álvares Pereira:	- 200 lanças.
--	---------------

Lugares:	Lisboa	Almada	Coina	Setúbal
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 7 de março de 1384.	- Chegaram no mesmo dia (7 de março de 1384); - Terão partido do lugar no dia 12 ou 13 de março de 1384.	- No mesmo dia que partiram de Almada (dia 12 ou dia 13 de março de 1384).	- No mesmo dia (dia 12 ou dia 13 de março de 1384).

Lugares:	Lisboa	Almada	Almada	Coina	Coina	Setúbal	Setúbal	Palmela
Distâncias:	- 5,45 km.		- 13,4 km.		- 15,3 km.		- 4,82 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. LXXXIX (pp.148-149); Cap. XC (pp.149-150) CDC, Cap. XXVII (pp.55-59); Cap. XXVIII (pp.59-69); IDN, p. 21

Mapa 55 | Deslocação de Nuno Álvares Pereira até Atoleiros (entre março e abril de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. XCII (pp.152-153); Cap. XCIV (pp.156-157); Cap. XCV (pp.158-161); Cap. CDC, Cap. XXVIII (pp.59-69); CDJU, Año Sexto Cap. IV (pp.563-564)

Legenda:

--->	Movimentação de Nuno Álvares Pereira e da sua hoste	-.-.->	Movimentação castelhana	🏰	Mobilização da hoste	⚔️	Batalha campal
------	---	--------	-------------------------	---	----------------------	----	----------------

De Setúbal, Nuno Álvares Pereira foi para Montemor-o-Novo. Assim como os de Setúbal, os moradores do lugar ainda não tinham tomado voz por nenhum dos lados, contudo, Nuno Álvares conseguiu aliciá-los para a causa do Mestre. Depois de permanecer um dia em Montemor, partiu para Évora. Naquela cidade escreveu a todos os lugares da comarca a solicitar que se juntassem em Évora. Aguardando alguns dias, apenas lhe vieram trinta lanças. Apesar do número reduzido de homens, que totalizavam as duzentas e trinta lanças, partiu para Estremoz. Ali tomou conhecimento que os castelhanos, que andavam naquela comarca, se encontravam no Crato e que tencionavam cercar Fronteira. Devido à proximidade dos lugares e ao número reduzido de homens que dispunha, Nuno Álvares mandou apalancar o arrabalde. Durante alguns dias permaneceu em Estremoz a aguardar por mais forças. Finalmente, no dia 4 de abril de 1384 reuniu todos os homens e fez um alardo, constatando que tinha trezentos homens de cavalo, cem besteiros e pouco mais de mil homens de pé. Na manhã do dia 6 de abril, Nuno Álvares partiu de Estremoz, com a sua hoste, e foi em direção a Fronteira. No caminho encontrou-se com um escudeiro castelhano que vinha em embaixada para tentar demover o comante português da batalha e persuadi-lo a juntar-se ao monarca castelhano. Nuno Álvares não se demoveu da sua intenção e pediu ao escudeiro que fosse a Fronteira dizer aos capitães castelhanos que lhes iria dar batalha. Assim que o escudeiro chegou a Fronteira e transmitiu a informação do comandante português, os castelhanos, que já estavam a combater a vila, foram em direção do caminho de onde viria a hoste portuguesa. Mais ou menos a meia légua da Fronteira, num lugar chamado Atoleiros, encontraram as forças de Nuno Álvares em posição de batalha. Os castelhanos inebriados pela superioridade numérica, lançam-se contra a hoste portuguesa, mas são desbaratados. Alguns castelhanos conseguiram fugir para os lugares que tinham voz por Castela, tais como o Crato e Monforte.

Data:	Março e abril de 1384.
-------	------------------------

Composição da hoste de Nuno Álvares Pereira:	<ul style="list-style-type: none"> - 300 homens de cavalo; - 100 besteiros; - Pouco mais de 1000 homens de pé.
--	---

Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Setúbal	Montemor-o-Novo	Évora	Estremoz	Fronteira (Atoleiros)
Intervalo de Tempo:	- Terão partido do lugar no dia 14 ou 15 de março de 1384.	- Chegaram no mesmo dia (14 ou 15 de março de 1384); - Permaneceram um dia no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (15 ou 16 de março de 1384).	- Chegaram no mesmo dia que partiram de Montemor-o-Novo (15 ou 16 de março de 1384).	- Chegaram ao lugar no dia 4 de abril de 1384; - Partiram do lugar na manhã do dia 6 de abril de 1384.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Estremoz (6 de abril de 1384); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte (7 de abril de 1384) partiram do lugar.

Lugares:	Setúbal	Montemor-o-Novo	Montemor-o-Novo	Évora	Évora	Estremoz	Estremoz	Fronteira (Atoleiros)
Distâncias:	- 60,7 km.		- 27,7 km.		- 42,1 km.		- 23,5 km.	

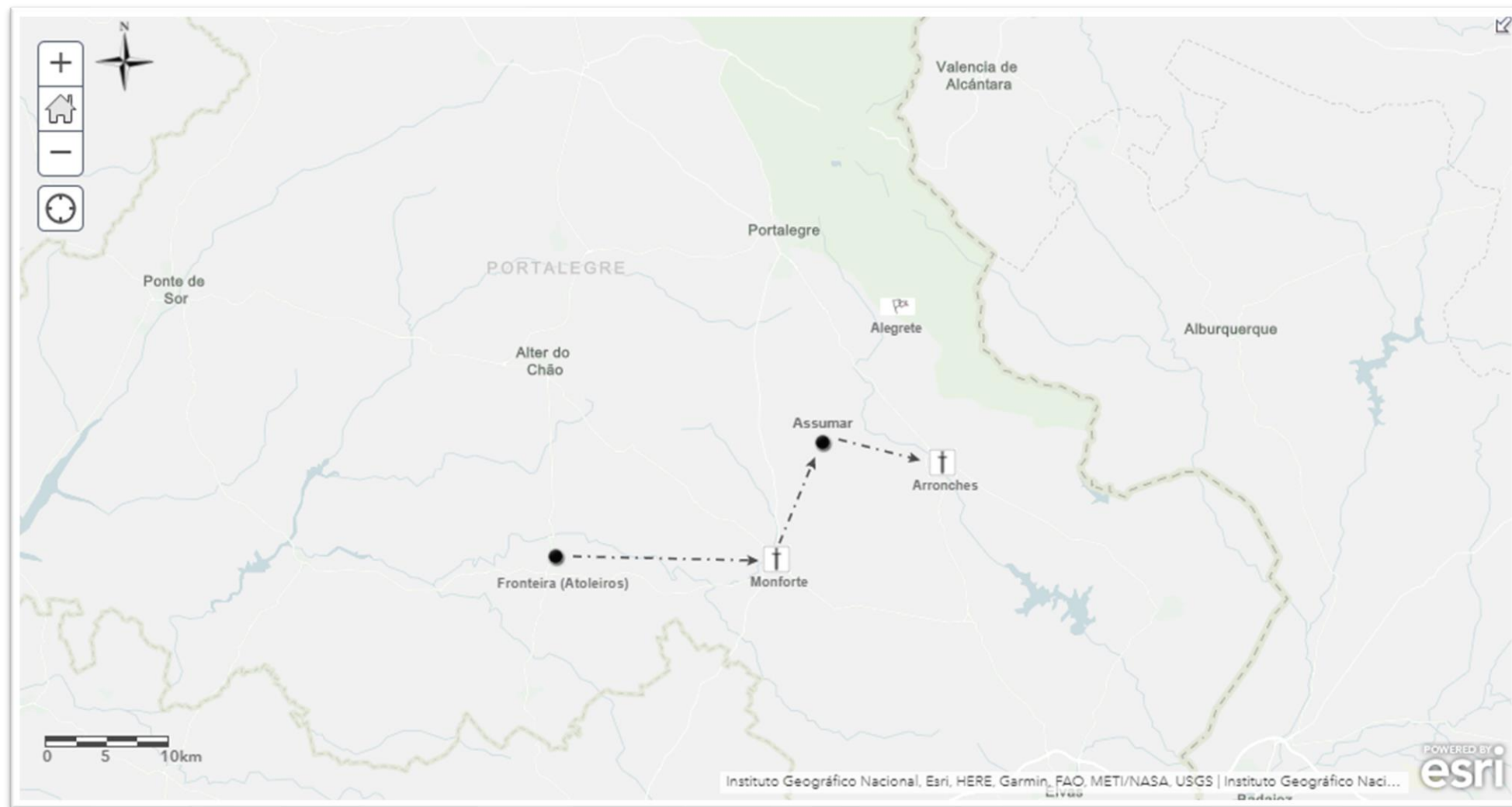
Movimentação dos castelhanos:

Lugares:	Crato	Fronteira (Atoleiros)
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 6 de abril de 1384.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram do Crato (6 de abril de 1384).

Lugares:	Crato	Fronteira (Atoleiros)
Intervalo de Tempo:	- 26,1 km.	

Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. XCII (pp.152-153); Cap. XCIV (pp.156-157); Cap. XCV (pp.158-161); Cap. CDC, Cap. XXVIII (pp.59-69); CDJU, Año Sexto Cap. IV (pp.563-564); IDN, p. 21.

Mapa 56 | Movimentação da hoste de Nuno Álvares Pereira depois de Atoleiros (abril de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. XCVI (pp.161-162); CDC, Cap. XXVIII (pp.59-69)

Legenda:

Movimentação	Escaramuça/combate	Entrega de lugar
--------------	--------------------	------------------

Na manhã do dia 7 de abril de 1384, Nuno Álvares Pereira dirigiu-se com a sua hoste para Monforte com intenções de cercar a vila. No lugar encontrava-se Martim Anes de Barbudo com alguns dos castelhanos que conseguiram fugir da batalha; ao todo totalizavam cerca de trezentas lanças. Apesar de Nuno Álvares não ter consigo qualquer engenho de cerco, escaramuçou com os do lugar, junto do qual permaneceu um dia. Na manhã do dia 8 de abril de 1384 Nuno Álvares foi descalço em romaria a Santa Maria de Assumar. Ali soube que os moradores da vila de Arronches lhe queriam entregar a vila. Assim, na manhã do dia 9 de abril de 1384 foi com a sua hoste a Arronches. A vila foi logo entregue pelos moradores, mas o castelo manteve-se algum tempo por Castela; tendo sido tomado à força depois de alguns combates. Depois do castelo ter sido tomado, os moradores de Alegrete pediram que Nuno Álvares Pereira enviasse alguém para receber o lugar; este enviou Martim Afonso de Aramenha.

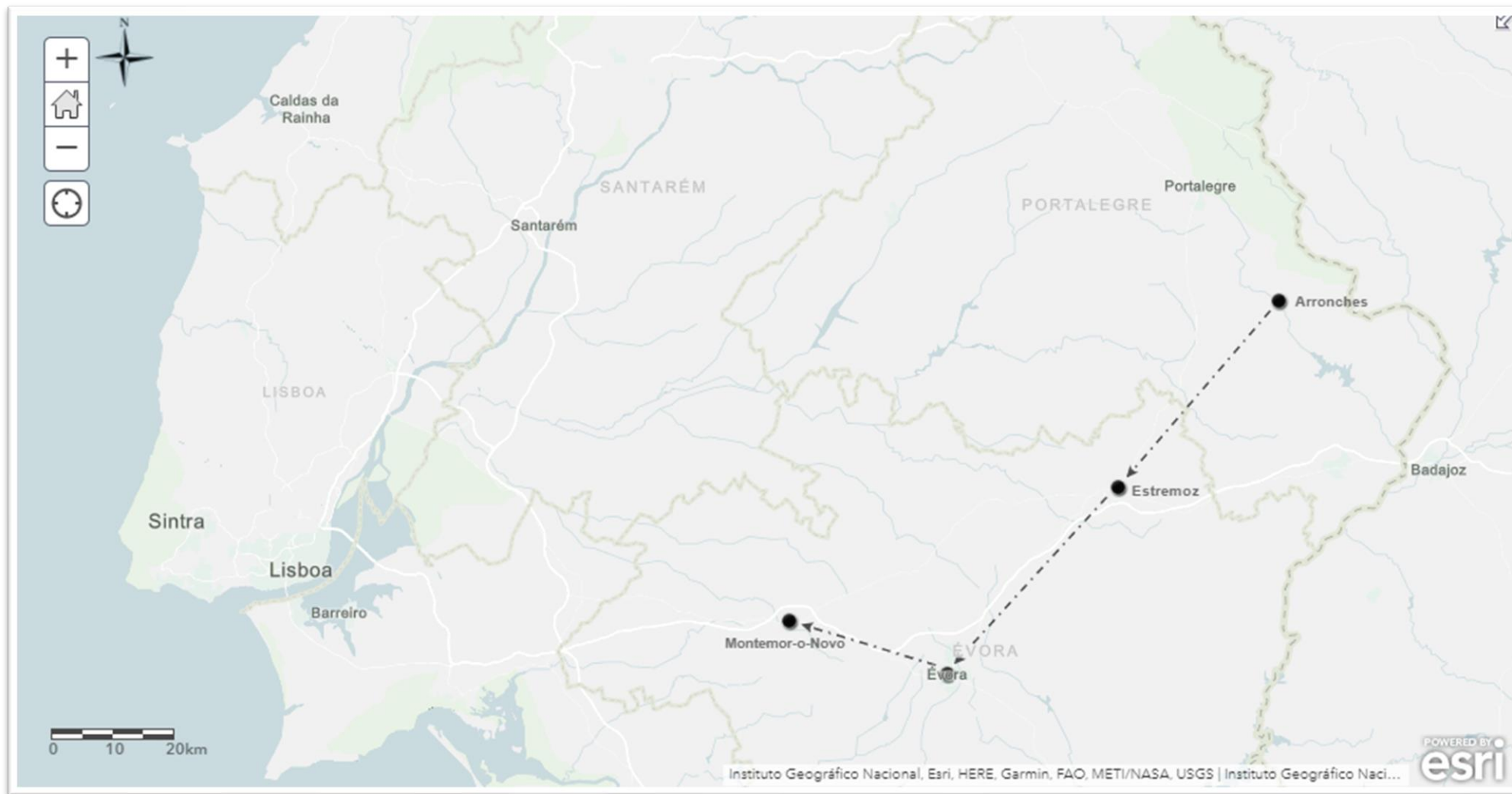
Data:	Abril de 1384.
-------	----------------

Lugares:	Fronteira (Atoleiros)	Monforte	Assumar	Arronches
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 7 de abril de 1384.	- Chegaram no mesmo dia (7 de abril de 1384); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (8 de abril de 1384).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Monforte (8 de abril de 1384); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (9 de abril de 1384).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Assumar (9 de abril de 1384); - Naquele lugar passou a Páscoa (10 de abril de 1384).

Lugares:	Fronteira (Atoleiros)	Monforte	Monforte	Assumar	Assumar	Arronches	Arronches	Alegrete
Distâncias:	- 18,2 km.		- 10,3 km.		- 9,93 km.		- 13,3 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. XCVI (pp.161-162); CDC, Cap. XXVIII (pp.59-69)

Mapa 57 | Deslocação de Nuno Álvares Pereira em direção a Montemor-o-Novo (abril de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. XCVI (pp.161-162); CDC, Cap. XXVIII (pp.59-69)

Legenda:

---> Movimentação

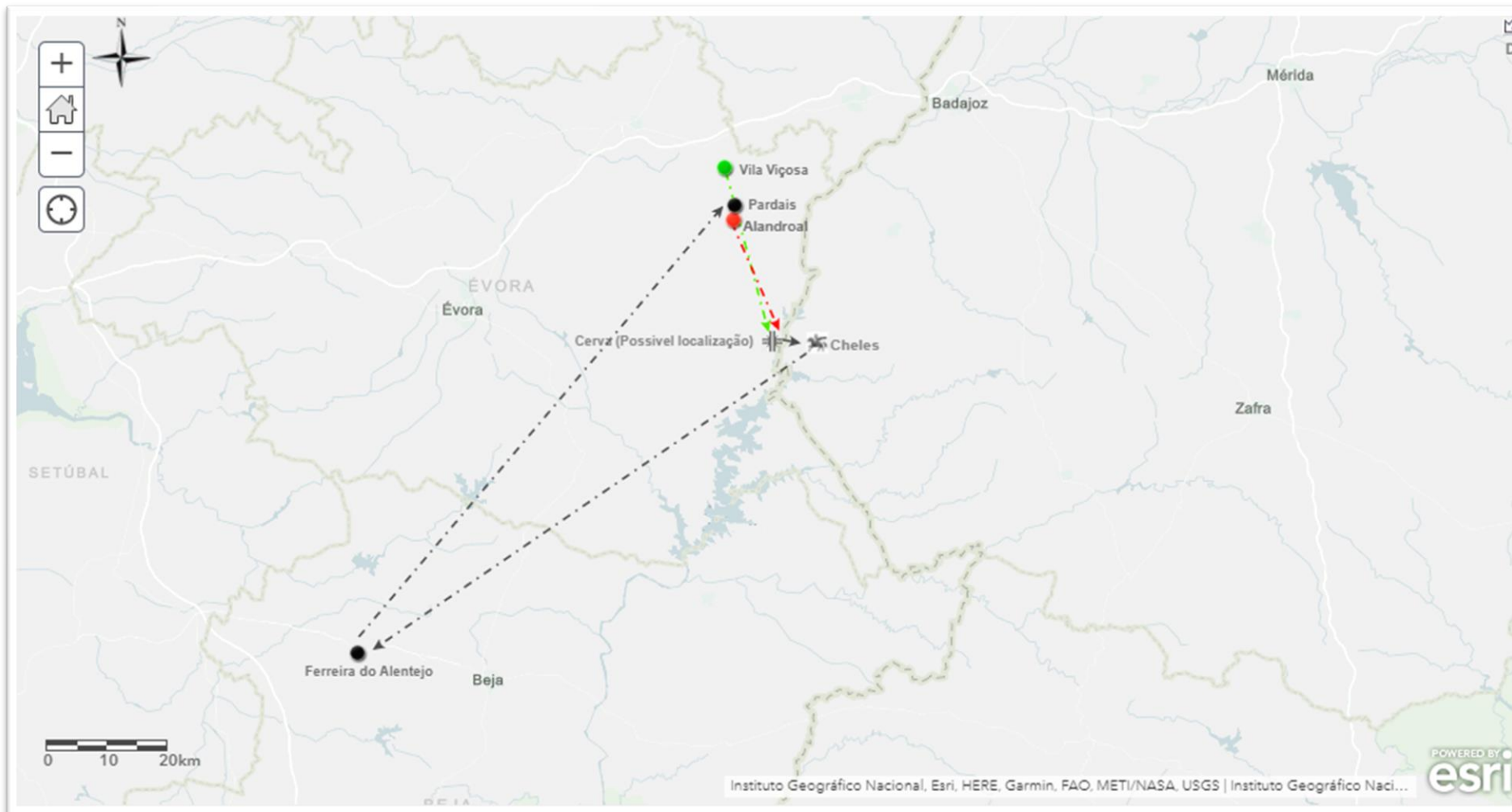
Depois de ter deixado o alcaide Martim Gonçalves, seu tio, em Arronches e de ter passado aí a Páscoa (10 de abril de 1384), Nuno Álvares partiu para Estremoz; dali foi para Évora e daquele lugar para Montemor-o-Novo.

Data:	Em data posterior a 10 de abril de 1384.
-------	--

Lugares:	Arronches	Estremoz	Estremoz	Évora	Évora	Montemor-o-Novo
Distâncias:	- 40,6 km.		- 42,1 km.		- 27,7 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. XCVI (pp.161-162); CDC, Cap. XXVIII (pp.59-69)

Mapa 58 | Cavalgada de Álvaro Gonçalves Coitado e de Pedro Rodrigues sobre Castela (em data posterior a 10 de abril de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. XCVII (pp.163-164)

Legenda:

Movimentação de Álvaro Coitado	Movimentação de Pedro Rodrigues	Movimentação de todas as forças	Travessia de rio (através do porto de Cervz)	Cavalgada
--------------------------------	---------------------------------	---------------------------------	--	-----------

O Mestre de Avis mandou Álvaro Coitado com trinta lanças para Vila Viçosa onde estava o alcaide Vasco Porcalho. Como Álvaro Coitado era muito amigo de Pedro Rodrigues, alcaide do Alandroal, certo dia combinaram de fazer uma cavalgada em Castela. Álvaro Coitado juntou trinta escudeiros e cento e cinquenta homens de pé e o alcaide do Alandroal, juntou quinze homens de cavalo e cinquenta homens de pé. Juntos, totalizavam quarenta e cinco homens de cavalo e duzentos homens de pé. Passaram a noite em Cerva, junto ao Guadiana, e às quatro da manhã chegaram a Cheles. Na cavalgada tomaram setecentos novilhos, mil e quatrocentas vacas, vinte e seis éguas e nove poldros. De regresso a Portugal, passaram por Ferreira do Alentejo e foram ao campo dos Pardais, onde repartiram o espólio.

Data:	Em data posterior a 10 de abril de 1384.
-------	--

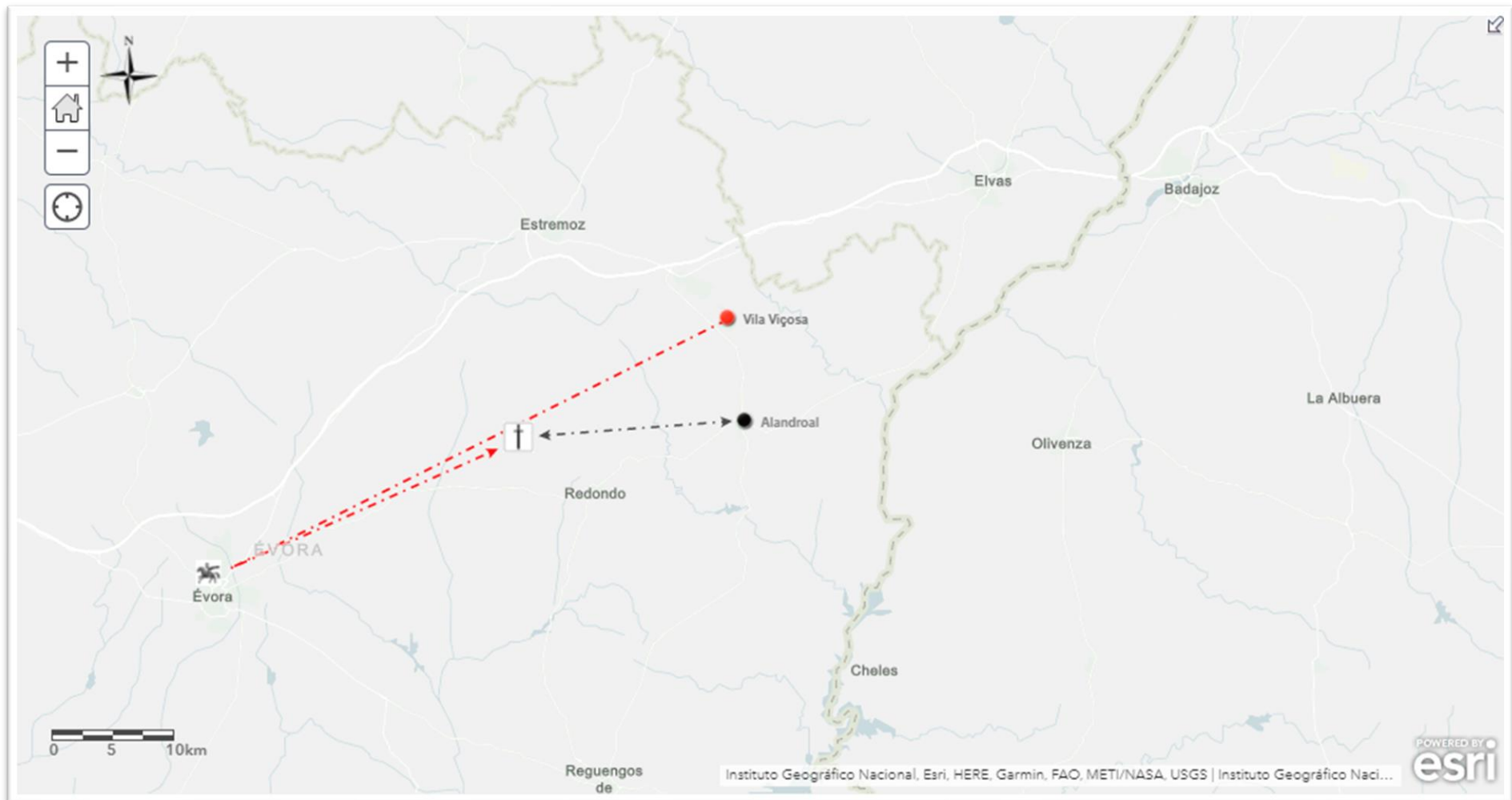
Forças de Álvaro Coitado:	- 30 escudeiros; - 150 homens de pé.
Forças de Pedro Rodrigues, alcaide do Alandroal:	- 15 homens de cavalo; - 50 homens de pé.
Composição da força que foi fazer a cavalgada:	- 45 homens de cavalo; - 200 homens de pé.

Lugares:	Vila Viçosa Alandroal	Cerva	Cheles	Ferreira do Alentejo	Pardais
Intervalo de Tempo:		- Possivelmente terão chegado ao lugar no mesmo dia em que partiram de Vila Viçosa e do Alandroal. - Passaram parte da noite no lugar; - Partiram durante a noite.	- Chegaram ao lugar às 4 da manhã.		

Lugares:	Vila Viçosa	Alandroal	Vila Viçosa	Cerva	Alandroal	Cerva	Cerva	Cheles	Cheles	Ferreira do Alentejo	Ferreira do Alentejo	Pardais
Distâncias:	- 8,57 km.		- 30,2 km.		- 21,7 km.		- 3,19 km.		- 89 km.		- 96,7 km.	





Fonte: CDJ I,1^a, Cap. XCVII (pp.163-164); IDN, p. 117

Mapa 59 | Emboscada feita pelos do Alandroal aos castelhanos que forram fustigar Évora (em data posterior a 10 de abril de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CI (pp.169-172)

Legenda:

 Movimentação dos castelhanos	 Movimentação (ida e volta) de Pedro Rodrigues e das suas forças	 Correr a terra/cavalgada	 Localização hipotética do lugar, na estrada entre Évora e Vila Viçosa, onde se deu a emboscada e escaramuça
--	---	--	---

Depois de Vasco Porcalho trair o Mestre de Avis e tomar Vila Viçosa; numa certa noite os comendadores de Calatrava e “Çallamea” - com uma força que totalizava os duzentos homens de pé, cem homens de cavalo - partiram daquele lugar e foram assolar a comarca de Évora.

No caminho um pajem português que integrava o contingente conseguiu fugir e alertar o alcaide do Alandroal, Pedro Rodrigues. Este, juntamente com os escudeiros de Nuno Álvares e o pajem, decidiu aguardar no caminho por onde os castelhanos iriam passar para os emboscar. Com uma força composta por vinte seis homens de cavalo e sessenta homens de pé, às seis da manhã, posicionaram-se numa elevação junto da estrada que vai de Vila Viçosa para Évora. Por volta do meio-dia apareceram os castelhanos que foram desbaratados.

Pedro Rodrigues retornou ao Alandroal com todo o saque que recuperaram dos castelhanos.

Data:	Em data posterior a 10 de abril de 1384.
-------	--

Composição da força dos comendadores:	- 200 homens de pé; - 100 homens de cavalo.
Composição da força de Pedro Rodrigues:	- 26 homens de cavalo; - 60 homens de pé.

Movimentação dos castelhanos:

Lugares:	Vila Viçosa	Évora	Algures na estrada que vai de Vila Viçosa para a cidade de Évora
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar de noite.	- No dia seguinte.	- No mesmo dia.

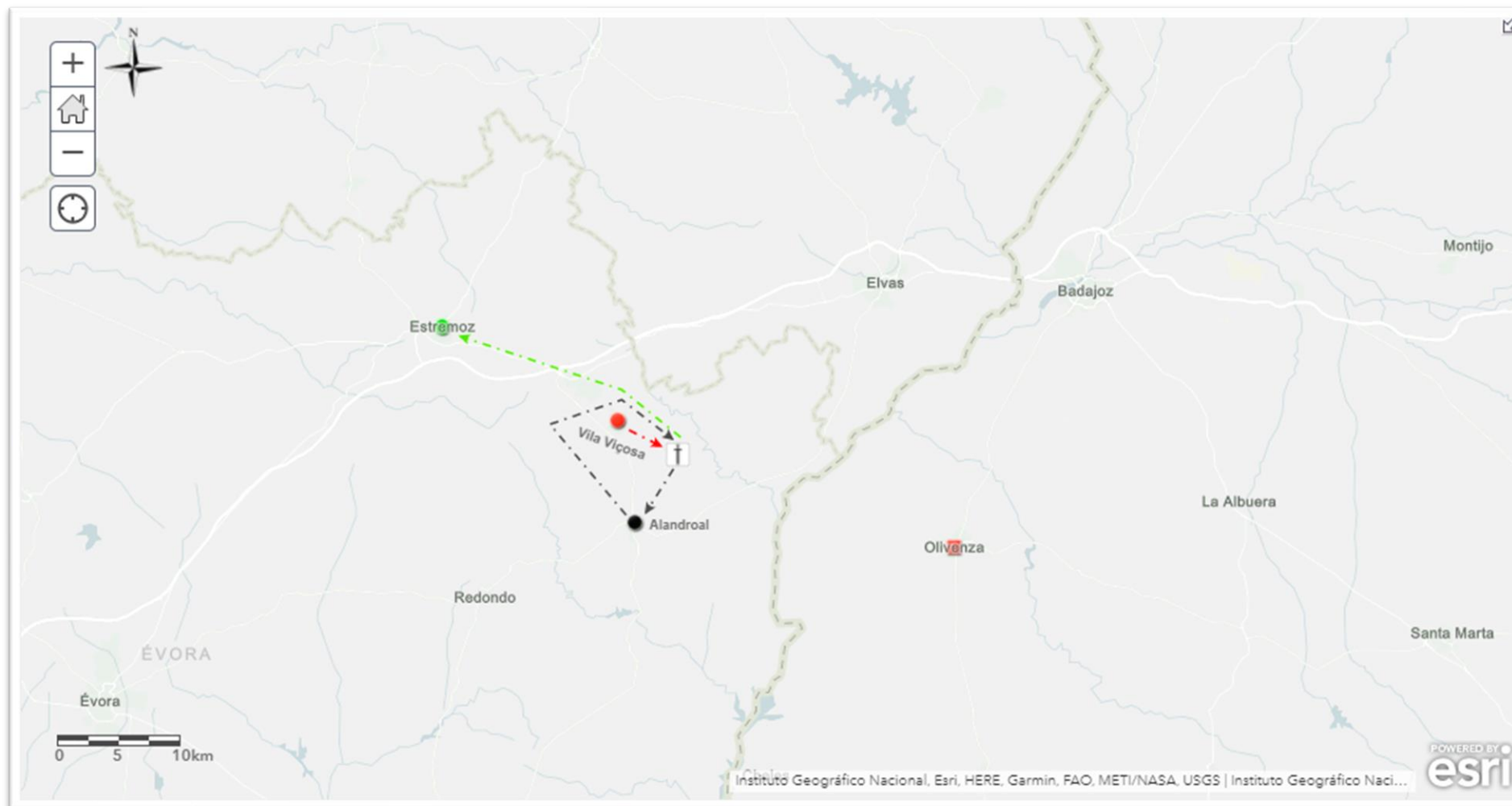
Lugares:	Vila Viçosa	Évora	Vila Viçosa	Alandroal
Distâncias:	- 48,9 km.		- 8,57 km.	

Movimentação das forças de Pedro Rodrigues:

Lugares:	Alandroal	Algures na estrada que vai de Vila Viçosa para a cidade de Évora	Alandroal
Intervalo de Tempo:		- Estiveram no lugar desde as 6 da manhã até ao meio-dia.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CI (pp.169-172); IDN, p. 117

Mapa 60 | Movimentações até ao resgate de Álvaro Coitado (segunda quinzena de dezembro de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CII (pp.172-175); CDC, Cap. XL (pp.96)

Legenda:

- · - · - · → Movimentação de Pedro Rodrigues e das gentes que foram com ele	- · - · - · → Movimentação castelhana	- · - · - · → Movimentação de Álvaro Coitado e das gentes que foram com ele	⊥ Localização hipotética do lugar, junto do pinhal, onde se deu a emboscada	■ Lugar para onde os castelhanos tencionavam transportar Álvaro Coitado
--	---------------------------------------	---	---	---

Através do espião que Pedro Rodrigues tinha em Vila Viçosa, foi possível saber que Álvaro Coitado iria ser transportado naquela noite para Olivença. Pero Rodriguez decidiu lançar uma cilada num pinhal, perto de Vila Viçosa, por onde o transporte iria passar. Depois do sol-posto, partiu do Alandroal - com dezasseis escudeiros de Nuno Álvares, quinze escudeiros seus e cinquenta homens de pé - e foi em direção de Estremoz. Quando já era de noite, deu a volta e encobertamente foi, por outro caminho, para o pinhal. Naquele lugar souberam - através do espião e dos dois escudeiros que, entretanto, tinham sido enviados a Vila Viçosa – que o transporte de Álvaro Coitado vinha escoltado por noventa homens de cavalo, sessenta homens de pé e vinte e cinco besteiros. Quando os castelhanos estavam a passar pelo local onde as forças portuguesas se encontravam escondidas, estas saíram-lhes ao caminho desbaratando-os e libertando o prisioneiro. De seguida. Álvaro Coitado foi para Estremoz - com alguns homens de pé e com os dezasseis escudeiros de Nuno Álvares - e Pero Rodriguez retornou ao Alandroal.

Data:	Segunda quinzena de dezembro de 1384.
-------	---------------------------------------

Composição da força de Pedro Rodrigues:	- 31 escudeiros; - 50 homens de pé.
Composição da força castelhana que transportava o transporte de Álvaro Coitado:	- 90 homens de cavalo; - 60 homens de pé; - 25 besteiros.

Movimentação de Pedro Rodrigues:

Lugares:	Alandroal	Pinhal acerca de Vila Viçosa, onde se realizou a emboscada
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar à tarde depois do sol-posto.	- Chegaram ao lugar de noite.

Lugares:	Alandroal	Vila Viçosa	Alandroal	Estremoz
Distâncias:	- 8,57 km.		- 22,8 km.	

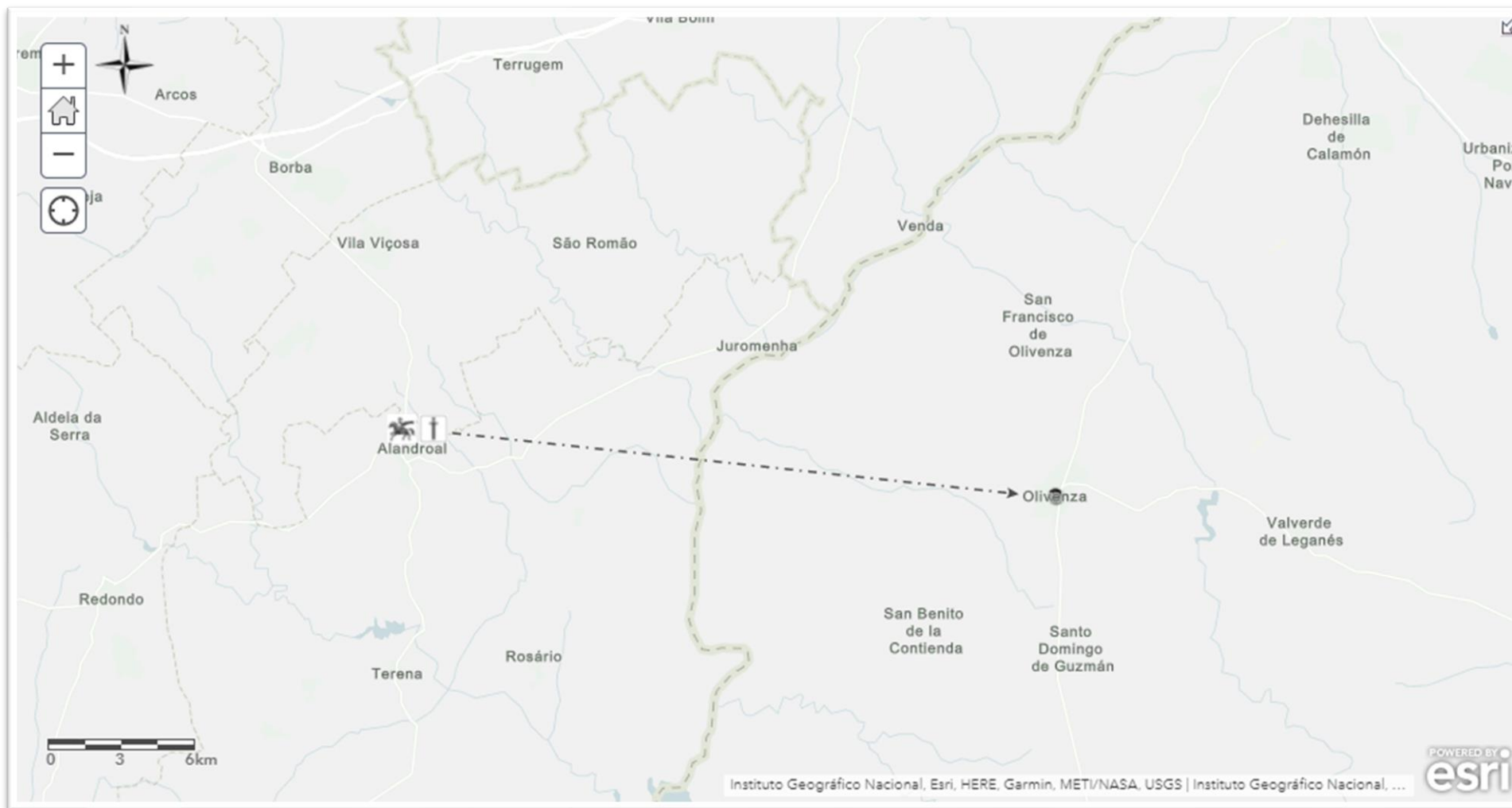
Movimentação dos castelhanos:

Lugares:	Vila Viçosa	Pinhal acerca de Vila Viçosa, onde se realizou a emboscada
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar de noite.	- Chegaram ao lugar na mesma noite.

Lugares:	Vila Viçosa	Olivenza
Distâncias:	- 29,8 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CII (pp.172-175); CDC, Cap. XL (pp.96); IDN, p. 32.

Mapa 61 | Regresso de Vasco Porcalho depois da cavalgada contra o Alandroal (em data posterior a 10 de abril de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CIV (pp.177-178)

Legenda:

Movimentação de Vasco Porcalho depois da cavalgada e escaramuça	Correr a terra/cavalgada	Cilada/escaramuça
---	--------------------------	-------------------

Numa manhã, Vasco Porcalho - acompanhado de cento e cinquenta de cavalo e duzentos homens de pé - foi fustigar o Alandroal, vindo de Olivença. Já nas imediações do alvo, num lugar chamado Pinheiro, decidiu fazer uma cilada aos da vila; e para isso enviou vinte homens de cavalo até às portas da vila para os atraírem até ao lugar onde estavam. Como era esperado, Pedro Rodrigues saiu da vila - com dez homens de cavalo e setenta e cinco homens de pé – e, caindo na armadilha, acabou por se envolver numa escaramuça, mas conseguiu escapar para dentro da vila. Depois da cavalgada, onde tomou setecentas cabras, Vasco Porcalho voltou para Olivença.

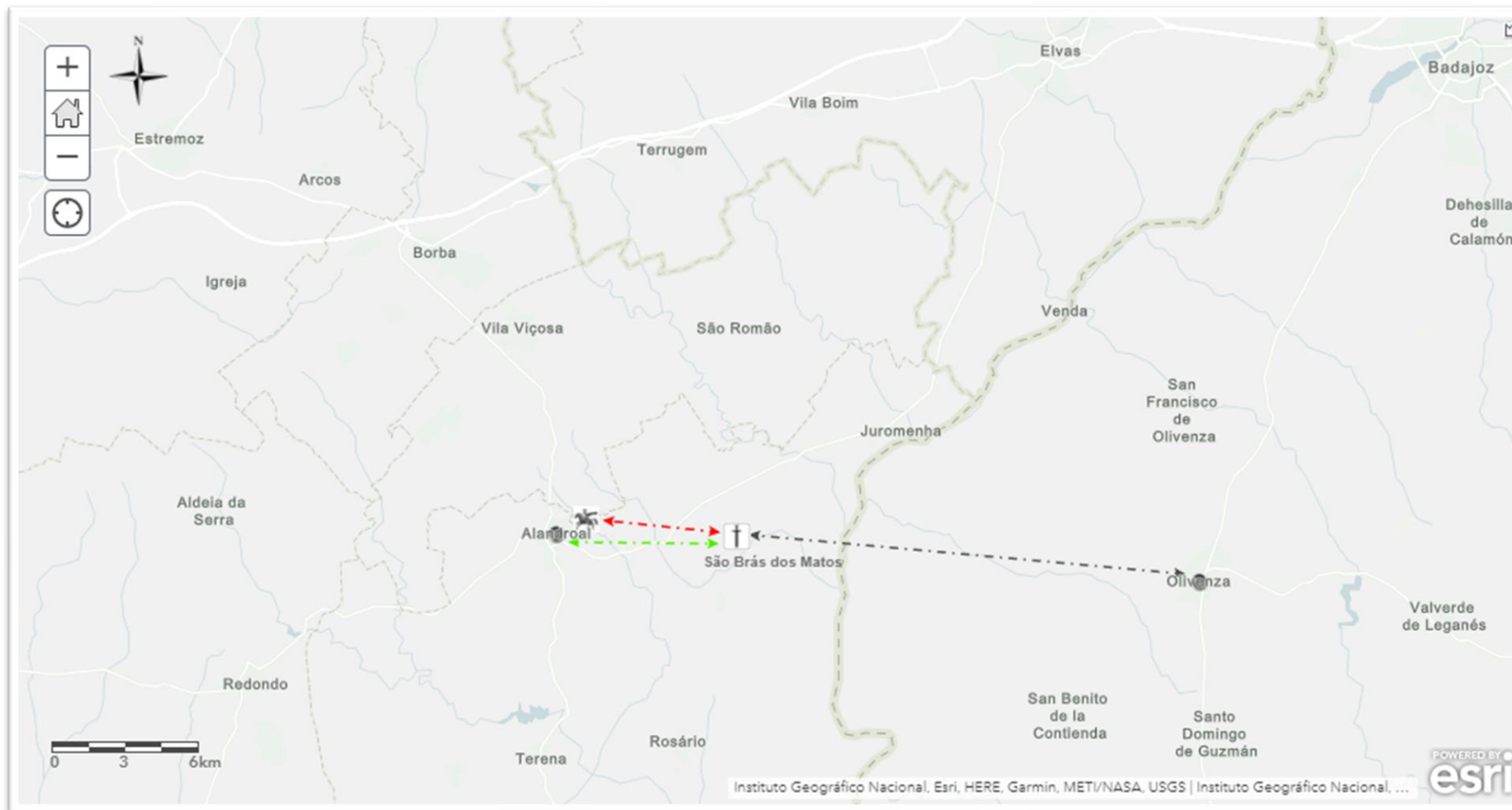
Data:	Em data posterior a 10 de abril de 1384.
-------	--

Composição da força de Vasco Porcalho:	- 150 de cavalo; - 200 homens de pé.
Composição da força de Pedro Rodrigues:	- 10 homens de cavalo; - 75 homens de pé.

Lugares:	Alandroal	Olivença
Distâncias:	- 26,6 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CIV (pp.177-178); IDN, p. 118

Mapa 62 | Tentativa de cilada por parte do alcaide de Olivença aos do Alandroal (em data posterior a 10 de abril de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CV (pp.178-180)

Legenda:

Movimentação (ida e volta) do alcaide de Olivença e das suas forças	Movimentação dos ginetes castelhanos enviados contra a vila	Movimentação dos do Alandroal	Correr a terra	Escaramuça (ocorreu em São Brás dos Matos)
---	---	-------------------------------	----------------	--

Pero Rodriguez Fonseca, alcaide de Olivença – acompanhado com duzentos homens de cavalo e trezentos homens de pé – partiu de noite e foi para junto do mosteiro de São Brás dos Matos. Naquele lugar decidiu fazer uma cilada aos do Alandroal. O plano consistia em mandar alguns de cavalo fustigar a vila para os atrair para aquele lugar. Assim, na manhã seguinte, Pero Rodriguez Fonseca mandou quarenta ginetes contra a vila; os moradores quando viram aqueles cavaleiros iniciaram a perseguição, de tal modo que, as forças perseguidoras não foram pelo caminho que deviam seguir e foram diretamente sobre o lugar onde se encontrava Pero Rodriguez Fonseca. Os castelhanos apanhados de surpresa, muitos nem sequer estavam montados, começaram a fugir para os matos. Pero Rodriguez Fonseca conseguiu retornar para Olivença. Passados dois dias chegaram àquele lugar alguns dos que tinham fugido para os matos.

Data:	Em data posterior a 10 de abril de 1384.
-------	--

Composição da força de Pero Rodriguez Fonseca, alcaide de Olivença:	- 200 homens de cavalo; - 300 homens de pé.
---	--

Movimentação dos portugueses:

Lugares:	Alandroal	São Brás dos Matos	Alandroal
Intervalo de Tempo:	- Mesmo dia.	- Mesmo dia.	- Mesmo dia.

Lugares:	Alandroal	São Brás dos Matos
Distâncias:	- Segundo as crónicas 1 grande légua; - 7,17 km.	

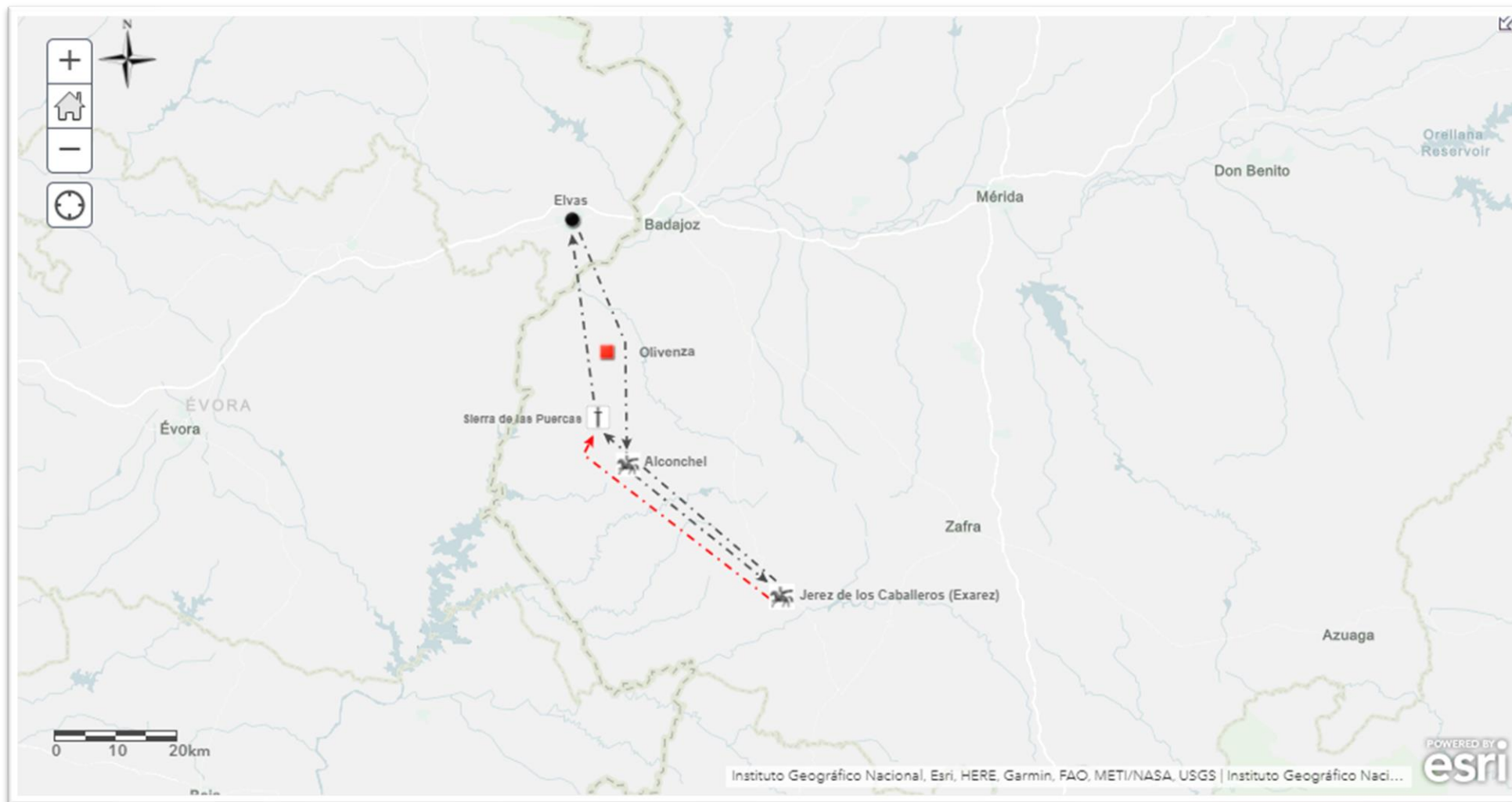
Movimentação dos castelhanos:

Lugares:	Olivença	São Brás dos Matos	Olivença
Intervalo de Tempo:		<ul style="list-style-type: none">- Chegaram de noite ao lugar;- Na manhã do dia seguinte, partiram daquele lugar 40 ginetes em direção ao Alandroal para os atraírem;- Naquele mesmo dia chegaram os 40 ginetes e os portugueses, dando-se uma forte escaramuça.	<ul style="list-style-type: none">- Chegaram no mesmo dia.

Lugares:	Olivença	São Brás dos Matos
Distâncias:	- 19,5 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CV (pp.178-180); IDN, p. 118

Mapa 63 | Cavalgada feita pelos de Elvas sobre Jerez de los Caballeros (em data posterior a 10 de abril de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CVII (pp.181-182)

Legenda:

Movimentação dos de Elvas	Movimentação castelhana	Cavalgada	Combate/escaramuça	Olivença
---------------------------	-------------------------	-----------	--------------------	----------

Gil Fernandes de Elvas - com uma força que totalizava os cem homens de cavalo e quatrocentos homens de pé – entrou em Castela. Entrando perto de Olivença, atacou Alconchel e Jerez de los Caballeros. Na cavalgada fizeram bastantes prisioneiros e um grande roubo de vacas e ovelhas. No regresso a Portugal os moradores de Jerez e dos lugares em redor, juntaram uma força - composta por trezentas lanças e muitos homens de pé - para irem sobre os portugueses. Na Sierra de las Puercas os portugueses anteciparam-se e lançaram-se sobre os castelhanos, que já se encontravam no lugar, desbaratando-os, após o que regressaram a Elvas.

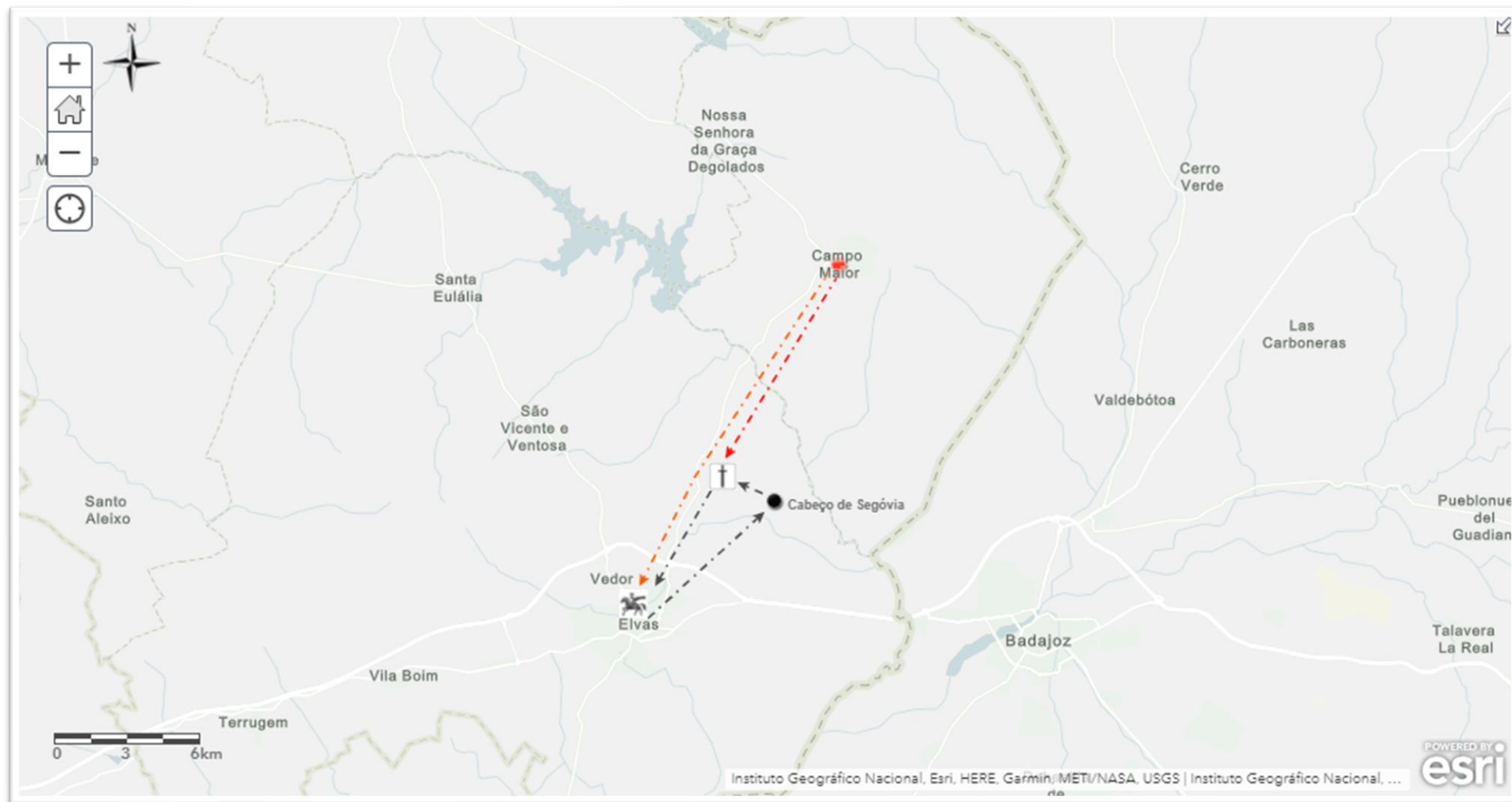
Data:	Em data posterior a 10 de abril de 1384.
-------	--

Composição da força de Gil Fernandes:	- 100 homens de cavalo; - 400 homens de pé.
Composição da força mobilizada pelos castelhanos:	- 300 lanças; - Muitos homens de pé.

Lugares:	Elvas	Alconchel	Alconchel	Jerez de los Caballeros (Exarez)	Jerez de los Caballeros (Exarez)	Sierra de las Puercas	Sierra de las Puercas	Elvas	Elvas	Olivenza
Distâncias:	- 41,2 km.		- 34,1 km.		- 41,6 km.		- 34 km.		- 22,6 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CVII (pp.181-182); IDN, p. 118

Mapa 64 | Escaramuça perto do cabeço de Segóvia, onde morreu Paio Rodrigues Marinho (em data posterior a 10 de abril de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CVIII (pp.182-184)

Legenda:

Movimentação dos 20 de cavalo que foram fustigar Elvas	Movimentação de Paio Rodrigues Marinho	Movimentação dos de Elvas	Correr a terra	Escaramuça
--	--	---------------------------	----------------	------------

A mando de Paio Rodrigues Marinho, vinte homens de cavalo de Campo Maior, foram fustigar Elvas. Apercebendo-se da aproximação daqueles homens, Gil Fernandes saiu de Elvas com cinquenta homens de cavalo e conseguiu capturar cinco combatentes inimigos. Através desses prisioneiros tomou conhecimento que Paio Rodrigues se preparava para vir também contra Elvas com oitenta homens de cavalo. Informado da ameaça, Gil Fernandes decidiu posicionar as suas forças junto do castro da Segóvia, por onde iriam passar as forças inimigas.

Da escaramuça que então teve lugar, resultou a morte de Paio Rodrigues e o aprisionamento de muitos dos seus homens. Terminado o combate Gil Fernandes retornou a Elvas.

Data:	Em data posterior a 10 de abril de 1384.
-------	--

Composição das forças de Pae Rodriguez Marinho:	- 80 homens de cavalo.
Composição das forças de Gil Fernandes:	- 50 homens de cavalo.

Lugares:	Campo Maior	Elvas	Elvas	Cabeço de Segóvia	Cabeço de Segóvia	Campo Maior
Distâncias:	- 17,1 km.		- 7,58 km.		- 10,2 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CVIII (pp.182-184); IDN, pp. 118-119

Mapa 65 | Tentativa de tomada do castelo de Alenquer por parte de miçer Manuel com o apoio de alguns moradores da vila (possivelmente entre 4 de abril e 5 de abril de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CIX (pp.184-186)

Legenda:

<p>← ··· → Movimentação (ida e volta) de miçer Manuel e dos 50 homens de armas</p>	<p>---> Movimentação de Garcia Fernandez de Vila de Odre, com muitas gentes</p>	<p>⊠ Combate, tentativa de tomada do castelo de Alenquer</p>	<p>■ Bombarral (lugar onde se encontrava o monarca castelhano com um grande contingente)</p>
--	--	--	--

Para conseguirem tomar a vila e o castelo para o mestre, alguns moradores de Alenquer solicitara-lhe cinquenta homens de armas. O Mestre de Avis naquela noite mandou os homens. Estes foram em duas galés, capitaneadas por micer Manuel, até à Meirinha. Apesar de terem sido vistos quando chegaram ao lugar, ao início da manhã, entraram na vila, e juntamente com aqueles moradores avançaram diretamente contra o castelo. Antes de iniciarem o combate, tentaram demover o alcaide a entregar o castelo ao mestre; mas constando que este não pretendia dar o castelo, começaram a combatê-lo. À tarde chegaram rumores segundo os quais o monarca castelhano, que se encontrava no Bombarral, tinha enviado uma força para socorrer o alcaide Vasco Peres de Camões; outros diziam que era o próprio monarca que vinha em seu socorro. Vendo que não conseguiam tomar o castelo e face aos rumores que ouviram, retornaram para Lisboa. Alguns moradores do lugar, temendo represálias também foram para Lisboa. No dia seguinte, chegou a Alenquer uma força castelhana capitaneada por García Fernández de Vila de Odra.

Data:	Abril de 1384.
-------	----------------

Composição da força portuguesa enviada para Alenquer:	- 50 homens de armas.
---	-----------------------

Movimentação de miçer Manuel:

Lugares:	Lisboa	Meirinha	Alenquer	Meirinha	Lisboa
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar de noite.	- Chegaram ao lugar de manhã (? 4 de abril de 1384).	- Ainda naquela manhã chegaram ao lugar (? 4 de abril de 1384); - Estiveram no lugar até à tarde daquele dia (? 4 de abril de 1384).	- Ainda naquele dia (? 4 de abril de 1384).	- Ainda naquele dia; (? 4 de abril de 1384).

Lugares:	Lisboa	Meirinha	Meirinha	Alenquer	Alenquer	Meirinha	Meirinha	Lisboa
Distâncias:	- 36,4 km.		- 5,63 km.		- 5,63 km.		- 36,4 km.	

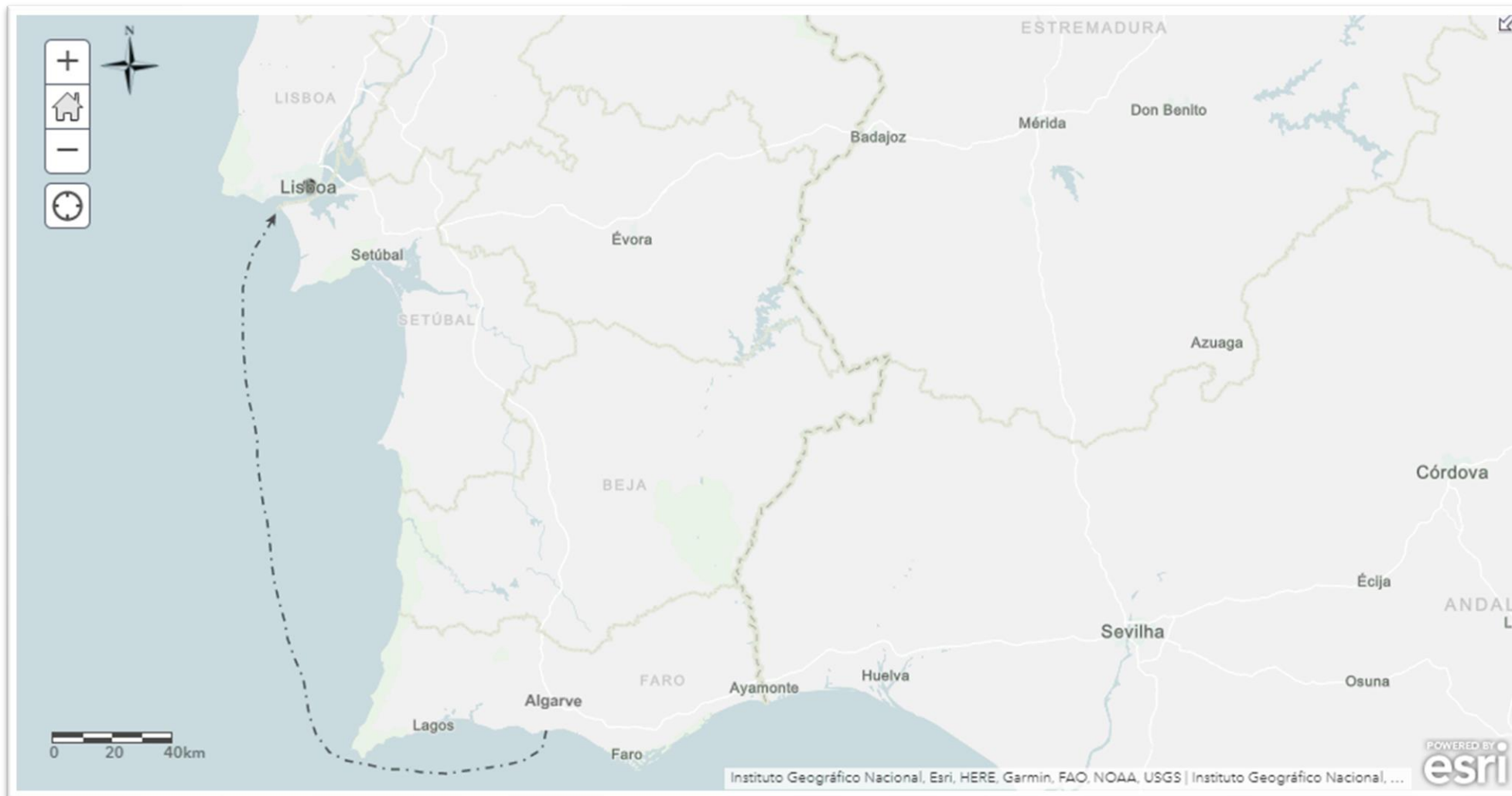
Movimentação dos castelhanos:

Lugares:	Bombarral	Alenquer
Intervalo de Tempo:	- (?) 5 de abril de 1384.	- Ainda naquele dia (? 5 de abril de 1384).

Lugares:	Bombarral	Alenquer
Distâncias:	- 26,7 km.	

Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CIX (pp.184-186); IDN, p. 112

Mapa 66 | Deslocação de uma galé e uma galeota do Algarve a Lisboa (abril-maio de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CX (pp.186)

Legenda:

---> Movimentação

Sabendo que a frota castelhana vinha para bloquear Lisboa, depois do conselho, o mestre decidiu armar as embarcações que estavam sobre a cidade e enviá-las para o Porto. Em breve dias foram armadas doze galés; do Algarve vieram, devidamente armadas, uma galé e uma galeota.

Data:	(?) abril de 1384 – (?) maio de 1384.
-------	---------------------------------------

Composição das embarcações que vieram do algarve:	- 1 galé; - 1 galeota.
---	---------------------------

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CX (pp.186)

Mapa 67 | Deslocação das embarcações capitaneadas por Gonçalo Rodrigues de Sousa de Lisboa para o Porto (maio de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXI (pp.187-189); Cap. CXVII (pp.201-202)

Legenda:

Movimentação	Roubo de mantimentos
--------------	----------------------

Antes da chegada da frota castelhana à foz do Tejo, no dia 14 de maio de 1384, as treze galés e as sete naus capitaneadas por Gonçalo Rodrigues de Sousa partiram de Lisboa para o Porto. No caminho passaram pela Atouguia da Baleia, que tinha voz por Juan I e onde roubaram mantimentos.

Data:	Maio de 1384.
-------	---------------

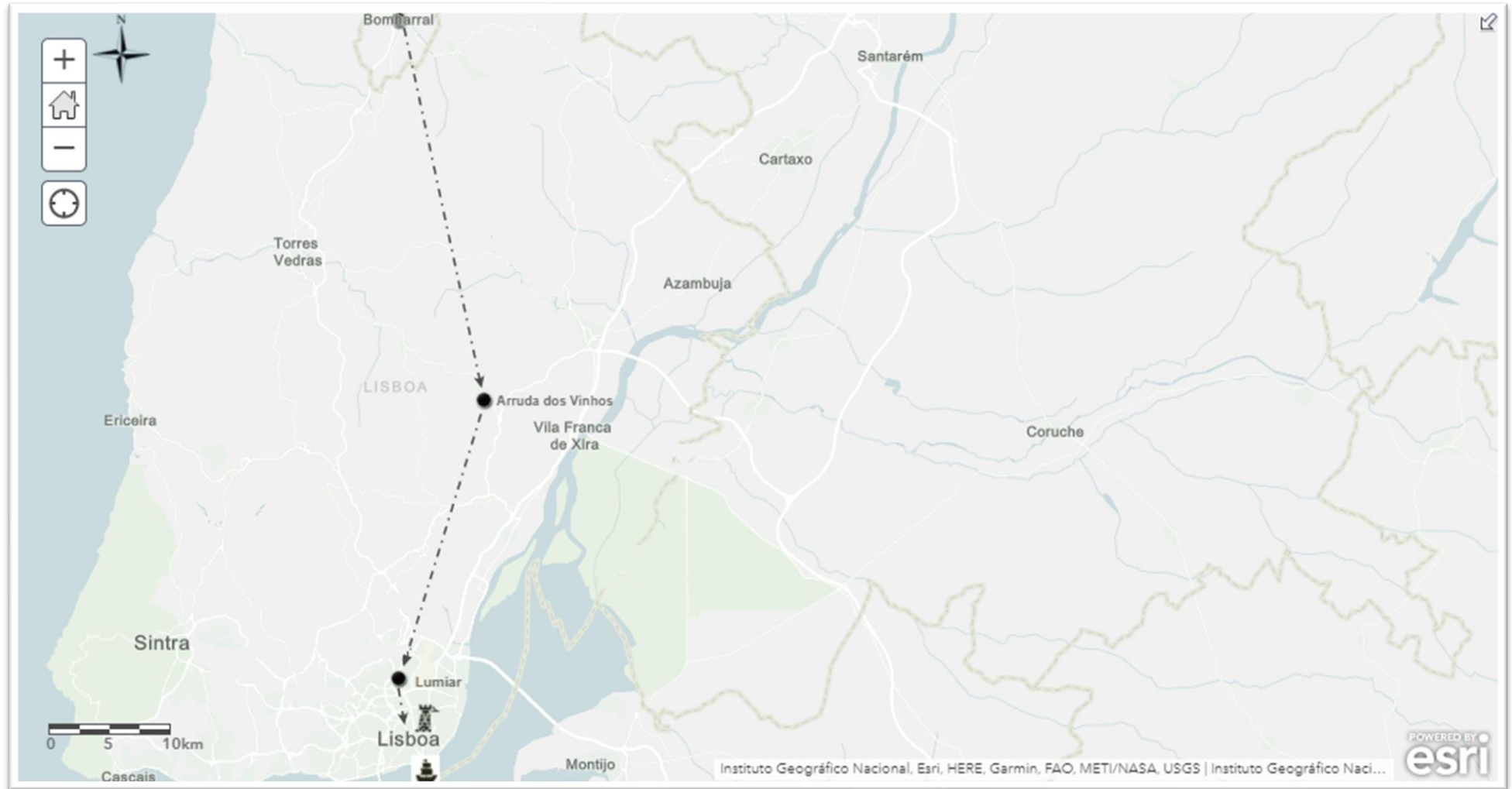
Composição da frota que foi para o Porto:	- 13 galés; - 7 naus.
---	--------------------------

Lugares:	Lisboa	Atouguia da Baleia	Porto
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 14 de maio de 1384.		- Terão chegado ao lugar em data anterior a 30 de maio de 1384.

Lugares:	Lisboa	Atouguia da Baleia	Atouguia da Baleia	Porto
Distâncias:	- 69,8 km.		- 209,6 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXI (pp.187-189); Cap. CXVII (pp.201-202)

Mapa 68 | Deslocações até ao cerco de Lisboa (maio de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CXII (pp.189-190); Cap. CXIV (pp.192-195); CDJU, Año Sexto Cap. VII (pp.566-567)

Legenda:

Movimentação de Juan I e da sua hoste	Cerco	Bloqueio naval
---------------------------------------	-------	----------------

O monarca castelhano, aguardando que a sua frota chegasse a Lisboa, partiu do Bombarral e foi aproximando-se da cidade. No caminho passou por Arruda dos Vinhos e por outras aldeias, até que chegou ao Lumiar. Alguns dos combatentes chegaram a pousar nas povoações redor. Enquanto permaneceram naquele lugar, alguns castelhanos iam frequentemente escaramuçar com os lisboetas. Entre os dias 26 e 29 de maio de 1384 a frota castelhana começou a chegar a Lisboa. No dia 28 de maio no seu avanço em direção a Lisboa a hoste régia castelhana ensaia, sem sucesso, uma tentativa de penetração na cidade através da Porta de Santa Catarina. No dia 30 de maio o monarca castelhano, partiu do Lumiar - com a sua hoste composta por cinco mil lanças, mil ginetes, muitos besteiros e homens de pé – e assentou arraial em Santos, Alcântara e Campolide.

Data:	Maio de 1384.
-------	---------------

Composição da hoste castelhana:	- 5000 lanças; - 1000 ginetes; - Muitos besteiros e homens de pé.
Composição da frota castelhana:	- 13 galés; - 1 galeota; - 40 naus.

Lugares:	Bombarral	Arruda dos Vinhos	Lumiar	Lisboa
Intervalo de Tempo:			- Terão chegado ao lugar antes do dia 26 de maio de 1384; - Partiram do lugar no dia 30 de maio de 1384.	- Chegaram ao lugar naquele dia (30 de maio de 1384); - Permaneceram no lugar até ao dia 3 de setembro de 1384.

Lugares:	Bombarral	Arruda dos Vinhos	Arruda dos Vinhos	Lumiar	Lumiar	Lisboa
Distâncias:	- 32,4 km.		- 24,3 km.		- Segundo as crónicas 1 léguas; - 5,06 km.	

Fonte: CDJ I,1^a, Cap. CXII (pp.189-190); Cap. CXIV (pp.192-195); CDJU, Año Sexto Cap. VII (pp.566-567); CR, p. 121

Mapa 69 | Emboscada encabeçada pelos castelhanos aos almadenses e início das operações de cerco ao lugar (em data posterior a 10 de junho de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXVI (pp.199-201)

Legenda:

Movimentações castelhanas	Movimentação portuguesa	Bloqueio naval sobre Lisboa	Emboscada/combate	Cerco
---------------------------	-------------------------	-----------------------------	-------------------	-------

Mal a frota castelhana chegou a Lisboa, Juan I tentou que Almada tomasse voz por ele. Constatando que não queriam servi-lo e que Diego Lopes Pacheco, que andara em Castela, estava em Almada, o monarca decidiu tomar o lugar através do envio de uma força que totalizava quatrocentos homens de cavalo e muitos homens de pé e besteiros. Atravessando o Tejo durante a noite os combatentes desembarcaram na Margueira e na Mutela; tendo na manhã ido para a estrada que vem de Coima e que ficava entre Almada e os lugares onde aportaram. Os moradores de Almada, através das escutas que tinham no lugar, ficaram a saber da presença daquela força e decidiram ir – com oitenta de cavalo e quatrocentos homens de pé – sobre os castelhanos. Como era uma manhã muito nevoada, os almadenses foram apanhados numa cilada que os castelhanos realizaram naquela estrada, acabando por serem desbaratados. Os castelhanos dirigiram-se para Almada e cercaram o lugar.

Data:	Em data posterior a 11 de junho de 1384.
-------	--

Composição da força castelhana:	- 400 homens de cavalo; - Muitos homens de pé e besteiros.
Composição da força portuguesa:	- 80 de cavalo; - 400 homens de pé.

Movimentação dos castelhanos:

Lugares:	Lisboa	Margueira Mutela	Algures na estrada que vinha de Coima entre a Margueira e Mutela, onde se deu a emboscada	Almada
Distâncias:	- Partiram do lugar de noite.	- Terão chegado aos lugares ainda naquela noite; - Partiram dos lugares de manhã.	- Chegaram ao lugar naquela manhã.	- Chegaram ao lugar naquele dia.

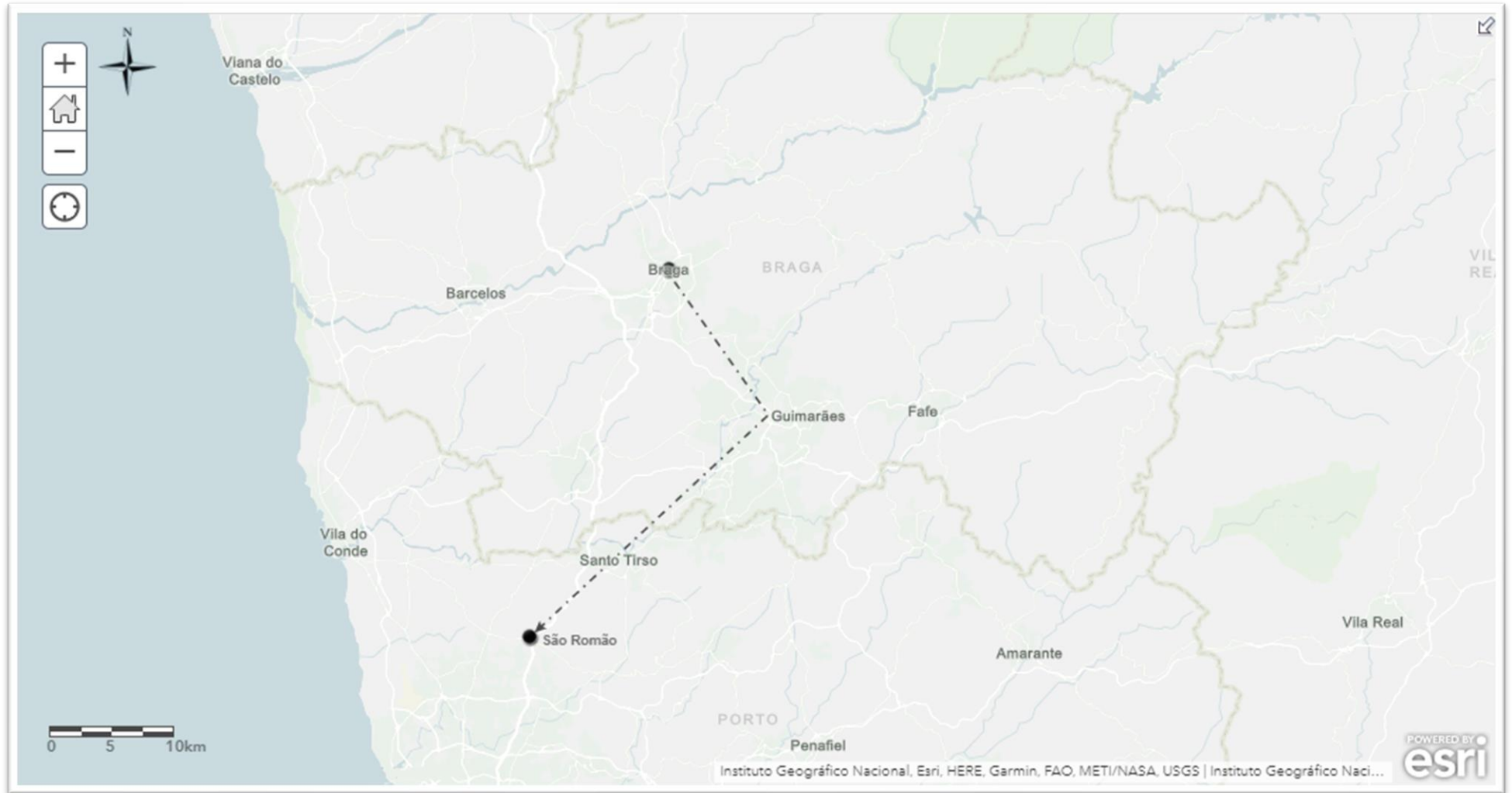
Lugares:	Lisboa	Margueira	Lisboa	Mutela	Lisboa	Almada	Margueira	Almada	Mutela	Almada
Distâncias:	- 4,74 km.		- 6,63 km.		- 5,45 km.		- 1,07 km.		- 1,43 km.	

Movimentação dos portugueses:

Lugares:	Almada	Algures na estrada que vinha de Coina entre a Margueira e Mutela, onde se deu a emboscada
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar de manhã.	- Chegam ao lugar ainda naquela manhã.

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXVI (pp.199-201); CR, p. 126

Mapa 70 | Parte da entrada da hoste do arcebispo de Santiago (em data anterior a 30 de maio de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXVII (pp.201-202); Cap. CXVIII (pp.202-204)

Legenda:

---> Movimentação

Enquanto o monarca castelhano cercava Lisboa, o arcebispo de Santiago, Juan Manrique – acompanhado por outros capitães, setecentas lanças e dois mil homens de pé – entrou e assolou a comarca do Douro e Minho. Em Braga, depois de reunir o seu conselho, o arcebispo decidiu aproximar-se do Porto; assim partiram, e seguindo caminho pela estrada de Guimarães chegaram a São Romão cerca do meio-dia.

Data:	Em data anterior a 30 de maio de 1384.
-------	--

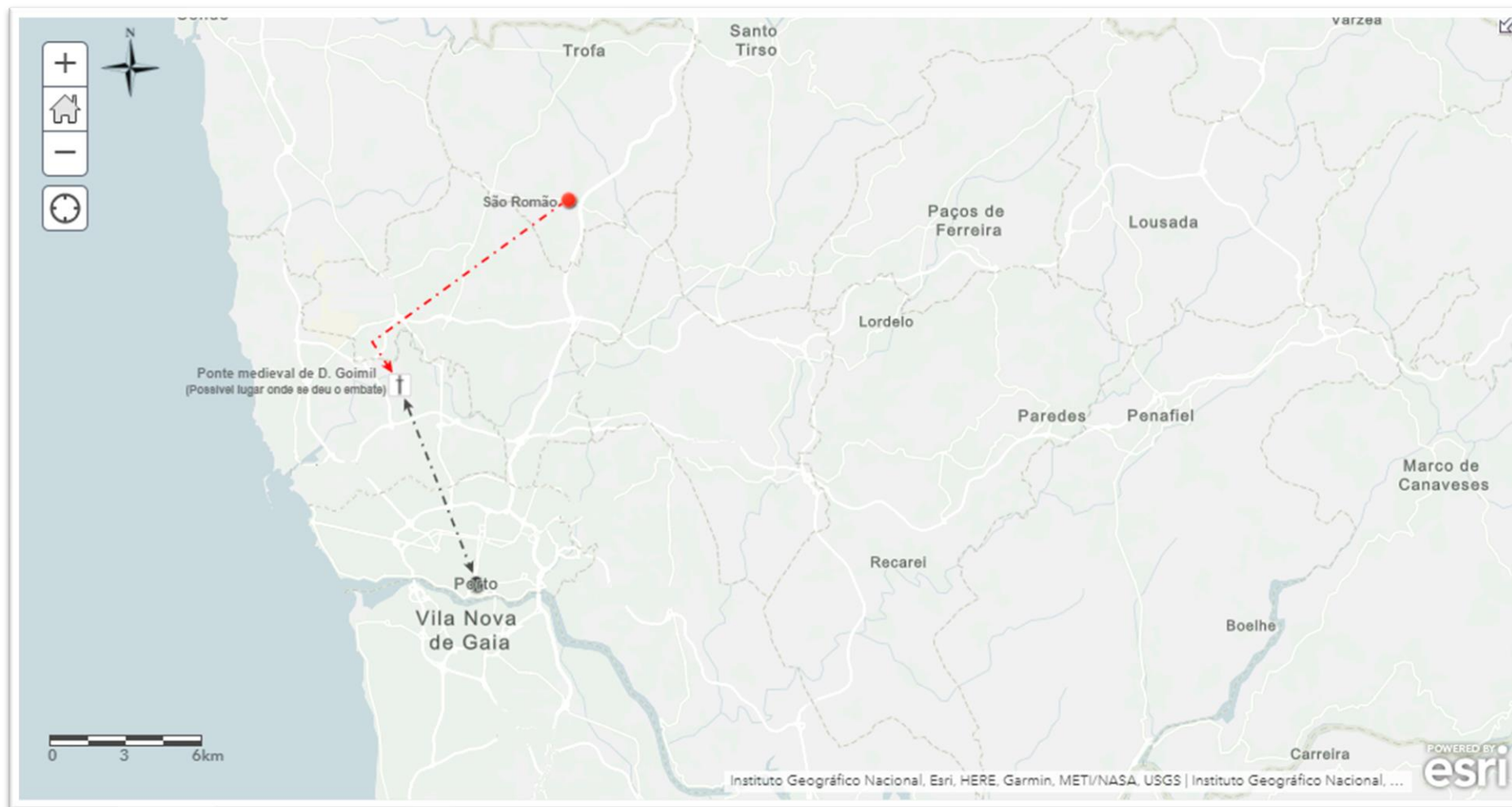
Composição da hoste do arcebispo de Santiago:	- 700 lanças; - 2000 homens de pé.
---	---------------------------------------

Lugares:	Braga	São Romão
Intervalo de Tempo:		- Chegaram ao lugar ao meio-dia.

Lugares:	Braga	São Romão
Distâncias:	- 31,9 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXVII (pp.201-202); Cap. CXVIII (pp.202-204); CR, pp. 122-123

Mapa 71 | Escaramuça entre os do Porto e as forças do arcebispo de Santiago (entre data posterior a 14 de maio e anterior a 30 de maio de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CXX (pp.205-207); Cap. CXXI (pp.207-208)

Legenda:

Movimentação (ida e volta) das forças portuguesas	Movimentação das forças do arcebispo	Localização hipotética do lugar onde se terá dado a forte escaramuça
---	--------------------------------------	--

Devido à proximidade das forças do arcebispo de Santiago, os portuenses decidiram atacá-las aproveitando a escuridão da madrugada. Enquanto se armavam, chegaram as embarcações que tinham partido de Lisboa (partiram no dia 14 de maio). Assim que souberam que os contingentes do Porto tencionavam ir pelejar com o arcebispo de Santiago, os da frota decidiram juntar-se-lhes. A força então reunida era composta por mil homens de armas, oitocentos besteiros e cinco mil homens de pé. O arcebispo, que avançava na direção do Porto, sabendo que a frota tinha chegado à cidade enviou um grupo de batedores à frente da hoste. Estes ginetes, quando se depararam com a hoste portuguesa, foram informar o arcebispo que rapidamente partiu do lugar e atravessou o rio Leça, colocando-se num lugar alto junto da ponte (possivelmente posicionaram-se junto da ponte D. Goimil). Os portugueses quando chegaram ao lugar - por ser tarde e por estarem impossibilitados de atravessar o rio e darem batalha - aposentaram-se nos “mormoyraaes de Leça”. Na manhã seguinte, os portugueses conseguiram atravessar o Leça num vau. Assim que as forças do arcebispo se aperceberam das movimentações inimigas, lançaram-se sobre os primeiros contingentes que tinham feito a travessia do rio, mas devido ao elevado número de baixas provocado pelo fogo de cobertura dos besteiros portugueses tiveram de recuar. O arcebispo constatando os danos que os besteiros provocaram (e que ainda podiam provocar), partiu do lugar e não quis dar batalha. Os portugueses julgando que aquela retirada se tratava de um logro, permanecerem durante o resto do dia e a noite seguinte aquele dia e noite no local. Quando verificaram que os castelhanos tinham mesmo batido em retirada, retornaram para o Porto.

Data:	Em data posterior a 14 de maio e anterior a 30 de maio de 1384.
-------	---

Composição da hoste do arcebispo de Santiago:	- 700 lanças; - 2000 homens de pé.
Composição da hoste portuguesa:	- 1000 homens de armas; - 800 besteiros; - 5000 homens de pé.

Movimentação castelhana:

Lugares:	São Romão	Ponte de D. Goimil
Intervalo de Tempo:		- Permaneceram um dia no lugar; - Pernoitaram no lugar.

Lugares:	São Romão	Ponte de D. Goimil
Distâncias:	- 9,89 km.	

Movimentação dos Portugueses:

Lugares:	Porto	Ponte de D. Goimil
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar de madrugada.	- Chegaram ao lugar de tarde; - Permaneceram duas noites e um dia naquele lugar.

Lugares:	Porto	Ponte de D. Goimil
Distâncias:	- 8,57 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXX (pp.205-207); Cap. CXXI (pp.207-208); CR, pp. 122-123

Mapa 72 | Incursões da frota portuguesa contra o litoral da Galiza (entre data posterior a 14 de maio e anterior a 23 de junho de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXXIV (pp.213-215)

Legenda:

---▶	Movimentação do grosso da frota	◀---▶	Movimentação de 6 galés que se destacaram	🔥	Devastações/destruições	⚔️	Combate do lugar (Betanzos)	🏠	Preitejaram o lugar (Neda)
------	---------------------------------	-------	---	---	-------------------------	----	-----------------------------	---	----------------------------

Depois de reunido o conselho, os comandantes da frota de Lisboa e de alguns navios portuenses decidiram armar as galés e ir assolar a costa da Galiza. Com mantimentos para alguns dias, partiram do Porto e foram contra Baiona. Como o lugar era fraco e pequeno, os moradores do lugar deram quatrocentos francos para que os atacantes não lhes queimassem a pescaria. Dali partiram e incendiaram dois barcos em Muxía. De seguida foram para a Corunha; à semelhança do que aconteceu em Baiona, para não lhes queimarem a pescaria, os moradores pagaram seiscentos francos. Enquanto permaneciam naquele lugar, um grupo de seis galés avançou contra Ferrol e Neda. Em Ferrol queimaram o lugar e em Neda aceitaram os quatrocentos francos que lhes foram oferecidos para que não os atacassem. Depois de terem retornado à Corunha, juntaram-se com as restantes embarcações e foram para Betanzos, onde queimaram algumas naus e tentar tomar o lugar. Ao fim de um dia partiram de regresso para o Porto.

Data:	Em data posterior a 14 de maio e anterior a 23 de junho de 1384.
Composição da frota:	- O capítulo da crónica não fornece informações relativas aos reais números da frota, apenas nos indica os patrões que iam em 8 galés. Contudo, sabemos que a frota que partiu de Lisboa, no dia 14 de maio, para o Porto era constituída por 13 galés.



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXXIV (pp.213-215); CR, p. 127

Mapa 73 | Deslocação da frota portuguesa do Porto para Lisboa e de Nuno Álvares de Évora a Coimbra (julho de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CXXV (pp.215-216); CDC, Cap. XXX (pp.70-73); CDJU, Año Sexto Cap. VIII (pp.567-568)

Legenda:

 Movimentação da frota	 Movimentação de Nuno Álvares Pereira
---	--

O Mestre de Avis, vendo que os mantimentos da cidade de Lisboa começavam a escassear, solicitou que a frota de Lisboa reforçada por alguns navios do Porto viesse socorrer a cidade. De modo que a frota viesse devidamente guarnecida, armada o mestre escreveu a Nuno Álvares Pereira, para que fosse ao Porto com o seu contingente de forma a integrar esses reforços. Assim, estando em Évora e antes de partir com duzentas lanças, Nuno Álvares escreveu aos do Porto para que aguardassem pela sua chegada. Porém, os capitães partiram sem aguardar por ele. No caminho Nuno Álvares passou por Tomar e Coimbra. Naquela cidade soube que a frota já tinha saído do Porto e que estava em Buarcos. Nuno Álvares voltou novamente a escrever aos capitães para aguardarem pela sua chegada nesse local; um pedido que estes, mais uma vez, ignoraram.

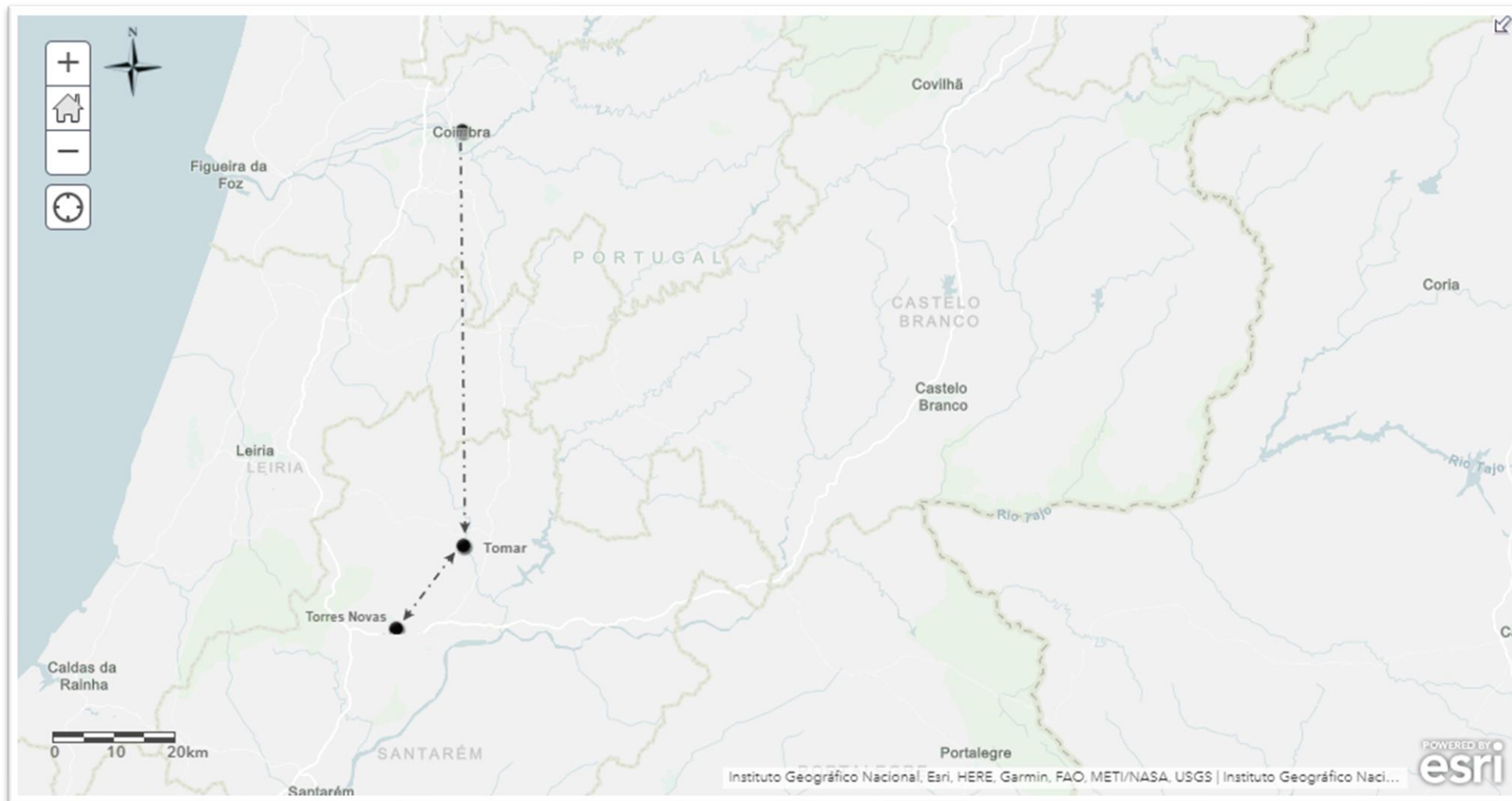
Data:	Julho de 1384 (em data anterior a 17 de julho de 1384).
-------	---

Composição da força de Nuno Álvares Pereira:	- 200 lanças.
--	---------------

Lugares:	Évora	Tomar	Tomar	Coimbra	Porto	Buarcos	Buarcos	Lisboa
Distâncias:	- 122,6 km.		- 67,5 km.		- 111,1 km.		- 161,5 km.	



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXXV (pp.215-216); CDC, Cap. XXX (pp.70-73); CDJU, Año Sexto Cap. VIII (pp.567-568); CR, p. 128; IDN, p. 24

Mapa 74 | Deslocação de Nuno Álvares Pereira de Coimbra a Torres Novas (julho de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CXXVI (pp.216-217); CDC, Cap. XXX (pp.70-73)

Legenda:

 Movimentação	 Movimentação ida e volta
--	--

Estando em Coimbra e sabendo que a frota tinha já partido de Buarcos, Nuno Álvares Pereira decidiu voltar para o Alentejo. Dali foi para Tomar e decidiu ir a Torres Novas falar com o seu amigo Gonçalo Vasques Azevedo alcaide do lugar, para o trazer para a causa do mestre.

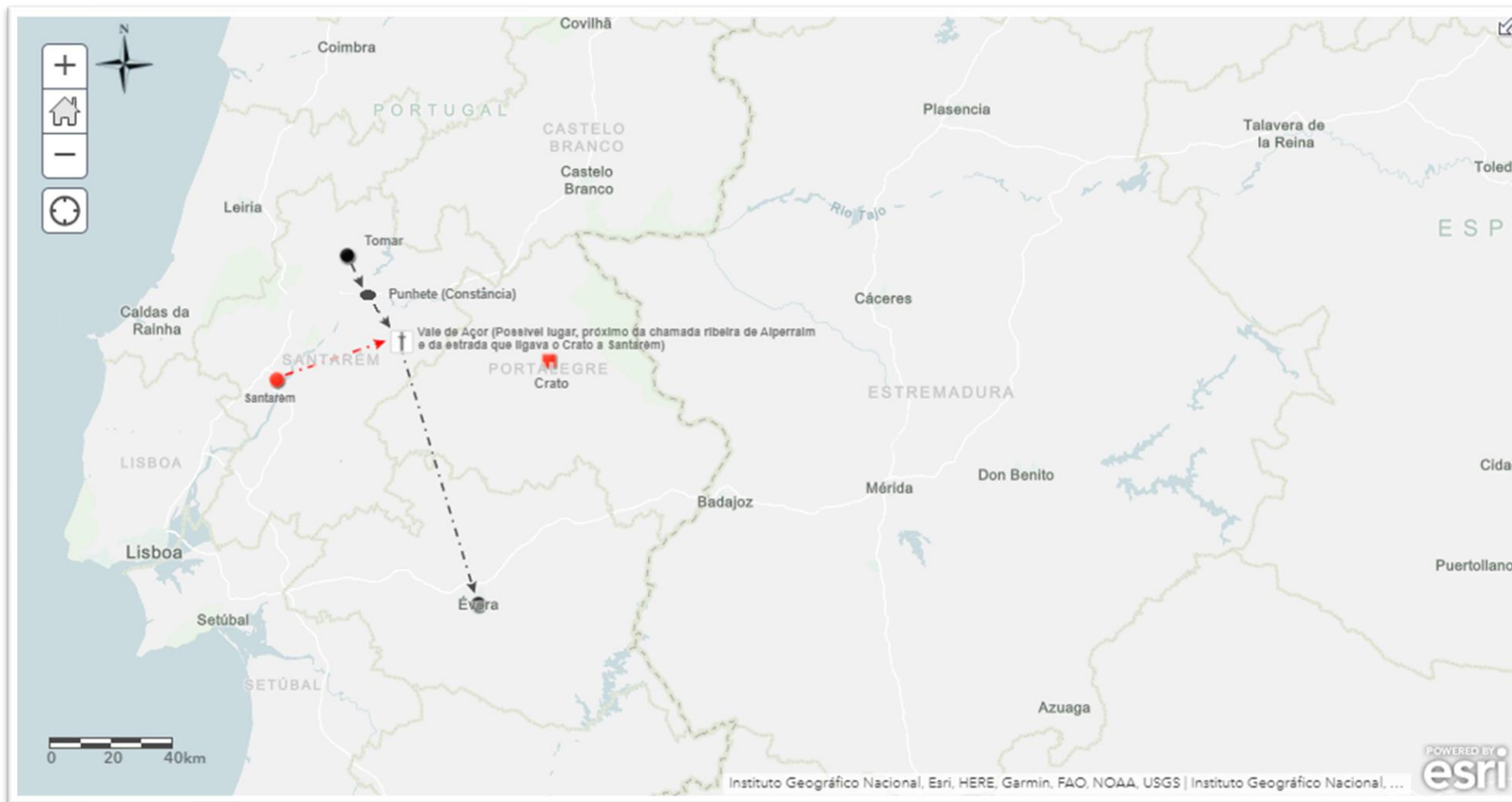
O alcaide deu a entender que se os feitos continuassem a correr bem para o mestre que tomaria voz por ele. Depois do encontro, Nuno Álvares retornou a Tomar.

Data:	Julho de 1384.
-------	----------------

Lugares:	Coimbra	Tomar	Tomar	Torres Novas	Torres Novas	Tomar
Distâncias:	- 67,5 km.		- 17,7 km.		- 17,7 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXXVI (pp.216-217); CDC, Cap. XXX (pp.70-73); IDN, p. 24

Mapa 75 | Emboscada encabeçada por Nuno Álvares Pereira ao comboio castelhano que transportava bens saqueados (julho de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CXXVIII (pp.219-220); CDC, Cap. XXXI (pp.73-75)

Legenda:

--->	Movimentação de Nuno Álvares Pereira e da sua hoste	- - - ->	Movimentação castelhana	†	Emboscada/escaramuça	■	Lugar para onde o comboio castelhano pretendia ir
------	---	----------	-------------------------	---	----------------------	---	---

Depois de Tomar, Nuno Álvares Pereira foi para Punhete (atual Constância). Naquele lugar ficou a saber, por um lado, que alguns castelhanos que se encontravam no Crato iam para Santarém e, por outro, que um segundo grupo ia de Santarém para o Crato e daí para Castela, com os roubos efetuados no termo de Santarém; de onde seguiriam para Castela. Ao tomar conhecimento dessas movimentações, Nuno Álvares decidiu armar-lhes uma cilada junto da ribeira de Alperraiam, próximo da estrada por onde os castelhanos iriam passar (é possível que se tenha posicionado em Vale de Açor; este lugar fica próximo da ribeira e da via romana que ligava Santarém ao Crato). Provenientes de Santarém, assim que apareceram na estrada foram desbaratados pelas forças de Nuno Álvares que se lançaram sobre eles.

Depois deste episódio, Nuno Álvares retornou a Évora com o roubo recuperado.

Data:	Julho de 1384.
-------	----------------

Composição da força castelhana:	<ul style="list-style-type: none"> - 8 homens de cavalo; - 100 homens de pé; - Alguns besteiros.
---------------------------------	---

Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Tomar	Punhete (Constância)	Vale de Açor (Possível lugar, próximo da chamada ribeira de Alperraiam e da estrada que ligava o Crato a Santarém)	Évora
Intervalo de Tempo:			<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Punhete (Constância); - Comeram no lugar (possivelmente foi o almoço). 	

Lugares:	Tomar	Punhete (Constância)	Punhete (Constância)	Vale de Açor (Possível lugar, próximo da chamada ribeira de Allperraim e da estrada que ligava o Crato a Santarém)	Vale de Açor (Possível lugar, próximo da chamada ribeira de Allperraim e da estrada que ligava o Crato a Santarém)	Évora
Distâncias:	- 15,4 km.		- 15,9 km.		- 92,3 km.	

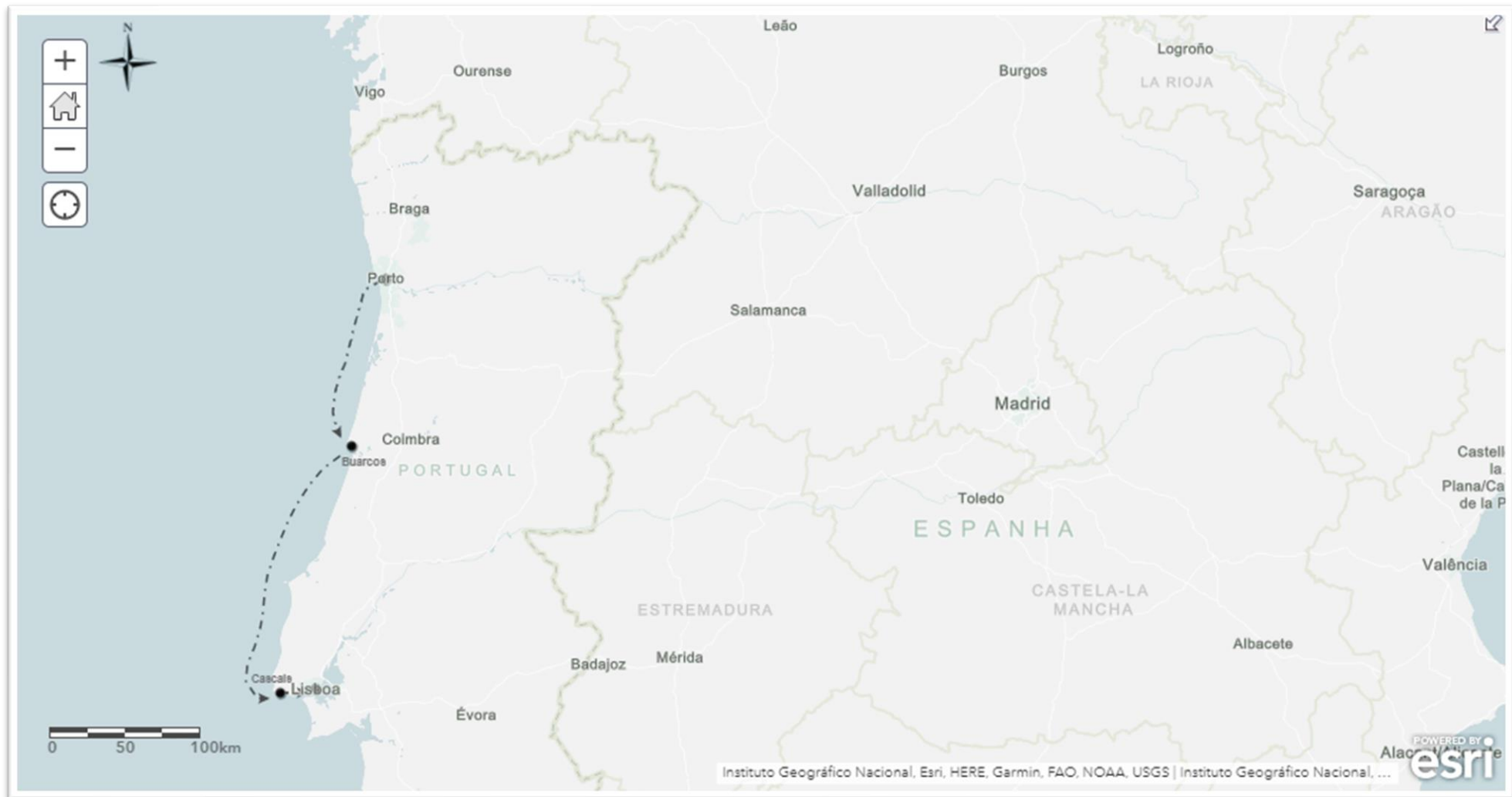
Movimentação dos castelhanos:

Lugares:	Santarém	Vale de Açor (Possível lugar, próximo da chamada ribeira de Allperraim e da estrada que ligava o Crato a Santarém)
Intervalo de Tempo:		- No mesmo dia que partiram de Santarém.

Lugares:	Santarém	Vale de Açor (Possível lugar, próximo da chamada ribeira de Allperraim e da estrada que ligava o Crato a Santarém)	Vale de Açor (Possível lugar, próximo da chamada ribeira de Allperraim e da estrada que ligava o Crato a Santarém)	Crato	Santarém	Crato
Distâncias:	- 42,2 km.		- 50,5 km.		- 89,8 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXXVIII (pp.219-220); CDC, Cap. XXXI (pp.73-75); IDN, p. 24

Mapa 76 | Deslocação pormenorizada da frota portuguesa do Porto a Lisboa (julho de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CXXXI (pp.225-226); CDJU, Año Sexto Cap. VIII (pp.567-568)

Legenda:

---> Movimentação

Vendo que os mantimentos da cidade de Lisboa começavam a minguar, o Mestre de Avis solicitou que a frota estacionada no Porto viesse socorrer a cidade. No caminho, a frota – composta por dezassete naus e dezassete galés - fez escala em Buarcos; até que no dia 17 de julho de 1384 chegou a Cascais. Naquele lugar os capitães portugueses decidiram como iriam combater a frota castelhana que bloqueava Lisboa pelo lado do rio. No dia seguinte (18 de julho) deu-se o combate naval entre as duas frotas.

Data:	Julho de 1384.
-------	----------------

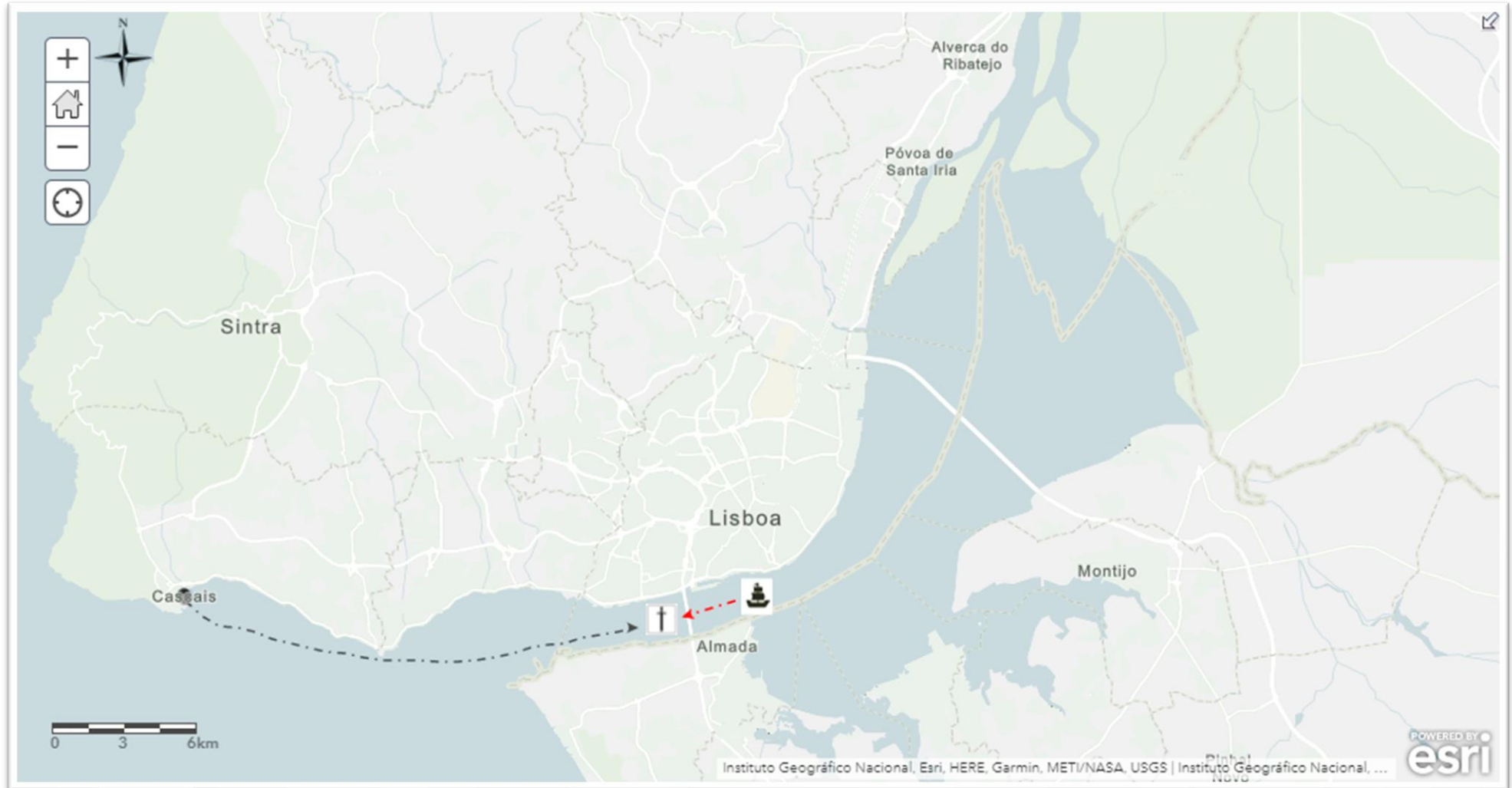
Composição da frota portuguesa:	- 17 naus; - 17 galés.
---------------------------------	---------------------------

Lugares:	Porto	Buarcos	Cascais	Lisboa
Intervalo de Tempo:			- Chegaram ao lugar no dia 17 de julho de 1384.	- Chegaram ao lugar na manhã do dia seguinte (18 de julho de 1384).

Lugares:	Porto	Buarcos	Buarcos	Cascais	Cascais	Lisboa
Distâncias:	- 111,1 km.		- 169,7 km.		- 23,8 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXXXI (pp.225-226); CDJU, Año Sexto Cap. VIII (pp.567-568)

Mapa 77 | Combate naval entre as duas frotas (julho de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXXXIII (pp.228-231); CDJU, Año Sexto Cap. VIII (pp.567-568)

Legenda:

Movimentação da frota portuguesa	Movimentação da frota castelhana	Combate naval	Bloqueio naval
----------------------------------	----------------------------------	---------------	----------------

Na manhã do dia 18 de julho de 1384 deu-se o combate entre as duas frotas. De modo a impedir que a frota portuguesa rompesse o bloqueio e avançasse para Lisboa, a frota castelhana – composta por quarenta naus e treze galés – posicionava-se no Restelo para, a partir dessa posição, avançar contra o flanco esquerdo da frota portuguesa que avançava, vinda de Cascais, em direção a Lisboa. Deu-se um forte combate naval, onde três naus portuguesas foram tomadas; as restantes conseguiram escapar para Lisboa.

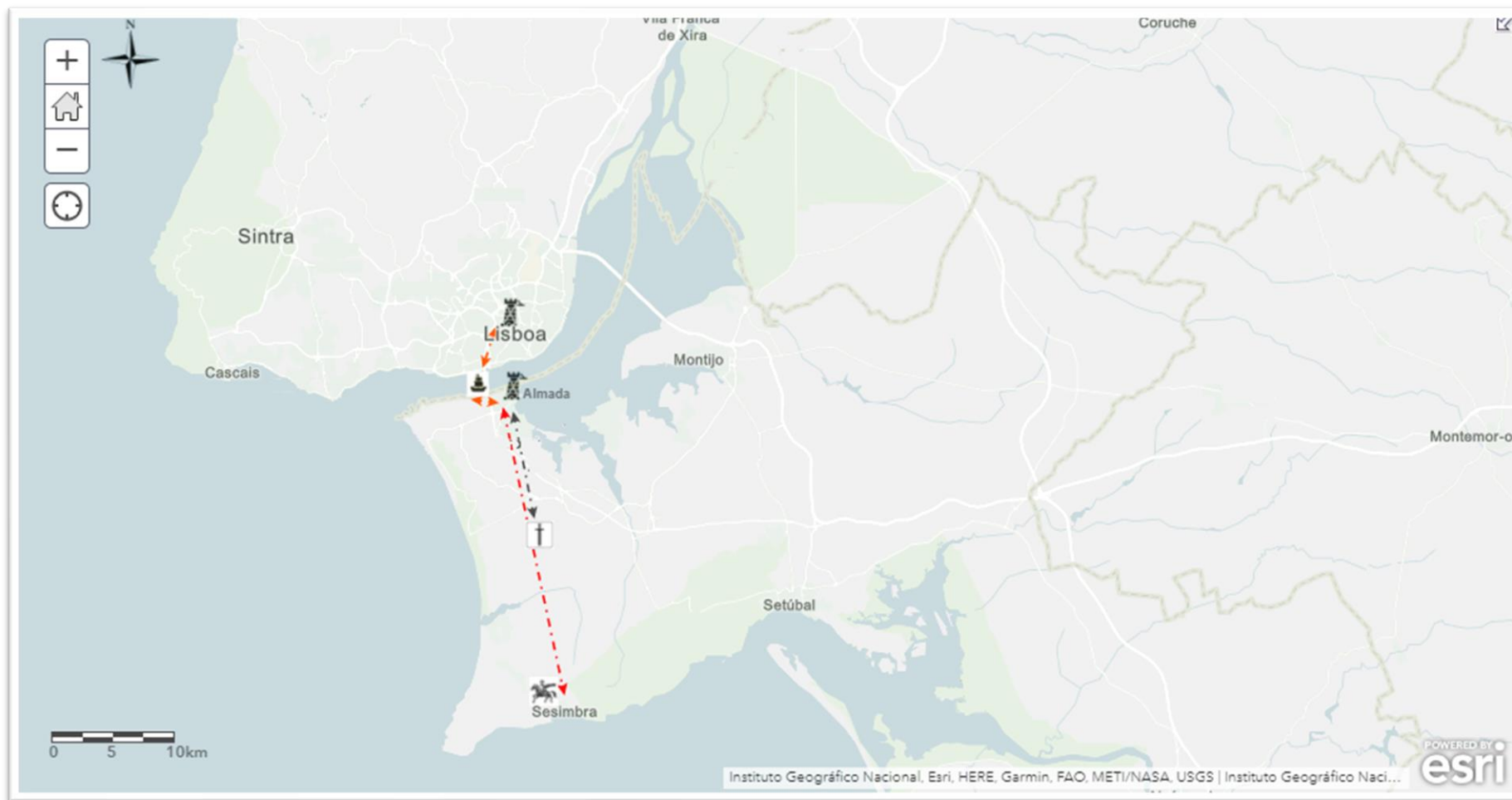
Data:	Julho de 1384.
-------	----------------

Composição da frota portuguesa:	Segundo Fernão Lopes: - 17 naus; - 17 galés.	Segundo Ayala: - 18 galés; - 6 naus.
Composição da frota castelhana:	Segundo Fernão Lopes: - 40 naus; - 13 galés.	Segundo Ayala: - 13 galés; - 12 barcas.

Lugares:	Cascais	Lisboa
Distâncias:	- 23,8 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXXXIII (pp.228-231); CDJU, Año Sexto Cap. VIII (pp.567-568)

Mapa 78 | Ações de forrageamento no termo de Sesimbra. E deslocação de Juan I a Almada para comandar as operações de cerco (entre data posterior a 11 de junho e julho de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CXXXV (pp.233-235)

Legenda:

Movimentação de Juan I	Movimentação dos almadenses	Movimentação dos que iam forragear	Bloqueio naval	Cerco	Emboscadas/escaramuças	Forragem
------------------------	-----------------------------	------------------------------------	----------------	-------	------------------------	----------

Durante o cerco de Almada (iniciado em junho) houve algumas escaramuças entre os sitiadores e os sitiados. Apesar de estarem cercados, os moradores da vila saíam do lugar e iam emboscar os castelhanos que forrageavam nos termos da vila e de Sesimbra. Ao fim de quase dois meses, vendo que Almada ainda não se rendia, o monarca castelhano dirigiu-se ao lugar para liderar pessoalmente as operações de cerco. Apesar de alguns combates, também não conseguiu tomar o lugar e por isso, retornou a Lisboa. Antes de partir, entregou o comando das forças sitiadoras a Pero Sarmiento e Juan Rodriguez de Castanheda, que aí ficaram com um forte contingente.

Data:	Julho de 1384.
-------	----------------

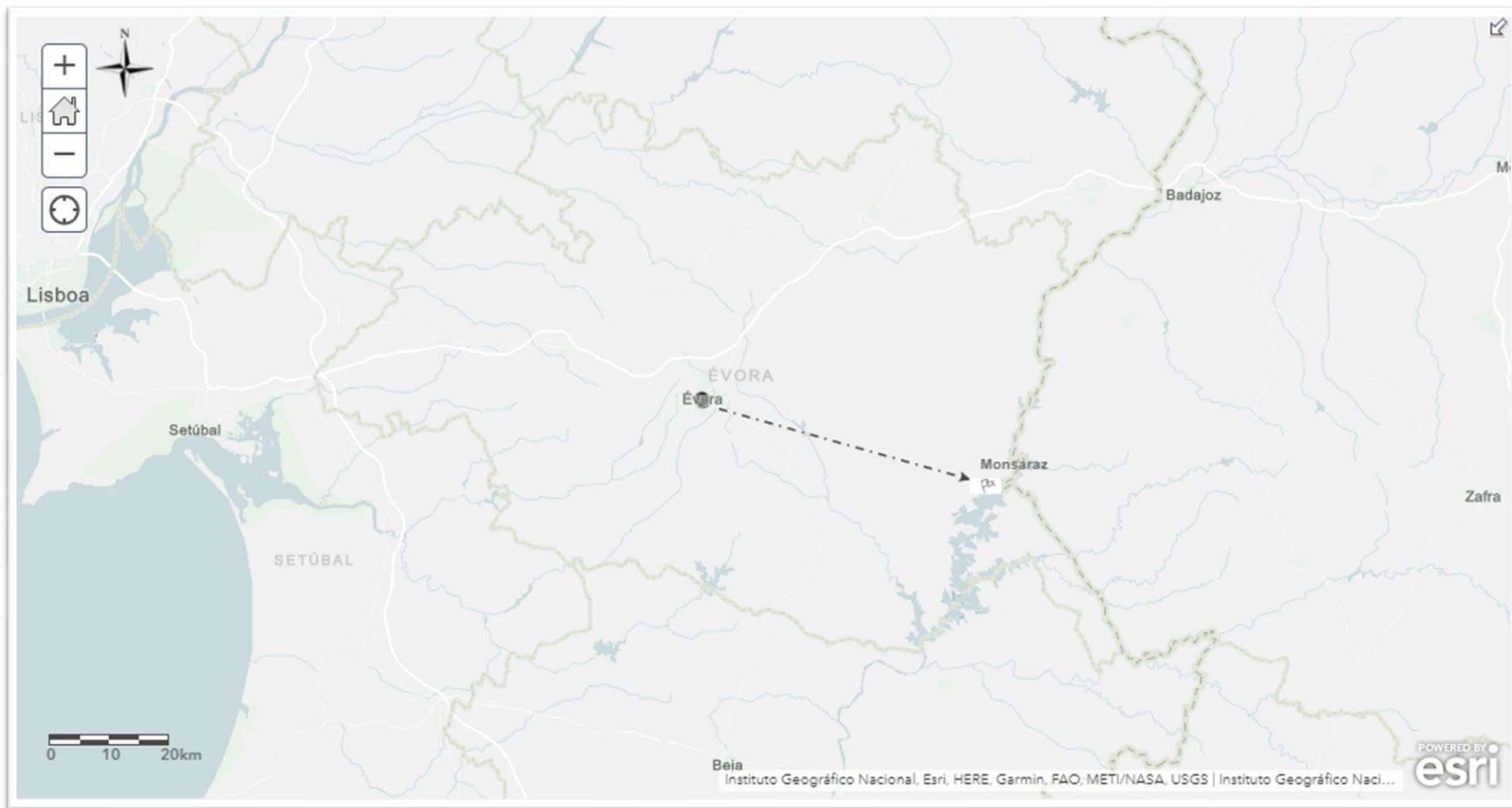
Movimentação do monarca castelhano Juan I:

Lugares:	Lisboa	Almada
Intervalo de Tempo:	- Mesmo dia.	

Lugares:	Lisboa	Almada	Almada	Sesimbra
Distâncias:	- 5,45 km.		- 26,4 km.	


Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXXXV (pp.233-235)

Mapa 79 | Tomada do castelo de Monsaraz através de um ardil (última semana de julho de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CXLIII (pp.256-257); CDC, Cap. XXXII (pp.75-77)

Legenda:

 Movimentação	 Tomada do castelo através de um ardil
--	---

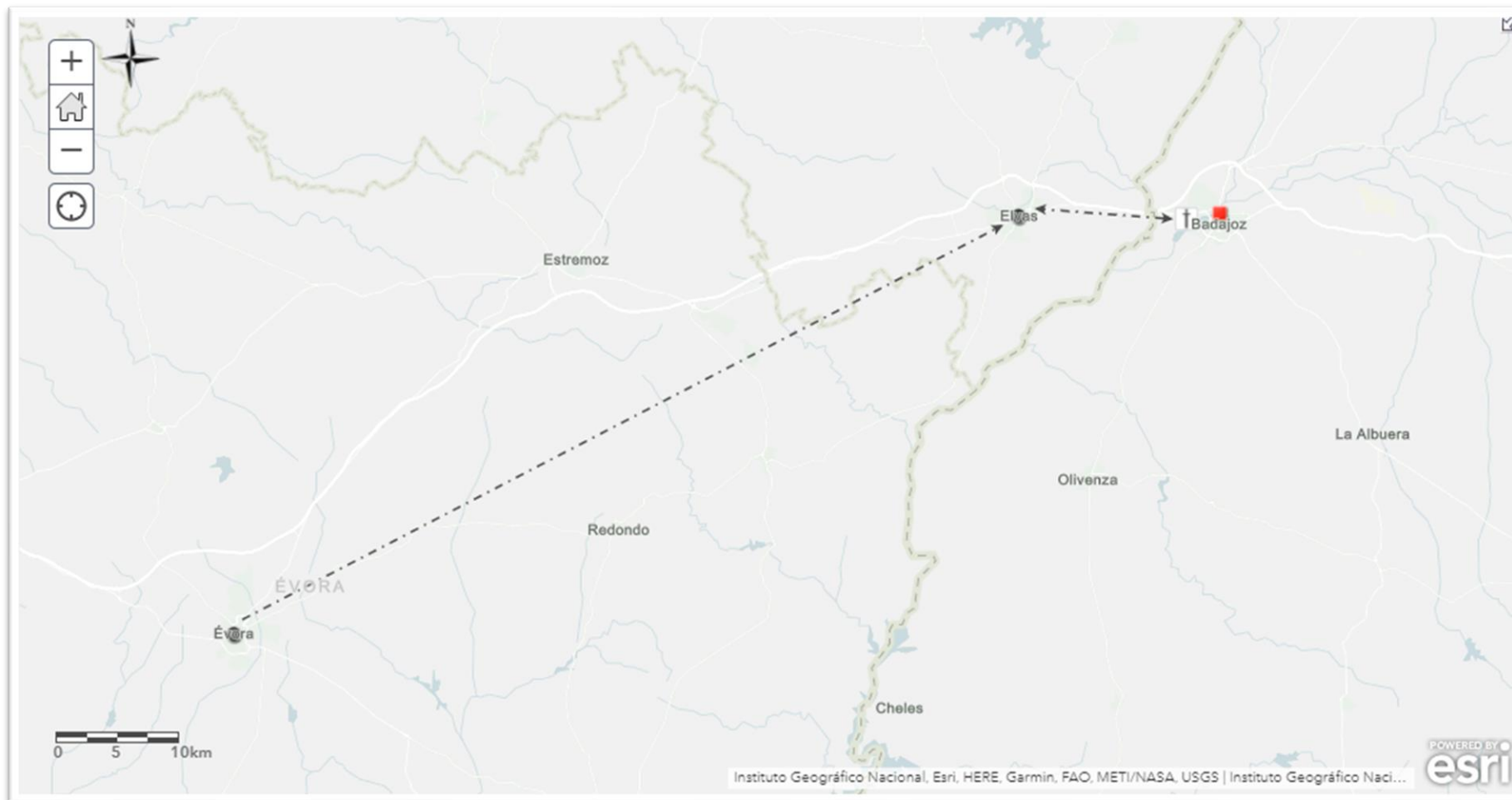
O castelo de Monsaraz, que tinha voz pelo monarca castelhano, tinha poucos mantimentos e um reduzido número de homens a defendê-lo. Nuno Álvares Pereira ao saber disso, preparou um ardil para tomar o lugar. Enviando alguns escudeiros para o arrabalde do castelo e soltando umas vacas num vale visível, conseguiu atrair o alcaide, que saiu para o exterior da fortaleza para ir buscar as vacas. Como previsto, o alcaide e os seus homens saíram sem fechar a porta do castelo; os escudeiros de Nuno Álvares que se encontravam escondidos nas proximidades entraram no castelo e tomaram-no.

Data:	Última semana de julho de 1384.
-------	---------------------------------

Lugares:	Évora	Monsaraz
Distâncias.	- 48,7 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXLIII (pp.256-257); CDC, Cap. XXXII (pp.75-77); IDN, p. 25

Mapa 80 | Incurso e escaramuça de Nuno Álvares Pereira em Badajoz (última semana de julho de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXLIV (pp.257-258); CDC, Cap. XXXIII (pp.77-78)

Legenda:

--->	Movimentação	<--->	Movimentação (ida e volta)	†	Escaramuça	■	Lugar onde tinham chegado alguns capitães e onde se encontrava um grande contingente castelhano
------	--------------	-------	----------------------------	---	------------	---	---

Ao saber que Juan Rodriguez de Castanheda e Garcia Fernandez tinham chegado a Badajoz com um forte contingente para o capturarem,

Nuno Álvares Pereira decidiu ir a Elvas. Os castelhanos ao saberem que se encontrava naquele lugar, enviaram-lhe um mensageiro desafiando-o para que os aguardasse naquele lugar, que no dia seguinte lhe dariam batalha. Mal o mensageiro abandonou o lugar, Nuno Álvares partiu – com quatrocentas lanças, alguns peões e besteiros – na direção de Badajoz. Quando os castelhanos se aperceberam da deslocação, saíram do lugar e tentaram impedi-lo de cruzar o Guadiana. Naquele lugar deu-se uma forte escaramuça; os castelhanos tiveram de voltar a recolher-se na cidade e as forças de Nuno Álvares retornam a Elvas.

Data:	Última semana de julho de 1384.
-------	---------------------------------

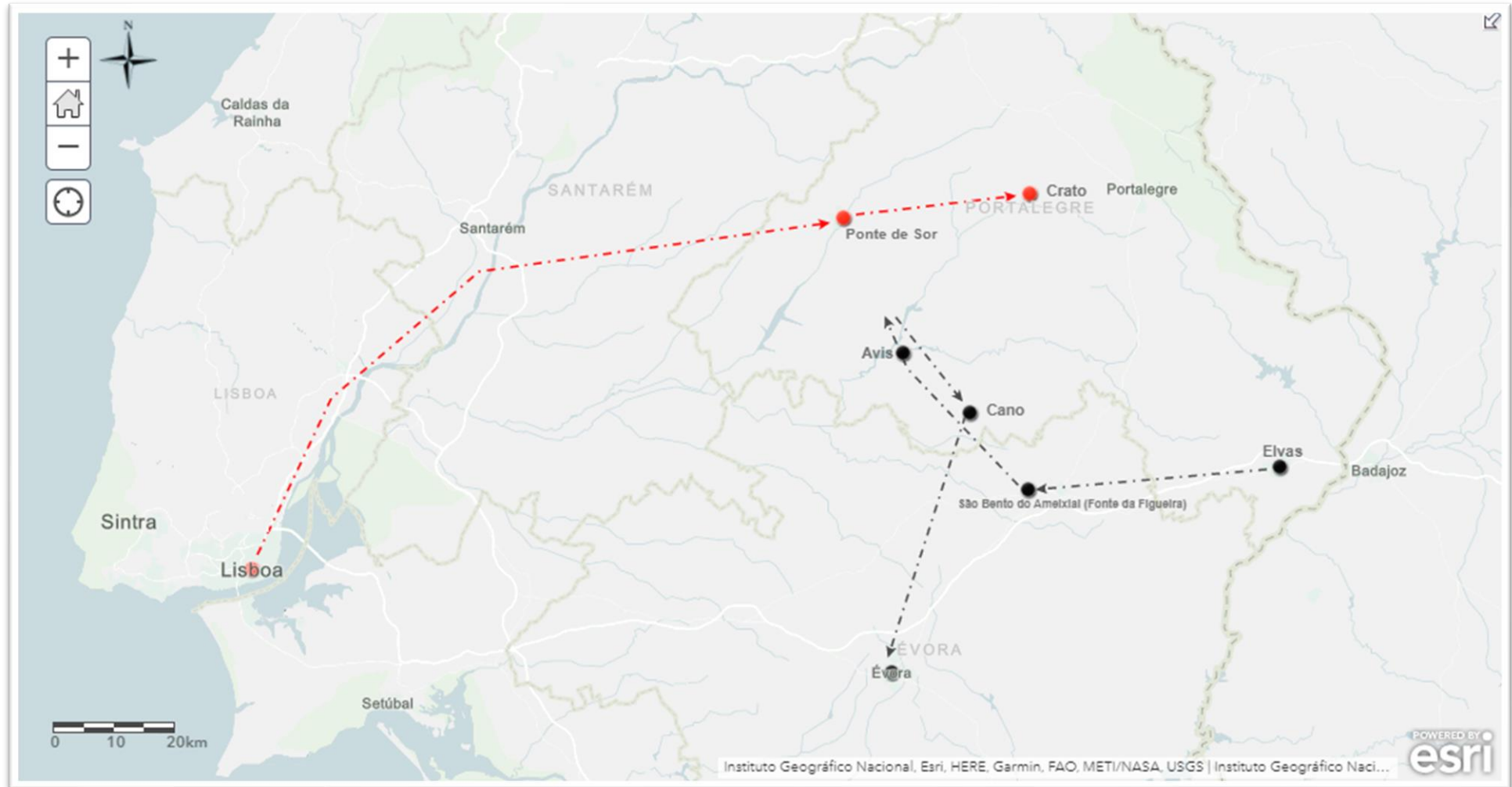
Composição da hoste de Nuno Álvares Pereira:	- 400 lanças; - Alguns peões e besteiros.
--	--

Lugares:	Évora	Elvas	Badajoz
Intervalo de Tempo:			- Terá chegado ao lugar no mesmo dia que partiram de Elvas.

Lugares:	Évora	Elvas	Elvas	Badajoz
Distâncias:	- 73,9 km.		- 16,9 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXLIV (pp.257-258); CDC, Cap. XXXIII (pp.77-78); IDN, p. 25

Mapa 81 | Deslocação de Nuno Álvares Pereira para atacar os castelhanos capitaneados por Pero Sarmento e Pedro Álvares no caminho de Ponte de Sor (agosto de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CXLV (pp.258-259); CDC, Cap. XXXIII (pp.78-83)

Legenda:

- · - · - · ➔	Movimentação de Nuno Álvares Pereira e da sua hoste	- · - · - · ➔	Movimentação dos capitães castelhanos e das suas lanças
---------------	---	---------------	---

O monarca castelhano, face aos feitos de Nuno Álvares Pereira no Alentejo, decidiu enviar uma força do seu arraial de Lisboa para o capturarem. Estando em Elvas, e tomando conhecimento que vinha ao seu encontro uma força composta por seiscentas lanças, capitaneada por Pero Sarmiento e por Pedro Álvares Pereira, Nuno Álvares decidiu intercetá-los no caminho de Ponte de Sor, para que não se juntassem às forças que estavam no Crato. Assim, partiu de Elvas e foi pernoitar a São Bento do Ameixial (Fonte da Figueira). Na manhã do dia, no caminho de Ponte de Sor, além de Avis, soube que a força castelhana já estava no Crato e que tinha passado por Ponte de Sor no dia anterior. Frustrado o seu plano, foi para o Cano e daí para Évora.

Data:	Agosto de 1384 (em data posterior a 15 de agosto de 1384).
-------	--

Composição da força castelhana que foi para o Crato:	- 600 lanças.
--	---------------

Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Elvas	São Bento do Ameixial (Fonte da Figueira)	Avis	Cano	Évora
Intervalo de Tempo:		<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Elvas; - Pernoitaram no lugar; - No dia a seguir, logo de manhã partiram do lugar. 	- No mesmo dia que partiram de São Bento do Ameixial (Fonte da Figueira).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia.	

Lugares:	Elvas	São Bento do Ameixial (Fonte da Figueira)	São Bento do Ameixial (Fonte da Figueira)	Avis	Avis	Cano	Cano	Évora
Distâncias:	- 42,4 km.		- 31,1 km.		- 15 km.		- 45,5 km.	

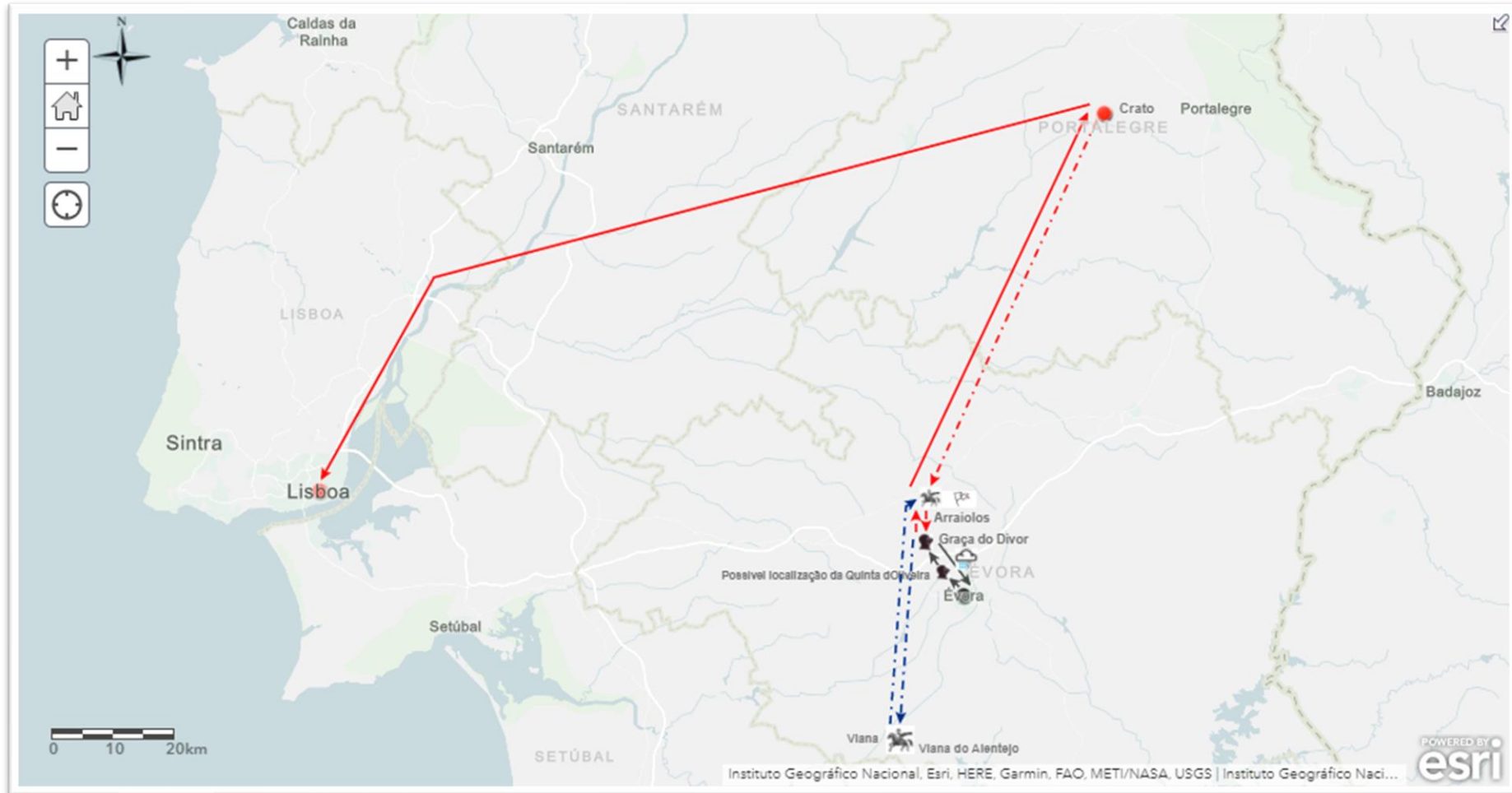
Movimentação dos castelhanos:

Lugares:	Lisboa	Ponte de Sor	Crato
Distâncias:		- No dia anterior à passagem de Nuno Álvares Pereira por Avis passaram pelo lugar.	- No mesmo dia.

Lugares:	Lisboa	Ponte de Sor	Ponte de Sor	Crato
Distâncias:	- 114,8 km.		- 31,6 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXLV (pp.258-259); CDC, Cap. XXXIII (pp.78-83); IDN, p. 26

Mapa 82 | Deslocação castelhana até à Graça do Divor e deslocação das forças de Nuno Álvares Pereira (agosto de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CXLVI (pp.260-263); CDC, Cap. XXXIII (pp.78-83); CDJU, Año Sexto Cap. V (pp.564)

Legenda:

Movimentação de Nuno Álvares Pereira e da sua hoste	Movimentação da hoste castelhana	Castelhanos que tornaram a Lisboa	Castelhanos que foram assolar a terra	Entrega do lugar	Posição de batalha	Correr a terra	Tempestade

Em Évora Nuno Álvares Pereira tomou conhecimento da composição do contingente castelhano estacionado no Crato; aí encontravam-se vários capitães, com uma força que totalizava as duas mil e quinhentas lanças, seiscentos ginetes e muitos peões e besteiros. Sabendo que essas forças podiam ir ao seu encontro, Nuno Álvares juntou um forte contingente composto por quinhentas e trinta lanças e cinco mil homens entre besteiros e homens de pé. Os castelhanos partiram do Crato e devastaram a terra até chegarem Arraiolos, que se entregou.

Após uma troca de cartas de desafio e sabendo que a força castelhana vinha na sua direção, Nuno Álvares decidiu partir da cidade e posicionar-se na Quinta de Oliveira. Aguardando em posição de batalha, permaneceu naquele lugar até à noite. Na manhã do dia seguinte partiu desse lugar e foi posicionar-se na Graça do Divor; no mesmo dia e próximo daquele lugar, os castelhanos também se prepararam para a batalha. Após algumas movimentações dos ginetes castelhanos para testarem a coesão da força portuguesa e da troca de certas mensagens entre ambos os lados, quando chegou a noite os castelhanos retiraram para instalarem os seus arraiais numa outra posição. Ao constatar que os castelhanos se afastavam, Nuno Álvares decidiu regressar a Évora para ir buscar mantimentos. No caminho devido à tempestade que se abateu sobre a região, muitos portugueses acabaram por se perder e por ir dar ao arraial castelhano. Nuno Álvares chegou a Évora já a noite ia alta; e na manhã do dia seguinte ficou a saber que os castelhanos tinham já saído do lugar e iam a caminho de Viana do Alentejo para “correrem a terra”. Depois de retornarem ao Crato, Pero Sarmento, Juan Rodrigues de Castanheda e as setecentas lanças regressaram ao arraial sobre Lisboa.

Data:	Agosto de 1384 (em data posterior a 15 de agosto de 1384).
Composição da hoste castelhana:	- 2500 lanças; - 600 ginetes; - Muitos homens de pé e besteiros.
Composição da hoste portuguesa:	- 530 lanças; - 5000 homens entre peões e besteiros.

Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Évora	Quinta de Oliveira	Graça do Divor	Évora
Intervalo de Tempo:		<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Évora; - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte de manhã partiram do lugar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram da Quinta de Oliveira; - Passaram parte da noite no lugar; - Nessa mesma noite partiram do lugar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Na mesma noite chegaram ao lugar.

Lugares:	Évora	Quinta de Oliveira	Graça do Divor	Évora
Distâncias:	- Segundo as crónicas pouco mais de 1 légua.		- Segundo as crónicas pouco mais de 2 léguas; - 11 km.	

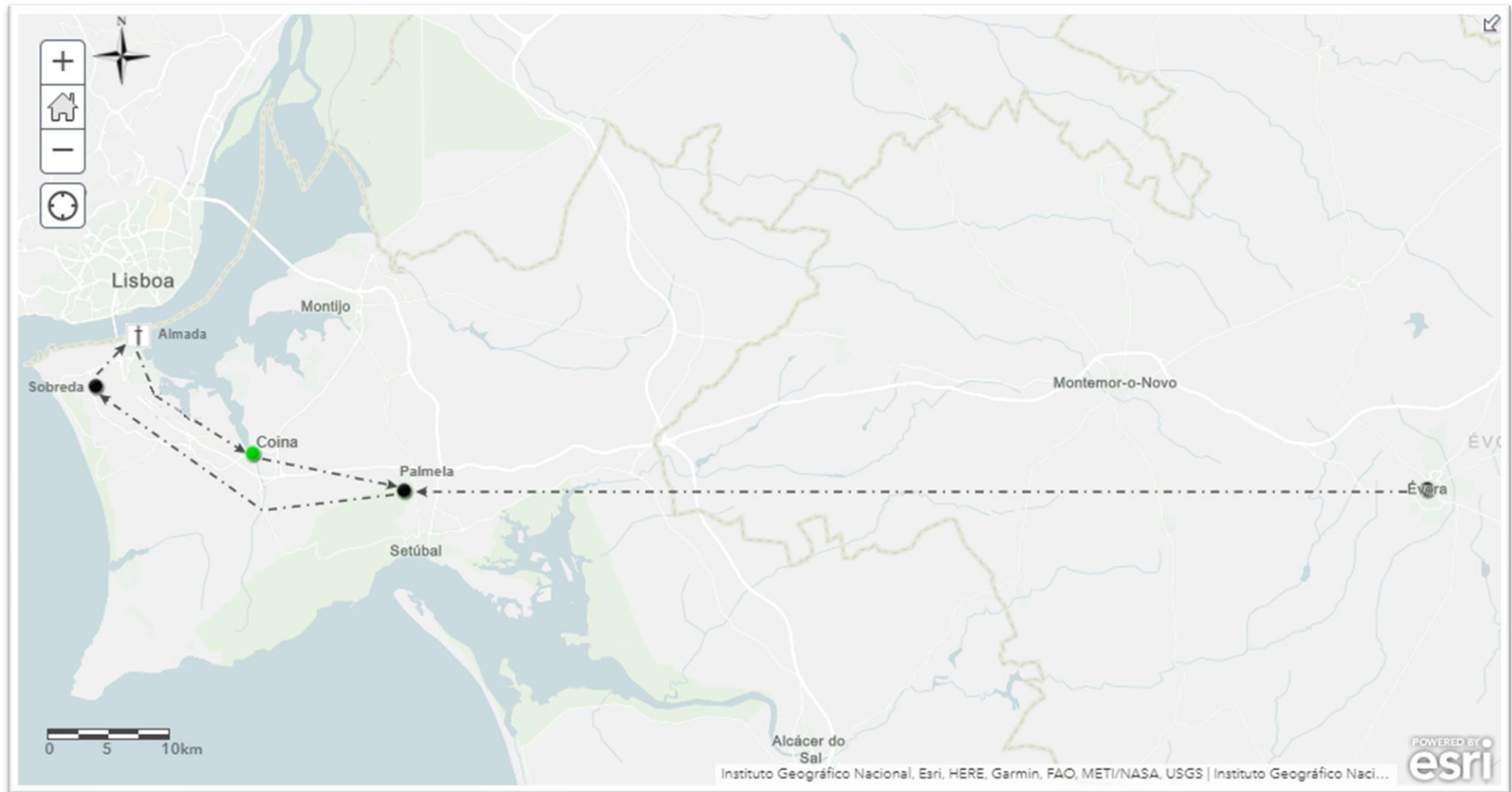
Movimentação dos castelhanos:

Lugares:	Crato	Arraiolos	Graça do Divor	Viana / Viana do Alentejo	Arraiolos	Crato	Lisboa
Intervalo de Tempo:			<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Arraiolos e no mesmo dia que Nuno Álvares Pereira chegou ao lugar; - Partiram do lugar de noite. 	<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar na manhã seguinte. 			

Lugares:	Crato	Arraiolos	Arraiolos	Graça do Divor	Graça do Divor	Viana	Graça do Divor	Viana do Alentejo	Viana	Arraiolos
Distâncias:	- 69,8 km.		- 7,51 km.		- 33,7 km.		- 35,2 km.		- 41 km.	
Lugares:	Viana do Alentejo	Arraiolos	Arraiolos	Crato	Crato	Lisboa				
Distâncias:	- 42, 7 km.		- 69,8 km.		- 144,4 km.					




Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXLVI (pp.260-263); CDC, Cap. XXXIII (pp.78-83); CDJU, Año Sexto Cap. V (pp.564); IDN, pp. 26-27

Mapa 83 | Entrada de rompante de Nuno Álvares na vila de Almada (entre agosto e setembro de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXLVII (pp.263-268); CDC, Cap. XXXV (pp.83-87)

Legenda:

 Movimentação de Nuno Álvares Pereira	 Escaramuça e saque do arrabalde	 Lugar onde foi repartido o saque
--	---	--

Devido à falta de mantimentos em Lisboa, o Mestre de Avis optou por uma postura mais ofensiva, e para o efeito, solicitou a Nuno Álvares Pereira que o viesse auxiliar. Nuno Álvares partiu de Évora - com trezentas lanças e alguns homens de pé e besteiros – e instalou-se em Palmela. Sem receber mais novidades do mestre, decidiu ir sobre Almada – que tinha capitulado no dia 1 de agosto – cuja defesa tinha sido entregue a Pero Sarmiento. No dia 31 de agosto de 1384, avanço em direção a Almada. De modo que os trinta ginetes castelhanos, que se encontravam em Coina não dessem conta da deslocação, partiram depois do sol-posto e levaram caminho por uma charneca fora da estrada. Andando durante toda aquela noite, ao amanhecer estavam já na Sobreda. Na manhã entraram de rompante pelo arrabalde de Almada; apanhados de surpresa e ainda a dormir, os castelhanos refugiaram-se no castelo, o que deixou a vila à disposição dos homens de Nuno Álvares, que a saquearam sem dificuldade. Depois do saque as forças de Nuno Álvares repartiram o saque em Coina e foram para Palmela.

Data:	Agosto e setembro de 1384.
-------	----------------------------

Composição da força de Nuno Álvares Pereira:	- 300 lanças; - Alguns homens de pé e besteiros.
--	---

Lugares:	Évora	Palmela	Sobreda	Almada	Coina	Palmela
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 29 de agosto de 1384.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Évora (29 de agosto de 1384); - Partiram do lugar quando já era bem de tarde, no dia 31 de agosto de 1384.	- Chegaram ao lugar na manhã do dia seguinte (1 de setembro de 1384).	- Na mesma manhã do dia (1 de setembro de 1384).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (1 de setembro de 1384).	- No mesmo dia (1 de setembro de 1384).

Lugares:	Évora	Palmela	Palmela	Sobreda	Sobreda	Almada	Almada	Coina	Coina	Palmela
Distâncias:	- 85,8 km.	- 27,3 km.			- 4,85 km.		- Segundo as crónicas 3 léguas; - 13,4 km.		- 13,1 km.	



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CXLVII (pp.263-268); CDC, Cap. XXXV (pp.83-87); IDN, p. 28

Mapa 84 | Deslocação da hoste régia castelhana após o levantamento do cerco de Lisboa (entre setembro e outubro de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CL (pp.273-276); Cap. CLV (pp.288-291); Cap. CLVI (pp.292-293); CDC, Cap. XXXVI (pp.88-89); CDJU, Año Sexto Cap. XI (pp.570-572)

Legenda:

 Movimentação	 Bloqueio naval
--	--

No dia 3 de setembro de 1384, face à peste que assolava o arraial castelhano, Juan I decidiu levantar o cerco (durou quatro meses e vinte e sete dias). Naquele dia e no dia seguinte deitaram fogo em todas as coisas que não puderam levar. Na manhã do dia 5 de setembro os sitiadores partiram e foram pernoitar a Sapataria. No dia seguinte foram dormir a Torres Vedras e dali foram para Santarém; onde o monarca repartiu as frontarias e deixou 600 lanças e 300 besteiros. Seguiram então viagem, passando por Torres Novas e por Tomar. À medida que chegavam a Castela, cada um ia para os seus lugares; o monarca foi para Sevilha.

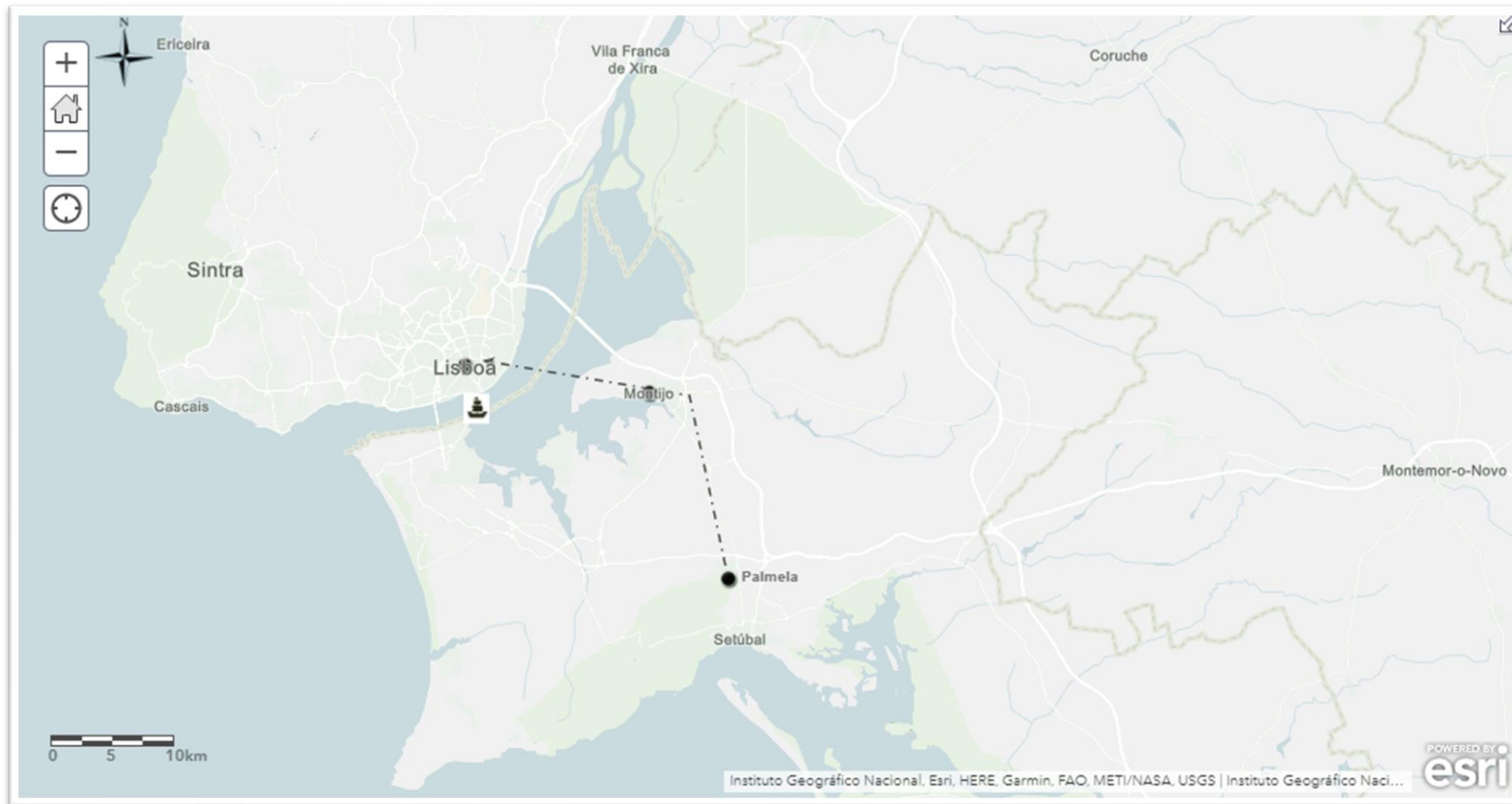
Data:	Setembro e outubro de 1384.
-------	-----------------------------

Lugares:	Lisboa	Sapataria	Torres Vedras	Santarém	Torres Novas	Tomar
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 5 de setembro de 1384; - A frota castelhana partiu do lugar no dia 28 de outubro.	- Chegaram ao lugar no próprio dia que partiram de Lisboa (5 de setembro de 1384); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte (6 de setembro de 1384), partiram do lugar.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Sapataria (6 de setembro de 1384).		- Partiram do lugar no dia 14 de outubro de 1384.	

Lugares:	Lisboa	Sapataria	Sapataria	Torres Vedras	Torres Vedras	Santarém	Santarém	Torres Novas	Torres Novas	Tomar
Distâncias:	- Segundo as crónicas 5 léguas; - 27,2 km.	- Segundo as crónicas 3 léguas; - 14,6 km.			- 52 km.		- 29,5 km.		- 17,7 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CL (pp.273-276); Cap. CLV (pp.288-291); Cap. CLVI (pp.292-293); CDC, Cap. XXXVI (pp.88-89); CDJU, Año Sexto Cap. XI (pp.570-572)

Mapa 85 | Deslocação de Nuno Álvares Pereira a Lisboa para falar com o mestre de Avis (última semana de setembro de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLII (pp.281-282); Cap. CLIII (pp.283-284); CDC, Cap. XXXVI (pp.88-89)

Legenda:

Movimentação	Bloqueio naval
--------------	----------------

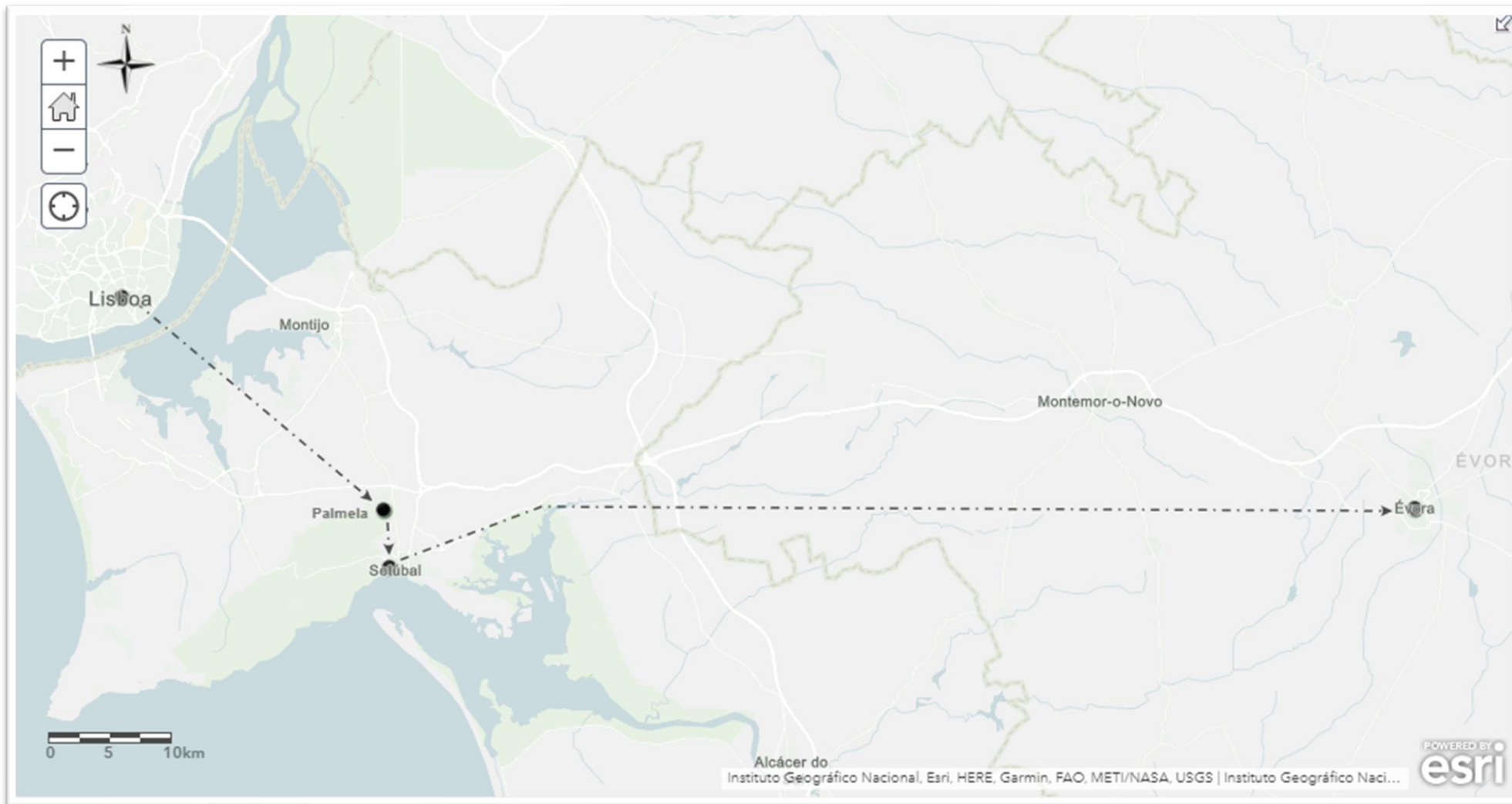
Sabendo que as forças castelhanas que, sob o comando de Juan I, tinham cercado Lisboa se encontravam em Santarém bastante debilitados por causa da peste, Nuno Álvares Pereira quis ir sobre eles. Antes de o fazer, solicitou autorização ao Mestre de Avis; o mestre mandou que aguardasse por ele. Constatando que D. João não vinha, Nuno Álvares decidiu ir falar-lhe pessoalmente. Assim, partiu de Palmela e dirigiu-se ao Montijo; na noite de 30 de setembro partiu num batel e chegou a Lisboa de manhã.

Data:	Última semana de setembro de 1384.
-------	------------------------------------

Lugares:	Palmela	Montijo	Montijo	Lisboa
Intervalo de Tempo:	- 16,7 km.		- Segundo as crónicas 2 léguas; - 15,4 km.	

Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CLII (pp.281-282); Cap. CLIII (pp.283-284); CDC, Cap. XXXVI (pp.88-89)

Mapa 86 | Deslocação de Nuno Álvares Pereira de Lisboa a Évora (outubro de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLIV (pp.285-288); CDC, Cap. XXXVI (pp.88-89)

Legenda:

---> Movimentação

No dia 6 de outubro de 1384, depois de se encontrar com o mestre, Nuno Álvares Pereira retornou a Palmela; onde deveria aguardar por D. João para juntos, se lançarem sobre os castelhanos. Quando souberam que o monarca já tinha partido de Santarém, não levaram avante a intenção. Nuno Álvares foi para Setúbal e dali regressou a Évora.

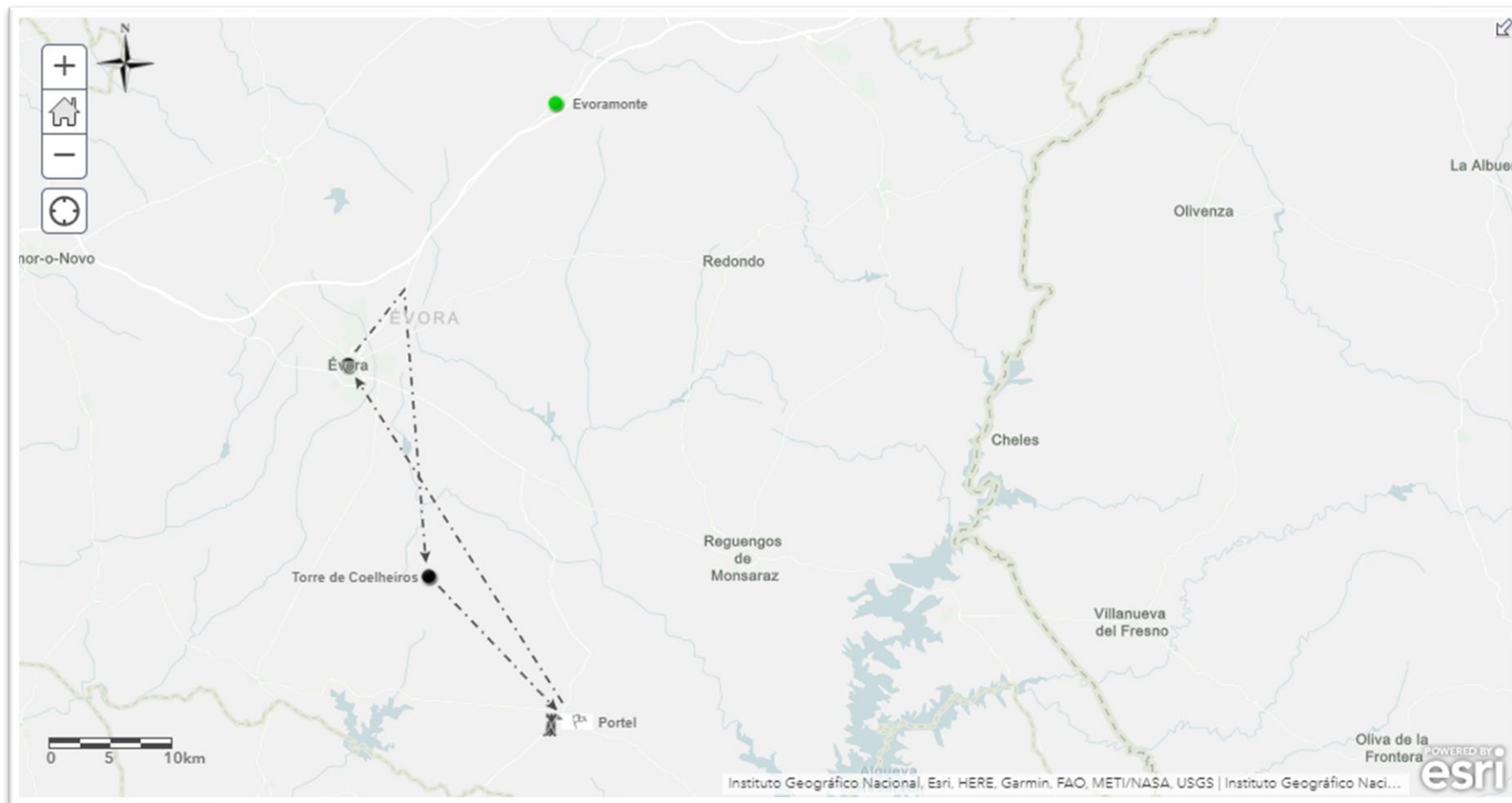
Data:	Outubro de 1384.
-------	------------------

Lugares:	Lisboa	Palmela	Setúbal	Évora
Intervalo de Tempo:	- Partiu do lugar no dia 6 de outubro de 1384.	- Chegou ao lugar no mesmo dia que partiu de Lisboa (6 de outubro de 1384); - Terá partido do lugar no dia 16 de outubro de 1384.	- Dia 16 de outubro de 1384.	- Dia 16 de outubro de 1384.

Lugares:	Lisboa	Palmela	Palmela	Setúbal	Setúbal	Évora
Distâncias:	- 28 km.		- 4,82 km.		- 85,6 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLIV (pp.285-288); CDC, Cap. XXXVI (pp.88-89); IDN, p. 30

Mapa 87 | Tomada da vila de Portel e do castelo (novembro de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLVII (pp.294-296); Cap. CLVIII (pp.296-298); CDC, Cap. XXXVII (pp.89-92)

Legenda:

<p>---> Movimentação de Nuno Álvares Pereira e das suas gentes</p>	<p> Cerco do castelo</p>	<p> Tomada do castelo através de uma preitesia</p>	<p> Inicialmente Nuno Álvares Pereira levou caminho de Evoramonte, de forma a manter em segredo a operação, só mais adiante é que se dirigiu para Portel, até Torre de Coelheiros andou por uma estrada sem caminho</p>
---	---	---	--

Apesar dos moradores da vila de Portel apoiarem o Mestre de Avis, o alcaide Fernão Gonçalves de Sousa mantinha voz pelo monarca castelhano. Com o alcaide estava o fronteiro Garcia Fernandez com cento e vinte lanças e outras gentes. Definido o plano com alguns elementos da população de Portel, Nuno Álvares - sem ter dito às suas gentes para onde iam - partiu de Évora em direção de Évora-Monte.

Contudo, inverteu a direção e avançou para Torre dos Coelhoos. Depois de descansarem um pouco, partiram e chegaram de manhã a Portel. Com as portas abertas, conforme planeado, entraram de rompante na vila, apanhando os castelhanos de surpresa, que se refugiaram no castelo. Pouco depois, após algumas escaramuças acabaram por entregar o castelo. Depois de colocar guarda na vila e de expulsar os castelhanos e o alcaide, Nuno Álvares retornou a Évora.

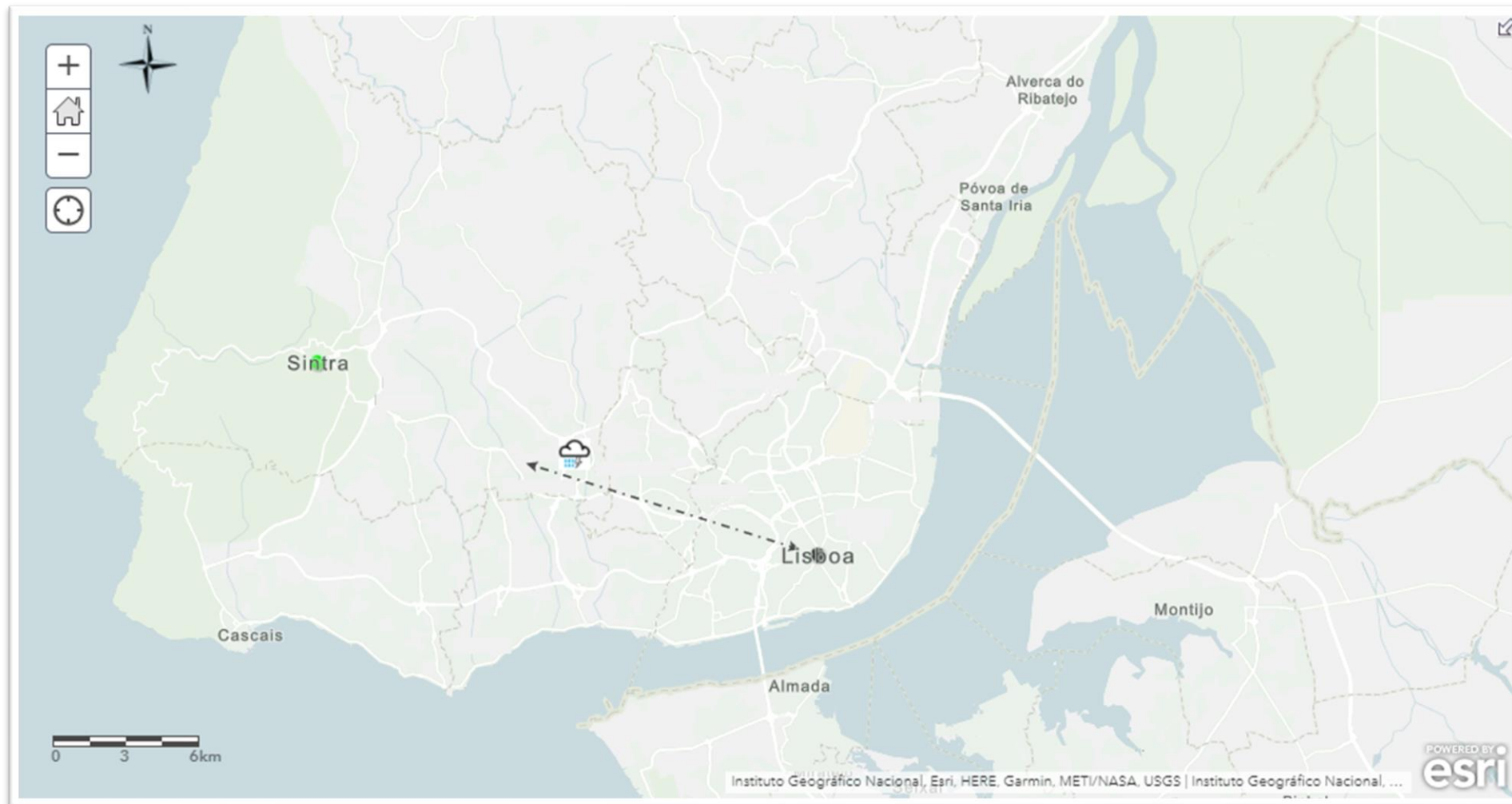
Data:	Novembro de 1384.
-------	-------------------

Lugares:	Évora	Torre de Coelhoos	Portel	Évora
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar de tarde.	- Descansaram um bocado no lugar; - De noite partiram do lugar.	- Chegaram ao lugar na madrugada do dia seguinte.	

Lugares:	Évora	Torre de Coelhoos	Torre de Coelhoos	Portel	Portel	Évora
Distâncias:	- Segundo as crónicas 3 léguas; - 18,8 km.	- 16,3 km.		- Segundo as crónicas 6 léguas; - 34,3 km.		

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLVII (pp.294-296); Cap. CLVIII (pp.296-298); CDC, Cap. XXXVII (pp.89-92); IDN, p. 31

Mapa 88 | Deslocação do Mestre de Avis rumo a Sintra (outubro de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLXIV (pp.309-311)

Legenda:

Movimentação (ida e volta)	Forte tempestade que apanharam no caminho	Sintra, lugar para onde se pretendiam dirigir
----------------------------	---	---

Após o levantamento do cerco de Lisboa, o Mestre de Avis decidiu tomar os lugares que, em redor da cidade, estavam pelo monarca castelhano. Depois de ter acordado com os moradores de Sintra que lhe dariam o lugar e o castelo, na tarde do dia 24 de outubro de 1384, o mestre partiu de Lisboa a caminho de Sintra. No caminho apanhou uma grande tempestade que levou muitos homens a perderem-se e obrigou o Mestre a regressar a Lisboa, onde reentrou na tarde do dia seguinte.

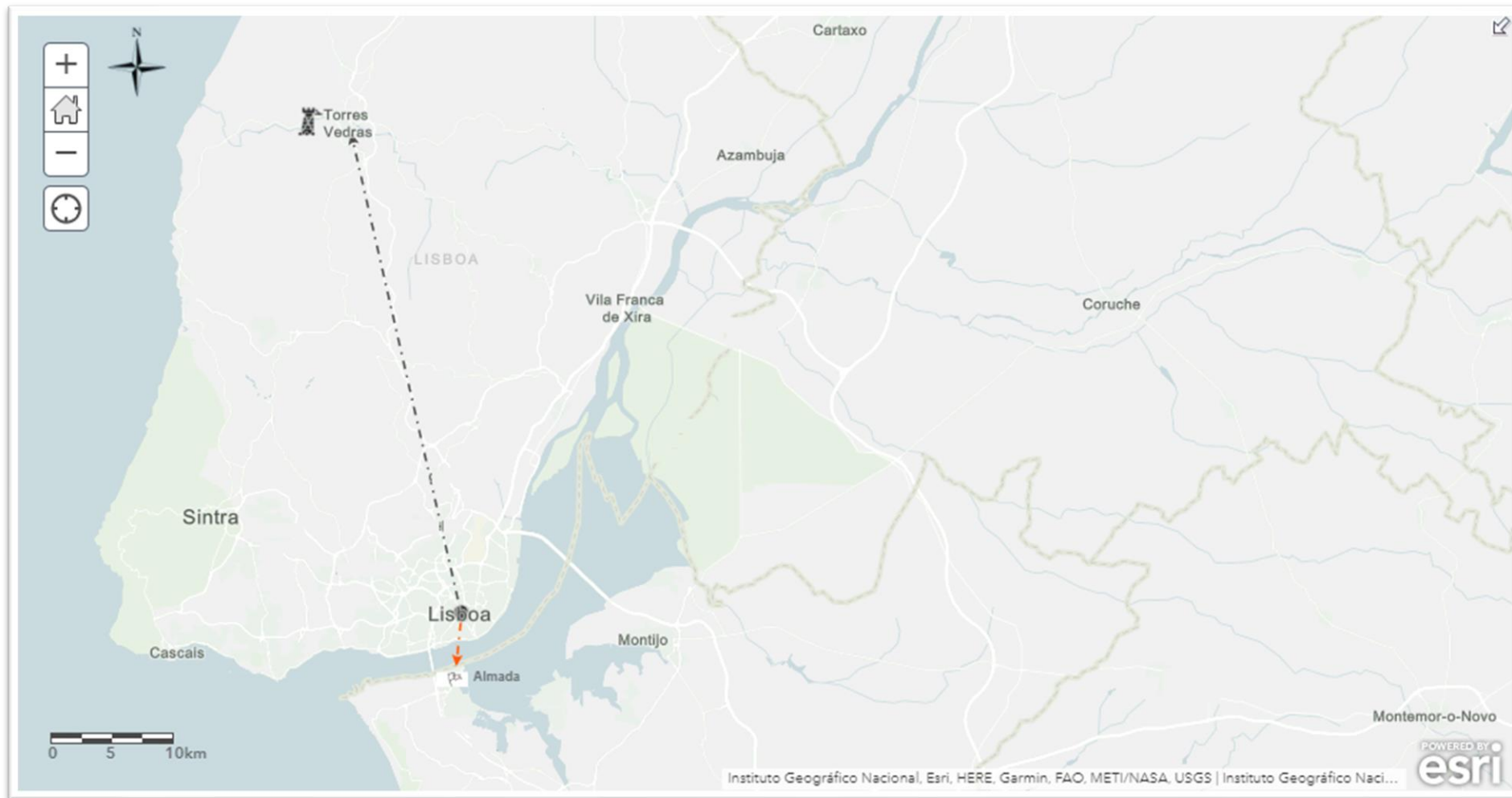
Data:	Outubro de 1384.
-------	------------------

Lugares:	Lisboa	Caminho que vai para Sintra	Lisboa
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar na tarde do dia 24 de outubro de 1384.	- Tarde e noite daquele dia (24 de outubro de 1384).	- Chegaram ao lugar na tarde do dia seguinte (25 de outubro de 1384).

Lugares:	Lisboa	Sintra
Distâncias:	- Segundo as crónicas 5 léguas; - 22,2 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLXIV (pp.309-311)

Mapa 89 | Início das operações de cerco a Torres Vedras e deslocação do Mestre de Avis a Almada (finais de outubro de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CLXV (pp.311-313)

Legenda:

	Movimentação de João Fernandes Pacheco		Movimentação do mestre de Avis		Cerco		Entrega do lugar
--	--	--	--------------------------------	--	-------	--	------------------

No dia 28 de outubro de 1384, depois de ter pagado o soldo para um mês, o Mestre de Avis incumbiu João Fernandes Pacheco de iniciar o cerco a Torres Vedras. A pedido dos moradores de Almada, no dia 31 de outubro, o mestre – acompanhado pelo conde Gonçalo Teles e duzentas lanças - deslocou-se ao lugar para o receber.

Data:	Outubro de 1384.
-------	------------------

Composição da força que acompanhou o Mestre de Avis:	- 200 lanças.
--	---------------

Movimentação de João Fernandes Pacheco:

Lugares:	Lisboa	Torres Vedras
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 28 de outubro de 1384.	

Lugares:	Lisboa	Torres Vedras
Distâncias:	- 41,6 km.	

Movimentação do Mestre de Avis:

Lugares:	Lisboa	Almada
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 31 de outubro de 1384.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Lisboa (31 de outubro de 1384).

Lugares:	Lisboa	Almada
Distâncias:	- 5,45 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLXV (pp.311-313)

Mapa 90 | Deslocação até ao cerco de Alenquer e transporte de artefactos de cerco (novembro de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLXVI (pp.313-315); Cap. CLXVII (pp.315-316); Cap. CLXVIII (pp.316-317)

Legenda:

Movimentação do mestre de Avis e de parte da hoste	Transporte dos engenhos de cerco	Cerco
--	----------------------------------	-------

Depois da ceia, o mestre e o seu contingente embarcaram em trinta e cinco embarcações e foram desembarcar em Piquete (lugar que ficava entre Vila Nova da Rainha e Castanheira do Ribatejo). Na manhã chegaram a Alenquer e depois de uma tentativa infrutífera de tentar demover Vasco Peres render-se, iniciaram o cerco ao castelo. Passado algum tempo vieram de Lisboa engenhos de cerco, que foram transportados em barcas até Piquete, e por bois até Alenquer. Pela falta de água e pelas minas que os sitiadores abriam, no dia 10 de dezembro de 1384, Vasco Peres capitulou.

Data:	Novembro e dezembro de 1384.
-------	------------------------------

Movimentação do Mestre de Avis:

Lugares:	Almada	Piquete	Alenquer
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar de noite.	- Chegaram ao lugar de noite; - Partiram do lugar na manhã (5 de novembro de 1384).	- Na mesma manhã (5 de novembro de 1384); - Permaneceram no lugar até ao dia 10 de dezembro de 1384.

Lugares:	Almada	Piquete (Possível localização)	Piquete (Possível localização)	Alenquer	Lisboa	Piquete (Possível localização)
Distâncias:	- 40,8 km.		- Segundo as crónicas 1 légua; - 7,59 km.		- 35,6 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLXVI (pp.313-315); Cap. CLXVII (pp.315-316); Cap. CLXVIII (pp.316-317); IDJ, p. 16

Mapa 91 | Deslocação da força do Mestre de Avis a Torres Vedras, para se juntar ao cerco (dezembro de 1384)



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLXIX (pp.317-319)

Legenda:

Movimentação do mestre	Cerco	Entrega do lugar através de uma preitesia
------------------------	-------	---

Depois de ter tomado Alenquer através de uma preitesia, e de aí deixar uma forte guarnição, o Mestre de Avis partiu com as suas forças para Torres Vedras levando alguns engenhos de cerco. O lugar já estava cercado desde finais de outubro por João Fernandes Pacheco.

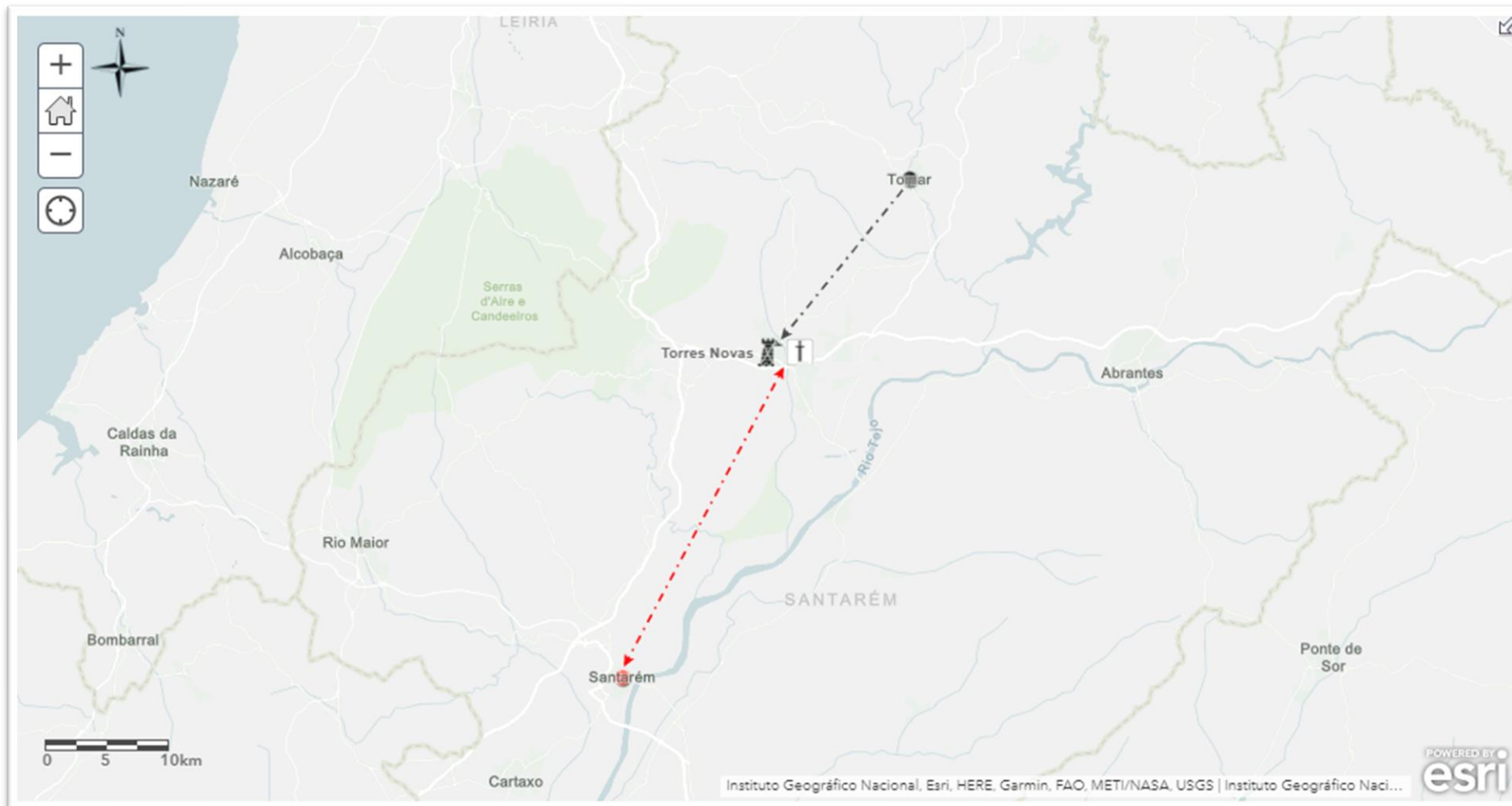
Data:	Dezembro de 1384.
-------	-------------------

Lugares:	Alenquer	Torres Vedras
Intervalo de Tempo:	- O Mestre de Avis esteve no lugar até ao dia 18 de dezembro de 1384.	- Deteta-se a presença do Mestre de Avis a partir do dia 19 de dezembro de 1384.

Lugares:	Alenquer	Torres Vedras
Distâncias:	- 21,7 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLXIX (pp.317-319); IDJ, p. 16

Mapa 92 | Movimentação até ao cerco de Torres Novas e deslocação de socorro das forças de Diego Gomez Sarmento (novembro de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CLXIX (pp.317-319); CDJU, Año Séptimo Cap. I (pp.573)

Legenda:

---▶	Movimentação do mestre de Cristo e do prior do Hospital	<--->	Movimentação (ida e volta) de Diego Gomez Sarmento	🏰	Cerco	⚔️	Combate/escaramuça
------	---	-------	--	---	-------	----	--------------------

No mês de novembro - na altura em que D. João foi sobre Alenquer - o mestre de Cristo, Lopo Dias de Sousa, acompanhado pelo prior do Hospital, e por Rodrigo Álvares Pereira partiu de Tomar acompanhado por uma força composta por oitenta lanças, alguns besteiros, homens de pé e um engenho de cerco, foram cercar Torres Novas. Sabendo que a vila dispunha de poucos mantimentos, Diego Gomez Sarmiento, que se encontrava em Santarém, decidiu ir em socorro da vila e do seu alcaide, Afonso Lopes Teixeira. Ao comando de uma força composta por duzentos homens de cavalo conseguiu desbaratar os sitiadores e capturar um grande número deles.

Data:	Novembro de 1384.
-------	-------------------

Composição da força de Diego Gomez Sarmiento:	- 200 homens de cavalo.
Composição do contingente português:	- 80 lanças; - Alguns besteiros e homens de pé; - 1 engenho de cerco.

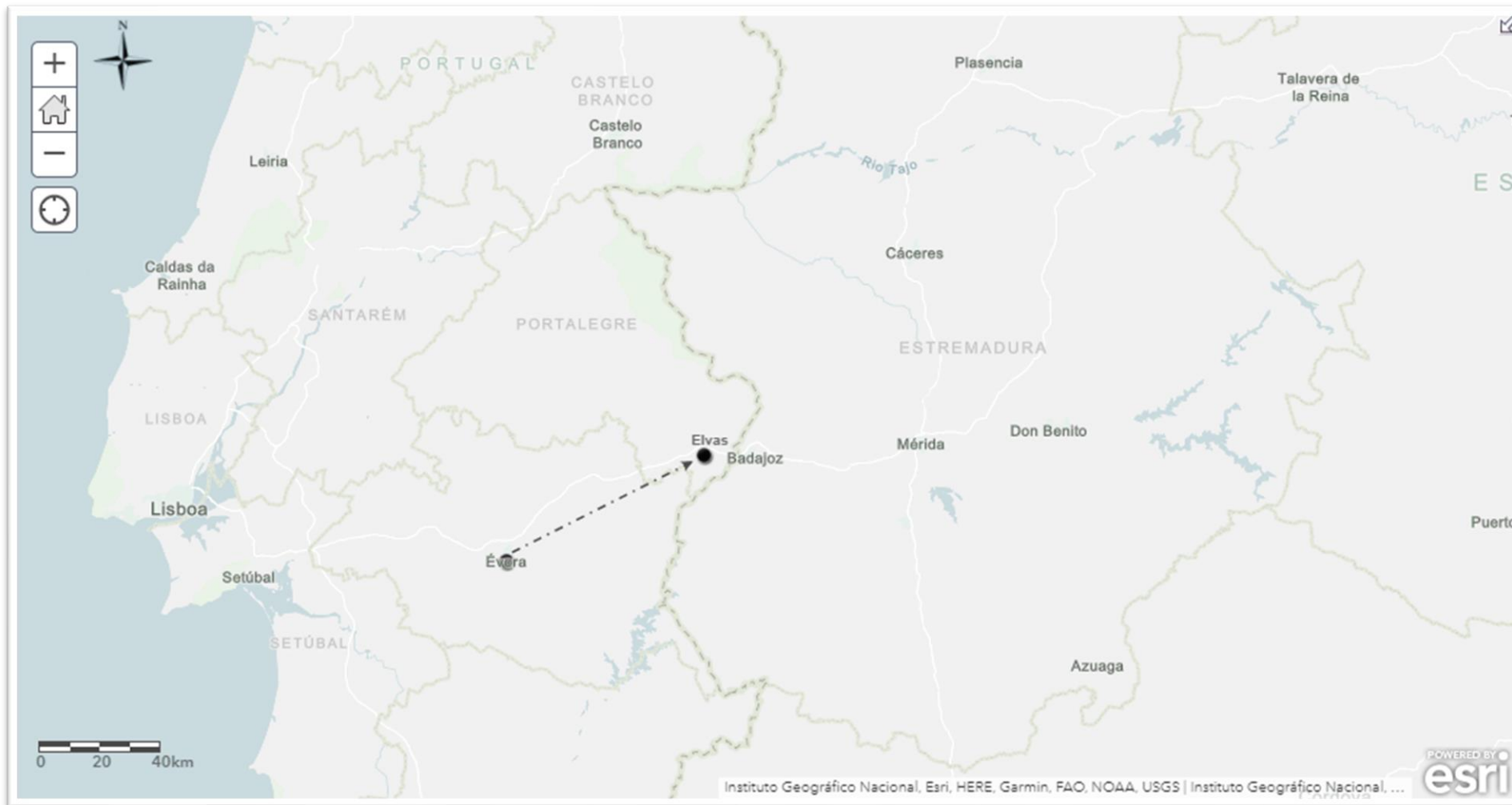
Movimentação dos castelhanos:

Lugares:	Santarém	Torres Novas	Santarém
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar à meia-noite.	- Na manhã do dia seguinte chegaram ao lugar.	

Lugares:	Santarém	Torres Novas	Torres Novas	Tomar
Distâncias:	- Segundo as crónicas 5 léguas; - 29,5 km.		- 17,7 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLXIX (pp.317-319); CDJU, Año Séptimo Cap. I (pp.573)

Mapa 93 | Deslocação de Nuno Álvares Pereira a Elvas (segunda quinzena de dezembro de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CLXXI (pp.320-321); CDC, Cap. XXXVIII (pp.92-95)

Legenda:

---> Movimentação

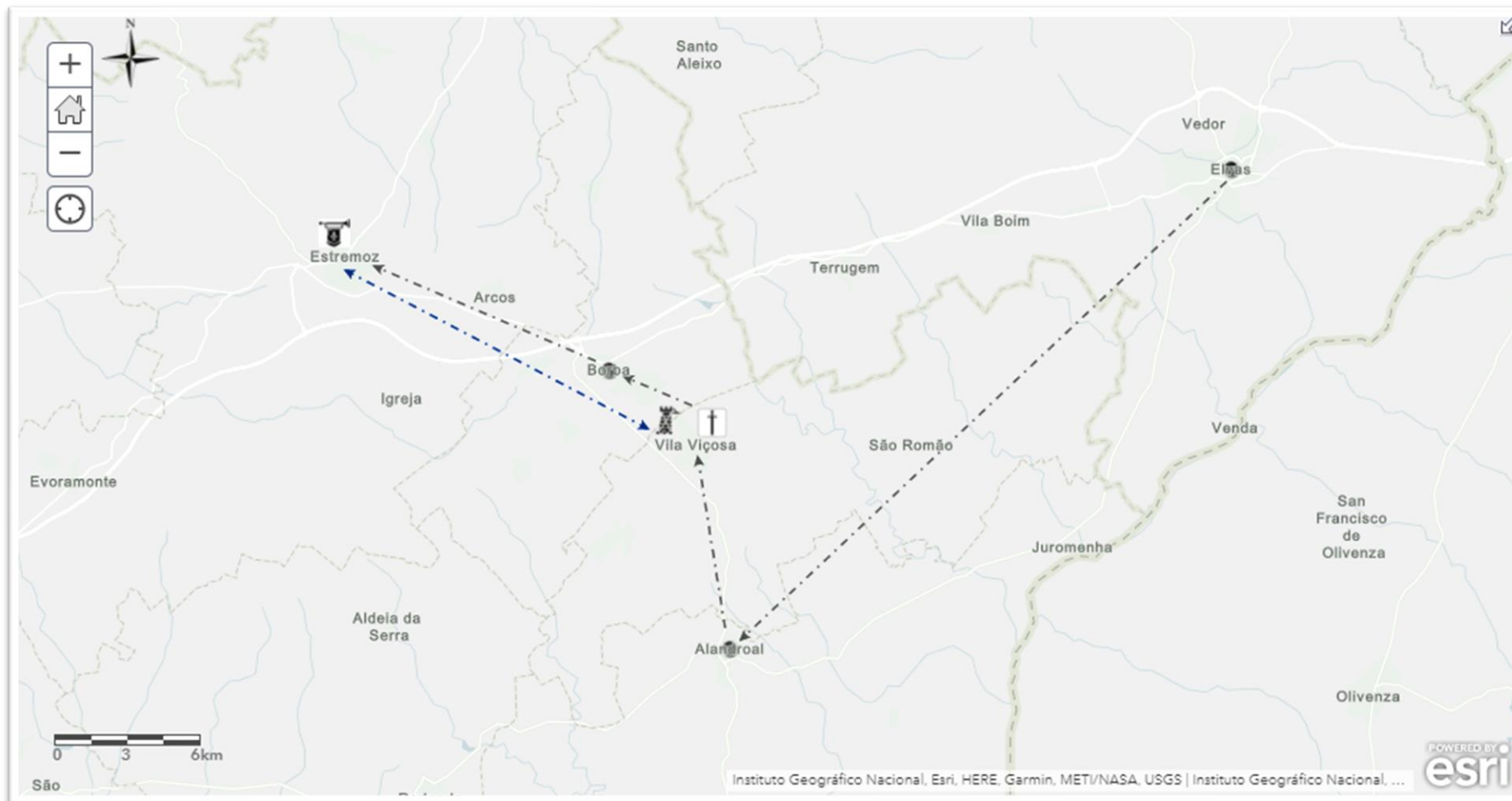
Por volta da segunda quinzena de dezembro de 1384, chegou a informação a Nuno Álvares Pereira que alguns moradores de Elvas queriam que o lugar tomasse voz pelo monarca castelhano. Face a esta informação, Nuno Álvares partiu de Évora e foi a Elvas para impedir que tal acontecesse. Naquele lugar mandou alguns moradores suspeitos para o arraial sobre Torres Vedras.

Data:	Segunda quinzena de dezembro de 1384.
-------	---------------------------------------

Lugares:	Évora	Elvas
Distâncias:	- 73,9 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLXXI (pp.320-321); CDC, Cap. XXXVIII (pp.92-95); IDN, p. 31

Mapa 94 | Tentativa frustrada de entrada em Vila Viçosa e cerco do lugar (segunda quinzena de dezembro de 1384)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CLXXII (pp.321-323); CDC, Cap. XXXVIII (pp.92-95); CDC, Cap. XXXIX (pp.95-96)

Legenda:

<p>---> Primeira movimentação de Nuno Álvares Pereira</p>	<p><---> Segunda movimentação (ida e volta) de Nuno Álvares Pereira após juntar mais gentes em Estremoz</p>	<p>⚔ Tentativa de entrada no lugar</p>	<p>🏰 Mobilização de mais contingentes</p>	<p>🏰 Cerco</p>
--	---	--	---	----------------

Estando em Elvas, certo dia chegaram a Nuno Álvares Pereira alguns homens bons de Vila Viçosa dizendo que lhe abririam, e aos seus homens, uma das portas da vila. Acreditando no que lhe era dito, certa noite, Nuno Álvares partiu em direção de Vila Viçosa. Pernoitou no Alandroal e na manhã aproximou-se do alvo. Crendo na informação que tinha, mandou adiante o seu irmão Fernão Pereira e Álvaro Coitado com um pequeno destacamento; assim que chegaram à porta da Torre, os do lugar lançaram um canto que matou Fernão Pereira. Quanto a Álvaro Coitado, apesar de ter conseguido entrar na vila, acabou por ser preso. Nuno Álvares não dispo de qualquer engenho de cerco, partiu do lugar e foi para Borba. No dia seguinte, mandou pedir a Vasco Porcalho que enviasse o corpo do seu irmão; este foi logo trazido e Nuno Álvares foi sepultá-lo no mosteiro de São Francisco de Estremoz. Nesta Vila, Nuno Álvares mobilizou mais gentes e conseguiu um engenho de cerco para ir cercar Vila Viçosa. Durante o cerco houve algumas escaramuças, e apesar de o engenho atirar de dia e de noite, isso não surtiu qualquer efeito prático. Constatando que o lugar era forte e estava bem apetrechado de mantimentos e homens, Nuno Álvares levantou o cerco e retornou a Estremoz.

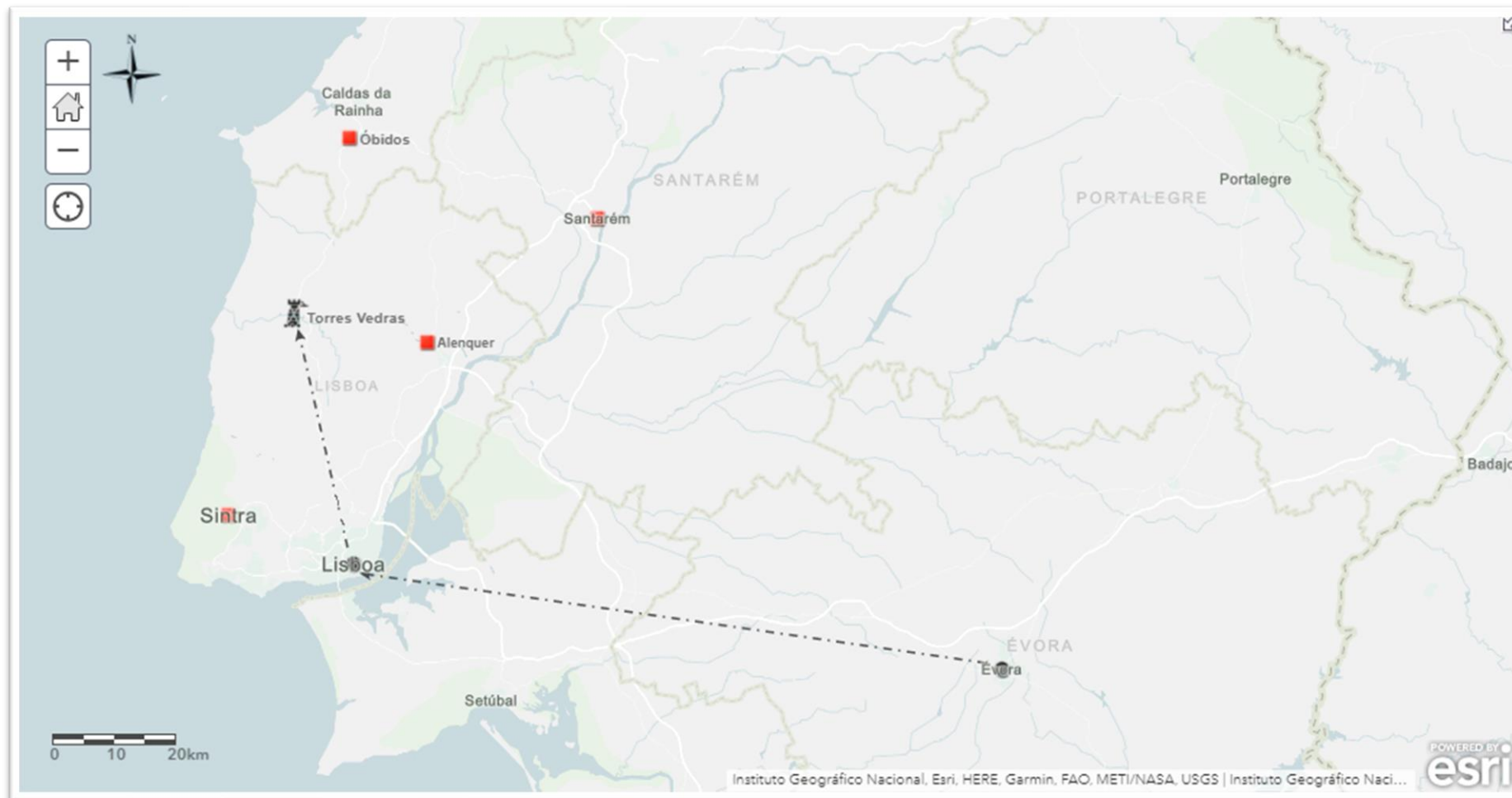
Data:	Segunda quinzena de dezembro de 1384.
-------	---------------------------------------

Lugares:	Elvas	Alandroal	Vila Viçosa	Borba	Estremoz	Vila Viçosa	Estremoz
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar de noite.	- Chegaram ao lugar nessa mesma noite.	- Chegaram ao lugar na manhã do dia seguinte.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Vila Viçosa; - Pernoitaram no lugar, - No dia seguinte partiram do lugar.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Borba.		

Lugares:	Elvas	Alandroal	Alandroal	Vila Viçosa	Vila Viçosa	Borba	Borba	Estremoz	Estremoz	Vila Viçosa
Distâncias:	- Segundo as crónicas 4 léguas; - 28,8 km.		- 8,57 km.		- Segundo as crónicas 1 légua; - 4,77 km.		- Segundo as crónicas 1 légua; - 11,9 km.		- 16,5 km.	



Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLXXII (pp.321-323); CDC, Cap. XXXVIII (pp.92-95); CDC, Cap. XXXIX (pp.95-96); IDN, pp. 31-32

Mapa 95 | Deslocação de Nuno Álvares a Torres Vedras para se juntar ao cerco (janeiro de 1385)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CLXXVIII (pp.334-337); CDC, Cap. XLI (pp.97-98)

Legenda:

<p>---▶ Movimentação de Nuno Álvares Pereira</p>	<p> Cerco</p>	<p> Lugares que estavam por Castela e que dispunham de muitas gentes. Estas pretendiam-se juntar e irem contra o mestre, que estava em Torres Vedras</p>
--	--	---

Estando a cercar Torres Vedras, o Mestre de Avis pediu a Nuno Álvares Pereira que o viesse auxiliar; este atendeu ao pedido e em janeiro de 1385 foi para Lisboa. Aqui, ouviu dizer que os castelhanos que tinham alguns lugares queriam ir sobre o mestre durante uma noite, e que já haviam combinado a operação com o alcaide de Torres Vedras. Assim que soube dos planos do inimigo, Nuno Álvares, partiu para Torres Vedras.

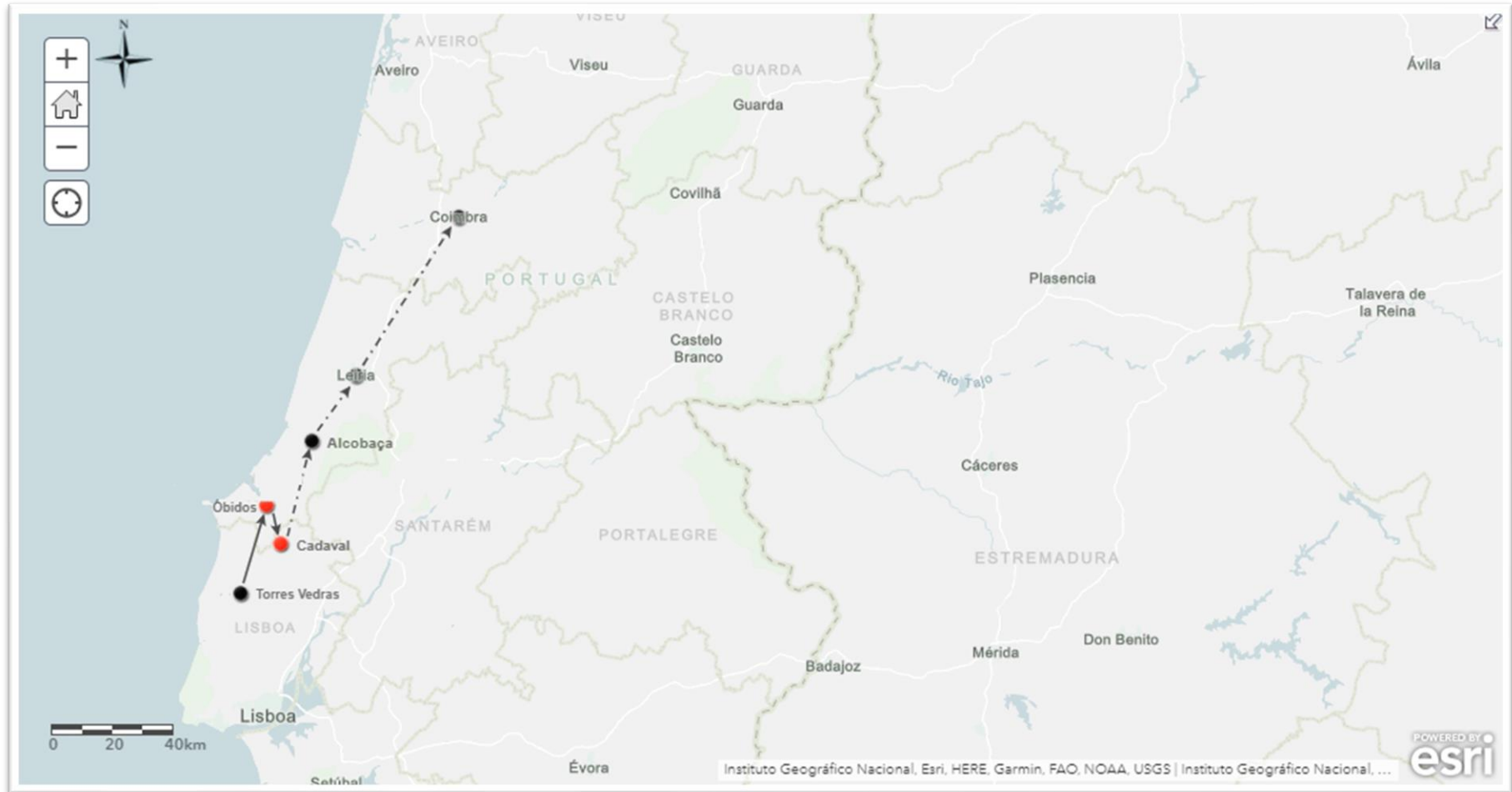
Data:	Janeiro de 1385.
-------	------------------

Composição da força de Nuno Álvares Pereira:	- 60 mulas com cotas e braçais.
--	---------------------------------

Lugares:	Évora	Lisboa	Lisboa	Torres Vedras
Distâncias:	- 108,9 km.		- 41,6 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLXXVIII (pp.334-337); CDC, Cap. XLI (pp.97-98); IDN, p. 32

Mapa 96 | Abandono do cerco de Torres Vedras e deslocação para Coimbra (entre fevereiro e março de 1385)



Fonte: CDJ I, 1ª, Cap. CLXXIX (pp.337-339); Cap. CLXXX (pp.339-341); Cap. CLXXXI (pp.341-343); CDC, Cap. XLI (pp.97-98); CDJU, Año Séptimo Cap. VI (pp.583); IDJ, p.19

Legenda:

--->	Movimentação	—>	Movimentação referenciada nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i>	●	Lugares referenciados nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i>
------	--------------	----	--	---	--

Estando a cercar Torres Vedras há já algum tempo (o cerco foi iniciado por João Fernandes Pacheco nos finais de outubro de 1384), vendo que não conseguiam tomar o lugar e que se aproximava a data do início das cortes, Nuno Álvares Pereira aconselhou o Mestre de Avis a ir para Coimbra, onde iria ter lugar essa reunião. No dia 14 de fevereiro de 1385 levantaram o cerco e iniciaram a marcha para Coimbra. Pelo caminho passaram por Óbidos, Cadaval, Alcobaça e Leiria até que chegaram a Coimbra no dia 3 de março de 1385.

Data:	Fevereiro – março de 1385.
-------	----------------------------

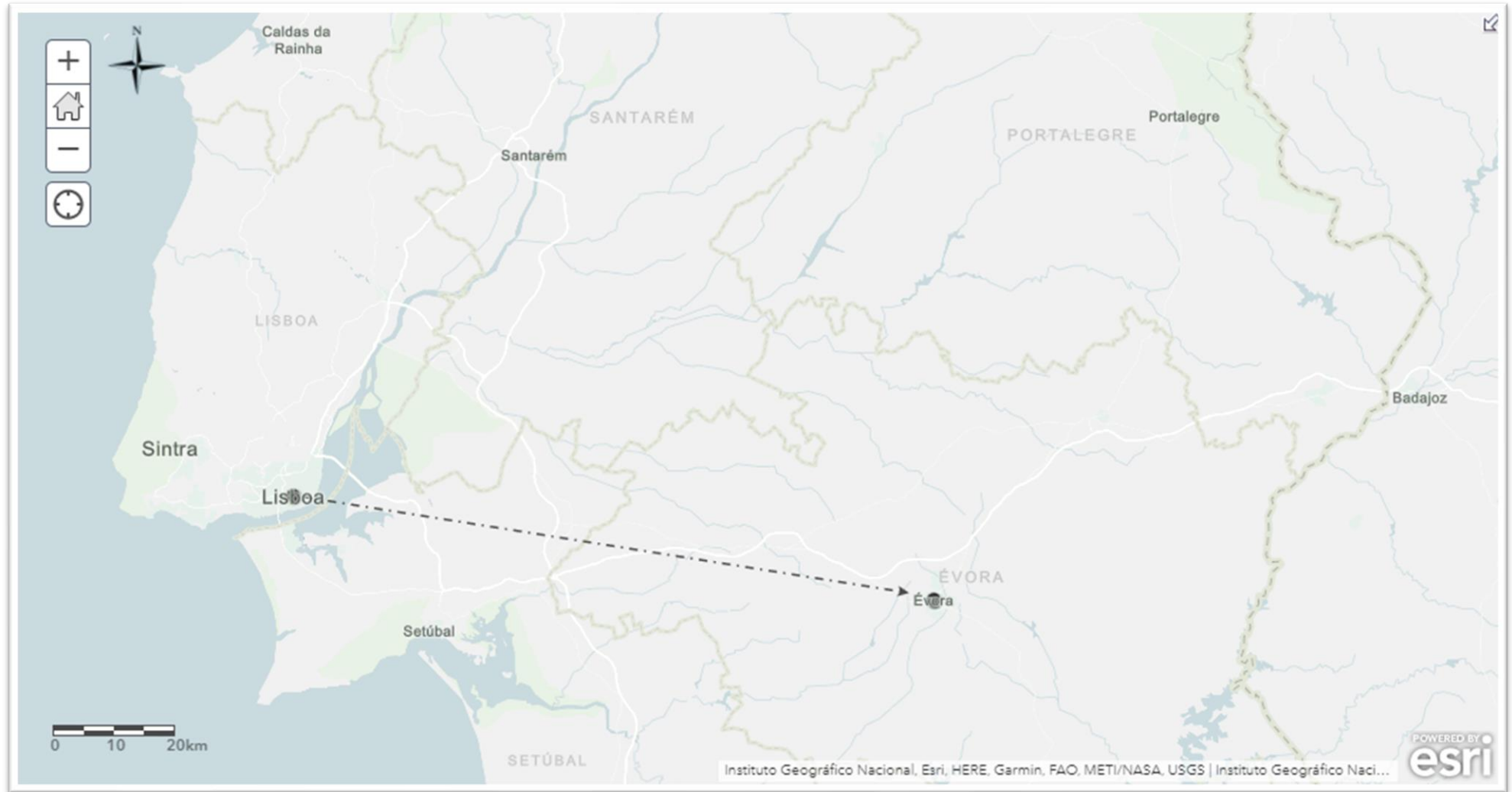
Composição do contingente do Mestre de Avis que partiu de Torres Vedras:	- 600 lanças (apenas 150 iam encavalgadas e os restantes iam armados a pé).
--	---

Lugares:	Torres Vedras	Óbidos	Cadaval	Alcobaça	Leiria	Coimbra
Intervalo de Tempo:	- Terão partido do lugar por volta do dia 14 de fevereiro de 1385.				- Nos dias 22 e 23 de fevereiro de 1385 encontravam-se no lugar.	- Chegaram ao lugar no dia 3 de março de 1385.

Lugares:	Torres Vedras	Óbidos	Óbidos	Cadaval	Cadaval	Alcobaça	Alcobaça	Leiria	Leiria	Coimbra
Distâncias:	- 30,7 km.		- 13,7 km.		- 35,5 km.		- 26 km.		- 62 km.	

Fonte: CDJ I,1ª, Cap. CLXXIX (pp.337-339); Cap. CLXXX (pp.339-341); Cap. CLXXXI (pp.341-343); CDC, Cap. XLI (pp.97-98); CDJU, Año Séptimo Cap. VI (pp.583); IDJ, p.19

Mapa 97 | Deslocação dos ingleses a Évora (abril de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. IV (pp.10-12)

Legenda:

---> Movimentação

No dia 2 de abril de 1385 chegaram a Lisboa uma nau e uma barca inglesa com mantimentos e homens de armas; ao chegarem deu-se um combate com as dez galés castelhanas que já se encontravam sobre Lisboa. Segundo Fernão Lopes, morreram duzentos e cinquenta castelhanos e quatro ingleses, tendo havido muitos feridos. Os ingleses depois de desembarcarem na cidade foram levados para Évora, onde deveriam receber as montadas de que necessitavam.

Data:	Abril de 1385.
-------	----------------

Composição da frota castelhana:	- 10 galés.
Composição da frota inglesa:	- 1 nau; - 1 barca.

Lugares:	Lisboa	Évora
Intervalo de Tempo:	- Chegaram ao lugar no dia 2 de abril de 1385.	

Lugares:	Lisboa	Évora
Distâncias:	- 108,9 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. IV (pp.10-12)

Mapa 98 | Deslocação de Nuno Álvares Pereira de Coimbra ao Porto (abril de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. V (pp.12-14); CDC, Cap. XLIII (pp.100-104)

Legenda:

---> Movimentação

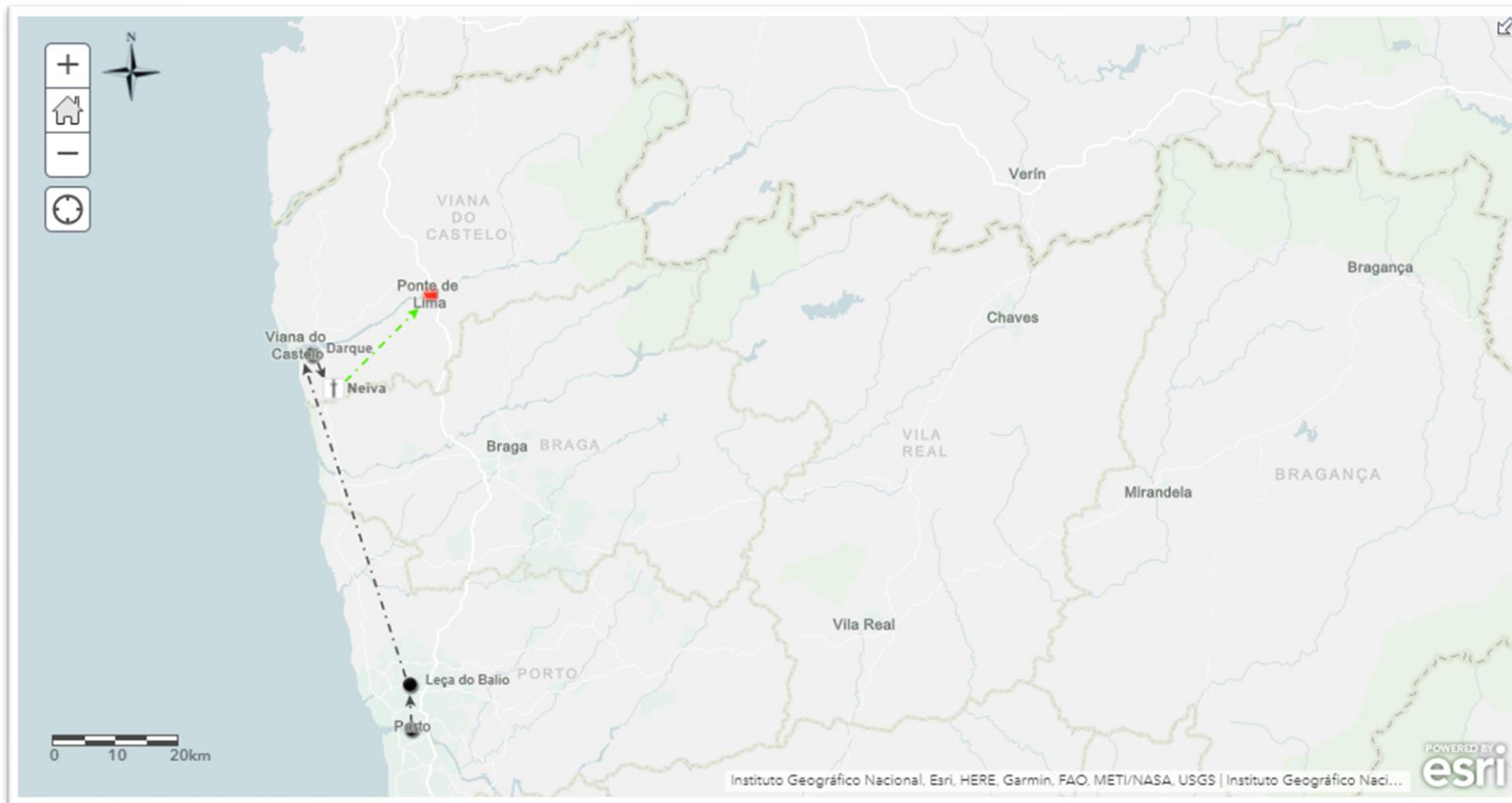
Nas cortes de Coimbra o Mestre de Avis foi eleito rei de Portugal e Nuno Álvares Pereira nomeado condestável. Naquela cidade, sabendo que grande parte da frota castelhana já se encontrava sobre a cidade de Lisboa, o monarca mandou armar uma frota no Porto para que o condestável fosse combater os navios castelhanos. O condestável partiu para o Porto ainda no mês de abril de 1385.

Data:	Em data posterior a 10 de abril e anterior a 25 de abril de 1385.
-------	---

Lugares:	Coimbra	Porto
Distâncias:	- 104,7 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. V (pp.12-14); CDC, Cap. XLIII (pp.100-104); IDN, p. 33; CR, p. 152

Mapa 99 | Deslocação de Nuno Álvares e toma de Neiva que estavam por Castela (abril de 1385)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. V (pp.12-14); Cap. VI (pp.14-15); CDC, Cap. XLIII (pp.100-104)

Legenda:

<p>---> Movimentação do condestável e das suas gentes</p>	<p>...> Movimentação da filha de Lopo Gomes, escoltada por certos homens do condestável</p>	<p>† Combate e roubo do castelo</p>	<p>■ Lugar que estava por Castela</p>
--	--	-------------------------------------	---------------------------------------

Depois de chegar ao Porto e na impossibilidade de ir combater a frota castelhana que se encontrava sobre Lisboa, o condestável decidiu ir em romaria até Santiago; no caminho aproveitava para tomar os lugares daquela comarca que estavam por Castela. Assim, certo dia depois de comer - juntamente com cento e cinquenta escudeiros encavalgados - partiu do Porto e foi pernoitar a Leça do Balio. Naquele lugar juntaram-se os restantes homens que iam a pé, pois não dispunham de cavalo. Quando partiram no caminho juntaram-se mais quarenta homens de armas, peões e bestas daquela comarca; de maneira que nas imediações de Darque já tinham quatrocentas lanças devidamente montadas. À tarde chegaram a Neiva e combateram o lugar que estava por Castela. Durante os combates o alcaide, genro de Lopo Gomes de Lira, foi morto. Depois da preitesia o castelo foi roubado e a filha de Lopo Gomes de Lira foi escoltada por certos homens do condestável até Ponte de Lima. Nuno Álvares deixou Afonso do Casal ao comando da vila.

Data:	Em data posterior a 10 de abril e anterior a 25 de abril de 1385.
-------	---

Composição do contingente do condestável quando partiu do Porto:	- 150 escudeiros encavalgados; - Alguns homens desencavalgados.
Composição do contingente do condestável quando chegou aquém de Darque:	- 400 lanças encavalgadas; - Alguns homens desencavalgados.

Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Porto	Leça do Balio	Darque	Neiva
Intervalo de Tempo:		- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram do Porto; - Pernoitaram no lugar.		- Chegaram ao lugar à tarde; - No dia seguinte permaneceram no lugar, depois do combate e da preitesia roubaram o castelo.

Lugares:	Porto	Leça do Balio	Leça do Balio	Darque	Darque	Neiva
Distâncias:	- Segundo as crónicas 1 grande légua; - 6,94 km.		- Segundo as crónicas 8 léguas; - 54,8 km.		- 5,86 km.	

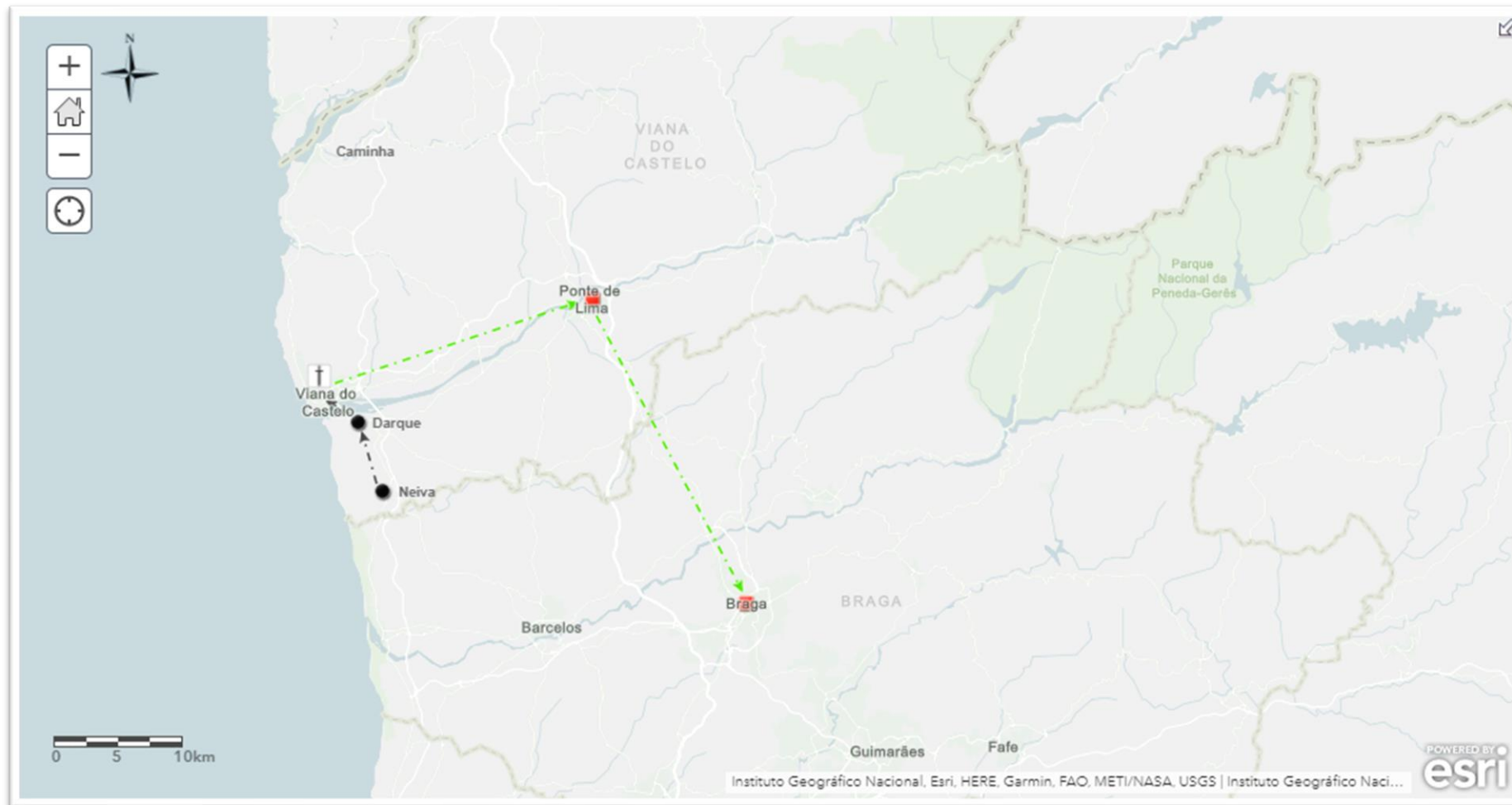
Movimentação da filha de Lopo Gomez:

Lugares:	Neiva	Ponte de Lima
Intervalo de Tempo:	- No dia a seguir ao roubo do castelo, na manhã, partiram do lugar.	- No mesmo dia.

Lugares:	Neiva	Ponte de Lima
Distâncias:	- Segundo as crónicas 4 léguas; - 22,6 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. V (pp.12-14); Cap. VI (pp.14-15); CDC, Cap. XLIII (pp.100-104); IDN, p. 33; CR, p. 152

Mapa 100 | Deslocação de Nuno Álvares e toma de Viana do Castelo (abril de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. VII (pp.15-16); CDC, Cap. XLIII (pp.100-104)

Legenda:

--->	Movimentação do condestável e das suas gentes>	Movimentação, após a preitesia, do alcaide do castelo e das suas gentes	I	Combate e tomada do castelo através de uma preitesia	■	Lugares que estavam por Castela
------	---	--------	---	---	--	---	---------------------------------

Na manhã do dia após a conquista do castelo de Neiva e depois de ter deixado Afonso do Casal no lugar, as forças do condestável passaram por Darque e chegaram a Viana do Castelo, cujo alcaide, Vasco Lourenço de Lira, irmão de Lopo Gomes, tinha voz por Castela. Durante os violentos combates que tiveram lugar, o alcaide ficou ferido e as portas da vila foram incendiadas. Ferido e constatando que não podia continuar a resistir decidiu render-se e entregar a fortaleza ao condestável. Vasco Lourenço de Lira e os seus homens foram para Ponte de Lima onde se encontrava o seu irmão e, depois, para Braga.

Data:	Em data posterior a 10 de abril e anterior a 25 de abril de 1385.
-------	---

Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Neiva	Darque	Viana do Castelo
Intervalo de Tempo:	- Depois de tomarem o castelo, na manhã do dia seguinte partiram do lugar.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia.	- No mesmo dia.

Lugares:	Neiva	Darque	Darque	Viana do Castelo
Distâncias:	- 5,86 km.		- Segundo as crónicas 1 légua; - 2,85 km.	

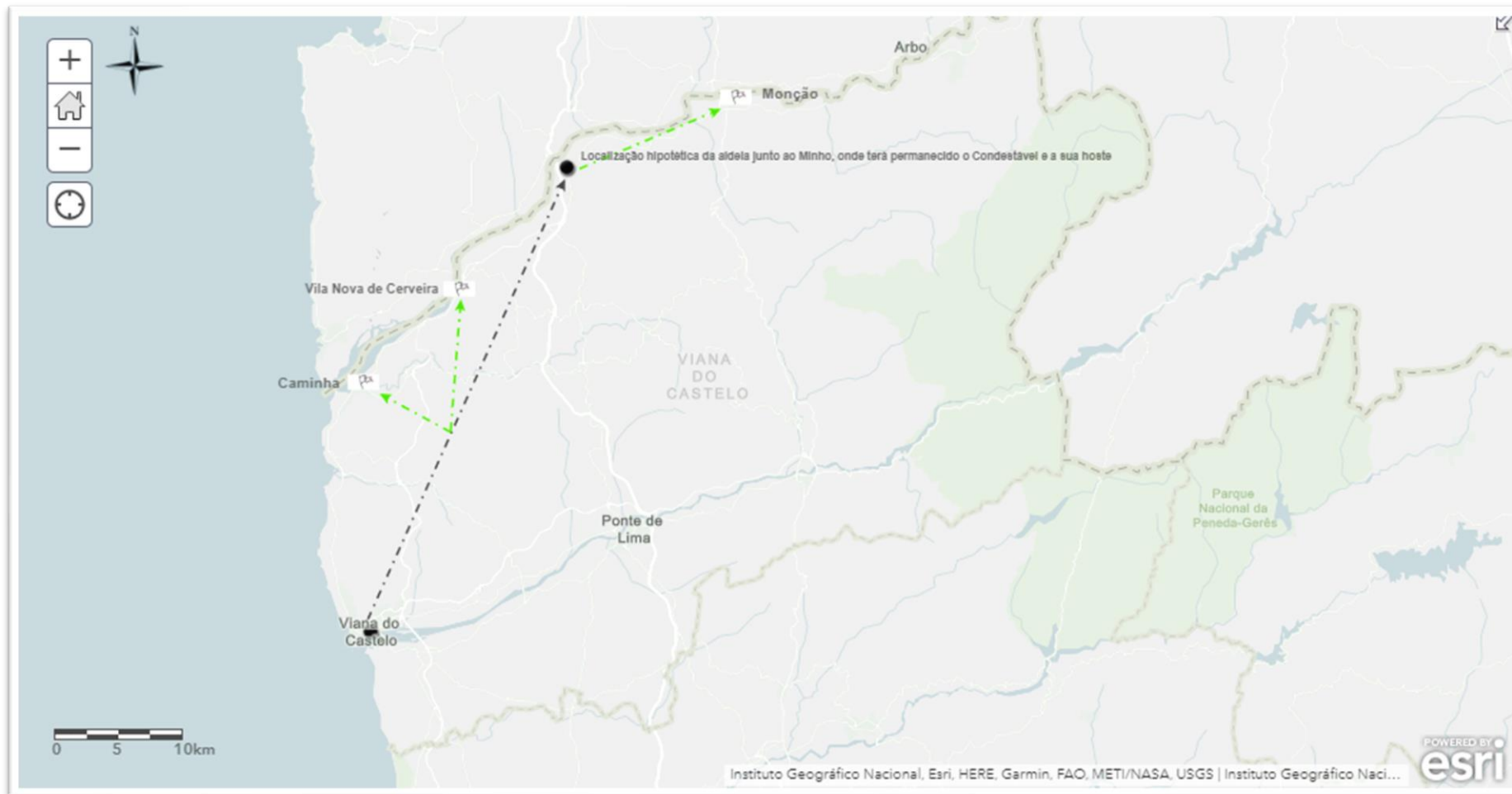
Movimentação de Vasco Lourenço de Lira e seus homens:

Lugares:	Viana do Castelo	Ponte de Lima	Braga
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar assim que o entregaram através de uma preitesia.		

Lugares:	Viana do Castelo	Ponte de Lima	Ponte de Lima	Braga
Distâncias:	- 22,5 km.		- 27,1 km.	




Fonte: CDJ I,2ª, Cap. VII (pp.15-16); CDC, Cap. XLIII (pp.100-104); IDN, p.33, p. 35; CR, p. 152

Mapa 101 | Deslocação da hoste de Nuno Álvares à margem sul do rio Minho (abril de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. VIII (pp.16-17); CDC, Cap. XLIII (pp.100-104)

Legenda:

 Movimentação do condestável e das suas gentes	 Movimentação dos que foram receber os lugares	 Entrega de lugares
---	---	--

Passados três dias após tomarem Viana do Castelo, o condestável decidiu ir a Santiago de Compostela. Pelo caminho, os homens bons de Vila Nova de Cerveira e de Caminha – sabendo que o condestável tinha tomado o castelo de Neiva e Viana do Castelo pela força, e temendo que o mesmo lhes pudesse acontecer – pediram a Nuno Álvares que enviasse alguém para receber os lugares em causa. O condestável atendeu ao pedido, mandou receber os lugares e neles colocou guarnições. A hoste do condestável chegou então à margem do rio Minho; na impossibilidade de atravessarem a vau, pousaram numa aldeia próxima. Encontrando-se naquele lugar, certo dia, os moradores de Monção pediram ao condestável que enviassem alguém para receber o lugar.

Data:	Em data posterior a 10 de abril e anterior a 25 de abril de 1385.
-------	---

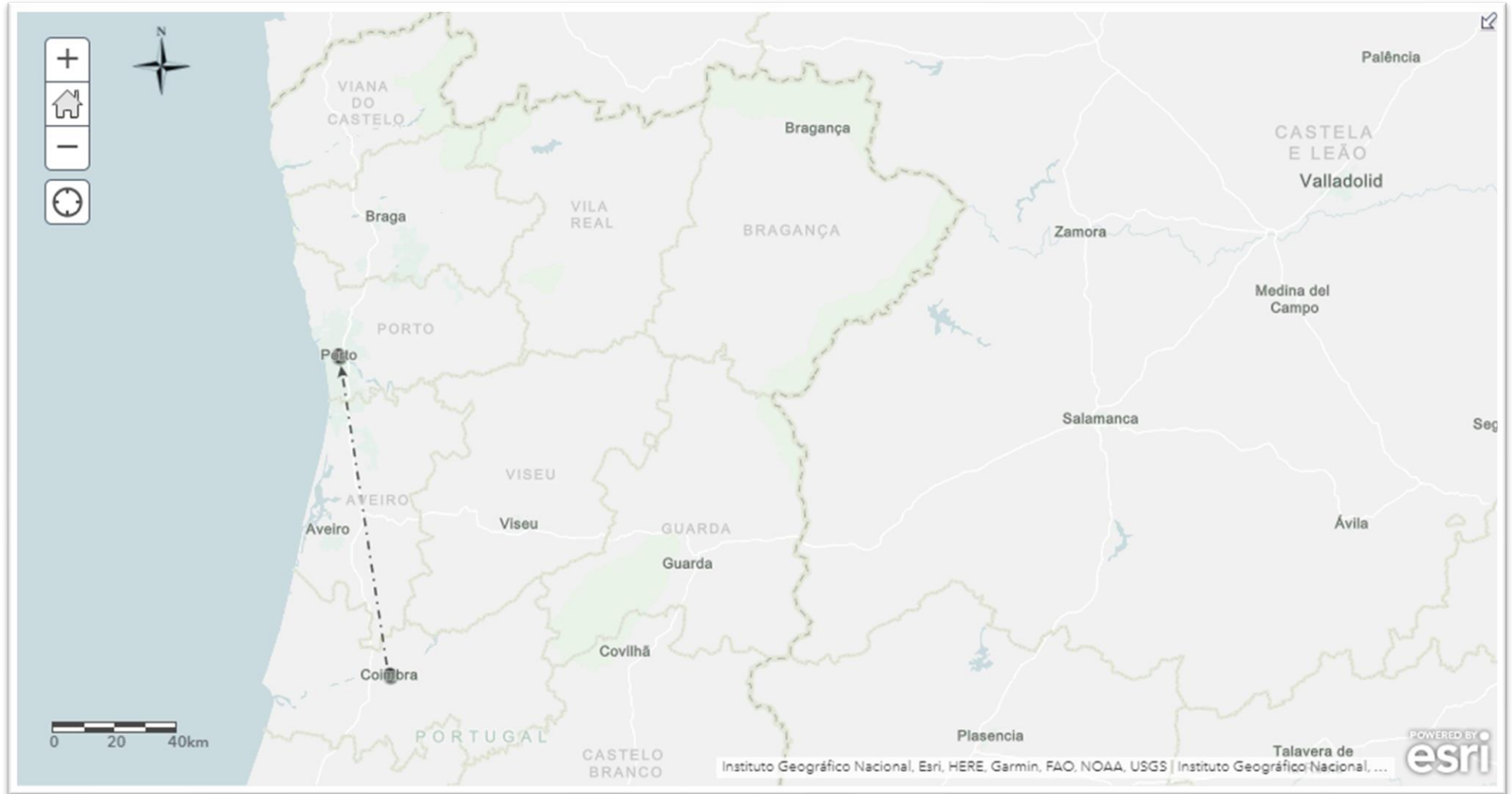
Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Viana do Castelo	Lapela (possível aldeia onde se detiveram junto do rio Minho)
Intervalo de Tempo:	- Depois de tomarem Viana do Castelo, passados 3 dias decidiram partir do lugar.	

Lugares:	Viana do Castelo	Lapela (possível aldeia onde se detiveram junto do rio Minho)	Viana do Castelo	Caminha	Viana do Castelo	Vila Nova de Cerveira	Lapela	Monção
Distâncias:	- 46,8 km.		- 19,8 km.		- Segundo as crónicas 4 léguas; - 28 km.		- 5,35 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. VIII (pp.16-17); CDC, Cap. XLIII (pp.100-104); IDN, p. 33, p. 35; CR, p. 152

Mapa 102 | Deslocação de D. João I ao Porto (abril de 1385)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. IX (pp.17-19); CDC, Cap. XLV (pp.105); CDJU, Año Séptimo, Cap. VII (pp.584-586)

Legenda:

---> Movimentação

Estando em Coimbra D. João I e a sua hoste partem para o Porto.

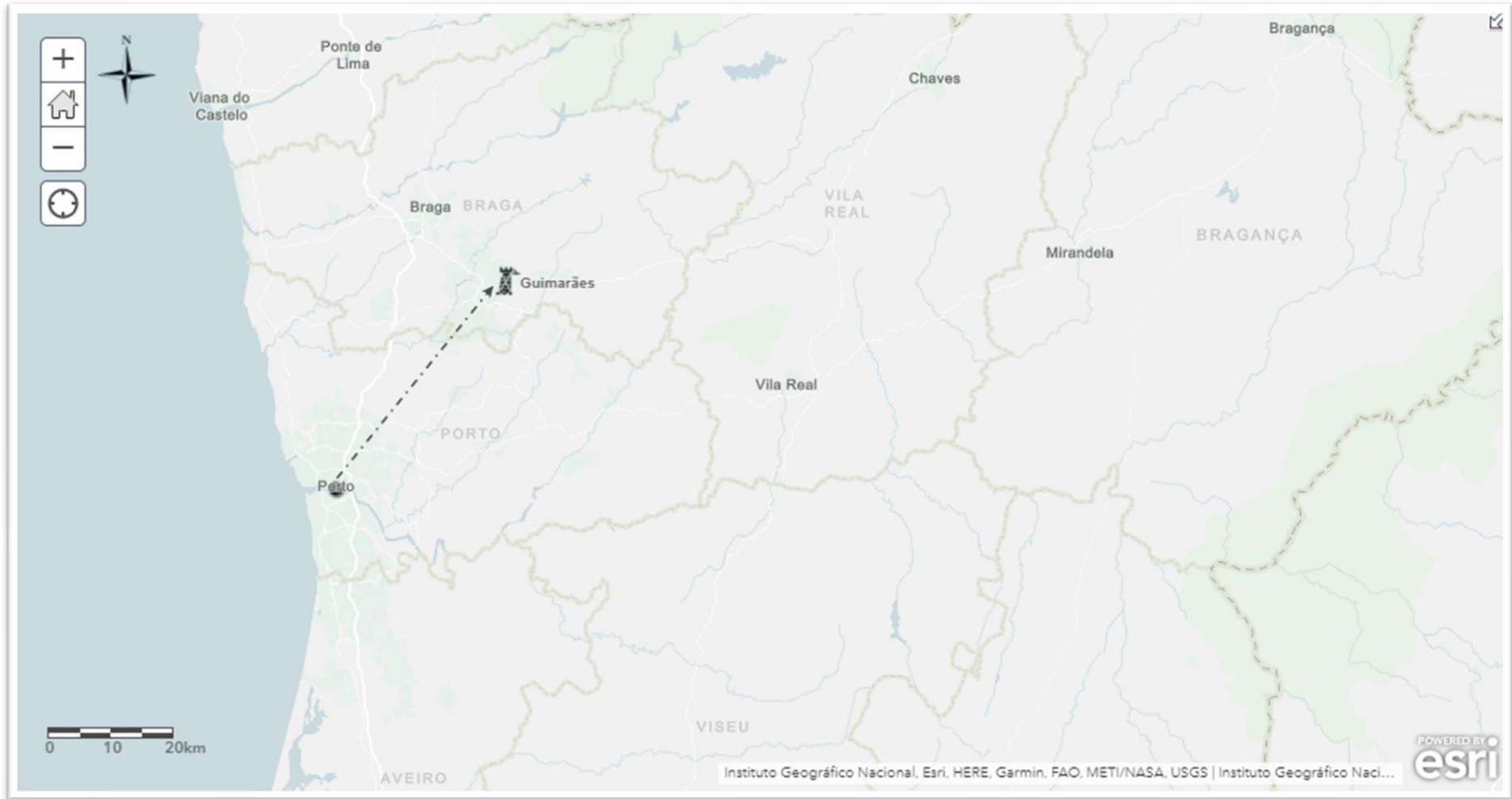
Data:	Abril de 1385.
-------	----------------

Lugares:	Coimbra	Porto
Intervalo de Tempo:	- A última presença registada do monarca português no lugar data 21 de abril de 1385.	- Deteta-se a presença do monarca no lugar no dia 25 de abril de 1385.

Lugares:	Coimbra	Porto
Intervalo de Tempo:	- Segundo as crónicas 18 léguas; - 104,7 km.	



Fonte: CDJ I,2^a, Cap. IX (pp.17-19); CDC, Cap. XLV (pp.105); CDJU, Año Séptimo, Cap. VII (pp.584-586); IDJ, p. 19

Mapa 103 | Cerco de Guimarães (maio de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XI (pp.21-23); Cap. XII (pp.23-26); Cap. XIII (pp.26-28); CDC, Cap. XLV (pp.105); CDJU, Año Séptimo, Cap. VII (pp.584-586)

Legenda:

 Movimentação de D. João I e da sua hoste	 Cerco do castelo
--	--

Depois de acordar com alguns moradores de Guimarães que lhe queriam dar o lugar, a melhor forma de conquistar a vila, certo dia depois de jantar, D. João I partiu do Porto - com trezentos homens de cavalo e muitos homens de pé - e foi para Guimarães. Para reduzir o risco de serem descobertos, pelo caminho iam capturando todos os que encontravam. Já a noite ia avançada quando chegaram à veiga de São Redanhas (meia légua de Guimarães), onde se encontraram com Afonso Lourenço, um dos que se propuseram colaborar com o rei, que os levou até aos arredores da vila. Depois ter conseguido entrar na vila e ter subjugado o porteiro, Afonso Lourenço deixou a porta aberta para que a hoste de D. João I pudesse entrar. Apanhados de surpresa os castelhanos refugiram-se no castelo. Depois da fracassada tentativa de pretesia com Airas Gomes, o monarca começou a combater o castelo. Pressionado pelas investidas inimigas, Airas Gomes decidiu negociar com D. João I, ficando acordado que Airas Gomes daria o castelo ao monarca caso, no prazo de trinta dias, Juan I não o viesse socorrer. Nesta altura o monarca castelhano encontrava-se em Córdova a mobilizar a sua hoste e ao saber o que se passava em Guimarães mandou dizer a Airas Gomes que não o ia socorrer. O castelo foi então entregue a D. João I.

Data:	Maio de 1385.
-------	---------------

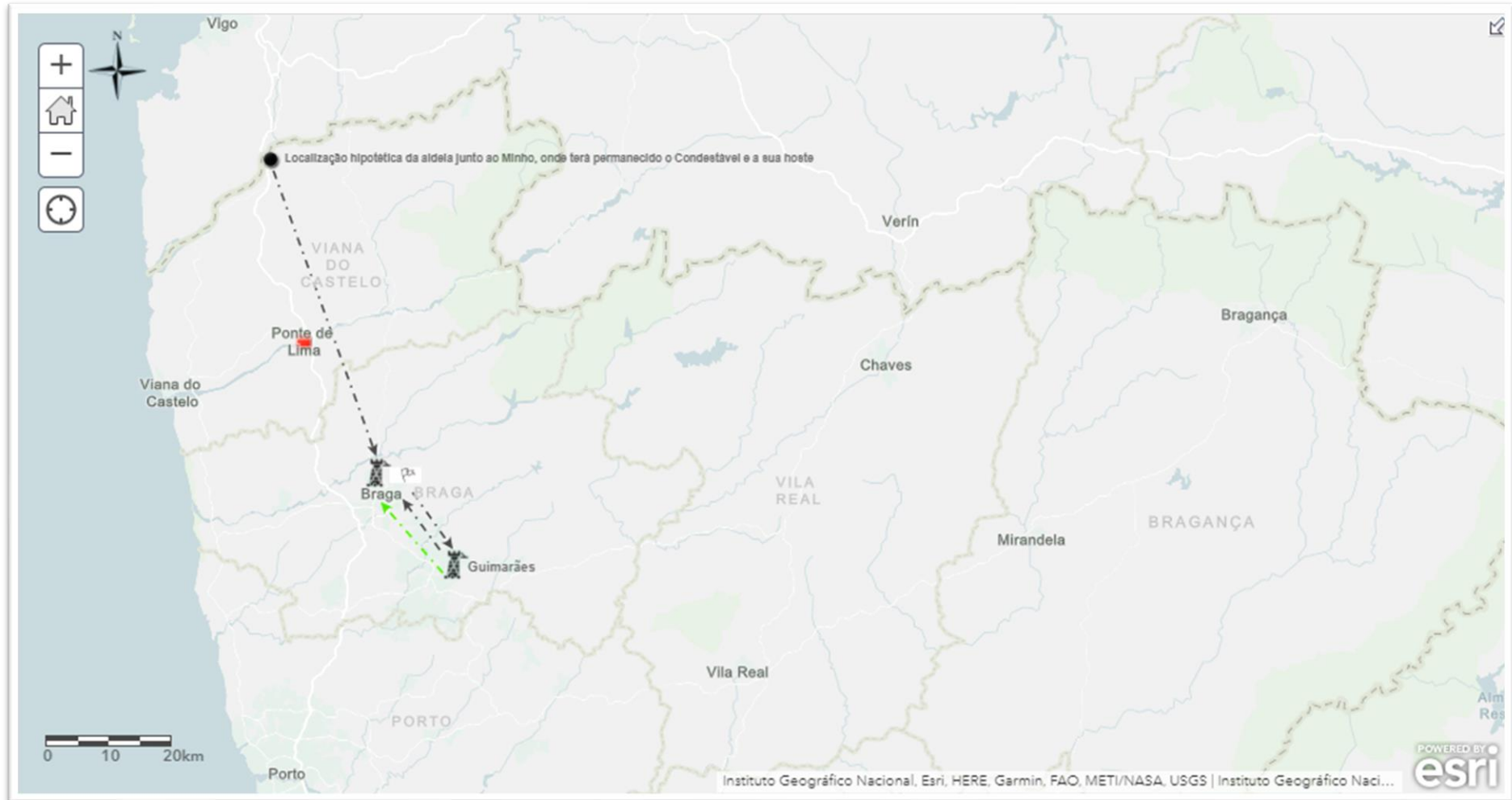
Composição da hoste de D. João I:	- 300 homens de cavalo; - Muitos homens de pé.
-----------------------------------	---

Lugares:	Porto	Guimarães
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar depois de terem jantado cedo.	- Chegaram ao lugar de noite/madrugada (dia 7 ou 8 de maio de 1385); - O castelo foi entregue em meados de maio.

Lugares:	Porto	Guimarães
Distâncias:	- Segundo as crónicas 8 léguas; - 42,6 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XI (pp.21-23); Cap. XII (pp.23-26); Cap. XIII (pp.26-28); CDC, Cap. XLV (pp.105); CDJU, Año Séptimo, Cap. VII (pp.584-586); IDN, p. 35; IDJ, p. 19; CR, p. 153

Mapa 104 | Deslocação do contingente que D. João I enviou a Braga e deslocações do condestável (maio de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XIV (pp.28-29); CDC, Cap. XLVI (pp.105-107); CDJU, Año Séptimo, Cap. VII (pp.584-586)

Legenda:

--->	Movimentação do condestável	--->	Movimentação de Mem Rodrigues de Vasconcelos e Martim Paulo	■	Lugar que estava por Castela	⊖	Cerco do castelo	Pz	Entrega do lugar através de uma pretesia
------	-----------------------------	------	---	---	------------------------------	---	------------------	----	--

Assim que se soube que D. João I tomou a vila de Guimarães, as tensões em Braga aumentaram de tal modo que os que tinham o lugar pelo monarca castelhano tiveram de se refugiar no castelo. Grande parte dos bracarenses apoiava D. João I; eufóricos com os sucessos militares do monarca, começaram então a combater o castelo, uma operação para a qual solicitaram o apoio do rei, que enviou para o local um contingente capitaneado por Mem Rodrigues de Vasconcelos e pelo gascão Martim Paulo. O rei escreveu ainda ao condestável, que se encontrava na aldeia sobre o Minho, para se juntar às forças que cercavam o castelo de Braga. Nuno Álvares perante a impossibilidade de atravessar o Minho e a solicitação do monarca, avançou para Braga, passando nas imediações de Ponte de Lima. Assim que chegou aposentou-se na cidade e no dia seguinte tentou negociar com o alcaide Vasco Lourenço, que recusou render-se. Após intensos combates – o castelo esteve sobre fogo de engenhos durante duas noites e um dia - os sitiados decidiram entregar-se a Nuno Álvares. Depois de tomar o castelo, o condestável foi para Guimarães – ainda o castelo não se tinha rendido –, onde se juntou ao monarca nas negociações com o alcaide. Perante a recusa deste em render-se, o condestável voltou para Braga.

Data:	Em data entre 7 ou 8 de maio e anterior a 18 de maio de 1385.
-------	---

Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Lapela (possível aldeia onde se detiveram junto do rio Minho)	Braga	Guimarães	Braga
Intervalo de Tempo:	- Terá partido do lugar no dia 8 ou 9 de maio de 1385.	- Chegou ao lugar no mesmo dia (8 ou 9 de maio de 1385); - Permaneceu no lugar até 11 ou 12 de maio de 1385.		- Terá chegado ao lugar antes de 18 de maio de 1385.

Lugares:	Lapela (possível aldeia onde se detiveram junto do rio Minho)	Braga	Braga	Guimarães
Distâncias:	- 56,7 km.		- 16,4 km.	

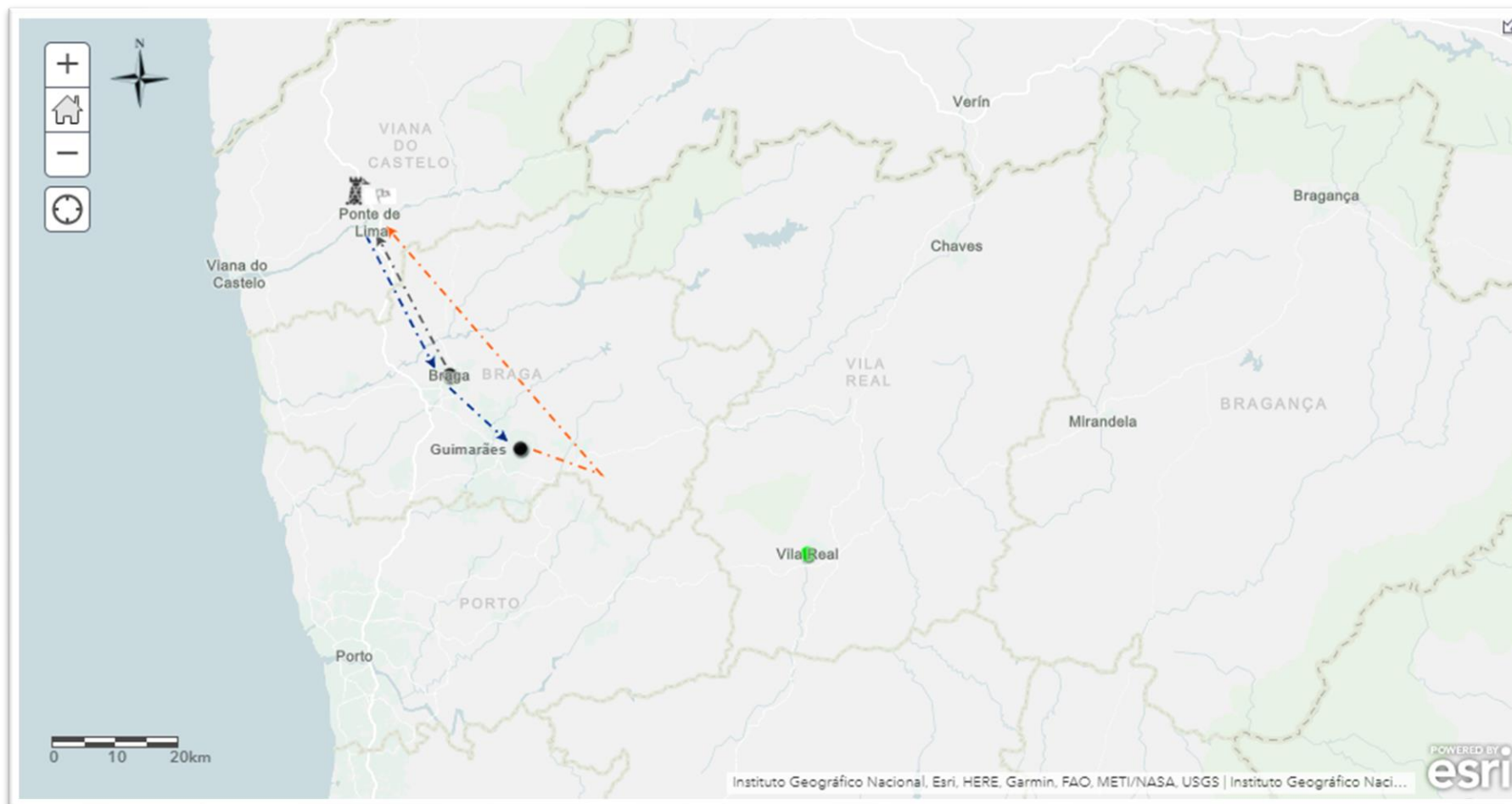
Movimentação de Mem Rodrigues de Vasconcelos e de Martim Paulo:

Lugares	Guimarães	Braga
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar de noite (7 ou 8 de maio de 1385).	- Na mesma noite (7 ou 8 de maio de 1385).

Lugares:	Guimarães	Braga
Distâncias:	- 16,4 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XIV (pp.28-29); CDC, Cap. XLVI (pp.105-107); CDJU, Año Séptimo, Cap. VII (pp.584-586); IDN, p. 36; CR, p. 153

Mapa 105 | Deslocação do monarca português e do condestável a Ponte de Lima (maio de 1385)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. XV (pp.29-30); Cap. XVI (pp.30-31); Cap. XVII (pp.31-34); Cap. XVIII (pp.34-37); CDC, Cap. XLVII (pp.107-108); CDJU, Año Séptimo, Cap. VII (pp.584-586)

Legenda:

<p>---> Movimentação do condestável</p>	<p>---> Movimentação de D. João I</p>	<p>---> Movimentação de D. João I e do condestável</p>	<p>● De modo a manter algum secretismo na operação, o monarca dirigiu-se para Vila Real, no caminho mais adiante, deu volta em direção a Ponte de Lima</p>	<p>⊠ Cerco às torres onde o alcaide do lugar se conseguiu refugir com algumas gentes</p>	<p>⚑ Entrega do lugar através de uma preitesia</p>
--	--	---	--	--	--

Estevão Rodrigues, morador em Ponte de Lima e - que queria entregar a vila D. João I - combinou com o monarca o dia e o lugar onde se encontrariam para tomarem o lugar. D. João I escreveu logo ao condestável para que este fosse de Braga para aquele lugar (a crónica não refere o lugar onde era suposto encontrarem-se). O monarca depois de jantar partiu de Guimarães, sem dizer à hoste para onde ia, e seguiu na direção de Vila Real, para confundir eventuais infiltrados e espiões. No caminho deu meia-volta e foi em direção de Ponte de Lima; sendo já de noite, a uma légua do lugar, encontrou-se com Estevão Rodrigues e o condestável no sítio local combinado. Depois de posicionarem o marechal Álvaro Pereira nas imediações da vila, o monarca e alguns homens foram-se aproximando escondidos pelas árvores e vegetação, até que ficou a aproximadamente 400m de distância da vila. Através do ardil preparado por Estevão Rodrigues foi deixada aberta uma porta por onde os atacantes entraram de rompante depois de terem cruzado a ponte sobre o Lima. Apanhados de surpresa o alcaide e alguns combatentes conseguiram refugiar-se numa das torres da cerca; depois de fortes combates Lopo Gomes aceitou entregar-se ao monarca português. Tomado o lugar, D. João I e o condestável foram a Braga e no dia seguinte a Guimarães.

Data:	Maio de 1385.
-------	---------------

Movimentação de D. João I:

Lugares:	Guimarães	Lugar uma légua aquém de Ponte de Lima	Ponte de Lima
Intervalo de Tempo:	- Partiram depois de comer (possivelmente depois do jantar), no dia 18 de maio de 1385.	- Chegaram ao lugar de noite.	- Chegaram ao lugar na madrugada (19 de maio de 1385); - O cerco do lugar terá durado até 21 de maio de 1385; - Permaneceram no lugar até dia 22 de maio de 1385.

Lugares:	Guimarães	Ponte de Lima	Guimarães	Vila Real
Distâncias:	- Segundo as crónicas 8 léguas; - 43 km.		- 48,7 km.	

Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Braga	Lugar uma légua aquém de Ponte de Lima	Ponte de Lima
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 18 de maio de 1385.		- Chegaram ao lugar na madrugada (19 de maio de 1385).

Lugares:	Braga	Ponte de Lima
Distâncias:	- 27,1 km.	

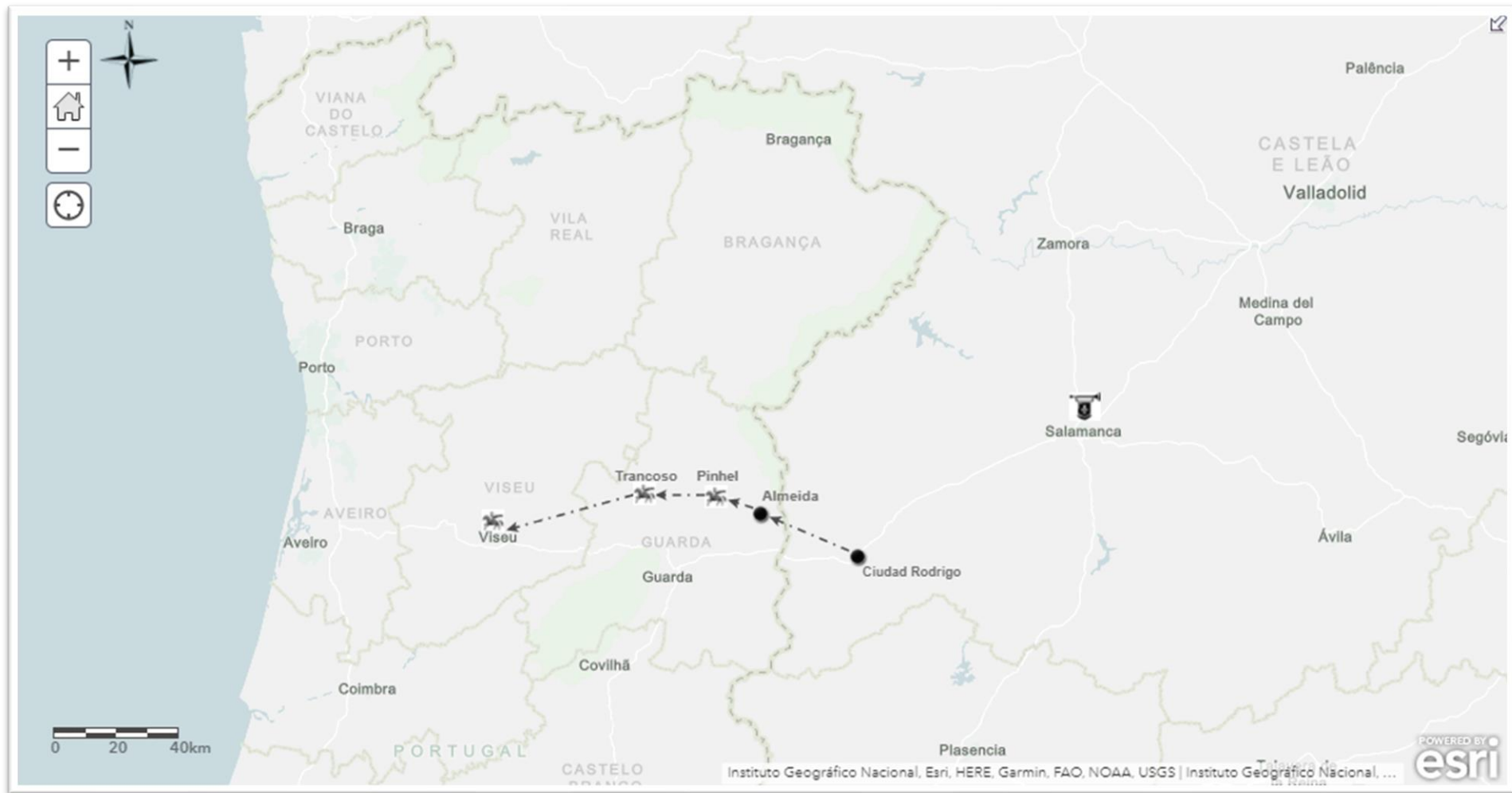
Movimentação de D. João I e de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Ponte de Lima	Braga	Guimarães
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 22 de maio de 1385.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (22 de maio de 1385); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte (23 de maio de 1385) partiram do lugar.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (23 de maio de 1385).

Lugares:	Ponte de Lima	Braga	Braga	Guimarães
Distâncias:	- 27,1 km.		- Segundo as crónicas 3 léguas; - 16,4 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XV (pp.29-30); Cap. XVI (pp.30-31); Cap. XVII (pp.31-34); Cap. XVIII (pp.34-37); CDC, Cap. XLVII (pp.107-108); CDJU, Año Séptimo, Cap. VII (pp.584-586); IDJ, p. 19; IDN, p. 36

Mapa 106A | Entrada de Juan Rodríguez de Castañeda, Pero Suárez de Toledo, Álvaro Garcia de Albornoz e outros cavaleiros pela Beira (maio de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XIX (pp.37-39)

Legenda:

<p>---> Movimentação</p>	<p> Cavalgada/roubos</p>	<p> Lugar para onde se encaminhou o arcebispo de Toledo, Pedro Tenorio, e onde se deveria proceder a mobilização de todos os vassallos do monarca castelhano</p>
-----------------------------	---	---

Estando em Córdova a mobilizar a sua hoste para entrar em Portugal, no mês de maio de 1385, o monarca castelhano escreveu ao arcebispo de Toledo e a outros capitães para se juntarem em Salamanca e entrarem em Portugal. Juan Rodríguez de Castanheda, Pero Suárez de Toledo, Alvaro Garcia de Albornoz e outros capitães - com uma força composta por quatrocentas lanças, muitos besteiros e homens de pé - que já se encontravam em Ciudad Rodrigo quiseram logo entrar em Portugal sem aguardar pelas ordens do rei. Passaram por Almeida que tinha voz por Castela, assolaram Pinhel, a veiga de Trancoso, até que chegaram a Viseu, saqueando-a.

Data:	Maio de 1385.
-------	---------------

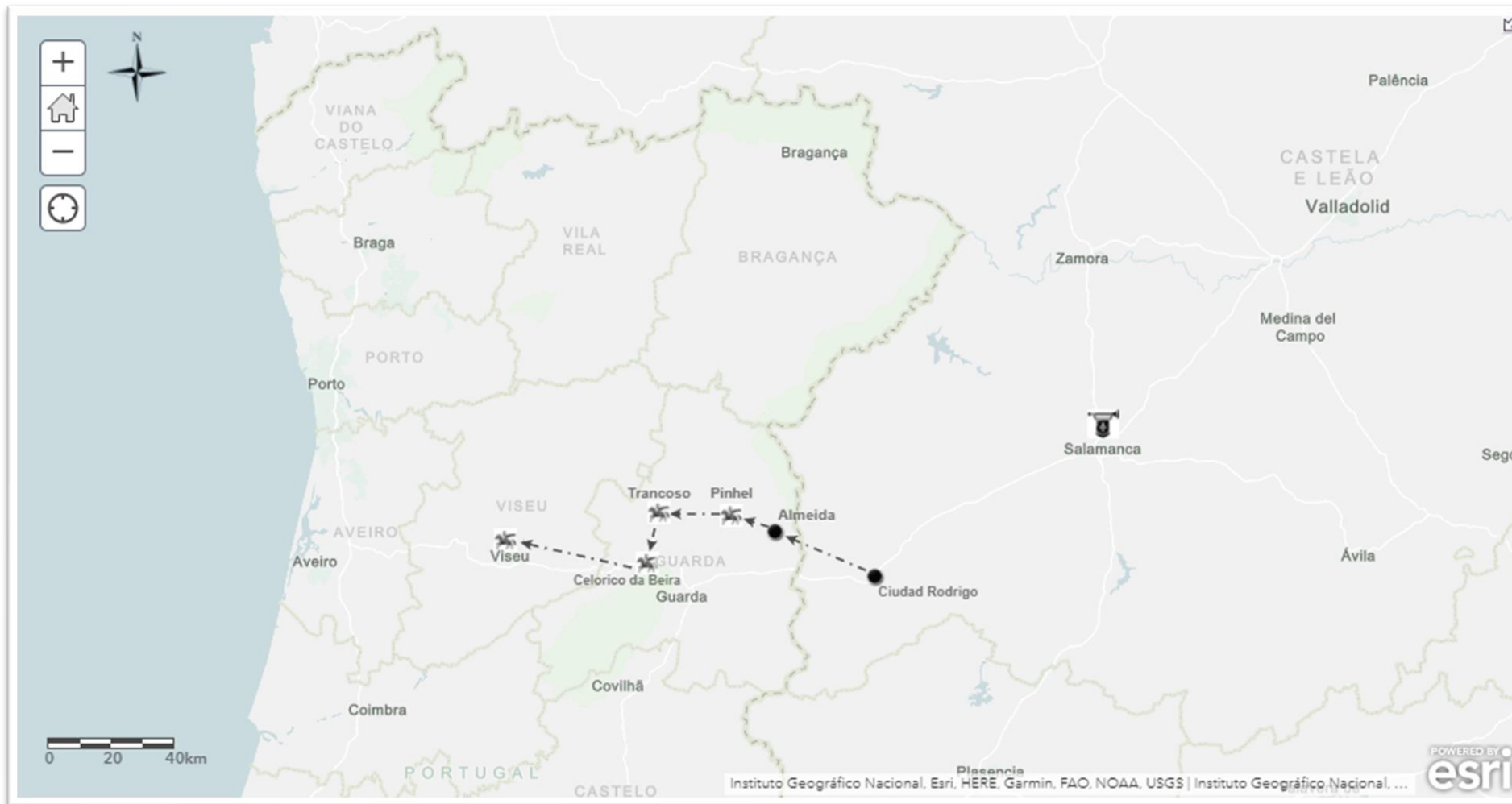
Composição da hoste castelhana:	Segundo Fernão Lopes: - 400 lanças; - Muitos besteiros e homens de pé.	Segundo Ayala: - 300 lanças.
---------------------------------	--	---------------------------------

Lugares:	Ciudad Rodrigo	Almeida	Pinhel	Trancoso	Viseu
Intervalo de Tempo:		- Segundo Ayala permaneceram 3 noites em Portugal.			

Lugares:	Ciudad Rodrigo	Almeida	Almeida	Pinhel	Pinhel	Trancoso	Trancoso	Viseu	Ciudad Rodrigo	Viseu
Distâncias:	- 34,6 km		- 14,7 km.		- 23,9 km.		- 49,7 km.		- Segundo as crónicas 22 léguas; - 117,3 km.	



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XIX (pp.37-39)

Mapa 106B | Entrada de Juan Rodríguez de Castañeda, Pero Suárez de Toledo e Álvaro Garcia de Albornoz, e de outros cavaleiros pela Beira (maio de 1385)



Fonte: CDJU, Año Séptimo, Cap. VIII (pp.586-588), CDJ 1,2ª, Cap. XIX (pp.37-39)

Legenda:

<p>---▶ Movimentação</p>	<p> Cavalgada/roubos</p>	<p> Lugar para onde se encaminhou o arcebispo de Toledo, Pedro Tenorio, e onde se deveria proceder a mobilização de todos os vassallos do monarca castelhano</p>
--------------------------	---	---

Este mapa foi construído com a informação do cronista castelhano e do cronista português. Para além da diferença no número das lanças, Fernão Lopes não menciona que passaram por Celorico da Beira. De resto a informação dos dois cronistas é igual (ver texto do mapa 106A).

Data:	Maio de 1385.
-------	---------------

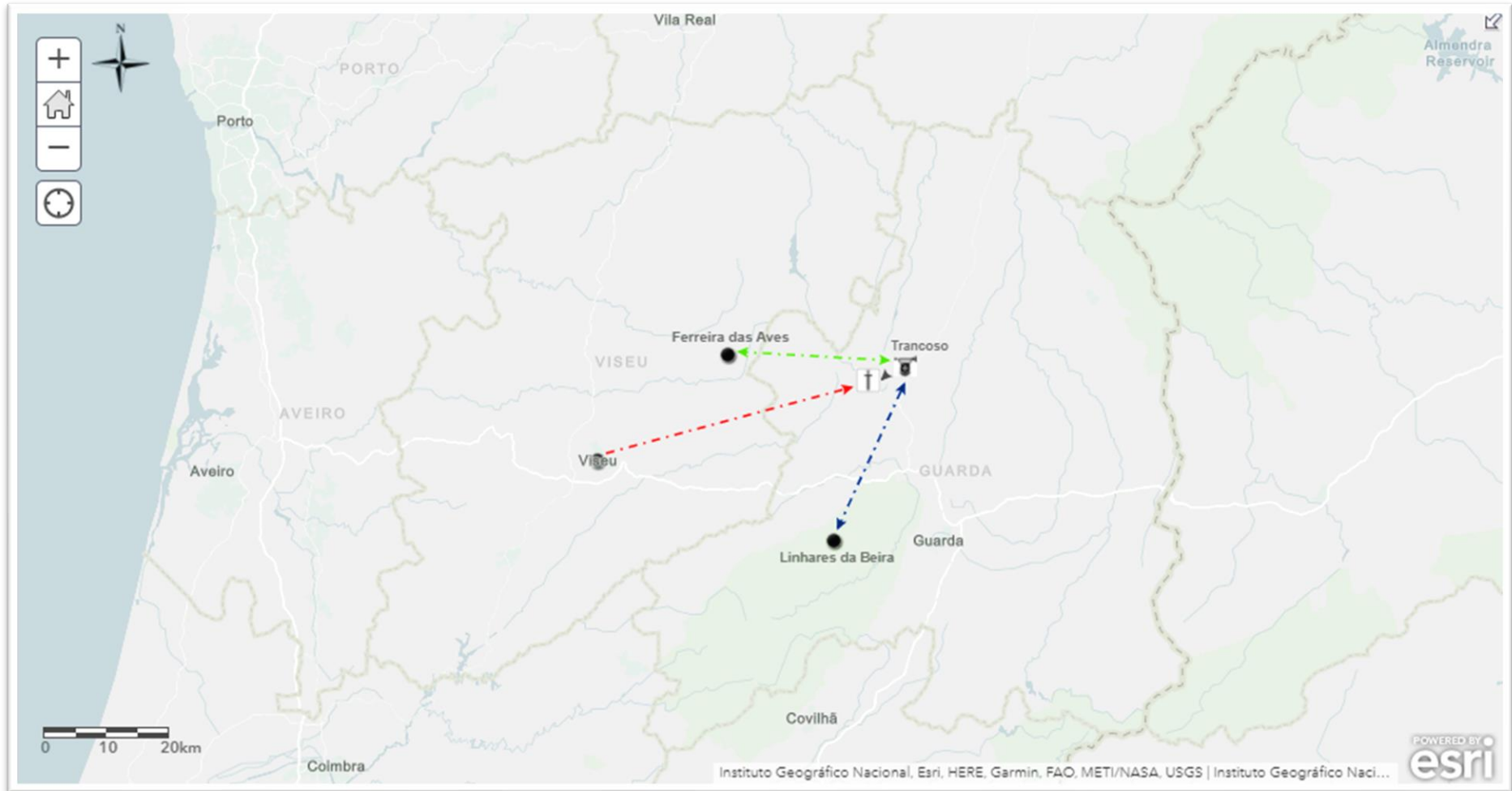
Composição da hoste castelhana:	Segundo Fernão Lopes: - 400 lanças; - Muitos besteiros e homens de pé.	Segundo Ayala: - 300 lanças.
---------------------------------	--	---------------------------------

Lugares:	Ciudad Rodrigo	Almeida	Pinhel	Trancoso	Celorico da Beira	Viseu
Intervalo de Tempo:	- Segundo Ayala permaneceram 3 noites em Portugal.					

Lugares:	Ciudad Rodrigo	Almeida	Almeida	Pinhel	Pinhel	Trancoso	Trancoso	Celorico da Beira	Celorico da Beira	Viseu
Distâncias:	- 34,6 km.		- 14,7 km.		- 23,9 km.		- 16,5 km.		- 44,2 km.	
Lugares:	Ciudad Rodrigo	Viseu								
Distâncias:	- Segundo as crónicas 22 léguas; - 117,3 km.									

Fonte: CDJU, Año Séptimo, Cap. VIII (pp.586-588), CDJ I,2ª; Cap. XIX (pp.37-39)

Mapa 107 | Movimentações até à batalha de Trancoso (29 de maio de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XX (pp.39-41); Cap. XXI (pp.41-45)

Legenda:

Movimentação castelhana	Movimentação da hoste portuguesa	Movimentação (ida e volta) de Martim Vasques da Cunha	Movimentação (ida e volta) de João Fernandes Pacheco	Mobilização de um contingente	Localização hipotética da veiga de Trancoso, lugar onde se deu a batalha
-------------------------	----------------------------------	---	--	-------------------------------	--

Os castelhanos quando entraram pela Beira não enfrentaram qualquer resistência, pois os fidalgos portugueses daquela comarca estavam desentendidos entre si. O alcaide de Ferreira das Aves, João Fernandes Pacheco tratou de levar à concórdia os alcaides de Trancoso, Gonçalo Vasques Coutinho e de Linhares da Beira, Gil Vasques da Cunha que estavam desavindos. Depois da conciliação juntaram-se todos em Trancoso; onde decidiram aguardar pelos castelhanos num local onde esperavam que estas passassem. Assim, a uma meia légua da vila de Trancoso os portugueses – com uma força composta por cerca de trezentas lanças, alguns homens do concelho e lavradores da comarca – colocaram-se em posição de batalha. Quando os castelhanos vinham de Viseu – com os grandes roubos que fizeram na entrada, a carriagem totalizava as setecentas azêmelas – e viram aquela força decidiram lançar-se contra o adversário. Na batalha que então teve lugar (Batalha de Trancoso), os castelhanos foram desbaratados e todo o espólio recuperado.

Data:	Maio de 1385.
Composição da hoste castelhana:	<p>Segundo Fernão Lopes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 400 lanças; - Muitos besteiros e homens de pé. <p>Segundo Ayala:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 300 lanças.
Composição da hoste portuguesa:	<ul style="list-style-type: none"> - 300 lanças; - Alguns homens de concelho e lavradores da comarca.

Movimentação castelhana:

Lugares:	Viseu	Veiga de Trancoso
Intervalo de Tempo:		- Chegaram ao lugar no dia 29 de maio de 1385.

Lugares:	Viseu	Trancoso	Linhares da Beira	Trancoso	Trancoso	Ferreira das Aves	Veiga de Trancoso	Trancoso
Distâncias:	- 49,7 km.		- 28,4 km.		- 26,8 km.		- Segundo as crónicas meia légua.	





Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XX (pp.39-41); Cap. XXI (pp.41-45)

Mapa 108 | Deslocação do monarca português e do condestável a Torres Novas (entre junho e julho de 1385)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. XXII (pp.45-46); CDC. Cap. XLVIII (pp.108-110); CDJU, Año Séptimo, Cap. VII (pp.584-586)

Legenda:

 Movimentação	 Mobilização da hoste	 Bloqueio Naval	 Escaramuça, conseqüente entrada e saque da vila
--	--	--	---

Encontrando-se em Guimarães, o monarca e o condestável souberam do desbarato dos castelhanos na comarca da beira. Naquele lugar também tomaram conhecimento que o monarca castelhano se preparava para entrar em Portugal nas proximidades de Badajoz e que a sua frota já estava a bloquear Lisboa. Decididos a travar a entrada do monarca castelhano, D. João I e Nuno Álvares partiram para o Porto; onde mobilizaram mais gentes. Daí foram para Coimbra, e ao fim de alguns dias, para Penela e, depois, para Tomar, assentando arraial sobre Torres Novas, que estava por Castela. Depois de algumas escaramuças os portugueses conseguiram entrar pela porta da vila, obrigando o contingente de Afonso Lopes de Teixeira a refugiar-se no castelo. Depois de roubarem a vila regressaram ao arraial.

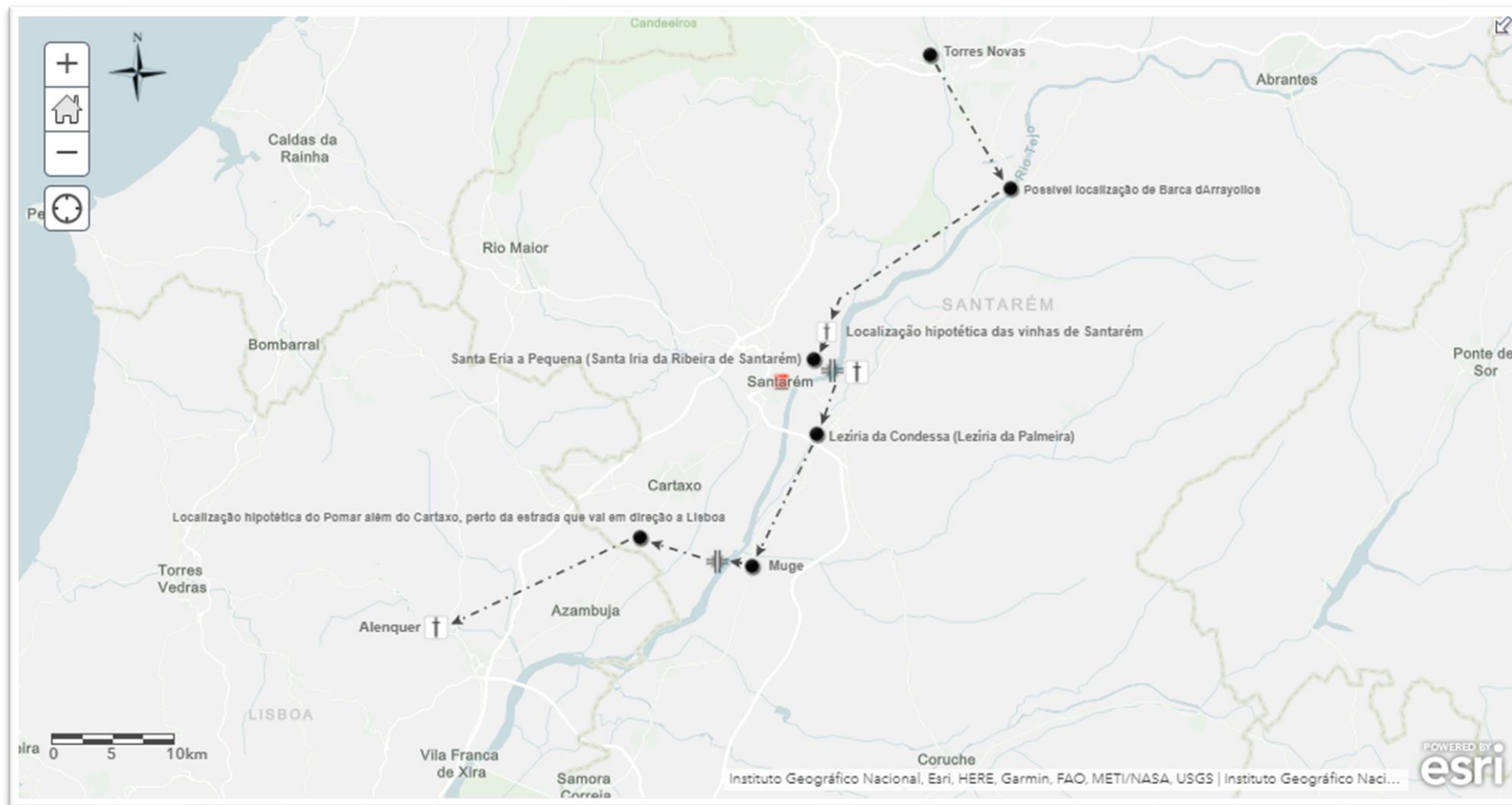
Data:	Junho e julho de 1385.
-------	------------------------

Lugares:	Guimarães	Porto	Coimbra	Penela	Tomar	Torres Novas
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 8 de junho de 1385.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (8 de junho de 1385); - Terão permanecido no lugar até ao dia 17 de junho de 1385.				- Terão chegado ao lugar no dia 3 de julho de 1385; - Permaneceram no lugar 2 dias.

Lugares:	Guimarães	Porto	Porto	Coimbra	Coimbra	Penela	Penela	Tomar	Tomar	Torres Novas
Distâncias:	- 42,6 km.		- 104,7 km.		- 20,4 km.		- 47,3 km.		- 17,7 km.	

Fonte: CDJ I,2^a, Cap. XXII (pp.45-46); CDC. Cap. XLVIII (pp.108-110); CDJU, Año Séptimo, Cap. VII (pp.584-586); IDJ, p. 19; IDN, p. 37

Mapa 109 | Deslocação do monarca português e do seu condestável de Torres Novas a Alenquer (julho de 1385)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. XXIII (pp.46-48); Cap. XXIV (pp.48-50); CDC. Cap. XLVIII (pp.108-110); Cap. XLIX (pp.110-111)

Legenda:

--->	Movimentação	■	Lugar que estava por Castela	⊥	Escaramuças	≡	Travessia do rio Tejo (a vau)
------	--------------	---	------------------------------	---	-------------	---	-------------------------------

Ao fim de dois dias sobre Torres Novas, as forças de D. João I e de Nuno Álvares partiram em direção a Santarém, fazendo um primeiro alto junto à Barca de Arraiolos. No dia seguinte, ordenados em posição de batalha, prosseguiram para Santarém. Quando se aproximaram de uns vinhedos próximos da vila, deu-se uma pequena escaramuça com uma força castelhana capitaneada por Álvaro Gonçalves do Sandoval. Depois da pequena escaramuça, a hoste chegou a Santa Iria a Pequena (Santa Iria da Ribeira de Santarém), local onde os combatentes cruzaram o Tejo a vau; durante a travessia alguns contingentes viram-se envolvidos numa nova escaramuça com forças castelhanas estas vêm-se envoltos numa escaramuça com os castelhanos que vinham da erva, e com aqueles da vila que vieram auxiliar. Atravessado o Tejo a hoste pernitoiu na Lezíria da Condessa (Lezíria da Palmeira); no dia seguinte foram até Muge, onde atravessaram novamente o Tejo, até colocarem arraial num pomar junto do Cartaxo e próximo da estrada que seguia para Lisboa. Depois de partirem daquele puseram cerco a Alenquer, onde estava Vasco Peres de Camões, que tinha voz por Castela.

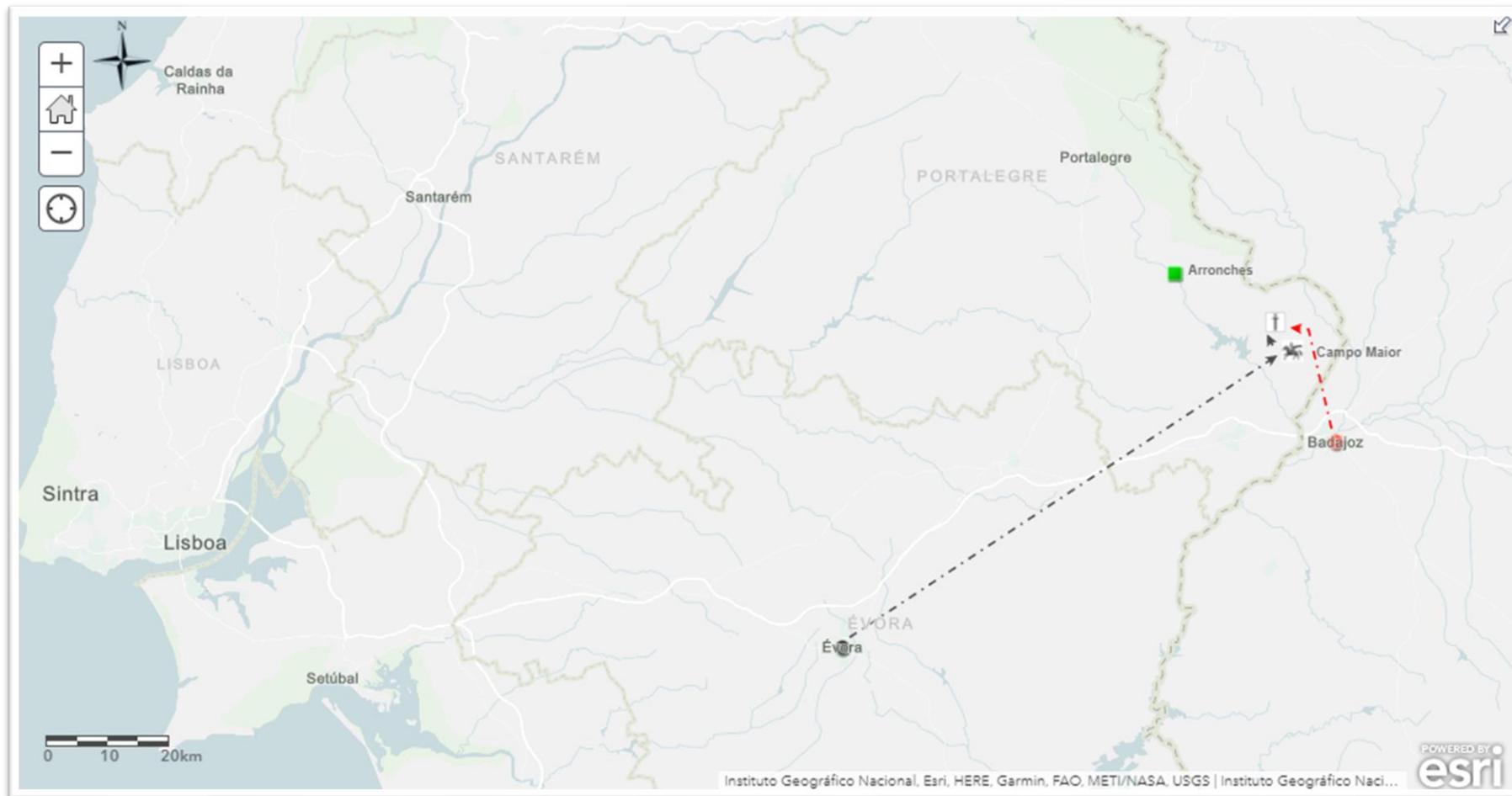
Data:	Julho de 1385.
-------	----------------

Lugares:	Torres Novas	Barca de Arraiolos	Santa Iria a Pequena (Santa Iria da Ribeira de Santarém)	Lezíria da Condessa (Lezíria da Palmeira)	Muge	Pomar além do Cartaxo, perto da estrada que vai em direção a Lisboa	Alenquer
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 5 de julho de 1385.	- Chegaram ao lugar nesse mesmo dia; - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (6 de julho de 1385).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (6 de julho de 1385).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (6 de julho de 1385); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (7 de julho de 1385).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (7 de julho de 1385); - Partiram do lugar no mesmo dia (7 de julho de 1385).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (7 de julho de 1385); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (8 de julho de 1385).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (8 de julho de 1385).

Lugares:	Torres Novas	Barca de Arraiolos (possível localização)	Barca de Arraiolos (possível localização)	Santa Eria a Pequena (Santa Iria da Ribeira de Santarém)	Santa Eria a Pequena (Santa Iria da Ribeira de Santarém)	Lezíria da Condessa (Lezíria da Palmeira)	Lezíria da Condessa (Lezíria da Palmeira)	Muge	Muge	Alenquer
Distâncias:	- 12,8 km.		- 21,4 km.		- 6,18 km.		- 12,1 km.		- 26,3 km.	
Lugares:	Santarém	Santa Eria a Pequena (Santa Iria da Ribeira de Santarém)								
Distâncias:	- 3,32 km.									

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XXIII (pp.46-48); Cap. XXIV (pp.48-50); CDC. Cap. XLVIII (pp.108-110); Cap. XLIX (pp.110-111); IDN, p. 37

Mapa 110 | Cavalgada de alguns escudeiros de Évora a Campo Maior e escaramuça com os castelhanos de Badajoz (julho de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XXIV (pp.48-50); CDC. Cap. XLIX (pp.110-111); CDJU, Año Séptimo, Cap. X (pp.590)

Legenda:

- · - · - · ➔	Movimentação dos escudeiros de Évora	- · - · - · ➔	Movimentação dos Castelhanos	■	Lugar minguado de mantimentos e lugar, para onde os escudeiros de Évora pretendiam ir	🐜	Correr a terra	†	Escaramuça/emboscada
---------------	--------------------------------------	---------------	------------------------------	---	---	---	----------------	---	----------------------

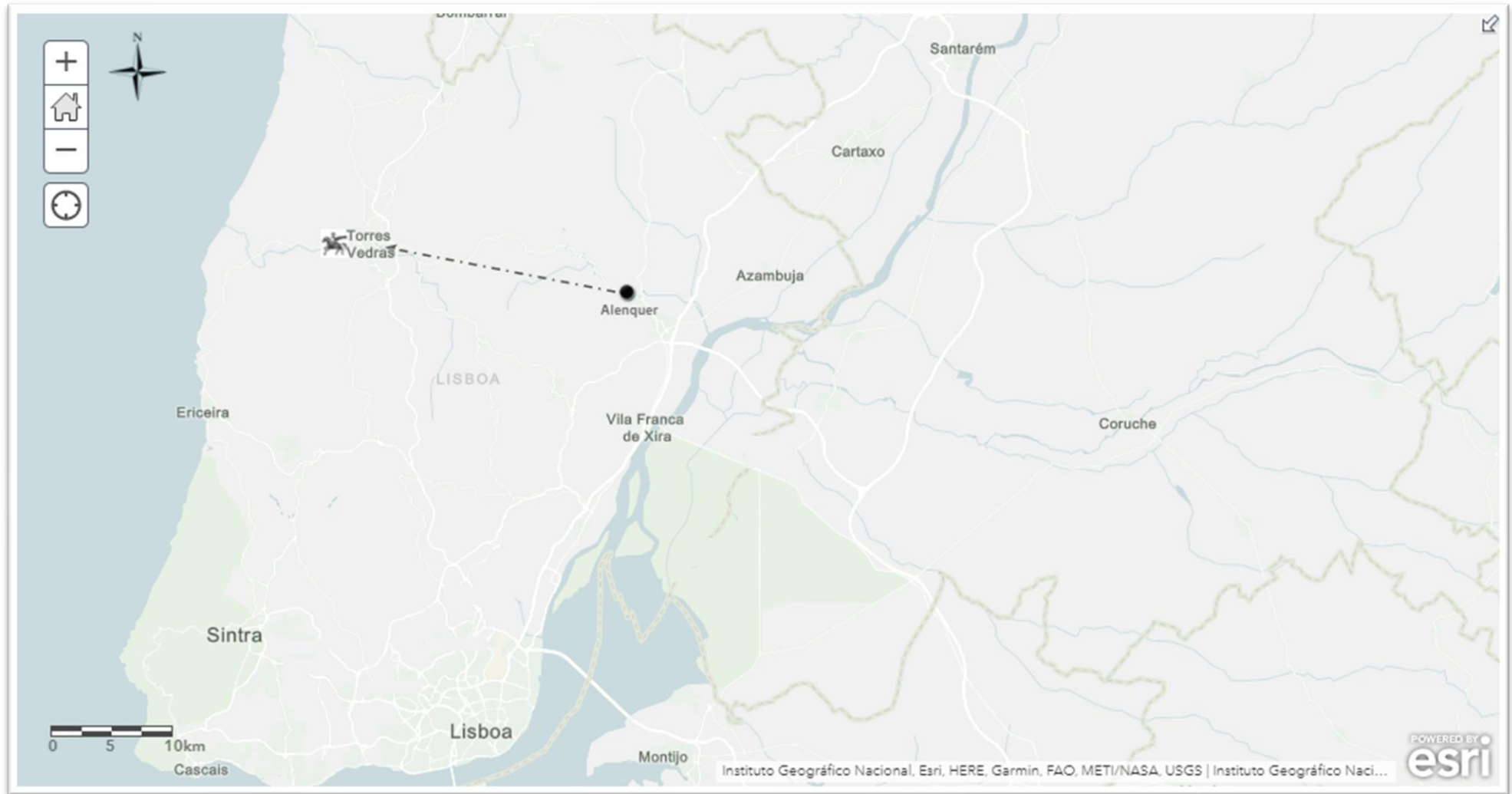
Numa altura em que o monarca português estava sobre Alenquer (entre 8 e 11 de julho), as forças de Vasco Gil de Carvalho levaram a cabo uma cavalgada com o objetivo de recolher mantimentos para levar para Arronches, onde escasseavam os mantimentos. Os castelhanos que se encontravam em Badajoz, ao saberem dessas movimentações, juntaram um forte contingente com o qual atacaram e desbarataram as forças de Vasco Gil.

Data:	Em data entre 8 e 11 de julho de 1385.
-------	--

Lugares:	Évora	Campo Maior	Badajoz	Campo Maior	Campo Maior	Arronches
Distâncias:	- 88,7 km.		- 17,6 km.		- 22,1 km.	

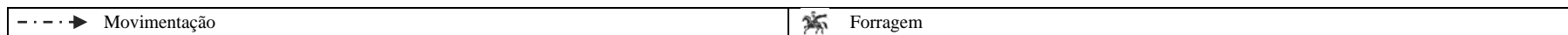
Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XXIV (pp.48-50); CDC. Cap. XLIX (pp.110-111); CDJU, Año Séptimo, Cap. X (pp.590)

Mapa 111 | Ações de forragem ao termo de Torres Vedras (julho de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XXIV (pp.48-50); CDC. Cap. XLIX (pp.110-111)

Legenda:



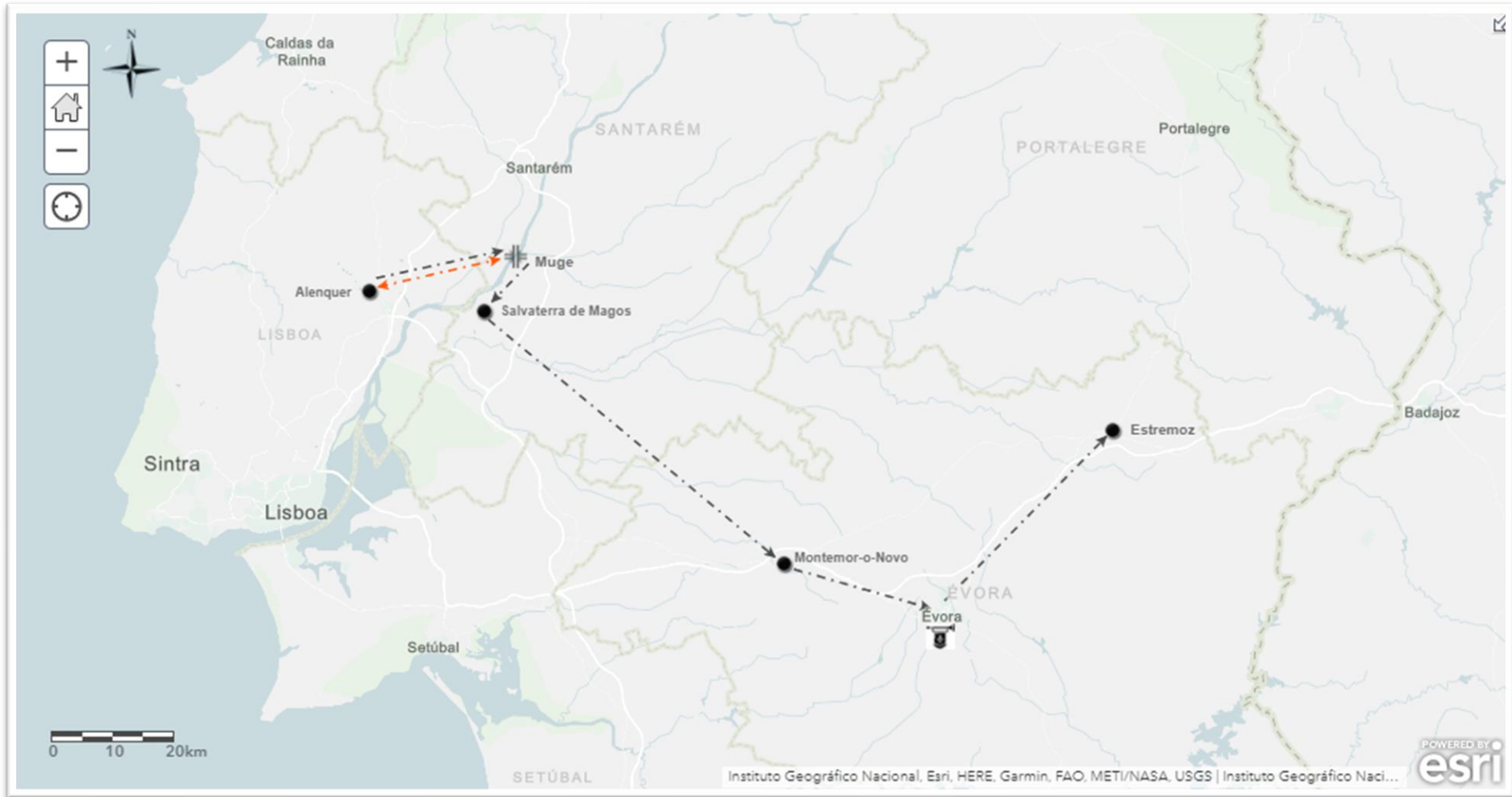
Enquanto a hoste régia mantinha o cerco a Alenquer, o rei enviou diversos grupos de forrageadores contra os termos de Alenquer e de Torres Vedras.

Data:	Em data entre 8 e 11 de julho de 1385.
-------	--

Lugares:	Alenquer	Torres Vedras
Distâncias:	- 21,7 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XXIV (pp.48-50); CDC. Cap. XLIX (pp.110-111); IDN, p. 37

Mapa 112 | Deslocação do condestável ao Alentejo para reunir novos contingentes (julho de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XXIV (pp.48-50); CDC. Cap. XLIX (pp.110-111)

Legenda:

<p>---▶ Movimentação do condestável e das suas gentes</p>	<p><---> Movimentação (ida e volta) das duzentas lanças do monarca português</p>	<p>≡ Traversia do rio Tejo (a vau)</p>	<p>🏰 Mobilização de mais contingentes</p>
---	--	--	---

De modo a mobilizar mais homens o condestável dirigiu-se a Évora. Até ao vau de Muge o condestável foi acompanhado por duzentas lanças do monarca; quando atravessou o Tejo, essas lanças retornaram para o arraial sobre Alenquer. Depois de ter pernoitado em Muge, Nuno Álvares dirigiu-se a Salvaterra, prosseguiu em direção a Montemor-o-Novo até que chegou Évora. Depois de juntar quinhentos homens de armas e dois mil homens - entre peões e besteiros - o condestável partiu para Estremoz.

Data:	Entre 9 e 31 de julho de 1385.
-------	--------------------------------

Composição do contingente que o condestável conseguiu mobilizar em Évora:	- 500 homens de armas; - 2000 homens entre peões e besteiros.
---	--

Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Alenquer	Muge	Salvaterra de Magos	Montemor-o-Novo	Évora	Estremoz
Intervalo de Tempo:		- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Alenquer; - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Muge; - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar.	- Chegaram no mesmo dia que partiram de Salvaterra de Magos; - Pernoitaram no lugar.		

Lugares:	Alenquer	Muge	Muge	Salvaterra de Magos	Salvaterra de Magos	Montemor-o-Novo	Montemor-o-Novo	Évora	Évora	Estremoz
Distâncias:	- 26,3 km.		- 10,9 km.		- 65,1 km.		- 27,7 km.		- 42,1 km.	

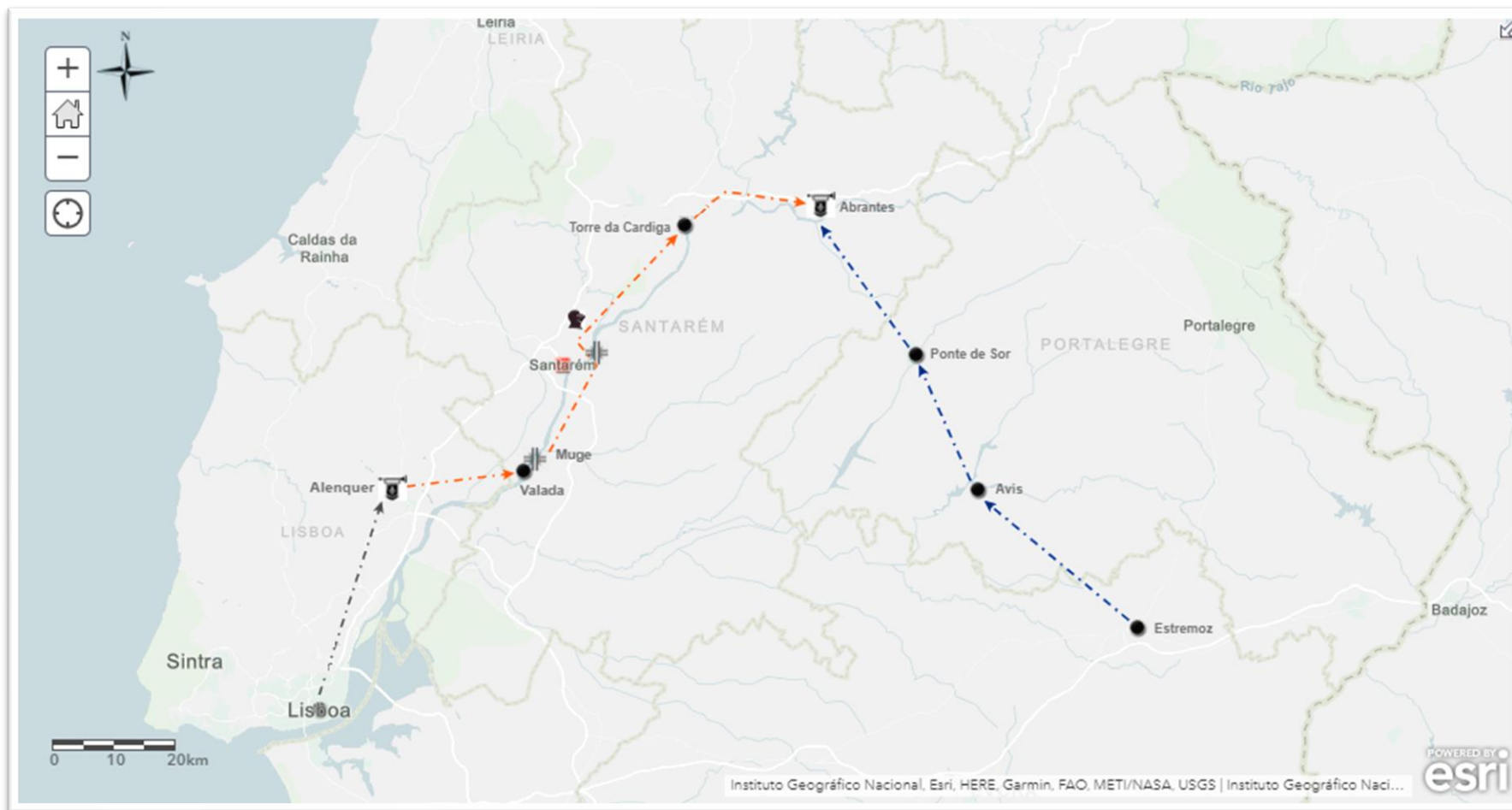
Movimentação das duzentas lanças do monarca português:

Lugares:	Alenquer	Muge	Alenquer
Intervalo de Tempo:		- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Alenquer.	- No mesmo dia.

Lugares:	Alenquer	Muge	Muge	Alenquer
Distâncias:	- 26,3 km.		- 26,3 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XXIV (pp.48-50); CDC. Cap. XLIX (pp.110-111); IDN, pp. 37-38

Mapa 113 | Deslocação das milícias concelhias a Alenquer, deslocação da hoste régia e do condestável a Abrantes (entre julho e agosto de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XXV (pp.50-52); CDC. Cap. L (pp.112)

Legenda:

<p>---> Movimentação do concelho de Lisboa</p>	<p>...> Movimentação de D. João I e da sua hoste</p>	<p>---> Movimentação do condestável e das suas gentes</p>	<p>🏰 Mobilização de mais contingentes / Encontro da hoste régia com o contingente do condestável</p>	<p>🌊 Travessia do rio Tejo (a vau)</p>	<p>👤 Aguardaram que os castelhanos saíssem do lugar</p>	<p>🔴 Lugar que estava por Castela</p>
---	---	--	--	--	---	---------------------------------------

No dia 10 de julho de 1385 chegou a Alenquer o fronteiro-mor de Lisboa, Fernando Rodrigues com cem lanças mobilizadas na cidade. No dia seguinte, a hoste régia partiu de Alenquer e foi pernoitar à Valada; no outro dia passaram o Tejo pelo vau de Santa Iria a Pequena (Santa Iria da Ribeira de Santarém) e aguardaram que os castelhanos saíssem de Santarém. Vendo que os adversários não saíam da vila, partiram do lugar e instalaram o arraial num local entre Santarém e a Torre da Cardiga. No dia seguinte chegaram à Torre da Cardiga; e no outro dia a Abrantes. Face à demora do condestável, que se devia juntar naquele lugar, o monarca enviou Martim Afonso de Melo ao encontro de Nuno Álvares com instruções para que acelerasse a marcha. Assim que o condestável recebeu o recado, Nuno Álvares partiu logo de Estremoz e foi a Avis; no outro dia a Ponte de Sor, até que chegou a um lugar a duas léguas de Abrantes. Assim que chegou apartou-se do contingente - que conseguiu mobilizar no Alentejo - e foi encontrar-se com o monarca. Depois de falarem, o condestável regressou para junto dos seus – seiscentos homens de armas, dois mil homens de pé e trezentos besteiros –, que só no dia seguinte se incorporaram na hoste régia, em Abrantes.

Data:	Julho e agosto de 1385.
Composição do contingente mobilizado pelo fronteiro-mor de Lisboa:	- 100 lanças.
Composição do contingente mobilizado pelo condestável em Évora:	- 600 homens de armas; - 2000 homens de pé; - 300 besteiros.

Movimentação do concelho de Lisboa:

Lugares:	Lisboa	Alenquer
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 10 de julho de 1385.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (10 de julho de 1385).
Lugares:	Lisboa	Alenquer
Distâncias:	- 38,5 km.	

Movimentação de D. João I:

Lugares:	Alenquer	Valada	Algures entre Santarém e a Torre da Cardiga	Torre da Cardiga	Abrantes
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 11 de julho de 1385.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Alenquer (11 de julho de 1385); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (12 de julho de 1385).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (12 de julho de 1385); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (13 de julho de 1385).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (13 de julho de 1385); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (14 de julho de 1385).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (14 de julho de 1385).

Lugares:	Alenquer	Valada	Valada	Muge	Muge	Torre da Cardiga	Torre da Cardiga	Abrantes
Distâncias:	- 21,8 km.		- 4,76 km.		- 44,3 km.		- 21,7 km.	

Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

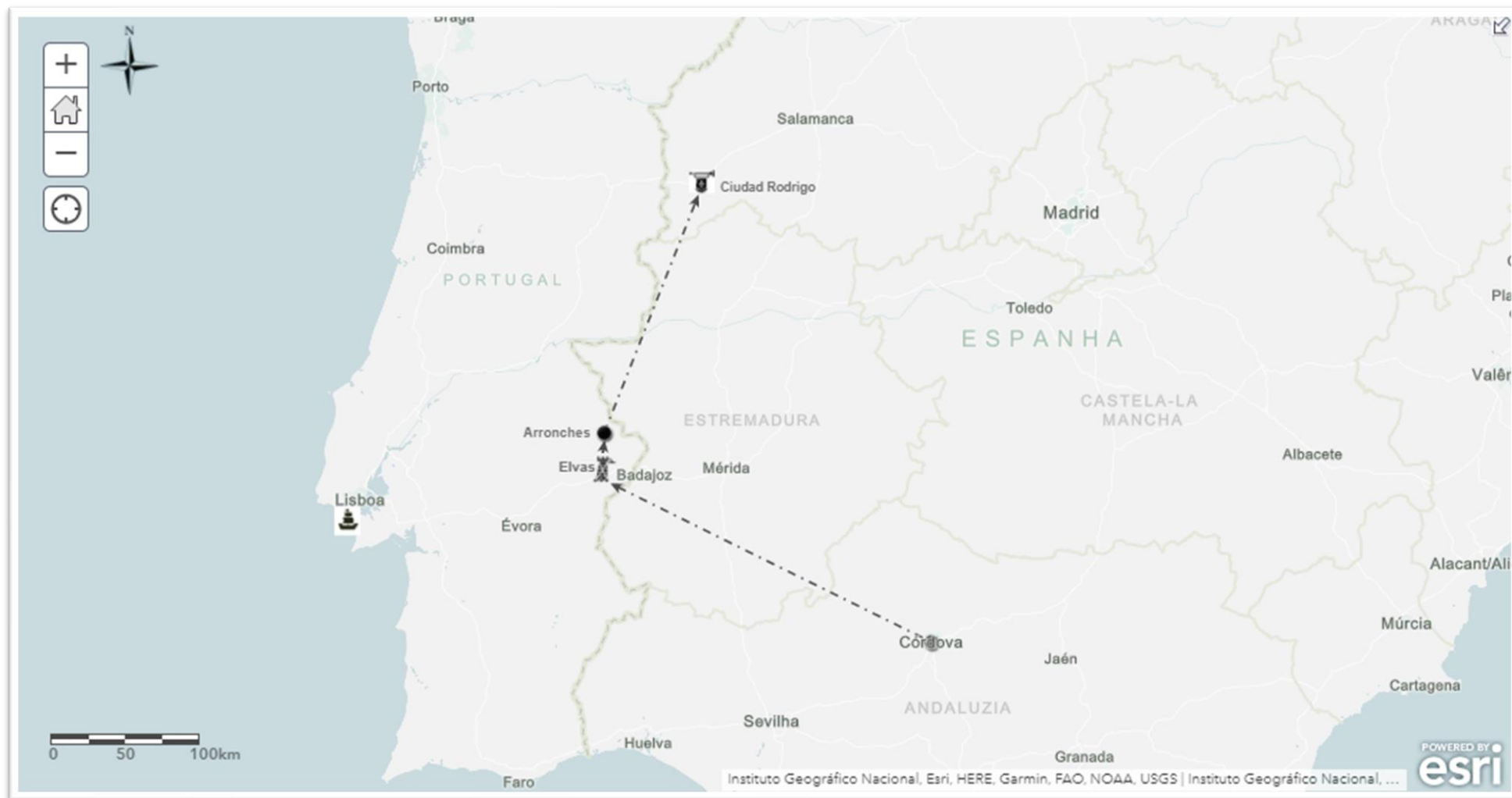
Lugares:	Estremoz	Avis	Ponte de Sor	Lugar duas léguas aquém de Abrantes	Abrantes
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 31 de julho de 1385.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Estremoz (31 de julho de 1385); - Pernoitaram no lugar.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Avis (1 de agosto de 1385); - Pernoitaram no lugar;	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (2 de agosto de 1385); - Nesse dia o Nuno Álvares Pereira foi a Abrantes, o resto da hoste ficou no lugar. - Pernoitaram no lugar;	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (3 de agosto de 1385).

		- No dia seguinte partiram do lugar (1 de agosto de 1385).	- No dia seguinte partiram do lugar (2 de agosto de 1385).	- No dia seguinte partiram do lugar (3 de agosto de 1385).	
--	--	--	--	--	--

Lugares:	Estremoz	Avis	Avis	Ponte de Sor	Ponte de Sor	Abrantes
Distâncias:	- 34,8 km.		- 24,2 km.		- 28,4 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XXV (pp.50-52); CDC. Cap. L (pp.112); IDJ, p. 20; IDN, p. 38; CR, pp. 156-157

Mapa 114 | Cerco de Juan I a Elvas (entre maio e junho de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XXVI (pp.52-54); CDJU, Año Séptimo, Cap. IX (pp.588-589)

Legenda:

- - - ➔	Movimentação	🚢	Bloqueio Naval	🏰	Mobilização da hoste	🏰	Cerco
---------	--------------	---	----------------	---	----------------------	---	-------

Decidido a entrar novamente em Portugal, o monarca castelhano partiu de Córdoba e foi cercar Elvas. Pela alegada falta de mantimentos, Juan I acreditava que tomaria rapidamente o lugar, podendo, assim, prosseguir em direção a Lisboa. Ao fim de vinte e cinco dias, depois de algumas escaramuças, constatando que Elvas resistia - e sabendo do desbarato de Trancoso e da chegada das embarcações da Biscaia e das Astúrias a Lisboa - o monarca partiu do lugar e foi para Arronches; dali partiu e foi mobilizar mais homens em Ciudad Rodrigo.

Data:	Maio e junho de 1385.
-------	-----------------------

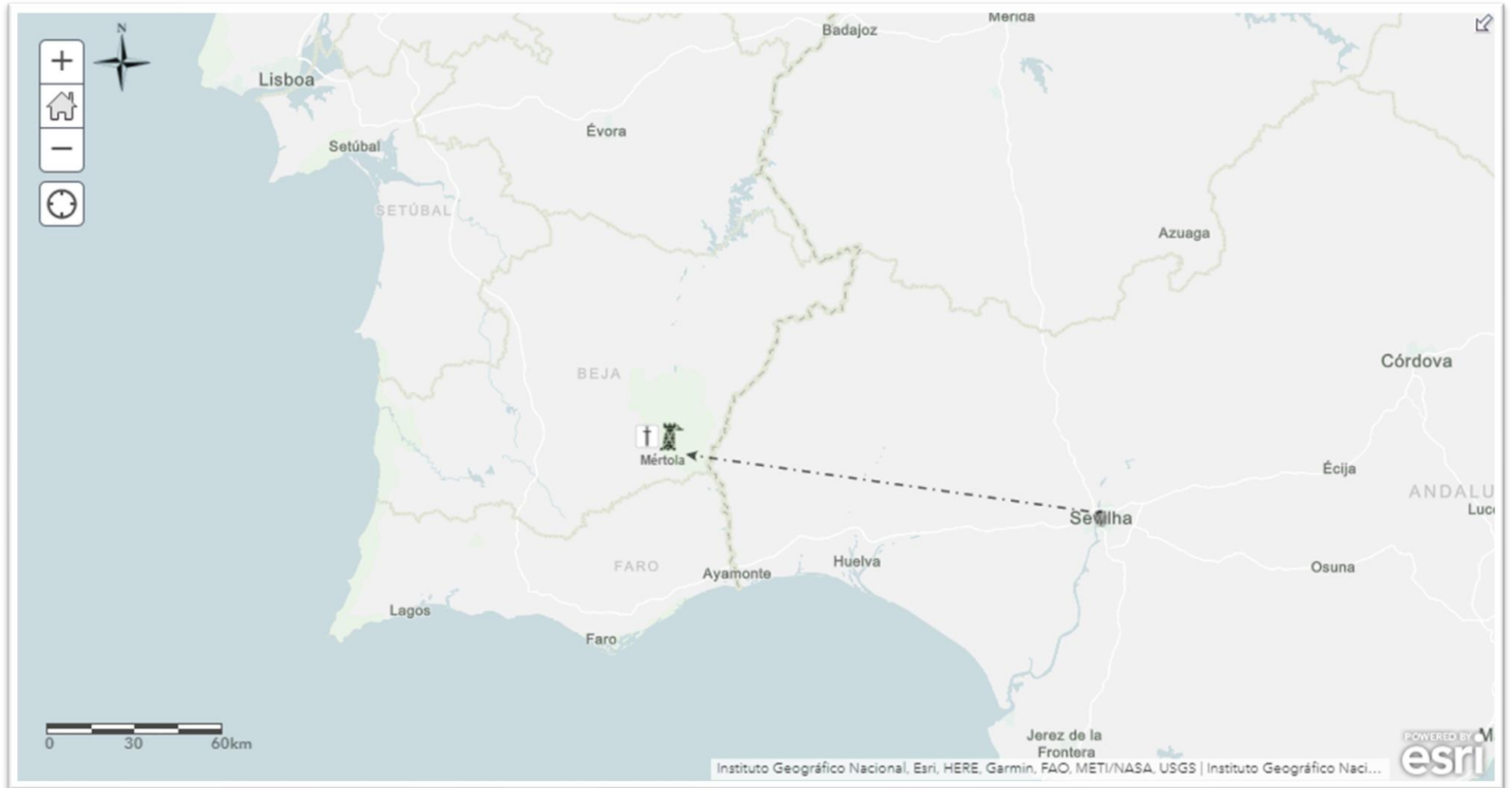
Composição das embarcações da Biscaia e das Astúrias:	Segundo Fernão Lopes: - 26 naus.	Segundo Ayala: - 26 naus.
---	-------------------------------------	------------------------------

Lugares:	Córdoba	Elvas	Arronches	Ciudad Rodrigo
Intervalo de Tempo:		- O cerco ao lugar durou 25 dias; - Pouco tempo depois de saberem do desastre ocorrido na Batalha de Trancoso (29? de maio de 1385) partiram do lugar.		

Lugares:	Córdoba	Elvas	Elvas	Arronches	Arronches	Ciudad Rodrigo
Distâncias:	- 236,7 km.		- 28,9 km.		- 175,8 km.	



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XXVI (pp.52-54); CDJU, Año Séptimo, Cap. IX (pp.588-589)

Mapa 115 | Acorro de D. Álvaro Pérez de Guzmán a Mértola (julho de 1385)



Fonte: CDJU, Año Séptimo, Cap. IX (pp.588-589)

Legenda:

--->	Movimentação de D. Álvaro Pérez de Guzmán		Cerco realizado por alguns cavaleiros do Alentejo e do Algarve		Combate
------	---	---	--	---	---------

No mês de julho, depois de reunirem uma força de duzentos homens de cavalo e de quatro mil homens de pé, os cavaleiros do Algarve e de Beja foram sobre Mértola que estava por Castela. Logo após tomarem vila, que foi entregue pelos moradores, cercaram o castelo. Apesar de estar sitiado, Fernando Dantes conseguiu pedir auxílio a Sevilha. Assim, Alvaro Pérez de Guzman partiu da capital da Andaluzia com uns trezentos homens de armas e oitocentos de pé, decidido a descercar o castelo de Mértola. Assim que chegaram teve lugar um duro combate que se saldou numa vitória castelhana.

Data:	Julho de 1385.
-------	----------------

Composição do contingente mobilizado pelos cavaleiros do Algarve e de Beja:	- 200 homens de cavalo; - 4000 homens de pé.
Composição do contingente mobilizado por Alvaro Pérez de Guzman em Sevilha:	- 300 homens de armas; - 800 homens de pé.

Lugares:	Sevilha	Mértola
Distâncias:	- 149,4 km.	

Fonte: CDJU, Año Séptimo, Cap. IX (pp.588-589)

Mapa 116 | Bloqueio castelhano a Lisboa (junho de 1385)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. XXVI (pp.52-54); Año Séptimo, Cap. X (pp.590)

Legenda:

Movimentação	Bloqueio Naval
--------------	----------------

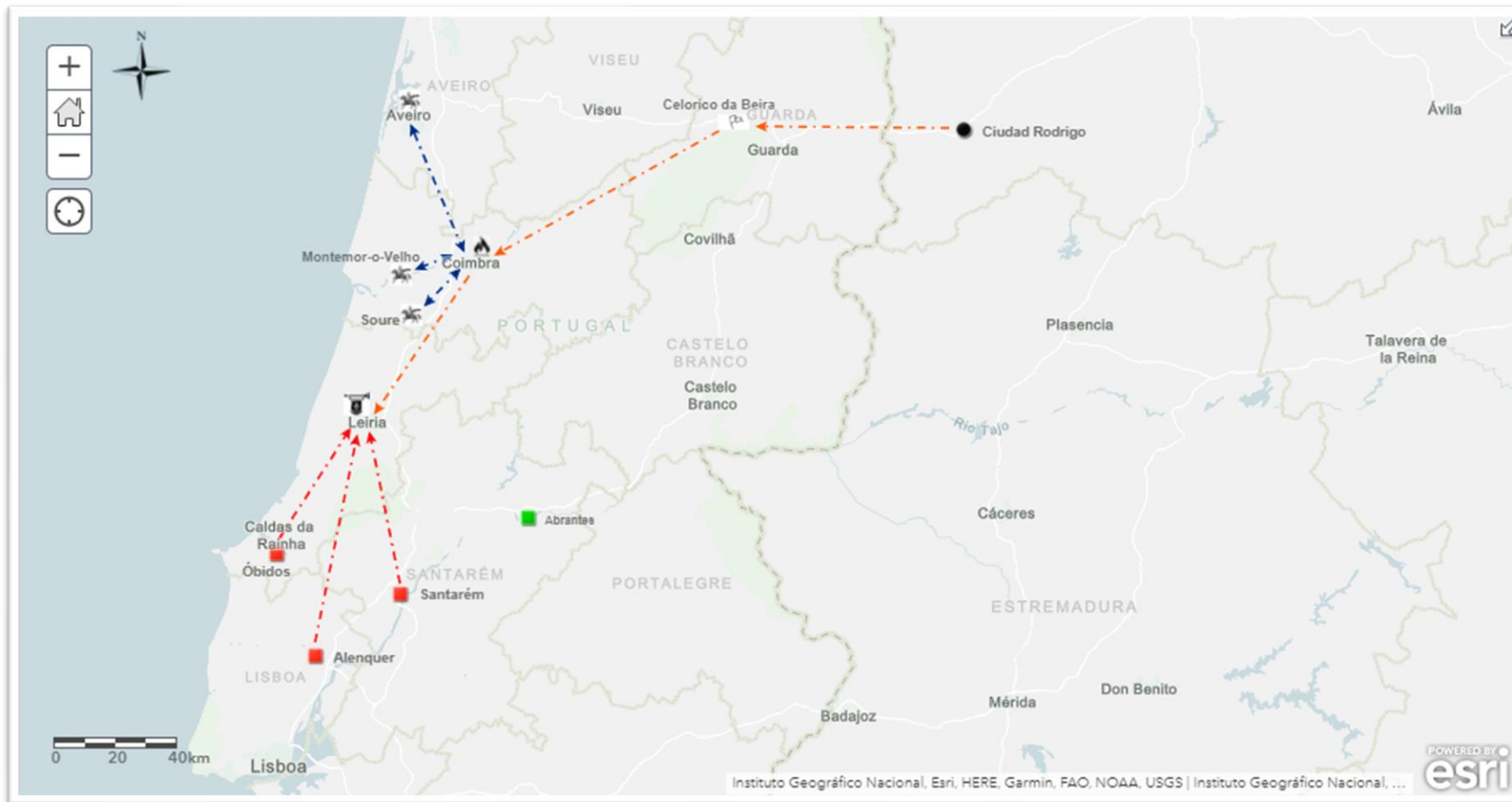
Com a intenção de cercar novamente Lisboa, o monarca castelhano enviou a sua frota para o Tejo. Na Biscaia e nas Astúrias foram armadas vinte e seis naus e em Sevilha também foram armadas algumas galés e naus. As embarcações, para além de bloquearem a cidade, vinham carregadas de mantimentos para abastecer as vilas e os castelos da comarca de Lisboa que tinham voz por Castela.

Data:	Junho de 1385 (em data posterior a 10 de junho de 1385).
-------	--

Composição das embarcações da Biscaia e das Astúrias:	Segundo Fernão Lopes: - 26 naus.	Segundo Ayala: - 26 naus.
---	-------------------------------------	------------------------------

Fonte: CDJ I,2^a, Cap. XXVI (pp.52-54); Año Séptimo, Cap. X (pp.590); CR, p. 155

Mapa 117 | Entrada de Juan I em Portugal até Leiria (entre julho e agosto de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XXVII (pp.54-55); Cap. XXIX (pp.58-60); CDJU, Año Séptimo, Cap. XII (pp.594)

Legenda:

Movimentação de Juan I e da sua hoste	Movimentação (ida e volta) dos castelhanos que foram fazer roubos	Movimentação dos capitães castelhanos que estavam naqueles lugares	Lugares que estavam por Castela	Abrantes, lugar onde se encontrava a hoste portuguesa	Junção dos capitães que o monarca tinha deixado em Portugal com a hoste régia castelhana	Toma do castelo de Celorico da Beira	Roubos/ Crueldades	Destruição do arrabalde

Depois de mobilizar mais homens em Ciudad Rodrigo o monarca castelhano entrou em Portugal pela Beira. No caminho tomaram o castelo de Celorico e queimaram o arrabalde de Coimbra. Enquanto a hoste castelhana permaneceu junto desta cidade e nas suas imediações, os castelhanos enviaram contingentes contra Montemor-o-Velho, Aveiro e Soure. No mês de agosto, atravessaram o Mondego e foram para Leiria; os capitães que o monarca castelhano tinha deixado em Santarém, Óbidos e Leiria também foram para aquele lugar, assim como os capitães das galés e naus que estavam sobre Lisboa.

Data:	Julho e agosto de 1385.
-------	-------------------------

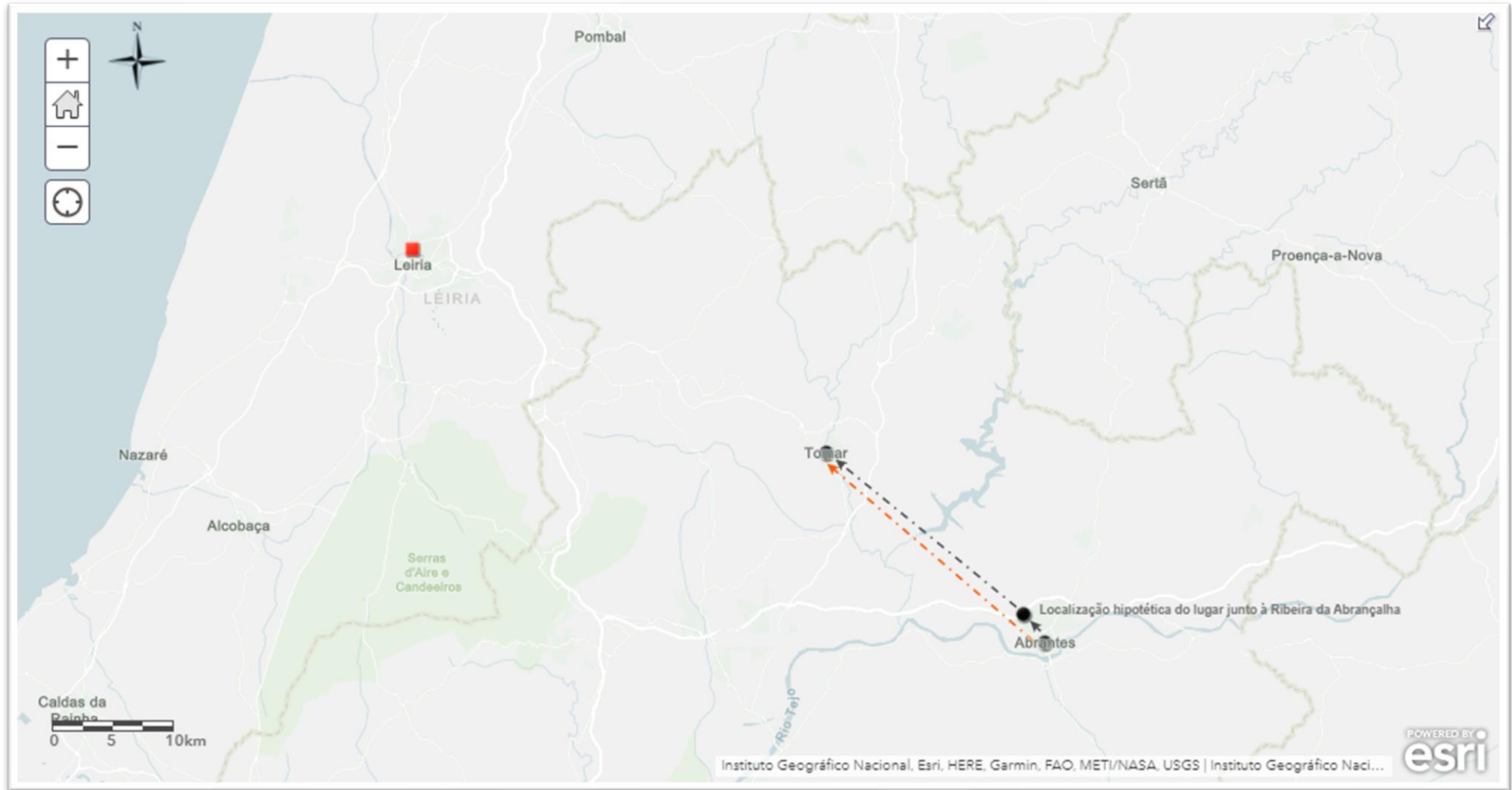
Movimentação de Juan I:

Lugares:	Ciudad Rodrigo	Celorico da Beira	Coimbra	Leiria
Intervalo de Tempo:		- Pelo menos até ao dia 21 de julho encontravam-se no lugar.	- Deteta-se a presença no lugar a partir de 6 de agosto de 1385.	- Devem ter chegado ao lugar entre 7 e 10 de agosto de 1385.

Lugares:	Ciudad Rodrigo	Celorico da Beira	Celorico da Beira	Coimbra	Coimbra	Leiria
Distâncias:	- 73,1 km.		- 98,8 km.		- 62 km.	
Lugares:	Coimbra	Soure	Coimbra	Montemor-o-Velho	Coimbra	Aveiro
Distâncias:	- 24,4 km.		- 22,9 km.		- 51,9 km.	
Lugares:	Óbidos	Leiria	Alenquer	Leiria	Santarém	Leiria
Distâncias:	- 52,1 km.		- 78,3 km.		- 57,1 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XXVII (pp.54-55); Cap. XXIX (pp.58-60); CDJU, Año Séptimo, Cap. XII (pp.594); CR, pp. 156-157; IDN, p. 39

Mapa 118 | Deslocação do monarca português e do condestável de Abrantes a Tomar (agosto de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XXX (pp.60-63); Cap. XXXI (pp.63-66); CDC, Cap. LJ (pp.112-121); CDJU, Año Séptimo, Cap. XIII (pp.595-596)

Legenda:

---▶	Movimentação do condestável juntamente com algumas gentes	-.-.-▶	Movimentação do monarca português com a hoste	■	Lugar onde se encontrava o monarca castelhano com a sua hoste
------	---	--------	---	---	---

Face ao impasse relativo à estratégia a adotar, na manhã seguinte ao conselho régio, o condestável – com uma pequena força – partiu de Abrantes e foi em direção de Tomar, alegadamente com a intenção de dar batalha à hoste castelhana. Quando o monarca português tomou conhecimento da partida de Nuno Álvares, enviou João Afonso de Santarém para lhe pedir que retornasse a Abrantes. Nuno Álvares – que, entretanto, estava num lugar junto da ribeira da Abrançalha - recusou, insistindo que queria ir com as forças de que dispunha sobre o monarca castelhano. Entretanto, através daquele mensageiro, o condestável pediu ao monarca que o deixasse ir adiante; e que ele aguardaria naquele lugar pela resposta. Quando João Afonso de Santarém retornou a Abrantes e transmitiu a mensagem de Nuno Álvares, D. João I enviou uma nova mensagem ao condestável pedindo-lhe que retornasse. Porém, a resposta foi a mesma. Durante esta ida e volta de mensagens realizou-se um novo conselho de guerra; onde ficou decidido adotar a estratégia defendida pelo condestável: dar batalha à hoste de Juan I. Fernando Alvares de Almeida voltou a encontrar-se com o condestável a informá-lo da decisão do conselho de guerra de D. João I. No dia seguinte (6 de agosto de 1385) o monarca e a hoste chegaram a Tomar; nesse dia foi logo feito um alardo. Enquanto permaneceram naquele lugar, tanto o condestável como D. João I, trocaram cartas de desafio com o monarca castelhano.

Data:	Agosto de 1385.
-------	-----------------

Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Abrantes	Ribeira da Abrançalha	Tomar
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar na manhã do dia 5 de agosto de 1385.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (5 de agosto de 1385).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (5 de agosto de 1385).

Lugares:	Abrantes	Tomar
Distâncias:	- Segundo as crónicas 5 léguas; - 24,1 km.	

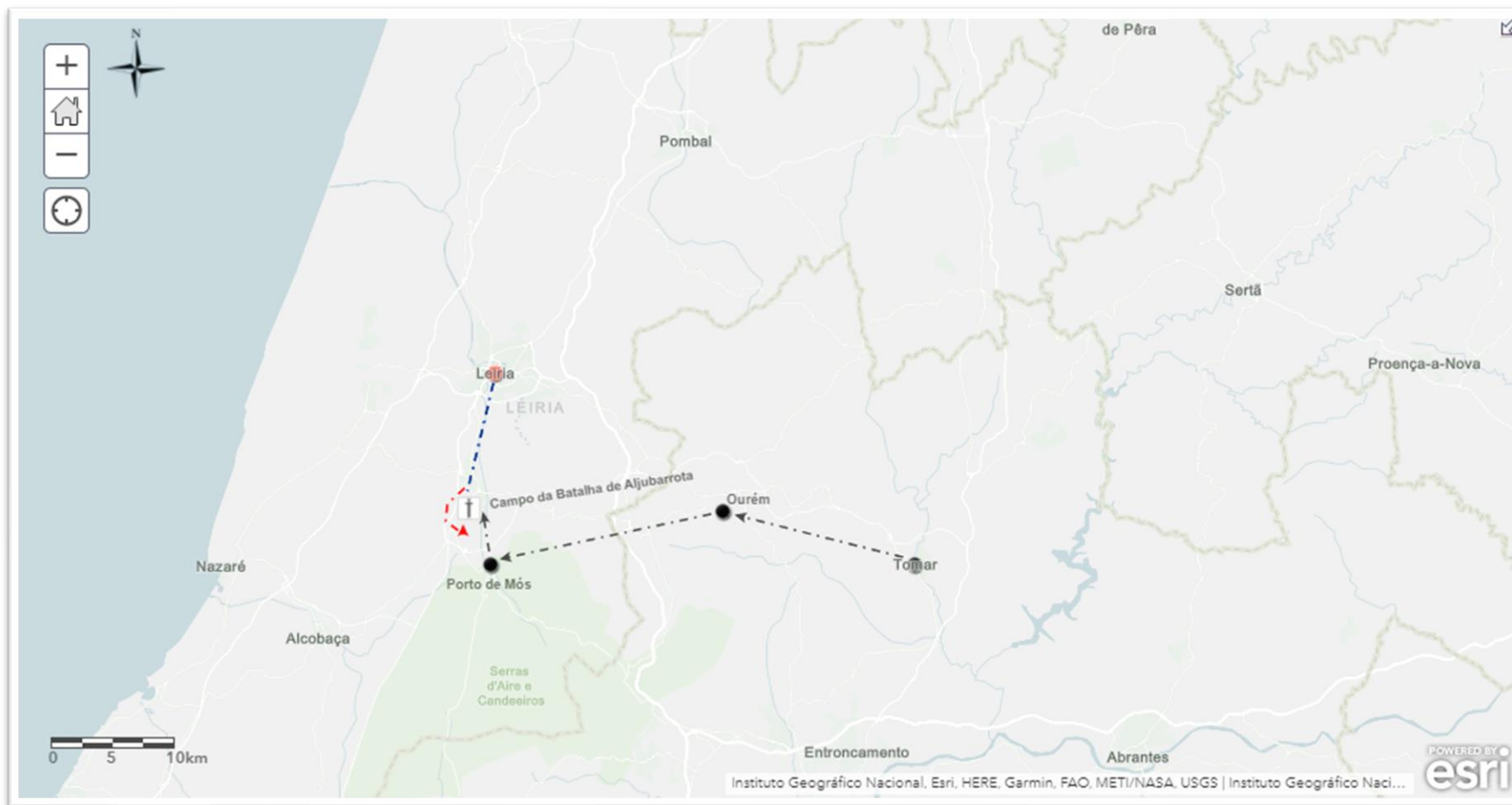
Movimentação de D. João I:

Lugares:	Abrantes	Tomar
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 6 de agosto de 1385.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (6 de agosto de 1385).

Lugares:	Abrantes	Tomar	Tomar	Leiria
Distâncias:	- Segundo as crónicas 5 léguas; - 24,1 km.		- 37,7 km.	

Fonte: CDJ I,2^a, Cap. XXX (pp.60-63); Cap. XXXI (pp.63-66); CDC, Cap. LJ (pp.112-121); CDJU, Año Séptimo, Cap. XIII (pp.595-596); IDN, p. 39

Mapa 119 | Movimentações até ao desfecho da batalha de Aljubarrota (agosto de 1384)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XXXIII (pp.68-71); Cap. XXXIV (pp.71-75); Cap. XXXV (pp.75-78); Cap. XXXVI (pp.79-81); Cap. XXXVII (pp.81-84); Cap. XXXVIII (pp.84-88); Cap. XL (pp.89-92); Cap. XLII (pp.94-99); CDC, Cap. LJ (pp.112-121); CDJU, Año Séptimo, Cap. XIII (pp.595-596); Cap. XIV (pp.598-602)

Legenda:

<p>---> Movimentação da hoste portuguesa</p>	<p>--- 1ª movimentação castelhana, deparam com os portugueses em posição de batalha, com os rostos virados contra Leiria, num sítio extremamente vantajoso</p>	<p>- - - -> 2ª movimentação castelhana, quando estes viram os portugueses em posição de batalha não quiseram atender ao combate, e desviaram-se contra Aljubarrota. Os portugueses forçaram, mais uma vez, a batalha</p>	<p>† Batalha de Aljubarrota (batalha campal)</p>
---	--	---	--

Depois de organizarem a coluna de marcha, as forças de D. João I e do condestável partiram de Tomar na sexta-feira dia 11 de agosto e dirigiram-se para Ourém. No dia seguinte, partiram para Porto de Mós. No domingo, o condestável – com cem homens de cavalo – foi para uns altos cabeços contra Leiria para tentar ver como se organizava a hoste castelhana, mas sem sucesso. Na manhã de segunda-feira, dia 14 de agosto de 1385, partiram daquele lugar e foram em direção do planalto de S. Jorge decididos a dar batalha aos castelhanos; naquele lugar posicionaram-se com os rostos virados para Leiria. Os castelhanos quando começaram a aparecer, por volta do meio-dia, perceberam que a hoste portuguesa se tinha instalado numa posição muito vantajosa, pelo que optaram por não enfrentar o inimigo. Por este motivo os castelhanos desviaram-se e avançaram na direção de Aljubarrota, contornando a hoste portuguesa. Esta, vendo a movimentação inimiga, inverteu a sua ordem de batalha e deslocou-se mais para sul, mostrando a sua disposição para a batalha. Os castelhanos vendo que os portugueses forçavam o combate, depois de reunido o conselho de guerra de Juan I, decidiram dar batalha. À tarde daquele dia deu-se a Batalha de Aljubarrota onde os castelhanos foram desbaratados.

Data:	Agosto de 1385.
-------	-----------------

Composição da hoste portuguesa:	Segundo Fernão Lopes; - 1700 lanças; - 800 besteiros; - 4000 homens de pé. Total – 6500 homens.	Segundo Ayala: - 1200 homens de armas; - 10000 homens entre besteiros e homens de pé.
Composição da hoste castelhana:	Segundo Fernão Lopes: - 6000 lanças; - 2000 ginetes; - 8000 besteiros; - 15000 homens de pé. Total – 31000 homens.	

Movimentação portuguesa:

Lugares:	Tomar	Ourém	Porto de Mós	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 11 de agosto de 1385.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (11 de agosto de 1385); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (12 de agosto de 1385).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Ourém (12 de agosto de 1384); - Permaneceram 2 dias no lugar; - Na manhã do dia 14 de agosto de 1385 partiram do lugar.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (14 de agosto de 1385).

Lugares:	Tomar	Ourém	Ourém	Porto de Mós	Porto de Mós	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota
Distâncias:	- Segundo as crónicas 3 léguas; - 16,3 km.	- Segundo as crónicas 5 léguas; - 19,4 km.			- Segundo as crónicas 1 pequena légua; - 4,81 km.	

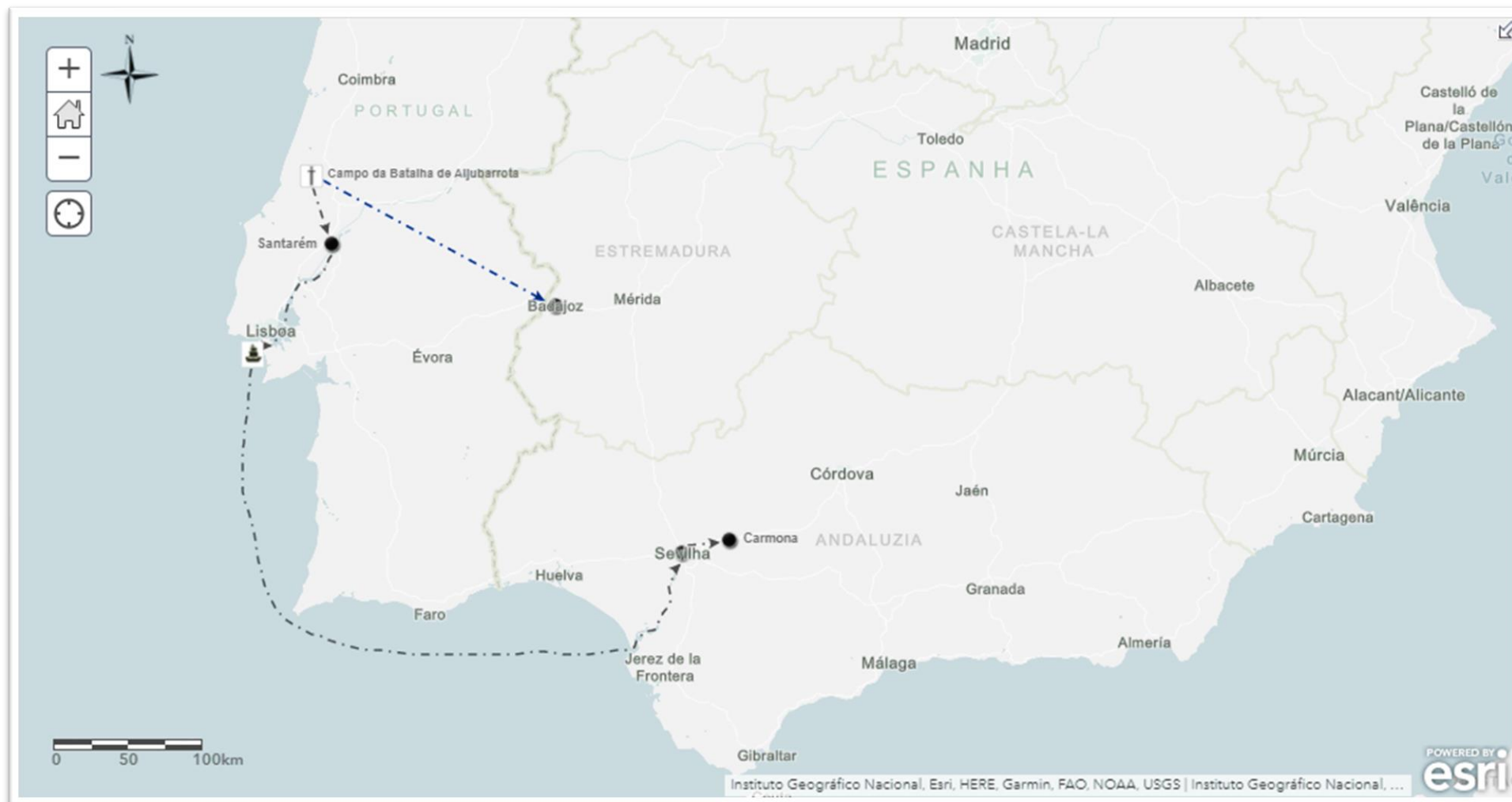
Movimentação castelhana:

Lugares:	Leiria	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 14 de agosto de 1385.	- Por volta do meio-dia começaram a chegar ao lugar (14 de agosto de 1385).

Lugares:	Leiria	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota
Distâncias:	- Segundo as crónicas 2 boas léguas; - 11,8 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XXXIII (pp.68-71); Cap. XXXIV (pp.71-75); Cap. XXXV (pp.75-78); Cap. XXXVI (pp.79-81); Cap. XXXVII (pp.81-84); Cap. XXXVIII (pp.84-88); Cap. XL (pp.89-92); Cap. XLII (pp.94-99); CDC, Cap. LJ (pp.112-121); CDJU, Año Séptimo, Cap. XIII (pp.595-596); Cap. XIV (pp.598-602); IDN, p. 40

Mapa 120 | Deslocação do monarca castelhano e dos contingentes que conseguiram escapar da derrota de Aljubarrota (agosto de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XLIII (pp.99-102); Cap. XLIV (pp.102-105); CDC, Cap. LJ (pp.112-121); CDJU, Año Séptimo, Cap. XV (pp.602-603)

Legenda:

--->	Movimentação do monarca castelhano com alguns dos seus	--->	Movimentação dos castelhanos que conseguiram escapar do desbarato da batalha	†	Lugar onde ocorreu a batalha de Aljubarrota	⚓	Bloqueio Naval
------	--	------	--	---	---	---	----------------

Vendo que a bandeira era tombada e que a sua hoste era desbaratada, o monarca castelhano, em marcha forçada, avançou para Santarém.

Andando sem parar - assim que o seu cavalo se cansava davam-lhe outro - chegou à meia-noite a Santarém. Dali partiu numa barca e chegou a Lisboa na manhã do dia seguinte (15 de agosto de 1385); metendo-se numa das galés que bloqueava a cidade, no dia 17 de agosto partiu para Sevilha. Quando o monarca entrou na capital andaluza era de noite; dali constrangido pela derrota e muito doente foi para Carmona. Os combatentes que conseguiram escapar do desbarato da batalha foram para Badajoz.

Data:	Agosto de 1385.
-------	-----------------

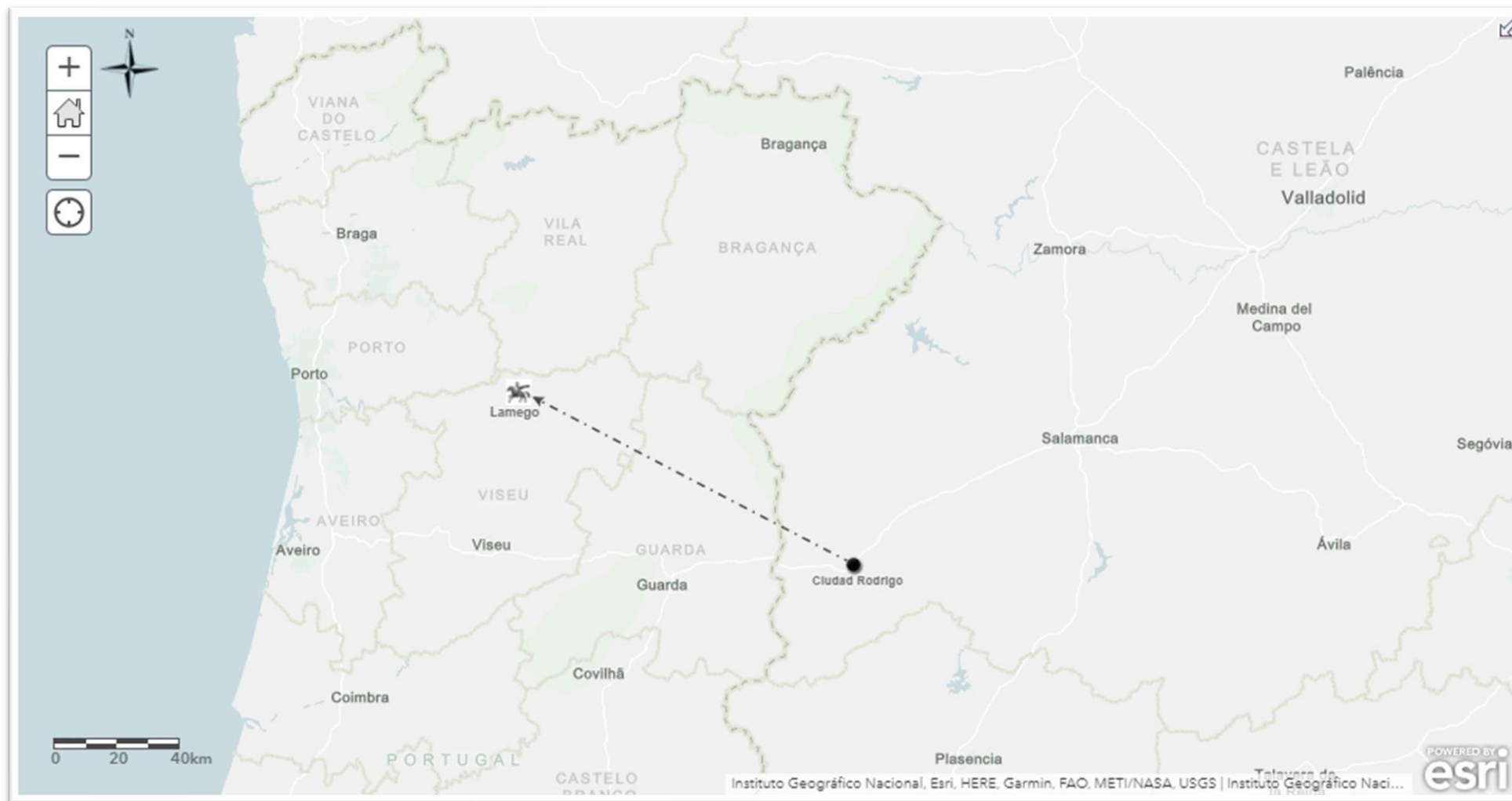
Movimentação do monarca castelhano:

Lugares:	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota	Santarém	Lisboa	Sevilha	Carmona
Intervalo de Tempo:	- Depois de constatarem que a batalha era perdida partiram do lugar (14 de agosto de 1385).	- Chegaram ao lugar à meia-noite do dia 15 de agosto de 1385.	- Às 9 horas daquele dia chegaram ao lugar (15 de agosto de 1385); - Estiveram 2 dias no lugar; - No dia 17 de agosto de 1385 partiram do lugar.		

Lugares:	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota	Santarém	Santarém	Lisboa	Sevilha	Carmona	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota	Badajoz
Distâncias:	- Segundo as crónicas 11 léguas e meia; - 46,6 km.	11	- 69,6 km.		- Segundo as crónicas 6 léguas; - 33,1 km.	6	- 182,5 km.	

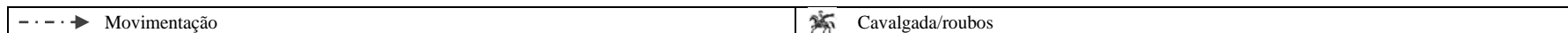
Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XLIII (pp.99-102); Cap. XLIV (pp.102-105); CDC, Cap. LJ (pp.112-121); CDJU, Año Séptimo, Cap. XV (pp.602-603)

Mapa 121 | Entrada na comarca da Beira do contingente do infante D. Carlos de Navarra (agosto de 1385)



Fonte: CDJU, Año Séptimo, Cap. XVI (pp.604)

Legenda:



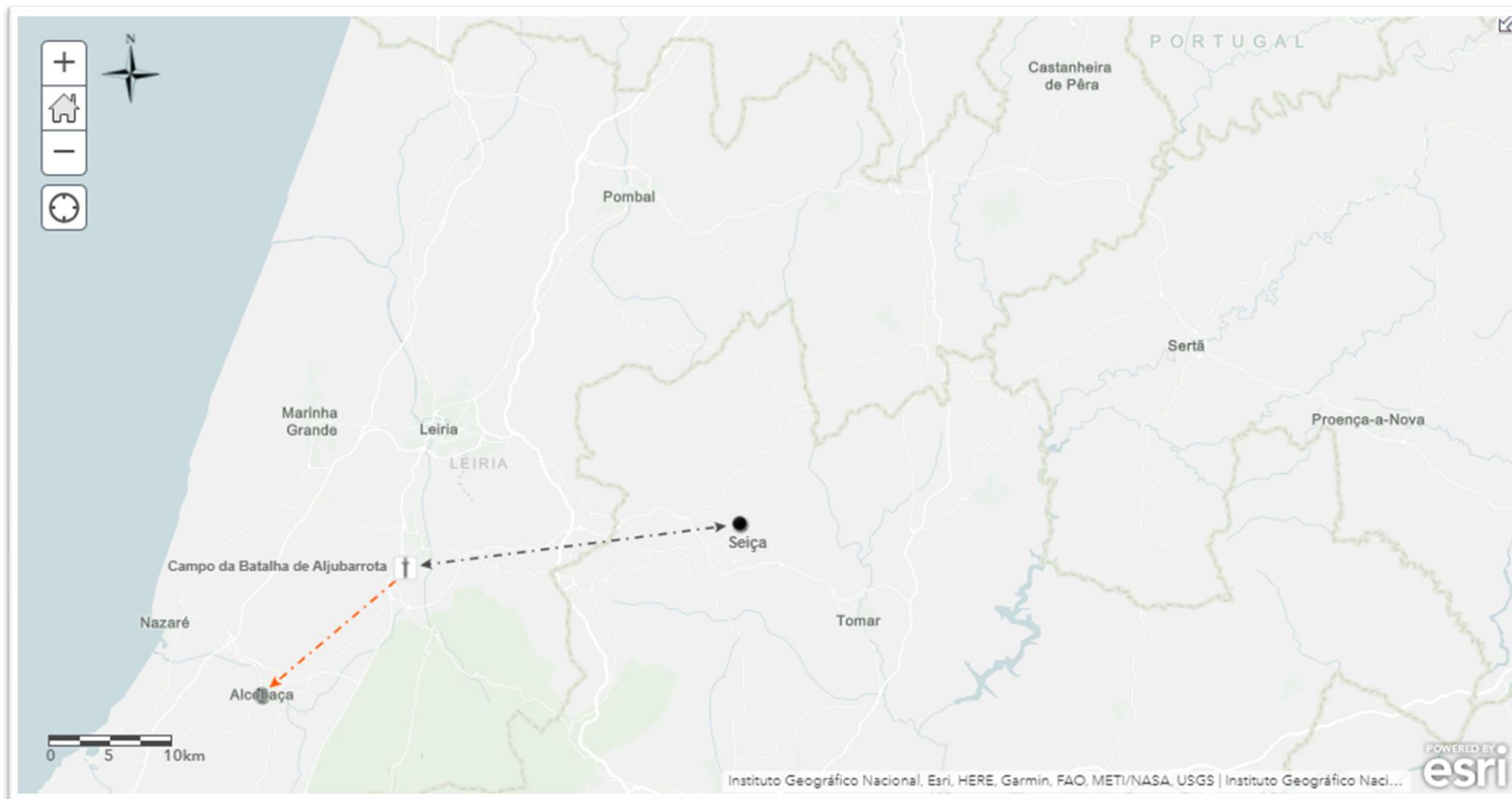
Carlos, o infante de Navarra - que estava casado com uma irmã do monarca castelhano - quando chegou a Ciudad Rodrigo já o monarca tinha passado por Coimbra. Vendo que não podia alcançar Juan I, assolou a região de Lamego. Naquele lugar tomou conhecimento que a hoste do monarca castelhano tinha sido desbaratada na Batalha de Aljubarrota.

Data:	Agosto de 1385.
-------	-----------------

Lugares:	Ciudad Rodrigo	Lamego
Distâncias:	- 121,2 km.	

Fonte: CDJU, Año Séptimo, Cap. XVI (pp.604)

Mapa 122 | Movimentações portuguesas posteriores a Aljubarrota (agosto de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XLVI (pp.110-112); CDC, Cap. LJ (pp.112-121)

Legenda:

Movimentação do monarca português com a sua hoste	Romaria do condestável (Ida e volta)	Lugar onde ocorreu a batalha de Aljubarrota
---	--------------------------------------	---

No dia a seguir à batalha e ao desbarato dos castelhanos (15 de agosto de 1385) o condestável foi em romaria a Santa Maria de Seiça (c. Ourém). Ao fim de três dias, no dia 17 de agosto de 1385, a hoste régia foi para Alcobaça.

Data:	Agosto de 1385.
-------	-----------------

Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota	Santa Maria de Seiça (c. Ourém)	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota
Intervalo de Tempo:	- Partiu do lugar no dia 15 de agosto de 1385.	- Chegou ao lugar no mesmo dia (15 de agosto de 1385).	- Chegou ao lugar no mesmo dia (15 de agosto de 1385).

Lugares:	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota	Santa Maria de Seiça (c. Ourém)	Santa Maria de Seiça (c. Ourém)	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota
Distâncias:	- 27,6 km.		- 27,6 km.	

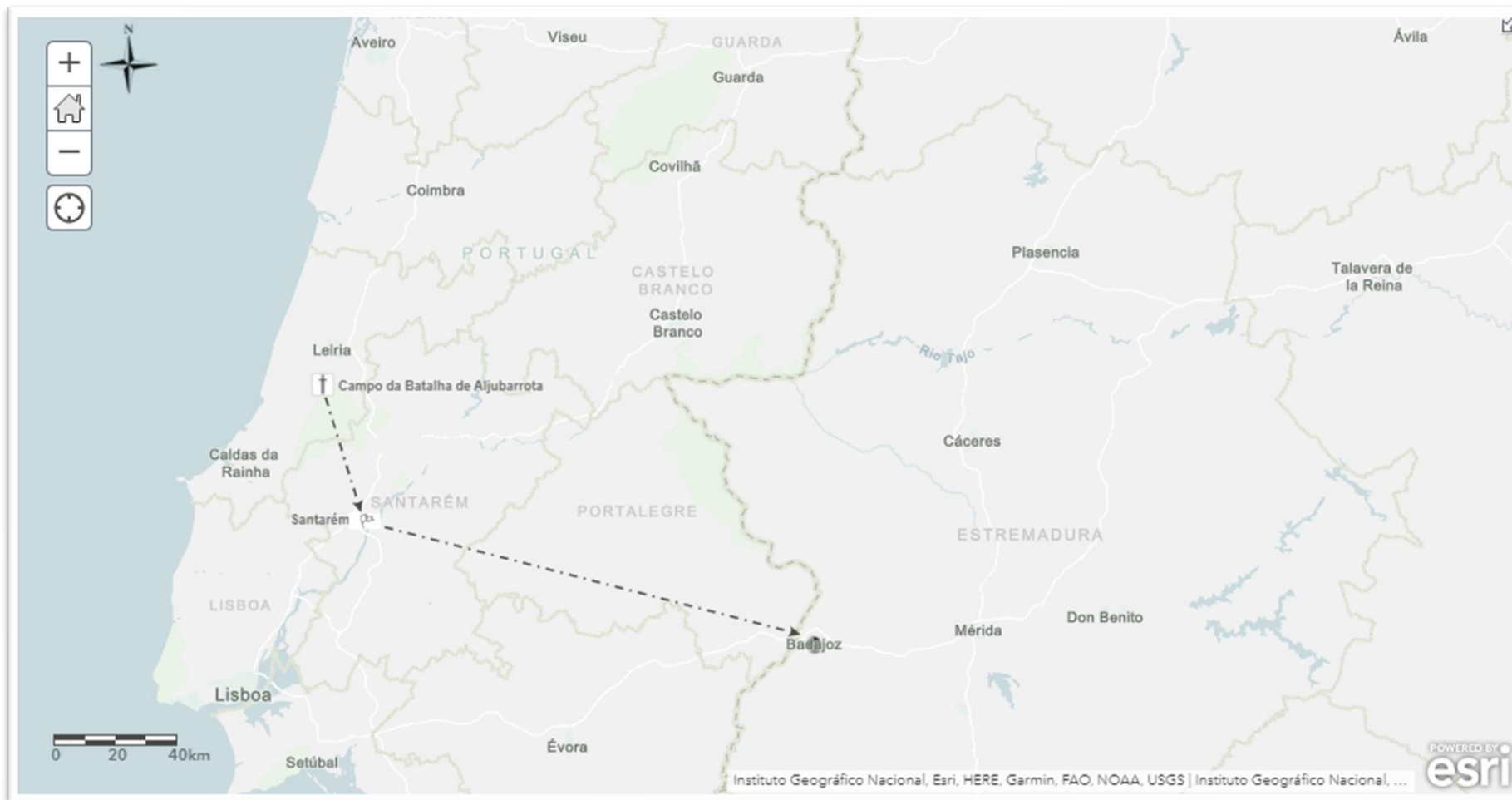
Movimentação do monarca português e de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota	Alcobaça
Intervalo de Tempo:	- Permaneceram no lugar 3 dias; - Partiram do lugar no dia 17 de agosto de 1385.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (17 de agosto de 1385); - Pernoitaram no lugar.

Lugares:	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota	Alcobaça
Distâncias:	- Segundo as crónicas 3 léguas; - 15,5 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XLVI (pp.110-112); CDC, Cap. LJ (pp.112-121)

Mapa 123 | Após o desfecho da batalha de Aljubarrota o mestre de Alcântara, entre outros castelhanos, retirou-se para Santarém de onde seguiu para Badajoz (agosto de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XLIII (pp.99-102); Cap. XLIV (pp.102-105); Cap. L (pp.122-125); CDC, Cap. LJ (pp.112-121); CDJU, Año Séptimo, Cap. XV (pp.602-603)

Legenda:

- · - · - · ➔	Movimentação	†	Lugar onde ocorreu a batalha de Aljubarrota	👑	Alçaram voz por D. João I
---------------	--------------	---	---	---	---------------------------

Depois do desbarato na Batalha de Aljubarrota, o monarca castelhano chegou a Santarém e antes de partir para Castela quitou a menagem a Rodrigo Alvarez de Santoyo e Gomez Perez de Valderrabano que tinham o lugar em seu nome. Na manhã do dia seguinte (15 de agosto de 1385) chegou a Santarém o mestre de Alcântara, Gonçalo Nunez de Guzmam com alguns combatentes que conseguiram escapar da batalha. Constatando que o monarca já tinha partido, seguiram para Castela; Rodrigo Alvares de Santoyo e Gomez Perez também partiram com eles. O mestre de Cristo e o prior Álvaro Gonçalves – que estavam presos no lugar desde que foram capturados em Torres Novas – conseguiram-se e, juntamente com os moradores de Santarém, expulsaram os poucos castelhanos que tinham ficado na vila.

Data:	Agosto de 1385.
-------	-----------------

Lugares:	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota	Santarém	Badajoz
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar depois de ser ferida a Batalha de Aljubarrota (14 de agosto de 1385).	- Chegaram ao lugar na manhã do dia 15 de agosto de 1385; - No próprio dia partiram do lugar.	

Lugares:	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota	Santarém	Santarém	Badajoz
Intervalo de Tempo:	- 46,6 km.		- 153,6 km.	

Fonte: CDJ I,2^a, Cap. XLIII (pp.99-102); Cap. XLIV (pp.102-105); Cap. L (pp.122-125); CDC, Cap. LJ (pp.112-121); CDJU, Año Séptimo, Cap. XV (pp.602-603)

Mapa 124 | Deslocação da hoste régia e do condestável a Santarém (agosto de 1385)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. LI (pp.125-128); CDC, Cap. LJ (pp.112-121); CDJU, Año Séptimo, Cap. XVII (pp.604-605)

Legenda:

---> Movimentação

Assim que souberam que o monarca castelhano já tinha partido de Santarém, D. João I e a sua hoste dirigem-se para essa vila.

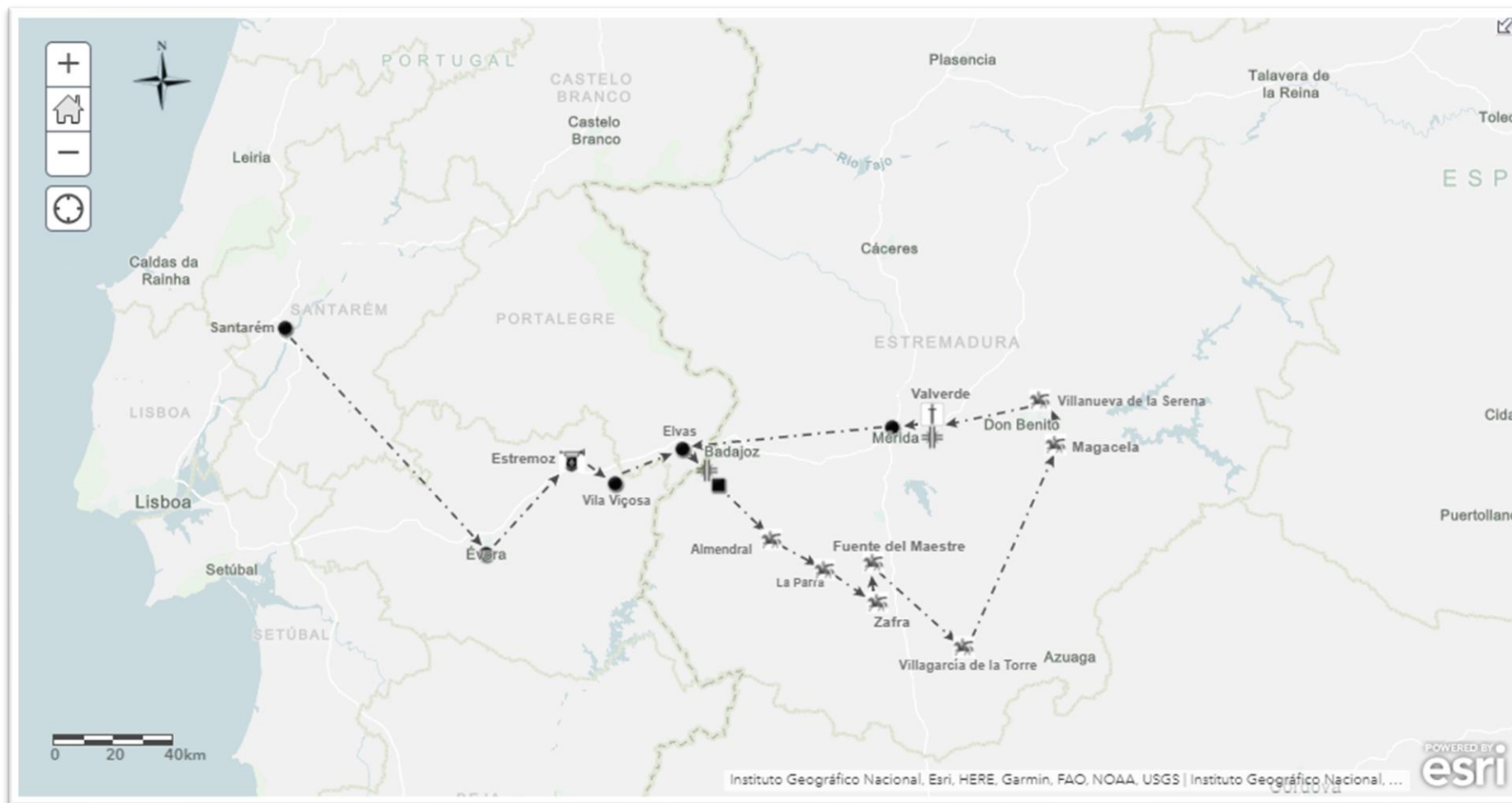
Data:	Agosto de 1385.
-------	-----------------

Lugares:	Alcobaça	Santarém
Distâncias:	- Chegaram ao lugar no dia 17 de agosto de 1385; - Pernoitaram no lugar; - Partiram do lugar no dia 18 de agosto de 1385.	- Chegaram ao lugar no próprio dia (18 de agosto de 1385); - O monarca português permaneceu no lugar até ao dia 10 de setembro de 1385.

Lugares:	Alcobaça	Santarém
Distâncias:	- Segundo as crónicas 11 léguas; - 42,9 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LI (pp.125-128); CDC, Cap. LJ (pp.112-121); CDJU, Año Séptimo, Cap. XVII (pp.604-605); IDJ, p. 20; IDN, p. 43

Mapa 125A | Entrada do Condestável em Castela até se dar a batalha de Valverde (entre setembro e outubro de 1385)



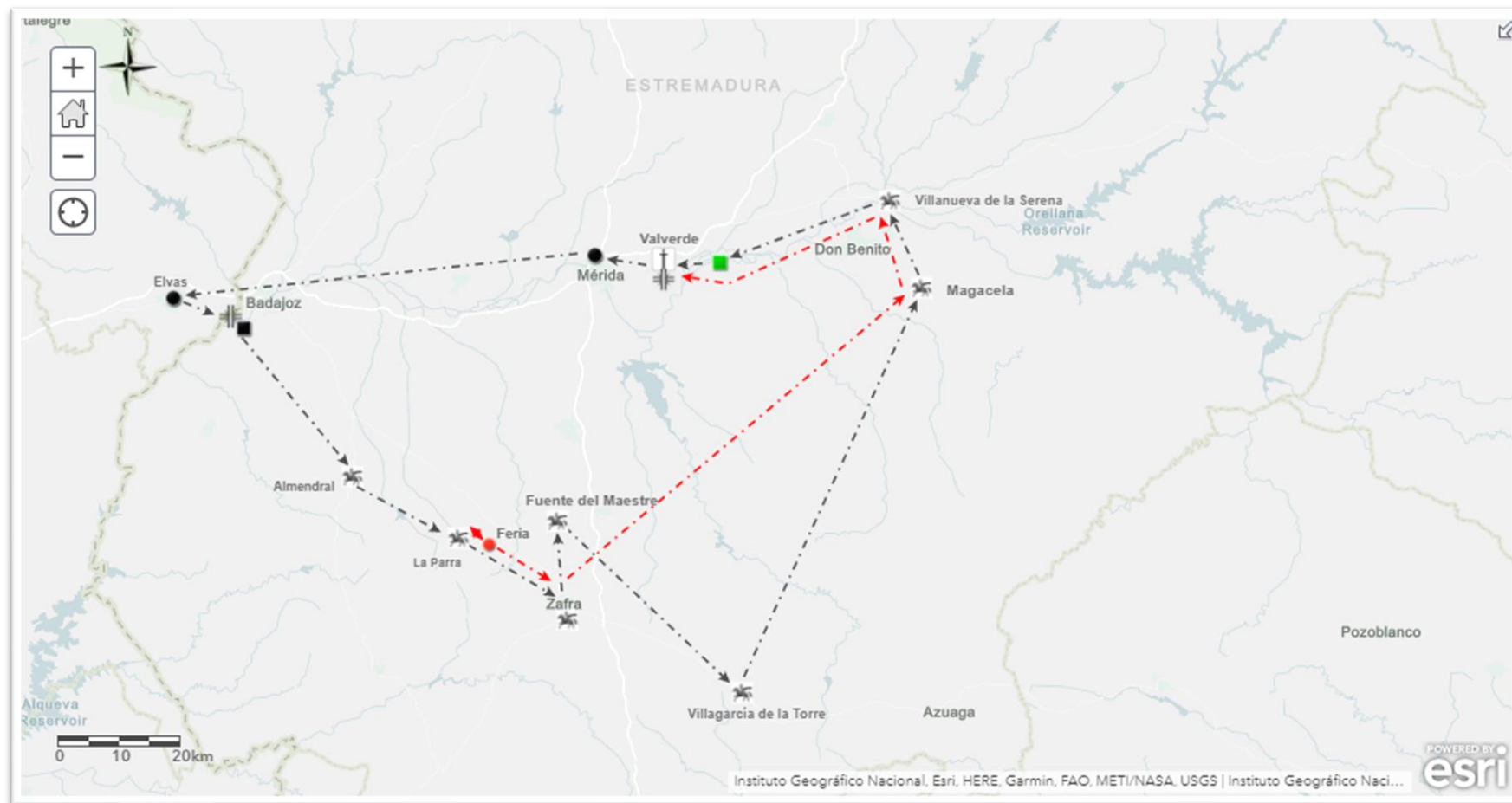
Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. LIII (pp.130-133); Cap. LIV (pp.133-134); Cap. LV (pp.134-136); Cap. LVI (pp.136-138); Cap. LVIII (pp.141-144); CDC, Cap. LIJ (pp.123-125); Cap. LIII (pp.125-133); CDJU, Año Séptimo, Cap. XVIII (pp.605-606)

Legenda:

--->	Movimentação		Mobilização de um forte contingente		Travessia do Guadiana (a vau)		Depois de atravessarem o Guadiana, ficaram alojados acerca deste		Cavalgada		Lugar onde ocorreu a batalha de Valverde
------	--------------	--	-------------------------------------	--	-------------------------------	--	--	--	-----------	--	--

Ver texto do mapa 125B

Mapa 125B | Entrada do Condestável em Castela e movimentações de D. Martin Anes da Barbuda até se dar a batalha de Valverde (entre setembro e outubro de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LIII (pp.130-133); Cap. LIV (pp.133-134); Cap. LV (pp.134-136); Cap. LVI (pp.136-138); Cap. LVIII (pp.141-144); CDC, Cap. LIJ (pp.123-125); Cap. LIII (pp.125-133); CDJU, Año Séptimo, Cap. XVIII (pp.605-606)

Legenda:

Movimentação da hoste do condestável	Movimentação de encalço do mestre dom Martin Anes da Barbuda	Travessia do Guadiana (a vau)	Depois de atravessarem o Guadiana, ficaram alojados acerca deste	Cavalgada	Lugar hipotético, a par do Guadiana, onde a hoste do condestável assentou o seu arraial	Lugar onde ocorreu a batalha de Valverde
--------------------------------------	--	-------------------------------	--	-----------	---	--

Consciente que os castelhanos estavam debilitados - depois de terem sido desbaratados na Batalha de Aljubarrota - o condestável decidiu entrar em Castela. Com este objetivo em mente, partiu de Santarém e foi para Évora onde, no começo do mês de setembro, mandou mobilizar todos homens da comarca para Estremoz. Com uma força composta por mil lanças e os dois mil homens entre besteiros e peões partiu de Estremoz - passando por Vila Viçosa e Elvas – atravessou o Guadiana, perto de Badajoz, e pernoitou na margem esquerda do rio. No dia seguinte passaram pelo Almendral e foram a Parra. Quando chegaram a esse lugar, o mestre de Alcântara, Martim Anes de Barbuda – que estava no castelo de Faria com uma força composta por trezentas lanças – ameaçou os forrageadores que se tinham afastado do corpo principal da hoste. De Parra foram a Zafra; nesta deslocação o mestre de Alcântara voltou a ameaçar. De Zafra passaram pela Fuente del Maestre até chegarem a Villagarcía de la Torre. Ali chegou um mensageiro dos capitães castelhanos que desafiavam o condestável para batalha. Daquele lugar os portugueses prosseguiram para Magacela com as forças do mestre de Alcântara novamente no encalço. De Magacela avançaram até Villa Nueva de la Serena; e dali seguiram caminho de Valverde. No caminho tiveram de pernoitar junto do Guadiana. Naquele lugar Nuno Álvares tomou conhecimento da dimensão da hoste castelhana reunida, que seria, segundo os prisioneiros que os informaram, composta por trinta e três mil homens. No dia seguinte a hoste do condestável seguiu em direção de Valverde para cruzar o Guadiana e reentrar em Portugal, mas quando chegaram os castelhanos já lá estavam à espera. A hoste portuguesa, praticamente cercada, e após um grande esforço conseguiu atravessar o rio por debaixo de uma forte chuva de setas, pedras e lanças que os castelhanos lançavam de uma margem e de outra. Depois de ultrapassado o Guadiana, deu-se a Batalha de Valverde onde os castelhanos contra todas as *odds* foram desbaratados. No dia posterior à batalha a hoste portuguesa retornou para Portugal; passando por Mérida até chegar a Elvas.

Data:	Setembro e outubro de 1385.
-------	-----------------------------

Composição da hoste do condestável:	Segundo Fernão Lopes:	Segundo Ayala:
	- 1000 lanças; - 2000 homens entre besteiros e peões.	- 800 homens de armas; - 6000 peões.

Composição da hoste castelhana:	Segundo a Crónica do condestável: - 33000 homens.	
---------------------------------	--	--

Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Santarém	Évora	Estremoz	Vila Viçosa	Elvas	Lugar perto do Guadiana onde ficaram alojados	Almendral	La Parra	Zafra
Intervalo de Tempo:		- No começo do mês de setembro de 1385 já se encontrava no lugar.	- No dia 2 de outubro de 1385 partiram do lugar.	- Passaram pelo lugar no mesmo dia (2 de outubro de 1385).	- Passaram pelo lugar no mesmo dia (2 de outubro de 1385).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (2 de outubro de 1385); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (3 de outubro de 1385).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (3 de outubro de 1385); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (4 de outubro de 1385).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (4 de outubro de 1385); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (5 de outubro de 1385).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (5 de outubro de 1385); - Pernoitaram no lugar; - ? No dia seguinte partiram do lugar? (6 de outubro de 1385).

Lugares:	Santarém	Évora	Évora	Estremoz	Estremoz	Vila Viçosa	Vila Viçosa	Elvas	Almendral	La Parra	La Parra	Zafra
Distâncias:	- 99,9 km.		- Segundo as crónicas 6 léguas; - 42,1 km.		- 16,5 km.		- 25 km.		- 20,5 km.		- Segundo as crónicas 3 léguas; - 20,7 km.	

Continuação da movimentação de Nuno Álvares Pereira:

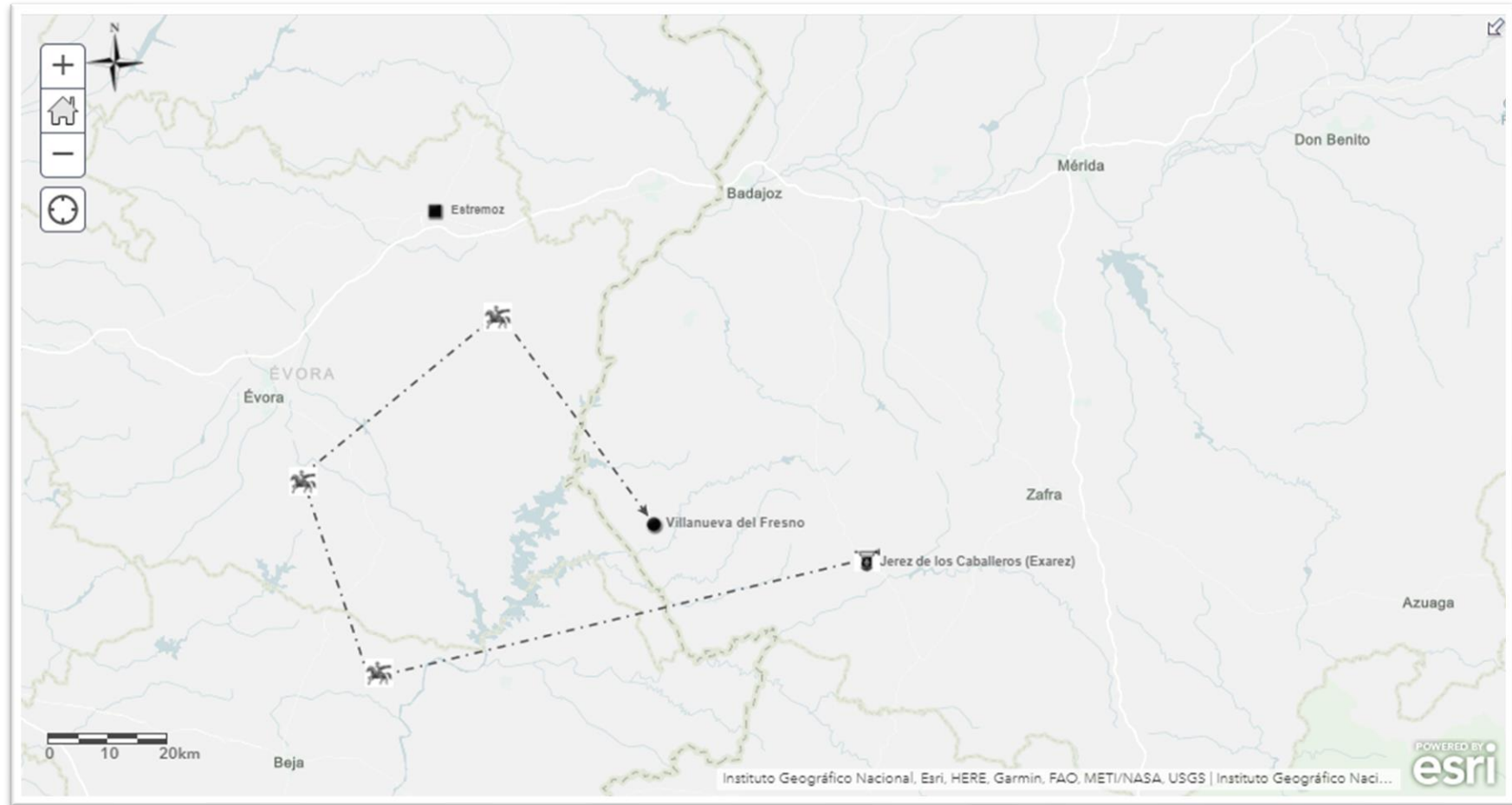
Lugares:	Fuente del Maestre	Villagarcía de la Torre	Magacela	Villanueva de la Serena	Lugar a par do Guadiana onde a hoste assentou arraial	Valverde	Mérida	Elvas
Intervalo de Tempo:	- ? Chegaram ao lugar no dia 6 de outubro de 1385?	- ? Chegaram ao lugar no dia 6 de outubro de 1385?			- Tendo andado toda a noite, chegaram ao lugar (16 de outubro de 1385); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (17 de outubro de 1385).	17-18 de outubro de 1385; - No dia seguinte partiram do lugar (19 de outubro de 1385).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (19 de outubro de 1385); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (20 de outubro de 1385).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (20 de outubro de 1385); - Segundo o cronista, terão permanecido 18 dias em Castela.

Lugares:	Zafra	Fuente del Maestre	Fuente del Maestre	Villagarcía de la Torre	Villagarcía de la Torre	Magacela	
Distâncias:	- Segundo as crónicas 2 léguas; - 12 km.		- 41,1 km.		- 73,8 km.		

Lugares:	Magacela	Villanueva de la Serena	Villanueva de la Serena	Valverde	Valverde	Mérida
Distâncias:	- 10,1 km.		- 38 km.		- 10,6 km.	
Lugares:	Mérida	Elvas	Feria	La Parra	Feria	Zafra
Distâncias:	-71 km.		- 5,08 km.		- 16 km.	




Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LIII (pp.130-133); Cap. LIV (pp.133-134); Cap. LV (pp.134-136); Cap. LVI (pp.136-138); Cap. LVIII (pp.141-144); CDC, Cap. LIJ (pp.123-125); Cap. LIII (pp.125-133); CDJU, Año Séptimo, Cap. XVIII (pp.605-606); IDN, pp. 44-47; CR, p. 167

Mapa 126 | Cavalgada conduzida por castelhanos e franceses pouco após a batalha de Aljubarrota (posterior a 14 de agosto de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CXXXII (pp.270-272)

Legenda:

<p>---> Movimentação hipotética dos castelhanos (a crónica não nos fornece informações que possibilitam reconstruir o trajeto, salvo que depois da cavalgada foram para Villanueva del Fresno)</p>	<p> Mobilização de um contingente</p>	<p> Cavalgada</p>	<p> Lugar onde se encontrava o condestável</p>
---	--	--	---

Pouco tempo depois da Batalha de Aljubarrota (travada em 14 de agosto de 1385), alguns capitães castelhanos e franceses - que não participaram na batalha –, com uma força composta por trezentas lanças e alguns besteiros e peões partiram de Jerez de los Caballeros e entraram em território português pelo Alentejo. Nessa altura, o condestável encontrava-se em Estremoz com poucas gentes. Depois de devastarem a terra e de roubarem muitos gados, os agressores retornaram a Castela em direção a Villanueva del Fresno.

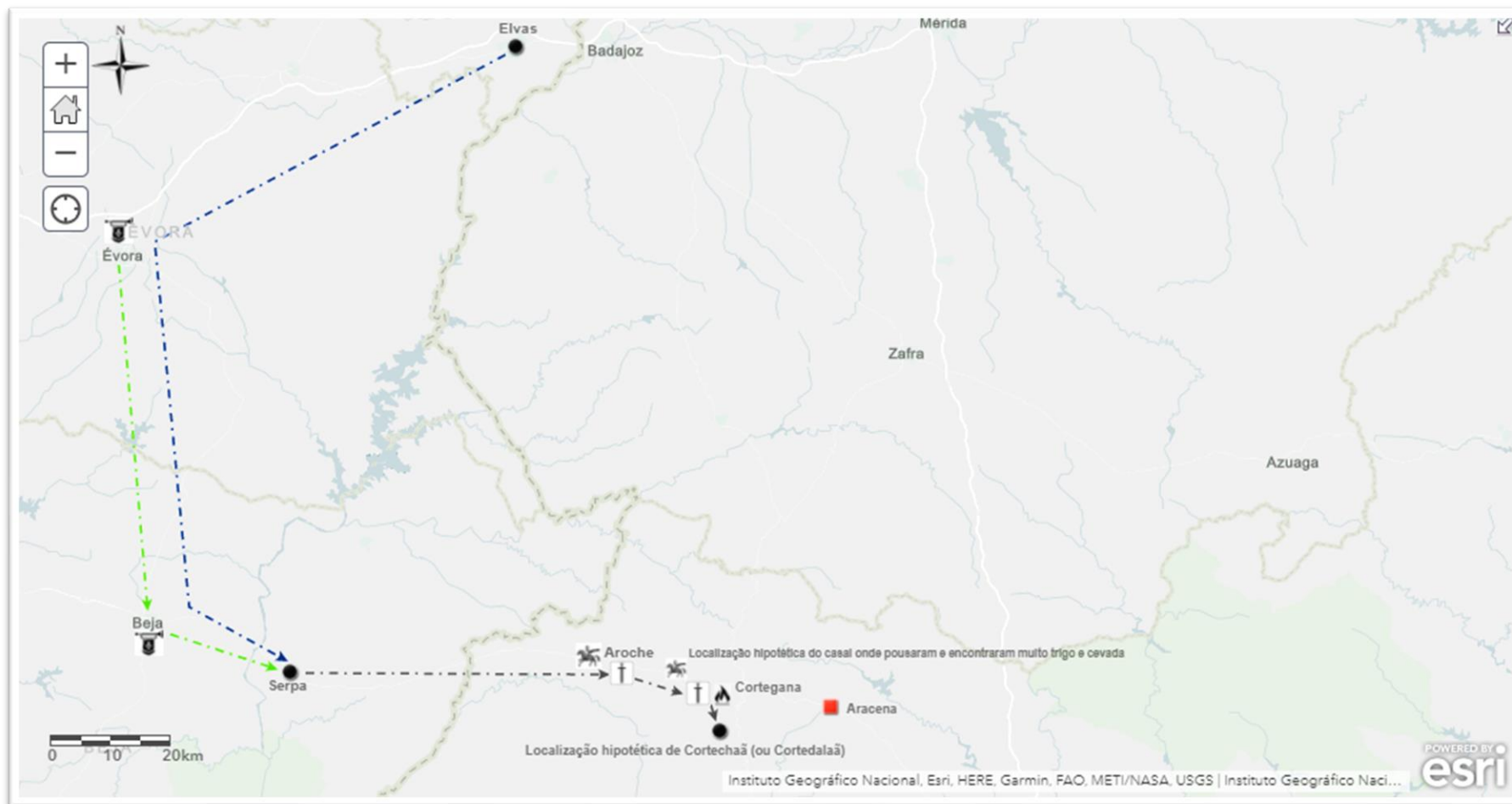
Data:	Em data posterior a 14 de agosto de 1385.
-------	---

Composição do contingente que entrou em Portugal:	- 300 lanças; - Alguns besteiros e homens de pé.
---	---

Lugares:	Villanueva del Fresno	Jerez de los Caballeros (Exarez)
Distâncias:	- 35,5 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CXXXII (pp.270-272)

Mapa 127 | Entrada de Antão Vasques em Castela (outubro de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LIX (pp.144-147)

Legenda:

Movimentação de Antão Vasques, com as gentes que reuniu	Movimentação dos escudeiros do condestável	Movimentação de Antão Vasques e dos escudeiros do condestável	Mobilização de um contingente / e incorporação dos escudeiros do condestável na força	Em Aroche, assolaram a terra; Num casal perto de Cortegana roubaram trigo e cevada	Em Aroche, tentaram escalar o lugar; Em Cortegana houve uma escaramuça.	Queima do arrabalde	Lugar para onde os de Cortegana escreveram

Não se conseguindo juntar a tempo à hoste do condestável, Antão Vasques foi para Évora, onde conseguiu juntar trezentos homens de pé. Daquele lugar foi para Beja; onde juntou mais alguns efetivos. Ao todo reuniu quatrocentos homens de pé, quinze homens de armas, vinte escudeiros e quarenta “corredores”. Com aquela força partiu de Beja e foi para Serpa numa altura em que a hoste do condestável regressava a Portugal (20 de outubro de 1385). Em Elvas oito escudeiros do condestável, sabendo da intenção de Antão Vasques de entrar em Castela incorporaram-se na sua hoste. Na noite de terça-feira partiram de Serpa e ao amanhecer estavam já em Aroche; não conseguindo tomar o lugar, depois de um ardil fracassado, assolaram os arredores da vila. Daí foram para Cortegana, onde houve um combate com os castelhanos que, pouco depois, se renderam. Na manhã de certo dia Antão Vasques tomou conhecimento que os moradores de Cortegana tinham combinado com de outros lugares encontrarem-se na Cortedalaã (também designado nas crónicas por Cortechã) para irem todos sobre os portugueses. Sabendo das intenções dos moradores de Cortegana, as forças de Antão Vasques roubaram e puseram fogo ao arrabalde. Nesse dia, depois de queimarem o arrabalde, foram pernoitar à Cortechã, a meia légua de Cortegana.

Data:	Entre uma data posterior a 20 de outubro e novembro de 1385.
-------	--

Composição da força de Antão Vasques:	<ul style="list-style-type: none"> - 400 homens de pé; - 15 homens de armas; - 20 escudeiros; - 40 corredores.
---------------------------------------	--

Movimentação de Antão Vasques:

Lugares:	Évora	Beja	Serpa
Intervalo de Tempo:			- A 20 de outubro de 1385 já se encontrava no lugar.

Lugares:	Évora	Beja	Beja	Serpa
Distâncias:	- 61,3 km.		- Segundo as crónicas 4 léguas; - 25,2 km.	

Movimentação dos escudeiros de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Elvas	Serpa
Intervalo de Tempo:	- No dia 20 de outubro de 1385 chegaram ao lugar.	- No dia 24 de outubro de 1385 já se encontravam no lugar.

Lugares:	Elvas	Serpa
Distâncias:	- 110,5 km.	

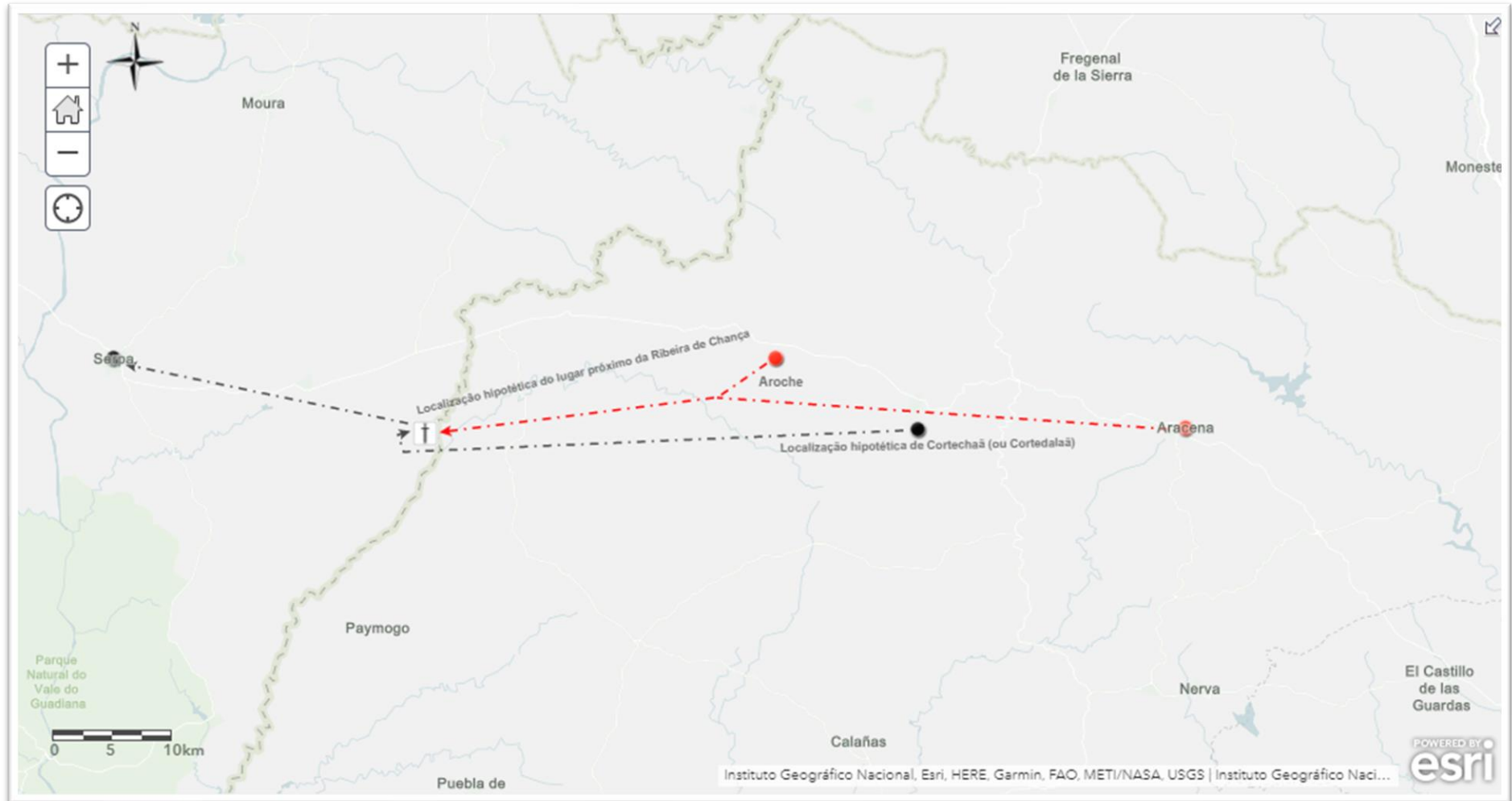
Movimentação de Antão Vasques e dos escudeiros de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Serpa	Aroche	Cortegana	Cortechaã (também designado de Cortedalaã)
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar na noite de terça-feira.	- Na manhã de quarta-feira chegaram ao lugar.		

Lugares:	Serpa	Aroche	Aroche	Cortegana
Distâncias:	- Segundo as crónicas 9 léguas; - 56,2 km.		- Segundo as crónicas 2 léguas; - 12,2 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LIX (pp.144-147); CR, p. 167

Mapa 128 | Retorno das forças de Antão Vasques para Portugal e escaramuça com os castelhanos (entre outubro e novembro de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LX (pp.147-149)

Legenda:

--->	Movimentação de Antão Vasques e dos escudeiros do condestável	--->	Movimentação castelhana	†	Grande escaramuça
------	---	------	-------------------------	---	-------------------

Depois de tomarem dois vigias castelhanos que estavam a dormir em Cortechã, os homens de Antão Vasques ficaram a saber que no dia seguinte viria uma grande força inimiga sobre eles. Dali, partiram e foram dormir a Portugal, junto da Ribeira de Chança; próximo desse lugar, deu-se uma violenta escaramuça com as forças castelhanas que foram desbaratadas; o contingente de Antão Vasques regressou então a Serpa.

Data:	Entre uma data posterior a 20 de outubro e novembro de 1385.
-------	--

Movimentação da hoste portuguesa:

Lugares:	Cortechaã (também designado de Cortedalaã)	Ribeira de Chança	Serpa
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar a uma quinta-feira.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (quinta-feira); - Pernoitaram no lugar; - Na sexta-feira deu-se o combate com os castelhanos; - Na sexta-feira partiram do lugar.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (sexta-feira).

Lugares:	Cortechaã (também designado de Cortedalaã)	Ribeira de Chança
Distâncias:	- Segundo as crónicas 5 léguas e meia.	

Movimentação dos castelhanos:

Lugares:	- Aroche - Aracena	Ribeira de Chança
Intervalo de Tempo:		- Chegaram ao lugar na sexta-feira.

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LX (pp.147-149); CR, p. 167

Mapa 129 | Embarque dos castelhanos na frota que estava no Restelo (setembro de 1385)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXI (pp.149-151)

Legenda:

- - - -> Movimentação castelhana



Frota naval castelhana, que se encontrava no Restelo. Esta, antes, encontrava-se sobre Lisboa, bloqueando a cidade

No dia 13 de setembro de 1385 a frota castelhana partiu de Lisboa e foi ancorar no Restelo e os castelhanos que estavam em Sintra e Torres Vedras vieram-se meter na frota. No dia seguinte, 14 de setembro, partiram do lugar e foram para Castela.

Data:	Setembro de 1385.
-------	-------------------

Lugares:	- Sintra - Torres Vedras	- Restelo
Intervalo de Tempo:		- Chegaram ao lugar no dia 13 de setembro de 1385; - No dia seguinte a frota castelhana partiu do lugar e foi para Castela (14 de setembro de 1385).

Lugares:	Sintra	Restelo	Torres Vedras	Restelo
Distâncias:	- 18 km.		- 42,6 km.	

Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. LXI (pp.149-151)

Até tomar as restantes praças da estremadura que estavam por Castela, o monarca português permaneceu em Santarém. Depois de ter os lugares, partiu então de Santarém e foi em romaria a Santa Maria da Oliveira, na cidade de Guimarães. No caminho passou pelo campo onde se deu a batalha de Aljubarrota, por Leiria – onde perdoou aqueles que alçaram voz contra ele e tomou o castelo – Pombal, Vila Nova de Anços, Coimbra, Grijó e Porto.

Data:	Setembro – novembro de 1385.
-------	------------------------------

Lugares:	Santarém	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota	Leiria	Pombal	Vila Nova de Anços	Coimbra	Grijó	Porto	Santo Tirso	Guimarães	Vila Real
Intervalo de Tempo:	- Permaneceu no lugar até ao dia 10 de setembro de 1385.							- Chegou ao lugar no dia 26 de setembro de 1385; - Partiu do lugar no dia 14 de outubro de 1385.		- Permanece no lugar até ao dia 16 de novembro de 1385.	- Permaneceu no lugar entre 18 de novembro e 19 de dezembro de 1385.

Lugares:	Santarém	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota	Campo onde foi ferida a Batalha de Aljubarrota	Leiria	Leira	Pombal	Pombal	Vila Nova de Anços
Distâncias:	- 46,6 km.		- 11,8 km.		- 24,5 km.		- 21,7 km.	
Lugares:	Vila Nova de Anços	Coimbra	Coimbra	Grijó	Grijó	Porto	Porto	Santo Tiro
Distâncias:	- 21,9 km.		- 92 km.		- 13,1 km.		- 24,4 km.	
Lugares:	Santo Tirso	Guimarães	Guimarães	Vila Real				
Distâncias:	- 19,2 km.		- 48,7 km.					

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXII (pp.151-152); CDJU, Año Séptimo, Cap. XIX (pp.606-607); IDJ, p. 20

Mapa 131 | Cerco a Chaves (entre dezembro de 1385 e janeiro de 1386)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. LXIII (pp.152-153); Cap. LXIV (pp.154); CDJU, Año Séptimo, Cap. XIX (pp.606-607)

Legenda:

Movimentação	Mobilização da hoste	Cerco
--------------	----------------------	-------

Depois de reunir a hoste em Vila Real, o monarca partiu para São Pedro de Agostém (20 de dezembro de 1385). Enquanto permaneceram naquela aldeia, alguns combatentes da hoste iam escaramuçar com os de Chaves; onde estava Martim Gonçalves de Ataíde com uma força composta por cento e dez escudeiros e alguns besteiros e homens de pé. Ao fim de algum tempo, a hoste régia deu início ao cerco a Chaves.

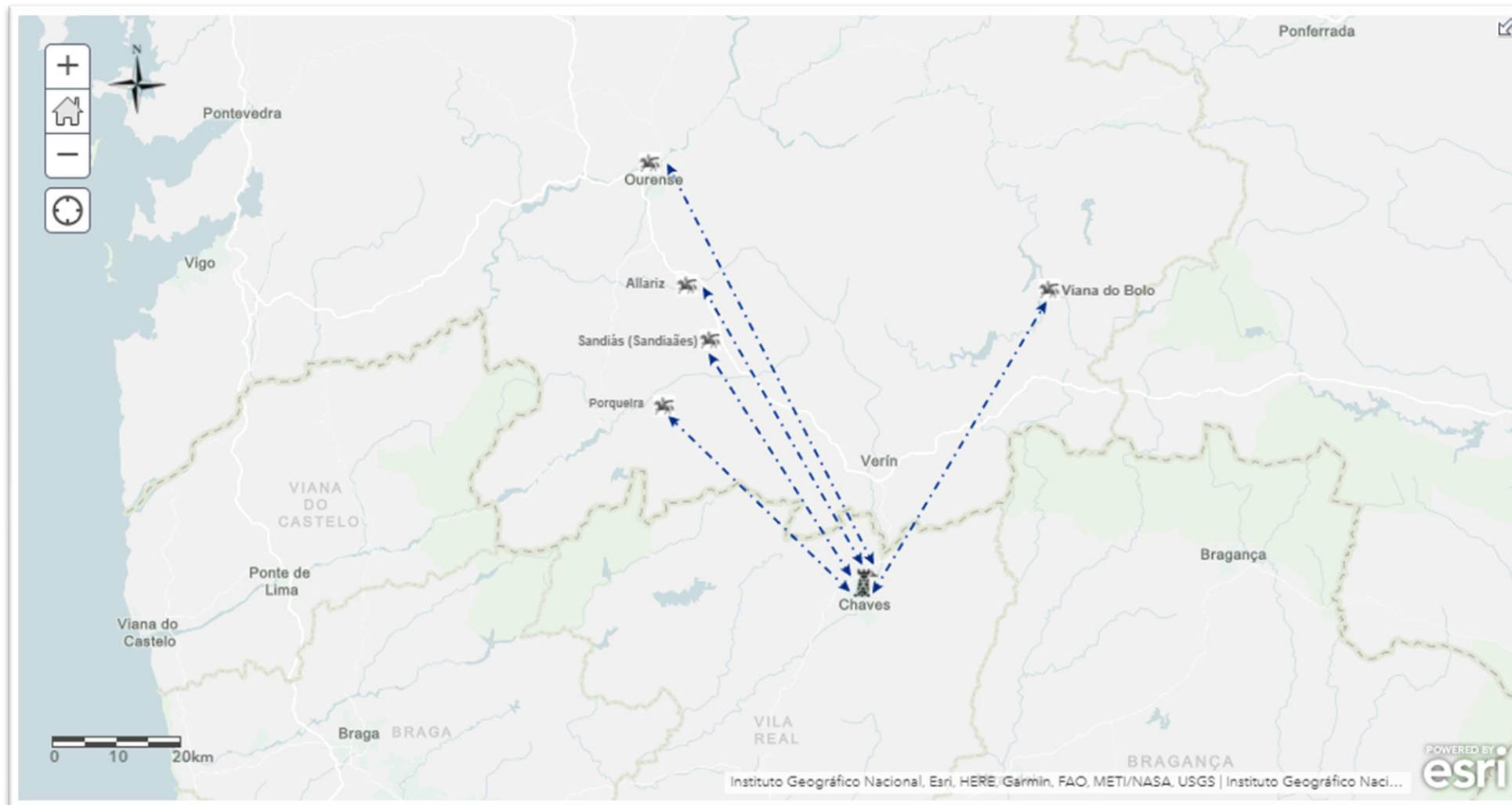
Data:	Dezembro de 1385 – abril de 1386.
-------	-----------------------------------

Lugares:	Vila Real	São Pedro de Agostém	Chaves
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 20 de dezembro de 1385.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (20 de dezembro de 1385); - Partiram do lugar no dia 15 de janeiro de 1386.	- Chegaram ao lugar no próprio dia (15 de janeiro de 1386); - O cerco durou até ao dia 30 de abril de 1386.

Lugares:	Vila Real	São Pedro de Agostém	São Pedro de Agostém	Chaves
Distâncias:	- 48,5 km.		- Segundo as crónicas 1 légua; - 5,9 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXIII (pp.152-153); Cap. LXIV (pp.154); CDJU, Año Séptimo, Cap. XIX (pp.606-607); IDJ, p. 20, p. 25

Mapa 132 | Ações dos grupos de forrageadores durante o cerco de Chaves (em data entre janeiro e abril de 1386)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXV (pp.155-157)

Legenda:

Movimentação (ida e volta)	Forragens	Cerco
----------------------------	-----------	-------

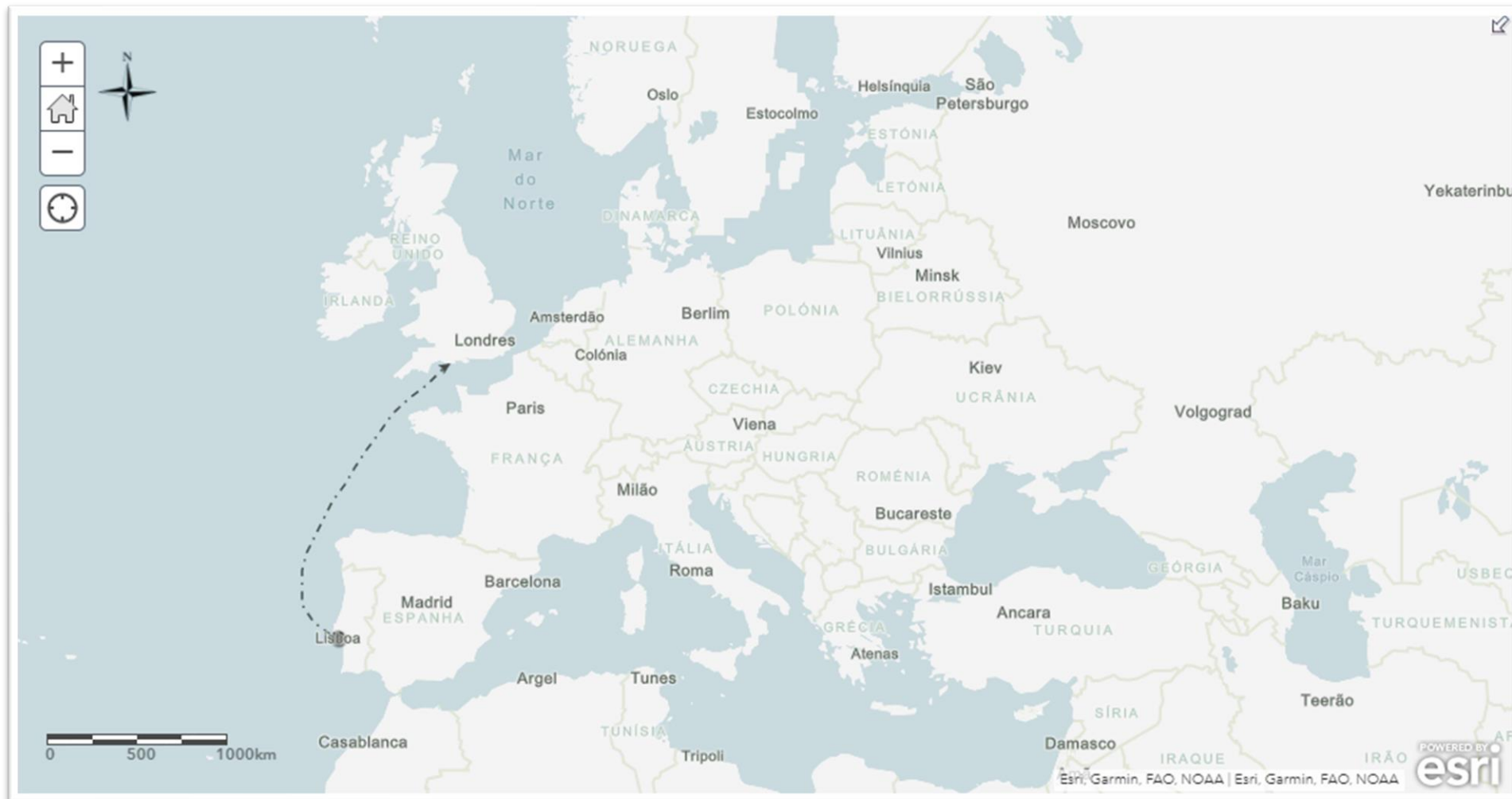
Durante o cerco de Chaves, de forma a obterem mantimentos para as forças sitiadoras, eram enviados contingentes de forrageadores para diversas povoações castelhanas, tais como Porqueira, Sandiàs, Allariz, Ourense e Viana do Bolo.

Data:	Em data entre 15 de janeiro e 30 de abril de 1386.
-------	--

Lugares:	Chaves	Porqueira	Chaves	Sandiás (Sandiaães)	Chaves	Allariz	Chaves	Ourense	Chaves	Viana do Bolo
Distâncias:	- 44,7 km.		- 48,4 km.		- 57,8 km.		- 74,8 km.		- 57,7 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXV (pp.155-157)

Mapa 133 | Deslocação da frota portuguesa a Inglaterra (em data entre janeiro e abril de 1386)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXV (pp.155-157)

Legenda:



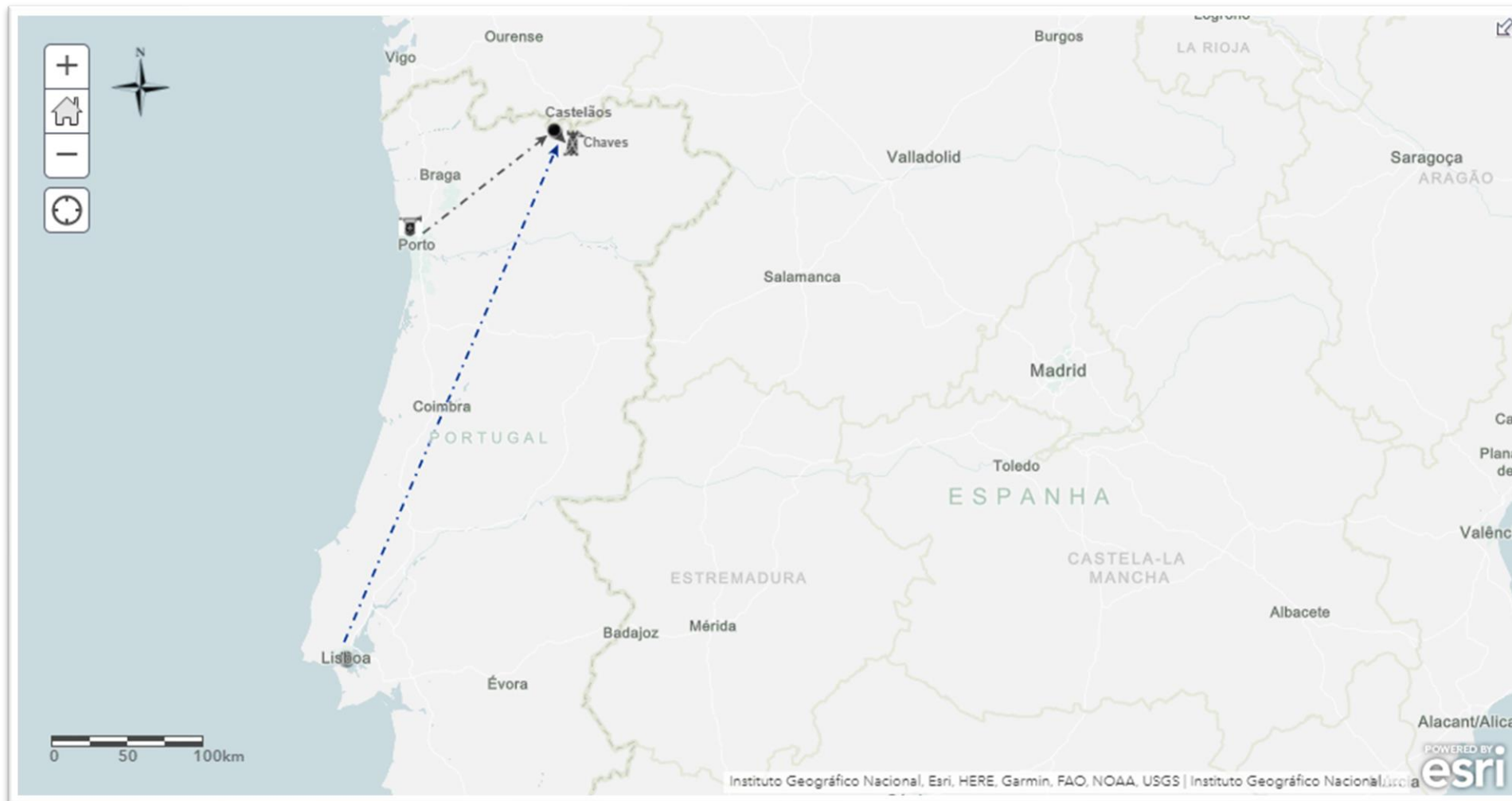
Durante o cerco de Chaves, a pedido do Duque de Lencastre, o monarca enviou a Inglaterra Afonso Furtado com doze naus e seis galés. A frota portuguesa tinha a missão de assegurar transporte para as forças inglesas que vinham para os teatros de operações da Península Ibérica.

Data:	Em data entre 15 de janeiro e 30 de abril de 1386.
-------	--

Composição da frota:	- 12 naus; - 6 galés.
----------------------	--------------------------

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXV (pp.155-157)

Mapa 134A | Deslocação das milícias concelhias de Lisboa para o cerco a Chaves; e deslocação do condestável para o mesmo cerco (em data entre fevereiro e março de 1386)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXVI (pp.157-160); CDC, Cap. LV (pp.134-136)

Legenda:

--->	Movimentação do condestável	- - ->	Movimentação do concelho de Lisboa	🏰	Mobilização de um contingente	🏰	Cerco
------	-----------------------------	--------	------------------------------------	---	-------------------------------	---	-------

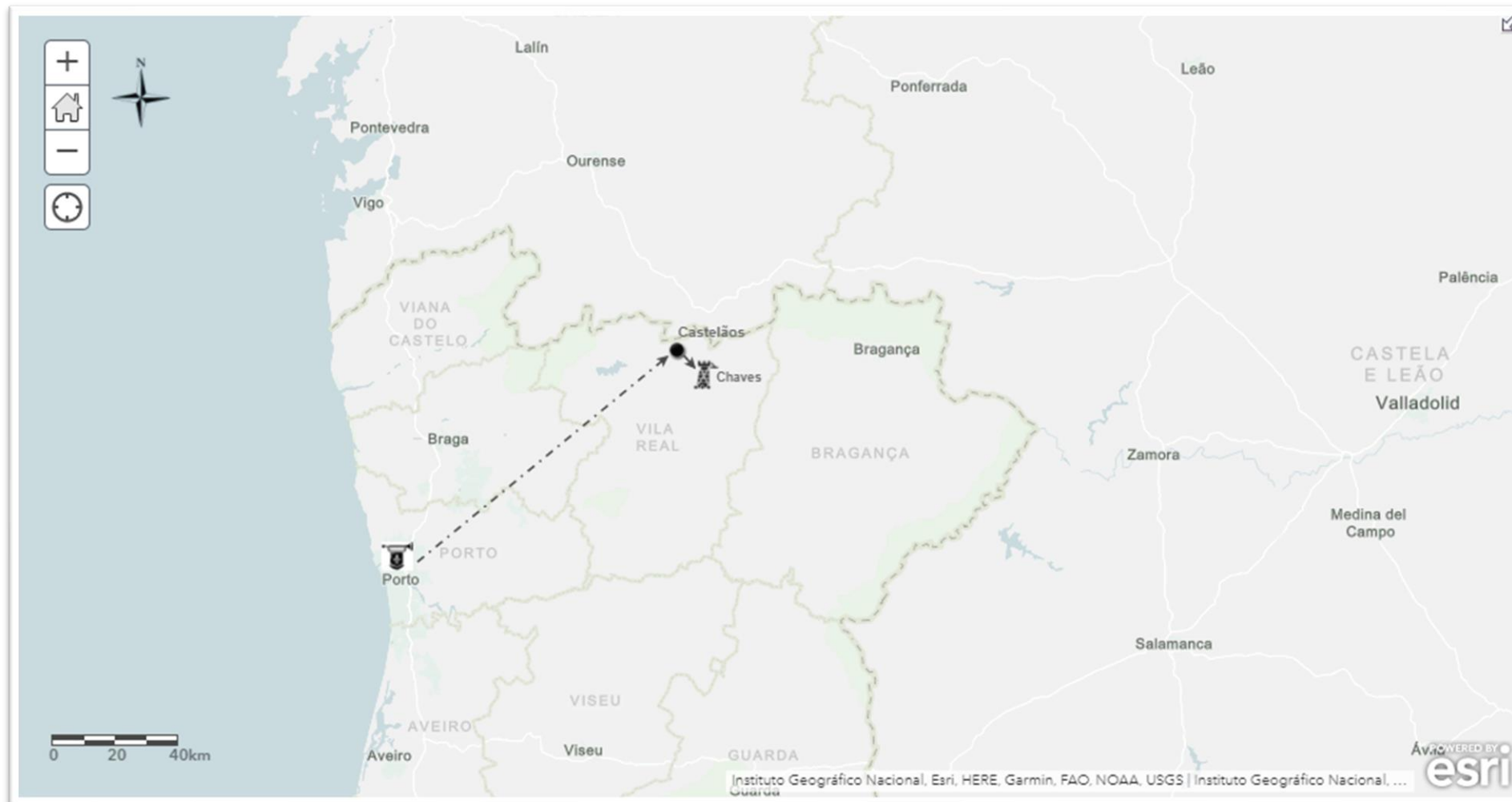
Ver texto do mapa 134B.

Movimentação do concelho de Lisboa:

Lugares:	Lisboa	Chaves
Intervalo de Tempo:		- Chegaram ao lugar no mês de março de 1386.




Lugares:	Porto	Castelãos	Castelãos	Chaves	Lisboa	Chaves
Distâncias:	- 114,3 km.		- 11 km.		- 363,7 km.	

Mapa 134B | Deslocação do condestável do Porto a Chaves para apoiar as operações de cerco (em data entre fevereiro e março de 1386)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. LXVI (pp.157-160); CDC, Cap. LV (pp.134-136)

Legenda:

 Movimentação	 Mobilização de um contingente	 Cerco
--	---	---

Temendo que os castelhanos pudessem vir a descercar Chaves, o monarca pediu ao condestável e aos concelhos de Lisboa, Coimbra e Santarém que se lhe juntassem. O concelho de Lisboa depois de mobilizar duzentas e dez lanças, duzentos e cinquenta besteiros e duzentos homens de pé seguiu em direção a Chaves. Entretanto o condestável partiu para o Porto, onde as suas forças se deveriam reunir. Depois de ter todos os homens consigo partiu para Castelãos, onde deixou grande parte do seu contingente e foi com oitenta lanças para Chaves.

Data:	Fevereiro e março de 1386.
-------	----------------------------

Composição do concelho de Lisboa:	<ul style="list-style-type: none"> - 210 lanças; - 250 besteiros; - 200 homens de pé.
-----------------------------------	--

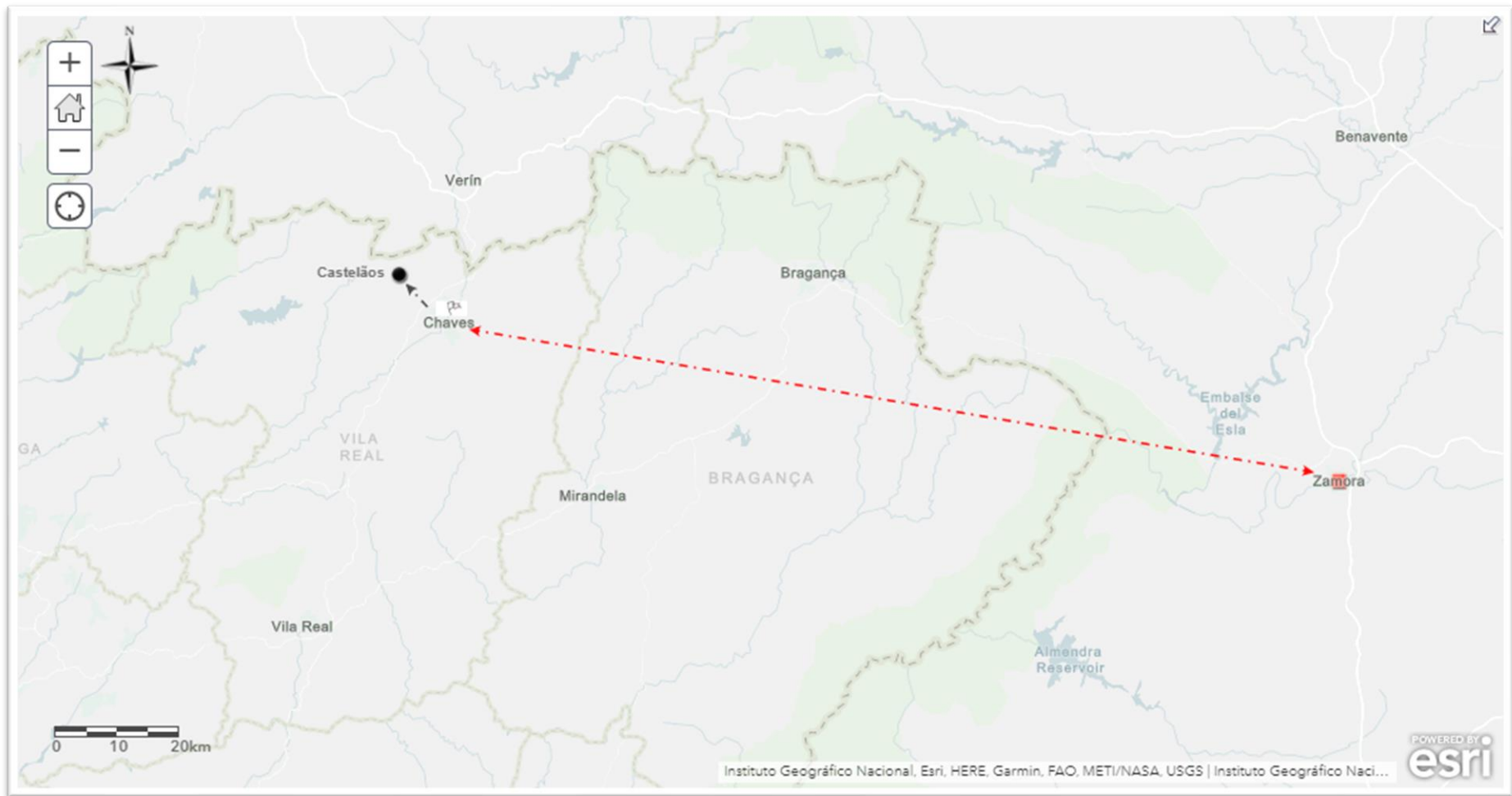
Movimentação do condestável:

Lugares:	Algum lugar da comarca alentejana	Porto	Castelãos	Chaves
Intervalo de Tempo:	- No mês de fevereiro de 1386 encontrava-se no lugar.	- Entre fevereiro e março de 1386 encontrava-se no lugar.	- No mês de março de 1386 encontrava-se no lugar.	- Entre março e abril de 1386 encontrava-se no lugar.

Lugares:	Porto	Castelãos	Castelãos	Chaves	Lisboa	Chaves
Distâncias:	- 114,3 km.		- Segundo as crónicas 1 légua;		- 363,7 km.	
			- 11 km.			

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXVI (pp.157-160); CDC, Cap. LV (pp.134-136); IDN, p. 48

Mapa 135 | Deslocação do escudeiro de Martim Gonçalves de Ataíde a Zamora; e deslocação do condestável a Castelãos depois de Chaves ter sido tomada (abril -maio de 1386)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXIX (pp.163-164); CDC, Cap. LV (pp.134-136)

Legenda:

--->	Movimentação do condestável	<--->	Movimentação (ida e volta) do escudeiro de Martim Gonçalves	⚑	Entrega do lugar, após um prolongado cerco, através de uma preitesia	■	Zamora, lugar onde se encontrava o monarca castelhano
------	-----------------------------	-------	---	---	--	---	---

Na sequência das negociações entre D. João I e Martim Gonçalves, ficou combinado que se no prazo de quarenta dias não viesse socorro à cidade, o lugar seria entregue ao rei português. O alcaide enviou então um escudeiro a Zamora para saber se o monarca castelhano viria em socorro da cidade ou se lhe quitava a menagem. O escudeiro retornou a Chaves com uma carta do monarca que lhe quitava a menagem e lhe pedia que fosse para Castela. Sem qualquer auxílio e findo o prazo estipulado, o lugar foi entregue ao monarca português, que entrou na cidade depois de quatro meses de cerco; por sua vez o monarca entregou o lugar ao seu condestável que assim que colocou guarda no lugar partiu para Castelões, onde tinha deixado boa parte da sua hoste.

Data:	Abril e maio de 1386.
-------	-----------------------

Movimentação do escudeiro Martim Gonçalves:

Lugares:	Chaves	Zamora	Chaves
Intervalo de Tempo:		- Chegou ao lugar de noite.	

Lugares:	Chaves	Zamora	Zamora	Chaves	Chaves	Castelões
Distâncias:	- 145,8 km.		- 145,8 km.		- 11 km.	

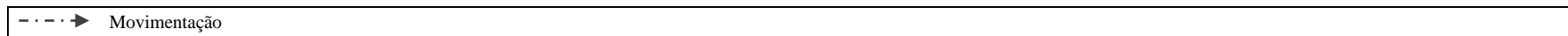
Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXIX (pp.163-164); CDC, Cap. LV (pp.134-136)

Mapa 136 | Deslocação de Martim Gonçalves de Ataíde e dos que estavam com ele para Monterrey (abril de 1386)



Fonte: CDJU, Año Séptimo, Cap. XIX (pp.606-607)

Legenda:



Depois de entregar Chaves a D. João I, Martim Gonçalves foi para Monterrey

Data:	Abril de 1386.
-------	----------------

Lugares:	Chaves	Monterrey
Distâncias:	- 23,8 km.	

Fonte: CDJU, Año Séptimo, Cap. XIX (pp.606-607)

Mapa 137 | Deslocações do condestável a Bragança e peregrinação a Azinhoso (maio de 1386)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXX (pp.165-166); Cap. LXXI (pp.166-169); CDC, Cap. LV (pp.134-136)

Legenda:

- - - -> Movimentação do condestável	⚑ Entrega do lugar, após um prolongado cerco, através de uma preitesia
--------------------------------------	--

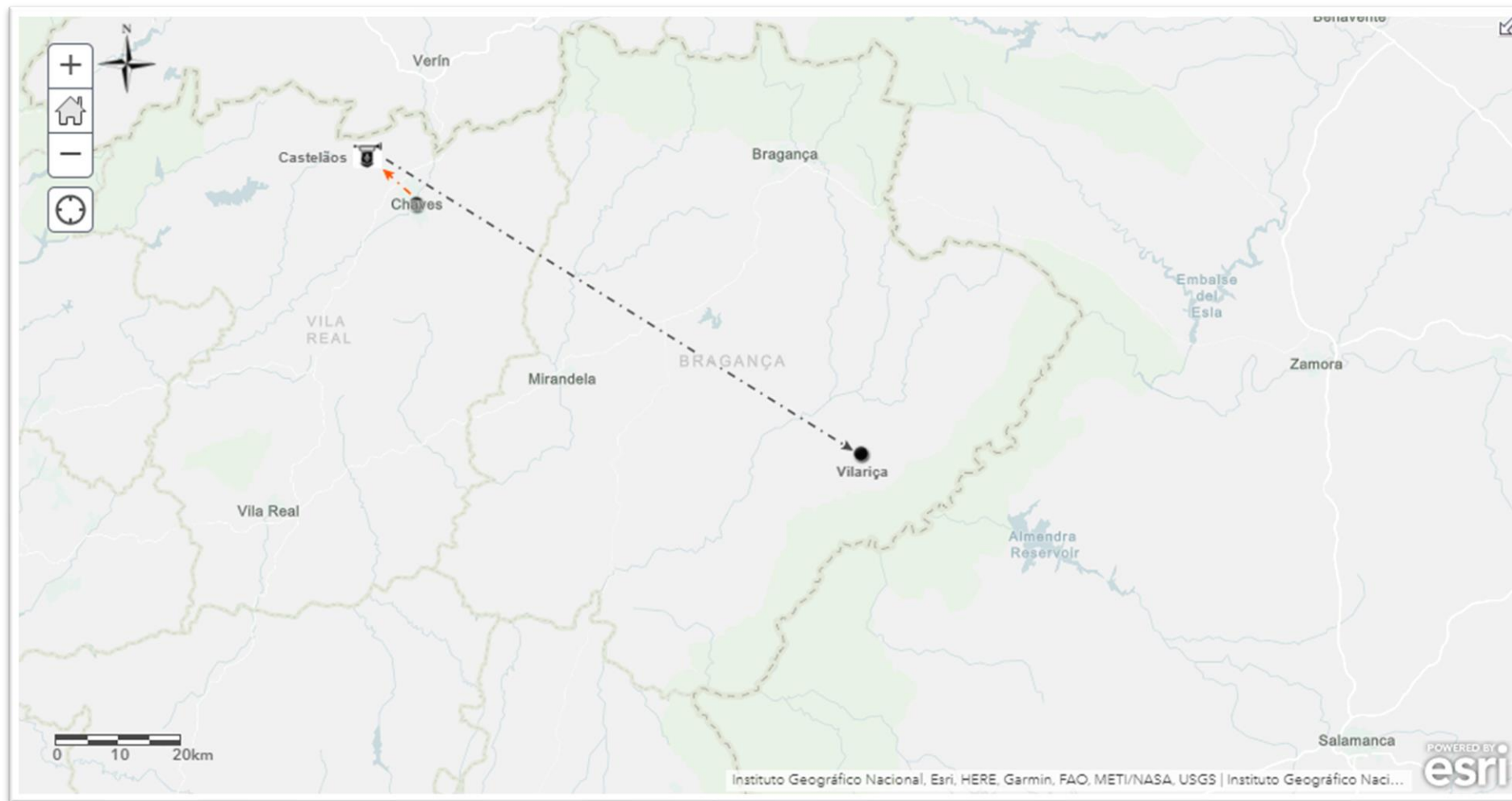
Depois do condestável colocar guarda em Chaves – no lugar deixou como alcaide Vasco Machado – foi ter com a sua hoste a Castelãos. Daí foi a Bragança para tentar convencer o alcaide João Afonso a tomar voz pelo monarca português. Sem o conseguir convencer, partiu em romaria para Santa Maria do Azinhoso; após o que retornou a Castelãos.

Data:	Maio de 1386.
-------	---------------

Lugares:	Chaves	Castelãos	Castelãos	Bragança	Bragança	Azinhoso
Distâncias:	- 11 km.		- 66,5 km.		- 47,3 km.	





Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXX (pp.165-166); Cap. LXXI (pp.166-169); CDC, Cap. LV (pp.134-136); IDN, p. 49

Mapa 138 | Deslocação de D. João I até Castelãos de onde seguiu com o condestável a Vilarica (maio de 1386)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXX (pp.165-166); Cap. LXXI (pp.166-169); CDC, Cap. LV (pp.134-136)

Legenda:

 Movimentação de D. João I	 Movimentação da hoste portuguesa	 Entrega do lugar, após um prolongado cerco, através de uma preitesia	 Junção da hoste régia com o contingente do condestável
---	--	--	--

A hoste régia depois de partir de Chaves foi para Castelões; onde se reuniu à hoste do condestável. Juntos, os dois exércitos, foram para Vilariça. Neste lugar fizeram um alardo onde os dois comandantes puderam constatar que dispunham de quatro mil e quinhentas lanças.

Data:	Maio de 1386.
-------	---------------

Composição da hoste em Vilariça:	- 4500 lanças.
----------------------------------	----------------

Movimentação de D. João I:

Lugares:	Chaves	Castelões
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 6 de maio de 1386.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (6 de maio de 1386).

Lugares:	Chaves	Castelões
Distâncias:	- 11 km.	

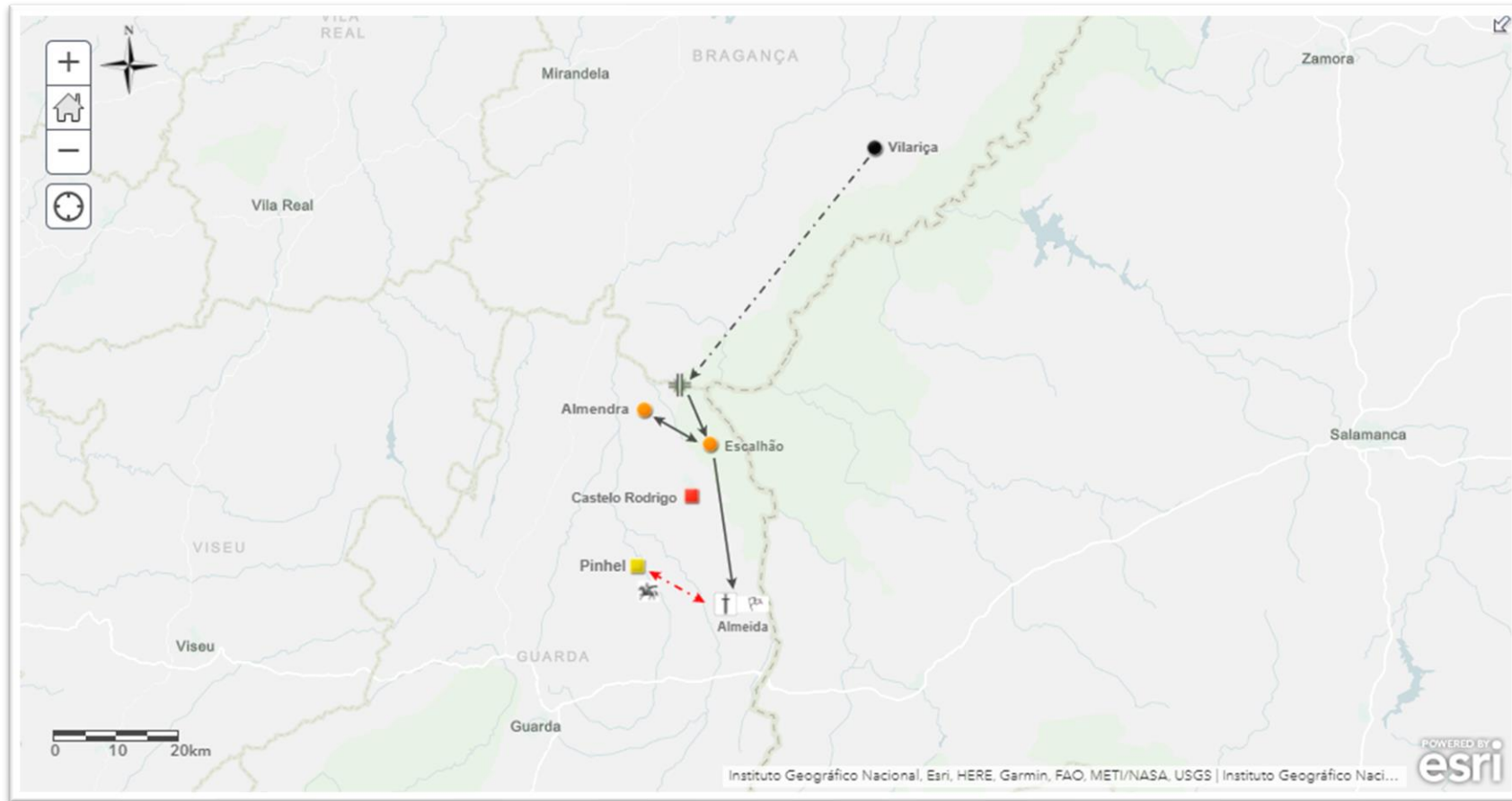
Movimentação de D. João I e de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Castelões	Vilariça
Intervalo de Tempo:		- Permaneceram no lugar até ao dia 20 de maio de 1386.

Lugares:	Castelões	Vilariça
Distâncias:	- 92 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXX (pp.165-166); Cap. LXXI (pp.166-169); CDC, Cap. LV (pp.134-136); IDN, p. 25

Mapa 139 | Deslocação do monarca português e do condestável a Almeida (entre maio e junho de 1386)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXXIII (pp.170-171); IDJ, p. 25

Legenda:

Movimentação da hoste portuguesa	Movimentação referenciada nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i>	Movimentação (ida e volta) referenciada nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i>	Movimentação (ida e volta) do alcaide de Almeida	Travessia do Douro	Escaramuças	Entrega do lugar através de uma preitesia	Correr a terra	Lugares referenciados nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i>	Lugar que estava por Castela	Lugar que estava por Portugal

A hoste régia decidiu entrar em Castela pela comarca da Beira. Partindo de Vilarça atravessaram o Douro, passaram por Escalhão, Almendra e Almeida, vila que estava por Castela. Aí encontrava-se o alcaide Lopo Gonçalves que, com as forças estacionadas em Pinhel, atacavam os locais que tinham voz por D. João I. Quando a hoste régia passou acerca de Almeida, não tinha a intenção de combater o lugar, mas apenas de pernoitar nas suas imediações. No entanto, na sequência de uma escaramuça motivada pelo roubo de algumas colmeias, no dia seguinte as forças portuguesas avançam contra a vila. Receando um ataque, o alcaide local acabou por se render.

Data:	Maio e junho de 1386.
-------	-----------------------

Movimentação da hoste de D. João I:

Lugares:	Vilarça	Escalhão	Almendra	Escalhão	Almeida
Intervalo de Tempo:	- Permaneceram no lugar até ao dia 20 de maio de 1386.	- No dia 26 de maio de 1386 deteta-se a presença no lugar.	- No dia 27 de maio de 1386 deteta-se a presença no lugar.		- No dia 6 de junho de 1386 deteta-se a presença no lugar.

Lugares:	Vilarça	Escalhão	Escalhão	Almendra	Escalhão	Almeida	Almeida	Pinhel
Distâncias:	- 54,3 km.		- 12 km.		- 25,1 km.		- 14,7 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXXIII (pp.170-171); IDJ, p. 25; IDN, p. 50

Depois de tomar Almeida e de deixar Rui Vasques como alcaide, o monarca português decidiu dividir a sua hoste em três colunas e entrar em Castela. O condestável ficou com a vanguarda, e antes que partisse, Martim Vasques e Gonçalo Vasques foram adiante. Tomaram a Fiollosa (não foi possível identificar no mapa) e chegaram a San Felices de los Gallegos que não conseguiram submeter, pois os da vila só a entregariam ao condestável. Quando já se encontravam aposentados, chegou o condestável a quem a povoação foi de imediato entregue.

Dali o condestável partiu com a vanguarda para Fuenteguinaldo, onde permaneceu três dias. Depois de partir daquele lugar chegou à Robleda e no dia seguinte mandou forrageadores a umas aldeias do Vale do Arago (não foi possível identificar no mapa). Depois de partirem de Robleda foram para Cória, onde se deveriam juntar todos os corpos do exército. Entretanto com parte da hoste o monarca partira de Almeida, passando pela Gata, lugar que foi pilhado, e chegou a Cória onde se já se encontrava o condestável e Martim Vasques, aí chegados no dia anterior. De imediato foi iniciado o cerco. De forma a obterem mantimentos para o arraial, foram enviados grupos de forrageadores contra Plasencia, Galisteo e Granadilha.

Data:	Junho de 1386.
-------	----------------

Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Almeida	San Felices de los Gallegos	Fuenteguinaldo	Robleda	Coria
Intervalo de Tempo:	- Possivelmente terão partido do lugar no dia 8 de junho de 1386.			- Permaneceram 3 dias no lugar.	- Terão chegado ao lugar no dia 13 de junho de 1386.

Lugares:	Almeida	San Felices de los Gallegos	San Felices de los Gallegos	Fuenteguinaldo	Fuenteguinaldo	Robleda	Robleda	Coria
Distâncias:	- 21,9 km.		- 46,4 km.		- 7,93 km.		- 44,5 km.	

Movimentação de D. João I:

Lugares:	Almeida	Gata	Coria
Intervalo de Tempo:	- Deteta-se a presença no lugar a partir do dia 6 de junho de 1386.		- Chegaram ao lugar um dia depois do condestável ter chegado ao lugar (?14 de junho de 1386?); - A presença do monarca só é detetada, através de cartas régias, no dia 15 de junho de 1386.

Lugares:	Almeida	Gata	Gata	Coria	Coria	Granadilha (La Golletilla)	Coria	Plasencia	Coria	Galisteo
Distâncias:	- 60,2 km.		- 28,1 km.			- Segundo as crónicas 8 léguas; - 20,3 km.	- 38,6 km.			- 23,2 km.

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXXIV (pp.171-173); Cap. LXXV (pp.173-174); Cap. LXXVI (pp.174-176); CDC, Cap. LVI (pp.136-140); CDJU, Año Octavo, Cap. V (pp.613-614); IDN, pp. 50-51; IDJ, p. 25

Mapa 141 | Deslocação do exército reunido pelo arcebispo de Toledo com o objetivo de descercar Cória e regresso a Salamanca (junho de 1386)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. LXXV (pp.173-174); Cap. LXXVI (pp.174-176)

Legenda:

Movimentação (ida e volta)	Mobilização de um contingente	Cerco realizado pela hoste portuguesa
----------------------------	-------------------------------	---------------------------------------

O arcebispo de Toledo, convencido que a hoste que cercava Cória era formada por apenas trezentas lanças, como lhe tinham dito, reuniu uma força de mil e quinhentas lanças em Salamanca, de onde avançou em direção a Cória. Quando chegou perto do lugar pode constatar que os portugueses dispunham de cerca de oitocentas lanças. Em clara inferioridade numérica, o arcebispo retornou a Salamanca.

Data:	Junho de 1386.
-------	----------------

Composição da força mobilizada pelo arcebispo:	- 1500 lanças.
--	----------------

Lugares:	Salamanca	Coria	Coria	Salamanca
Distâncias:	- 131,3 km.		- 131,3 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXXV (pp.173-174); Cap. LXXVI (pp.174-176)

Mapa 142 | Deslocações das forças portuguesas após o levantamento do cerco a Cória (julho de 1386)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXXVIII (pp.179-181); CDC, Cap. LVI (pp.136-140); CDJU, Año Octavo, Cap. V (pp.613-614); IDJ, p. 25

Legenda:

<p>— · · · — → Movimentação do monarca português, juntamente com a sua hoste e do condestável</p>	<p>— — — — → Movimentação do monarca português referenciada nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i></p>	<p>● Lugares referenciados nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i></p>	<p>— · · · — → Movimentação do condestável</p>	<p>— · · · — → Movimentação do concelho de Lisboa</p>
---	--	---	--	---

Ao fim de três semanas (21 dias) de cerco, constatado que muitos combatentes adoeciam no arraial e que não conseguiam tomar o lugar – por não terem nenhum engenho de cerco – D. João I decidiu regressar para Portugal. Quando a hoste chegou a Penamacor, foi imediatamente desmobilizada e os homens foram para os seus lugares de origem. O concelho de Lisboa, chegou à cidade no dia quinze de julho de 1386. O condestável, antes de chegar à comarca alentejana, foi em romaria a Santa Maria do Meio, na Sertã. O monarca português foi em direção de Santa Maria de Guimarães, passando pela Guarda, Trancoso e Lamego, onde acabou por ficar quando lhe disseram que o monarca castelhano vinha sobre ele.

Data:	Julho de 1386
-------	---------------

Movimentação da hoste portuguesa:

Lugares:	Coria	Penamacor
Intervalo de Tempo:	- Permaneceram no lugar 21 dias; - Partiram do lugar em inícios de julho de 1386 (possivelmente no dia 2 julho de 1386).	- Chegaram ao lugar no dia 2 de julho de 1386.

Lugares:	Coria	Penamacor
Distâncias:	- Segundo as crónicas 13 léguas; - 57,4 km.	

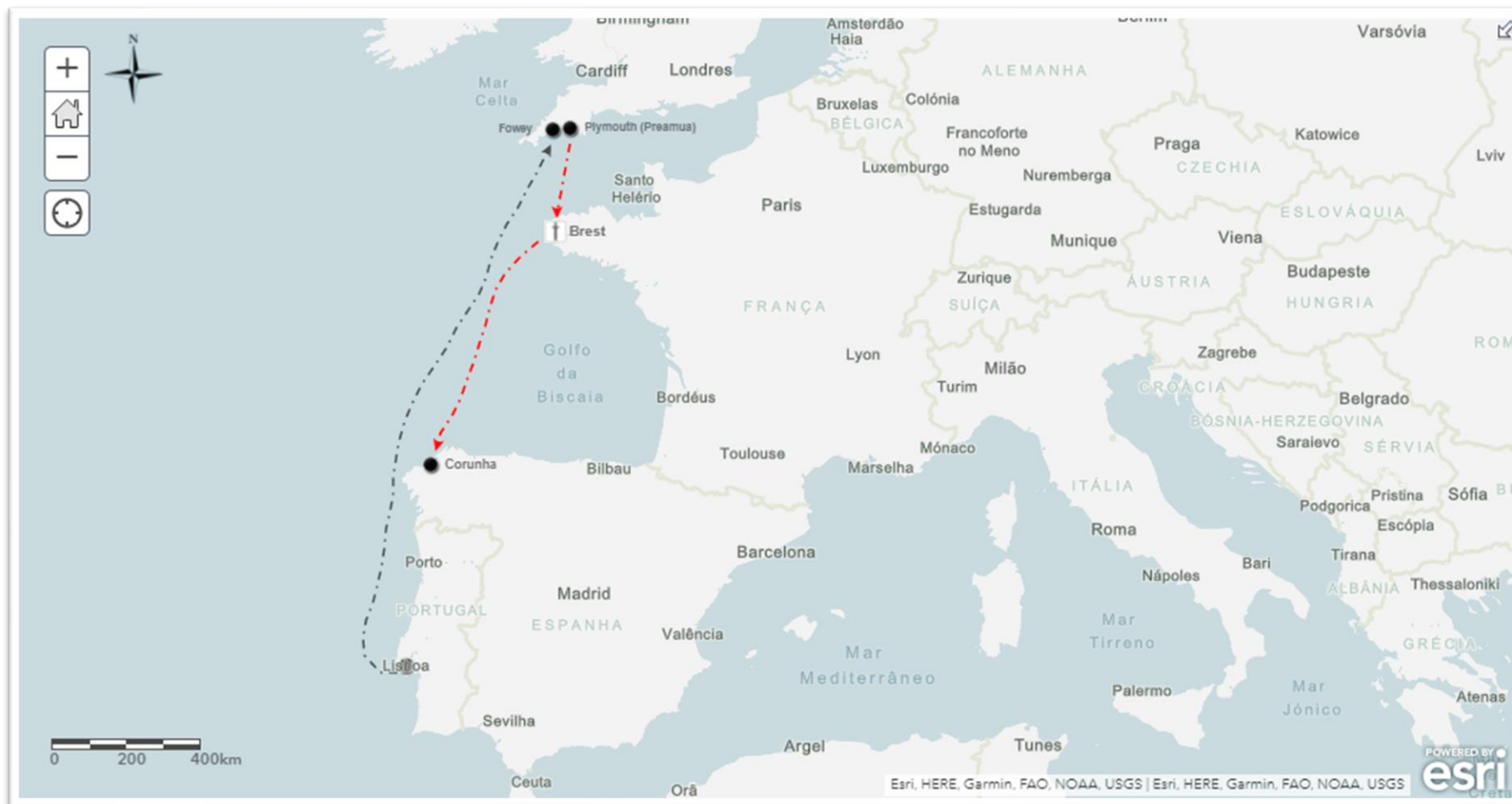
Movimentação do concelho de Lisboa:

Lugares:	Penamacor	Lisboa
Intervalo de Tempo:		- Chegaram ao lugar no dia 15 de julho de 1386.

Lugares:	Penamacor	Guarda	Guarda	Trancoso	Trancoso	Lamego
Distâncias:	- 41,9 km.		- 27,7 km.		- 52,2 km.	
Lugares:	Penamacor	Sertã	Sertã	Ourém	Penamacor	Lisboa
Distâncias:	- 89,3 km.		- 46,2 km.		- 234 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXXVIII (pp.179-181); CDC, Cap. LVI (pp.136-140); CDJU, Año Octavo, Cap. V (pp.613-614); IDJ, p. 25; IDN, p. 51

Mapa 143 | Deslocação da frota portuguesa a Inglaterra; e deslocação da frota anglo-portuguesa à Galiza (entre janeiro e julho de 1386)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXV (pp.155-157); Cap. LXXXIII (pp.187-189); CDJU, Año Octavo, Cap. VI (pp.614-615); Cap. VIII (pp.616-617)

Legenda:

<p>---▶ Movimentação da frota portuguesa</p>	<p>-.-.-▶ Movimentação da frota anglo-portuguesa</p>	<p>† Combate com os franceses que haviam cercado. Os franceses acabaram por preitejar. Nessa preitesia, o Duque poupou a vida dos franceses e estes em troca, deixaram roubar todos os mantimentos</p>
--	--	--

A frota portuguesa – composta por seis galés e doze naus – capitaneada por Afonso Furtado chegou a Fowey. As embarcações portuguesas deviam auxiliar o transporte, para os teatros de operações da Península Ibérica, da hoste do Duque de Lencastre que era pretendente ao trono de Castela pelo casamento com Constança, filha do antigo monarca castelhano Pedro I. Depois de o duque armar os seus navios, as duas frotas – compostas, ao todo, por cento e trinta velas e que transportavam duas mil lanças e três mil arqueiros – juntaram-se em Plymouth, de onde partiram. Por se depararem com ventos contrários, os navios tiveram de fazer uma escala em Brest, cidade que, na altura, se encontrava-se cercada pelas forças do condestável francês. Quando souberam que a frota tinha chegado, os franceses fugiram para um castelo de madeira que tinham construído perto do lugar e os ingleses, mal desembarcaram, começaram a combater essa estrutura. Constatando que a defesa era impossível, os franceses renderam-se. Depois de roubarem ao adversário todos os mantimentos, as forças do duque de Lencastre seguiram novamente viagem, chegando à Corunha no dia 25 de julho de 1386.

Data:	Janeiro – julho de 1386.
Composição da frota portuguesa:	- 6 galés; - 12 naus.
Composição da frota anglo-portuguesa:	- 130 velas.
Composição da hoste do Duque de Lencastre:	Segundo Fernão Lopes: - 2000 lanças; - 3000 arqueiros. Segundo Ayala: - 1500 lanças; - Muitos arqueiros.

Movimentação da frota anglo-portuguesa:

Lugares:	Plymouth	Brest	Corunha
Intervalo de Tempo:			- Chegaram ao lugar no dia 25 de julho de 1386.

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXV (pp.155-157); Cap. LXXXIII (pp.187-189); CDJU, Año Octavo, Cap. VI (pp.614-615); Cap. VIII (pp.616-617)

Mapa 144 | Deslocação da hoste do Duque de Lencastre a Santiago de Compostela (em data posterior a 25 de julho de 1386)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXXXIX (pp.198-199); CDJU, Año Octavo, Cap. VI (pp.614-615)

Legenda:

---> Movimentação

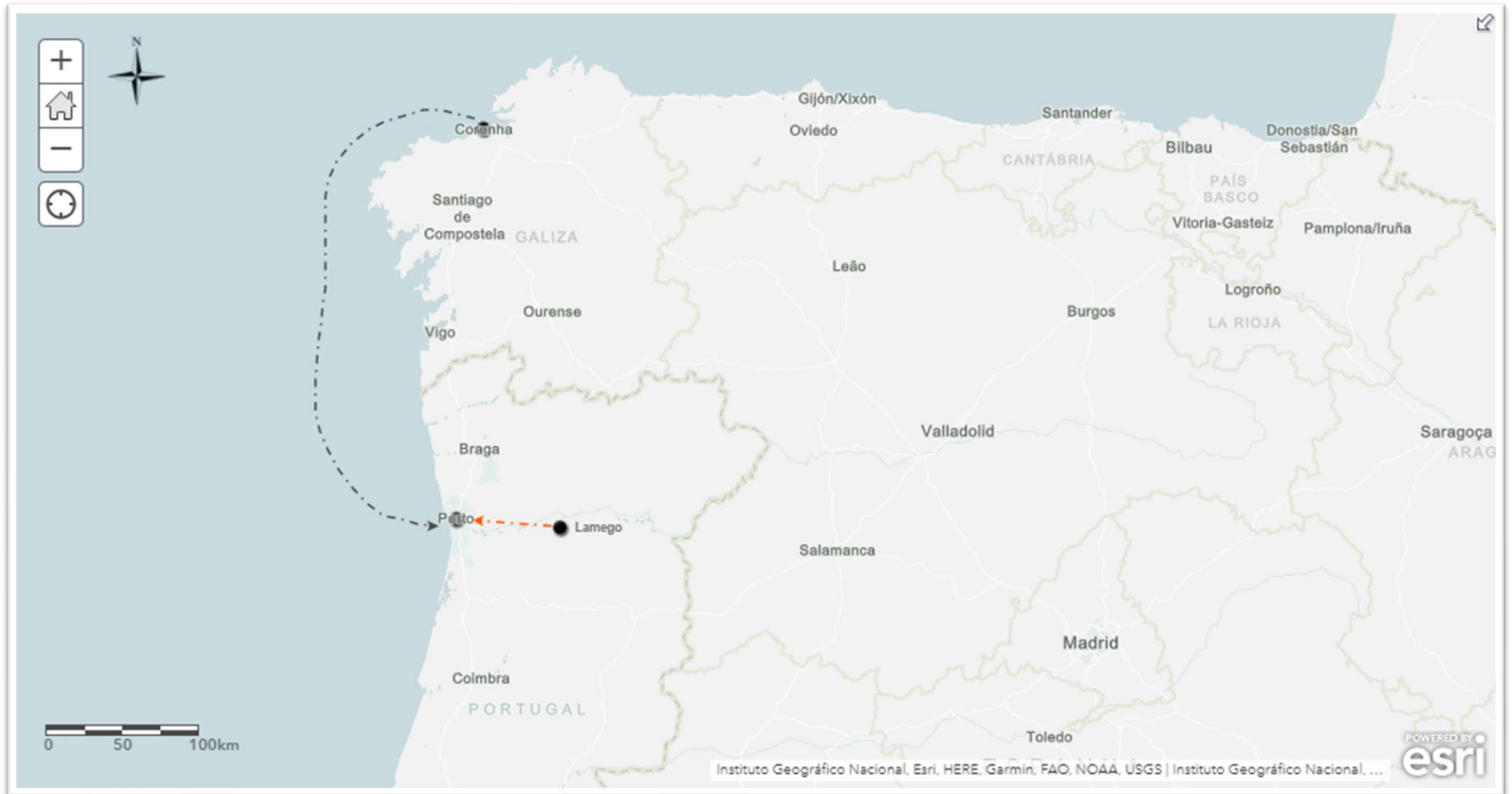
Quando os ingleses chegaram à Corunha, o alcaide do lugar, Fernando Pérez de Andrade, constatando que não podia resistir, acabou por receber o Duque de Lencastre. Para se livrar da sua presença, aconselhou-o a ir sobre Santiago de Compostela, que era o principal lugar daquela comarca. O duque seguindo o conselho do alcaide e acreditando que se tomasse Santiago todos os outros lugares da comarca eram tomados, avançou contra a cidade, que se entregou sem qualquer combate. Enquanto permaneceu ali, a cada dia, vinham muitos cavaleiros castelhanos reconhecê-lo como rei de Castela.

Data:	Julho de 1386 (em data posterior a 25 de julho).
-------	--

Lugares:	Corunha	Santiago de Compostela
Distâncias:	- Segundo as crónicas 10 léguas; - 55,8 km.	



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. LXXXIX (pp.198-199); CDJU, Año Octavo, Cap. VI (pp.614-615)

Mapa 145 | Deslocação do monarca português ao Porto e deslocação da frota portuguesa (em data posterior a 25 de julho de 1386)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XC (pp.199-200); CDC, Cap. LVII (pp.140-142)

Legenda:

 Movimentação da frota portuguesa	 Movimentação do monarca português
--	---

Estando em Lamego, o monarca português soube que o duque tinha chegado à Galiza e que tencionava encontrar-se com ele pessoalmente.

Assim o monarca partiu para o Porto. Nesta cidade mandou chamar o condestável, que se encontrava na comarca do Entre-Tejo e Guadiana, e enviou os seus embaixadores ao duque. A frota portuguesa que estava sobre a Corunha e que tinha transportado os ingleses regressou ao Porto.

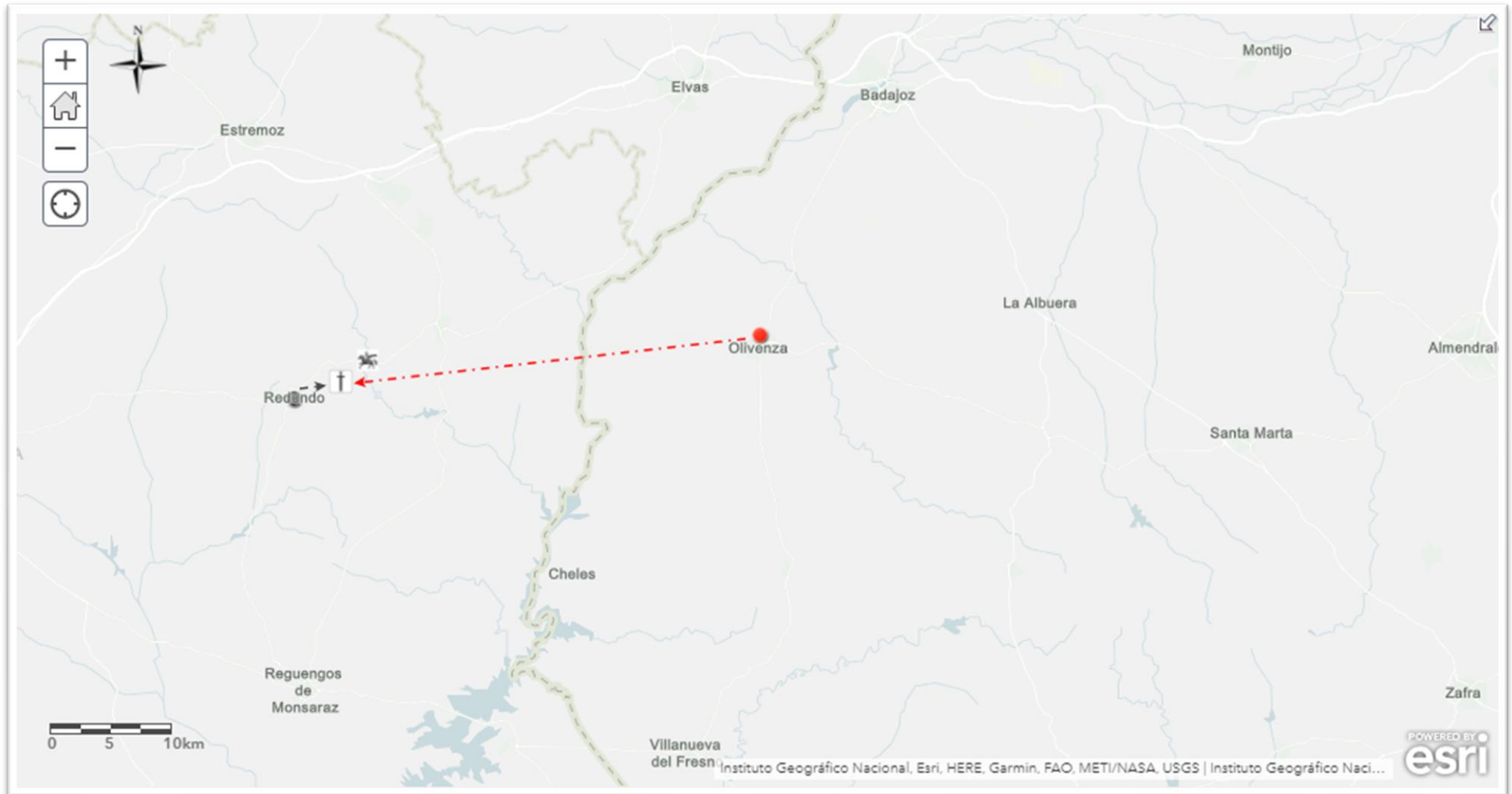
Data:	Julho – setembro de 1386.
-------	---------------------------

Lugares:	Lamego	Porto
Intervalo de Tempo:	- No dia 25 de julho de 1386 ainda se encontrava no lugar.	- A presença do monarca português é detetada no lugar a partir de 10 de agosto de 1386; - Permaneceu no lugar até finais de setembro de 1386.

Lugares:	Lamego	Porto
Distâncias:	- 67,5 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XC (pp.199-200); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); IDJ, p. 25

Mapa 146 | Cavalgada de Martim Rodriguez de Sevilha ao Redondo (em data posterior a 25 de julho de 1386)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XC (pp.199-200)

Legenda:

Movimentação castelhana	Movimentação portuguesa	Cavalgada	Escaramuça
-------------------------	-------------------------	-----------	------------

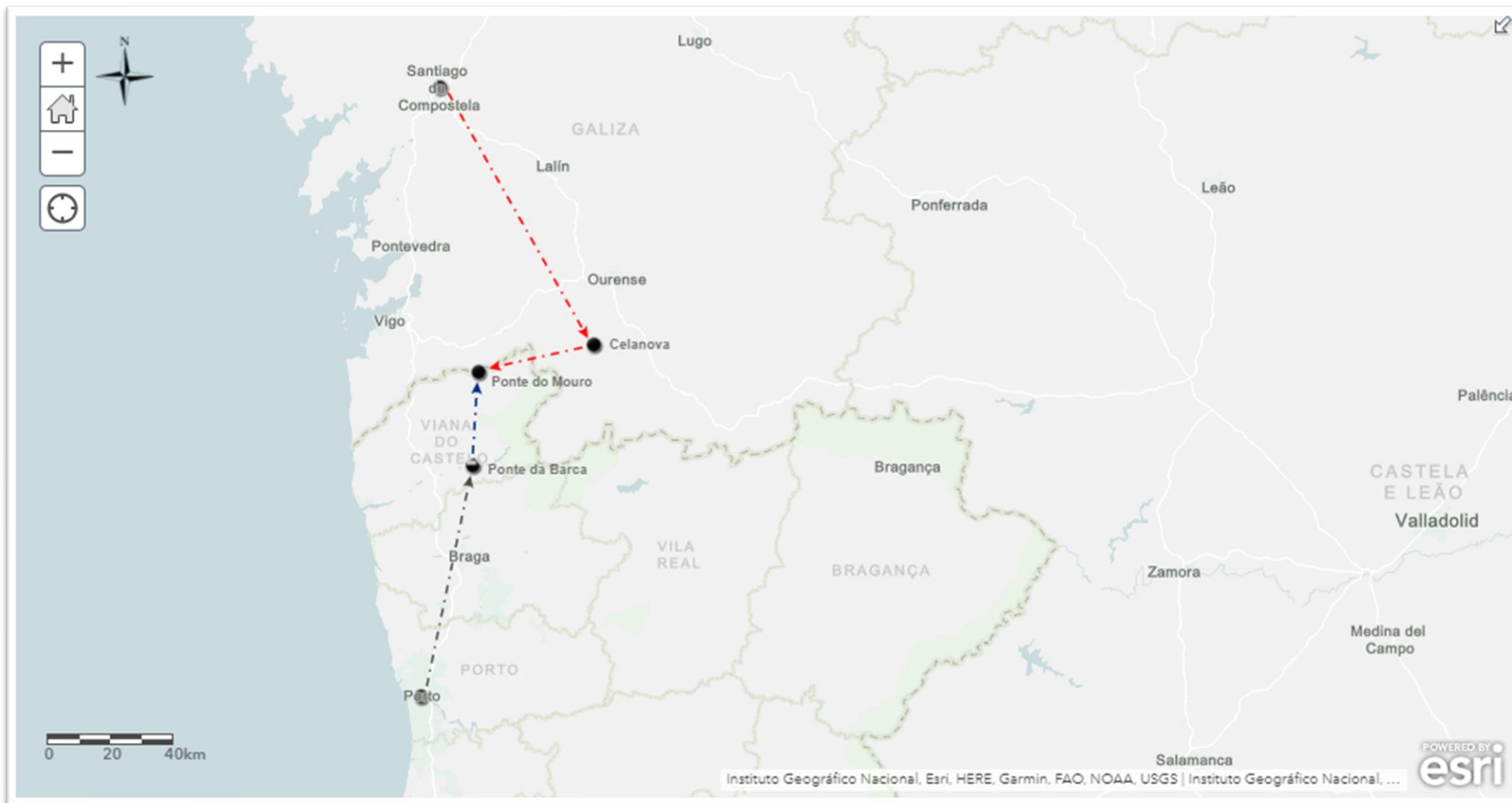
Na altura que o duque chegou à Galiza, Martin Rodriguez de Sevilha partiu de Olivença com um contingente e entrou em Portugal. Os do Redondo saíram foram no encalço conseguindo derrotá-los. Muitos foram capturados, mas Martin Rodriguez acabou por ser morto.

Data:	Julho de 1386.
-------	----------------

Lugares:	Olivença	Redondo
Intervalo de Tempo:	- 39,2 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XC (pp.199-200)

Mapa 147 | Deslocações até se dar o encontro entre D. João I e o Duque de Lencastre em Ponte do Mouro (entre setembro e novembro de 1386)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XCI (pp.200-201); Cap. XCII (pp.202-203); Cap. XCIII (pp.203-205); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); CDJU, Año Octavo, Cap. VII (pp.615-616)

Legenda:

- · - · - · →	Movimentação do monarca português	- · - · - · →	Movimentação do monarca português e do condestável	- · - · - · →	Movimentação do Duque de Lencastre
---------------	-----------------------------------	---------------	--	---------------	------------------------------------

Acordado o encontro em Ponte do Mouro, o monarca português e o Duque de Lencastre dirigiram-se para esse lugar. O duque partiu de Santiago de Compostela, passou por Celanova, e chegou a Ponte do Mouro. O monarca português partiu do Porto, passou por Ponte da Barca – onde se reuniu ao condestável, acabado de vir do Alentejo – e chegaram a Ponte do Mouro. No dia 1 de novembro de 1386 deu-se o encontro entre o monarca português e o duque, onde ficou acordado o casamento do monarca com a filha do duque e uma intervenção militar conjunta contra Castela.

Data:	Setembro – novembro de 1386.
-------	------------------------------

Movimentação do monarca português:

Lugares:	Porto	Ponte da Barca
Intervalo de Tempo:	- Permaneceu no lugar até finais de setembro de 1386.	- Chegou ao lugar no dia 8 de outubro de 1386.

Lugares:	Porto	Ponte da Barca
Distâncias:	- 75,3 km.	

Movimentação do monarca português e de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Ponte da Barca	Ponte do Mouro
Intervalo de Tempo:	- Chegaram ao lugar no dia 1 de novembro de 1386.	

Lugares:	Ponte da Barca	Ponte do Mouro	Porto	Ponte do Mouro
Distâncias:	- 29,7 km.		- Segundo as crónicas 19 léguas; - 104,7 km.	

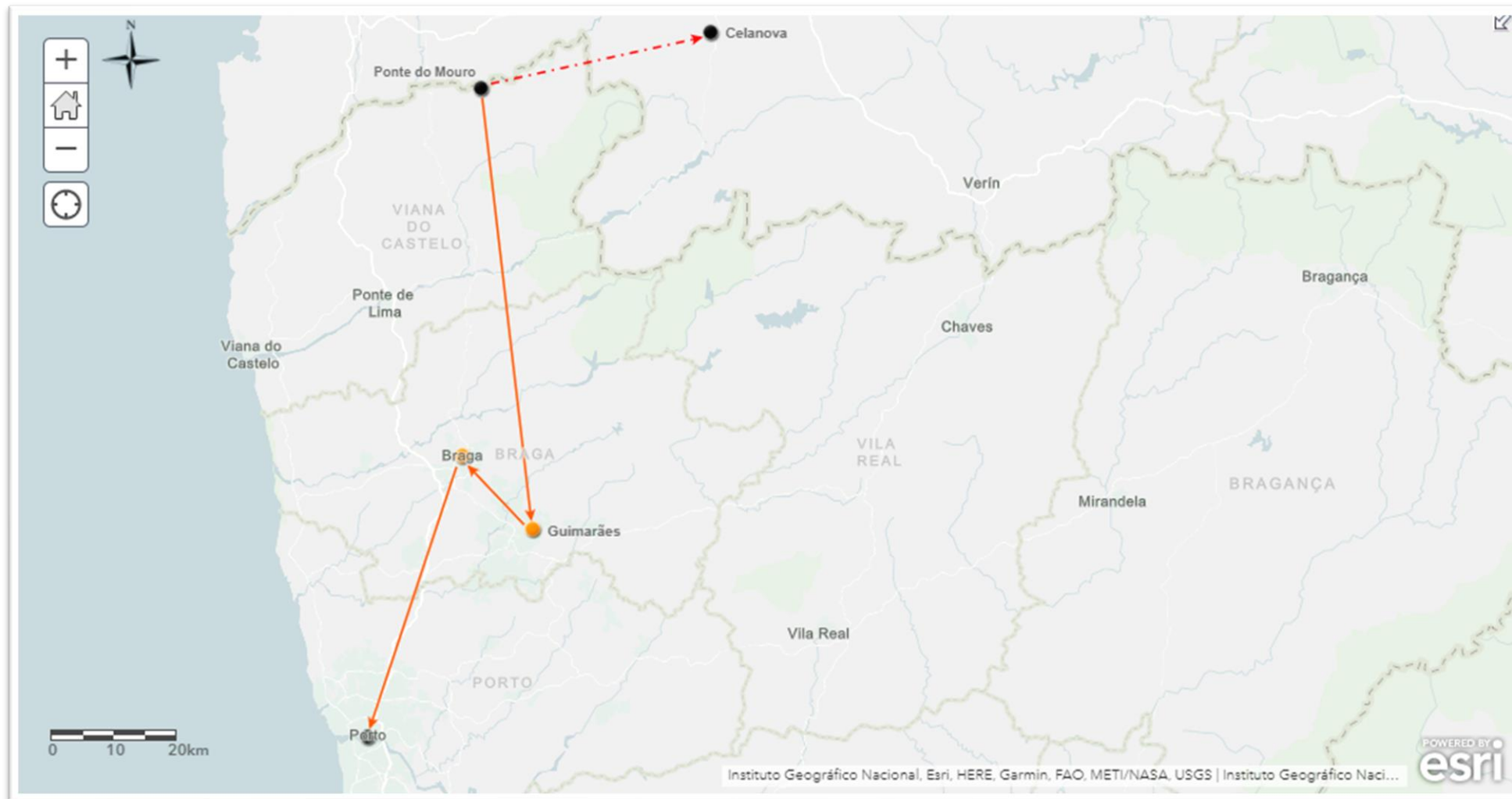
Movimentação do Duque de Lencastre:

Lugares:	Santiago de Compostela	Celanova	Ponte do Mouro
Intervalo de Tempo:			- Chegaram ao lugar no dia 1 de novembro de 1386.

Lugares:	Santiago de Compostela	Celanova	Celanova	Ponte do Mouro
Intervalo de Tempo:	- Segundo as crónicas 10 léguas; - 93,8 km.		- 37,4 km.	




Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XCI (pp.200-201); Cap. XCII (pp.202-203); Cap. XCIII (pp.203-205); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); CDJU, Año Octavo, Cap. VII (pp.615-616); IDJ, p. 25

Mapa 148 | Deslocações de D. João I e do Duque de Lencastre depois do encontro da Ponte do Mouro (entre novembro de 1386)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XCIV (pp.205-207); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); IDJ, pp. 25-26

Legenda:

 Movimentação do Duque de Lencastre	 Lugares referenciados nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i>	 Movimentação de D. João I referenciada nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i>
--	--	---

Depois do encontro e de alguma confraternização, o Duque de Lencastre partiu para Celanova. Quanto ao monarca português, regressou ao Porto, tendo no caminho passado por Guimarães e por Braga.

Data:	Novembro de 1386.
-------	-------------------

Movimentação do Duque de Lencastre:

Lugares:	Ponte do Mouro	Celanova
Intervalo de Tempo:		- No dia 11 de novembro de 1386 já se encontravam no lugar.

Lugares:	Ponte do Mouro	Celanova
Distâncias:	- Segundo as crónicas 4 léguas; - 37,4 km.	

Movimentação de D. João I:

Lugares:	Ponte do Mouro	Guimarães	Braga	Porto
Intervalo de Tempo:	- No dia 1 de novembro de 1386 encontrava-se no lugar.	- No dia 2 de novembro de 1386 encontrava-se no lugar.	- No dia 4 de novembro de 1386 deteta-se a presença no lugar onde permaneceu até ao dia 8 de novembro de 1386.	- No dia 10 de novembro de 1386 deteta-se a presença no lugar onde permaneceu até ao dia 13 de novembro de 1386.

Lugares:	Ponte do Mouro	Guimarães	Guimarães	Braga	Braga	Porto
Distâncias:	- 70,4 km.		- 16,4 km.		- 47,6 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XCIV (pp.205-207); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); IDJ, pp. 25-26

Mapa 149 | Deslocação do condestável após o encontro da Ponte do Mouro (entre novembro de 1386)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XCIV (pp.205-207); CDC, Cap. LVII (pp.140-142)

Legenda:

Movimentação do condestável	Mobilização de um contingente
-----------------------------	-------------------------------

Depois do encontro com o Duque de Lencastre D. João I, antes de partir para o Porto, mandou o condestável para a comarca do Entre-Tejo e Guadiana, de que era fronteiro, a fim de mobilizar mais homens. Em Évora, conseguiu reunir mil e duzentas lanças e muitos besteiros e homens de pé.

Data:	Novembro de 1386.
-------	-------------------

Composição do contingente mobilizado em Évora pelo condestável:	- 1200 lanças; - Muitos besteiros e homens de pé.
---	--

Lugares:	Ponte do Mouro	Évora
Distâncias:	- 391,4 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XCIV (pp.205-207); CDC, Cap. LVII (pp.140-142)

Mapa 150 | Continuação da deslocação do monarca português, após o encontro com o Duque de Lencastre, até Évora onde se encontra com o condestável (entre novembro e dezembro de 1386)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XCIV (pp.205-207); CDC, Cap. LVII (pp.140-142);

Legenda:

Movimentação	Mobilização de um contingente
--------------	-------------------------------

D. João I partiu do Porto para Lisboa. Ao fim de alguns dias nesta cidade foi para Évora encontrar-se com o condestável, que tinha mobilizado uma força composta por mil e duzentas lanças, muitos besteiros e homens de pé.

Data:	Novembro e dezembro de 1386.
-------	------------------------------

Composição do contingente mobilizado em Évora pelo condestável:	- 1200 lanças; - Muitos besteiros e homens de pé.
---	--

Lugares:	Porto	Lisboa	Évora
Intervalo de Tempo:	- No dia 10 de novembro de 1386 deteta-se a presença no lugar; - Permaneceu no lugar até ao dia 13 de novembro de 1386.	- A partir do dia 20 de novembro de 1386 deteta-se a presença no lugar; - Permaneceu no lugar até ao dia 28 de novembro de 1386.	- A partir do dia 7 de dezembro de 1386 deteta-se a presença no lugar; - Permaneceu no lugar até ao dia 8 de dezembro de 1386.

Lugares:	Porto	Lisboa	Lisboa	Évora
Distâncias:	- 272,6 km.		- 108,9 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XCIV (pp.205-207); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); IDJ, p. 26

Mapa 151 | Após mobilizar um contingente em Évora o condestável e o monarca foram para Guimarães (entre dezembro de 1386 e janeiro de 1387)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. XCIV (pp.205-207); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); IDJ, p. 26

Legenda:

--->	Movimentação	—>	Movimentação referenciada nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i>	●	Lugares referenciados nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i>	🏰	Mobilização de um contingente
------	--------------	----	--	---	--	---	-------------------------------

Com a força mobilizada, o rei e o condestável partiram de Évora e foram para Guimarães. No caminho passaram por Santarém, Leiria e Porto.

Data:	Dezembro de 1386 e janeiro de 1387.
-------	-------------------------------------

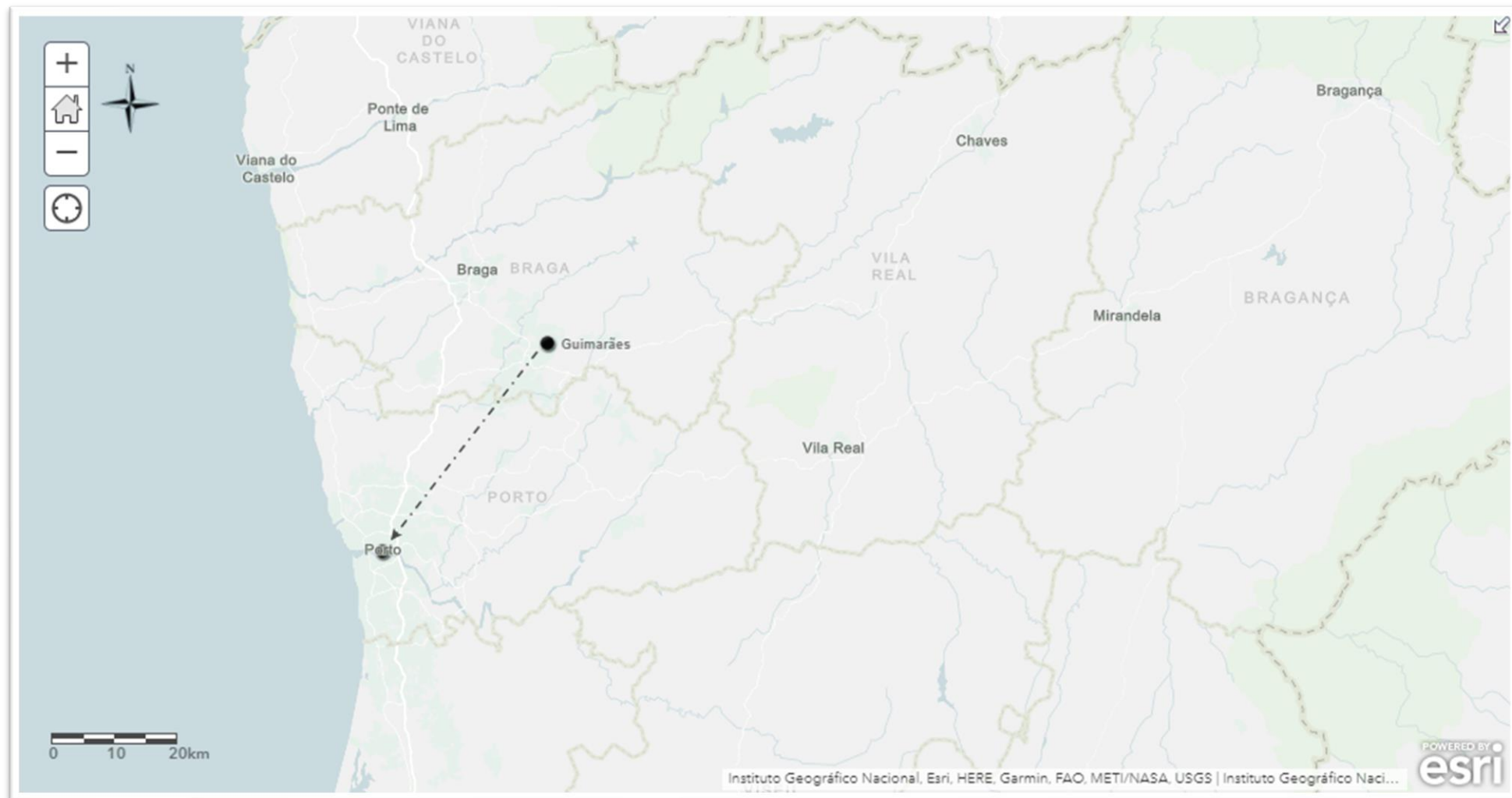
Composição do contingente mobilizado em Évora pelo condestável:	- 1200 lanças; - Muitos besteiros e homens de pé.
---	--

Lugares	Évora	Santarém	Leiria	Porto	Guimarães
Intervalo de Tempo:	- Permaneceram no lugar até ao dia 8 de dezembro de 1386.	- No dia 14 de dezembro de 1386 encontramos o monarca português no lugar.	- No dia 17 de dezembro de 1386 encontramos o monarca português no lugar.	- Chegaram ao lugar no dia 26 de dezembro de 1386; - Permaneceram no lugar até ao dia 2 de janeiro de 1387.	- O primeiro documento que atesta a presença do monarca português no lugar tem a data de 7 de janeiro de 1387.

Lugares:	Évora	Santarém	Santarém	Leiria	Leiria	Porto	Porto	Guimarães
Distâncias:	- 99,9 km.		- 57,1 km.		- 156,7 km.		- 42,6 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XCIV (pp.205-207); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); IDJ, p. 26, p. 31

Mapa 152 | Encontrando-se em plenos preparativos militares, o monarca português teve de se deslocar de Guimarães ao Porto (fevereiro de 1387)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XCV (pp.207-208); CDC, Cap. LVII (pp.140-142)

Legenda:

---> Movimentação

Encontrando-se em plenos preparativos militares, o monarca português deslocou-se ao Porto, onde casou com Filipa, a filha do Duque de Lencastre. Na tarde do dia 1 de fevereiro de 1387 partiu de Guimarães e chegou ao Porto na manhã do dia seguinte (2 de fevereiro de 1387), permanecendo nesta cidade durante duas semanas.

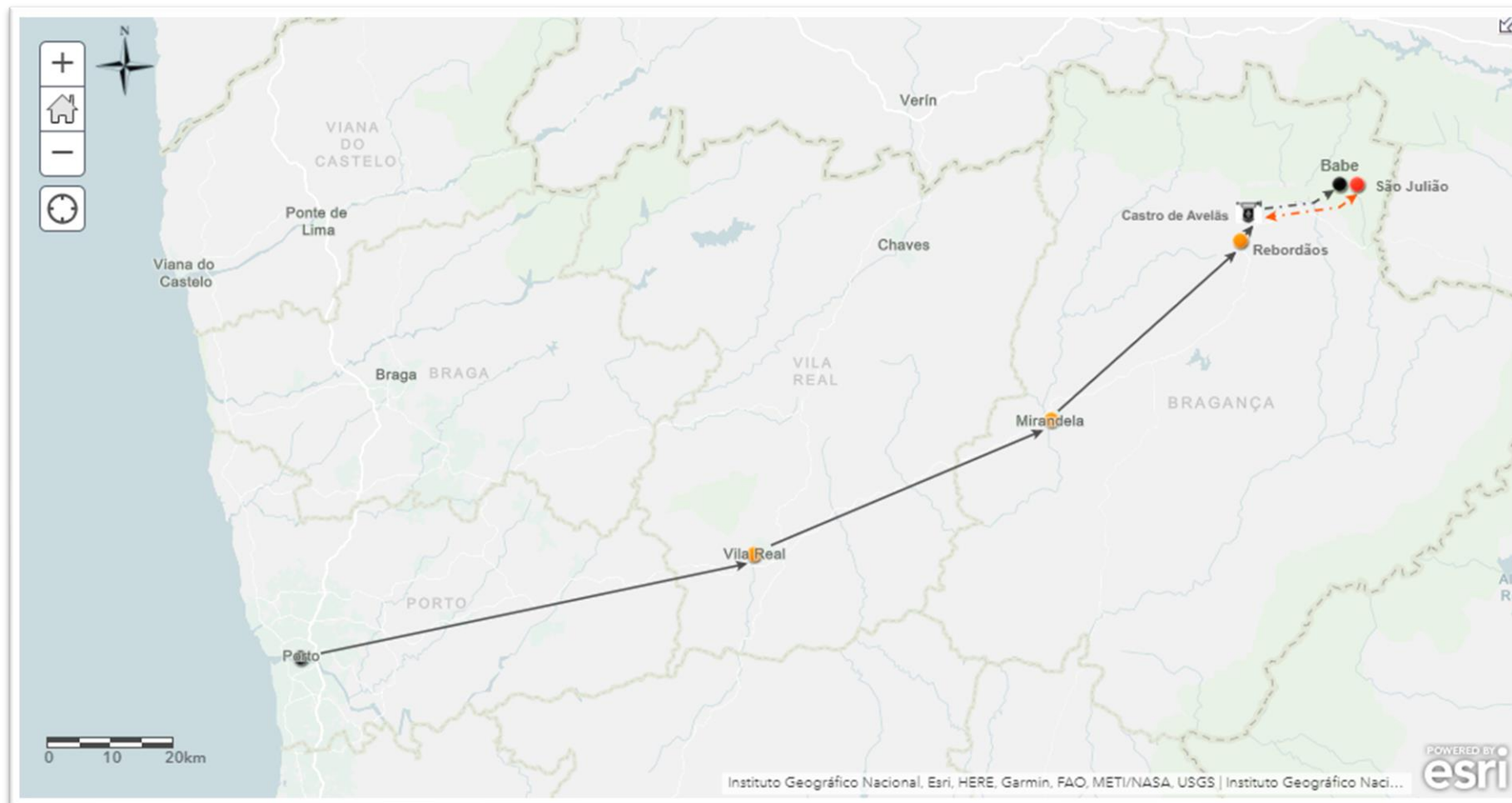
Data:	Fevereiro de 1387.
-------	--------------------

Lugares:	Guimarães	Porto
Intervalo de Tempo:	- Partiu do lugar na tarde do dia 1 de fevereiro de 1387.	- Chegou ao lugar na manhã seguinte (2 de fevereiro de 1387); - Permaneceu no lugar até ao dia 20 de fevereiro de 1387.

Lugares:	Guimarães	Porto
Distâncias:	- Segundo as crónicas 8 léguas; - 42,6 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XCV (pp.207-208); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); IDJ, p. 31

Mapa 153 | Deslocação do monarca português do Porto a Babe (entre fevereiro e março de 1387)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. XCIX (pp.212-213); IDJ, p. 31

Legenda:

<p>→ Movimentação do monarca português e da rainha referenciada nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i></p>	<p>↔ Movimentação (ida e volta) do monarca português, e da rainha, ao arraial do Duque de Lencastre</p>	<p>---→ Movimentação do monarca português com a sua hoste</p>	<p>🏰 Chegada dos combatentes que não foram logo com o monarca português</p>	<p>● Lugares referenciados nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i></p>	<p>● São Julião, possível localização do arraial do Duque de Lencastre</p>
--	---	---	---	---	--

O monarca português, antes de partir do Porto com a rainha, deu indicações para que os combatentes que não os acompanhavam, se juntassem em Castro de Avelãs. Pelo caminho o monarca passou por Vila Real, Mirandela e Rebordões. Assim que chegaram a Castro de Avelãs, o monarca e a rainha foram falar com o Duque de Lencastre que se encontrava em São Julião. Aí chegado, o monarca português explicou os motivos do atraso (tinha ficado combinado juntarem-se depois do Natal de 1386, mas só se juntaram em março de 1387), dos quais o duque já tinha conhecimento e compreendeu-os bem. Depois daquele encontro o monarca e a rainha retornaram para Castro de Avelãs; ao fim de alguns dias, partiram todos dali e foram para Babe.

Data:	Finais de fevereiro e março de 1387.
-------	--------------------------------------

Movimentação do monarca português com a rainha:

Lugares:	Porto	Vila Real	Mirandela	Rebordãos	Castro de Avelãs
Intervalo de Tempo:	- Deixou o lugar em finais de fevereiro de 1387.	- Deteta-se a presença no lugar no dia 2 de março de 1387.	- Deteta-se a presença no lugar no dia 8 de março de 1387.	- Deteta-se a presença no lugar no dia 14 de março de 1387.	- Deteta-se a presença no lugar no dia 20 de março de 1387.

Lugares:	Porto	Vila Real	Vila Real	Mirandela	Mirandela	Rebordãos	Rebordãos	Castro de Avelãs
Distâncias:	- 74,3 km.		- 51,6 km.		- 41,3 km.		- 6,54 km.	

Movimentação do monarca português e da rainha ao arraial do Duque de Lencastre:

Lugares:	Castro de Avelãs	São Julião	Castro de Avelãs
Intervalo de Tempo:	- Entre 20 e 22 de março de 1387.		

Lugares:	Castro de Avelãs	São Julião	São Julião	Castro de Avelãs
Distâncias:	- 17,1 km.		- 17,1 km.	

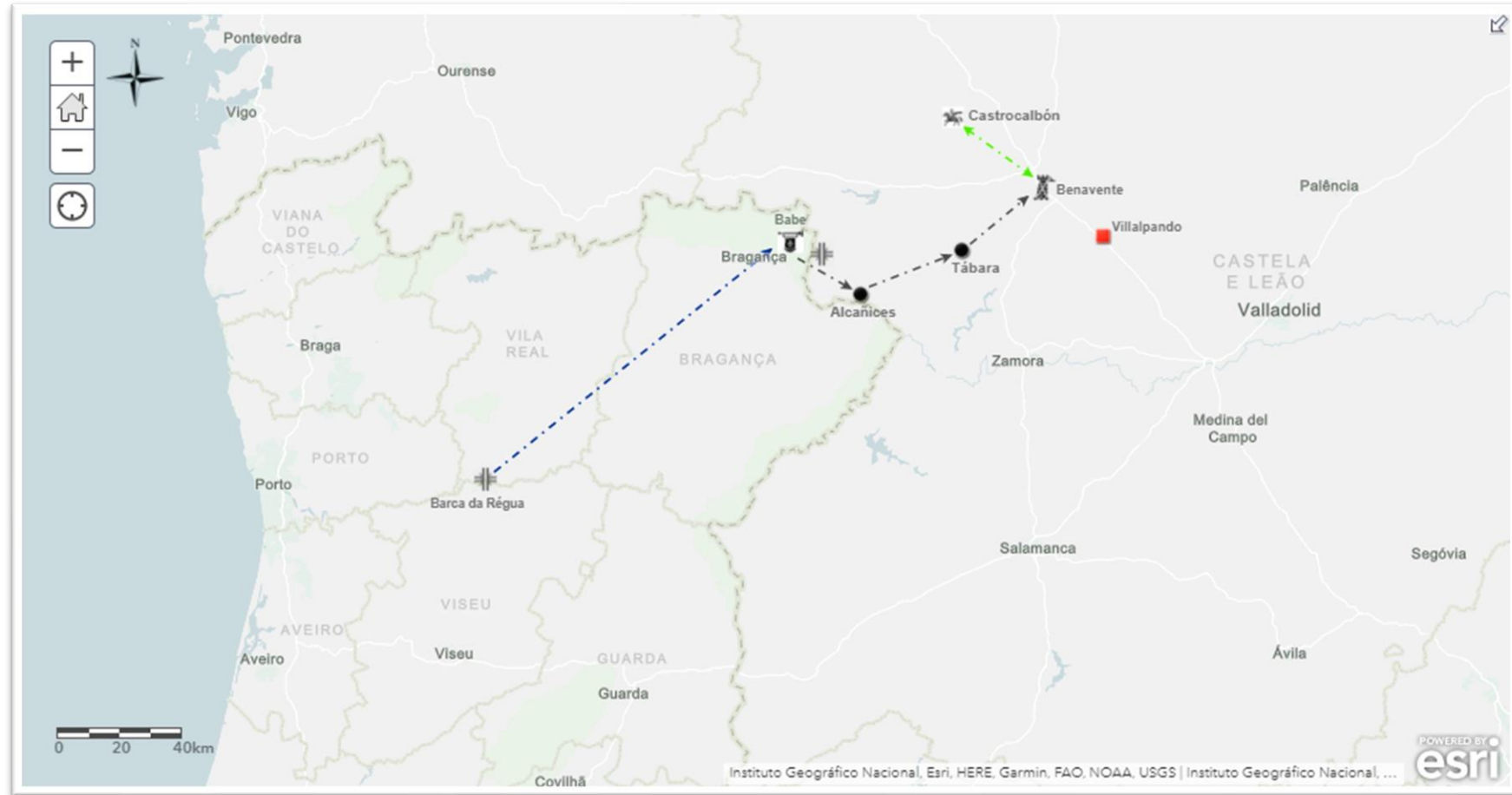
Movimentação do monarca português e da hoste:

Lugares:	Castro de Avelãs	Babe
Intervalo de Tempo:		- O primeiro documento que atesta a presença do arraial no lugar tem a data de 24 de março de 1387.

Lugares:	Castro de Avelãs	Babe	Babe	São Julião
Distâncias:	- 14,5 km.		- 2,7 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. XCIX (pp.212-213); IDJ, p.31

Mapa 154 | Início da campanha anglo-portuguesa (entra março e abril de 1387)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. C (pp.213-215); Cap. CI (pp.215-217); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); CDJU, Año Noveno, Cap. I (pp.626-627)

Legenda:

Movimentação das gentes da beira	Movimentação da hoste anglo-portuguesa	Forragens de João Fernandes Pacheco, Martim Vasques e seus irmãos	Travessia de rios (Douro e Maças). Em Barca da Régua, atravessaram o Douro através de uma ponte de barcas	Mobilização de homens	Cerco	Forragem	Lugar castelhano para onde o monarca de Castela tinha enviado algumas gentes, incluindo gentes de armas francesas

Enquanto permaneceu em Babe, o monarca português mandou fazer na Régua uma ponte de barcas para as forças da Beira poderem atravessar o Douro sem terem de ir ao Porto. Em Babe, o monarca português conseguiu juntar, ao todo, três mil lanças, dois mil besteiros e quatro mil peões. Por esta altura, pelas baixas que teve na Galiza devido à peste, o duque tinha apenas seiscentos homens de armas e alguns arqueiros. No dia 25 de março de 1387 a hoste anglo-portuguesa partiu de Babe, atravessou o rio de Maças, e chegou a Alcanizes. Daí, foram a Tábara e deste lugar foram a Benavente, tendo colocado arraial sobre o lugar no dia 2 de abril de 1387. Durante o cerco o monarca português mandou um contingente com João Fernandes Pacheco, Martim Vasques e os seus irmãos a forragear. Durante a forragem combateram e entraram em Castrocabón, tendo roubado tudo o que lá havia. Na véspera da Páscoa retornaram ao arraial de Benavente com muitos mantimentos.

Data:	Março e abril de 1387.
-------	------------------------

Composição da hoste do monarca português:	Segundo Fernão Lopes: - 3000 lanças; - 2000 besteiros; - 4000 peões.	Segunda Ayla: - 2600 lanças; - 6000 peões.
Composição da hoste do Duque de Lencastre:	Segundo Fernão Lopes: - 600 homens de armas; - Alguns arqueiros.	Segundo Ayala: - 600 lanças; - Alguns arqueiros.

Movimentação das gentes da beira:

Lugares:	Régua	Babe
Intervalo de Tempo:		- No dia 25 de março de 1387 era certo que já se encontravam no lugar.

Lugares:	Régua	Babe
Distâncias:	- 121,3 km.	

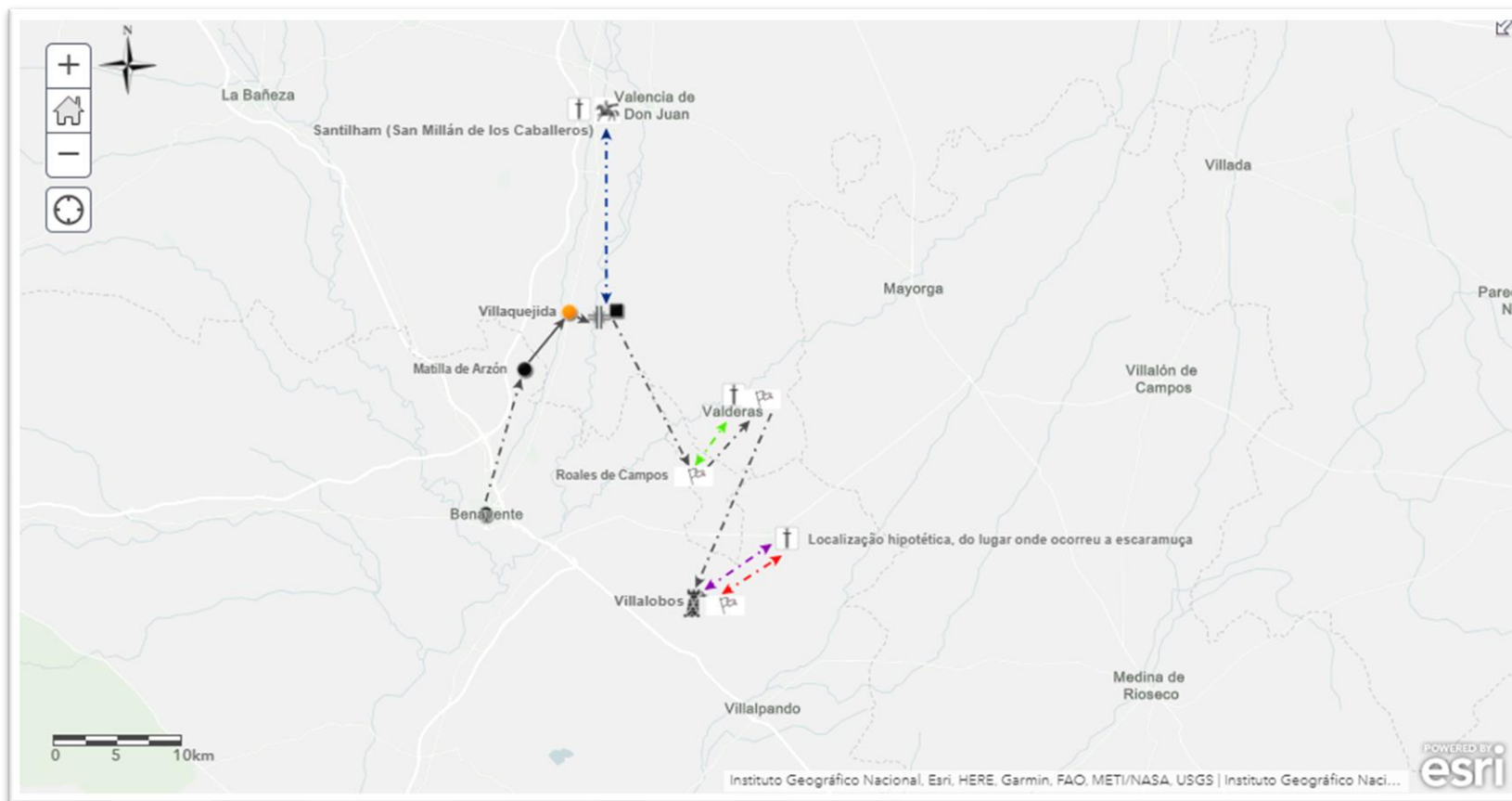
Movimentação da hoste anglo-portuguesa:

Lugares:	Babe	Alcañices	Tábara	Benavente
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 25 de março de 1387.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (25 de março de 1387).	- Chegaram ao lugar no dia 30 de março de 1387.	- Chegaram ao lugar no dia 2 de abril de 1387.

Lugares:	Babe	Alcañices	Alcañices	Tábara	Tábara	Benavente	Benavente	Castrocalbón
Distâncias:	- 27,4 km.	- 35,3 km.		- 30,5 km.		- Segundo as crónicas 5 léguas; - 33,2 km.		

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. C (pp.213-215); Cap. CI (pp.215-217); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); CDJU, Año Noveno, Cap. I (pp.626-627); IDN, p. 53

Mapa 155 | Continuação da campanha anglo-portuguesa (entre abril e maio de 1387)



Fonte:

CDJ I, 2ª, Cap. CIV (pp.219-220); Cap. CV (pp.220-221); Cap. CVI (pp.221-222); Cap. CVIII (pp.224-226); Cap. CIX (pp.226-228); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); CDJU, Año Noveno, Cap. I (pp.626-627); IDJ, p. 31

Legenda:

Movimentação da hoste anglo-portuguesa	Movimentação da hoste anglo-portuguesa referenciada nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i>	Travessia do rio Esla	Lugar obtido através do Itinerário de D. João I	Localização, hipotética, do lugar onde a hoste terá pernoitado	Movimentação (ida e volta) dos que foram fustigar Santilham	Movimentação de João Fernandes Pacheco, João Gomes da Silva e Antão Vasques	Forragem de Martim Vasques, Gil Vasques, Lopo Vasques...	Movimentação de acorrido do condestável, aos que foram em forragem.	Correr a Terra	Escaramuça s/ Combate	Cerco	Entrega dos lugares através de preitesia

Depois de alguns dias, como não dispunham de engenhos de cerco, a hoste anglo-portuguesa abandonou o cerco a Benavente. Passaram por Matilla de Arzón e foram pernoitar a Villaquejida. No outro dia atravessaram o Esla e assentaram arraial perto da margem deste rio. Depois de chegarem, Martim Vasques da Cunha, Gil Vasques, Gonçalo Vasques Coutinho, Rui Mendes de Vasconcelos e João Afonso Pimentel, com um contingente, foram assolar Santilham (San Millán de los Caballeros). Os moradores saíram do lugar e lançaram-se sobre os portugueses, mas acabaram por retirar para dentro do lugar e os portugueses retornaram para o arraial. No dia seguinte a hoste anglo-portuguesa partiu e chegou a Roales de Campos cujos moradores optaram logo por entregar o lugar. Enquanto permaneciam nesse lugar, chegou-lhes a informação que os moradores de Valderas tinham abandonado o lugar. Acreditando na veracidade da notícia, João Fernandes Pacheco, João Gomes da Silva e Antão Vasques, partiram com um contingente e foram para o lugar. Assim que chegaram deparam-se com quatrocentas lanças castelhanas fora da vila que acabaram posta em fuga e obrigadas a retirar para Valderas. Depois de roubarem Roales de Campos – passados quinze dias – a hoste anglo-portuguesa partiu para Valderas. Antes de começarem a combater o lugar, Sancho de Valasco entregou o lugar. Ao fim de alguns dias, a hoste partiu e foi cercar Villalobos. Durante as operações de cerco, Martim Vasques da Cunha, juntamente com os seus irmãos e outros fidalgos foram enviados à forragem, durante a qual alguns dos participantes acabaram - devido ao nevoeiro - por se perder e esbarrar num forte contingente castelhano – composto por quatrocentas lanças e muitos homens de pés – perto da ribeira que vem de Mayorgas, a uma légua de Villalobos. Um escudeiro de Martim Vasques conseguiu ir ao arraial de Villalobos pedir socorro; o condestável partiu de imediato em seu auxílio. Quando os castelhanos se aperceberam da aproximação das forças do condestável decidiram retiraram. Depois daquela ação de forragem malsucedida retornaram todos para Villalobos. Ao fim de algum tempo, face ao número de baixas, os moradores de Villalobos decidiram entregaram o lugar.

Data:	Abril e maio de 1387.
-------	-----------------------

Movimentação da hoste anglo-portuguesa:

Lugares:	Benavente	Matilla de Arzón	Villaquejida	Lugar acerca do Rio Esla onde a hoste pernitoiu	Roales de Campos	Valderas	Villalobos
Intervalo de Tempo:	<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no dia 2 de abril de 1387; - Permaneceram 8 dias no lugar; - No dia 10 de abril de 1387 partiram do lugar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Passaram no lugar no mesmo dia (10 de abril de 1387). 	<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no mesmo dia (10 de abril de 1387); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (11 de abril de 1387). 	<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no dia 11 de abril de 1387; - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (12 de abril de 1387). 	<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no mesmo dia (12 de abril de 1387). 	<ul style="list-style-type: none"> - Permaneceram no lugar duas semanas; - A presença do monarca no lugar só é detetada a partir do dia 1 de maio de 1387; - Pelo menos até ao dia 8 de maio de 1387 sabemos que o monarca ainda se encontrava no lugar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no dia 9 de maio de 1387; - Pelo menos permanecerem 3 dias no lugar; - Por volta do dia 12 de maio de 1387 o lugar é cobrado através de uma preitesia.

Lugares:	Benavente	Matilla de Arzón	Matilla de Arzón	Villaquejida	Villaquejida	Roales de Campos	Roales de Campos	Valderas	Valderas	Villalobos
Distâncias:	- 11,8 km.		- 5,7 km.		- 16,2 km.		- 5,71 km.		- 14,8 km.	

Movimentação dos que foram fustigar Santilham (San Millán de los Caballeros):

Lugares:	Lugar acerca do Rio Esla onde a hoste pernitoiu	Santilham (San Millán de los Caballeros)	Lugar acerca do Rio Esla onde a hoste pernitoiu
Intervalo de Tempo:	- No mesmo dia (11 de abril de 1387).		

Lugares:	Villaquejida (o lugar fica muito próximo do lugar onde terão pernoitado acerca do Rio Esla)	Santilham (San Millán de los Caballeros)	Villaquejida (o lugar fica muito próximo do lugar onde terão pernoitado acerca do Rio Esla)	Santilham (San Millán de los Caballeros)
Distâncias:	- 15,7 km.		- 15,7 km.	

Movimentação de João Fernandes Pacheco, João Gomes da Silva e Antão Vasques:

Lugares:	Roales de Campos	Valderas	Roales de Campos
Intervalo de Tempo:	- No mesmo dia.		

Lugares:	Roales de Campos	Valderas	Valderas	Roales de Campos
Distâncias:	- 5,71 km.		- 5,71 km.	

Movimentação de Martim Vasques, Gil Vasques e Lopo Vasques:

Lugares:	Villalobos	Lugar acerca da ribeira que vem de Mayorcas	Villalobos
Intervalo de Tempo:	- Mesmo dia.		

Lugares:	Villalobos	Lugar acerca da ribeira que vem de Mayorcas	Lugar acerca da ribeira que vem de Mayorcas	Villalobos
Distâncias:	- Segundo as crónicas 1 grande légua.		- Segundo as crónicas 1 grande légua.	

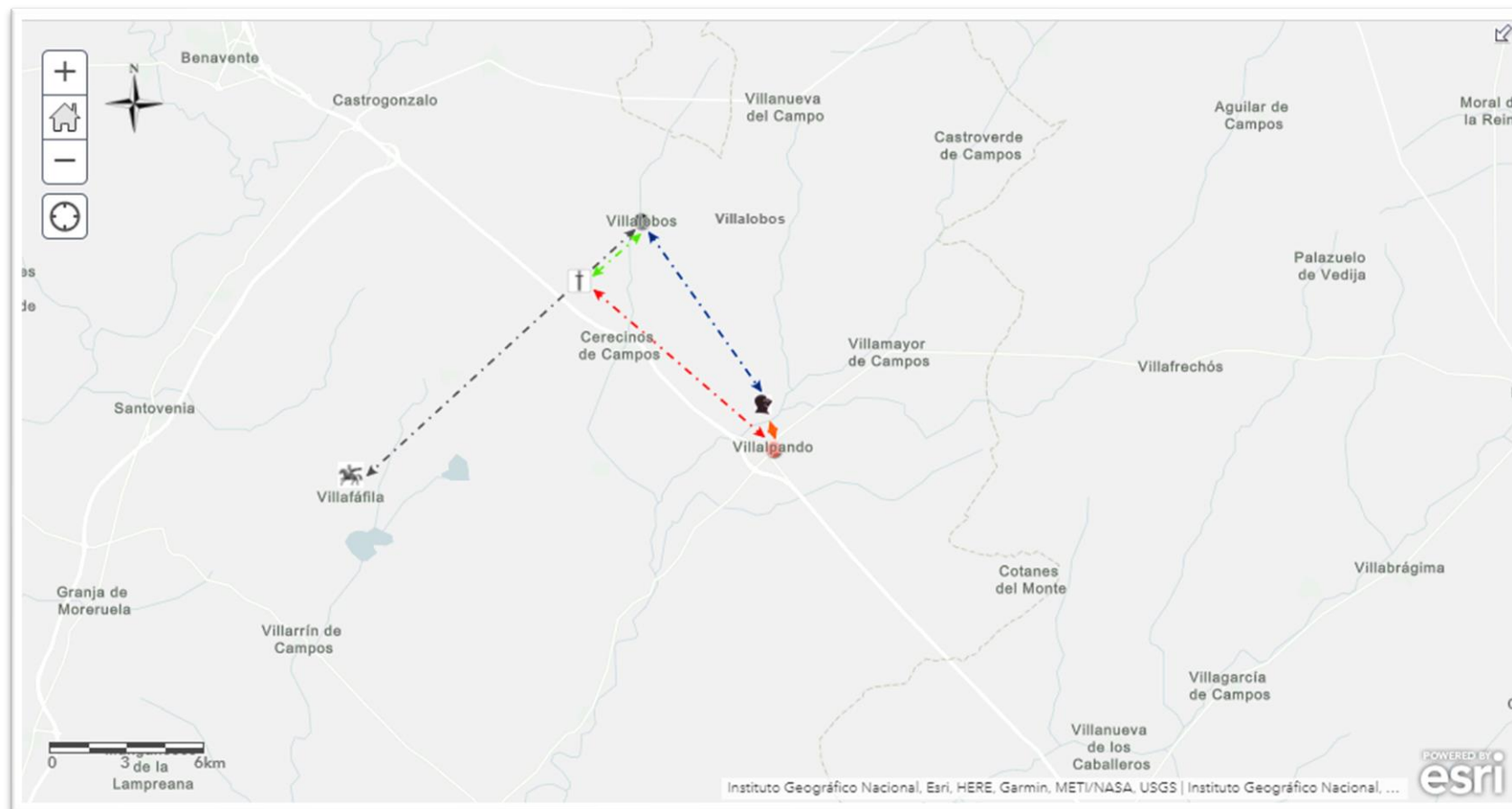
Movimentação de acorro do condestável:

Lugares:	Villalobos	Lugar acerca da ribeira que vem de Mayorcas	Villalobos
Intervalo de Tempo:	- Mesmo dia.		

Lugares:	Villalobos	Lugar acerca da ribeira que vem de Mayorcas	Lugar acerca da ribeira que vem de Mayorcas	Villalobos
Distâncias:	- Segundo as crónicas 1 grande légua.		- Segundo as crónicas 1 grande légua.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CIV (pp.219-220); Cap. CV (pp.220-221); Cap. CVI (pp.221-222); Cap. CVIII (pp.224-226); Cap. CIX (pp.226-228); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); CDJU, Año Noveno, Cap. I (pp.626-627); IDJ, pp. 31-32; IDN, p. 53

Mapa 156 | Continuação da campanha anglo-portuguesa, forragem do condestável a Villafáfila e deslocação a Villalpando (maio de 1387)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CIX (pp.226-228); CDC, Cap. LVII (pp.140-142);

Legenda:

<p>Forragem do condestável</p>	<p>Movimentação (ida e volta) de acorro dos do arraial</p>	<p>Forragem</p>	<p>Movimentação (ida e volta) dos franceses que roubaram parte da forragem</p>	<p>Roubo dos franceses à parte da forragem feita pelo condestável (Localização hipotética)</p>	<p>Movimentação (ida e volta) do condestável</p>	<p>Aguardaram em posição de batalha</p>	<p>Saída da vila Villalpando. Quando viram o condestável a avançar, retiraram-se para a vila</p>
--------------------------------	--	-----------------	--	--	--	---	--

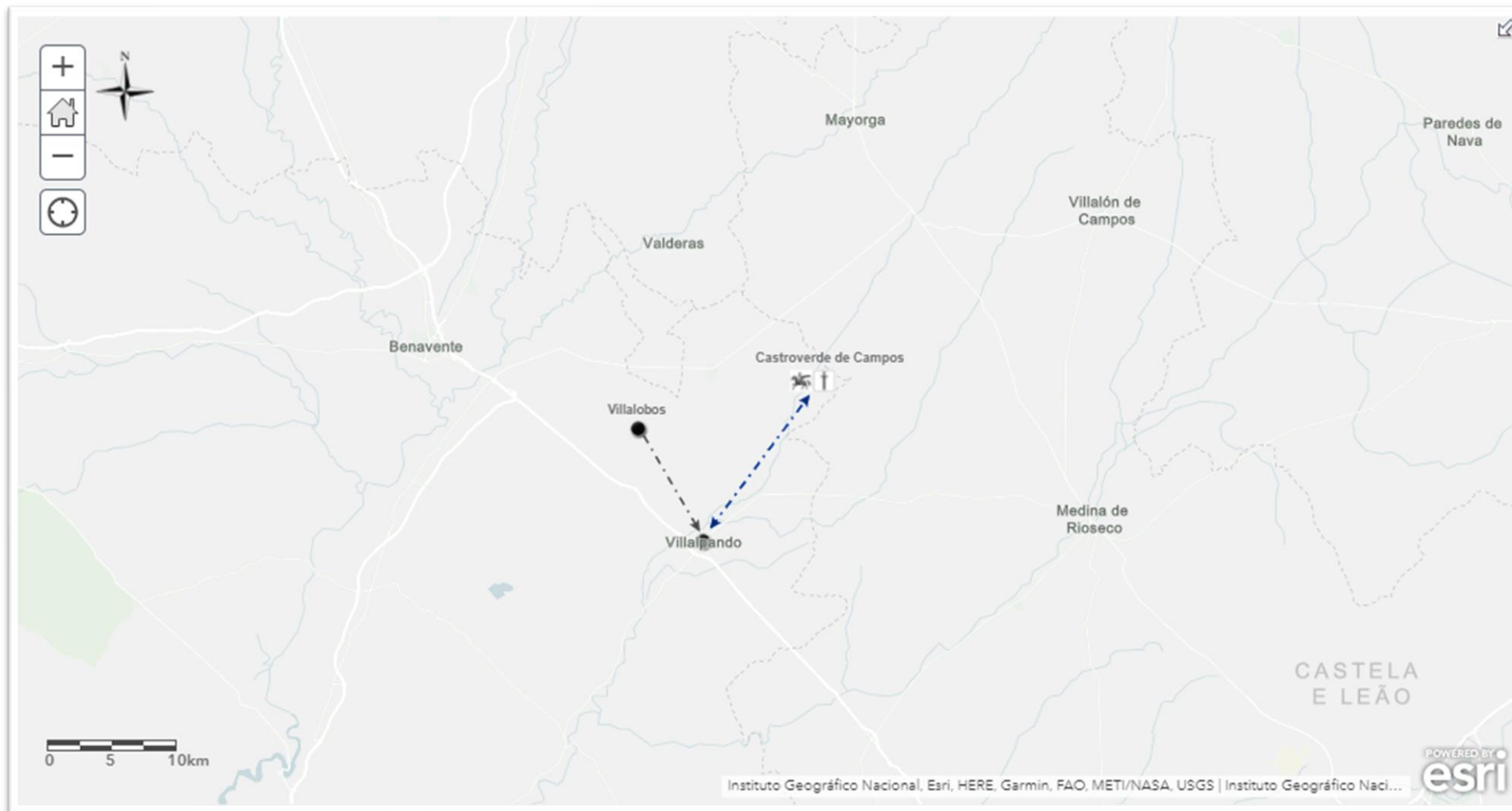
Face ao número de baixas, os moradores de Villalobos negociaram com os atacantes e optaram pela entrega do lugar. Cumprindo ordens do rei, o condestável foi forragear na região de Villafáfila. Quando regressava ao arraial alguns franceses que se encontravam ao serviço do monarca castelhano partiram de Villalpando e roubaram parte das azêmelas dos forrageadores. Quando souberam daquele roubo, os do arraial no encalço daqueles franceses, tendo conseguido recuperado tudo o que fora roubado. O condestável - que no momento do roubo vinha na retaguarda da coluna – quando chegou ao arraial e tomou conhecimento do que havia acontecido, partiu para Villalpando ao comando de um forte continente. Quando chegou ao lugar deparou-se com uma força de mil lanças capitaneada pelo conde francês de Longavila. Após os avanços das forças adversárias, o capitão francês achou mais prudente recolher-se no interior da vila, após o que o condestável retornou a Villalobos.

Data:	Data entre 9 e 12 de maio de 1387.
-------	------------------------------------

Lugares:	Villalobos	Villafáfila	Villalobos	Villalpando
Distâncias:	- 15,9 km.		- 10,3 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CIX (pp.226-228); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); IDN, pp. 53-54

Mapa 157 | Continuação da campanha anglo-portuguesa, deslocação de Vilalobos a Villalpando e fustigação a Castroverde (maio de 1387)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CX (pp.229-231); CDC, Cap. LVII (pp.140-142)

Legenda:

--->	Movimentação da hoste anglo-portuguesa	<--->	Fustigação de Rui Mendes de Vasconcelos		Correr a terra		Escaramuça
------	--	-------	---	--	----------------	--	------------

Constatando que a campanha não estava a ter o efeito pretendido – atrair Juan I para uma batalha campal – o monarca e o Duque de Lencastre resolveram regressar a Portugal. E para não darem a impressão de que tinham desistido da guerra, regressaram por um caminho diferente. Assim partiram de Villalobos e foram para Villalpando. Enquanto estiveram naquele lugar um contingente liderado por Rui Mendes de Vasconcelos fustigou Castroverde de Campos. Naquele lugar acabou por se envolver numa escaramuça durante a qual Rui Mendes de Vasconcelos foi atingido por um virotão, acabando por morrer no arraial de Villalpando.

Data:	Maio de 1387.
-------	---------------

Movimentação da hoste anglo-portuguesa:

Lugares:	Villalobos	Villalpando
Intervalo de Tempo:	- Terão partido do lugar no dia 12 de maio de 1387.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (12 de maio de 1387); - Terão permanecido no lugar até ao dia 14 de maio de 1387.

Lugares:	Villalobos	Villalpando
Distâncias:	- 10,3 km.	

Movimentação de Rui Mendes de Vasconcelos:

Lugares:	Villalpando	Castroverde de Campos	Villalpando
Intervalo de Tempo:	- No mesmo dia.		

Lugares:	Villalpando	Castroverde de Campos	Castroverde de Campos	Villalpando
Distâncias:	- 14,5 km.		- 14,5 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CX (pp.229-231); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); IDN, p. 54

Mapa 158 | Fim da campanha anglo-portuguesa, regresso a Portugal e movimentações subsequentes (entre maio e junho de 1387)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. CXI (pp.231-233); Cap. CXII (pp.233-234); Cap. CXIII (pp.234-236); Cap. CXV (pp.237-238); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); CDJU, Año Noveno, Cap. III (pp.628); IDJ, p.32; IDN, pp. 54-55

Legenda:

Movimentação da hoste anglo-portuguesa	Movimentação da hoste anglo-portuguesa referenciada nos (IDJ e IDN)	Peto de Santa Maria de Viso atravessaram o Douro a vau	Localização hipotética do lugar onde terão pernoitado acerca da margem do Douro	Lugares castelhanos que dispunham um contingente considerável	Movimentação (ida e volta) dos castelhanos que saíram de Salamanca	Escaramuça	Lugares referenciados nos (IDJ e IDN)	Perto de Ciudad Rodrigo atravessaram um pequeno rio através de uma pequena ponte	Os castelhanos de Ciudad Rodrigo, saíram da cidade e colocaram-se em posição de batalha	Localização hipotética do arraial da hoste anglo-portuguesa, meia légua de Ciudad Rodrigo	Movimentação do Duque de Lencastre	Movimentação do monarca português

Quando a hoste anglo-portuguesa partiu de Villalpando foi pousar num lugar chamado de Santa Maria do Viso (a duas léguas de Zamora). No dia seguinte atravessaram o Douro e instalaram o arraial na margem esquerda do rio. Depois de aí terem pernoitado seguiram na direção de Coralles del Vino, onde fizeram um novo alto. Dali partiram, atravessaram o Tormes e chegaram a Matilla de los Caños del Río.

Quando estavam a chegar ao lugar, uma força de trezentos ginetes capitaneada pelo infante Juan e Diogo López de Angul saiu de Salamanca para se lançar sobre as forças do monarca português e do duque de Lencastre. Apercebendo-se do perigo, o condestável destacou alguns combatentes e caiu sobre os castelhanos, perseguindo-os e acabando mesmo por capturar alguns deles, incluindo Diogo López de Angul. Enquanto a hoste anglo-portuguesa permanecia naquele lugar os capitães castelhanos e franceses - sabendo que a hoste estava debilitada pelas baixas e pelos combatentes doentes – juntaram-se em Ciudad Rodrigo decididos a atacar a coluna inimiga.

Entretanto, ao fim de alguns dias, a hoste anglo-portuguesa partiu de Matilla de los Caños del Río e foi para a Aldehuela de Yeltes, seguindo então na direção de Ciudad Rodrigo. Quando se aproximaram do lugar encontraram uma grande força castelhana posicionada fora da cidade a aguardar pela sua chegada. Quando viram o condestável, que comandava a vanguarda e as alas, pensando que era a totalidade da hoste, lançaram-se sobre o adversário no momento em que atravessam um pequeno rio. Após uma curta escaramuça, a vanguarda conseguiu efetuar a travessia e instalar uma cabeça de ponte na outra margem. Depois de a retaguarda atravessar o rio, decidiram assentar o arraial a meia légua de Ciudad Rodrigo. Enquanto estiveram naquele lugar houve algumas escaramuças com os da cidade. A hoste anglo-portuguesa acabou por regressar a Portugal; dali foram para Vale da Mula e daquele lugar para Almeida. Depois de estarem naquele lugar, D. João I e o duque foram para Trancoso. Depois do duque receber uma embaixada do monarca castelhano e de ter chegado a acordo onde abdicou do trono castelhano, dirigiu-se a Coimbra para ver a sua filha. O monarca, por sua vez, partiu em romaria a Guimarães.

Data:	Maio e junho de 1387.
-------	-----------------------

Movimentação da hoste anglo-portuguesa:

Lugares:	Villalpand o	Santa Maria do Viso	Lugar onde terão pernoitado acerca da margem do Douro	Corrales del Vino	Matilla de los Caños del Río	Aldehuela de Yeltes	Ciudad Rodrigo	Lugar onde assentaram o arraial, meia légua de Ciudad Rodrigo	Vale da Mula	Almeida
Intervalo de Tempo:	- Terão partido do lugar no dia 14 de maio de 1387.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (14 de maio de 1387); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (15 de maio de 1387).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (15 de maio de 1387); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (16 de maio de 1387).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (16 de maio de 1387); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (17 de maio de 1387).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (17 de maio de 1387); - Terão permanecido no lugar até ao dia 29 de maio de 1387; (Há documentação que atesta a presença do monarca no lugar nos dias 26 e 27 de maio de 1387).	- Terão chegado ao lugar no dia 29 de maio de 1387.		- O arraial foi assentado em inícios de junho de 1387.		- No dia 4 de junho de 1387 já é detetada a presença do monarca no lugar.

Lugares:	Corrales del Vino	Matilla de los Caños del Río	Matilla de los Caños del Río	Aldehuela de Yeltes	Aldehuela de Yeltes	Ciudad Rodrigo	Ciudad Rodrigo	Vale da Mula	Vale da Mula	Almeida
Distâncias:	- 61,8 km.		- 31,2 km.		- 25,4 km.		- 27,3 km.		- 7,45 km.	

Movimentação dos castelhanos que saíram de Salamanca:

Lugares:	Salamanca	Matilla de los Caños del Río	Salamanca
Intervalo de Tempo:	- No mesmo dia.		

Lugares:	Salamanca	Matilla de los Caños del Río	Matilla de los Caños del Río	Salamanca
Distâncias:	- 28,1 km.		- 28,1 km.	

Movimentação do Duque de Lencastre:

Lugares:	Almeida	Trancoso	Coimbra
Intervalo de Tempo:	- No dia 4 de junho de 1387 já se encontravam no lugar.		

Lugares:	Almeida	Trancoso	Trancoso	Coimbra
Distâncias:	- Segundo as crónicas 9 léguas; - 38 km.		- Segundo as crónicas 26 léguas; - 110,4 km.	

Movimentação do monarca português:

Lugares:	Almeida	Trancoso	Guimarães
Intervalo de Tempo:	- No dia 4 de junho de 1387 já se encontravam no lugar.		- A presença no lugar é detetada entre os dias 8 e 11 de junho de 1387.

Lugares:	Almeida	Trancoso	Trancoso	Guimarães	Almeida	Guimarães
Distâncias:	- Segundo as crónicas 9 léguas; - 38 km.		- 108,3 km.		- Segundo as crónicas 30 léguas; - 141,5 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CXI (pp.231-233); Cap. CXII (pp.233-234); Cap. CXIII (pp.234-236); Cap. CXV (pp.237-238); CDC, Cap. LVII (pp.140-142); CDJU, Año Noveno, Cap. III (pp.628); IDJ, p.32; IDN, pp. 54-55

Mapa 159 | Deslocação de D. João I ao Curval; deslocação do Duque de Lencastre e da sua filha ao Curval e deslocação a Coimbra de todos os citados (entre finais de junho e inícios de julho de 1387)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. CXVI (pp.239-240); Cap. CXVII (pp.240-241)

Legenda:

Movimentação do monarca português	Movimentação do monarca português, da rainha e do Duque de Lencastre	Movimentação da rainha D. Filipa e do Duque de Lencastre
-----------------------------------	--	--

Depois de ter ido em romaria a Guimarães, o monarca português foi para o Porto e daí para Coimbra. No caminho, em finais de junho de 1387, o monarca adoeceu nos paços do Curval. A rainha e o duque, ao saberem da doença de D. João I, partiram de Coimbra ao seu encontro. Depois de chegarem ao Curval, o monarca chamou o condestável e os outros fidalgos para testemunharem a elaboração do seu testamento. Depois de recuperar da doença, o monarca juntamente com a rainha e o duque, foram para Coimbra.

Data:	Junho – setembro de 1387.
-------	---------------------------

Movimentação do monarca português:

Lugares:	Guimarães	Porto	Curval
Intervalo de Tempo:			- Adoeceu em finais de junho; - A presença no lugar é detetada a partir do dia 3 de julho até ao dia 18 de julho de 1387.

Lugares:	Guimarães	Porto	Porto	Coimbra	Porto	Curval
Distâncias:	- 42,6 km.		- Segundo as crónicas 18 léguas; - 104,7 km.		- 42,3 km.	

Movimentação do monarca português, da rainha e do Duque de Lencastre:

Lugares:	Curval	Coimbra
Intervalo de Tempo:	- A presença no lugar é detetada até ao dia 18 de julho de 1387.	- Detetamos a presença do monarca português a partir do dia 3 de agosto até ao dia 4 de setembro de 1387.

Lugares:	Curval	Coimbra
Distâncias:	- 63,2 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CXVI (pp.239-240); Cap. CXVII (pp.240-241); IDJ, p. 32

Mapa 160 | Saída do Duque de Lencastre de Portugal. No regresso a frota portuguesa assola a costa da Galiza (setembro de 1387)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. CXVIII (pp.241-244); Cap. CXIX (pp.244-247); Cap. CXXVII (pp.263-265); CDJU, Año Noveno, Cap. VI (pp.630-631)

Legenda:

---➔ Movimentação das seis galés que o monarca mandou armar	---➔ Movimentação do Duque de Lencastre e do monarca português	---➔ Movimentação da frota portuguesa, onde ia o Duque de Lencastre	---➔ Movimentação de regresso da frota portuguesa	🚢 Devastações na Galiza
---	--	---	---	-------------------------

Feitas as pazes com o monarca castelhano, o duque decidiu que já era tempo de regressar ao seu senhorio. Por volta de setembro de 1387 o duque partiu de Coimbra para o Porto com os seus homens, acompanhado pelo monarca português e pela rainha. De modo a auxiliar o transporte das forças do duque, o monarca português mandou Afonso Furtado armar seis galés em Lisboa. Quando as galés chegaram ao Porto juntaram-se com as outras oito galés e, em conjunto, efetuaram o transporte dos ingleses até Bayonne. De regresso a Portugal, as galés de Afonso Furtado atacaram diversas povoações situadas na costa da Galiza.

Data:	Setembro de 1387.
-------	-------------------

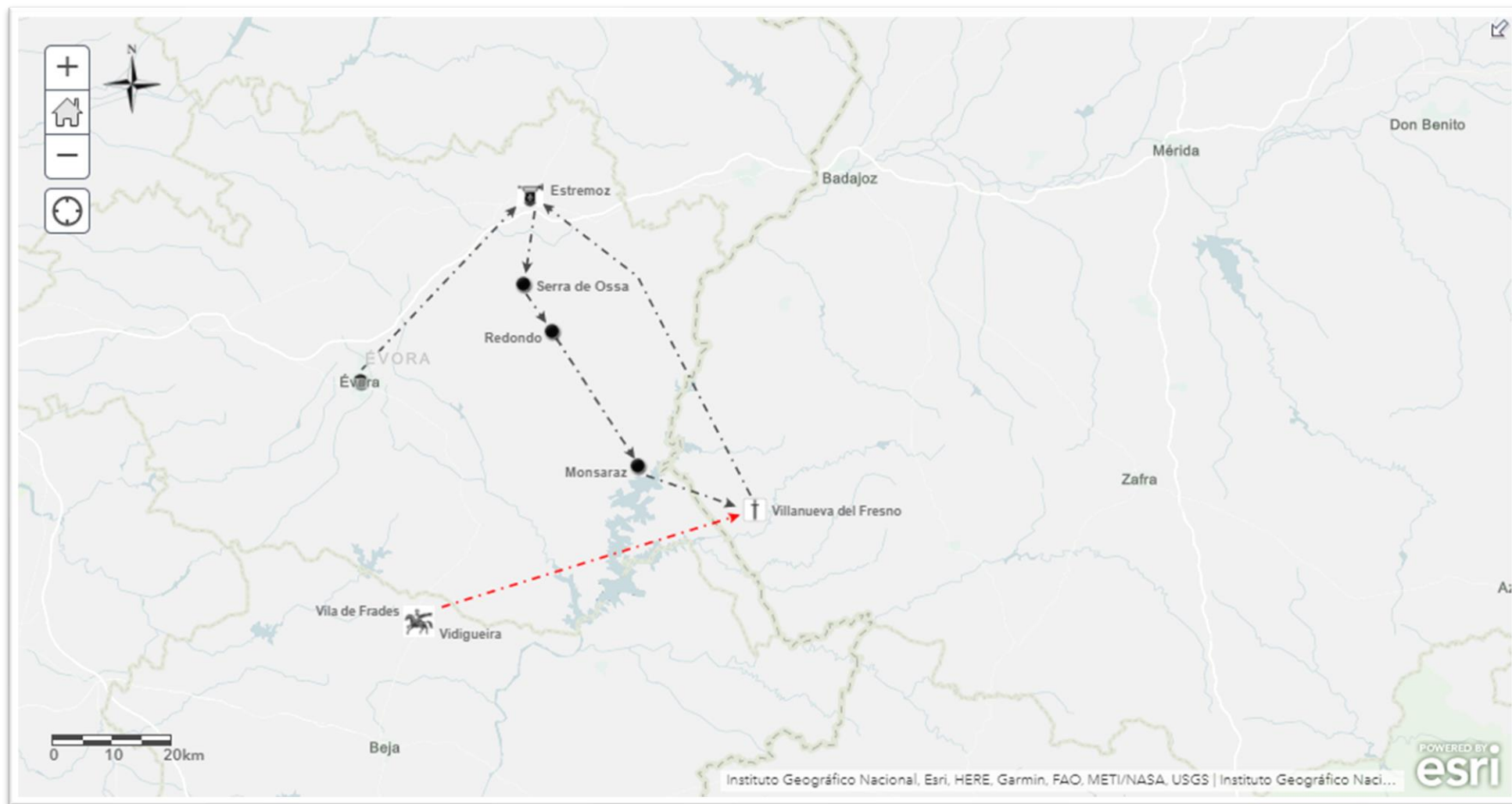
Composição da frota portuguesa que auxiliou o transporte do Duque de Lencastre:	- 14 galés.
---	-------------

Lugares:	Coimbra	Porto
Intervalo de Tempo:		- A partir do dia 9 de setembro de 1387 já se encontravam no lugar.

Lugares:	Coimbra	Porto
Distâncias:	- 104,7 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CXVIII (pp.241-244); Cap. CXIX (pp.244-247); Cap. CXXVII (pp.263-265); CDJU, Año Noveno, Cap. VI (pp.630-631); IDJ, p. 32

Mapa 161 | Entrada do Conde de Niebla contra Vidigueira e Vila de Frades; e perseguição do condestável a essas forças até Villanueva del Fresno (dezembro de 1387)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CXXXIII (pp.272-275); CDC, Cap. LIX (pp.144-147)

Legenda:

- - - ->	Movimentação do condestável e da sua hoste		Mobilização de um contingente	- - - ->	Movimentação de regresso do Conde de Niebla e da sua hoste		Cavalgada/Roubo dos lugares		Combate
----------	--	--	-------------------------------	----------	--	--	-----------------------------	--	---------

Enquanto se encontrava em Évora, nos finais de dezembro de 1387, o condestável soube que o Mestre de Santiago em Castela pretendia entrar em Portugal para atacar Estremoz e o Vimieiro. De modo a impedir essa entrada, o condestável partiu de Évora e foi mobilizar um contingente em Estremoz. O mestre ao saber que o condestável se preparava para ir ao seu encontro, desistiu da ideia. Quando Nuno Álvares soube que o mestre tinha desistido dos seus intentos, desmobilizou grande parte do seu contingente. Encontrando-se ainda em Estremoz, com a intenção de regressar a Évora, soube através de alguns moradores de Beja e de Serpa que o conde de Niebla - com uma força composta por setecentas lanças e muitos besteiros e homens de pé - queria entrar em Portugal para assolar a região do Campo de Ourique. Sabendo disto, Nuno Álvares partiu de imediato, com as poucas gentes que tinha, e foi naquela direção. Depois de atravessar a serra de Ossa, pernoitou junto à ribeira. No dia seguinte passou pelo Redondo, até que chegou a Monsaraz. Nessa manhã, as forças do conde de Niebla tinham já roubado a Vidigueira e Vila de Frades, e dirigiam-se para Villanueva del Fresno. Tomando conhecimento do trajeto das forças adversárias, o condestável foi no seu encalço com as oitenta lanças e os cento e cinquenta homens de pé que dispunha. Andando toda a noite, pela madrugada chegou ao lugar onde se encontravam os castelhanos que, apanhados de surpresa, foram desbaratados. O condestável conseguiu recuperar todo o saque e regressou a Estremoz.

Data:	Dezembro de 1387.
Composição do contingente do condestável que foi a Villanueva del Fresno:	- 80 lanças; - 150 homens de pé.
Composição da força do conde de Niebla:	- 700 lanças; - Muitos homens de pé e besteiros.

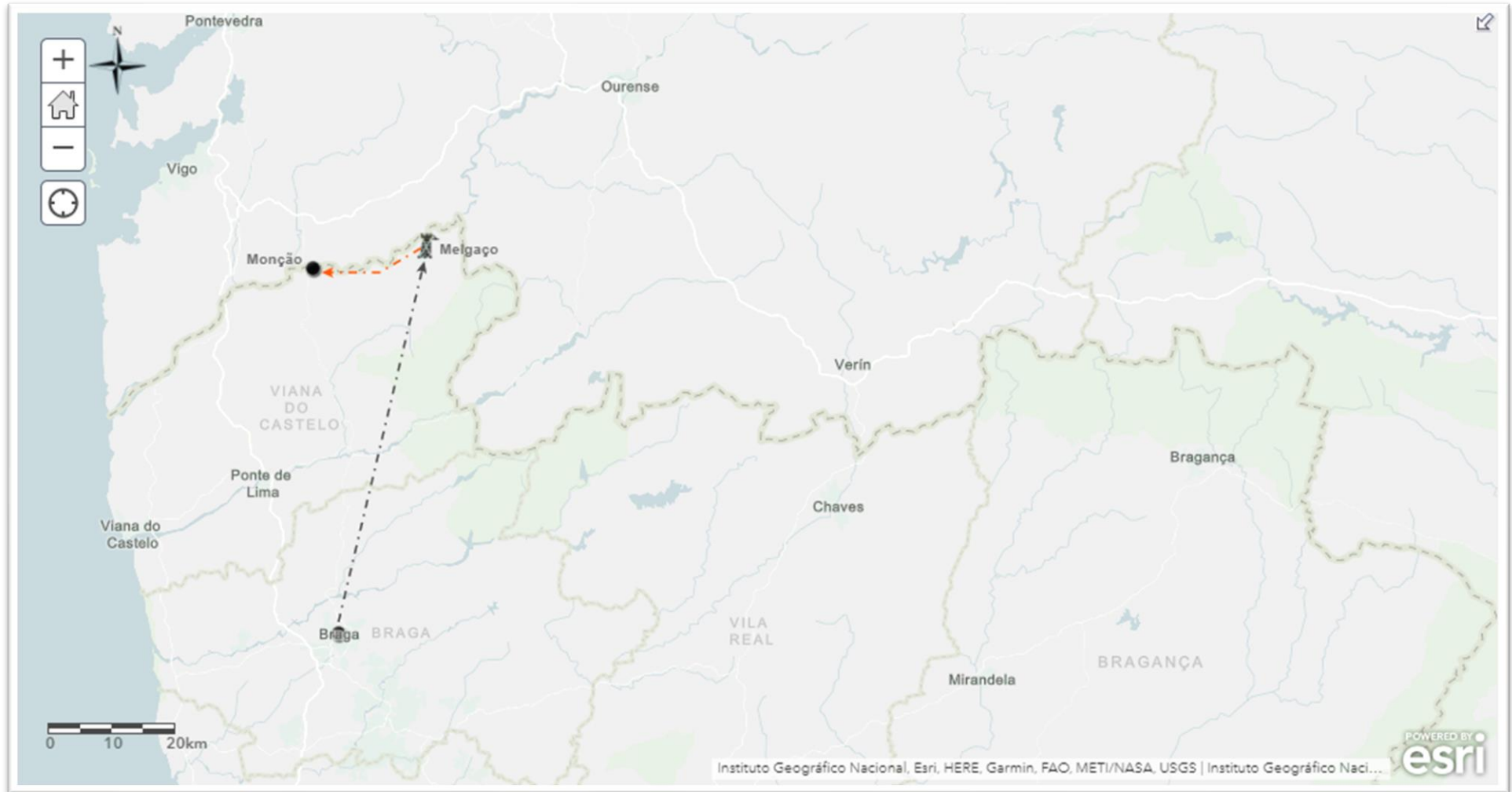
Movimentação de Nuno Álvares Pereira:

Lugares:	Évora	Estremoz	Serra de Ossa	Redondo	Monsaraz	Villanueva del Fresno	Estremoz
Intervalo de Tempo:			<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Estremoz; - Pernoitaram no lugar; - Partiram do lugar no dia seguinte. 	<ul style="list-style-type: none"> - Passaram no lugar no mesmo dia que partiram da Serra de Ossa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram da Serra de Ossa; - Partiram do lugar ao serão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar na madrugada. 	<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no mesmo dia.

Lugares:	Évora	Estremoz	Estremoz	Serra de Ossa	Serra de Ossa	Redondo	Redondo	Monsaraz
Distâncias:	- 42,1 km.		- 14,7 km.		- 9,12 km.		- 26,9 km.	
Lugares:	Monsaraz	Villanueva del Fresno	Villanueva del Fresno	Estremoz	Vila de Frades	Vidigueira	Vidigueira	Villanueva del Fresno
Distâncias:	- Segundo as crónicas 4 léguas;		- 63,8 km.		- 2,24 km.		- 58,5 km.	
	- 19,9 km.							

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CXXXIII (pp.272-275); CDC, Cap. LIX (pp.144-147); IDN, pp. 57-58

Mapa 162 | Cerco a Monção e deslocação do monarca após a tomada do lugar (entre janeiro e março de 1388)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. CXXXIV (pp.275); Cap. CXXXV (pp.276-277); Cap. CXXXVI (pp.277-280); CDJU, Año Décimo, Cap. III (pp.640-641)

Legenda:

Movimentação do monarca e da sua hoste	Movimentação do monarca e da rainha	Cerco
--	-------------------------------------	-------

Apesar do tempo de inverno, no mês de janeiro de 1388 o monarca português partiu de Braga – com uma força composta por mil e quinhentas lanças e muitos homens de pé – com o intuito de cercar Melgaço. Ao fim de cinquenta e três dias de cerco, quando as bastidas entretanto construídas foram aproximadas dos muros do lugar, os sitiados renderam-se e entregaram o lugar. Depois de deixar na vila e no castelo João Rodrigues de Sá, o monarca português e a rainha – que, entretanto, se tinha juntado ao marido para assistir ao assédio – partiram para Monção.

Data:	Janeiro – março de 1388.
-------	--------------------------

Composição da hoste do monarca português:	- 1500 lanças; - Muitos homens de pé.
---	--

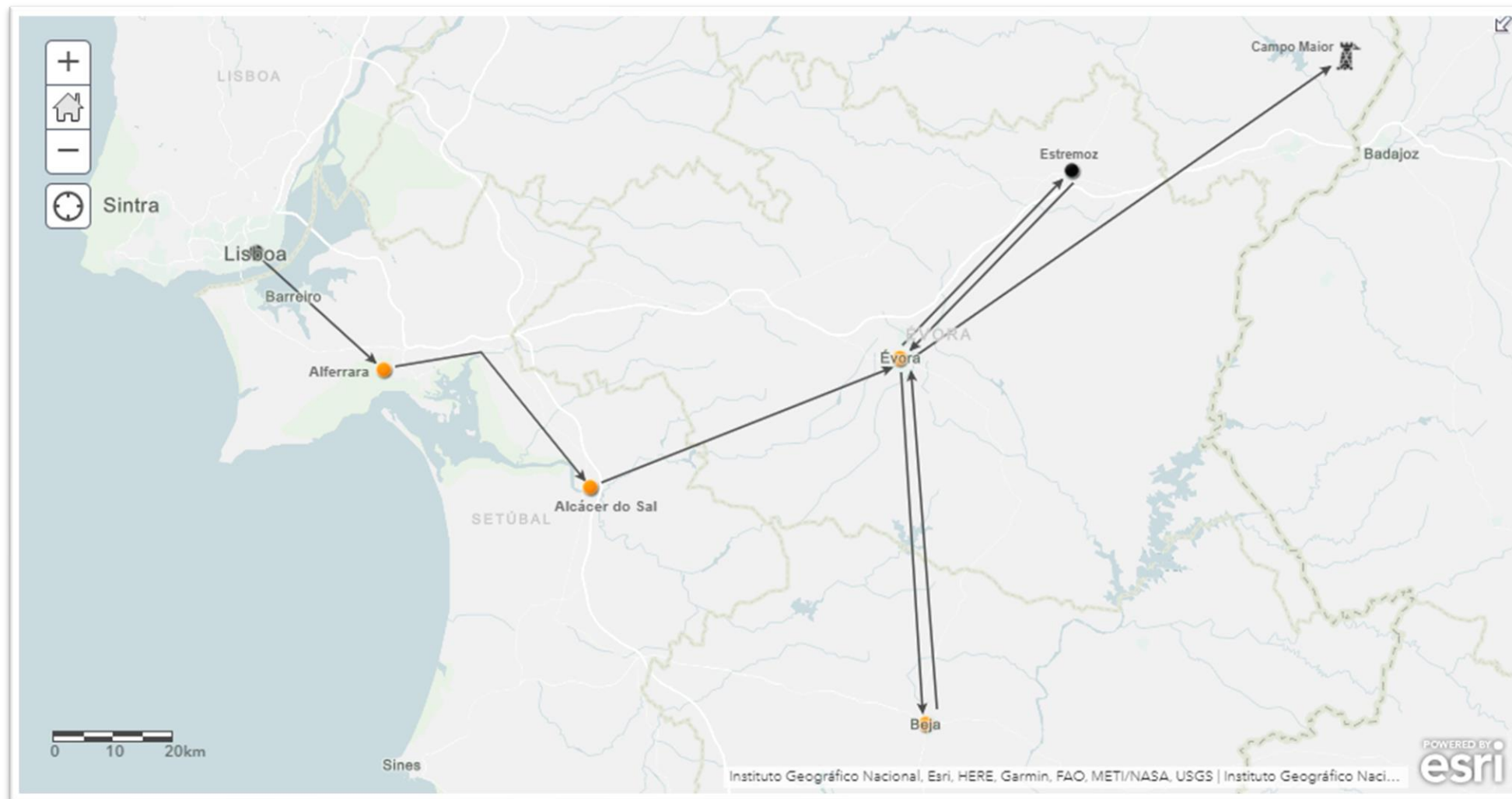
Movimentação do monarca e da sua hoste:

Lugares:	Braga	Melgaço
Intervalo de Tempo:		- Chegaram ao lugar no dia 10 de janeiro de 1388; - Permaneceram no lugar 53 dias; - No dia 3 de março de 1388 tomaram o lugar através de uma preitesia.

Lugares:	Braga	Melgaço	Melgaço	Monção
Distâncias:	- 63,8 km;		- Segundo as crónicas 3 léguas; - 18,7 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CXXXIV (pp.275); Cap. CXXXV (pp.276-277); Cap. CXXXVI (pp.277-280); CDJU, Año Décimo, Cap. III (pp.640-641); IDJ, p. 37

Mapa 163 | Deslocações de D. João I até ao Cerco a Campo Maior (entre junho e setembro de 1388)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. CXXXVII (pp.280-281); Cap. CXXXVIII (pp.281-282); CDC, Cap. LX (pp.147-148); CDJU, Año Décimo, Cap. III (pp.640-641); IDJ, p. 37

Legenda:

Movimentação referenciada nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i>	Lugares referenciados nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i>
--	--

De Monção o monarca e a rainha partiram para Lisboa. Ao fim de algum tempo o monarca parte em direção de Campo Maior, praça-forte que ainda mantinha voz por Castela. No percurso passa por Alferrara, Alcácer do Sal, Évora, Beja, de novo Évora, Estremoz, outra vez Évora, até que atingiu Campo Maior.

Data:	Junho – setembro de 1388.
-------	---------------------------

Lugares:	Lisboa	Alferrara	Alcácer do Sal	Évora	Beja	Évora	Estremoz	Évora	Campo Maior
Intervalo de Tempo:	- Chegou a Lisboa no dia 20 de junho de 1388; - Permaneceu no lugar até ao dia 27 de junho de 1388.								- Chegou ao lugar no dia 15 de setembro de 1388.

Lugares:	Lisboa	Alferrara	Alferrara	Alcácer do Sal	Alcácer do Sal	Évora	Évora	Beja
Distâncias:	- 28,7 km.		- 39,9 km.		- 56,2 km.		- 61,3 km.	
Lugares:	Beja	Évora	Évora	Estremoz	Estremoz	Évora	Évora	Campo Maior
Distâncias:	- 61,3 km.		- 42,1 km.		- 42,1 km.		- 88,7 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CXXXVII (pp.280-281); Cap. CXXXVIII (pp.281-282); CDC, Cap. LX (pp.147-148); CDJU, Año Décimo, Cap. III (pp.640-641); IDJ, p. 37

Ao contrário do que sustenta Fernão Lopes, que adianta que o rei se encontrava em Estremoz, *Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)* adiantam que, antes de chegar a Campo Maior, o monarca português estava em Évora. Quando o monarca chegou com a sua hoste a Campo Maior, o lugar foi logo cercado. Durante o cerco, muita gente da Andaluzia, com os mestres castelhanos de Santiago e de Calatrava foram para Badajoz, de onde pretendiam avançar em socorro dos sitiados. Martim Afonso de Melo tomando conhecimento da vinda daquelas gentes, partiu à meia-noite do arraial e montou-lhes uma cilada a cerca de uma légua de Badajoz. No dia seguinte, quando as oitenta lanças castelhanas – que partiram de Badajoz para irem observar o arraial português - regressavam à cidade foram surpreendidas pelas forças de Martim Afonso de Melo. Durante o cerco de Campo Maior, muitos homens assolaram as imediações de Badajoz. Numa dessas operações Martim Afonso de Melo chegou mesmo a assolar a região de Albuquerque ao comando de setenta lanças. No decurso desta operação, conseguiu que as forças de Garcia Gonçalves e do seu irmão Fernão Garcia, saíssem do lugar e atraí-los para uma cilada na qual desbaratou o contingente castelhano. No dia 13 de outubro de 1388, os sitiadores conseguiram tomar a vila, mas não o castelo. Passados dezoito dias, tendo a vila sido já tomada, vendo que não se podiam defender no castelo, no dia 1 de novembro de 1388, os últimos defensores encetaram negociações com monarca português, que lhes concedeu um prazo para solicitarem e receberem ajuda de Juan I de Castela. E como esse socorro não veio, o castelo foi entregue a D. João I no dia 1 de dezembro de 1388.

Data:	Setembro – dezembro de 1388.
Composição da força de Martim Afonso de Melo que foi a Albuquerque:	- 70 lanças.
Composição das lanças castelhanas de Badajoz que foram reconhecer o arraial português:	- 80 lanças.

Movimentação do monarca português:

Lugares:	Évora (Segundo Fernão Lopes partiram de Estremoz, contudo a informação do cronista não corresponde à verdade)	Campo Maior
Intervalo de Tempo:		<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar no dia 15 de setembro de 1388; - No dia 13 de outubro de 1388 tomaram a vila do lugar; - No dia 1 de dezembro de 1388 tomaram o castelo através de uma preitesia.

Lugares:	Évora	Campo Maior	Estremoz	Campo Maior
Distâncias:	- 88,7 km.		- 48,7 km.	

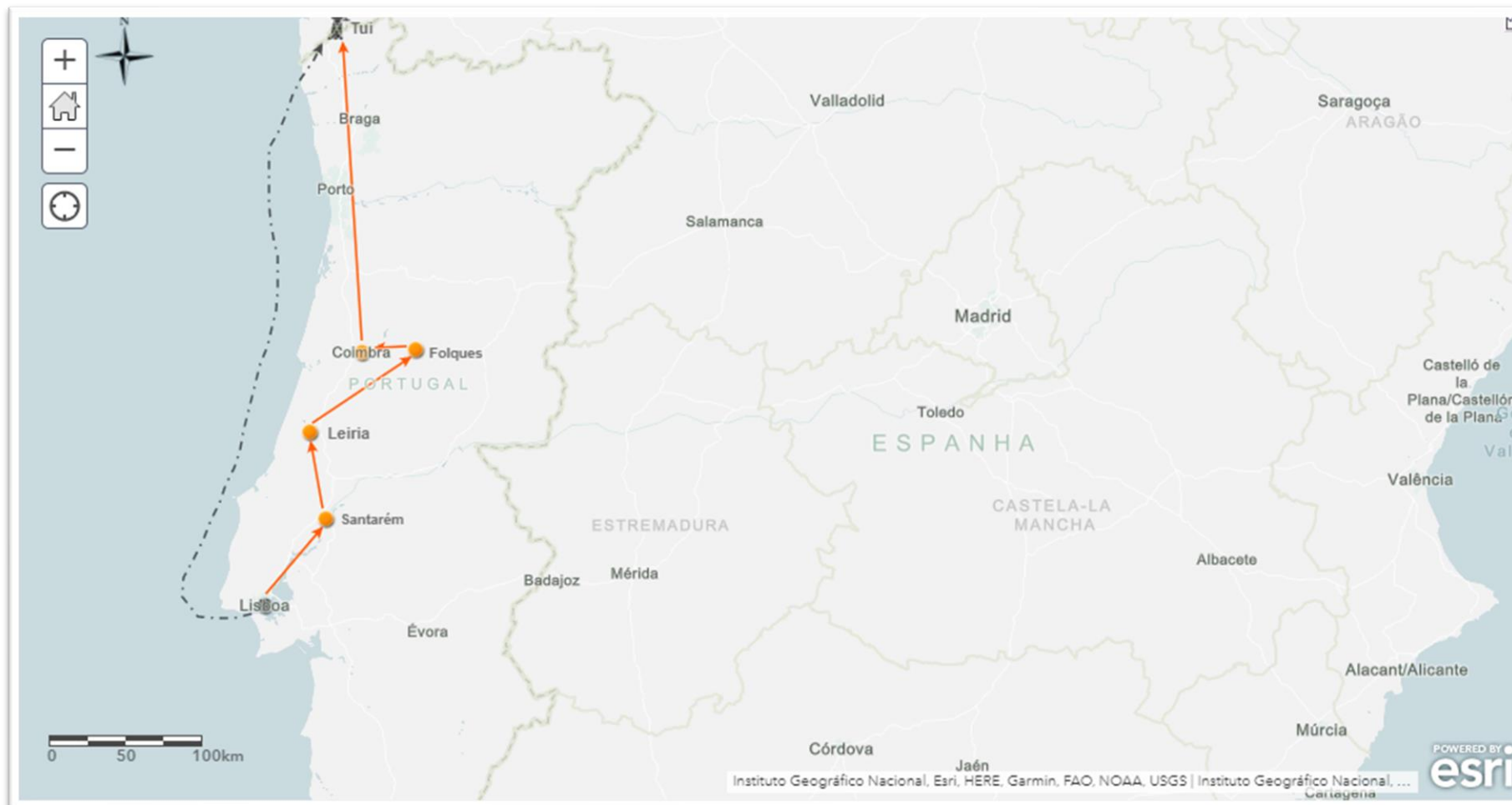
Movimentação de Martim Afonso de Melo:

Lugares:	Campo Maior	Lugar a uma légua de Badajoz onde emboscaram os castelhanos	Campo Maior
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar à meia-noite.	- Chegaram ao lugar ainda naquela noite.	- No dia seguinte.

Lugares:	Campo Maior	Badajoz	Badajoz	Campo Maior	Campo Maior	Albuquerque
Distâncias:	- 17,6 km.		- 17,6 km.		- 23,8 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CXXXVII (pp.280-281); Cap. CXXXVIII (pp.281-282); CDC, Cap. LX (pp.147-148); CDJU, Año Décimo, Cap. III (pp.640-641); IDJ, p. 37; IDN, p. 58

Mapa 165 | Cerco de Tui e deslocação do condestável e das milícias concelhias de Lisboa para auxiliar nas operações de cerco (entre agosto e outubro de 1389)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. CXL (pp.287-289); CDJU, Año Undécimo, Cap. V (pp.648-649); IDJ, p.41

Legenda:

Movimentação do monarca português e da sua hoste referenciada nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i>	Lugares referenciados nos <i>Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)</i>	Movimentação do condestável, do concelho de Lisboa e de alguns fidalgos da estremadura	Cerco
--	--	--	-------

Encontrando-se em Lisboa o monarca português partiu para Tui porque o detentor do lugar, Paio Soroeida queria entregar o lugar. Quando D. João I chegou ao lugar tomou conhecimento das reais intenções do alcaide – Paio Soroeida com o pretexto de entregar a cidade queria prender o monarca – pelo que, no dia 23 de agosto de 1389, deu início ao cerco. Durante as operações, começaram a surgir notícias segundo as quais o monarca castelhano pretendia descercar Tui e dar batalha ao rei português. Face a esses rumores, D. João I solicitou o auxílio do condestável – que se encontrava no Alentejo - e do concelho de Lisboa. Depois de embarcarem em seis galés, os reforços lisboetas demoraram quatro dias a chegar a Tui. Ao fim de algum tempo, os sitiados renderam-se e entregaram a cidade.

Data:	Agosto – outubro de 1389.
-------	---------------------------

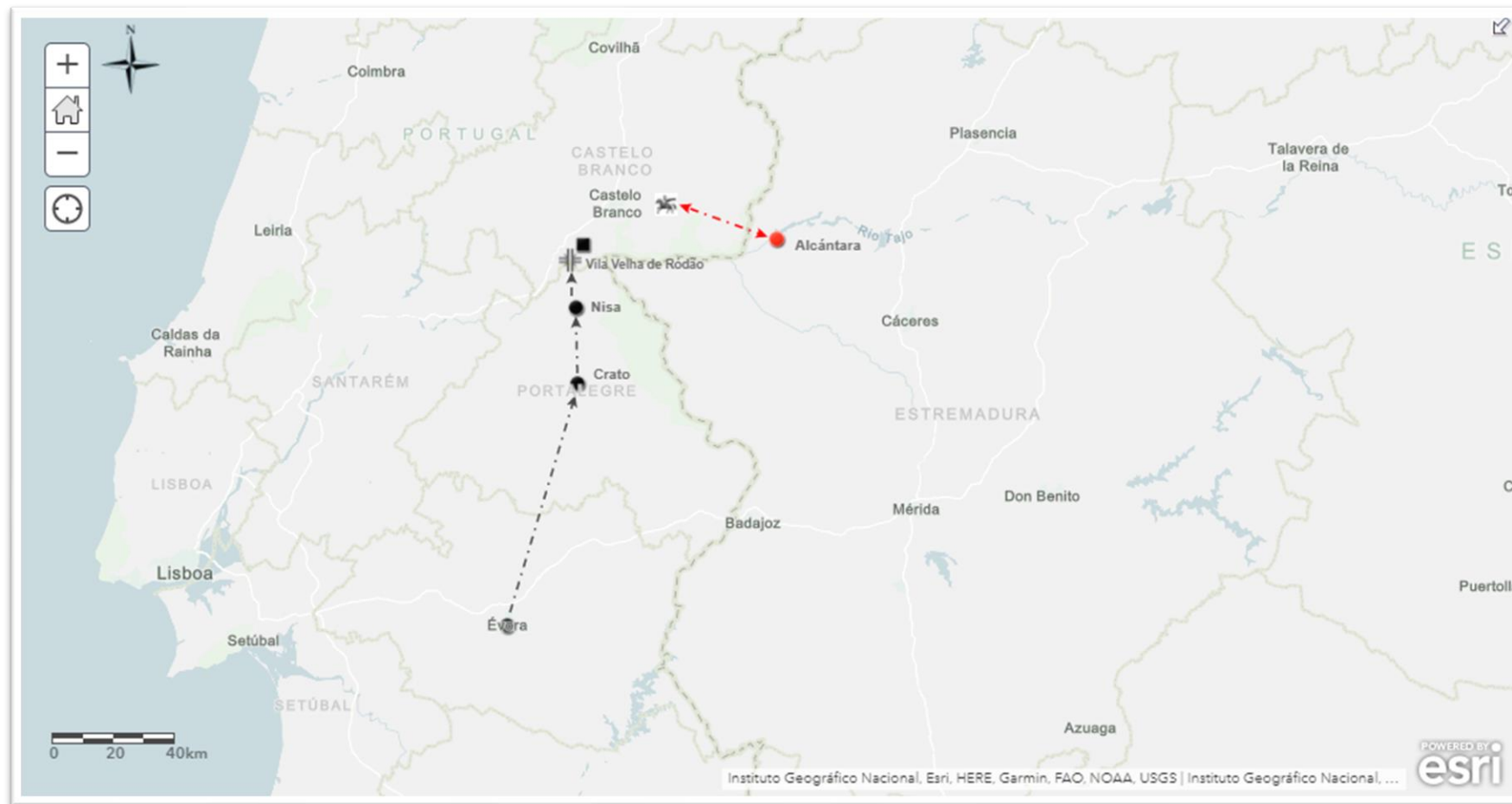
Movimentação do monarca português:

Lugares:	Lisboa	Santarém	Leiria	Folques	Coimbra	Tui
Intervalo de Tempo:						<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar e colocaram arraial no dia 23 de agosto de 1389; - O lugar foi capitulado no dia 18 de outubro de 1389.

Lugares:	Lisboa	Santarém	Santarém	Leiria	Leiria	Folques	Folques	Coimbra	Coimbra	Tui
Distâncias:	- 69,6 km.		- 57,1 km.		- 87 km.		- 34,8 km.		- 205,1 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CXL (pp.287-289); CDJU, Año Undécimo, Cap. V (pp.648-649); IDJ, p.41

Mapa 166 | Entrada do mestre castelhano de Alcântara pela comarca de Castelo Branco e movimentação do condestável para o tentar intercetar (data entre agosto e outubro de 1389)



Fonte: CDC, Cap. LXII (pp.150-151)

Legenda:

<p>---></p> <p>Movimentação do condestável e das gentes que conseguiu reunir</p>	<p>≡ Travessia do Tejo (possivelmente através de uma ponte de barcas que existia no lugar)</p>	<p>■ Localização hipotética do lugar na outra margem do Tejo onde se terão alojado e ficaram a saber que o mestre de Alcântara já se encontrava em Castela</p>	<p><---></p> <p>Entrada do mestre castelhano de Alcântara</p>	<p>🐎 Cavalgada/correr a terra</p>
---	--	--	---	-----------------------------------

Enquanto D. João I cercava Tui (entre 23 de agosto e 18 de outubro de 1389), o mestre castelhano de Alcântara Martim Anes de Barbudo, com uma força de trezentas lanças composta por muitos peões e besteiros entrou pela comarca de Castelo Branco. Quando o condestável tomou conhecimento daquela entrada decidiu ir sobre os castelhanos. De Évora foi para o Crato, onde se lhe juntaram mais homens, para Nisa e, no mesmo dia, atravessaram o Tejo pela barca de Vila Velha do Rodão. Durante a noite e quando se encontravam acampados junto ao Tejo, as forças portuguesas souberam que o mestre de Alcântara - tomando conhecimento das movimentações do condestável – tinha desistido dos seus intentos e regressado a Castela.

Data:	Em data entre 23 de agosto e 18 de outubro de 1389.
-------	---

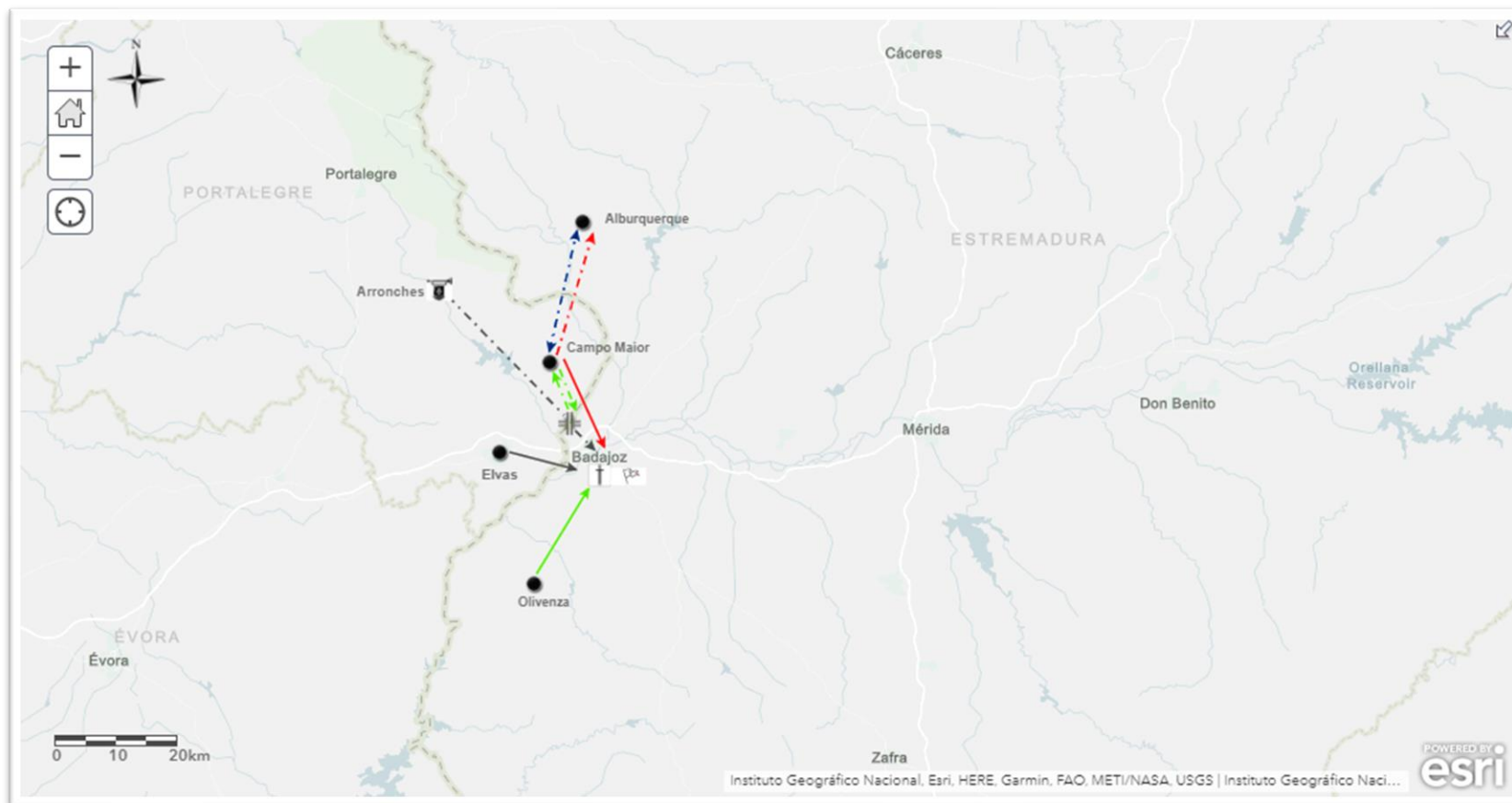
Composição do contingente do Mestre de Alcântara:	- 300 lanças; - Muitos peões e besteiros.
---	--

Lugares:	Évora	Crato	Nisa	Vila Velha de Rodão
Intervalo de Tempo:	- Mesmo dia.			

Lugares:	Évora	Crato	Crato	Nisa	Nisa	Vila Velha de Ródão	Alcântara	Castelo Branco	Crato	Vila Velha de Ródão
Distâncias:	- 83,3 km.		- 25 km.		- Segundo as crónicas 4 léguas; - 15,4 km.		- 53,6 km.		- Segundo as crónicas 9 léguas; - 40,4 km.	

Fonte: CDC, Cap. LXII (pp.150-151); IDN, pp. 60-61

Mapa 167 | Movimentações até à tomada de Badajoz por parte de Martim Afonso e tentativa de tomada de Albuquerque por Rodrigo Afonso (maio de 1396)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLVIII (pp.330-334); CDC, Cap. LXIII (pp.153-155); CDHIII, Año Sexto, pp.909

Legenda:

Movimentação de Martim Afonso e das gentes que conseguiu reunir	Movimentação de Martim Afonso	Movimentação de reconhecimento de Martim Afonso e do seu tio.	Tentativa de tomar o lugar de Albuquerque por parte de Rodrigo Afonso	Movimentação dos de Olivença	Movimentação de Álvaro Coitado e do concelho de Elvas	Movimentação dos de Campo Maior	Mobilização de um contingente	Localização hipotética do vau do Mouro (algum vau sobre o rio Caia)	Combate do lugar	Toma do lugar

Devido ao incumprimento das tréguas firmadas entre Portugal e Castela, D. João I decidiu, como retaliação, capturar as cidades de Badajoz e de Albuquerque. Martim Afonso de Melo - depois de assegurar o apoio por parte de um morador de Badajoz, que lhe devia abrir uma das portas do lugar – mobilizou um contingente no azinhal de Arronches e foi para o vau do Mouro (um vau do Caia). Nesse lugar aguardaram pelas novidades do morador Gonçalo Eanes que, assim que tivesse assegurado o domínio de uma das portas deveria avisar. Enquanto aguardava por notícias, Martim Afonso partiu para Campo Maior; e numa noite foi com o seu tio, Rodrigo Afonso mostrar-lhe o lugar por onde devia escalar o castelo de Albuquerque. Depois de mostrar o sítio, após o que retornou a Campo Maior, onde foram construídas escadas de assalto. No dia 11 de maio de 1396, quando conseguiu assegurar uma das portas, Gonçalo Eanes dirigiu-se para o vau do Mouro para informar Martim Afonso que o plano corria como combinado. Depois de acertarem os pormenores, na manhã do dia seguinte (12 de maio de 1396) as forças de Martim Afonso entraram em Badajoz apossando-se da cidade. Quando Elvas, Olivença e Campo Maior souberam o que se desenrolava, enviaram de imediato um contingente em auxílio de Martim Afonso. Quanto a Rodrigo Afonso, não conseguiu tomar Albuquerque.

Data:	Maio de 1396.
-------	---------------

Movimentação de Martim Afonso e das gentes que conseguiu reunir:

Lugares:	Arronches	Vau do Mouro	Badajoz
Intervalo de Tempo:		<ul style="list-style-type: none"> - No dia 11 de maio de 1396 já se encontravam no lugar; - Na manhã do dia seguinte partiram do lugar (12 de maio de 1396). 	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (12 de maio de 1396).

Movimentação de Martim Afonso e do seu tio:

Lugares:	Campo Maior	Albuquerque
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar de noite.	- Chegaram ao lugar de noite.

Movimentação das gentes de Elvas, Olivença e Campo Maior:

Lugares:	- Elvas; - Olivença; - Campo Maior;	Badajoz
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 12 de maio de 1396.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (12 de maio de 1396).

Lugares:	Arronches	Badajoz	Elvas	Badajoz	Olivenza	Badajoz	Campo Maior	Albuquerque	Campo Maior	Badajoz
Distâncias:	- 38,5 km.		- 16,9 km.		- 23,8 km.		- 23,8 km.		- 17,6 km.	


Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLVIII (pp.330-334); CDC, Cap. LXIII (pp.153-155); CDHIII, Año Sexto, pp. 909

Mapa 168 | Captura de duas naus portuguesas no largo do cabo de são Vicente por parte da frota castelhana (setembro de 1396)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLIX (pp.334-335)

Legenda:

- - - ->	Movimentação das duas naus portuguesas	- - - ->	Movimentação da frota castelhana armada na biscaia		Captura de duas naus portuguesas carregadas de armas e trigo
----------	--	----------	--	---	--

Após a tomada de Badajoz iniciaram-se novas negociações com vista à assinatura de uma trégua. Contudo, o monarca castelhano, secretamente, preparava uma nova invasão a Portugal. Além disso, a sua frota, armada na Biscaia, capturou no cabo de São Vicente, duas naus portuguesas que vinham de Génova carregadas de armas e de trigo.

Data:	Setembro de 1396.
-------	-------------------

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLIX (pp.334-335); IDN, p. 66

Mapa 169 | Incursão do condestável castelhano e dos fidalgos portugueses da beira em Viseu; entrada dos mestres castelhanos de Santiago, Calatrava e Alcântara no Alentejo; e deslocação da hoste régia de Coimbra a Évora (em data compreendida entre 15 de março e novembro de 1396)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLX (pp.336-338); CDC, Cap. LXIII (pp.153-155); Cap. LXV (pp.155-157)

Legenda:

Entrada do condestável castelhano e dos fidalgos portugueses da beira	Roubos na comarca	Destruição da cidade	Movimentação (ida e volta) do condestável	Movimentação do monarca português	Mobilização de um contingente / e ajuntamento do contingente com a hoste régia em Coimbra	Movimentação do condestável e das gentes que conseguiu reunir em Évora	Movimentação do monarca português, do condestável e da hoste	Em Punhete (Constância) atravessaram o Tejo através de uma ponte de barcas	Travessia do Guadiana, perto do vau de Serpa. Os castelhanos tiveram grandes dificuldades na travessia devido ao elevado caudal do rio

Depois de as tréguas serem quebradas, no ano de 1396, o condestável castelhano e os fidalgos portugueses da Beira entraram por aquela comarca, chegando até Viseu. D. João I encontrando-se em Santarém, mandou logo mobilizar a sua hoste. O condestável, assim que recebeu o pedido do monarca, mobilizou em Évora mil e duzentas lanças. Enquanto eram mobilizadas aquelas lanças, Nuno Álvares partiu na companhia de alguns homens para se encontrar com o monarca em Santarém. Passado algum tempo souberam que os castelhanos já tinham regressado a Castela. Como os castelhanos já tinham regressado, decidiram retaliar entrando em Castela. O condestável devia ir a Évora buscar o contingente mobilizado e encontrar-se em Coimbra com a hoste do monarca. (Esta deslocação para Coimbra e o itinerário até chegarem a Évora apresentados por Fernão Lopes, revelam-se fantasiosos segundo Baquero Moreno. Apesar do itinerário ser fantasioso reproduzimos na mesma o mapa). Em Coimbra souberam da entrada e dos roubos que os mestres castelhanos de Santiago, Calatrava e Alcântara faziam nos termos de Beja, Moura, Serpa e Campo de Ourique. Devido a esta entrada abandonaram os planos de retaliação e dirigiram-se para o Alentejo; atravessaram o Tejo em Punhete (atual Constância) e chegaram a Montargil, onde ficaram a saber que os Castelhanos, no dia anterior, tinham atravessado o Guadiana em Serpa e já se encontravam em Castela. O monarca e o condestável seguiram para Arraiolos, e daquele lugar para Évora.

Entrada do condestável castelhano e dos fidalgos portuguesas da Beira:

Data:	<ul style="list-style-type: none"> - Segundo o itinerário de D. João I a entrada ter-se há dado entre março e maio (entre 15 de março e 28 de maio de 1396); - Segundo o itinerário de Nuno Álvares Pereira a entrada ter-se-á dado em setembro de 1396.
-------	--

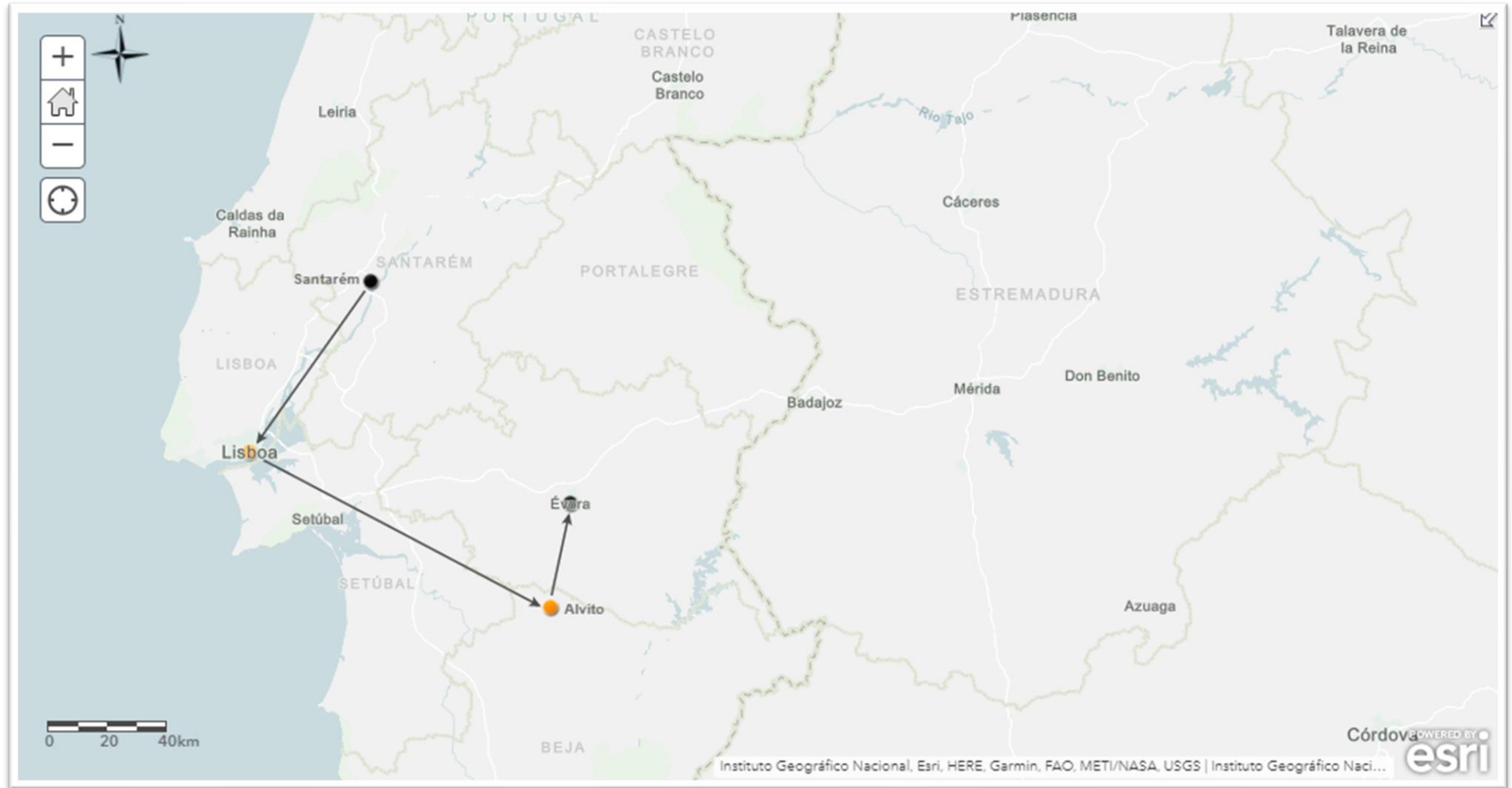
Entrada dos mestres castelhanos no Alentejo:

Data:	<ul style="list-style-type: none"> - Segundo o itinerário de Nuno Álvares Pereira a entrada ter-se há dado entre outubro e novembro de 1396; - Segundo o itinerário de D. João I a entrada ter-se há dado em dezembro de 1396.
-------	--

Lugares:	Moura	Serpa	Serpa	Beja	Beja	Ourique	Ourique	Serpa	Évora	Santarém
Distâncias:	- 25 km.		- 25,2 km.		- 51,7 km.		- 64,5 km.		- 99,9 km.	
Lugares:	Santarém	Coimbra	Coimbra	Punhete (Constância)	Punhete (Constância)	Montargil	Montargil	Arraiolos	Arraiolos	Évora
Distâncias:	- 110,5 km.		- 81,8 km.		- 46,5 km.		- 42,9 km.		- 17,9 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLX (pp.336-338); CDC, Cap. LXIII (pp.153-155); Cap. LXV (pp.155-157); IDJ, p. 69; IDN, pp. 66-68

Mapa 170 | Trajeto do monarca português, e provavelmente do condestável, até Évora (entre março e dezembro de 1396)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. CLX (pp.336-338); CDC, Cap. LXIII (pp.153-155); Cap. LXV (pp.155-157); IDJ, p. 69

Legenda:

→ Movimentação do monarca referenciada nos *Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)* ● Lugares referenciados nos *Itinerários de El-Rei D. João I (1384-1433)*

Neste mapa apresentamos o trajeto proposto por Baquero Moreno a respeito da deslocação do monarca português aquando daquelas entradas dos castelhanos, na Beira e no Alentejo. Segundo este autor, o monarca terá partido de Santarém para Lisboa, onde permaneceu até meados de dezembro. Daquele lugar partiu para o Alvito até que chegou a Évora em finais de dezembro de 1396. É possível que o condestável tenha acompanhado o monarca e feito o mesmo trajeto.

Data:	Março – dezembro de 1396.
-------	---------------------------

Lugares:	Santarém	Lisboa	Alvito	Évora
Intervalo de Tempo:	- O monarca português permaneceu no lugar desde o dia 15 de março até ao dia 28 de maio de 1396.	- Chegou à cidade no dia 28 de maio de 1396; - Permaneceu no lugar até meados de dezembro de 1396.	- Alcançou o lugar no dia 8 de dezembro de 1396.	- A presença do monarca no lugar é detetada a partir do dia 27 de dezembro de 1396.

Lugares:	Santarém	Lisboa	Lisboa	Alvito	Alvito	Évora
Distâncias:	- 69,6 km.		- 113,7 km.		- 35,3 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLX (pp.336-338); CDC, Cap. LXIII (pp.153-155); Cap. LXV (pp.155-157); IDJ, p. 69

Mapa 171 | Entrada do condestável português e do mestre de Avis em Castela (dezembro de 1396)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. CLXI (pp.338-340); Cap. CLXII (pp.340-342); CDC, Cap. LXVI (pp.157-161)

Legenda:

<p>Movimentação do condestável, do mestre de Avis e da hoste</p>	<p>Encontro das forças do condestável com as do monarca português</p>	<p>Movimentação daqueles de cavalo que o condestável mandou ir adiante fustigarem a terra</p>	<p>Correr a terra/roubo de gados/prisioneiros</p>	<p>Escaramuças/ entrada e roubo do arrabalde</p>	<p>Queima do arrabalde</p>	<p>Movimentação (ida e volta) das gentes que o condestável, mandou fustigar as Garrovillas e Alcántara</p>	<p>Movimentação do condestável</p>
--	---	---	---	--	----------------------------	--	------------------------------------

Depois da entrada do mestre castelhano de Santiago na comarca alentejana, o condestável mobilizou a sua hoste para entrar em Castela e convidou o mestre de Avis para participar na operação. Depois de mobilizar a hoste Nuno Álvares partiu de Évora para Vila Viçosa, onde se juntou às forças do mestre de Avis. Durante a tarde, de certo dia, partiram daquele lugar e foram dormir a um mato nas imediações de Elvas; no dia seguinte – depois de fazerem um alardo, onde contabilizaram setecentas lanças e poucos homens de pé – mandaram um destacamento contra a região de Cáceres. Noutro dia partiram do lugar, passando por Ouguela, e foram dormir junto a Albuquerque; e dali foram contra Cáceres. Quando se aproximaram da cidade, deu-se uma escaramuça com alguns castelhanos que tentaram cair sobre a carriagem portuguesa. Na noite em que assentaram o arraial junto à vila, regressaram os batedores portugueses que o condestável tinha enviado no momento anterior à partida de Elvas. No dia seguinte chegaram outros corredores, as forças do condestável conseguiram entrarem no arrabalde de Cáceres. Depois de terem roubado essa zona da cidade e sem conseguirem penetrar no perímetro amuralhado partiram e foram dormir a um sovelal entre Cáceres e Arroyo de la Luz. Nessa noite o condestável mandou um destacamento assolar as zonas em redor de Garrovillas e Alcântara. No dia seguinte a hoste do condestável chegou a Arroyo de la Luz, onde se reuniu às forças que tinha enviado contra Alcântara e Garrovillas. Depois de estarem oito dias em Castela, regressaram a Portugal passando por Valência de Alcântara e Aramenha. Depois de repartirem o saque, cada um partiu para as suas terras e o condestável partiu para Portalegre.

Data:	Dezembro de 1396.
-------	-------------------

Composição da hoste do condestável:	- 700 lanças; - Poucos homens de pé.
-------------------------------------	---

Movimentação de Nuno Álvares Pereira e da sua hoste:

Lugares:	Évora	Vila Viçosa	Elvas	Ouguela	Albuquerque	Cáceres	Soveral entre Cáceres e Arroyo de la Luz	Arroyo de la Luz	Valência de Alcántara	Aramenha
Intervalo de Tempo:		- Partiram do lugar à tarde.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Vila Viçosa; - Pernoitaram no lugar; - Passados dois dias partiram do lugar.	- Passaram no lugar no mesmo dia que partiram de Elvas.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Elvas; - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Albuquerque; - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia que partiram de Cáceres; - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia.		

Movimentação dos que foram fustigar as Garrovilhas e Alcántara:

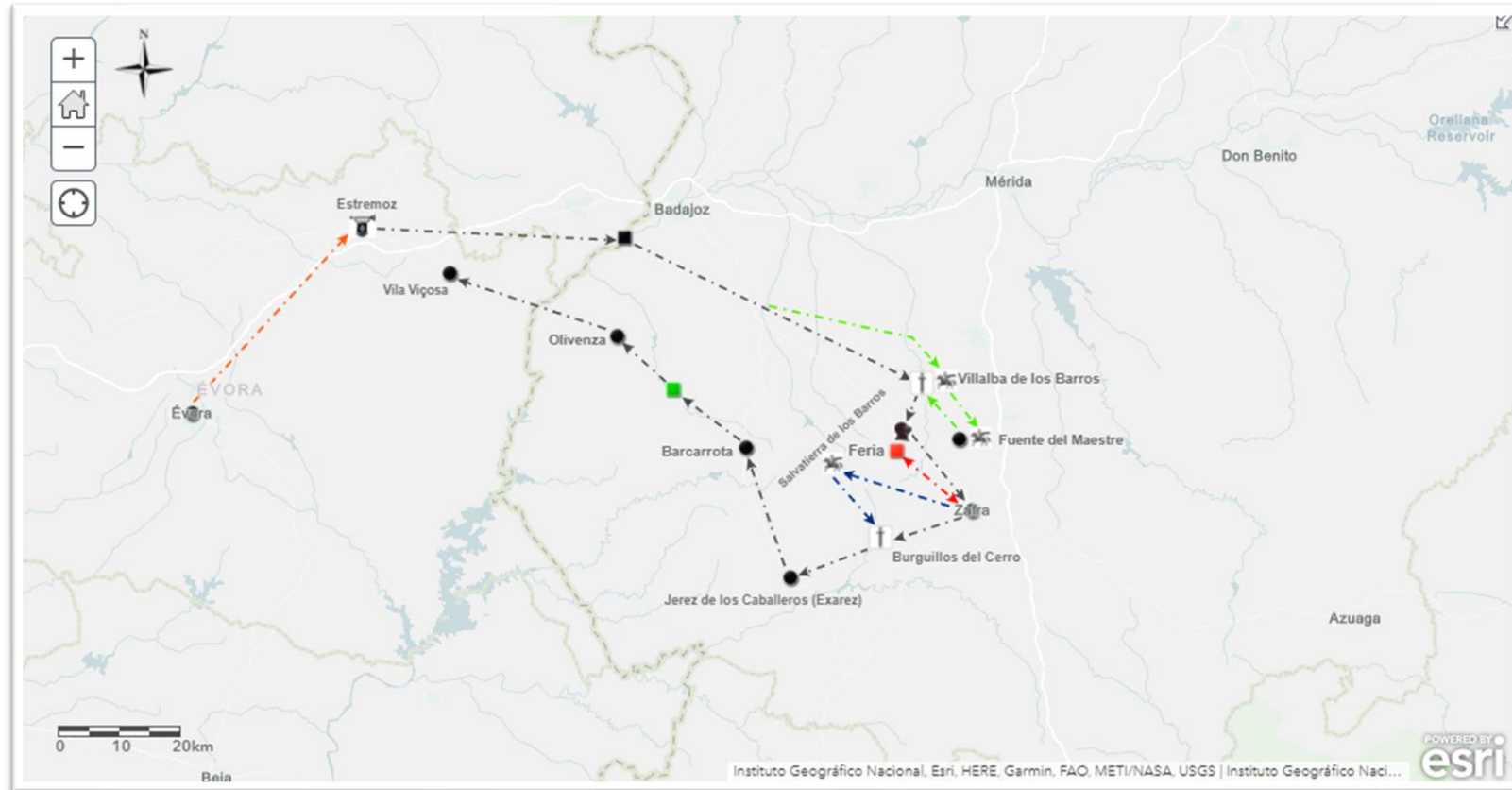
Lugares:	Arroyo de la Luz	- Garrovillas - Alcántara	Arroyo de la Luz
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar de noite.		

Lugares:	Évora	Vila Viçosa	Vila Viçosa	Elvas	Elvas	Ouguela	Ouguela	Albuquerque	Albuquerque	Cáceres
----------	-------	-------------	-------------	-------	-------	---------	---------	-------------	-------------	---------

Distâncias:	- 48,9 km.		- 25 km.		- 24,9 km.		- 16,2 km.		- 61,6 km.	
Lugares:	Cáceres	Arroyo de la Luz	Arroyo de la Luz	Valencia de Alcántara	Valencia de Alcántara	Aramenha	Aramenha	Portalegre	Garrovillas	Cáceres
Distâncias:	- 18,2 km.		- 57,7 km.		- 12,9 km.		- 8,79 km.		- 30,1 km.	
Lugares:	Arroyo de la Luz	Alcántara	Arroyo de la Luz	Garrovillas						
Distâncias:	- 36,7 km.		- 25,5 km.							

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLXI (pp.338-340); Cap. CLXII (pp.340-342); CDC, Cap. LXVI (pp.157-161); IDN, pp. 68-69

Mapa 172 | Última grande campanha do condestável (entre maio e junho de 1398)



Fonte:

CDJ I, 2ª, Cap. CLXIII (pp.342-345); Cap. CLXIV (pp.346-347); Cap. CLXVI (pp.351-353); Cap. CLXVII (pp.353-356); CDC, Cap. LXVIII (pp.167-175)

Legenda:

Movimentação do condestável	Mobilização de um forte contingente	Movimentação do condestável e da hoste	Localização hipotética do lugar onde se terão alojado acerca das margens do Guadiana	Movimentação daqueles que o condestável mandou adiante fustigarem a terra	Movimentação das 200 lanças castelhanas que vinham acompanhar a movimentação da hoste portuguesa	Castelo de Feria, encontrava-se o mestre castelhano de Santiago, com todas as gentes que havia reunido	Movimentação dos 60 corredores que forram fustigar Salvatierra	Localização hipotética do lugar onde terão pernoitado e aguardado 3 dias pelo mestre de santiago	Correr a terra	Escaramuças	Aguardaram em posição de batalha. Num vale chamado Alameda, 1 légua de Feria, aguardaram em posição de batalha. Vendo que os castelhanos não iam ao seu encontro a Feria

Em Évora, por meados de maio de 1398, o condestável decidiu fazer uma nova entrada em Castela. Enquanto mobilizava a hoste em Estremoz, soube que o mestre castelhano de Santiago pretendia entrar pelo Alentejo e que, para o efeito, já tinha mobilizado duas mil lanças, oitocentos ginetes e muitos besteiros e peões. Informado das intenções do adversário, o condestável escreveu-lhe uma carta ameaçando-o que pretendia ir ao seu encontro para o capturar. O mestre consciente da ameaça, mobilizou mais homens. Assim, partindo de Estremoz a hoste de Nuno Álvares cruzou o Guadiana, instalando o arraial não muito longe de Badajoz. No dia seguinte, depois de realizar um alardo - em que foram contabilizadas mil e oitocentas lanças, duzentos ginetes, trezentos besteiros de cavalos e cinco mil entre besteiros e peões - a hoste pôs-se a caminho de Villalba de los Barros. Ao longo do trajeto, o condestável enviou alguns destacamentos de batedores fustigarem a terra até Villalba de los Barros e Fuente del Maestre. No sábado (dia 1 de junho de 1398) o condestável chegou a Villalba de los Barros e deu-se logo uma escaramuça com o filho do mestre de Santiago, Gomez Soarez, que se encontrava no lugar. Os destacamentos que o condestável tinha enviado adiante encontraram-se com o corpo principal da hoste naquele lugar. Aí chegaram também mensageiros do mestre castelhano de Santiago com cartas de desafios. Após uma troca de missivas, ficou acordado que ambas as forças se defrontariam em batalha campal na segunda-feira (dia 3 de junho de 1398). Na segunda-feira a hoste portuguesa partiu para o vale da Alameda, onde ficara combinado que a batalha iria ter lugar. Aí aguardaram, todo o dia, em formação de batalha, pelas forças do mestre castelhano. No dia seguinte (4 de junho de 1398), sem notícias do adversário, avançaram na direção do castelo da Feria, onde se encontrava o mestre. Após um impasse o mestre de Santiago, temendo a batalha, negociou com o condestável que decidiu regressar para Portugal. No regresso as movimentações foram observadas por destacamentos castelhanos até Zafra. Quando o condestável chegou àquele lugar, mandou sessenta corredores fustigarem Salvatierra. No dia seguinte, quarta-feira (5 de junho de 1398) a hoste do condestável partiu para Burguillos, e na quinta-feira (6 de junho de 1398) chegaram os corredores que o condestável tinha enviado a Salvatierra. No momento da chegada deu-se uma escaramuça com os castelhanos de Burguilhos. Na sexta-feira (7 de junho de 1398) prosseguiram a marcha passando por Enxarez até chegaram a Barcarrota. No dia seguinte (8 de junho de 1398) retomaram a marcha e foram dormir a um lugar entre Barcarrota e Olivença. Face aos rumores que o mestre de Santiago queria lançar-se sobre eles, o condestável aguardou naquele lugar três dias. No dia 12 de junho, quando soube que o mestre já tinha desmobilizado a sua hoste partiu para Olivença e dali para Vila Viçosa.

Data:	Maio e junho de 1398.
-------	-----------------------

Composição da hoste do condestável:	<ul style="list-style-type: none"> - 1800 lanças; - 200 ginetes; - 300 besteiros de cavalo; - 5000 entre besteiros e peões.
-------------------------------------	---

Movimentação da hoste de Nuno Álvares Pereira:

Lugares :	Estremoz	Lugar próximo da margem do Guadiana onde terão ficado alojados	Villalba de los Barros	Vale Alameda	Feria	Zafra	Burguillos del Cerro	Jerez de los Caballeros (Exarez)	Barcarrota	Lugar entre Barcarrota e Olivenza onde terão pernoitado	Olivenza	Vila Viçosa
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 30 de maio de 1398.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (30 de maio de 1398); - Partiram do lugar no dia 1 de junho de 1398.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (1 de junho de 1398); - Partiram do lugar no dia 3 de junho de 1398.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (3 de junho de 1398); - No dia seguinte partiram do lugar (4 de junho de 1398).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (4 de junho de 1398); - No próprio dia partiram do lugar.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (4 de junho de 1398); - No dia seguinte partiram do lugar (5 de junho de 1398).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (5 de junho de 1398); - No dia seguinte partiram do lugar (6 de junho de 1398); - Partiram do lugar no dia 7 de junho de 1398.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (7 de junho de 1398); - No dia seguinte deu-se uma escaramuça com os do lugar (6 de junho de 1398); - Partiram do lugar no dia 7 de junho de 1398.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (7 de junho de 1398); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte partiram do lugar (8 de junho de 1398).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (8 de junho de 1398); - Permaneceram 3 dias no lugar; - No dia 12 de junho de 1398 partiram do lugar.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (12 de junho de 1398); - No dia seguinte partiram do lugar (13 de junho de 1398).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (13 de junho de 1398).

Lugares:	Estremoz	Villalba de los Barros	Villalba de los Barros	Feria	Feria	Zafra	Zafra	Burguillos del Cerro
Distâncias:	- 97,1 km.		- 12,1 km; - Segundo as crónicas 1 légua e meia.		- 16 km; - Segundo as crónicas 2 léguas.		- 15,9 km; - Segundo as crónicas 3 léguas.	
Lugares:	Burguillos del Cerro	Jerez de los Caballeros (Exarez)	Jerez de los Caballeros (Exarez)	Barcarrota	Barcarrota	Olivenza	Olivenza	Vila Viçosa
Distâncias:	- 16,7 km; - Segundo as crónicas 4 léguas.		- 22,9 km.		- 28,4 km.		- 29,8 km.	
Lugares:	Vale Alameda	Feria						
Distâncias:	- Segundo as crónicas 1 légua.							

Movimentação daqueles que foram adiante fustigarem a terra:

Lugares:	Algures no caminho para Villalba	Villalba de los Barros	Fuente del Maestre	Villalba de los Barros
Intervalo de Tempo:	- Mesmo dia.			

Lugares:	Villalba de los Barros	Fuente del Maestre	Fuente del Maestre	Villalba de los Barros
Distâncias:	- 11,2 km.		- 11,2 km.	

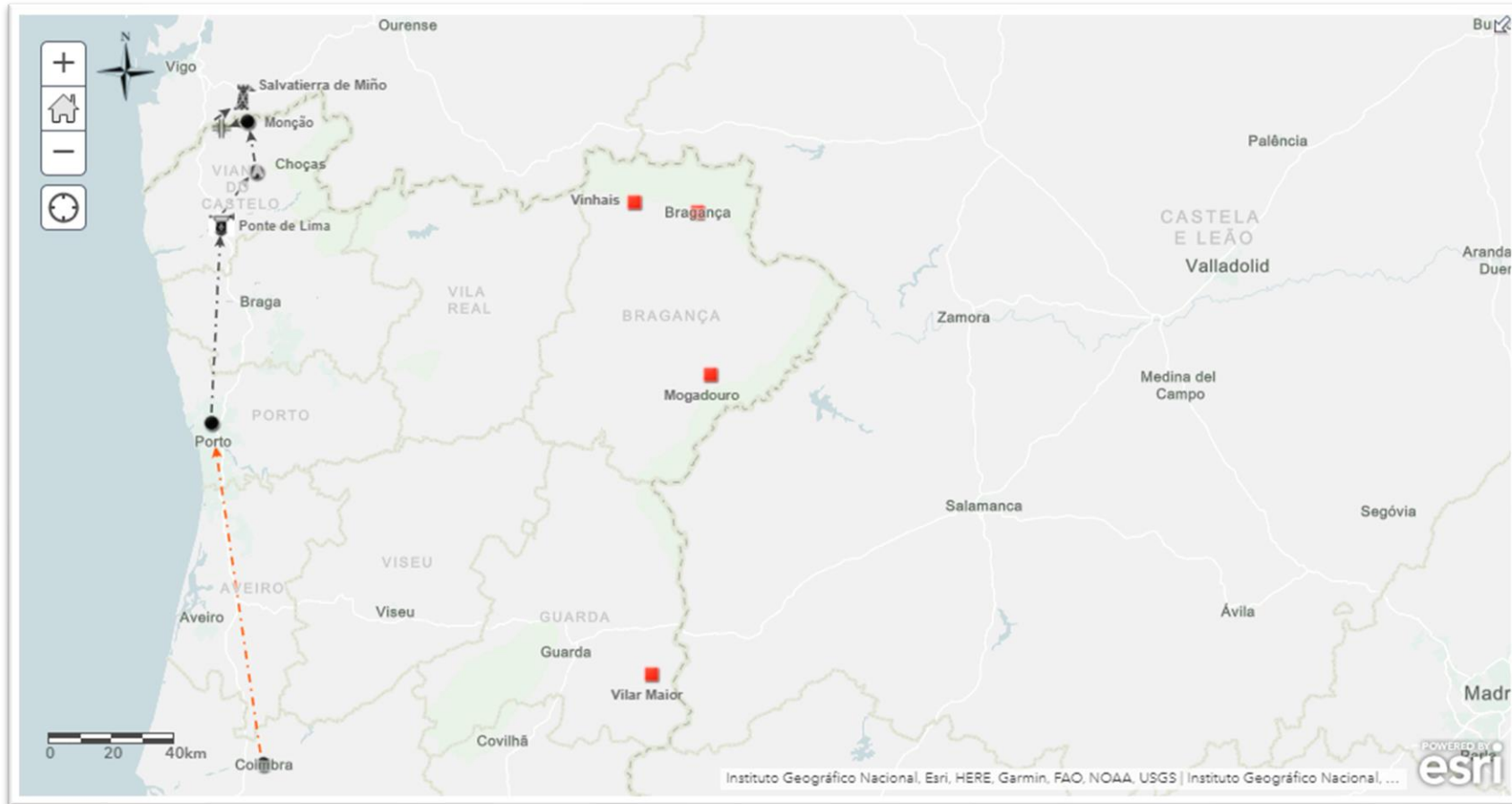
Movimentação daqueles que foram fustigar a terra quando chegaram a Zafra:

Lugares:	Zafra	Salvatierra de los Barros	Burguillos del Cerro
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 4 de junho de 1398.		- Chegaram ao lugar no dia 6 de junho de 1398.

Lugares:	Zafra	Salvatierra de los Barros	Salvatierra de los Barros	Burguillos del Cerro
Distâncias:	- 24,4 km.		- 14,7 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLXIII (pp.342-345); Cap. CLXIV (pp.346-347); Cap. CLXVI (pp.351-353); Cap. CLXVII (pp.353-356); CDC, Cap. LXVIII (pp.167-175); IDN, pp. 71-73

Mapa 173A | Deslocação da hoste régia até ao cerco de Salvatierra de Miño (maio de 1398)



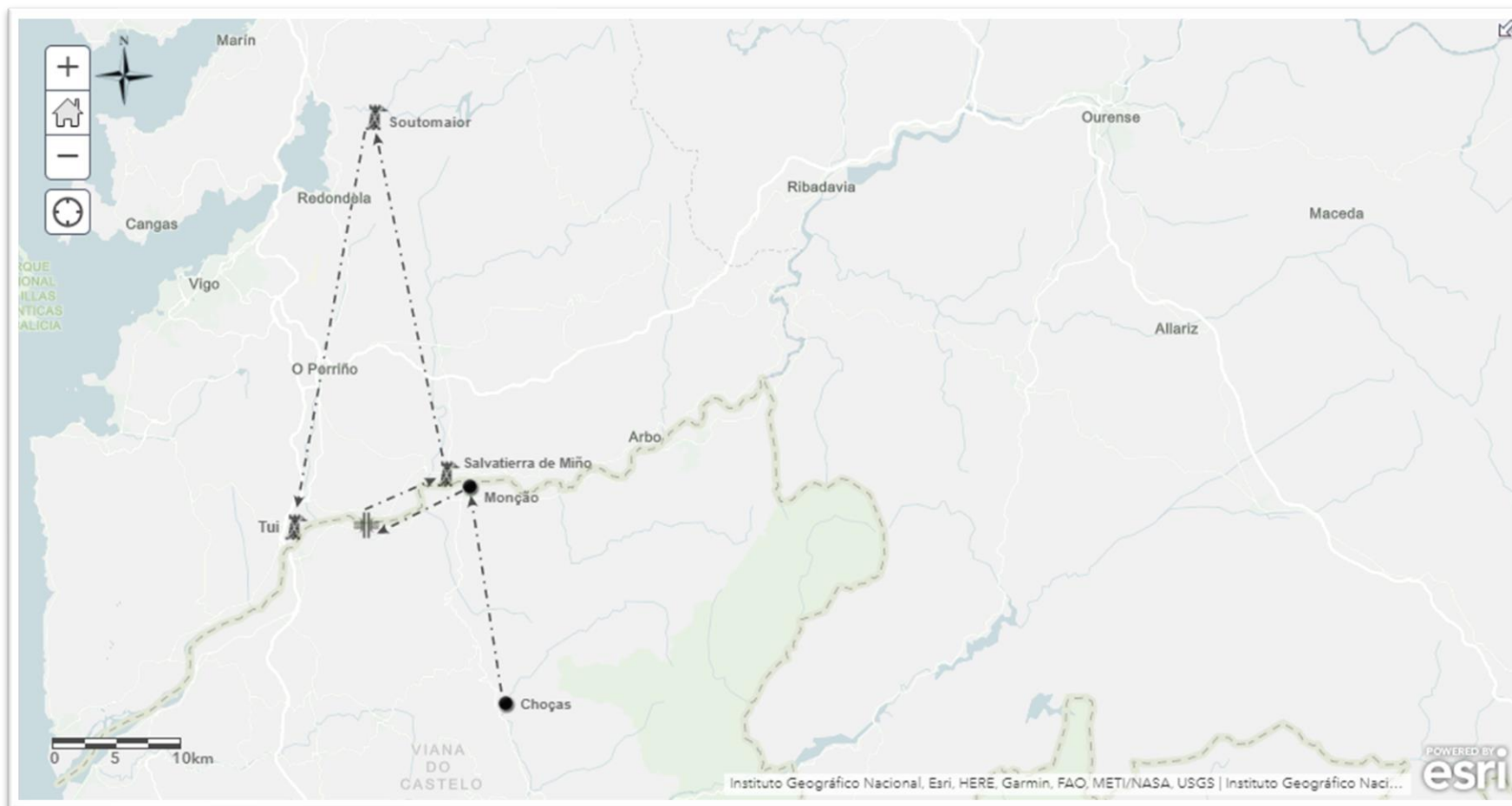
Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLXVIII (pp.356-359); Cap. CLXIX (pp.359-361)

Legenda:

Movimentação do monarca português	Movimentação da hoste régia	Mobilização da hoste	Travessia do rio Minho no vau das estacas (Localizava-se na Lapela), onde ocorreu o desastre	Cerco	Lugares e castelos que foram entregues a Castela pelos fidalgos da beira
-----------------------------------	-----------------------------	----------------------	--	-------	--

Ver texto do mapa 173B

Mapa 173B | Deslocação da hoste régia até aos cercos de Salvatierra de Miño, Soutomaioir e Tui (entre maio e junho de 1398)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLXVIII (pp.356-359); Cap. CLXIX (pp.359-361)

Legenda:

- · - · →	Movimentação da hoste régia		Travessia do rio Miño no vau das estacas (Localizava-se na Lapela), onde ocorreu o desastre	⊠	Cercos
-----------	-----------------------------	--	---	---	--------

Em 1398 - informado que Gil Vasques da Cunha, João Afonso Pimentel e João Fernandes Pacheco tinham partido para Castela e que os lugares de Bragança, Vinhais, Mogadouro e Vila Maior eram perdidos - o monarca português decidiu entrar na Galiza. Assim, partiu de Coimbra para o Porto de onde enviou instruções para que a hoste se juntasse em Ponte de Lima. Aqui, depois do alardo, o exército do rei, formado por quatro mil lanças e muitos besteiros e peões avançou para Choças e, seguidamente, para Monção, vila cujo alcaide, Diogo Gomes de Abreu enviou guias para indicar o vau onde a hoste poderia cruzar o rio Minho. Durante a travessia do vau das Estacas, ficava junto a Lapela, morreram muitos homens afogados. Depois de alguns dias para contabilizar as baixas, as forças de D. João I foram cercar Salvatierra de Miño. Após tomarem o lugar foram cercar Soutomaior, e depois de o capturarem foram cercar Tui.

Data:	Março – julho de 1398.
-------	------------------------

Lugares:	Coimbra	Porto	Ponte de Lima	Choças	Monção	Vau das Estacas (Lapela)	Salvatierra de Miño	Soutomaior	Tui
Intervalo de Tempo:	- O monarca permaneceu no lugar até meados de março de 1398.	- O monarca chegou à cidade em meados de março; - Permanece no lugar até à segunda metade do mês de abril de 1398.	- O monarca no dia 29 de abril de 1398 já se encontrava no lugar.	- Chegaram ao lugar no dia 4 de maio de 1398.		- Chegaram ao lugar de tarde, o sol já era posto.	- No dia 7 de maio de 1398 já se encontravam sobre o lugar; - Permaneceram no lugar até ao dia 23 de maio de 1398.	- O cerco ao lugar deve-se ter iniciado no dia 29 de maio de 1398; - A ocupação do lugar deve ter ocorrido no dia 5 de junho de 1398.	- No dia 9 de junho de 1398 já se encontravam no lugar; - O ataque ao lugar deve-se ter iniciado no dia 24 de julho de 1398; - No dia 25 de julho de 1398, depois de combates, o lugar foi preitejado; - O lugar foi ocupado no dia 26 de julho de 1398.

Lugares:	Coimbra	Porto	Porto	Ponte de Lima	Ponte de Lima	Choças	Choças	Monção
Distâncias:	- 104,7 km.		- 69,3 km.		- 20,3 km.		- 17,4 km.	
Lugares:	Monção	Vau das Estacas (Lapela)	Vau das Estacas (Lapela)	Salvatierra de Miño	Salvatierra de Miño	Soutomaior	Soutomaior	Tui
Distâncias:	- 5,35 km.		- 4,44 km.		- 28,6 km.		- 32,4 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLXVIII (pp.356-359); Cap. CLXIX (pp.359-361); IDJ, pp. 77-78

Mapa 174 | Deslocação da frota castelhana até Lisboa (julho de 1398)



Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLXXIII (pp.367-372);

Legenda:

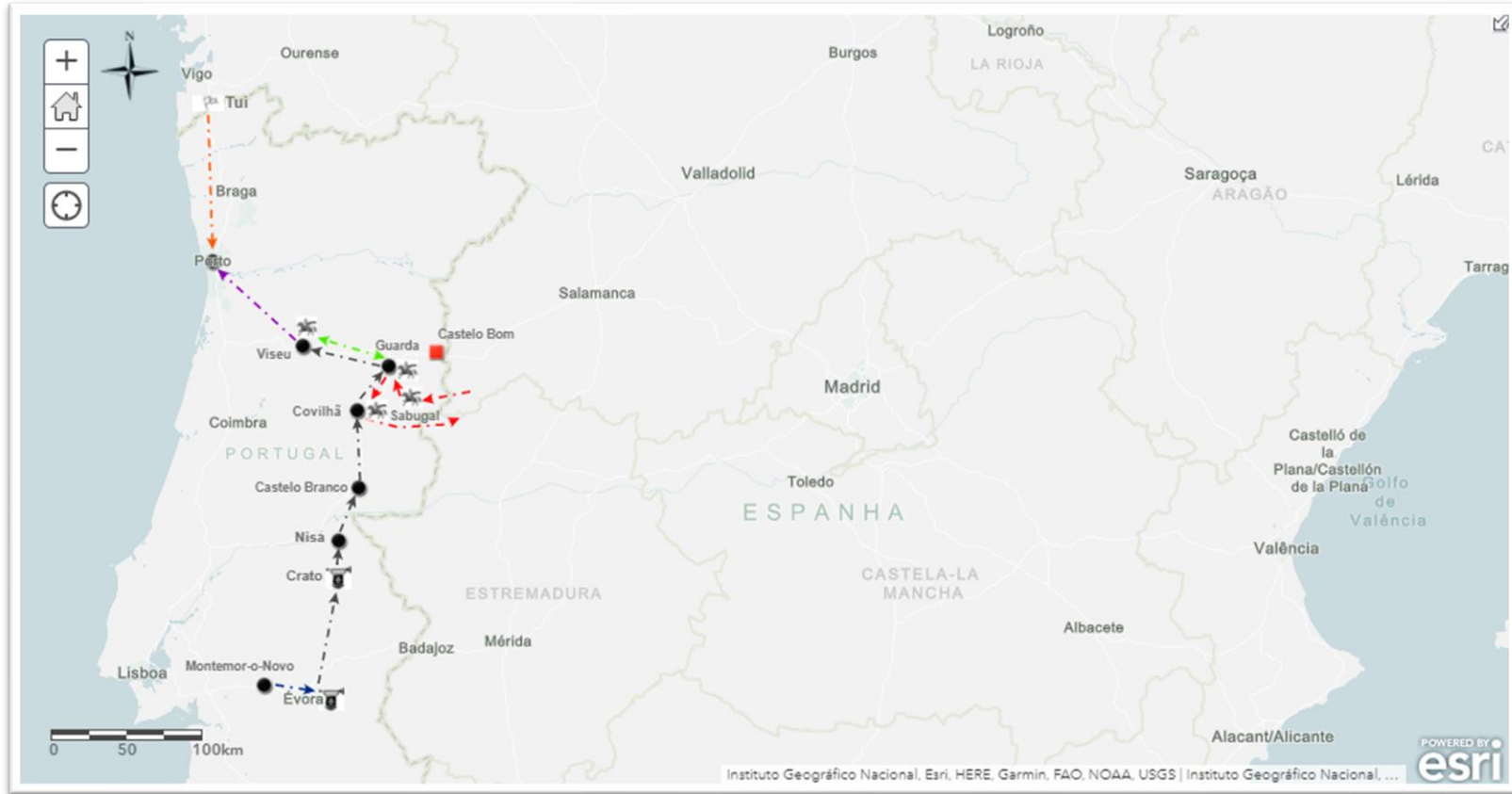
- . - . ➔ Movimentação da frota castelhana partida das terras de Santander	- . - . ➔ Movimentação da frota castelhana partida de Sevilha	† Quando chegaram à cidade, dispararam trons contra a cidade
--	---	--

Durante o cerco de Tui (9 de junho - 26 de julho de 1398), as frotas castelhanas armadas na Biscaia e em Sevilha - num total de quarenta naus e quinze galés - partiram para Lisboa. Depois de dispararem alguns trons contra a cidade posicionaram-se junto ao Restelo. Ao fim de alguns dias retornaram para Castela.

Data:	Em data entre 20 de julho e anterior a 26 de julho de 1398.
-------	---

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLXXIII (pp.367-372); IDN, p. 76

Mapa 175 | Incursão do infante D. Dinis pela Beira; deslocação do condestável para lhe dar batalha e deslocação do monarca português depois de submeter Tui (entre junho e agosto de 1398)



Fonte: CDJ I, 2ª, Cap. CLXXIII (pp.367-372); Cap. CLXXIV (pp.372-375); CDC, Cap. LXIX (pp.175-178); Cap. LXX (pp.179)

Legenda:

Movimentação do condestável	Mobilização de um contingente / e chegada de mais contingentes	Movimentação do condestável e da sua hoste	Movimentação do condestável com 50 cavaleiros	Entrada do infante D. Dinis	Correr a terra	Fustigação de Martim Vasques e dos ginetes	Movimentação do monarca português	Lugar que estava por Castela	Toma do lugar através de uma pretesia
-----------------------------	--	--	---	-----------------------------	----------------	--	-----------------------------------	------------------------------	---------------------------------------

Face aos rumores que o monarca castelhano podia ir descercar Tui, D. João I chamou o condestável. Este, partiu rapidamente de Montemor-o-Novo e foi para Évora mobilizar a sua hoste. Enquanto juntava os seus homens, soube que o infante Dinis, que se intitulava rei de Portugal, tinha entrado pelo Sabugal e que se encontrava-se na Guarda, a partir de onde alguns ginetes de Martim Vasques foram assolar os termos de Viseu. O condestável também soube que o mestre castelhano de Santiago pretendia entrar pela comarca alentejana. Perante a necessidade de acorrer a estas duas situações, Nuno Álvares decidiu ir primeiro sobre o infante Dinis. Partindo de Montemor-o-Novo com vinte lanças chegou ao Crato, onde se reuniram mais contingentes, após o que partiu para Nisa e daí para Castelo Branco. Aqui chegado, soube que o infante se encontrava na Covilhã e pouco depois que tinha regressado para Castela. Estando a ameaça do Infante Dinis terminada, o condestável – antes de partir pra Tui com mil e duzentas lanças e alguns homens de pé – enviou Martim Afonso com alguns homens para a comarca alentejana e seguiu para norte para se juntar ao rei no cerco a Tui. Passando pela Covilhã e pela Guarda chegou a Viseu; onde soube que o monarca já tinha conquistado Tui (26 de julho de 1398) e se encontrava no Porto. Nuno Álvares, deixando grande parte da hoste em Viseu, foi para o Porto com cinquenta cavaleiros.

Data:	Junho – agosto de 1398.
-------	-------------------------

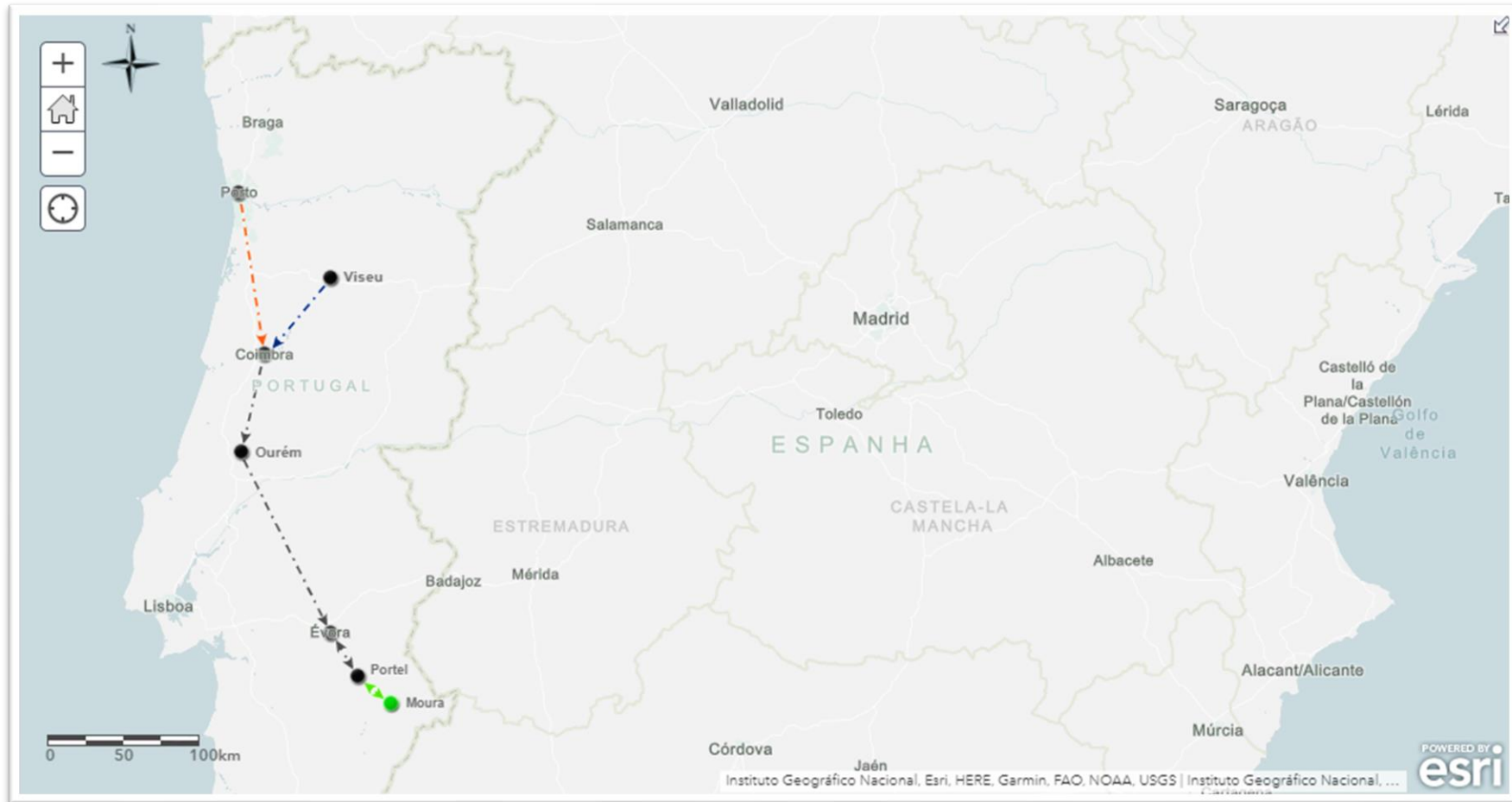
Composição da hoste do condestável:	- 1200 lanças; - Alguns homens de pé.
-------------------------------------	--

Lugares:	Montemor-o-Novo	Évora	Évora	Crato	Crato	Nisa	Nisa	Castelo Branco	Castelo Branco	Covilhã
Distâncias:	- 27,7 km.		- 83,3 km.		- 25 km.		- 36,6 km.		- Segundo as crónicas 7 léguas;	

									- 51 km.	
Lugares:	Covilhã	Guarda	Guarda	Viseu	Viseu	Porto	Tui	Porto	Sabugal	Guarda
Distâncias:	- Segundo as crónicas 6 léguas; - 35,4 km.		- 56,8 km.		- 79,9 km.		- 101,3 km.		- 25,6 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLXXIII (pp.367-372); Cap. CLXXIV (pp.372-375); CDC, Cap. LXIX (pp.175-178); Cap. LXX (pp.179); IDN, p. 76

Mapa 176 | Deslocação do condestável a Portel (agosto de 1398)



Fonte: CDC, Cap. LXXI (pp.180)

Legenda:

Movimentação do condestável	Movimentação das gentes do condestável	Movimentação do condestável e das suas gentes	Movimentação (ida e volta) do condestável e das suas gentes	Movimentação (ida e volta) do alcaide de Moura	Moura, lugar que se estava a ponto de perder
-----------------------------	--	---	---	--	--

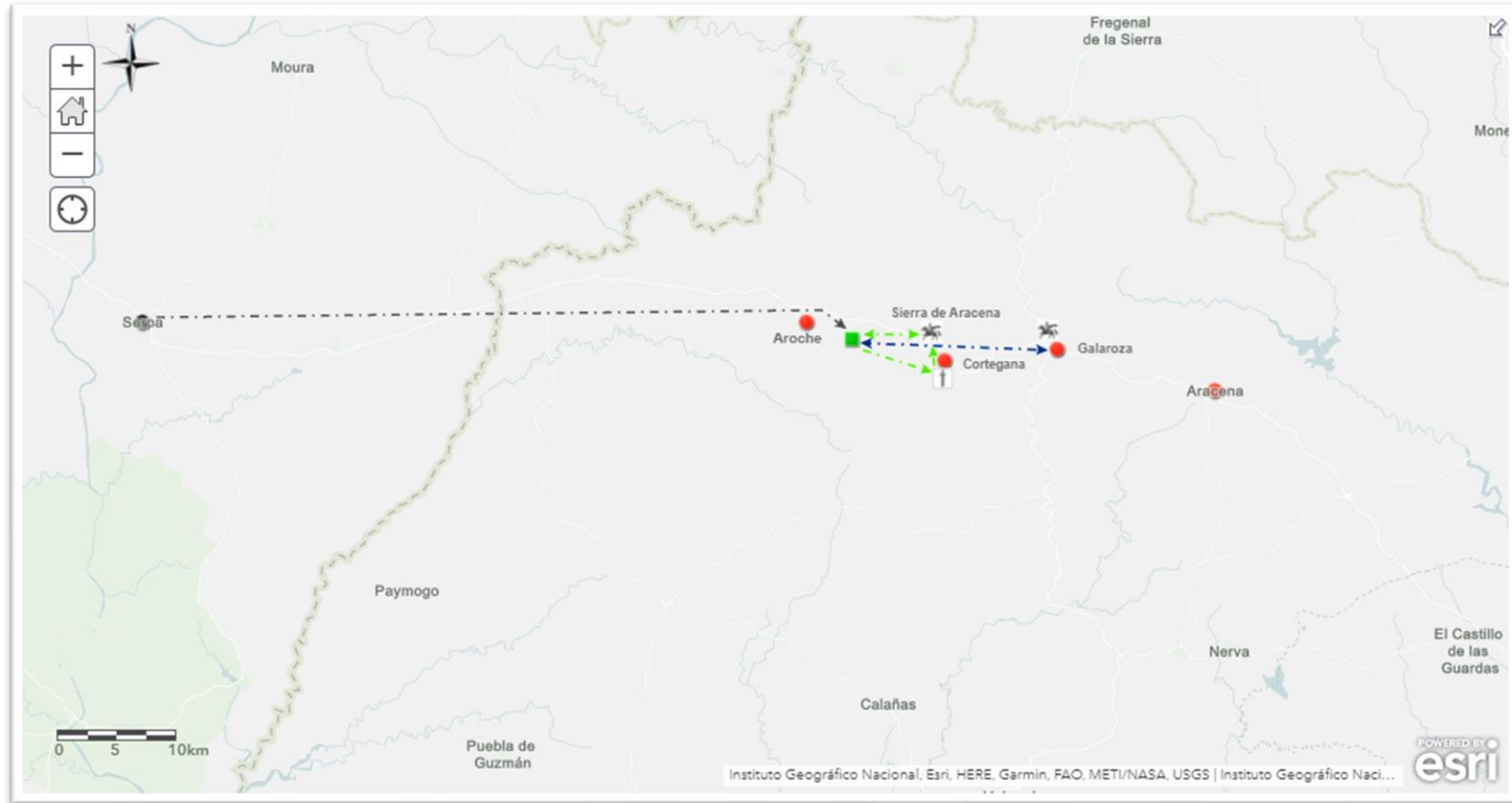
Encontrando-se no Porto, o monarca e o condestável, tomaram conhecimento que podiam perder a vila de Moura, porque o alcaide Álvaro Gonçalves tencionava entrar o lugar a Castela. De imediato D. João I mandou Nuno Álvares para o Alentejo com a missão de evitar que tal acontecesse. Este seguiu então para Coimbra, onde mandou chamar a hoste que se encontrava em Viseu. Assim que as suas forças se lhe juntaram, o condestável prosseguiu a caminho de Moura. Passando por Ourém e por Évora chegaram a Portel. O condestável mandou então vir o alcaide de Moura, munido de um salvo conduto. Depois de conversarem Nuno Álvares assegurou a manutenção de Moura em mãos portuguesas e foi para Évora.

Data:	Agosto de 1398.
-------	-----------------

Lugares:	Porto	Coimbra	Viseu	Coimbra	Coimbra	Ourém	Ourém	Évora	Évora	Portel	Portel	Moura
Distâncias:	- 104,7 km.		- 65,3 km.		- 65 km.		- 132,9 km.		- 34,3 km.		- 29,1 km.	

Fonte: CDC, Cap. LXXI (pp.180); IDN, pp. 76-77

Mapa 177 | Parte da cavalgada que os de Serpa fizeram sobre Castela (entre dezembro de 1398 e janeiro de 1399)



(Não é possível estabelecer a totalidade do trajeto porque, não foi possível identificar muitos dos lugares a que a crónica se refere)

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLXXV (pp.375-377); Cap. CLXXVI (pp.377-380)

Legenda:

<p>Movimentação dos de Serpa</p>	<p>Lugares castelhanos que a crónica refere e foram possíveis de identificar no mapa</p>	<p>Localização hipotética do lugar além de Aroche onde se dividiram em três partes</p>	<p>Movimentação de Gonçalo Vasques</p>	<p>Movimentação de Diogo Nunes</p>	<p>Correr a terra</p>	<p>Escaramuça</p>
----------------------------------	--	--	--	------------------------------------	-----------------------	-------------------

No mês de dezembro de 1398, Diogo Nunes de Serpa, Gonçalo Vasques de Melo e Álvaro Mendes de Beja decidiram entrar em Castela para irem à “serra do Reuoredo” (possivelmente a Sierra de Aracena) onde andavam cinco mil vacas que pretendiam capturar. Totalizando as noventa lanças, cem homens de pé e os dez besteiros a cavalo, na madrugada de domingo, dia 26 de dezembro, partiram na direcção do objectivo (a crónica não indica o lugar de onde partiram, mas é provável que tenham partido de Serpa porque foi para onde foram depois da cavalgada). No vale da Coelheira (não foi possível identificar no mapa) foram vistos por dez castelhanos que passavam nas imediações. De imediato foram avisar os moradores de Aroche, Freixinal (não foi possível identificar no mapa), Cortegana, Aracena, Rio Frio (não foi possível identificar no mapa) e Navas de Sevilha (também não foi possível identificar no mapa) da aproximação das forças portuguesas. Sem saberem que tinham sido avistados, foram para além de Aroche onde decidiram dividir-se em três grupos que deveriam juntar-se no dia seguinte. Gonçalo Vasques foi a Cortegana; Diogo Nunes a Galaroza e Rio Frio, e Álvaro Mendes às Navas de Sevilha. Quando Gonçalo Vasques chegou à Cortegana envolveu-se numa escaramuça com os moradores do lugar, mas da qual saiu vitorioso. Através de dois prisioneiros ficou a saber que a entrada já tinha sido descoberta e que os castelhanos já tinham recolhido grande parte dos gados. Dali partiu e foi fustigar a “serra do Reuoredo”; depois de a ter assolado foi para o lugar onde as colunas se deviam encontrar. À noite chegaram Diogo Nunes e Alvaro Mendes. Depois de se reunirem e de saberem que os castelhanos pretendiam ir sobre eles, na quarta-feira (1 de janeiro de 1399) partiram para um outro lugar (mais uma vez a crónica não refere o nome do lugar). Nessa noite os castelhanos aproximaram-se da posição portuguesa, mas dia seguinte, quinta-feira (2 de janeiro de 1399) o contingente português pôs-se a caminho de Portugal; depois de atravessarem o rio Águas de Mel (não foi possível identificar o lugar) deu-se um combate com um contingente castelhano composto por trezentas lanças, sessenta ginetes, cem besteiros e os oitocentos homens de pé mobilizado pelos moradores dos lugares daquela comarca. No dia seguinte, regressaram a Serpa com a cavalgada.

Data:	Dezembro de 1398 e janeiro de 1399.
Composição do contingente português:	- 90 lanças;

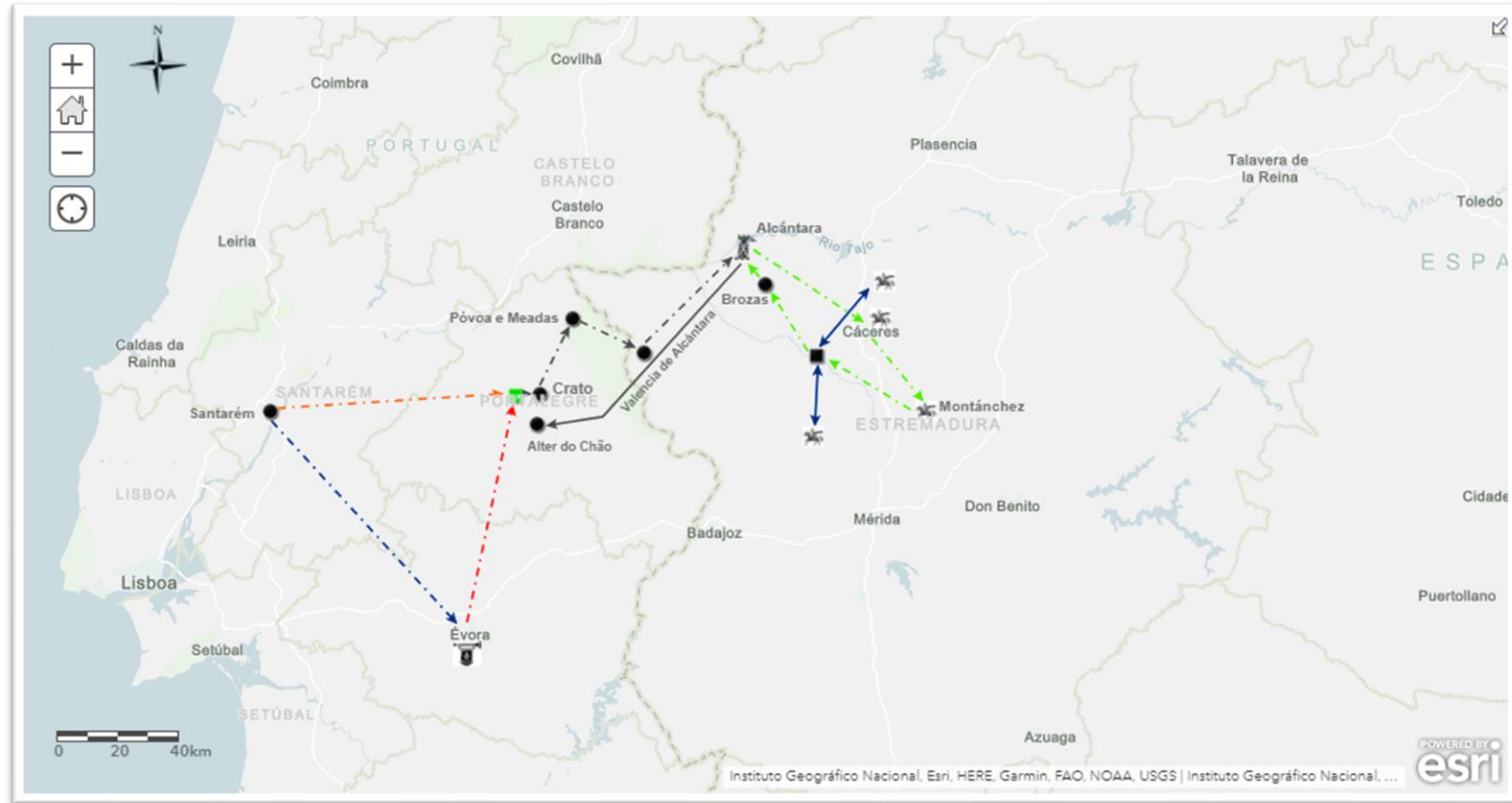
	<ul style="list-style-type: none"> - 100 homens de pé; - 10 besteiros a cavalo.
Composição do contingente castelhano:	<ul style="list-style-type: none"> - 300 lanças; - 60 ginetes; - 100 besteiros; - 800 homens de pé.

Lugares:	Serpa	Vale Coelheira	<ul style="list-style-type: none"> - Cortegana - Sierra de Aracena - Galaroza - Rio Frio - Navas de Sevilha 	Lugar onde se reagruparam (A crónica não refere)	Lugar a 4 léguas do lugar onde se reagruparam (A crónica não refere)	Próximo do Rio Águas de Mel	Serpa
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar na madrugada de domingo dia 26 de dezembro de 1398.			- Partiram do lugar numa quarta-feira (dia 1 de janeiro de 1399).	<ul style="list-style-type: none"> - Chegaram ao lugar de noite (quarta-feira, dia 1 de janeiro de 1399); - Pernoitaram no lugar; - No dia seguinte, quinta-feira, partiram do lugar (2 de janeiro de 1399). 	- Chegaram ao lugar no mesmo dia, quinta-feira (2 de janeiro de 1399).	

Lugares:	Serpa	Aroche	Aroche	Sierra de Aracena	Aroche	Cortegana	Sierra de Aracena	Cortegana	Cortegana	Aracena	Sierra de Aracena	Aracena
Distâncias:	- 56,2 km.		- 10,9 km.		- 12,2 km.		- 2,15 km.		- 23,2 km.		- 24,4 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLXXV (pp.375-377); Cap. CLXXVI (pp.377-380)

Mapa 178 | Deslocações até ao Cerco de Alcântara (entre abril e maio de 1400)



Fonte: CDJ I,2º, Cap. CLXXXIV (pp.396-398); CDC, Cap. LXXVIII (pp.187-190)

Legenda:

Movimentação do condestável	Movimentação do monarca português	Mobilização de um contingente	Movimentação do condestável e das gentes que conseguiu reunir	Localização da ribeira aquém do Crato, chamada Cafragella	Movimentação do monarca português, do condestável e da hoste	Cerco	Forragem do condestável	Forragem/correr a terra	Localização hipotética da ribeira Boteja onde colocaram arraial	Movimentação hipotética (ida e volta) daqueles que o condestável mandou devastarem outras localidades próximas	Movimentação de regresso do monarca português, do condestável e da hoste

De modo a pressionar o monarca castelhano a firmar tréguas, D. João I decidiu cercar a praça-forte de Alcântara. Estando em Santarém com o condestável, mandou-o à comarca do Entre-Tejo e Guadiana para mobilizar os seus homens. Após reunir as suas forças em Évora, Nuno Álvares, encontrou-se com a hoste do monarca português na ribeira Cafragela, aquém do junto ao Crato. As duas hostes - que integravam quatro mil lanças e um grande número de peões e besteiros – partiram então em direção a Alcântara. No caminho passaram pelo Crato, Póvoas e Meadas e Valência de Alcântara. Assim que chegaram ao alvo, num sábado do mês de maio de 1400 (dia 8 de maio?), iniciaram as operações de cerco. Após alguns dias, pela escassez de mantimentos, o monarca mandou o condestável numa operação de forragem. Numa segunda-feira (17 de maio de 1400) o condestável e o seu contingente assolaram a região de Cáceres e Montánchez, enquanto alguns destacamentos devastavam outras localidades próximas. Chegadas a Brozas, as forças de Nuno Álvares ficaram a saber que um exército castelhano composto por mil e quinhentas lanças se preparava para engrossar a defesa da praça-forte sitiada. Rapidamente partiram daquele lugar e foram para o arraial de Alcântara, tendo chegado naquele dia à tarde. Pelo facto de o lugar não estar todo cercado e a cada dia virem mais reforços castelhanos, D. João I optou por levantar o cerco e regressar a Portugal, em direção a Alter do Chão.

Data:	Abril e maio de 1400.
-------	-----------------------

Composição da hoste portuguesa:	- 4000 lanças; - Muitos peões e besteiros.
---------------------------------	---

Movimentação de Nuno Álvares Pereira e do monarca português:

Lugares:	Ribeira Cafragela	Crato	Póvoa e Meadas	Valência de Alcântara	Alcântara	Alter do Chão
Intervalo de Tempo:	- Encontraram-se no lugar no dia 3 de maio de 1400.	- Chegaram ao lugar no mesmo		- Terão partido do lugar no dia 8 de maio de 1400.	- Terão chegado ao lugar no	

		dia (3 de maio de 1400).			mesmo dia (8 de maio de 1400); - No dia 23 de maio de 1400, através de umas cartas detetamos a presença do monarca no lugar.	
--	--	--------------------------	--	--	---	--

Lugares:	Crato	Póvoa e Meadas	Póvoa e Meadas	Valência de Alcántara	Valência de Alcántara	Alcántara	Alcántara	Alter do Chão
Distâncias:	- 27,1 km.		- 26,2 km.		- 46,2 km.		- 88,1 km.	

Movimentação de forragem do condestável:

Lugares:	Alcántara	Cáceres	Montánchez	Lugar próximo da Ribeira Boteja onde colocaram arraial	Brozas	Alcántara
Intervalo de Tempo:	- Partiram do lugar no dia 17 de maio de 1400.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (17 de maio de 1400); - Partiram do lugar no mesmo dia (17 de maio de 1400).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (17 de maio de 1400); - Partiram do lugar no mesmo dia (17 de maio de 1400).	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (17 de maio de 1400); - Partiram do lugar no dia 20 de maio de 1400.	- Chegaram ao lugar no mesmo dia (20 de maio de 1400); - Partiram do lugar no mesmo dia (20 de maio de 1400).	- Chegaram ao lugar à tarde do mesmo dia (20 de maio de 1400).

Lugares:	Alcántara	Cáceres	Cáceres	Montánchez	Montánchez	Brozas	Brozas	Alcántara
Distâncias:	- 51,3 km.		- 33,8 km.		- 69 km.		- Segundo as crónicas 5 léguas; - 14,4 km.	

Fonte: CDJ I,2ª, Cap. CLXXXIV (pp.396-398); CDC, Cap. LXXIII (pp.187-190); IDN, pp. 78-79; IDJ, p. 85

Apêndice B – Conversão das distâncias em léguas⁴⁴³ para quilómetros e respetivas distâncias dos lugares, medidas no *ArcGIS Online* (utilizando o GPS), em linha reta

Lugar	Lugar	Distâncias em léguas	Conversão para quilómetros, sendo a légua 4 km	Conversão para quilómetros, sendo a légua 5 km	Conversão para quilómetros, sendo a légua 6 km	Conversão para quilómetros, sendo a légua 7 km	Distâncias medidas no GPS em linha reta
Braga	Guimarães	3 léguas	12 km	15 km	18 km	21 km	16,4 km
Azambuja	Santarém	5 léguas	20 km	25 km	30 km	35 km	24,7 km
Lisboa	Cascais	5 léguas	20 km	25 km	30 km	35 km	23,8 km
Lisboa	Frielas	2 léguas	8 km	10 km	12 km	14 km	10,4 km
Lisboa	Vila Nova da Rainha	8 léguas	32 km	40 km	48 km	56 km	39,3 km
Coina	Palmela	2 grandes léguas	8 km	10 km	12 km	14 km	13,1 km
Arroches	Castela (fronteira)	2 léguas	8 km	10 km	12 km	14 km	13,6 km ⁴⁴⁴
Santarém	Pontével	3 léguas	12 km	15 km	18 km	21 km	16,4 km
Beja	Colos	9 léguas	36 km	45 km	54 km	63 km	61,2 km
Alenquer	Lisboa	8 léguas	32 km	40 km	48 km	56 km	38,5 km
Castanheira do Ribatejo	Alenquer	1 légua	4 km	5 km	6 km	7 km	7,63 km
Lisboa	Restelo	1 légua	4 km	5 km	6 km	7 km	6,05 km
Lumiar	Lisboa	1 légua	4 km	5 km	6 km	7 km	5,06 km
Almada	Coina	3 léguas	12 km	15 km	18 km	21 km	13,4 km

⁴⁴³ As distâncias são apresentadas em léguas. A légua, segundo a definição apresentada pelo dicionário Priberam é uma medida itinerária antiga cujo valor é variável segundo as épocas e os países, geralmente com valores entre os 4 e os 7 quilómetros.

⁴⁴⁴ A distância foi medida de Arronches até à atual fronteira entre Espanha e Portugal.

Estremoz	Fronteira	4 léguas	16 km	20 km	24 km	28 km	23,5 km
Monforte	Assumar	1 légua	4 km	5 km	6 km	7 km	10,3 km
São Brás dos Matos	Alandroal	1 grande légua	4 km	5 km	6 km	7 km	7,17 km
Meirinha	Alenquer	1 légua	4 km	5 km	6 km	7 km	5,63 km
Bombarral	Alenquer	4 léguas	16 km	20 km	24 km	28 km	26,7 km
Lugar, perto de Almada, na estrada onde se deu o combate com os castelhanos, antes de estes iniciarem o cerco sobre o lugar	Sesimbra	3 léguas	12 km	15 km	18 km	21 km	
São Romão	Porto	Meia légua	2 km	2,5 km	3 km	3,5 km	15,7 km
Braga	Porto	8 léguas	32 km	40 km	48 km	56 km	47,6 km
Elvas	Badajoz	3 léguas	12 km	15 km	18 km	21 km	16,9 km
Elvas	Fonte da Figueira (São Bento do Ameixial)	7 léguas	28 km	35 km	42 km	49 km	42,4 km
Évora	Quinta dOliveira (Quinta de Oliveira)	Pouco mais de 1 légua	4 km	5 km	6 km	7 km	
Quinta dOliveira (Quinta de Oliveira)	Graça do Divor	1 légua	4 km	5 km	6 km	7 km	
Graça do Divor	Évora	Pouco mais de 2 léguas	8 km	10 km	12 km	14 km	11 km

- Viana - Viana do Alentejo	Évora	2 léguas	8 km	10 km	12 km	14 km	26,1 km 27,1 km
Sobreda	Almada	1 légua	4 km	5 km	6 km	7 km	4,85 km
Palmela	Sobreda	7 léguas	28 km	35 km	42 km	49 km	27,3 km
Lisboa	Sapataria	5 léguas	20 km	25 km	30 km	35 km	27,2 km
Sapataria	Torres Vedras	3 léguas	12 km	15 km	18 km	21 km	14,6 km
Cabo do Montijo	Lisboa	2 léguas	8 km	10 km	12 km	14 km	15,4 km ⁴⁴⁵
Évora	Torre de Coelheiros	3 léguas	12 km	15 km	18 km	21 km	18,8 km
Portel	Évora	6 léguas	24 km	30 km	36 km	42 km	34,3 km
Lisboa	Sintra	5 léguas	20 km	25 km	30 km	35 km	22,2 km
Piquete	Alenquer	1 légua	4 km	5 km	6 km	7 km	7,59 km
Torres Novas	Santarém	5 léguas	20 km	25 km	30 km	35 km	29,5 km
Elvas	Alandroal	4 léguas	16 km	20 km	24 km	28 km	28,8 km
Vila Viçosa	Borba	1 légua	4 km	5 km	6 km	7 km	4,77 km
Borba	Estremoz	1 légua	4 km	5 km	6 km	7 km	11,9 km
Neiva	Porto	10 léguas	40 km	50 km	60 km	70 km	53,3 km
Porto	Leça do Balio	1 grande légua	4 km	5 km	6 km	7 km	6,94 km
Leça do Balio	Darque	8 léguas	32 km	40 km	48 km	56 km	54,8 km
Neiva	Ponte de Lima	4 léguas	16 km	20 km	24 km	28 km	22,6 km
Neiva	Viana do Castelo	1 légua	4 km	5 km	6 km	7 km	8,31 km
Viana do Castelo	Vila Nova de Cerveira	4 léguas	16 km	20 km	24 km	28 km	28 km
Coimbra	Porto	18 léguas	72 km	90 km	108 km	126 km	104,7 km
Porto	Guimarães	8 léguas	32 km	40 km	48 km	56 km	42,6 km
Guimarães	Ponte de Lima	8 léguas	32 km	40 km	48 km	56 km	43 km
Ciudad Rodrigo	Viseu	22 léguas	88 km	110 km	132 km	154 km	117,3 km

⁴⁴⁵ A distância foi medida do Montijo a Lisboa.

Trancoso	Veiga de Trancoso	Meia légua pequena	2 km	2,5 km	3 km	3,5 km	
Abrantes	Tomar	5 léguas	20 km	25 km	30 km	35 km	24,1 km
Tomar	Ourém	3 léguas	12 km	15 km	18 km	21 km	16,3 km
Ourém	Porto de Mós	5 léguas	20 km	25 km	30 km	35 km	19,4 km
Porto de Mós	Campo da Batalha de Aljubarrota	1 pequena légua	4 km	5 km	6 km	7 km	4,81 km
Leiria	Campo da Batalha de Aljubarrota	2 boas léguas	8 km	10 km	12 km	14 km	11,8 km
Campo da Batalha de Aljubarrota	Santarém	11 léguas e meia	46 km	57,5 km	69 km	80,5 km	46,6 km
Sevilha	Carmona	6 léguas	24 km	30 km	36 km	42 km	33,1 km
Campo da Batalha de Aljubarrota	Alcobaça	3 léguas	12 km	15 km	18 km	21 km	15,5 km
Alcobaça	Santarém	10 léguas	40 km	50 km	60 km	70 km	42,9 km
Estremoz	Évora	6 léguas	24 km	30 km	36 km	42 km	42,1 km
Badajoz	Estremo (fronteira entre os dois reinos)	1 légua	4 km	5 km	6 km	7 km	5,52 km ⁴⁴⁶
Almendral	Badajoz	6 léguas	24 km	30 km	36 km	42 km	31,9 km
La Parra	Estremo (fronteira entre os dois reinos)	11 léguas	44 km	55 km	66 km	77 km	60,7 km ⁴⁴⁷

⁴⁴⁶ A distância foi medida de Badajoz até à atual fronteira entre Espanha e Portugal.

⁴⁴⁷ A distância foi medida de La Parra até à atual fronteira entre Espanha e Portugal.

La Parra	Feria	Meia légua	2 km	2,5 km	3 km	3,5 km	5,08 km
La Parra	Zafra	3 léguas	12 km	15 km	18 km	21 km	20,7 km
Zafra	Fuente del Maestre	2 léguas	8 km	10 km	12 km	14 km	12 km
Beja	Serpa	4 léguas	16 km	20 km	24 km	28 km	25,2 km
Serpa	Estremo (fronteira entre os dois reinos)	5 léguas	20 km	25 km	30 km	35 km	31 km ⁴⁴⁸
Serpa	Aroche	9 léguas	36 km	45 km	54 km	63 km	56,2 km
Aroche	Cortegana	2 léguas	8 km	10 km	12 km	14 km	12,2 km
Aroche	Aracena	5 léguas	20 km	25 km	30 km	35 km	35,2 km
Cortechaã (Cortedalaã)	Cortegana	Meia légua	2 km	2,5 km	3 km	3,5 km	
Cortechaã (Cortedalaã)	Ribeira de Chamça	5 léguas e meia	22 km	27,5 km	33 km	38,5 km	
Guimarães	Santarém	40 léguas	160 km	200 km	240 km	280 km	247,4 km
São Pedro de Agostém	Chaves	1 légua	4 km	5 km	6 km	7 km	5,9 km
Chaves	Lugares da comarca da Galiza onde foram forragear (Porqueira; Sandiás; Allariz; Ourense; Viana do Bolo)	8 a 10 léguas	- 32 km - 40 km	- 40 km - 50 km	- 48 km - 60 km	- 56 km - 70 km	- 44,7 km - 48,4 km - 57,8 km - 74,8 km - 57,7 km
Cória	Hervás (Heruas)	13 léguas	52 km	65 km	78 km	91 km	65,6 km

⁴⁴⁸ A distância foi medida de Serpa até à atual fronteira entre Espanha e Portugal.

Cória	Granadilha (La Golletilla)	8 léguas	32 km	40 km	48 km	56 km	20,3 km
Cória	Penamacor	13 léguas	52 km	65 km	78 km	91 km	57,4 km
Corunha	Santiago de Compostela	10 léguas	40 km	50 km	60 km	70 km	55,8 km
Porto	Ponte de Mouro	19 léguas	76 km	95 km	114 km	133 km	104,7 km
Ponte de Mouro	Celanova	4 léguas	16 km	20 km	24 km	28 km	37,4 km
Castro de Avelãs	Bragança	1 pequena légua	4 km	5 km	6 km	7 km	4,04 km
Bragança	Babe	2 léguas	8 km	10 km	12 km	14 km	10,5 km
Babe	São Julião	Meia légua	2 km	2,5 km	3 km	3,5 km	2,7 km
Benavente	Estremo (fronteira entre os dois reinos)	14 léguas	56 km	70 km	84 km	98 km	73 km ⁴⁴⁹
Castrocalbón	Benavente	5 léguas	20 km	25 km	30 km	35 km	33,2 km
Benavente	Matilla de Arzón	2 léguas	8 km	10 km	12 km	14 km	11,8 km
Villafáfila	Mar	60 léguas	240 km	300 km	360 km	420 km	274,4 km
Zamora	Lugar acima de Zamora, que ficava acerca do Douro, contra Santa Maria do Viso	2 léguas	8 km	10 km	12 km	14 km	
Almeida	Trancoso	9 léguas	36 km	45 km	54 km	63 km	38 km
Trancoso	Coimbra	26 léguas	104 km	130 km	156 km	182 km	110,4 km
Almeida	Guimarães	30 léguas	120 km	150 km	180 km	210 km	141,5 km
Jerez de los Caballeros (Exarez)	Olivenza	8 léguas	32 km	40 km	48 km	56 km	49,5 km

⁴⁴⁹ A distância foi medida de Benavente até à atual fronteira entre Espanha e Portugal.

Villanueva del Fresno	Portugal	2 léguas	8 km	10 km	12 km	14 km	6,15 km ⁴⁵⁰
Estremoz	Estremo (fronteira entre os dois reinos)	7 léguas	28 km	35 km	42 km	49 km	44,8 km ⁴⁵¹
Estremoz	Beja	16 léguas	64 km	80 km	96 km	112 km	95,3 km
Estremoz	Serpa	16 léguas	64 km	80 km	96 km	112 km	100,3 km
Monsaraz	Villanueva del Fresno	4 léguas	16 km	20 km	24 km	28 km	19,9 km
Melgaço	Tui	5 léguas	20 km	25 km	30 km	35 km	32,8 km
Melgaço	Rio Minho	Meia légua	2 km	2,5 km	3 km	3,5 km	1,09 km
Melgaço	Monção	3 léguas	12 km	15 km	18 km	21 km	18,7 km
Nisa	Vila Velha de Ródão	4 léguas grandes	16 km	20 km	24 km	28 km	15,4 km
Crato	Vila Velha de Ródão	9 léguas	36 km	45 km	54 km	63 km	40,4 km
Arroyo de la Luz	- Garrovillas - Alcántara	4 a 5 léguas	- 16 km - 20 km	- 20 km - 25 km	- 24 km - 30 km	- 28 km - 35 km	- 25,5 km - 36,7 km
Villalba de los Barros	Feria	1 légua e meia	6 km	7,5 km	9 km	10,5 km	12,1 km
Feria	Vale Alameda	1 légua	4 km	5 km	6 km	7 km	
Feria	Zafra	2 léguas	8 km	10 km	12 km	14 km	16 km
Zafra	Burguillos del Cerro	3 léguas	12 km	15 km	18 km	21 km	15,9 km
Burguillos del Cerro	Jerez de los Caballeros (Exarez)	4 léguas	16 km	20 km	24 km	28 km	16,7 km

⁴⁵⁰ A distância foi medida de Villanueva del Fresno até à atual fronteira entre Espanha e Portugal.

⁴⁵¹ A distância foi medida de Estremoz até à atual fronteira entre Espanha e Portugal.

Ponte de Lima	Monção	7 léguas	28 km	35 km	42 km	49 km	35,2 km
Choças	Rio Minho	3 léguas	12 km	15 km	18 km	21 km	17,7 km
Guarda	Covilhã	6 léguas	24 km	30 km	36 km	42 km	35,4 km
Lisboa	Restelo	Meia légua	2 km	2,5 km	3 km	3,5 km	6,05 km
Castelo Branco	Covilhã	7 léguas	28 km	35 km	42 km	49 km	51 km
Santo Paio de Arriba (San Payo)	Tui	6 léguas	24 km	30 km	36 km	42 km	25,7 km
Santo Paio de Arriba (San Payo)	Pontevedra	2 léguas	8 km	10 km	12 km	14 km	17,9 km
Brozas	Alcántara	5 léguas	20 km	25 km	30 km	35 km	14,4 km
Alcántara	Lugares da comarca onde forragearam	Andaram 16 léguas	64 km	80 km	96 km	112 km	
Chaves	Monterrei	3 léguas	12 km	15 km	18 km	21 km	23,8 km
Crónica de Ayala							
Azambuja	Santarém	5 léguas	20 km	25 km	30 km	35 km	24,7 km
Alcanhões	Santarém	Meia légua	2 km	2,5 km	3 km	3,5 km	6,76 km
Santos	Lisboa	Meia légua	2 km	2,5 km	3 km	3,5 km	2,15 km
Badajoz	Elvas	3 léguas	12 km	15 km	18 km	21 km	16,9 km
Puente de Loures	Lisboa	1 légua	4 km	5 km	6 km	7 km	11,5 km
Porto de Mós	Campo da Batalha de Aljubarrota	2 léguas	8 km	10 km	12 km	14 km	4,81 km
Campo da Batalha de Aljubarrota	Santarém	11 léguas muy grandes	44 km	55 km	66 km	77 km	46,6 km

**Apêndice C – Distâncias medidas no programa *ArcGIS Online* (utilizando o GPS),
entre os lugares, em linha reta**

Porto	Tui	101,3 km
Tui	Corunha	147,9 km
Porto	Corunha	250,8 km
Tui	Monterrei	96,7 km
Galiza	Porto	189,8 km
Toledo	Zamora	231,3 km
Zamora	Galiza	227, km
Galiza	Braga	141 km
Braga	Guimarães	16,4 km
Coimbra	Porto	104,7 km
Guimarães	Vinhais	116,6 km
Vinhais	Cedovim	93,8 km
Cedovim	Outeiro (Outeiro de Miranda)	94,2 km
Outeiro (Outeiro de Miranda)	Toro	102,5 km
Elvas	Badajoz	16,9 km
Badajoz	Medellín	88,5 km
Estremoz	Badajoz	53,5 km
Badajoz	Palomas	75,6 km
Palomas	Elvas	91,8 km
Lisboa	Ciudad Rodrigo	306,2 km
Toro	Ciudad Rodrigo	140,6 km
Ciudad Rodrigo	Medina del Campo	157,5 km
Medina del Campo	Galiza	295,6 km
Lisboa	Cádiz	350,9 km
Cádiz	Sanlúcar de Barrameda	28,2 km
Sevilha	Lisboa	313,6 km
Zamora	Almeida	130,8 km
Almeida	Pinhel	14,7 km
Pinhel	Linhares da Beira	42,3 km
Linhares da Beira	Celorico da Beira	12,2 km
Celorico da Beira	Viseu	44,2 km
Coimbra	Santarém	110,5 km
Lisboa	Azambuja	45,1 km
Azambuja	Santarém	24,7 km
Viseu	Coimbra	65,3 km
Coimbra	Torres Novas	81,9 km
Torres Novas	Alcanhões	22,8 km
Alcanhões	Lisboa	76,2 km
Lisboa	Santos	2,15 km
Alcanhões	Santarém	6,76 km
Lisboa	Cascais	23,8 km
Galiza	Barcelos	147,7 km
Barcelos	Faria	7,71 km

Salamanca	Badajoz	257,6 km
Elvas	Veiros	30,6 km
Veiros	Sousel	14,7 km
Sousel	Cano	7,86 km
Elvas	Valencia de Alcántara	59,2 km
Valencia de Alcántara	Badajoz	63,9 km
Vila Viçosa	Elvas	25 km
Lisboa	Huelva	253,3 km
Sevilha	Huelva	84,9 km
Plymouth (Preamua)	Buarcos	1 193,5 km
Buarcos	Lisboa	161,5 km
Lisboa	Borba	147 km
Borba	Monsaraz	41 km
Monsaraz	Redondo	26,9 km
Redondo	Avis	54,2 km
Avis	Évora Monte	35,3 km
Évora Monte	Vila Viçosa	25,9 km
Lisboa	Santarém	69,6 km
Santarém	Évora	99,9 km
Évora	Évora Monte	27,7 km
Évora	Estremoz	42,1 km
Évora	Borba	47,4 km
Lisboa	Sintra	22,2 km
Lisboa	Xabregas	3,44 km
Lisboa	Frielas	10,4 km
Xabregas	Frielas	10,7 km
Lisboa	Vila Nova da Rainha	39,3 km
Frielas	Vila Nova da Rainha	30,5 km
Vila Nova da Rainha	Benavente (Alcoelha)	12,4 km
Lisboa	Coina	17,1 km
Coina	Palmela	13,1 km
Palmela	Almada	25,6 km
Santarém	Sintra	78 km
Veiros	Arronches	27,1 km
Arronches	Ouguela	22,1 km
Ouguela	Lobón	43,6 km
Lobón	Montijo (Cortijo)	6,98 km
Estremoz	Borba	11,9 km
Borba	Vila Boim	17,2 km
Vila Viçosa	Vila Boim	15,5 km
Vila Boim	Elvas	9,99 km
Vila Viçosa	Juromenha	16,2 km
Juromenha	Elvas	16,9 km
Simancas	Zamora	77,1 km
Zamora	Badajoz	310,5 km
Badajoz	Margem do rio Caia	5,44 km
Elvas	Margem do rio Caia	11,2 km
Santarém	Pontével	16,4 km

Pontével	Ereira (Torres Vedras)	28,1 km
Pontével	Ereira (Cartaxo)	3,73 km
Ereira (Cartaxo)	Alverca	34,3 km
Ereira (Torres Vedras)	Alverca	26,1 km
Alverca	Lisboa	21,4 km
Alenquer	Pontével	18,2 km
Alenquer	Ereira	14,5 km
Alenquer	Alverca	17,5 km
Alenquer	Lisboa	38,5 km
Beja	Colos	61,2 km
Lisboa	Castanheira do Ribatejo	33,5 km
Castanheira do Ribatejo	Alenquer	7,63 km
Plasencia	Perosim (próximo de Fuenteguinaldo)	67 km
Perosim (próximo de Fuenteguinaldo)	Guarda	50,8 km
Guarda	Açores	12,2 km
Açores	Celorico da Beira	7,43 km
Celorico da Beira	Coimbra	98,8 km
Coimbra	Miranda do Corvo	14,8 km
Miranda do Corvo	Chão de Couce	21,8 km
Chão de Couce	Ceras	23,4 km
Ceras	Tomar	10,7 km
Tomar	Golegã	23,1 km
Golegã	Santarém	25,1 km
Galiza	Lisboa	459,6 km
Santarém	Alenquer	34,7 km
Alenquer	Lumiar	34,1 km
Loures	Lisboa	11,5 km
Lumiar	Lisboa	5,06 km
Lumiar	Torres Vedras	36,5 km
Santarém	Torres Novas	29,5 km
Torres Novas	Tomar	17,7 km
Tomar	Coimbra	67,5 km
Torrijos	Santarém	387 km
Alenquer	Torres Vedras	21,7 km
Torres Vedras	Óbidos	30,7 km
Óbidos	Cadaval	13,7 km
Cadaval	Alcobaça	35,5 km
Óbidos	Bombarral	10,3 km
Bombarral	Arruda dos Vinhos	32,4 km
Alcántara	Portalegre	66,4 km
Lisboa	Almada	5,45 km
Almada	Coina	13,4 km
Coina	Setúbal	15,3 km
Setúbal	Palmela	4,82 km
Setúbal	Montemor-o-Novo	60,7 km
Montemor-o-Novo	Évora	27,7 km
Estremoz	Fronteira (Atoleiros)	23,5 km

Crato	Fronteira (Atoleiros)	26,1 km
Fronteira (Atoleiros)	Monforte	18,2 km
Monforte	Assumar	10,3 km
Assumar	Arronches	9,93 km
Assumar	Alegrete	12,6 km
Arronches	Alegrete	13,3 km
Arronches	Estremoz	40,6 km
Vila Viçosa	Alandroal	8,57 km
Vila Viçosa	Cerva (Possível localização)	30,2 km
Alandroal	Cerva (Possível localização)	21,7 km
Vila Viçosa	Cheles	31,8 km
Alandroal	Cheles	23,6 km
Cerva (Possível localização)	Cheles	3,19 km
Cheles	Ferreira do Alentejo	89 km
Ferreira do Alentejo	Pardais	96,7 km
Vila Viçosa	Évora	48,9 km
Alandroal	Évora	46,9 km
Elvas	Alandroal	28,8 km
Vila Viçosa	Olivenza	29,8 km
Vila Viçosa	Estremoz	16,5 km
Alandroal	Estremoz	22,8 km
Alandroal	Olivenza	26, 6 km
Olivenza	São Brás dos Matos	19,5 km
Alandroal	São Brás dos Matos	7,17 km
Elvas	Olivenza	22,6 km
Elvas	Alconchel	41,2 km
Alconchel	Jerez de los Caballeros (Exarez)	34,1 km
Jerez de los Caballeros (Exarez)	Sierra de las Puercas	41,6 km
Jerez de los Caballeros (Exarez)	Olivenza	49,5 km
Sierra de las Puercas	Elvas	34 km
Olivenza	Sierra de las Puercas	12,1 km
Campo Maior	Elvas	17,1 km
Elvas	Cabeço de Segóvia	7,58 km
Campo Maior	Cabeço de Segóvia	10,2 km
Lisboa	Meirinha	36,4 km
Meirinha	Alenquer	5,63 km
Bombarral	Alenquer	26,7 km
Lisboa	Algarve (Faro)	218 km
Lisboa	Atouguia da Baleia	69,8 km
Atouguia da Baleia	Porto	209,6 km
Lisboa	Porto	272,6 km
Arruda dos Vinhos	Lumiar	24,3 km
Lisboa	Margueira	4,74 km

Lisboa	Mutela	6,63 km
Almada	Margueira	1,07 km
Almada	Mutela	1,43 km
Braga	Porto	47,6 km
Braga	São Romão	31,9 km
São Romão	Porto	15,7 km
Porto	Ponte Medieval de D. Goimil	8,57 km
São Romão	Ponte Medieval de D. Goimil	9,89 km
Porto	Baiona	110,1 km
Baiona	Muxía	113,3 km
Muxía	Corunha	72,5 km
Corunha	Ferrol	19,3 km
Ferrol	Neda	5,75 km
Neda	Corunha	24,5 km
Corunha	Betanzos	18,3 km
Betanzos	Porto	239,3 km
Porto	Buarcos	111,1 km
Évora	Tomar	122,6 km
Tomar	Punhete (Constância)	15,4 km
Santarém	Crato	89,8 km
Vale de Açor	Crato	50,5 km
Vale de Açor	Santarém	42,2 km
Vale de Açor	Évora	92,3 km
Buarcos	Cascais	169,7 km
Almada	Sesimbra	26,4 km
Évora	Monsaraz	48,7 km
Évora	Elvas	73,9 km
Lisboa	Ponte de Sor	114,8 km
Ponte de Sor	Crato	31,6 km
Elvas	São Bento do Ameixial (Fonte da Figueira)	42,4 km
São Bento do Ameixial (Fonte da Figueira)	Avis	31,1 km
Avis	Cano	15 km
Avis	Ponte de Sor	24,2 km
Avis	Crato	33,9 km
Cano	Évora	45,5 km
Crato	Arraiolos	69,8 km
Arraiolos	Graça do Divor	7,51 km
Graça do Divor	Viana	33,7 km
Graça do Divor	Viana do Alentejo	35,2 km
Viana	Arraiolos	41 km
Viana do Alentejo	Arraiolos	42,7 km
Crato	Lisboa	144,4 km
Évora	Graça do Divor	11 km
Viana	Évora	26,1 km
Viana do Alentejo	Évora	27,1 km

Évora	Palmela	85,8 km
Palmela	Sobreda	27,3 km
Sobreda	Almada	4,85 km
Lisboa	Sapataria	27,2 km
Sapataria	Torres Vedras	14,6 km
Torres Vedras	Santarém	52 km
Palmela	Montijo	16,7 km
Montijo	Lisboa	15,4 km
Lisboa	Palmela	28 km
Setúbal	Évora	85,6 km
Évora	Torre de Coelheiros	18,8 km
Torre de Coelheiros	Portel	16,3 km
Portel	Évora	34,3 km
Lisboa	Torres Vedras	41,6 km
Lisboa	Piquete	35,6 km
Almada	Piquete	40,8 km
Piquete	Alenquer	7,59 km
Vila Viçosa	Borba	4,77 km
Elvas	Estremoz	36,9 km
Évora	Lisboa	108,9 km
Sintra	Torres Vedras	34,5 km
Santarém	Óbidos	42,9 km
Torres Vedras	Alcobaça	56 km
Alcobaça	Leiria	26 km
Leiria	Coimbra	62 km
Porto	Leça do Balio	6,94 km
Leça do Balio	Darque	54,8 km
Leça do Balio	Viana do Castelo	57 km
Viana do Castelo	Neiva	8,31 km
Porto	Neiva	53,3 km
Neiva	Ponte de Lima	22,6 km
Neiva	Darque	5,86 km
Darque	Viana do Castelo	2,85 km
Viana do Castelo	Ponte de Lima	22,5 km
Ponte de Lima	Braga	27,1 km
Viana do Castelo	Caminha	19,8 km
Viana do Castelo	Vila Nova de Cerveira	28 km
Viana do Castelo	Lapela (junto ao vau do Minho)	46,8 km
Lapela (junto ao vau do Minho)	Monção	5,35 km
Porto	Guimarães	42,6 km
Lapela (junto ao vau do Minho)	Braga	56,7 km
Lapela (junto ao vau do Minho)	Ponte de Lima	32 km
Guimarães	Ponte de Lima	43 km
Guimarães	Vila Real	48,7 km
Salamanca	Ciudad Rodrigo	83,7 km

Ciudad Rodrigo	Almeida	34,6 km
Ciudad Rodrigo	Viseu	117,3 km
Pinhel	Trancoso	23,9 km
Trancoso	Viseu	49,7 km
Linhares da Beira	Trancoso	28,4 km
Ferreira de Aves	Trancoso	26,8 km
Coimbra	Penela	20,4 km
Penela	Tomar	47,3 km
Torres Novas	Barca dArrayollos (Possível localização)	12,8 km
Barca dArrayollos (Possível localização)	Santa Eria a Pequena (Santa Iria da Ribeira de Santarém)	21,4 km
Santarém	Santa Eria a Pequena (Santa Iria da Ribeira de Santarém)	3,32 km
Santa Eria a Pequena (Santa Iria da Ribeira de Santarém)	Lezíria da Condessa (Lezíria da Palmeira)	6,18 km
Lezíria da Condessa (Lezíria da Palmeira)	Muge	12,1 km
Muge	Alenquer	26,3 km
Évora	Campo Maior	88,7 km
Badajoz	Campo Maior	17,6 km
Campo Maior	Arronches	22,1 km
Évora	Arronches	82,7 km
Muge	Salvaterra de Magos	10,9 km
Salvaterra de Magos	Montemor-o-Novo	65,1 km
Estremoz	Avis	34,8 km
Ponte de Sor	Abrantes	28,4 km
Alenquer	Valada	21,8 km
Valada	Muge	4,76 km
Muge	Santa Eria a Pequena (Santa Iria da Ribeira de Santarém)	17,8 km
Santa Eria a Pequena (Santa Iria da Ribeira de Santarém)	Torre da Cardiga (Quinta da Cardiga)	27,4 km
Torre da Cardiga (Quinta da Cardiga)	Abrantes	21,7 km
Santarém	Torre da Cardiga (Quinta da Cardiga)	30,6 km
Santarém	Muge	15,4 km
Córdova	Elvas	236,7 km
Elvas	Arronches	28,9 km
Arronches	Ciudad Rodrigo	175,8 km
Biscaia	Lisboa	728,8 km
Astúrias	Lisboa	572,2 km
Ciudad Rodrigo	Celorico da Beira	73,1 km

Coimbra	Aveiro	51,9 km
Coimbra	Montemor-o-Velho	22,9 km
Coimbra	Soure	24,4 km
Óbidos	Leiria	52,1 km
Alenquer	Leiria	78,3 km
Santarém	Leiria	57,1 km
Abrantes	Leiria	61,2 km
Abrantes	Tomar	24,1 km
Tomar	Leiria	37,7 km
Tomar	Ourém	16,3 km
Ourém	Porto de Mós	19,4 km
Porto de Mós	Campo onde foi ferida a batalha de Aljubarrota	4,81 km
Leiria	Campo onde foi ferida a batalha de Aljubarrota	11,8 km
Campo onde foi ferida a batalha de Aljubarrota	Badajoz	182,5 km
Campo onde foi ferida a batalha de Aljubarrota	Santarém	46,6 km
Sevilha	Carmona	33,1 km
Campo onde foi ferida a batalha de Aljubarrota	Seiça, Ourém	27,6 km
Campo onde foi ferida a batalha de Aljubarrota	Alcobaça	15,5 km
Santarém	Badajoz	153,6 km
Alcobaça	Santarém	42,9 km
Elvas	Almendral	42 km
Almendral	Badajoz	31,9 km
Almendral	La Parra	20,5 km
La Parra	Zafra	20,7 km
Zafra	Fuente del Maestre	12 km
Fuente del Maestre	Villagarcía de la Torre	41,1 km
Villagarcía de la Torre	Magacela	73,8 km
Magacela	Villanueva de la Serena	10,1 km
Villanueva de la Serena	Valverde de Mérida	38 km
Valverde de Mérida	Mérida	10,6 km
Mérida	Elvas	71 km
Feria	La Parra	5,08 km
Feria	Zafra	16 km
Zafra	Magacela	79,4 km
Évora	Beja	61,3 km
Beja	Serpa	25,2 km
Elvas	Serpa	110,5 km
Serpa	Aroche	56,2 km
Aroche	Cortegana	12,2 km
Aracena	Cortegana	23,2 km
Aroche	Aracena	35,2 km
Sintra	Restelo	18 km
Torres Vedras	Restelo	42,6 km

Lisboa	Restelo	6,05 km
Porto	Vila Real	74,3 km
Vila Real	Mirandela	51,6 km
Mirandela	Rebordãos	41,3 km
Rebordãos	Castro de Avelãs	6,54 km
Vila Real	São Pedro de Agostém	48,5 km
São Pedro de Agostém	Chaves	5,9 km
Chaves	Porqueira	44,7 km
Chaves	Sandiás (Sandiaães)	48,4 km
Chaves	Allariz	57,8 km
Chaves	Ourense	74,8 km
Chaves	Viana do Bolo	57,7 km
Lisboa	Chaves	363,7 km
Porto	Castelãos	114,3 km
Castelãos	Chaves	11 km
Chaves	Zamora	145,8 km
Castelãos	Bragança	66,5 km
Castelãos	Vilariça	92 km
Bragança	Azinhoso	47,3 km
Azinhoso	Vilariça	6,18 km
Vilariça	Escalhão	54,3 km
Escalhão	Almendra	12 km
Escalhão	Almeida	25,1 km
Castelo Rodrigo	Almeida	17,5 km
Almeida	San Felices de los Gallegos	21,9 km
San Felices de los Gallegos	Fuenteguinaldo	46,4 km
Fuenteguinaldo	Robleda	7,93 km
Robleda	Coria	44,5 km
Coria	Hervás (Heruas)	65,6 km
Coria	Granadilha (La Golletilla)	20,3 km
Coria	Plasencia	38,6 km
Coria	Galisteo	23,2 km
Almeida	Gata	60,2 km
Gata	Coria	28,1 km
Ciudad Rodrigo	Coria	67,9 km
San Felices de los Gallegos	Ciudad Rodrigo	31,3 km
Fuenteguinaldo	Ciudad Rodrigo	22,6 km
Robleda	Ciudad Rodrigo	24,6 km
Ciudad Rodrigo	Gata	40,5 km
Salamanca	Coria	131,3 km
Coria	Penamacor	57,4 km
Penamacor	Guarda	41,9 km
Guarda	Trancoso	27,7 km
Trancoso	Lamego	52,2 km
Penamacor	Sertã	89,3 km
Sertã	Ourém	46,2 km

Penamacor	Lisboa	234 km
Lisboa	Fowey	1338,3 km
Fowey	Plymouth (Preamua)	36,1 km
Plymouth (Preamua)	Brest	222,3 km
Brest	Corunha	635,4 km
Corunha	Santiago de Compostela	55,8 km
Lamego	Porto	67,5 km
Olivenza	Redondo	39,2 km
Porto	Ponte da Barca	75,3 km
Ponte da Barca	Ponte do Mouro	29,7 km
Ponte do Mouro	Celanova	37,4 km
Santiago de Compostela	Celanova	93,8 km
Ponte do Mouro	Porto	104,7 km
Ponte do Mouro	Évora	391,4 km
Ponte do Mouro	Guimarães	70,4 km
Évora	Porto	292,2 km
Porto	Castro de Avelãs	167,3 km
Castro de Avelãs	Bragança	4,04 km
Bragança	Babe	10,5 km
Castro de Avelãs	São Julião	17,1 km
Castro de Avelãs	Babe	14,5 km
Babe	São Julião	2,7 km
Peso da Régua (Barca da Régua)	Babe	121,3 km
Babe	Alcañices	27,4 km
Alcañices	Tábara	35,3 km
Tábara	Benavente	30,5 km
Benavente	Castrocalbón	33,2 km
Benavente	Villalpando	26,8 km
Benavente	Matilla de Arzón	11,8 km
Matilla de Arzón	Villaquejida	5,7 km
Benavente	Villaquejida	17,2 km
Villaquejida	Santilham (San Millán de los Caballeros)	15,7 km
Villaquejida	Roales de Campos	16,2 km
Roales de Campos	Valderas	5,71 km
Roales de Campos	Villalobos	9,66 km
Valderas	Villalobos	14,8 km
Villalobos	Villafáfila	15,9 km
Villafáfila	Mar	274,4 km
Villalobos	Villalpando	10,3 km
Villalpando	Castroverde de Campos	14,5 km
Villalpando	Corrales (Corrales del Vino)	62 km
Corrales (Corrales del Vino)	Matilla de los Caños del Río	61,8 km
Corrales (Corrales del Vino)	Salamanca	44 km

Salamanca	Matilla de los Caños del Río	28,1 km
Matilla de los Caños del Río	Aldehuela de Yeltes	31,2 km
Aldehuela de Yeltes	Ciudad Rodrigo	25,4 km
Ciudad Rodrigo	Vale da Mula	27,3 km
Vale da Mula	Almeida	7,45 km
Almeida	Trancoso	38 km
Trancoso	Guimarães	108,3 km
Trancoso	Coimbra	110,4 km
Almeida	Guimarães	141,5 km
Santarém	Guimarães	247,4 km
Porto	Curval	42,3 km
Coimbra	Curval	63,2 km
Porto	Bayonne	642,9 km
Villanueva del Fresno	Jerez de los Caballeros (Exarez)	35,5 km
Estremoz	Villanueva del Fresno	63,8 km
Estremoz	Serra de Ossa	14,7 km
Serra de Ossa	Redondo	9,12 km
Monsaraz	Villanueva del Fresno	19,9 km
Villanueva del Fresno	Estremoz	63,8 km
Vila de Frades	Villanueva del Fresno	60,5 km
Vidigueira	Villanueva del Fresno	58,5 km
Vila de Frades	Vidigueira	2,24 km
Braga	Melgaço	63,8 km
Melgaço	Tui	32,8 km
Melgaço	Rio Minho	1,09 km
Melgaço	Monção	18,7 km
Ponte de Lima	Monção	35,2 km
Lisboa	Estremoz	136,4 km
Estremoz	Campo Maior	48,7 km
Campo Maior	Alburquerque	23,8 km
Lisboa	Tui	371,4 km
Évora	Crato	83,3 km
Crato	Nisa	25 km
Nisa	Vila Velha de Ródão	15,4 km
Crato	Vila Velha de Ródão	40,4 km
Vila Velha de Ródão	Castelo Branco	24,2 km
Castelo Branco	Alcántara	53,6 km
Arronches	Badajoz	38,5 km
Olivenza	Badajoz	23,8 km
Génova	Cabo de São Vicente	1717,5 km
Biscaia	Cabo de São Vicente	865,4 km
Coimbra	Punhete (Constância)	81,8 km
Punhete (Constância)	Montargil	46,5 km
Montargil	Arraiolos	42,9 km
Arraiolos	Évora	17,9 km
Moura	Serpa	25 km

Beja	Ourique	51,7 km
Estremoz	Beja	95,3 km
Estremoz	Serpa	100,3 km
Ourique	Serpa	64,5 km
Elvas	Ouguela	24,9 km
Ouguela	Alburquerque	16,2 km
Alburquerque	Cáceres	61,6 km
Cáceres	Arroyo de la Luz	18,2 km
Arroyo de la Luz	Valencia de Alcántara	57,7 km
Valencia de Alcántara	Aramenha	12,9 km
Aramenha	Portalegre	8,79 km
Elvas	Garrovillas	106,3 km
Garrovillas	Cáceres	30,1 km
Cáceres	Alcántara	51,3 km
Arroyo de la Luz	Garrovillas	25,5 km
Arroyo de la Luz	Alcántara	36,7 km
Estremoz	Villalba de los Barros	97,1 km
Villalba de los Barros	Fuente del Maestre	11,2 km
Villalba de los Barros	Feria	12,1 km
Zafra	Salvaterra de los Barros	24,4 km
Salvaterra de los Barros	Burguillos del Cerro	14,7 km
Zafra	Burguillos del Cerro	15,9 km
Burguillos del Cerro	Jerez de los Caballeros (Exarez)	16,7 km
Jerez de los Caballeros (Exarez)	Barcarrota	22,9 km
Barcarrota	Olivenza	28,4 km
Porto	Ponte de Lima	69,3 km
Ponte de Lima	Choças	20,3 km
Choças	Monção	17,4 km
Choças	Rio Minho	17,7 km
Monção	Lapela	5,35 km
Lapela	Salvaterra de Miño	4,44 km
Salvaterra de Miño	Soutomaior	28,6 km
Soutomaior	Tui	32,4 km
Santander	Lisboa	690,9 km
Nisa	Castelo Branco	36,6 km
Castelo Branco	Covilhã	51 km
Covilhã	Guarda	35,4 km
Sabugal	Guarda	25,6 km
Guarda	Castelo Bom	32 km
Guarda	Viseu	56,8 km
Viseu	Porto	79,9 km
Coimbra	Ourém	65 km
Ourém	Évora	132,9 km
Portel	Moura	29,1 km
Aroche	Sierra de Aracena	10,9 km
Cortegana	Sierra de Aracena	2,15 km
Aracena	Sierra de Aracena	24,4 km

Crato	Póvoa e Meadas	27,1 km
Póvoa e Meadas	Valencia de Alcántara	26,2 km
Valencia de Alcántara	Alcántara	46,2 km
Cáceres	Montánchez	33,8 km
Montánchez	Brozas	69 km
Brozas	Alcántara	14,4 km
Alcántara	Alter do Chão	88,1 km
Chaves	Monterrei	23,8 km
Santo Paio de Arriba (San Payo)	Tui	25,7 km
Santo Paio de Arriba (San Payo)	Pontevedra	17,9 km
Ciudad Rodrigo	Lamego	121,2 km
Sevilha	Mértola	149,4 km
Trancoso	Celorico da Beira	16,5 km
La Puebla de Montalbán	Plasencia	148,9 km
Burgos	Zamora	193 km
Burgos	Tui	409,7 km
Salamanca	Medina del Campo	73,9 km
Alcántara	Coimbra	142,1 km
Arronches	Atual fronteira com Espanha	13,6 km
Badajoz	Estremo (atual fronteira entre os dois reinos)	5,52 km
La Parra	Estremo (atual fronteira entre os dois reinos)	60,7 km
Serpa	Estremo (atual fronteira entre os dois reinos)	31 km
Benavente	Estremo (atual fronteira entre os dois reinos)	73 km
Estremoz	Estremo (atual fronteira entre os dois reinos)	44,8 km
Lisboa	Alvito	113,7 km
Alvito	Évora	35,3 km
Leiria	Folques	87 km
Folques	Coimbra	34,8 km
Coimbra	Tui	205,1 km
Leiria	Porto	156,7 km
Leiria	Pombal	24,5 km
Pombal	Vila Nova de Anços	21,7 km
Vila Nova de Anços	Coimbra	21,9 km
Coimbra	Grijó	92 km
Grijó	Porto	13,1 km
Porto	Santo Tirso	24,4 km
Santo Tirso	Guimarães	19,2 km
Lisboa	Aferrara	28,7 km
Aferrara	Alcácer do Sal	39,9 km
Alcácer do Sal	Évora	56,2 km